DASHIELL HAMMETT

tiros na noite



L&PM POCKETNOIR

Dashiell Hammett

TIROS NA NOITE

volume único

Tradução de
HELOÍSA SEIXAS, ALEXANDRE RAPOSO, ROBERTO MUGGIATI, RAFAEL CARDOSO, MARCOS SANTARRITA, RUBEM MAURO MACHADO, LUIZ ANTONIO AGUIAR (com a colaboração de Marisa Sobral e Ernani Aguiar) e IVANIR CALADO

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

OceanofPDF.com

INTRODUÇÃO

William F. Nolan[1]

Embora tenha vivido pouco mais de sessenta anos, a carreira de escritor de Samuel Dashiell Hammett cobriu apenas doze breves anos, durante os quais ele escreveu mais de uma centena de histórias. Vinte delas foram reunidas em *Tiros na noite*, exibindo todo o notável talento de Hammett.

Em seu famoso ensaio de 1944, *A simples arte de matar* (L&PM Editores, 1998), Raymond Chandler reconhecia abertamente o gênio de Hammett. Ele o creditava adequadamente como "o ás dos escritores", o responsável pela criação e pelo desenvolvimento da escola de literatura *noir*, o realista revolucionário do gênero. "Ele tirou o assassinato dos ambientes elegantes e jogou-o nos becos", declarou Chandler. "Hammett devolveu o assassinato ao tipo de pessoas que o cometem por motivos reais, não simplesmente a fim de fornecer um cadáver para uma história."

Ross Macdonald também concedeu a Hammett a posição número um na literatura policial. "Saímos todos de baixo da máscara negra[2] de Hammett."

Nascido em 1894 numa família que plantava tabaco em Maryland, Samuel cresceu em Baltimore e abandonou a escola aos quatorze anos para trabalhar nas ferrovias. Um inconformista sem papas na língua, saltou inquieto de emprego em emprego: foi ferroviário, estivador, operário numa fábrica de caixas, numa indústria de enlatados, operador de cargas, funcionário de uma corretora. Ele se irritava com a autoridade e foi demitido muitas vezes, ou então largava o emprego por tédio. Estava procurando por "algo mais" na vida.

Em 1915, Hammett respondeu a um anúncio sem identificação que dizia que os candidatos deviam ter "ampla experiência de trabalho e disponibilidade para viajar e agir em todas as situações". O emprego em si não era especificado.

Intrigado, Hammett se viu nos escritórios de Baltimore da Agência de Detetives Pinkerton. Nos sete anos seguintes, exceto durante períodos de serviço militar ou de doença, Sam Hammett trabalhou como funcionário da agência. Ao contrário da maioria dos detetives, que trabalhavam num único local, os detetives da Pinkerton, com sedes em várias cidades, cobriam os estados do leste ao oeste, num território bastante amplo. Assim, Hammett se

viu envolvido numa série diversificada de casos em todo o país, muitos deles bastante perigosos. No decorrer dos trabalhos, levou pauladas, tiros e facadas; como ele mesmo resumiu, “nunca senti tédio”.

Em 1917, sua vida mudou para sempre. Enquanto trabalhava para a Pinkerton como um agente infiltrado na Internacional dos Operários do Mundo, em Butte, Montana, ofereceram-lhe cinco mil dólares para matar o agitador sindical Frank Little. Depois que Hammett se recusou, indignado, Little foi assassinado num crime de vendeta. Como Lillian Hellman observou depois, “aquilo deve ter sido para Hammett um horror indelével. Posso testemunhar a sua convicção, a partir do assassinato de Little, de que vivia numa sociedade corrupta”. A consciência política de Hammett foi formada em Butte. Desse ponto em diante, ela permearia sua vida e seu trabalho.

Em 1918, deixou a Agência Pinkerton, pela primeira vez, para se alistar no exército. Lá, diagnosticaram-lhe tuberculose. (“Acho que isso é um mal de família. Minha mãe tinha tuberculose.”) Desligado um ano depois, foi forte o suficiente para reintegrar-se à agência. Infelizmente, a perniciosa doença o perseguiria por muitos anos e cobraria um preço devastador sobre sua saúde.

Em 1921, com “maus pulmões”, Hammett foi mandado para um hospital em Tacoma, no estado de Washington, onde foi atendido por Josephine Dolan, uma atraente enfermeira que trabalhava na ala de jovens. Essa garota órfã e altruísta achou seu novo paciente “bonito e maduro”. Admirava sua postura militar e riu de todas as suas piadas. Em pouco tempo estavam íntimos. Jose (pronuncia-se “Joe’s”) era muito séria quanto à relação dos dois, mas para Hammett era pouco mais do que uma diversão casual. Nessa altura da vida, ele era incapaz de amar e, na verdade, desconfiava desta palavra.

Ele declarou, num manuscrito inédito: “Nosso amor parecia depender de não ser colocado em palavras. Parecia que, se (eu) dissesse ‘Eu te amo’, no momento seguinte aquilo seria uma mentira”. Hammett manteve essa atitude ao longo da vida. Podia escrever “com amor” numa carta, mas era incapaz de expressá-lo verbalmente.

Com a doença sob controle, Hammett mudou-se para San Francisco, onde recebeu uma carta de Jose dizendo que estava grávida. Será que Sam se casaria com ela? Sim.

Tornaram-se marido e mulher no verão de 1921, com Hammett novamente empregado na Agência Pinkerton. Quando a filha Mary Jane nasceu, em outubro, Hammett estava novamente sofrendo de problemas de saúde, causados pelo frio nevoeiro de San Francisco, que afetava seus pulmões debilitados.

Em fevereiro de 1922, aos 27 anos, ele deixou a agência pela última vez. Um curso no Munson's Business College, uma escola de secretariado, parecia oferecer-lhe uma oportunidade para aprender a escrever profissionalmente. Como agente da Pinkerton, Hammett tinha sido elogiado com freqüência por seus relatórios concisos e bem-estruturados. Agora, era a ocasião de ver se ele podia usar essa capacidade latente.

No final daquele ano, havia vendido alguns textos para a *The Smart Set* e para uma nova revista *pulp* (impressa em papel barato, de polpa de celulose) de contos policiais, *The Black Mask*. Em dezembro de 1922, a revista publicava *The Road Home* [*O caminho para casa*], uma história de Hammett sobre um detetive chamado Hagerdon que era contratado para perseguir um criminoso. Depois de fazer Hagerdon viajar meio mundo, o fugitivo oferece ao detetive parte de "um dos mais ricos veios de pedras preciosas na Ásia" se ele ficasse do seu lado. No clímax da história, a caminho da selva e atrás de sua presa, Hagerdon está pensando no tesouro. O leitor é induzido a acreditar que o detetive foi tentado pela oferta de enriquecimento e que será corrompido quando avistar as jóias. Assim, o tema de toda a carreira de Hammett, a corruptibilidade do homem, é prenunciado aqui, em seu primeiro conto policial.

Em 1923, Hammett criou o detetive Continental Op para *The Black Mask* e vendia sua ficção num ritmo regular. Anos depois, um repórter perguntou qual era o seu segredo. Hammett encolheu os ombros: "Eu fui um detetive, por isso escrevi sobre detetives". Acrescentou: "Todos os meus personagens foram inspirados em pessoas que conheci ou das quais ouvi falar".

Uma segunda filha, Josephine Rebecca, nasceu em maio de 1926, e Hammett se deu conta de que não podia continuar sustentando a família só com as vendas para a *Black Mask*. Deixou o trabalho de escrever prosa para assumir o emprego de gerente de publicidade para um joalheiro local por 350 dólares mensais. Aprendeu rapidamente a apreciar as características peculiares de relógios e de anéis e em pouco tempo fazia o texto dos

anúncios semanais da loja para os jornais. Al Samuels, o joalheiro, ficou muito feliz com a capacidade do seu novo empregado em gerar vendas com um anúncio publicitário bem redigido. Hammett era um “escritor nato”.

Mas sua tuberculose reapareceu, e Hammett foi forçado a deixar o emprego depois de apenas cinco meses. Agora recebia na íntegra a pensão de invalidez do Departamento dos Veteranos. Durante essa recaída ficou praticamente o tempo todo acamado, estava tão fraco que tinha de se apoiar numa fileira de cadeiras para caminhar entre a cama e o banheiro. Como sua tuberculose era altamente contagiosa, a mulher e as filhas tiveram de ir morar longe dele.

À medida que a saúde de Hammett melhorava, Joseph T. Shaw, o novo editor da *Black Mask*, conseguiu atraí-lo de volta à revista, prometendo um pagamento melhor (até seis centavos a palavra) e oferecendo-lhe “liberdade criativa” para desenvolver material em formato de romance. “Hammett foi o líder do movimento que levou finalmente a revista ao seu estilo único”, afirmou Shaw. “Ele contava suas histórias com um novo tipo de força e autenticidade. E era um dos mais cuidadosos e dedicados artífices que já conheci.”

Uma novela em duas partes, *The Big Knockover* [*O grande golpe*], foi seguida pelas histórias da *Black Mask* que levaram aos seus quatro primeiros livros publicados: *Red Harvest* [*Seara vermelha*], *The Dain Curse* [*Maldição em família*], *The Maltese Falcon* [*O falcão maltês*] e *The Glass Key* [*A chave de vidro*]. Elas fizeram de Hammett o mais importante escritor de ficção policial do país.

Em 1930, abandonou a família e mudou-se para Nova York, onde resenhava livros para o *Evening Post.* No final daquele ano, aos 36 anos de idade, viajou de volta à Costa Oeste – depois que *O falcão maltês* foi vendido para Hollywood – a fim de trabalhar no roteiro para a Paramount. Hammett era uma figura imponente na capital do cinema. Elegante e cuidadoso na escolha das roupas, foi apelidado por uma colunista local de “Príncipe Encantado de Hollywood”. Alto, com um bigode fino bem aparado e uma postura régia, era também conhecido como um sedutor, ostentando um ar de masculinidade madura que o tornava extremamente atraente para as mulheres.

Foi em Hollywood, no final daquele ano, que conheceu a escritora iniciante Lillian Hellman e começou com ela uma relação intensa e volátil,

muitas vezes destrutiva, que durou – com idas e vindas – para o resto de sua vida. Para Hellman, então com vinte e poucos anos, Hammett era algo espetacular. Bem-sucedido, bonito, maduro, culto e espirituoso – uma combinação que ela achou irresistível.

Hammett trabalhou com Hellman em quase todas as peças dela (a exceção foi *The Searching Wind*). Ele supervisionava laboriosamente estrutura, cenas, diálogo e personagens, orientando-a ao longo de várias produções. Suas contribuições foram enormes, e, depois da morte de Hammett, Hellman nunca mais escreveu uma peça de teatro.

Em 1934, no período que se seguiu à publicação de *The Thin Man* [*O homem magro*], Hammett estava no auge da carreira. Na superfície, o romance, que tem como protagonistas Nick e Nora Charles, era esperto e bem-humorado e inspirou uma legião de imitadores. No fundo, porém, o livro era sobre um homem desiludido que tinha rejeitado a profissão de detetive e não via mais sentido em continuar uma carreira de investigador.

O paralelo entre Nick Charles e Hammett era claro; ele estava prestes a rejeitar o gênero que o havia tornado famoso. Nunca se sentira à vontade como escritor de romances policiais. As histórias de detetive não o atraíam mais.

Ele queria escrever uma peça de teatro original, seguida pelo que chamava de “romances socialmente significativos”, mas nunca indicou exatamente o que tinha em vista. No entanto, depois de 1934, e até a sua morte, nenhuma ficção nova de Hammett foi publicada. Ele tentou vários romances, sob vários títulos: *There Was a Young Man* [*Era uma vez um jovem*] (1938), *My Brother Felix* [*Meu irmão Felix*] (1939), *The Valley Sheep Are Fatter* [*Os carneiros do vale são mais gordos*] (1944), *The Hunting Boy* [*O menino caçador*] (1949) e *December 1* [*Primeiro de dezembro*] (1950). O trabalho sempre era abortado depois de um breve início. Sua única obra de ficção de porte, *Tulip* (1952) – inacabada, com dezessete mil palavras –, foi publicada postumamente. Era sobre um homem que não podia mais escrever.

Os problemas de Hammett eram de dupla natureza. Tendo abandonado a ficção policial, nada tinha para colocar em seu lugar. Ainda mais frustrante era o fato de ter se fechado emocionalmente, erguendo uma muralha entre ele e o público. Tinha perdido a capacidade de comunicar, de compartilhar suas emoções. À medida que os anos passavam, Hammett bebia, jogava,

cortejava mulheres e se enterrava em doutrinas marxistas. Sua única válvula de escape criativa eram as peças de Hellman. Não há dúvida de que a sua colaboração foi de extremo valor para ela, mas não satisfez o desejo de se impor como um romancista maior.

A ironia persistente da carreira de Hammett é que ele já havia produzido pelo menos três romances importantes: *Seara vermelha, O falcão maltês* e *A chave de vidro* – obras respeitadas no mundo inteiro.

Aqui, nesta coletânea reeditada em dois volumes, publicamos seus contos mais curtos, muitos deles com o tamanho de uma novela. Eles cobrem um leque bastante variado, alguns são melhores do que outros, mas cada um é puro Hammett, e o mínimo que se pode dizer é que são maravilhosamente divertidos.

O que faz a obra de Dashiell Hammett única no gênero da literatura de mistério? A resposta é: a autenticidade.

Hammett conseguiu colocar na página impressa a gíria vibrante das ruas, retratar de maneira realista bandidos, vagabundos, prostitutas, alcagüetes, pistoleiros, manda-chuvas da política e clientes desonestos, deixando-os falar e se comportar no papel da mesma forma como falavam e se comportavam durante os anos em que Hammett caçava criminosos. A experiência como agente da Pinkerton proporcionou-lhe uma sólida base para a sua ficção. Ele havia caçado assasssinos, investigado escroques, vigaristas, reunido provas para julgamentos criminais, seguido ladrões de jóias, tinha se envolvido com arrombadores e assaltantes, perseguido fraudadores, participado de tiroteios nas ruas, flagrado falsários e chantagistas, descoberto um carregamento de ouro desaparecido, localizado uma roda-gigante roubada e atuado como guarda, detetive de hotel e agente infiltrado em movimentos sindicais.

Quando Hammett colocou seus personagens em ação nas sórdidas ruas de San Francisco, os leitores reagiram a essa descrição vigorosa do crime como se fosse de verdade. Nenhum outro escritor de romances policiais da época era capaz de alcançar seu nível de realismo.

Tiros na noite nos leva de volta àqueles anos em que o talento de Hammett era uma chama acesa, os anos em que escrevia com força e vigor num estilo breve e enxuto que se casava com a intensidade do material retratado. Trabalhando principalmente nas páginas da *Black Mask* (na qual dez histórias que fazem parte desta antologia foram originalmente

publicadas), Hammett lançou um novo estilo de ficção de detetive na América: amarga, dura e sem sentimentalismo, refletindo a violência da época. A sóbria tradição inglesa do detetive cavalheiro vestido em *tweed* foi desmantelada, e o assassinato saltou do chá nos jardins para o beco escuro. O polido investigador inglês cedeu lugar ao homem de ação empedernido que não se importava em quebrar algumas leis para conseguir fazer seu serviço, que era capaz de punir e ser punido e geralmente jogava em ambos os lados da lei.

O cínico e o idealista estavam combinados nos protagonistas de Hammett: a dureza cuidadosamente preservada permitia-lhes sobreviver. Ninguém podia blefar com eles ou comprá-los. Eles aprenderam a se manter sob rigoroso controle, movendo-se com cautela em uma paisagem sombria (o "oceano aterrador" de Melville) em que a morte, a duplicidade e a corrupção faziam parte do cenário. Ainda assim, idealisticamente esperavam por um mundo melhor e trabalhavam nesse sentido. Hammett deu a esses personagens uma vida orgânica.

O crítico Graham McInnes acha que "a prosa de Hammett (...) tem a polidez e a carne de um ensaio de Bacon ou de um poema de Donne, dois escritores que também viveram numa época de violência e transição".

O tema de uma sociedade corrupta permeia sombriamente a obra de Hammett. A história-título desta coletânea [*Nightmare Town*], que descreve detalhadamente uma "cidade pesadelo" em que todo cidadão é desonesto – do policial ao homem de negócios –, prenuncia a sua saga de gangsterismo de Poisonville ("Cidade Veneno") em *Seara vermelha*. (O cenário real desse romance foi Butte, Montana, e reflete a corrupção que Hammett lá encontrou com a morte do operário ativista Frank Little em 1917.)

Hammett via o mundo ao seu redor como algo caótico, sem forma nem desígnio. Em meados da década de 1930, estava convencido de que a política radical poderia oferecer uma idéia de ordem e que talvez um idealizado "mundo do povo" fosse possível. O comunismo parecia prometer tal mundo, mas ele acabou descobrindo que se tratava de uma ilusão. Em seus últimos anos, Hammett percebeu que não havia nenhuma solução aparente para o caos do mundo.

Muito se escreveu sobre o "herói hammettiano" típico.

O crítico John Patterson alega que ele é, "em última análise, a apoteose de todo homem de boa vontade que, alienado pelos valores da sua época,

busca desesperada e tristemente viver sem ter vergonha, viver sem comprometer a sua integridade".

Philip Durham, que escreveu a primeira biografia de Raymond Chandler, situa o herói hammettiano

> numa tradição que começou no final do século XIX. Esse herói literário americano aparecia sempre nos romances-folhetins do período, pronto para ser usado por escritores do século XX do gênero faroeste, como Owen Wister e Zane Grey. Quando Hammett o esboçou nas páginas de *Black Mask*, suas características heróicas já estavam claramente definidas: coragem, força física, indestrutibilidade, indiferença ao perigo e à morte, uma atitude cavalheiresca, celibato, um pouco violento e uma noção de justiça.

O personagem mais constante de Hammett, o Continental Op (que figura aqui em sete histórias), reflete sua visão sombria do mundo, mas não é abertamente político nem cavalheiresco. É um detetive esforçado que tenta fazer o seu trabalho. O Op descreve a si mesmo como possuindo um rosto que "é um testemunho verdadeiro de uma vida que não foi coberta de refinamento nem de gentileza", acrescentando que é "baixo, de meia-idade e cintura grossa" e teimoso o bastante para ser chamado de "cabeçudo".

Hammett alegava que baseou o Op no homem que o treinou para ser detetive, Jimmy Wright, da Agência Pinkerton em Baltimore. Wright ensinou ao jovem Hammett um código básico de princípios: não engane o seu cliente. Permaneça anônimo. Evite riscos físicos desnecessários. Seja objetivo. Não se envolva emocionalmente com um cliente. E nunca viole a sua integridade. Esse código marcou Hammett; não só lhe serviu quando era detetive atuante, mas também lhe forneceu um conjunto de regras pessoais que modelaram suas ações para o resto da vida.

Claro, apesar de sua idade e aparência física, o Op é o próprio Hammett em disfarce ficcional. Contadas na primeira pessoa, muitas das aventuras do Op são versões ficcionalizadas de casos verdadeiros em que Hammett trabalhou durante sua época como detetive. Quando o jovem Hammett entrou pela primeira vez para a filial de Baltimore da Agência de Detetives Pinkerton, o quartel-general ficava no Edifício Continental – claramente a fonte de inspiração para a agência fictícia do Op.

Hammett deliberadamente restringiu a ficha biográfica do personagem ao mínimo. Como observa o crítico Peter Wolfe, "ele nada nos diz da família, educação ou crença religiosa (do Op)". Naturalmente, o Op *não tem* nenhuma religião no sentido tradicional do termo; sua religião é o jogo

eternamente perigoso da caçada humana, um trabalho que ele executa com um zelo quase sagrado.

Se peneirarmos cuidadosamente o cânone (cerca de três dúzias de histórias), revela-se que Op ingressou na Continental como “um jovem rebento de vinte anos” (a idade de Hammett quando se tornou agente da Pinkerton), que ocupou o posto de capitão no serviço secreto militar durante a guerra, que fala um pouco de francês e alemão, faz todas as refeições em restaurantes, fuma cigarros Fatima, gosta de pôquer e de lutas de boxe e evita envolvimentos românticos (“não combinam com o trabalho”). Pragmático, de alma calejada e tenaz, recorre à violência física quando necessário e usa uma arma quando obrigado, mas prefere lançar mão da inteligência. Está tão próximo de um detetive de verdade quanto Hammett foi capaz de fazê-lo.

Hammett apresentou Op em suas primeiras obras mais longas, *Blood Money* (também conhecida como *The Big Knockover* [*O grande golpe*]), *Seara vermelha* e *Maldição em família*, todas elas reelaboradas a partir de novelas publicadas na *Black Mask*.

Outra importante criação que veio a seguir foi o detetive particular de San Francisco Samuel Spade, ao qual Hammett deu o seu primeiro nome (na Pinkerton, era sempre chamado de Sam). Quando começou a escrever, tornou-se simplesmente Dashiell Hammett. Spade fez a sua estréia em *O falcão maltês*, serializado em cinco partes na *Black Mask* e que Hammett cuidadosamente reeditou para publicação em livro por Alfred A. Knopf. A maioria dos críticos coloca essa “saga de um detetive particular” como o melhor romance policial escrito no século XX. Descrevendo seu personagem para uma edição de *O falcão* pela Modern Library, Hammett afirmava:

> Spade não teve nenhum modelo original. É um homem idealizado no sentido em que é o que a maioria dos detetives particulares com os quais trabalhei gostaria de ter sido e o que uns poucos, em seus momentos mais pretensiosos, achavam que quase tinham chegado a ser. Pois nosso detetive particular não quer ser (...) um erudito decifrador de enigmas à maneira de Sherlock Holmes; ele quer ser um sujeito duro e astuto, capaz de cuidar de si mesmo em qualquer situação, capaz de tirar o melhor de qualquer pessoa que encontre, seja ela um criminoso, um passante inocente ou um cliente.

De fato, foi precisamente assim que Hammett descreveu Spade em *O falcão maltês* – com inteligência comparável à do ardiloso gordo, Casper

Gutman, que busca o fabuloso pássaro do título; capaz de lidar com a intrusa polícia e capaz de resistir aos avanços da sedutora Brigid O'Shaughnessy enquanto soluciona o assassinato de seu parceiro, Miles Archer. Hammett nunca teve a intenção de fazer de Spade um personagem recorrente em sua obra; ao completar *O falcão maltês* estava "farto dele". No entanto, não tinha previsto a enorme e duradoura popularidade do livro, nem que ele se tornaria uma série radiofônica de imenso sucesso, nem que nada menos do que três filmes seriam produzidos com base no romance publicado.

O público exigia mais histórias de Spade, e o agente literário de Hammett implorou ao autor que escrevesse novas aventuras. Hammett estava relutante, mas estava também sem dinheiro. Ganhou vastas somas em Hollywood como autor de roteiros, mas esbanjava cada dólar com a mesma rapidez com que os ganhava. Dinheiro era para se gastar, e Hammett sempre achava que o dinheiro apareceria magicamente, sempre que precisasse. Finalmente, sentou-se para escrever três novas histórias de Spade, publicando duas na *The American Magazine* e a última na *Collier's*.

As três estão nesta coletânea: *Um homem chamado Spade* (vol. 2), *Foram tantos a viver* (vol. 2) e *Só podem enforcá-lo uma vez* (vol. 2). Os contos são vivos, eficientes e de ação rápida.

As outras histórias reunidas aqui demonstram a ousada experimentação de Hammett com a linguagem e o enredo. Compare a narrativa exagerada e enfeitada em *Um homem chamado Thin* (vol. 2), que apresenta um detetive-poeta, com a narrativa crua e inculta do jovem pugilista em *O guardião do seu irmão* (vol. 1). Ambas são contadas em primeira pessoa, mas estão a quilômetros de distância uma da outra. Hammett ataca um ponto de vista feminino no soberbamente bem escrito *A mulher do bandido* e oferece um final surpresa perfeito em *O anjo do segundo andar* (observe o humor implícito nessa história).

Tanto *Medo de tiro* (vol. 2) como *O homem que matou Dan Odams* (vol. 1) se passam longe da locação costumeira, San Francisco, e demonstram a ampla variedade da ficção de Hammett. *Medo de tiro* tem lugar na região das altas montanhas, e *O homem que matou Dan Odams* (vol. 1) é um faroeste semimoderno passado em Montana. Representam Hammett em plena forma.

Enquanto a maioria dos escritores de narrativas policiais nos anos 1920

e 1930 estava produzindo histórias por dinheiro, Hammett trabalhava como um artista dedicado. Deu a cada história o melhor de si, debruçando-se sobre cada palavra, sobre cada frase de efeito. E estava sempre em busca de novas idéias e de novos personagens. Seu protagonista em *O assassino assistente* (vol. 1) é um exemplo admirável. Com Alec Rush, o autor criou um detetive descrito como incrivelmente feio, um desvio radical do costumeiro herói das revistas. Hammett estava mirando numa nova direção com sua história, que envolve um caso complexo resolvido não por Rush, mas pela confissão do assassino.

O assassino assistente (vol. 1) foi escrito pouco antes que Hammett deixasse temporariamente a *Black Mask*, em sua tentativa malsucedida de começar uma carreira na publicidade. Sentimos que, se ele tivesse permanecido na revista, poderia talvez ter escrito mais histórias em que figurasse esse excêntrico detetive.

Durante a era da *pulp fiction*, os editores constantemente exigiam "ação, mais ação!". Hammett decidiu ver quanta ação seria capaz de compactar numa única novela. Publicada pela primeira vez no *Argosy All-Story Weekly*, *Cidade pesadelo* (vol. 1) é um esforço notável de violência contínua. O herói empunha uma bengala de ébano com uma eficiência devastadora, rachando crânios e quebrando ossos na melhor tradição *pulp*.

Uma importante contribuição em *Tiros na noite* é *O primeiro 'homem magro'* (vol. 2), que tem aqui sua primeira publicação em forma de livro. Essa versão, de 1930, mostra um contraste acentuado com o romance que Hammett finalizou para o editor Alfred A. Knopf três anos depois, com vastas diferenças no enfoque básico, na atmosfera, no enredo e no tom. Um convite de Hollywood e a promessa de dinheiro substancial a ser ganho com o cinema obrigaram Hammett a abandonar o manuscrito original com 65 páginas datilografadas. Quando voltou a ele três anos depois, John Guild, o detetive que lembra o Op – dedicado, estóico, calado –, foi substituído por Nick Charles, um cínico beberrão e festeiro, ex-investigador sem nenhum desejo de desvendar mais crimes; queria apenas outro Martini. Foi a mulher de Nick (inspirada diretamente em Lillian Hellman) quem o pressionou para que voltasse a trabalhar como detetive para solucionar o caso do homem magro desaparecido.

A vida de Dashiell Hammett passou por uma importante mudança entre 1930 e 1933, e Nick Charles marcou o fim da sua carreira como romancista.

Como escritor, viu-se num beco sem saída e não acreditava mais que os males criminais da sociedade pudessem ser resolvidos individualmente. Na sua visão, um detetive solitário (como Sam Spade ou John Guild) nada podia fazer para impedir a onda de corrupção social. O código de honra pessoal do detetive não tinha qualquer efeito num mundo desonroso. A amargura e o cinismo na alma de Hammett, que se refletiam de uma maneira menos óbvia em suas primeiras obras, tinham agora ocupado o centro do palco. Ele não era mais capaz de acreditar em heróis. Mesmo heróis trabalhadores, francos e simples.

Em 1951, depois de ser condenado por recusar-se a delatar pessoas suspeitas de exercerem "atividades anti-americanas" por um juiz federal de Nova York[3], Hammett passou cinco meses na cadeia em defesa de suas crenças políticas. Mas nunca acreditou na violência política e ficou chocado quando, no julgamento, o senador Joseph McCarthy lhe perguntou se já havia praticado algum ato de sabotagem contra os Estados Unidos. Tendo servido seu país em duas guerras mundiais como soldado alistado, amava a América, ainda que desprezasse seus políticos capitalistas.

Os últimos anos de Hammett, depois que saiu da prisão, foram tristes. Graças à "caça às bruxas" do senador McCarthy seu nome foi retirado de um filme baseado num de seus personagens; seus programas radiofônicos foram cancelados; e uma coletânea de sua ficção já programada foi colocada na gaveta pelo editor. Passou a maior parte de sua última década isolado numa pequena cabana em Katonah, no estado de Nova York. Em duas ocasiões, tiros atravessaram as janelas da frente, mas Hammett suportou o exílio com estóica resignação.

Doente e frágil, na lista negra como um pária político, incapaz de escrever e acossado pela Receita Federal por causa de impostos de renda sobre dinheiro que não ganhava mais, Samuel Dashiell Hammett morreu de câncer de pulmão em 1961, aos 66 anos de idade.

Ele se considerava um fracasso literário, mas, como estes livros ajudam a provar, era tudo menos isso. Nenhum escritor desde Edgar Allan Poe exerceu maior influência sobre a ficção de mistério. Sua arte é atemporal, e sua obra não ficou datada. No gênero policial, foi um mestre.

Essa maestria fica evidente nestes dois volumes de *Tiros na noite*, a maior coletânea de suas obras curtas e a mais completa de todas.

West Hills, Califórnia

1 William Nolan é escritor e roteirista norte-americano. Ganhou duas vezes o prêmio Edgar Allan Poe da Mystery Writers of America. (N.E.)

2 Referência a *Black Mask*, popular revista dos anos 20 e 30, que publicava Hammett e todos os grandes autores *noir* da época.

3 Episódio sombrio da história americana ocorrido em plena Guerra-Fria (como ficou conhecido o período de hostilidades diplomáticas entre EUA e União Soviética), entre os anos 1950 e 56. O chamado “macarthismo” ou “caça às bruxas” foi iniciado por Joseph McCarthy, senador pelo estado de Wisconsin, que denunciava uma conspiração comunista no Estado e na sociedade americana. Foi realizado um enorme expurgo, e todos aqueles suspeitos de serem “comunistas” eram presos ou perdiam seus empregos; caso ficassem nos seus empregos, as empresas eram perseguidas pela polícia e pela Receita Federal. Milhares de intelectuais, funcionários públicos e cidadãos comuns foram perseguidos, presos, exilados ou tiveram suas carreiras destruídas sob a acusação de “atividades anti-americanas”. Eram comuns a delação em massa e a condenação com provas insuficientes e mesmo sem provas. (N.E.)

OceanofPDF.com

CIDADE PESADELO

Um Ford – branco de poeira do deserto, a tal ponto que parecia fundir-se às nuvens de pó que rodopiavam à sua volta – descia pela rua principal de Izzard. Assim como a poeira, o carro vinha ligeiro, errático, ziguezagueando de um lado a outro da avenida.

Uma mulher baixa – moça de seus vinte anos, com uma roupa de flanela bege – começou a atravessar a rua. Foi por pouco que o Ford não a pegou, só não a atropelando porque o salto que ela deu para trás foi ágil como o de um pássaro. A moça mordeu o lábio inferior com seus dentes muito brancos, enquanto os olhos escuros dardejavam o carro que se afastava. E recomeçou a atravessar a rua.

Quando já se aproximava do meio-fio, do outro lado, o Ford veio de novo em sua direção, embora a manobra para retornar o tivesse feito perder velocidade. Dessa vez, ela só escapou porque atravessou correndo o trecho que faltava e subiu a calçada.

Um homem saltou do carro em movimento. Conseguiu equilibrar-se por milagre, oscilando e tropeçando até que seu braço agarrou-se a um pilar de ferro, que o pôs de pé, de forma abrupta. Era um sujeito grande, com uma roupa cáqui esbranquiçada, alto, forte e com braços musculosos. Seus olhos cinzentos estavam injetados. Tanto o rosto quanto a roupa, pesados de poeira. Numa das mãos, trazia uma bengala preta e grossa. Com a outra, tirou o chapéu, fazendo uma mesura exagerada diante do olhar zangado da moça.

Terminado o cumprimento, jogou o chapéu no meio da rua e deu um sorriso grotesco através da poeira que fazia de seu rosto uma máscara – um sorriso que acentuou o peso de seu maxilar sombreado pela barba por fazer.

– Perdão, por... *favor* – disse. – Acho que, se não tomasse cuidado, teria batido em você. A culpa é do carro. Peguei de um eng... engenheiro. Nunca peça nada emprestado de um engenheiro... Não se pode confiar neles...

A garota olhou na direção do homem como se ele não estivesse ali, como se nunca ninguém tivesse estado ali. Em seguida, virou-lhe as costas magras e se afastou com firmeza.

Ele ficou olhando para ela, surpreso, com um ar de estupidez estampado nos olhos, até que a moça desapareceu por uma porta no meio do quarteirão. Então, coçou a cabeça, deu de ombros e virou-se para observar a

rua. Foi quando viu que seu carro, em cima da calçada, com a frente enfiada nos tijolos vermelhos do Banco de Izzard, tremia em estertores, como se estivesse em pânico ao se ver sem motorista.

– Olha só para esse filho-da-mãe – exclamou.

Alguém agarrou seu braço. Ele se virou e, ao fazê-lo, embora fosse um homem de mais de um metro e oitenta, teve de erguer o rosto para olhar nos olhos do gigante que o segurava.

– Vamos dar uma voltinha – disse o gigante.

O homem com a roupa cáqui desbotada olhou o outro de cima a baixo, da ponta dos sapatos largos até o alto do chapéu preto, examinando-o com sincera admiração, transparente em seus olhos avermelhados. Seu interlocutor era uma massa de mais de um e noventa de altura. As pernas pareciam pilares sustentando o barril enorme do corpo, com ombros largos ligeiramente inclinados, como se curvados por seu próprio e imenso peso. Era um homem de seus 45 anos, de feições grosseiras, fleumáticas, e rugas em torno dos olhos pequenos e claros – o rosto de um homem decidido.

– Deus do céu, como você é grande! – disse o homem de cáqui, assim que terminou de examiná-lo. E então seus olhos se iluminaram. – Proponho uma luta. Aposto dez pratas contra quinze que consigo jogar você no chão. Vamos lá!

O gigante deu uma risada abafada pelo peito largo e, agarrando o homem pela parte de trás do colarinho e por um braço, seguiu com ele rua abaixo.

Steve Threefall acordou sem surpreender-se muito com a estranheza à sua volta, pois não era a primeira vez que despertava em locais desconhecidos. Antes de abrir completamente os olhos já sabia alguns dados essenciais sobre o lugar onde estava. Sentindo a dureza da cama de parede e o cheiro forte de desinfetante nas narinas, teve certeza de que estava preso. A cabeça e a boca lhe diziam que estivera bêbado. E a barba de três dias lhe dizia que estivera *muito* bêbado.

À medida que se levantava, virando-se para pôr os pés no chão, começou a se lembrar dos detalhes. Os dois dias de bebedeira em Whitetufts, do outro lado da divisa entre Nevada e a Califórnia, junto com o proprietário do hotel, Harris, e com um engenheiro de irrigação chamado Whiting. A discussão acirrada sobre travessias no deserto, ele contrapondo sua própria experiência em Gobi com a experiência americana dos outros

dois. E a aposta de que ele não conseguiria dirigir de Whitetufts até Izzard em pleno dia, com nada para ingerir além da birita amarga que estavam bebendo enquanto conversavam. A partida, no lusco-fusco do dia que nascia, no Ford de Whiting, com Whiting e Harris, cambaleantes, tentando segui-lo pela rua e acordando a cidade inteira com sua gritaria de bêbados, com seus conselhos debochados, até a chegada ao ponto onde o deserto começava. E então a travessia do deserto, pela estrada que era ainda mais quente do que o resto do deserto, além de... E ele achou melhor não pensar mais na travessia. O importante é que tinha conseguido – tinha ganho a aposta. Só não conseguia se lembrar quanto tinha apostado.

– Acordou, finalmente? – trovejou uma voz.

A porta gradeada de aço se abriu e um homem apareceu na entrada da cela. Steve deu um sorriso. Era o gigante que não quis brigar. Agora estava sem o sobretudo e sem o colete, o que o fazia parecer ainda maior. No suspensório, uma plaquinha brilhante trazia escrito XERIFE.

– Fome? – perguntou.

– Eu faria alguma coisa com uma xícara de café preto – admitiu Steve.

– Muito bem. Mas vai ter de engolir rápido. O juiz Denvir está esperando para o acerto de contas, e quanto mais ele esperar, pior para você.

O lugar onde o juiz Tobin Denvir fazia justiça era uma sala grande no terceiro andar de uma construção de madeira. Parcamente mobiliada, tinha apenas uma mesa, uma velha escrivaninha, uma gravura em aço do político Daniel Webster, uma estante de livros soterrados por poeira de várias semanas, uma dúzia de cadeiras desconfortáveis e meia dúzia de escarradeiras de louça, rachadas e sujas.

O juiz estava sentado entre a escrivaninha e a mesa, com os pés sobre esta última. Eram pés pequenos, e ele era um homem baixo. Tinha o rosto congestionado por pequenas linhas de irritação, os lábios finos e apertados, os olhos sem pálpebras, como os de um pássaro.

– Bem, qual é a acusação? – perguntou, com sua voz fina e metálica. Continuava com os pés em cima da mesa.

O xerife deu um longo suspiro e disse:

– Dirigindo na pista errada, ultrapassando o limite de velocidade, dirigindo embriagado e sem carteira de motorista, pondo em perigo a vida de pedestres ao tirar as mãos do volante e estacionando em local proibido... em cima da calçada, em frente ao banco.

O xerife tomou fôlego e em seguida, visivelmente lamentando, completou:

– Havia também uma acusação de tentativa de agressão, mas a srta. Vallance não apareceu. Então, ela foi retirada.

Os olhos da Justiça se voltaram para Steve.

– Como é seu nome? – grunhiu.

– Steve Threefall.

– É seu nome verdadeiro? – perguntou o xerife.

– Claro que é – interveio o juiz. – Você acha que alguém seria tolo o suficiente para dar um nome desses se não fosse verdadeiro? – E virando-se outra vez para Steve: – E então... você é culpado ou inocente?

– Eu estava um pouco...

– Culpado ou inocente?

– Bem, acho que, de fato, eu fiz...

– Isso basta. Vai ter de pagar uma fiança de 150 dólares, mais as custas. As custas são quinze dólares e oitenta centavos, o que dá um total de 165 dólares e oitenta centavos. Vai pagar ou vai para a cadeia?

– Se tiver, vou pagar – respondeu Steve, virando-se para o xerife. – Meu dinheiro está com você. Eu tenho tudo isso?

O xerife balançou a cabeça.

– Tem – disse –, exatamente isso, contando cada centavo. Não é engraçado?

– É... muito engraçado – repetiu Steve.

Enquanto o juiz de paz fazia o recibo da fiança, o xerife devolveu a Steve seu relógio, cigarro, fósforos, um canivete, chaves e, finalmente, a bengala preta. O homenzarrão segurou-a na mão, examinando-a antes de dá-la a Steve. Era grossa, feita de ébano, muito pesada – mesmo para esse tipo de madeira – e com um peso equilibrado, evidenciando que havia chumbo embutido tanto no castão quanto na ponteira. Exceto por um pedaço do tamanho da mão de um homem, bem no meio, a bengala estava marcada com cortes e amassados, como se tivesse sido muito usada – marcas que nem um polimento cuidadoso tinha sido capaz de remover ou encobrir. No pedaço do tamanho de uma mão, sua cor preta era mais suave – tão suave quanto o preto do castão –, como se tivesse tido muito contato com a palma da mão humana.

– Como arma, num assalto, não é nada má – disse o xerife, com um

olhar significativo, ao entregar a bengala ao dono.

Steve tomou-a, agarrando-a com a mesma convicção que um homem reserva a uma companhia favorita e constante.

– Nada má – concordou. – E onde está o calhambeque?

– Na garagem da rua principal, depois da esquina. Pete falou que não está totalmente destruído e que pode dar uma consertada, se você quiser.

O juiz entregou o recibo.

– É só isso, então? – perguntou Steve.

– Espero que sim – respondeu o juiz Denvir, amargo.

– Esperamos – concordou Steve. Em seguida, pôs o chapéu, ajeitou a bengala preta debaixo do braço, fez um cumprimento com a cabeça na direção do xerife e saiu da sala.

Steve Threefall estava contente quando desceu as escadas de madeira em direção à rua, pelo menos à medida que o estado de seu corpo – ardendo por dentro, por causa da maldita birita, e por fora, por conta da travessia causticante no deserto – permitia. O fato de a Justiça ter esvaziado seu bolso até o último centavo pouco lhe importava. Era assim mesmo que a Justiça tratava os forasteiros e, além do mais, tinha deixado a maior parte do seu dinheiro com o dono do hotel em Whitetufts. Escapara da cadeia e podia se considerar sortudo. Ia telegrafar para Harris e pedir que lhe mandasse dinheiro, esperar na cidade enquanto o Ford estivesse sendo consertado e depois voltar para Whitetufts – só que dessa vez sem uísque como ração.

– Não vai, não! – gritou uma voz em seu ouvido.

Steve deu um pulo, mas em seguida riu de seus nervos afetados pelo álcool. As palavras não tinham sido dirigidas a ele. Numa curva da escada, bem atrás dele, havia uma janela aberta e, em frente a ela, do outro lado de uma passagem estreita, havia outra, em outro prédio, também aberta. Era a janela de um escritório, onde dois homens discutiam cara a cara, diante de uma mesa de tampo achatado.

Um deles, de meia-idade, era robusto e usava um casacão preto, do qual surgia a barriga protuberante, num colete branco. Estava vermelho de raiva. O homem do outro lado da mesa era mais jovem – tinha talvez seus trinta anos, com um bigodinho preto, feições finas e um cabelo castanho e brilhante como cetim. Seu corpo de atleta estava impecavelmente vestido com um terno cinza, uma camisa cinza e uma gravata cinza e prateada. Na

mesa, junto dele, estava um chapéu-panamá com a faixa cinza. Ao contrário do outro, tinha o rosto pálido.

O homem gordo falou – uma dúzia de palavras, só que muito baixo. Não deu para ouvir.

Por cima da mesa, o mais jovem espalmou-lhe uma bofetada no rosto – com a mesma mão que, num segundo, se enfiaria no bolso do paletó, de lá saindo com uma pistola automática já de nariz empinado.

– Sua lata de banha! – gritou o mais jovem, com a voz sibilante. – Você manda suspender ou então vou ser obrigado a estragar a sua roupa!

Espetou a barriga protuberante com a pistola e riu da cara de medo do gordo – riu com um brilho ameaçador, tanto nos dentes certos quanto nos olhos escuros e rasgados. Em seguida, apanhou o chapéu, guardou a pistola e desapareceu de vista. O gordo se sentou.

E Steve desceu em direção à rua.

Steve descobriu a garagem para onde o Ford tinha sido levado e encontrou o mecânico sujo de graxa que atendia pelo nome de Pete. Ficou então sabendo que o automóvel de Whiting estaria pronto para se mover pelas próprias rodas dentro de dois dias.

– Que confusão que você arrumou ontem, hein? – disse Pete, rindo.

Steve riu também e saiu. Foi em direção ao posto telegráfico, ao lado do Izzard Hotel, parando por um instante na calçada para apreciar um carrão Vauxhall-Velox, com sua cor creme brilhante, parado junto ao meio-fio. Naquela cidade industrial, imunda, ele parecia tão deslocado quanto uma opala multicor na vitrine de uma mercearia.

Na porta do posto de telégrafo, Steve parou de novo, de súbito.

Atrás do balcão estava uma garota com um vestido de flanela bege – a garota que ele quase atropelara duas vezes na tarde anterior –, a “srta. Vallance”, que deixara de fazer mais uma acusação contra Steve Threefall perante a Justiça. Diante do balcão, debruçado, conversando como se tivesse grande intimidade com a moça, estava um dos dois homens que ele vira da janela da escada meia hora antes – o *dandy* elegante vestido de cinza, que dera um tapa na cara do outro, ameaçando-o com uma automática.

A garota ergueu o rosto, reconheceu Steve e empertigou-se. Steve tirou o chapéu e deu um passo à frente, sorrindo.

– Sinto muito pelo que aconteceu ontem – disse. – Viro um bobalhão

quando...

– O senhor quer mandar um telegrama? – perguntou ela, com frieza.

– Quero – disse Steve. – E também gostaria de...

– Os formulários e o lápis estão na escrivaninha, perto da janela. – Ela lhe virou as costas.

Steve sentiu-se corar, mas como era um desses homens que riem quando estão por baixo, deu uma risadinha e se viu encarando os olhos escuros do homem de cinza.

Ele sorriu por baixo do bigodinho castanho e disse:

– A coisa foi boa ontem.

– Foi – concordou Steve, dirigindo-se à mesa indicada pela garota. Lá, redigiu o telegrama:

Henry Harris

Harris Hotel, Whitetufts:

Cheguei bem, porém duro. Favor mandar duzentos dólares. Volto sábado.

Threefall

Mas não saiu logo da escrivaninha. Ficou ali sentado, com o pedaço de papel entre os dedos, observando o homem e a garota, que tinham voltado a conversar baixinho, debruçados sobre o balcão. Steve observou mais a moça.

Era uma garota baixinha, de não mais de um metro e meio, se tanto. E tinha aquela magreza torneada que dá uma falsa aparência de fragilidade. Seu rosto era oval, e a pele branca já mostrava sinais de vir enfrentando o ar poluído de Izzard. O nariz era quase arrebitado, e os olhos escuros, com um matiz violeta, eram quase grandes e teatrais demais. O cabelo castanho-escuro também era um pouco volumoso demais para uma cabeça tão pequena. Mas nem por isso ela deixava de se parecer com uma bela figura saída de um quadro de Monticelli.

Tudo isso Steve Threefall observou enquanto manuseava o telegrama entre os dedos bronzeados. E, ao fazê-lo, percebeu o quanto era importante que a moça aceitasse suas desculpas. Fosse qual fosse a razão para isso – ele próprio não procurou explicar nada –, o fato é que era assim. Num primeiro momento, não havia nada, em nenhum dos quatro continentes que ele conhecia, capaz de sensibilizar Steve Threefall. No momento seguinte, lá estava ele, movido pela necessidade incontrolável de cair nas graças

daquela pessoinha de vestido de flanela amarrado nos pulsos e no pescoço.

A essa altura o homem de cinza se debruçou ainda mais sobre o balcão, para cochichar alguma coisa para a garota. Ela ficou vermelha e moveu os olhos. O lápis que trazia na mão caiu sobre o balcão e ela o apanhou entre os dedos pequenos, que pareciam estranhamente pouco à vontade, de repente. Deu um sorriso em resposta, depois continuou escrevendo. Mas o sorriso pareceu forçado.

Steve amassou o telegrama e escreveu outro:

Consegui, passei a noite na cadeia e vou ficar por aqui por um tempo. Gosto de algumas coisas neste lugar. Telegrafe a ordem do dinheiro e mande minhas roupas para o hotel daqui. Compre, o mais barato que puder, o Ford de Whiting para mim.

Steve levou o formulário e colocou-o sobre o balcão.

A garota conferiu o texto com o lápis, contando o número de palavras.

– Quarenta e cinco – disse, num tom que involuntariamente criticava a falta de capacidade de síntese telegráfica.

– É grande, mas está bem assim – garantiu Steve. – Vou mandar a cobrar.

Ela o olhou com frieza.

– Não aceitamos mensagens a cobrar, a não ser que eu tenha garantias de que o remetente vai poder pagar, caso o destinatário recuse. É contra as regras.

– Acho bom você abrir uma exceção desta vez – disse Steve, solene –, caso contrário, vai ter de me emprestar o dinheiro.

– Eu... o quê?

– É isso mesmo – insistiu Steve. – Foi você quem me meteu nessa embrulhada, e agora vai ter de me ajudar a sair dela. Deus sabe o quanto você já custou caro para mim... quase duzentos dólares! Foi tudo culpa sua!

– *Minha culpa*?

– Foi! E estou dando uma chance para que você se recupere. Vamos logo com isso, por favor, porque estou morrendo de fome e preciso fazer a barba. Vou esperar naquele banco lá fora. – E, girando nos calcanhares, saiu do posto.

Tinha alguém sentado na ponta do banco do lado de fora do posto telegráfico, mas Steve sentou-se na outra ponta, sem prestar atenção ao homem que estava ali. Pôs a bengala preta entre as pernas e começou a

enrolar um cigarro, pensativo, refletindo sobre a cena que acabara de desempenhar.

Por que será, pensava, que toda vez em que a ocasião exigia uma certa gravidade, ele acabava sendo irreverente? Por que sempre que se via diante de uma situação importante, de algo que tinha um significado especial, ele acabava fazendo papel de palhaço? Acendeu o cigarro e, com certo desdém, decidiu – como já decidira dezenas de vezes antes – que aquilo provinha de uma tentativa infantil de esconder a própria vaidade. Que ao longo de seus 33 anos de vida, dezoito dos quais ombro a ombro com o mundo – por suas esquinas mais polidas e também pelas mais cruéis –, ele, no fundo, ainda se sentia um menino. Um menino grande.

– Foi uma confusão e tanto, aquela em que você se meteu ontem – disse o homem na outra ponta do banco.

– É – admitiu Steve, sem se virar. Já estava conformado em ouvir comentários desse tipo enquanto estivesse em Izzard.

– Aposto que o velho Denvir limpou você, como costuma fazer.

– Hum-hum – resmungou Steve, agora virando-se e olhando para o homem.

Era alto e muito magro, vestido de marrom-escuro, arriado no banco e com as pernas esticadas para a frente, na calçada. Um homem de mais de quarenta anos, cujo rosto, melancólico e descarnado, era marcado por linhas tão profundas que pareciam mais rachaduras do que rugas. Os olhos tinham o castanho triste de um *basset hound* e o nariz era tão grande que parecia uma faca de cortar papel. Fumava um charuto preto, que fazia uma quantidade surpreendente de fumaça, expelida para cima por suas narinas, como duas plumas acinzentadas.

– Já tinha vindo a esta nossa cidadezinha agradável? – perguntou o sujeito melancólico. A voz dele tinha um ritmo monótono que não era desagradável de ouvir.

– Não. É a primeira vez.

O homem magro assentiu, com ironia.

– Vai gostar, se ficar por aqui – disse. – É muito interessante.

– Como assim? – indagou Steve, já um pouco intrigado com seu companheiro de banco.

– Nitrato de sódio. Você retira do deserto, ferve ou cozinha e depois vende para os fabricantes de fertilizantes ou de ácido nítrico. Ou para

qualquer outro fabricante de alguma coisa feita com nitrato de sódio. A fábrica na qual, para a qual e da qual você faz isso fica lá mais adiante, depois da linha do trem.

Ele apontou o braço preguiçoso na direção de um conjunto de prédios quadrados, de concreto, que tapavam a visão do deserto, ao final da via pública.

– E se você não trabalhar com sódio? – perguntou Steve, mais pela vontade de manter o homem falando do que por interesse pela vida da cidade. – O que é que se faz, então?

O homem magro deu de ombros.

– Depende – disse – de quem você é. Se você for Dave Brackett – e ele apontou o dedo para o banco, com sua parede de tijolos vermelhos, do outro lado da rua –, você vive cuidando de suas hipotecas, ou seja lá o que for que faz um banqueiro. Se você for Grant Fernie, grande demais para um homem, mas nem tanto para ser um cavalo, você pendura um distintivo no peito e se distrai enfiando forasteiros na jaula, até que eles fiquem sóbrios. Ou, se você for Larry Ormsby, e seu velho for o dono do negócio do sódio, então você pinta e borda com seu carrão – apontou para o Vauxhall de cor creme –, passando os dias atrás das beldades do posto telegráfico. Mas, pelo que sei, você está quebrado, mandou um telegrama pedindo dinheiro e vai ficar esperando para ver no que dá. Não é isso?

– É – respondeu Steve, meio desligado. Quer dizer então que o *dandy* vestido de cinza se chama Larry Ormsby e é o filho do dono da fábrica.

O homem magro recolheu os pés e se levantou.

– Nesse caso, está na hora do almoço e meu nome é Roy Kamp. Estou com fome e não gosto de comer sozinho. Ficaria contente se você quisesse enfrentar junto comigo os perigos grudentos de uma refeição no Finn’s.

Steve levantou-se e estendeu a mão.

– Será um prazer – disse. – O café que tomei de manhã já está pedindo companhia. Meu nome é Steve Threefall.

Trocaram um aperto de mãos e saíram juntos pela rua. Na direção deles vinham dois homens, concentrados numa conversa. Um deles era o homem gordo, que tinha levado uma bofetada de Larry Ormsby. Steve esperou até que passassem, em seguida perguntou casualmente a Kamp:

– E esses dois caras com jeito de bacana, quem são?

– O baixinho vestido com o terno xadrez de colegial é Conan Elder, que

trabalha com imóveis, seguros e segurança. O que tem pinta de personagem de Wallingford, que estava com ele, é o próprio W.W., o fundador, dono e sei lá mais o que, da cidade, W.W. Ormsby, o honorável papai de Larry.

A cena no escritório, com o tapa na cara e a pistola, havia sido então um caso de família. Um problema entre pai e filho, com o filho fazendo o papel mais pesado. Steve, que agora caminhava prestando mais atenção ao que Kamp, com sua voz de barítono, dizia, pensou com desagrado crescente na cena entre Larry Ormsby e a garota do telégrafo, conversando juntinhos por cima do balcão.

A lanchonete Finn's era pouco mais do que um corredor estreito, entre um salão de bilhar e uma loja de ferramentas, com largura suficiente para conter somente um balcão e uma fila de bancos giratórios. Só havia um freguês lá dentro quando os dois entraram.

– Oi, sr. Rymer – disse Kamp.

– Como vai, sr. Kamp? – respondeu o homem no balcão, virando-se na direção deles.

E, quando ele se virou, Steve notou que era cego. Tinha os grandes olhos azuis recobertos por uma película acinzentada, dando a impressão de que havia buracos escuros no lugar dos olhos.

Era um homem de estatura média, que aparentava uns setenta anos, mas suas mãos, brancas e esguias, eram ágeis, sugerindo menos idade. Uma mecha de cabelos brancos lhe caía na testa, toda marcada por rugas, mas seu rosto era sereno, o rosto de um homem em paz com o mundo. Estava acabando de comer e logo em seguida levantou-se calmamente, indo em direção à porta com a lenta destreza com que um cego circula num ambiente familiar.

– O velho Rymer – disse Kamp para Steve – vive sozinho numa cabana, atrás de onde vai ser construído o novo quartel dos bombeiros. Dizem que ele tem toneladas de moedas de ouro enterradas no chão. É a fofoca local. Um dia, vamos encontrá-lo mumificado. Mas ele não quer nem saber de conselhos. Diz que ninguém lhe faria mal. Dizer isso de uma cidade como esta, cheia de bandidos!

– É uma cidade barra-pesada, então? – perguntou Steve.

– E como poderia deixar de ser? Esta cidade existe há apenas três anos, e uma cidade nova, que floresce no deserto, sempre atrai caras durões.

Quando acabaram de comer, Kamp foi embora, dizendo a Steve que

provavelmente voltariam a se encontrar mais tarde e sugerindo que havia muito o que se jogar no salão de bilhar, ao lado.

– Encontro você lá, então – disse Steve, entrando outra vez no posto telegráfico. A garota estava sozinha. – Tem alguma coisa para mim? – perguntou ele.

Ela depôs no balcão um cheque verde e um telegrama, voltando para a escrivaninha. O telegrama dizia:

Segue aposta. Paguei a Whiting duzentos pelo Ford. Mando balanço total de 640. Roupas vão por correio. Cuide-se.

Harris

– Você mandou o telegrama a cobrar ou eu preciso...

– A cobrar. – Ela nem ergueu o rosto.

Steve pôs os cotovelos no balcão e inclinou-se. Seu queixo, que parecia maior por causa da barba crescida, embora ele tivesse lavado o rosto, apontava ainda mais para a frente, graças à sua determinação em manter-se sério, a fim de fazer o que precisava ser feito.

– Agora, ouça uma coisa, srta. Vallance – disse, com firmeza. – Eu fui um grande tolo ontem e lamento muito mais do que você pode imaginar. Mas, afinal, nada de tão grave aconteceu e eu...

– Nada de grave! – explodiu a moça. – Não é nada de grave ser humilhada e perseguida em plena rua, como se fosse um coelho, por um bêbado com a cara cheia de poeira e o carro pior ainda?

– Eu não persegui você. Da segunda vez, eu voltei para pedir desculpas. Mas, de qualquer maneira. – Diante do desconforto provocado pela expressão pouco amistosa da moça, ele desistiu de ficar sério e acabou caindo mais uma vez no deboche, que era sua defensiva –, por mais que você estivesse com medo de mim, devia agora aceitar minhas desculpas e deixar ficar o dito pelo não dito.

– Medo? De você?!

– Eu prefiro que você pare de repetir o que digo – reclamou. – Fez isso hoje de manhã e agora está fazendo de novo. Será que você nunca se expressa por suas próprias palavras?

Ela o olhou, abriu a boca, mas voltou a fechá-la, com um estalo. Seu rosto zangado inclinou-se por cima dos papéis, na escrivaninha, e ela começou a anotar uns números.

Steve fez com a cabeça um sinal de aprovação fingida e saiu com o

cheque, em direção ao banco.

Quando entrou, o único homem à vista no banco era um sujeito gorducho, com bigodes grisalhos bem aparados que lhe tomavam quase todo o rosto, redondo e jovial, só deixando de fora os olhos – sagazes e simpáticos.

O homem veio até a boca do caixa e, junto à grade, disse:

– Boa tarde. Posso ajudar?

Steve apresentou o cheque da empresa de telégrafos.

– Quero abrir uma conta.

O banqueiro pegou o pedaço de papel verde, manuseando-o entre seus dedos gordos.

– Você não é o sujeito que bateu com o carro na minha parede ontem?

Steve riu. Os olhos do banqueiro faiscaram e um sorriso repuxou seus bigodes.

– Você vai ficar em Izzard?

– Por um tempo.

– Pode me dar alguma referência? – perguntou o banqueiro.

– Talvez o juiz Denvir ou o xerife Fernie possam dizer alguma coisa sobre mim – respondeu Steve. – Mas se você escrever para o Banco Seaman’s, de San Francisco, eles vão lhe dizer que está tudo bem comigo.

O banqueiro enfiou a mão gorducha através da abertura do caixa.

– Muito prazer em conhecê-lo. Meu nome é David Brackett e, se precisar de alguma coisa para se estabelecer na cidade, é só me procurar.

Dez minutos depois, já fora do banco, Steve encontrou o xerife grandalhão, que parou diante dele.

– Ainda por aqui? – perguntou Fernie.

– Agora, sou um izzardense – disse Steve. – Pelo menos por enquanto. Estou gostando da hospitalidade de vocês.

– Não deixe que o velho Denvir o veja saindo de um banco – aconselhou Fernie –, caso contrário, ele mete você na cadeia de vez.

– Não vai haver uma próxima vez.

– Há sempre uma próxima vez... em Izzard – retrucou o xerife com ar enigmático, pondo o corpanzil novamente em movimento.

Naquela noite, barbeado e de banho tomado, mas ainda usando a mesma roupa cáqui desbotada, Steve, com sua inseparável bengala preta, jogava pôquer com Roy Kamp e quatro operários da fábrica. Estavam no salão de

bilhar, ao lado da lanchonete Finn's. Izzard era, ao que parecia, uma cidade liberal. Metade do salão era ocupada por uma dúzia de mesas para jogos de dados, pôquer, *red dog* e vinte-e-um. Para conseguir um trago, só se precisava de cinqüenta centavos e um dedo levantado. Não havia nada de sub-reptício no estabelecimento. Obviamente, o dono – um italiano cabeça-de-ovo que os fregueses chamavam de "Gyp" – tinha toda a proteção dos poderes legais de Izzard.

A roda de jogo de que Steve participava seguia sem percalços, como acontece sempre que os jogadores são verdadeiros adeptos. E, embora houvesse, como em quase todos os jogos, alguma roubalheira em potencial, na prática, era honesto. Os seis homens à mesa eram, sem exceção, pessoas do ramo – homens que jogavam calados e atentos, ganhando ou perdendo sem exclamações ou desatenção. Nenhum dos seis – exceto Steve e talvez Kamp – hesitaria em fazer alguma falcatrua, caso tivesse oportunidade. Mas, quando todos à mesa conhecem os truques, geralmente a honestidade prevalece.

Larry Ormsby entrou no salão de bilhar pouco depois das onze e sentou-se numa mesa longe de Steve. Através da fumaça, Steve reconhecia rostos que vira durante o dia. Quando faltavam cinco minutos para a meia-noite, os quatro operários na mesa de Steve foram embora para o trabalho – estavam no turno "dos vampiros" – e o jogo acabou. Steve, que conseguira se manter equilibrado durante o jogo, constatou que tinha ganho pouco menos de dez dólares. Kamp tinha ganho cinqüenta e poucos.

Recusando convites para sentar em outras mesas, Steve e Kamp deixaram juntos o lugar e saíram para a rua escura e fresca, onde o ar parecia doce depois de tanta fumaça e de tanto cheiro de bebida dentro do salão. Caminharam devagar pela rua escura, em direção ao Izzard Hotel. Nenhum dos dois parecia ter pressa em pôr um ponto final naquela primeira noitada juntos. Já sabiam que aquele banco descascado na frente do posto telegráfico tinha dado, a cada um deles, um camarada. Não haviam dito nem mil palavras um para o outro, mas com certeza se tinham tornado irmãos-em-armas, como se tivessem percorrido juntos um continente inteiro.

Iam assim, passeando, quando de repente uma porta escura vomitou homens sobre eles.

Steve deu um salto para trás e se encostou na parede de um prédio,

desviando de um soco na cara, enquanto alguém tentava dominá-lo. O calor de uma lâmina riscou seu braço esquerdo e ele empurrou um corpo com a bengala, evitando assim ser agarrado. Aproveitou a brevíssima trégua para trocar a bengala de posição. Agora, ele a segurava na horizontal, a mão direita agarrando-a pelo meio, com a metade de baixo grudada no braço e a metade de cima projetada para a esquerda.

Encostou o lado esquerdo do corpo na parede e a bengala preta transformou-se numa poderosa arma, girando na noite. O castão bateu com força na cabeça de um homem. O homem levantou um braço para aparar o golpe. Girando no próprio eixo, a bengala mudou de lado – e a ponteira bateu de baixo para cima no braço de guarda, atingindo o queixo com um ruído seco. E, assim que o atingiu, foi em frente, penetrando fundo na garganta. O dono daquele queixo e daquela garganta virou a cara larga, de feições grossas, em direção ao céu, recuou e caiu fora da briga, disparando em direção à rua.

Kamp, que lutava com dois homens no meio da calçada, livrou-se deles e sacou de uma arma. Mas, antes que pudesse usá-la, agarraram-no de novo.

Com a parte de baixo da bengala outra vez grudada no braço, Steve virou-a a tempo de aparar o golpe de um braço que girava uma maça. A bengala rodopiou de lado, com o castão atingindo uma têmpora – e girou de volta, a ponteira só não atingindo a outra têmpora porque a primeira pancada fizera a vítima cair de joelhos. Foi quando Steve viu que Kamp estava caído. Sacudiu e rodou a bengala, abrindo passagem até o homem magro, chutou uma cabeça que estava debruçada sobre ele e montou no atacante. Agora, a bengala de ébano volteava mais rápido em sua mão, como brandiam os cajados na Floresta de Sherwood. Girava até que se ouvisse o som de madeira chocando-se com osso, com armas de metal. Ou o som mais surdo de madeira batendo na carne. Girava, mas nunca em círculos completos, e sim em pequenos arcos – uma ponta, recobrando-se de um golpe, dando mais velocidade para o golpe seguinte. Se um instante antes o castão se movia da esquerda para a direita, agora a ponteira batia da direita para a esquerda – e batia sob braços erguidos, sobre braços abaixados –, formando no ar uma esfera de um metro, cujo raio era como malhas negras em rodopio.

Por trás da bengala, que se tornara quase um pedaço vivo de seu corpo, Steve Threefall estava feliz – aquela felicidade que só o especialista sente, a

alegria de fazer aquilo que conhece extremamente bem. As pancadas que levava – socos que o faziam estremecer, balançar –, ele mal notava. Toda sua consciência se concentrava no braço direito e na bengala que brandia. Um tiro de revólver, sacado por uma destroçada mão, disparou três metros acima de sua cabeça, uma faca retiniu como um sino sobre a calçada de tijolos, um homem urrou como um cavalo ferido.

De repente, tão de repente quanto começara, a luta terminou. Ruídos de passos se afastando, formas desaparecendo na escuridão de uma ruela. E Steve se viu de pé, sozinho – sozinho, exceto por um homem, estendido no chão a seus pés, e outro, imóvel na sarjeta.

Kamp arrastou-se de entre as pernas de Steve e ficou de pé, de um pulo.

– Sua habilidade com uma bengala é o que eu chamaria de razoável – disse, com a fala arrastada.

Steve olhou para o magrelo. Era esse o homem que tinha aceito por uma noite como seu camarada! Um homem que ficava caído no chão e deixava o companheiro lutar por dois. Furioso, abriu a boca:

– Seu...

O rosto do magro se contorceu num sorriso estranho, como se ele estivesse prestando atenção em algum som distante, falhado. Levou as mãos ao peito, apertando de um lado e outro. Em seguida, deu meia-volta, caiu sobre um joelho e desabou para trás, com uma das pernas dobradas sobre o corpo.

– Vá... avisar... a...

A quarta palavra foi ininteligível. Steve debruçou-se junto a Kamp, ergueu sua cabeça do chão e viu que o corpo magro tinha sido aberto a faca, da garganta até a linha da cintura.

– Vá... avisar... a... – O homem magro tentava a todo custo tornar a última palavra audível.

Alguém segurou Steve pelo ombro.

– O que diabos está acontecendo aqui? – a voz trovejante do xerife Grant Fernie abafou as palavras de Kamp.

– Cale a boca, por favor! – disparou Steve, aproximando o ouvido da boca de Kamp.

Mas agora o homem moribundo já não articulava mais nenhum som. O esforço o fizera esbugalhar os olhos. De repente, estremeceu de um jeito horrível, tossiu, fazendo esgarçar-se ainda mais o corte em seu peito. E

morreu.

– O que está acontecendo? – repetiu o xerife.

– Mais um comitê de recepção – disse Steve, com amargura na voz, pousando o corpo no chão e levantando-se. – Um deles está aqui. Os outros fugiram por aquela esquina.

Começou a apontar com a mão esquerda, mas parou no meio do gesto. Olhando o próprio braço, viu que a manga estava encharcada de sangue.

O xerife agachou-se para examinar Kamp e resmungou:

– Está morto, sem dúvida – erguendo-se e indo até o lugar onde estava caído o homem que Steve pusera a nocaute, na sarjeta.

– Nocaute – confirmou o xerife, levantando-se. – Mas logo vai voltar a si. Como é que você está?

– Sofri um corte no braço e estou meio doído, mas vou sobreviver.

Fernie examinou o braço ferido.

– Não está sangrando muito – decretou. – Mas é melhor ir fazer um curativo. O doutor MacPhail fica logo ali, rua acima. Você consegue ir até lá ou quer uma carona?

– Consigo. E como é que eu encontro o lugar?

– Siga por esta rua e, daqui a duas quadras, vire à esquerda. É a quarta rua. Não tem como errar, é a única casa em toda a cidade com flores na frente. Quando for a hora, entro em contato com você.

Steve Threefall encontrou a casa do dr. MacPhail sem dificuldade – uma construção de dois andares, recuada, com um jardim que se esforçava para ser uma profusão de flores ante a aridez geral de Izzard. A cerca estava escondida atrás de duas trepadeiras barba-branca, cheias de botões alvos, e o caminho até a porta era cercado de rosas, triliáceas, papoulas, tulipas e gerânios, que pareciam fantasmas na luz tênue da noite. O ar era doce e pesado, com a fragrância das margaridas do tamanho de pires, cujos pés cobriam a varanda do médico.

A dois passos da casa, Steve parou, sua mão deslizando até o centro da bengala. De um canto da varanda, viera um sussurro quase inaudível, mas que não era do vento. Um segundo antes um ponto escuro entre as trepadeiras estivera um pouco mais claro, como se ali houvesse surgido um rosto.

– Quem está... – começou a dizer Steve, dando um passo atrás.

Saindo da varanda, escurecida pelas folhagens, surgiu uma figura, que

se atirou em cima de Threefall.

– Sr. Threefall – disse a figura. A voz era a da garota do telégrafo. – Tem alguém dentro da casa!

– Um ladrão? – perguntou ele, meio abobado, diante daquele rostinho pálido que o olhava, bem abaixo do seu queixo.

– É! Está lá em cima! No quarto do dr. MacPhail!

– E o médico está lá?

– Não! O dr. MacPhail e a mulher dele ainda não voltaram para casa!

Steve deu-lhe um tapinha no ombro, sentindo um tecido aveludado, mas fez isso no ombro que estava mais longe, para poder passar o braço por trás das costas da moça.

– Vamos resolver isto – prometeu. – Fique aqui escondida. Assim que cuidar de nosso amigo, eu volto.

– Não! – ela se pendurou no ombro dele com os dois braços. – Eu vou com você. Não quero ficar aqui sozinha. Junto de você, não tenho medo.

Steve baixou o rosto para olhá-la nos olhos e seu queixo esbarrou em algo de metal, fazendo-o trincar os dentes. O algo de metal era a ponta de um enorme revólver niquelado que a moça segurava em uma das mãos, na altura do ombro dele.

– Passe essa arma – disse Steve –, que eu deixo você vir comigo. Ela lhe deu o revólver e ele o enfiou no bolso.

– Fique grudada em mim – mandou –, o mais perto que puder, e quando eu disser *Abaixe-se!*, jogue-se no chão e fique quieta.

E, assim, com a moça guiando-o aos sussurros, atravessaram a porta que ela deixara entreaberta e entraram na casa, subindo ao segundo andar. Quando chegaram ao alto da escada, ouviram ruídos furtivos, vindos da direita.

Steve baixou o rosto, seus lábios tocando os cabelos dela.

– Como é que se chega àquele quarto? – sussurrou.

– Pelo corredor, até o fundo. Ele acaba ali.

E foram, pé ante pé, pelo corredor. Steve esticou a mão e tocou na porta.

– Abaixe-se! – disse baixinho.

Os dedos dela soltaram-se do casaco de Steve. Ele escancarou a porta, pulou para dentro e fechou-a atrás de si. Uma forma oval do tamanho de uma cabeça estava recortada contra o cinza da janela. Steve brandiu a bengala naquela direção. Alguma coisa agarrou a bengala no alto. Um vidro

se espatifou, estilhaços atingiram Steve. A forma oval contra a janela havia desaparecido. Steve girou para a esquerda e estendeu o braço na direção de alguma coisa que se movia. Seus dedos deram com um pescoço – um pescoço fino, com a pele seca e quebradiça como papel.

Sentiu um pontapé na canela, bem abaixo do joelho. A nuca de papel escapuliu de suas mãos. Seus dedos foram atrás dela num frenesi, mas, enfraquecidos pelo ferimento no braço, falharam. Baixando a bengala, Steve esticou a mão direita, para ajudar a esquerda. Mas era tarde. A mão enfraquecida tinha soltado a nuca de papel e não havia mais nada para a direita agarrar.

Uma sombra fugidia escureceu a parte central da janela, para em seguida desaparecer, com um som de passos, pelo telhado da varanda dos fundos. Steve correu até a janela a tempo de ver o ladrão levantar-se do chão, depois de pular do telhado da varanda, correndo em direção ao muro dos fundos. Steve já havia posto uma perna por cima do peitoril da janela quando a garota o agarrou por trás.

– Não! Não! – pediu. – Não me deixe aqui sozinha. Deixe ele ir!

– Está bem – disse Steve, relutante. Mas em seguida seu rosto se abriu.

Acabara de se lembrar do revólver que tinha tomado da garota. Tirou-o do bolso no momento em que a sombra chegava ao muro dos fundos. Quando o vulto, apoiando uma das mãos no alto do muro, deu o pulo, Steve apertou o gatilho. O revólver deu um estalo – depois mais outro. Seis estalos, e o ladrão desapareceu no meio da noite.

Steve abriu o revólver no escuro e seus dedos percorreram o fundo do cilindro – seis câmaras vazias.

– Acenda a luz – disse, num tom brusco.

Quando a garota obedeceu, Steve deu um passo atrás e primeiro procurou pela bengala de ébano. Só depois, com ela nas mãos, encarou a moça. Os olhos dela estavam ainda mais escuros, tal sua excitação. Em volta da boca, havia linhas de tensão. Naquele instante em que se olharam, frente a frente, ele viu surgir nos olhos dela, por trás do medo, um encantamento. Steve virou o rosto e olhou em torno.

O quarto tinha sido todo revirado, meticulosamente. As gavetas estavam puxadas para fora, seu conteúdo jogado no chão. A roupa de cama fora arrancada, os travesseiros tirados das fronhas. Perto da porta, um aplique quebrado – o objeto atingido pela bengala de Steve – jazia, pendurado. No

chão, no meio do quarto, havia um relógio de ouro e um pedaço de uma corrente de ouro. Steve apanhou-os e mostrou à garota.

– Isto é do dr. MacPhail?

Ela fez que não com a cabeça antes de pegar o relógio e, em seguida, olhando-o com mais atenção, deu um suspiro.

– É do sr. Rymer!

– Rymer? – repetiu Steve, lembrando-se em seguida. Rymer era o homem cego que estivera lanchando na Finn's e que, segundo Kamp, ia acabar tendo que enfrentar encrenca.

– É. Ah, meu Deus, tenho certeza de que aconteceu alguma coisa com ele!

E ela agarrou o braço esquerdo de Steve.

– Temos de ir lá ver! Ele mora sozinho, se lhe fizerem algum mal...

Ela se calou de repente, olhando para o braço que estava segurando.

– Seu braço! Você está ferido!

– Não é nada grave – disse Steve. – Foi por isso que vim até aqui. Mas já parou de sangrar. Quando voltarmos da casa de Rymer talvez o médico já esteja aqui.

E saíram da casa pela porta dos fundos, a garota guiando-o pelas ruas escuras, rumo a locais ainda mais sombrios. Durante os cinco minutos que durou a caminhada, nenhum dos dois falou. A garota andava rápido, sobrando-lhe pouco fôlego para conversa, enquanto Steve mergulhava em pensamentos soturnos.

A cabana do homem cego estava apagada quando chegaram lá, mas a porta da frente estava entreaberta. Steve bateu com a bengala no portal, mas não houve resposta. Ele acendeu um fósforo. Rymer estava caído no chão, de barriga para cima, com os braços abertos.

O único aposento da cabana estava de cabeça para baixo. A mobília fora toda revirada, as roupas estavam espalhadas aqui e ali, e tábuas do chão tinham sido arrancadas. A moça ajoelhou-se junto ao homem, que jazia inconsciente, enquanto Steve procurava luz. Finalmente, ele achou um lampião a óleo que estava intacto e acendeu-o, no mesmo instante em que Rymer abria os olhos anuviados e se erguia do chão, sentando-se. Steve endireitou uma cadeira de balanço emborcada e, com ajuda da garota, apanhou o cego, ofegante, fazendo-o sentar-se. Ele reconhecera de imediato a voz da garota e sorriu para ela com bravura.

– Eu estou bem, Nova – disse –, não me feri, não. Alguém bateu na porta, eu abri e eu ouvi um chiado no ouvido. Não sei de mais nada. Só sei que voltei a mim e encontrei vocês aqui.

De repente, ele franziu o rosto, parecendo ansioso, levantou-se e atravessou a sala. Steve tirou do caminho uma cadeira e uma mesa que estavam caídas. O homem cego caiu de joelhos num canto da sala, remexendo nas tábuas soltas do chão. Suas mãos voltaram vazias. Ele se pôs de pé, com os ombros caídos.

– Foi-se – disse, baixinho.

Steve lembrou-se do relógio e tirou-o do bolso, pondo-o na mão do cego.

– Tinha um ladrão lá em casa – explicou a garota. – Depois que ele saiu, encontramos isso caído no chão. Este é o sr. Threefall.

O homem cego estendeu a mão para Steve, cumprimentando-o. Em seguida, seus dedos ágeis examinaram o relógio e seu rosto se iluminou.

– Fico contente – disse – em ter meu relógio de volta. Muito mesmo. O dinheiro nem era tanto – menos de trezentos dólares. Eu não sou Midas, como dizem. Mas este relógio pertenceu a meu pai.

Guardou-o com cuidado no bolso do colete e, quando a garota começou a arrumar a sala, protestou.

– É melhor você ir para casa, Nova. Já está tarde e eu estou bem. Vou me deitar e deixo para arrumar isso amanhã.

A moça hesitou, mas logo ela e Steve estavam atravessando as ruas escuras, a caminho da casa de MacPhail. Agora, não tinham pressa. Andaram em silêncio por dois quarteirões, Steve olhando a escuridão à frente, grave e pensativo, a garota espiando-o com o canto dos olhos.

– O que há? – perguntou ela, de repente.

Steve sorriu para ela.

– Nada. Por quê?

– Há, sim – insistiu a moça. – Você está pensando em alguma coisa ruim, algo que tem a ver comigo.

Ele balançou a cabeça.

– Nada disso... Coisa ruim e você são duas coisas que não combinam. Mas a moça não aceitou o galanteio.

– Está, sim. Está... – ela parou, na penumbra da rua, tentando encontrar a palavra certa. – Você está na defensiva... Não confia em mim. É isso!

Steve sorriu de novo, dessa vez estreitando os olhos. Ler os pensamentos dele talvez tivesse sido intuitivo, ou talvez significasse algo mais.

Tentou falar a verdade, em parte:

– Não é que eu não confie, estou só refletindo. Pense bem: você me deu um revólver descarregado para enfrentar o ladrão. E não deixou que eu fosse atrás dele.

Os olhos dela faiscaram e ela se empertigou, até o último centímetro de seu metro e meio.

– Quer dizer então que você pensa... – começou a dizer, mostrando indignação. Em seguida encostou-se nele, agarrando-o pela lapela do casaco. – Por favor, sr. Threefall, você precisa acreditar que eu não sabia que o revólver estava descarregado. É do dr. MacPhail. Eu o peguei quando saí correndo da casa, sem nem imaginar que estava vazio. Quanto a não deixá-lo ir atrás do ladrão, é que... eu estava com medo de ficar sozinha. Sou meio covarde. Eu... eu... por favor, acredite em mim, sr. Threefall. Seja meu amigo. Eu preciso de amigos, eu...

Toda sua feminilidade vinha à flor da pele. Ela implorava, seu rostinho como o de uma menina de doze anos – uma menina sozinha e assustada. E Steve se sentia péssimo, porque a verdade é que aquele apelo não o convencia de todo. Sentia vergonha de si mesmo, como se lhe faltasse alguma qualidade que deveria ter.

Ela continuou falando, com a voz mansa, tão baixinho que ele precisou inclinar-se para entender o que dizia. Falava de si mesma, como se fosse uma criança.

– Tem sido terrível! Vim para cá há três meses porque havia uma vaga no posto telegráfico. Tinha ficado sozinha no mundo, com pouco dinheiro, e trabalhar com telégrafo era a única coisa que sabia fazer para ganhar a vida. Este lugar é horrível! A cidade... não consigo me acostumar. É tão desolada. Não há crianças nas ruas. As pessoas são diferentes daquelas que eu conhecia, são mais cruéis, mais rudes. Até mesmo as casas, rua após rua de casas sem cortinas nas janelas, sem flores. Sem grama nos jardins, nem árvores.

“Mas eu precisava ficar aqui, não tinha para onde ir. Pensei em ficar pelo menos até juntar algum dinheiro, o suficiente para poder ir embora. Mas juntar dinheiro demora muito. O jardim do dr. MacPhail tem sido um

pedaço de paraíso para mim. Se não fosse por isso, acho que não teria agüentado... teria enlouquecido! O médico e a mulher dele têm sido bons para mim. Algumas pessoas têm sido boas para mim, mas a maioria eu não consigo entender direito. E nem todas são gentis. No início, foi horrível. Os homens diziam coisas, as mulheres também e, se eu mostrava ter receio deles, diziam que eu era convencida. Larry, quero dizer, o sr. Ormsby, foi quem me ajudou. Ele fez com que me deixassem em paz e convenceu o dr. MacPhail a me deixar ir morar na casa dele. O sr. Rymer também tem me ajudado muito, me encorajando. Mas, assim que me vejo longe dele, de seu rosto e do som de sua voz, perco a coragem outra vez.

"Estou apavorada... com medo de tudo! E principalmente de Larry Ormsby. E olhe que ele me ajudou muito. Mas não posso evitar. Agora, estou com medo dele – da maneira como ele me olha às vezes, das coisas que diz quando bebe. É como se, dentro dele, houvesse algo esperando por sei lá o quê. Talvez eu não devesse dizer isso – afinal, devo ser grata a ele –, mas estou morrendo de medo! Tenho medo de todo mundo, de cada casa, de cada porta por onde passo. É um pesadelo!"

Steve descobriu que uma de suas mãos segurava o rosto arredondado, encostado a seu peito, e que a outra rodeara o ombro da moça, abraçando-a.

– As cidades recém-surgidas são sempre assim, ou até piores – começou ele. – Se você tivesse visto como era Hopewell, na Virgínia, quando os Du Ponts a fundaram... Demora algum tempo até que as figuras desagradáveis, que vêm nas primeiras levas, se mandem. E, no caso de Izzard, perdida aqui no meio do deserto, é natural que a coisa seja ainda pior. Quanto a ser seu amigo... foi justamente por isso que eu fiquei aqui, em vez de voltar para Whitetufts. Vamos ser grandes amigos. Vamos...

Mais tarde, ele nem saberia dizer ao certo o quanto tinha falado, nem o que dissera. Ficaria com a impressão de ter sido muito prolixo, de ter dito um monte de baboseiras. Mas a verdade é que aquilo que dizia não tinha a menor importância. Falava apenas para acalmar a garota, para manter aquele rostinho sob sua mão, junto ao peito, aquele corpinho frágil a seu lado pelo maior tempo possível.

E, assim, foi falando, falando...

Os MacPhail já estavam em casa quando Nova Vallance e Steve atravessaram outra vez o jardim florido. Receberam a moça com evidente alívio. O médico era um homem baixo, com a cabeça redonda e careca,

tendo o rosto, também redondo, muito jovial, rosado e brilhante, exceto pelo ponto em que um bigode claro descaía sobre a boca. A mulher era uns dez anos mais nova do que ele, uma loura elegante e de ar felino, por causa de seus olhos azuis e da graça de seus movimentos.

– O carro quebrou a uns trinta quilômetros da cidade – explicou o médico, numa voz grossa e macia, meio engrolada nos erres. – Tive um trabalho e tanto para que voltasse a pegar. Quando chegamos em casa e vimos que você tinha sumido, já estávamos pensando em acordar a cidade inteira.

A moça apresentou Steve aos MacPhail, contando em seguida do ladrão e do que tinham encontrado na casa do homem cego.

O dr. MacPhail balançou a cabeça redonda e careca, dando um muxoxo.

– Parece que o xerife Fernie não está conseguindo controlar as coisas aqui em Izzard.

Foi quando a moça se lembrou do braço ferido de Steve. O médico examinou-o, lavando e enfaixando o ferimento.

– Se tomar cuidado – disse – não vai precisar usar tipóia. O corte não foi fundo e, felizmente, pegou entre o supinador e o palmar longo, sem ferir nenhum dos dois. Foi o ladrão?

– Não. Foi na rua. Estava andando em direção ao hotel junto com um homem chamado Kamp quando pularam em cima da gente. Kamp morreu. E eu recebi isto.

Um relógio rouco, em algum ponto da rua, bateu as três horas quando Steve atravessava o portão da frente dos MacPhail para voltar ao hotel. Caminhou junto ao meio-fio, sentindo o corpo cansado e todos os músculos doloridos.

– Se mais alguma coisa acontecer esta noite – disse a si mesmo –, eu me mando. Já tive o bastante por uma noite.

Na primeira esquina, parou para a passagem de uma corrida de carros. Steve reconheceu um automóvel – era o Vauxhall creme de Larry Ormsby. Atrás dele, vinham cinco caminhões enormes, numa velocidade que evidenciava motores envenenados. Em meio à barulheira dos motores, a uma nuvem de poeira e ao som de janelas se abrindo, a caravana desapareceu na direção do deserto.

Steve foi em frente, rumo ao hotel, pensativo. Sabia que a fábrica trabalhava dia e noite. Mas claro que nenhum pedido de nitrato de sódio

justificaria aquela correria toda – se é que eram caminhões da fábrica. Virou na rua principal e teve mais uma surpresa. O Vauxhall creme estava parado perto da esquina, com o dono ao volante. Quando Steve se aproximou, Larry Ormsby abriu a porta do carona e estendeu a mão, num gesto de convite.

Steve parou junto à porta.

– Entre que eu lhe dou uma carona até o hotel.

– Obrigado.

Steve observou com ar interrogativo o rosto do homem, um rosto charmoso, mas descuidado, e em seguida olhou para o hotel mal iluminado, a menos de duas quadras de distância. Depois, voltou-se para o homem. Entrou no carro, sentando-se ao lado dele.

– Ouvi falar que você agora é móveis e utensílios da cidade – disse Ormsby, oferecendo a Steve cigarros de uma cigarreira de verniz, enquanto desligava o motor, que estava em ponto morto.

– Por enquanto.

Steve recusou os cigarros e, tirando do bolso fumo e papel de seda, acrescentou:

– Gosto de algumas coisas por aqui.

– Também ouvi falar que você teve emoções fortes esta noite.

– Um pouco – admitiu Steve, perguntando-se se Ormsby se referia à briga em que Kamp fora morto ou ao assalto à casa dos MacPhail, ou a ambas as coisas.

– Se você continuar nesse passo – continuou o filho do dono da fábrica – vai acabar roubando a cena e ofuscando meu brilho.

Steve sentiu um vibrar de nervos na nuca. As palavras e o tom de Larry Ormsby eram pausados, mas por trás deles havia a sugestão de que queriam levar a algum lugar – a algo muito concreto. Claro que ele não interceptara Steve apenas para bater papo. Acendendo o cigarro, Steve sorriu e esperou.

– A única coisa que recebi do velho até hoje, além de dinheiro – disse Larry Ormsby –, foi um sentido muito estrito de propriedade, daquilo que é meu. Sou muito certinho com isso, com essa coisa de achar que o que é meu, é meu, e deve continuar sendo. Não sei bem como reagir diante de um estranho que chega e, em apenas dois dias, se transforma na principal ovelha negra da cidade. Reputação, mesmo a reputação no mau sentido, também é propriedade, sabe? E acho que não devo abrir mão disso, *nem de*

qualquer outro direito, sem briga.

Pronto. Lá estava. Steve entendeu tudo. Não gostava de duplos sentidos. Mas agora já sabia qual era o jogo. O recado era para que ficasse longe de Nova Vallance.

– Uma vez conheci um sujeito em Onehunga – continuou, com a fala arrastada – que pensava ser o dono de todo o Pacífico abaixo do Trópico de Capricórnio – e tinha até papéis provando isso. Tinha ficado daquele jeito depois de receber uma porrada na cabeça de um maori, com um *mele* de pedra. Costumava nos acusar de estar roubando água do oceano dele.

Larry Ormsby jogou fora o cigarro e ligou o motor do carro.

– O negócio é que – e agora ele ria – um homem é inclinado a proteger aquilo que *pensa* que lhe pertence. Claro que talvez esteja enganado, mas isso não afeta o... vigor de seu esforço.

Steve estava cada vez mais furioso.

– Talvez você esteja certo – disse, devagar, disposto a fazer com que aquela conversa desembocasse logo numa crise –, mas nunca tive muitas propriedades, de maneira que não sei bem como me sentiria se perdesse alguma coisa. Mas vamos supor que eu tivesse um... digamos, um colete branco, do qual gostasse muito. E vamos supor que um homem me desse um tapa na cara e ameaçasse estragar minha roupa. Acho que eu não ia nem me lembrar do colete na hora de sair no braço com ele.

Larry deu uma risada aguda.

Steve agarrou no ar o punho que vinha em sua direção, imobilizando Ormsby com seu braço de aço, enrijecido pelo exercício com a bengala.

– Calma – disse, fitando os olhos apertados do outro, que dançavam. – Calminha.

Os dentes brancos de Larry Ormsby faiscaram sob o bigode.

– Está bem – disse, sorrindo. – Se soltar meu braço, vamos trocar um aperto de mão – como forma de selar a paz. Vou com a sua cara, Threefall. Você vai dar uma grande contribuição material aos prazeres de Izzard.

Já no quarto, no terceiro andar do Hotel Izzard, Steve Threefall tirou a roupa devagar, tolhido pelo braço esquerdo, imobilizado, e pelos pensamentos que lhe passavam pela cabeça. Tinha muito no que pensar. Larry Ormsby dando um tapa na cara do pai e ameaçando-o com uma automática. Larry Ormsby e a garota, numa conversinha íntima. Kamp morrendo numa rua escura, suas últimas palavras perdidas em meio à

chegada do xerife. Nova Vallance dando-lhe um revólver descarregado e convencendo-o a deixar o ladrão fugir. O relógio caído no chão e o roubo das economias do cego. A caravana que Larry Ormsby conduzira até o deserto. A conversa dentro do carro, com a troca de ameaças.

Será que havia alguma conexão entre cada uma dessas coisas? Ou seriam apenas acontecimentos isolados? Se houvesse uma conexão – e aquilo que no homem leva à simplificação de todos os fenômenos da vida, a unidade, fazia Steve acreditar que a conexão existia –, qual seria? Ainda intrigado, caiu na cama. E pulou fora outra vez. Uma inquietação, que até então fora algo vago, agora se materializava em sua mente. Foi até a porta, abriu-a e em seguida fechou-a. Era uma porta de carpintaria barata, mas abria e fechava silenciosamente, pois as dobradiças estavam bem azeitadas.

– Talvez eu esteja parecendo uma velhinha – disse baixinho –, mas acho que por hoje chega.

Bloqueou a porta com a penteadeira, deixou a bengala ao alcance da mão e voltou a se deitar, adormecendo.

Acordou com uma batida na porta, às nove da manhã seguinte. Quem batia era um dos subordinados de Fernie, dizendo que Steve devia se apresentar dentro de uma hora, para depor no inquérito sobre a morte de Kamp. Steve percebeu que o braço ferido não o incomodava. Pior estava um machucado que tinha no ombro – outra lembrança da briga de rua na noite anterior.

Vestiu-se, tomou café no hotel e foi para a “geladeira” de Ross Amthor, onde o inquérito teria lugar.

O magistrado era um homem alto, de ombros estreitos, com um rosto balofo e pálido, que examinava os processos sem se deter muito em aspectos técnicos da lei. Steve contou sua história. O xerife contou a dele e em seguida surgiu com um acusado – um austríaco muito forte, que parecia nem falar nem entender a língua deles. Tinha o pescoço e o queixo enfaixados.

– Foi esse o homem que você derrubou? – perguntou o magistrado.

Steve olhou para a parte visível da cara do austríaco, acima do curativo.

– Não sei. Não consigo ver a cara dele direito.

– Foi esse o cara que eu peguei caído na sarjeta – disse Grant Fernie –, seja ele o que você derrubou ou não. Imagino que você não tenha olhado muito bem para ele. Mas que foi esse o cara, foi.

Steve franziu o rosto, em dúvida.

– Eu o reconheceria – disse –, se ele levantasse o rosto para eu dar uma boa olhada.

– Tirem uma parte das faixas para que a testemunha possa vê-lo – ordenou o magistrado.

Fernie obedeceu, fazendo surgir um queixo machucado e inchado.

Steve olhou para o homem. Podia até ser um do bando, mas quase com certeza não era o cara que tinha posto a nocaute. Será que estava confundindo os rostos da briga?

– Você o identifica? – perguntou o magistrado, já impaciente.

Steve balançou a cabeça.

– Não me lembro de tê-lo visto.

– Escute só, Threefall – começou o xerife, acercando-se de Steve –, este é o cara que eu apanhei caído no chão. Um dos homens que, segundo seu relato atacou você e Kamp. Qual é, agora? Vai me dizer que esqueceu?

Steve respondeu devagar, teimando:

– Eu não sei. Só sei que esse aí não é o primeiro que eu atingi, aquele que botei a nocaute. Era um americano, tinha cara de americano. Era da altura desse aí, mas era outro.

O magistrado mostrou os dentes amarelos, num esgar de riso, e o xerife fuzilou Steve com os olhos, enquanto os jurados o olhavam com franca desconfiança. O magistrado e o xerife se retiraram para um canto da sala e lá conferenciaram aos sussurros, lançando olhares na direção de Steve.

– Muito bem – disse o magistrado quando terminou a conversa. – Isso é tudo.

Saindo do inquérito, Steve caminhou devagar de volta ao hotel, a mente fervilhando com mais esse entre os muitos mistérios de Izzard. Que explicação poderia haver para o fato de o homem apresentado pelo xerife não ser o mesmo que ele levantara da sarjeta na noite anterior? Outra coisa: o xerife tinha chegado imediatamente após a briga com os homens que haviam atacado ele e Kamp, e chegara fazendo barulho, o que impedira Steve de ouvir as últimas palavras do moribundo. Aquela chegada oportuna e o barulho por ela provocado seriam acidentais? Steve não sabia. E, por não saber, voltou para o hotel mergulhado em profundas reflexões.

No hotel, soube que sua mala chegara de Whitetufts. Levou-a para o quarto e trocou de roupa. Em seguida, carregou suas perplexidades para

perto da janela, onde se sentou e, fumando um cigarro atrás do outro, observou a ruela lá embaixo, a testa franzida sob o cabelo castanho. Seria possível que tantas coisas explodissem em torno de um homem em tão curto espaço de tempo, numa cidadezinha do tamanho de Izzard, sem que houvesse uma conexão entre elas – e entre elas e ele? E se ele estivesse sendo envolvido numa terrível rede de crime e intrigas, o que ela significaria? O que a provocara? Qual era a chave para entendê-la? A garota?

Pensamentos confusos brotavam de sua cabeça. Levantou-se.

Do outro lado da rua, um homem caminhava – um homem forte, vestido de azul manchado –, um homem com o pescoço e o queixo enfaixados. E a parte visível de seu rosto era da cara que Steve vira de cima para baixo, na luta. Era o rosto do homem que ele derrubara.

Steve disparou para a porta e dali desceu correndo os três lances de escada, atravessando a portaria e saindo pela porta dos fundos do hotel. Chegou à ruela a tempo de ver uma perna vestida de calça azul desaparecer por uma porta, no quarteirão seguinte. Foi para lá.

A porta dava para um prédio de escritórios. Steve procurou pelos corredores, para cima e para baixo, e não encontrou nem sinal do homem enfaixado. Voltou para o térreo e descobriu um canto escondido, junto à porta dos fundos, perto da escada. Da escada e da maior parte do corredor, não dava para ver o canto, pois este ficava escondido por um armário, onde se guardavam vassouras e esfregões. O homem tinha entrado pelos fundos do prédio. E provavelmente sairia por ali. Steve esperou.

Quinze minutos se passaram e ninguém apareceu diante do esconderijo de Steve. Foi quando ele ouviu, vindo da porta da frente, um risinho de mulher, seguido de passos, em sua direção. Encolheu-se ainda mais em seu canto empoeirado. Os passos seguiram em frente – um homem e uma mulher rindo e caminhando juntos. Subiram as escadas. Steve espiou na direção deles e voltou a se encolher, mais de surpresa do que de medo, porque os dois subiam as escadas abraçados.

O homem era Elder, o agente de seguros e imóveis. Steve não viu seu rosto, mas a roupa xadrez e o corpo gordo eram inconfundíveis. Era o “baixinho com terno de colegial”, como Kamp o descrevera. Enquanto o casal subia a escada, o braço de Elder enlaçava a cintura da mulher, que olhava para ele toda coquete, o rosto encostado em seu ombro. Era a esposa

de gestos felinos do dr. MacPhail.

– Que mais? – perguntou-se Steve, assim que eles sumiram de vista. – Será que há algo errado com a cidade inteira? O que será que vem por aí agora?

A resposta foi imediata – um som alucinado de passos, bem acima da cabeça de Steve. Passos que podiam ser de um bêbado ou de um homem lutando com um fantasma. Acima do barulho de sapatos no chão de madeira, surgiu um grito – um grito que deu um toque de horror e dor àquele som, que já parecia assombrado justamente por ser, sem dúvida, produzido por um ser humano.

Steve saiu dali de um salto e subiu os degraus de três em três, girando no corrimão ao chegar ao segundo andar e dando de cara com David Brackett, o banqueiro.

As pernas grossas de Brackett estavam abertas e ele balançava nelas. Seu rosto, por trás da barba, estava agônico e pálido. Havia grandes claros na barba, como se ela tivesse sido arrancada ou queimada. De seus lábios retorcidos, saíam fios de vapor.

– Eles me envenenaram... os malditos...

De súbito, ele ficou na ponta dos pés, seu corpo arqueou-se e ele desabou para trás, como um peso morto.

Steve ajoelhou-se a seu lado, mas sabia que não havia nada a ser feito. Sabia que Brackett morrera antes mesmo de cair ao chão. Por um instante, enquanto estava ali junto ao cadáver, uma chispa de pânico varreu seu cérebro, toldando-lhe a razão. Será que não haveria um fim para aquele permanente empilhar de mistério sobre mistério, de violência sobre violência? Steve sentia-se como se estivesse preso a uma teia monstruosa – uma teia sem fim nem começo, cuja trama estivesse pejada de sangue. Sentia-se nauseado – uma náusea física e espiritual – e impotente. E então ouviu um tiro.

Ficou de pé num pulo e disparou para o corredor, na direção do disparo, tentando, num frenesi de atividade física, fugir do horror que há pouco o tomara.

Ao fim do corredor havia uma placa dizendo CORPORAÇÃO DE NITRATO ORMSBY, W.W. ORMSBY, PRESIDENTE. Steve não tinha dúvidas de que o tiro viera de trás daquela placa. Enquanto corria até lá, ouviu novo disparo e o baque de um corpo, caindo contra a porta.

Steve escancarou-a e pulou para dentro, evitando pisar no homem que estava caído no chão. Junto à janela, Larry Ormsby estava de pé, de frente para a porta, com uma automática preta na mão. Seus olhos se moviam num regozijo alucinado e a boca estava retorcida por um sorriso contido.

– Olá, Threefall – disse. – Vejo que você continua no olho do furacão.

Steve olhou para o homem que estava caído no chão. Era W.W. Ormsby. Havia dois buracos de balas no bolso superior esquerdo de seu colete. Os buracos, distantes pouco mais de dois centímetros um do outro, tinham sido feitos com tal precisão que não podia haver dúvida de que o homem estava morto. Steve lembrou-se da ameaça de Larry a seu pai: “Vou estragar sua roupa!”.

Desviou os olhos do morto e observou o assassino. Os olhos de Larry Ormsby, duros, faiscavam. A pistola estava leve em sua mão, segura com um certo relaxamento, típico dos pistoleiros profissionais.

– Não é nada pessoal com você, é? – perguntou ele.

Steve balançou a cabeça. E ouviu uma confusão de passos e vozes excitadas no corredor.

– Ótimo – continuou o assassino. – E eu sugiro que você...

Ele se calou quando vários homens entraram no escritório. Grant Fernie, o xerife, estava entre eles.

– Está morto? – perguntou, mal olhando para o homem no chão.

– Bastante – respondeu Larry.

– Como foi?

Larry Ormsby umedeceu os lábios, não nervoso, mas pensativo. Depois sorriu para Steve e contou sua história.

– Threefall e eu estávamos conversando junto à porta da frente, quando ouvimos um tiro. Achei que tinha vindo daqui, mas Threefall achou que tinha sido do outro lado da rua. Na dúvida, subimos para dar uma olhada – não sem antes fazermos uma aposta. Sendo assim, Threefall me deve um dólar. Subimos até aqui e, assim que chegamos no andar, ouvimos outro tiro. E Bracket saiu correndo daqui de dentro, com este revólver na mão.

Ele deu a automática para o xerife e continuou:

– Deu alguns passos, gritou e caiu. Você o viu lá fora?

– Vi – disse Fernie.

– Bem, Threefall foi dar uma olhada nele enquanto eu entrava para ver se estava tudo bem com meu pai, e o encontrei morto. Foi isso.

Assim que as pessoas saíram do escritório do homem assassinado, Steve foi caminhando devagar pela rua. Não tinha nem desmentido nem confirmado a versão criada por Larry Ormsby. Ninguém lhe perguntara nada. No início, ficara estupefato demais com a desfaçatez do assassino. E, recobrando a verve, decidira ficar de bico calado por um tempo.

E se tivesse contado a verdade? Será que teria ajudado a Justiça? Existiria um meio de ajudar a Justiça em Izzard? Se ele soubesse o que havia por trás daquela fieira de crimes, talvez pudesse ter decidido o que fazer. Mas não sabia – não sabia sequer se havia de fato alguma coisa por trás de tudo. E, assim, ficou quieto. O inquérito só começaria no dia seguinte – e seria então a ocasião para falar, após uma noite para pensar no assunto.

Por enquanto, só conseguia entender um fragmento da história de cada vez. As lembranças, confusas, giravam em seu cérebro, formando imagens desconexas. Elder e a sra. MacPhail subindo a escada – para onde? E o que acontecera com eles? O que acontecera ao homem com o queixo e o pescoço enfaixados? Será que os três tinham alguma coisa a ver com o crime? Será que Larry tinha matado tanto o banqueiro quanto o próprio pai? E como é que o xerife tinha aparecido por acaso na cena do crime, logo depois de tudo acontecer?

Com esses pensamentos tumultuados, Steve foi para o hotel e se estendeu na cama, ali ficando por cerca de uma hora. Em seguida, levantou-se e foi até o Banco de Izzard, tirou o dinheiro que tinha, colocou-o cuidadosamente no bolso e voltou para o hotel, deitando-se de novo na cama.

Nova Vallance, envolta em crepe amarelo, estava sentada no primeiro degrau da varanda dos MacPhail quando Steve atravessou o jardim florido naquela noite. Ela lhe deu boas-vindas calorosas, sem tentar esconder o fato de que o esperava com impaciência. Steve sentou-se no degrau ao lado dela, virando-se um pouco para poder observar melhor o oval melancólico de seu rosto.

– Como está seu braço? – perguntou ela.

– Ótimo! – Steve abriu e fechou a mão esquerda, num segundo. – Imagino que você tenha ouvido falar da confusão de hoje.

– Claro! Que o sr. Bracket matou o sr. Ormsby e em seguida morreu de ataque cardíaco.

– Hein? – perguntou Steve.

– Mas você não estava lá? – surpreendeu-se a moça.

– Estava. Mas quero que você me conte direitinho o que foi que ouviu.

– Ah, eu ouvi de tudo! Mas o que realmente sei é o que o dr. MacPhail me contou, depois de examinar os dois corpos.

– E o que foi que ele contou?

– Que o sr. Brackett matou o sr. Ormsby com um tiro, embora ninguém saiba por quê. E então, antes que pudesse sair do prédio, teve um ataque cardíaco e morreu.

– E ele sofria do coração?

– Sofria. O dr. MacPhail tinha dito a ele um ano atrás que tivesse cuidado, porque qualquer emoção forte que tivesse poderia ser fatal.

Steve segurou-a pelo pulso.

– Pense bem – ordenou –, alguma vez você ouviu o dr. MacPhail comentar que o sr. Brackett tinha um problema cardíaco, antes do dia de hoje?

Ela o encarou, curiosa, e um brilho de encantamento faiscou em seus olhos.

– Não – respondeu devagar. – Acho que não. Mas é claro que não havia nenhuma razão para que ele tivesse me falado sobre isso antes. Por que você está perguntando?

– Porque – disse Steve – Brackett *não atirou* em Ormsby. E qualquer ataque cardíaco que tenha matado Brackett foi causado por envenenamento – por um veneno que lhe queimou o rosto e a barba.

Ela soltou um grito de horror.

– Você acha que – e parou, dando uma olhada por cima do ombro para a porta da casa e em seguida inclinando-se e sussurrando – ...você não... você não disse que o homem morto na briga de ontem à noite se chamava Kamp?

– Disse.

– Bem, o relatório, ou seja lá o que for que o dr. MacPhail fez depois de examiná-lo, traz o nome de Henry Cumberpatch.

– Tem certeza? Tem certeza de que é o mesmo homem?

– Tenho. O vento jogou o relatório no chão e, quando fui apanhá-lo e o dei de volta ao doutor, ele brincou – ela corou, dando um risinho. – Brincou dizendo que por pouco aquele relatório não era seu e não de seu companheiro. Foi quando eu dei uma olhada no papel e vi que estava em

nome de Henry Cumberpatch. O que significa isso? O que será que...

O portão da frente se abriu com barulho e um homem entrou vacilante. Steve levantou-se, segurou a bengala com força e deu um passo à frente, interpondo-se entre a garota e o homem. O rosto do homem surgiu da penumbra. Era Larry Ormsby. Quando falou, sua voz estava pesada de bebida, o que combinava com o jeito vacilante – não totalmente descontrolado, mas quase – com que andava.

– Escuta aqui... – disse. – Eu estou... bem perto...

Steve foi na direção dele.

– Se a srta. Vallance nos desculpar – disse – vamos até o portão para poder conversar melhor lá fora.

Sem esperar por uma resposta de quem quer que fosse, Steve enfiou o braço no braço de Ormsby e carregou-o rumo à calçada. No portão, Larry se desvencilhou dele e, livre, confrontou Steve.

– Não tenho tempo para bobagens! – rosnou. – Você tem de se mandar! Dar o fora de Izzard!

– Mesmo? – perguntou Steve. – E por quê?

Larry encostou-se na cerca e ergueu uma das mãos, num gesto de impaciência.

– A vida de vocês não vale um tostão... de nenhum dos dois.

Vacilou novamente e tossiu. Steve agarrou-o pelo ombro e encarou-o.

– O que há com você?

Larry tossiu outra vez e levou a mão ao peito, perto do ombro.

– Uma bala... lá em cima... no Fernie. Mas eu o agarrei... o bandido. Atirei-o de uma janela... despencou de lá como um garoto pulando para pescar moedas – deu uma risada estridente e em seguida empertigou-se. – Pegue a garota... e se mande... agora! Agora! Agora! Mais dez minutos e será tarde. Eles estão vindo!

– Quem? Como? Por quê? – disparou Steve. – Fale sério! Não confio em você. Tenho boas razões para isso.

– Razões, Deus do céu! – gritou o homem ferido. – Você vai ter suas razões. Pensa que estou tentando assustar você, para que saia da cidade antes do inquérito. – Deu uma risada insana. – Inquérito! Seu idiota! Não vai haver inquérito algum! Não vai haver amanhã... para Izzard! E você...

Controlando-se com esforço, pegou uma das mãos de Steve entre as suas.

– Ouça – disse. – Vou lhe contar tudo, mas estamos perdendo tempo! Mas se você quer saber, então ouça.

“Izzard é um embuste! A maldita cidade inteira é uma farsa. Birita, é o nome da coisa. O homem que eu matei hoje à tarde, aquele que você pensou que fosse meu pai, foi quem começou tudo. Para fabricar nitrato de sódio, é preciso ferver o nitrato em tanques, com serpentinas aquecidas. Ele teve a idéia de fazer uma usina de nitrato que seria na verdade a fachada para uma fábrica ilegal de bebida. E concluiu também que, se a cidade inteira estivesse trabalhando junto com ele, ninguém ia poder botar areia na história.

“Você bem pode imaginar o quanto de dinheiro existe neste país na mão de pessoas interessadas em investir num negócio de contrabando de bebida que tenha uma fachada legal. Não estou falando só dos vigaristas, mas também de homens que se consideram honestos. Pegue seu palpite, qualquer que seja ele, e dobre, e mesmo assim ainda vai estar a vários milhões de distância. Existem homens que... Bem, mas o fato é que Ormsby levou seu esquema para o Leste e conseguiu apoio – um sindicato que poderia ter levantado dinheiro suficiente para construir uma dúzia de cidades.

“Ormsby, Elder e Brackett eram os caras que comandavam tudo. Eu estava aqui para ter certeza de que eles não estavam passando o sindicato para trás. Abaixo deles, vem um bando de paus-mandados, todos muito confiáveis, como Fernie, MacPhail e Heman – que é o chefe do correio – e Harker – outro médico, que dançou na semana passada – e Leslie, que posava de pastor. Não foi difícil conseguir a população que queríamos. Correu a notícia de que a nova cidade era um lugar onde qualquer vigarista podia se dar bem, desde que fizesse o que lhe fosse mandado. As favelas de todas as cidades americanas, e metade das de outros lugares, esvaziaram – veio todo mundo para cá. Cada bandido que estava a ponto de ser apanhado e que tinha como chegar até aqui veio e ganhou guarida.

“Claro que, com toda essa gente barra-pesada vindo para cá, muitos detetives vieram atrás. Mas eles não eram muito difíceis de se lidar e, na pior das hipóteses, nós deixávamos a lei prender um cara ou outro. Mas era fácil cuidar dos tiras. Temos banqueiros, pastores, médicos e chefes de correio, um monte de homens proeminentes para dar um jeito nos policiais, fosse com uma bala perdida, fosse fazendo com que caíssem numa

armadilha. Na penitenciária estadual, você vai achar um monte de caras que vieram aqui – a maioria agentes de combate às drogas e ao contrabando de bebidas – e que, antes de abrir o olho, já estavam enredados.

“Nunca houve um plano tão perfeito! Não tinha como falhar – exceto se nós mesmos jogássemos areia. E foi o que fizemos. Era bom demais para nós. Tinha dinheiro demais envolvido – e isso nos subiu à cabeça! Primeiro, fizemos tudo direitinho com o sindicato. Fabricávamos a bebida e entregávamos o produto – em vagões de carga, em caminhões, fazíamos tudo e, com isso, obtínhamos dinheiro suficiente para o sindicato e para nós. Até que tivemos uma idéia – a grande idéia! Continuamos a fabricar a bebida, mas essa grande idéia era coisa só para nós. O sindicato ficaria de fora.

“Em primeiro lugar, veio o plano para fraudar o seguro. Elder cuidou de tudo, com três ou quatro ajudantes. Lá entre eles, esses caras se tornaram agentes de metade das seguradoras do país e começaram a forjar apólices em Izzard. Escolhiam alguém que nunca tivesse vivido aqui, faziam um seguro no nome dele e em seguida o cara era morto – às vezes, a pessoa morria só no papel, às vezes alguém que morria de verdade tinha seu nome usado, mas havia outras ocasiões em que encomendávamos o assassinato de um ou outro. Era moleza. Tínhamos conosco os agentes de seguro, os médicos, o magistrado, o dono da funerária, todos os funcionários da cidade. Tínhamos uma máquina bem azeitada, capaz de pôr em movimento qualquer plano. Você estava com Kamp na noite em que ele foi morto. Esse foi um dos bons. Era investigador de uma companhia de seguros – as empresas estavam começando a desconfiar. Veio para cá e cometeu o erro de mandar relatórios pelo correio. São raras as cartas de forasteiros que são mandadas daqui sem que sejam lidas por nós. Lemos os relatórios, ficamos com eles e, no lugar, mandamos relatórios falsos, dizendo qualquer bobagem. Depois, apagamos o Kamp e trocamos o nome dele no atestado de óbito, para encaixar numa apólice de seguro da própria companhia dele. Genial, não acha?

“O golpe do seguro não se resumia a homens – incluía também carros, casas, móveis, qualquer coisa que pudesse ser segurada era forjada. No último censo – distribuindo as pessoas com as quais podíamos contar, uma em cada casa, com uma lista de cinco ou seis nomes – conseguimos para os registros uma população pelo menos cinco vezes maior do que a verdadeira.

Isso nos deu espaço para muitas apólices, muitas mortes, muitos seguros de propriedades, muita coisa. E nos deu tanta influência política no condado e no estado que nos garantiu um alcance cem vezes maior, tornando todo o esquema ainda mais seguro.

"Você vai encontrar ruas e ruas de casas que não têm nada dentro, exceto aquilo que se vê da janela da frente. Custa caro construí-las, mas o dinheiro já foi todo recuperado e, quando chegar a hora, elas vão dar muito lucro.

"Aí, quando o golpe do seguro já estava rolando, inventamos a história das promoções. Há centenas de corporações em Izzard que são apenas nomes e fachadas – mas seus certificados de ações e bônus têm sido vendidos de um lado a outro dos Estados Unidos. E as empresas compram mercadorias, pagam por elas e depois as embarcam, para se livrar delas – talvez no prejuízo –, ao mesmo tempo em que fazem mais e mais encomendas, até terem um tal crédito com os fabricantes que você ficaria tonto só de ouvir. Fácil! Afinal, o banco de Brackett não estava aqui para dar as referências que eles queriam? Não custava nada. As empresas iam recebendo cada vez mais crédito, até alcançar o ponto máximo. Então, com as mercadorias embarcadas para serem vendidas por debaixo do pano, bingo! A cidade é destruída por um incêndio. Os estoques de mercadorias seriam supostamente queimados. Os elegantes edifícios que os investidores de fora pensam existir também. Os livros e registros, *idem*. Tudo queimado.

"Que jogada! Tive de me virar para tapear o sindicato, tentando evitar a todo custo que eles descobrissem os nossos planos. Eles são muito desconfiados para levar a coisa por mais tempo. Mas está quase tudo pronto para o grande incêndio – o fogo, que vai começar na fábrica e lamber a cidade inteira –, e o dia que tínhamos marcado é o próximo sábado. É o dia em que Izzard será transformada num monte de cinzas – num monte de valiosas apólices de seguro.

"O povinho da cidade não vai saber de nada sobre a melhor parte do plano. Aqueles que suspeitam de alguma coisa pegam sua grana e calam o bico. Quando a cidade virar fumaça, vai haver centenas de corpos encontrados nos escombros – todos segurados – e vão surgir provas da morte de outros tantos – igualmente segurados –, cujos corpos jamais serão encontrados.

"Nunca houve um golpe igual! Mas era bom demais para nós. Foi culpa

minha – pelo menos em parte –, mas teria ido para o buraco de qualquer maneira. A gente sempre dava um jeito nas pessoas que chegavam aqui com cara de honestas demais, ou sabidas demais. E queríamos ter absoluta certeza de que não haveria uma dessas pessoas nem no correio, nem no armazém da ferrovia, nem no posto telegráfico ou na companhia telefônica. Se a ferrovia, os telégrafos ou a companhia telefônica mandavam alguém para trabalhar aqui e nós percebíamos que era alguém que não podíamos enquadrar no esquema, aí dávamos um jeito de tornar o lugar desagradável para eles – e geralmente eles desapareciam rapidinho.

"Mas aí os telégrafos mandaram Nova para trabalhar aqui, e eu gostei dela. No início, só a achava bonita. Há mulheres de todo tipo aqui em Izzard, mas geralmente elas eram só isso, mulheres de todo tipo. Nova, não. Nova era diferente. Já fiz muita merda na vida, mas nunca consegui me livrar de um certo fastio no meu gosto por mulheres. Eu... bem, o fato é que os outros – Brackett, Ormsby, Elder e o bando – queriam dar um jeito em Nova. Eu os convenci do contrário. Disse que deixassem a garota quieta, que eu a faria passar para o nosso lado em breve. Achava mesmo que podia fazer isso. Ela gostava de mim, ou pelo menos parecia gostar, mas o fato é que eu não consegui ir muito além disso. Não fiz nenhum progresso. Os caras começaram a ficar impacientes, e eu enrolando, dizendo que tudo ia dar certo, que se fosse preciso eu me casaria com ela, para não haver mais risco de ela abrir a boca. Eles não ficaram nada satisfeitos. Não foi nada fácil evitar que ela descobrisse o que estava acontecendo – trabalhando no posto telegráfico –, mas, de um jeito ou de outro, nós conseguimos.

"O próximo sábado seria o dia escolhido para o fogaréu. Ormsby foi me ver ontem – e disse na minha cara que se eu não conseguisse que Nova ficasse do nosso lado, eles iam acabar com ela. Não sabiam o quanto ela já tinha descoberto e não queriam correr riscos. Eu disse a ele que o mataria se ele tocasse na garota, mas sabia que não ia conseguir convencê-los a mudar de idéia. Hoje, a coisa estourou. Soube que ele tinha dado ordem para acabarem com a garota esta noite. Fui até o escritório dele tirar as coisas a limpo. Brackett estava lá. Ormsby me cumprimentou e negou que tivesse dado a ordem para acabar com a garota. Em seguida, serviu bebida para nós três. Achei a bebida estranha. Esperei para ver o que ia acontecer. Brackett tomou a sua de um gole. Estava envenenada. Ele saiu pela porta, caindo morto lá fora, enquanto eu acabava com Ormsby.

“O jogo estava terminado! Era bom demais para nós. Todo mundo agora quer beber o sangue do outro. Não consegui encontrar Elder – mas o Fernie tentou me empurrar de uma janela. E ele é o braço direito de Elder. Quero dizer, era... porque ele também virou presunto. Acho que esse troço no meu peito é dos grandes... estou... mas você ainda pode tirar a garota daqui. Você tem de fazer isso! Elder vai querer ir em frente com o golpe, fazer tudo sozinho. Vai pôr fogo na cidade hoje à noite. É agora ou nunca para ele. Ele vai tentar...”

Um grito cortou a escuridão.

– Steve! *Steve*! *Steve*!

Steve contornou o portão, pulou os canteiros de flores e atravessou a varanda. Num segundo, estava dentro da casa. Atrás dele, ouvia o ruído dos passos de Larry Ormsby. Um vestíbulo vazio, uma sala vazia, mais outra. Não havia ninguém ali no térreo. Steve subiu as escadas. Havia uma nesga de luz embaixo de uma das portas. Ele a abriu, sem saber nem se importar se estava ou não trancada. Simplesmente se jogou de ombro contra a porta e entrou. Encostado a uma mesa no centro do quarto estava o dr. MacPhail, lutando com a garota. Agarrava-a por trás, com os braços, tentando imobilizá-la. A garota se contorcia e gritava, parecendo um gato enlouquecido. Diante dela, a sra. MacPhail erguia no ar uma maça.

Steve voou no braço alvo da mulher, um vôo cego, sem direção nem intenção. A arma escura atingiu-lhe braço e ombro, e ele cambaleou para trás. Largando a garota, o dr. MacPhail pulou nas pernas de Steve, agarrou-as e derrubou-o. Os dedos de Steve escorregavam pela cabeça calva do médico, sem conseguir agarrá-lo pelo pescoço grosso, até que encontraram uma orelha, cravando-se na carne embaixo dela.

O médico bufava e se contorcia, tentando se libertar dos dedos de Steve. Mas este tinha um joelho livre – e enfiou-o na cara do médico. A sra. MacPhail debruçou-se sobre ele, erguendo a maça preta que ainda trazia nas mãos. Steve tentou agarrar-lhe o tornozelo e não conseguiu, mas o golpe da maça veio oblíquo, atingindo-o de raspão no ombro. Steve torceu-se para o lado e se pôs de quatro, imediatamente caindo de barriga no chão, ante o impacto do corpo do médico, que acabara de pular em suas costas.

Rolou no chão e conseguiu passar para cima, ainda sentindo a respiração quente do médico na nuca. Ergueu então a cabeça e deu com ela uma pancada para trás – com toda a força. Mais uma vez, bateu, atingindo o

rosto de MacPhail com a parte de trás da cabeça. Os braços do médico afrouxaram e Steve, de um pulo, ficou de pé, vendo que a luta tinha terminado.

Larry Ormsby, junto à porta, sorria um sorriso maléfico, enquanto apontava a pistola para a sra. MacPhail, emburrada, perto da mesa. A maça estava no chão, aos pés de Larry.

Encostada ao outro extremo da mesa, estava a garota, mal conseguindo manter-se de pé, com uma das mãos no pescoço machucado, os olhos esbugalhados de medo. Steve foi até ela.

– Vai nessa, Steve! Não há tempo para teatrinho. Você está de carro? – A voz de Larry Ormsby era ríspida.

– Não – respondeu Steve.

Larry xingou – uma explosão de nomes sujos – e em seguida disse:

– Vamos no meu. Ele corre mais do que qualquer outro. Mas você não pode ficar aqui esperando enquanto eu vou buscá-lo. Leve Nova até a cabana do cego Rymer. Eu pego vocês lá. Ele é a única pessoa na cidade em quem você pode confiar. Vá logo, droga! – gritou.

Steve olhou para a cara amarrada da sra. MacPhail, depois para o marido, agora se levantando devagar, com o rosto todo ensangüentado.

– E eles?

– Não se preocupe com eles – respondeu Larry. – Pegue a garota e vá para a casa do Rymer. Deixe que eu cuido do casal. Em quinze minutos, estarei lá com o carro. Vá!

Steve franziu os olhos, observando o homem encostado à porta. Não confiava nele, mas como em Izzard tudo era igualmente perigoso, não faria diferença ir ou não ir. E talvez pudesse afinal acreditar em Larry Ormsby dessa vez.

– Está bem – respondeu, virando-se para a garota. – Pegue um casaco pesado.

Cinco minutos depois, os dois estavam correndo pelas mesmas ruas escuras que tinham atravessado na noite anterior. A menos de um quarteirão da casa, ouviram ao longe um estampido, depois outro. A garota olhou rápido para Steve, mas não disse nada. Ele esperou que ela não tivesse entendido o que os dois tiros significavam.

Não viram ninguém. Rymer ouvira e reconhecera os passos da garota na calçada e abrira a porta antes que eles batessem.

– Entre, Nova – disse ele, caloroso. Em seguida, estendeu a mão para Steve. – É o sr. Threefall, não é?

Fez com que os dois entrassem na cabana escura e em seguida acendeu a lâmpada de óleo sobre a mesa. Steve se apressou em dizer, em resumo, o que Larry Ormsby lhe contara. A garota ouvia a tudo com olhos arregalados e uma expressão abatida. O rosto do cego perdeu a serenidade. Enquanto ouvia, ele pareceu de repente mais velho e cansado.

– Ormsby disse que pegaria o carro e viria nos encontrar – disse Steve. – Se ele vier mesmo, o senhor virá conosco, sr. Rymer. Se o senhor disser o que quer levar, nós podemos ir recolhendo as coisas. Assim, não vamos perder tempo quando ele chegar... se chegar. – Virou-se para a garota: – O que você acha, Nova? Ele vem? E, se vier, será que podemos confiar nele?

– Eu... espero que sim. Ele não é de todo mau, eu acho.

O cego foi até um guarda-roupa, no outro extremo do quarto.

– Não tenho nada para levar comigo – disse –, mas vou vestir um agasalho.

Abriu a porta do guarda-roupa no canto do quarto, para trocar-se protegido por ela, como se fosse um biombo. Steve foi até a janela e ficou parado, entre a cortina e a esquadria, espiando a rua escura lá fora, onde nada se movia. A garota estava junto dele, agarrada a seu braço, os dedos cravados na manga de seu casaco.

– Será que nós vamos... vamos...?

Ele a trouxe para si e respondeu à pergunta sussurrada, que ela sequer conseguira terminar.

– Vamos, sim – disse. – Com ou sem a ajuda de Larry, vamos conseguir.

Um rifle foi disparado, em algum ponto da rua principal. Seguiu- se uma saraivada de tiros de pistola. O Vauxhall creme surgiu do nada e parou na calçada, a dois passos da porta. Larry Ormsby, sem chapéu e com a camisa toda aberta, deixando à mostra um buraco de bala abaixo da clavícula, saiu do carro aos trambolhões e entrou pela porta, que Steve acabara de abrir.

Larry fechou a porta atrás de si com o pé, caindo na risada.

– Izzard está fervendo, numa boa! – gritou, batendo palmas. – Vamos, vamos! O deserto espera!

Steve virou-se para chamar o homem cego. Rymer deu um passo, saindo de trás da porta do armário. Em cada uma das mãos, trazia um revólver

pesado. A névoa em seus olhos desaparecera.

Com seu olhar agora penetrante e frio, observava os dois homens e a garota.

– Mãos para cima, todos vocês – ordenou, ríspido.

Larry Ormsby deu uma risada insana.

– Você alguma vez já viu um louco em ação, Rymer? – perguntou.

– Mãos para cima!

– Rymer – disse Larry –, eu estou morrendo. Vá para o inferno!

E num segundo tirou uma pistola automática preta do bolso interno do casaco.

Os revólveres nas mãos de Rymer sacudiram a cabana, com uma detonação atrás da outra.

Caindo sentado no chão por causa da rajada de balas que praticamente lhe destroçara o corpo, Larry encostou as costas na parede, enquanto o ruído agudo e estalado de sua arma, mais leve, mesclava-se ao barulho dos revólveres do falso cego.

Tendo pulado instintivamente para o lado no primeiro tiro, levando a garota com ele, Steve atirava-se agora para cima de Rymer. Mas, assim que o agarrou, o barulho cessou. Rymer oscilava e até os revólveres em suas mãos de repente pareciam bambos. Ele se desvencilhou – seu pescoço, seco como papel, escapando à mão de Steve – e num instante era apenas um volume sem vida no chão.

Steve afastou com um chute os dois revólveres caídos no chão e em seguida foi para junto da moça, ajoelhada ao lado de Larry Ormsby. Larry sorriu para Steve, seus dentes brancos cintilando.

– Já fui, Steve – disse. – Aquele Rymer... nos enganou a todos... aquela membrana de mentira nos olhos... pintada... espião do sindicato do rum.

Ele se contorceu e seu sorriso tornou-se rígido, tenso.

– Você se importa se apertarmos as mãos, Steve? – perguntou em seguida.

– Você é um cara legal, Larry. – Foi tudo o que Steve conseguiu dizer.

O moribundo pareceu satisfeito. Seu sorriso tornou-se outra vez real.

– Sorte sua... Vai conseguir dar 160 por hora no Vauxhal – conseguiu dizer.

Então, parecendo ter esquecido a garota por quem dera a vida, deu mais um sorriso para Steve e morreu.

A porta da frente escancarou-se – e duas caras espiaram para dentro. Os donos das caras entraram.

Ficando de pé num segundo, Steve girou a bengala. Um osso estalou como uma chicotada, um homem recuou, levando a mão à testa.

– Fique colada em mim! – gritou Steve para a garota, e sentiu as mãos dela nas costas.

Vários homens surgiram na porta. Um revólver invisível disparou e um pedaço do teto veio ao chão. Steve girava a bengala, abrindo caminho em direção à porta. Atrás dele, a luz da lâmpada brilhava, refletindo-se no bastão de madeira, que rodopiava. Ele batia de trás para a frente, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda. A bengala movia-se como uma coisa viva, parecendo dobrar-se a partir do meio, onde a mão a agarrava, como se feita de molas de aço. O brilho dos meios círculos crescia, fundindo-se numa esfera mortal. O ritmo incessante dos golpes contra a carne e o estalar de ossos tornaram-se a melodia de fundo, em meio aos grunhidos dos homens em luta, gemidos e xingamentos dos que eram golpeados. Steve e a garota atravessaram a porta.

Em meio a um tumulto de pernas e braços, viram o Vauxhall cor de creme. Havia homens trepados em cima do carro para, do alto, lutar melhor. Steve foi em frente, brandindo a bengala contra canelas e coxas, arrancando os homens de cima do automóvel. Com a mão esquerda, puxou a garota para junto de si. O corpo dele balançava ante o peso dos golpes, vindo de homens que estavam próximos demais para conseguir bater direito e cujas pancadas caíam sobre Steve meio abafadas.

De repente, ele perdeu a bengala. Num segundo, tinha o bastão nas mãos e girava-o. No instante seguinte, seu punho estava fechado sobre o vazio – e a bengala de ébano desaparecera como num passe de mágica. Steve lançou a garota por cima da porta do carro, enfiando-a lá dentro – empurrando-a sobre as pernas de um homem que estava ali –, ouviu um estalo de osso e viu o homem desabar. Mãos o agarravam de todos os lados. Mãos o golpeavam. Ele deu um grito de alegria quando viu que a garota, espremida no chão do carro, tentava, com suas mãos ridiculamente pequenas, dar a partida no motor.

O carro começou a andar. Segurando-se com as duas mãos, Steve chutou para fora e para trás com as pernas. Depois pulou de volta no estribo. Com a mão aberta, porque não tivera tempo nem de fechar o punho,

deu um golpe por cima da cabeça da garota, atingindo com a ponta dos dedos uma cara larga e vermelha.

O automóvel se movia. Uma das mãos da garota conseguiu se esgueirar para cima e agarrar o volante, mantendo o carro em linha reta pela rua que ela não enxergava. Caiu um homem em cima dela. Steve tirou-o fora – arrancando-lhe pedaços, arrancando cabelos e pele. O automóvel deu uma guinada, raspou a parede de um prédio.

Os homens que estavam daquele lado caíram todos. As mãos que estavam seguras em Steve se desprenderam dele, levando com elas boa parte de sua roupa. Steve arrancou um homem do banco de trás e atirou-o na rua, que passava sob eles. E só então sentou-se no carro, ao lado da garota.

Tiros de pistola explodiram atrás deles. De uma casa, alguns metros à frente, um rifle foi esvaziado, com estrondo, na direção dos dois, crivando o pára-choques de balas. Então, de repente, o deserto – branco e macio como uma gigantesca cama de hospital – estava em torno deles. Fosse o que fosse que os perseguia, havia ficado para trás.

Depois de um tempo, a garota diminuiu a marcha e parou o carro.

– Você está bem? – perguntou Steve.

– Estou. Mas você...

– Está tudo no lugar – garantiu ele. – Deixe que eu dirijo.

– Não, não – protestou a moça. – Você está sangrando e...

– Não, não! – debochou ele, imitando a garota. – É melhor irmos andando, até chegarmos a algum lugar. Não estamos longe o suficiente de Izzard para ter certeza de que estamos seguros.

Steve tinha medo de que, se a moça tentasse cuidar de seu ferimento, ele acabasse se desfazendo em seus braços. Era o que tinha vontade de fazer.

Ela deu partida no carro e foram em frente. Steve sentiu uma sonolência. Que luta! Que luta!

– Olhe só para o céu – disse a moça.

Steve abriu os olhos pesados. À frente e acima deles, o céu estava se iluminando – de azul-escuro para violeta, então para malva e cor-de-rosa. Steve virou-se e olhou para trás. No ponto em que ficava Izzard, queimava uma gigantesca fogueira, pintando o céu com um brilho de jóia.

– Adeus, Izzard – disse Steve, sonolento, afundando no banco do carro.

Deu mais uma espiada no céu rosado à frente.

– Minha mãe cultiva prímulas em seu jardim em Delaware que parecem um pouco com isso – disse, já meio dormindo. – Você vai gostar de vê-las.

Sua cabeça escorregou para o ombro da garota e ele adormeceu.

OceanofPDF.com

DETETIVE DE PLANTÃO

O detetive do Hotel Montgomery recebera a mixaria da semana anterior em forma de mercadoria, em vez de dinheiro, das mãos do contrabandista de bebidas. Em seguida, bebeu tudo e adormeceu no *hall* do hotel. Resultado: foi despedido. Como eu era o único dando sopa na filial de San Francisco da Agência de Detetives Continental, fui encarregado de dar plantão no hotel durante três dias, enquanto eles procuravam alguém em definitivo.

O Montgomery era um hotel calmo, de boa qualidade, e eu acabei tendo uma temporada muito tranqüila – até o terceiro e último dia. Aí, tudo mudou. Desci até o *lobby* naquela tarde e encontrei Stacey, o subgerente, doido atrás de mim.

– Uma das arrumadeiras acabou de ligar. Parece que tem alguma coisa errada no 906 – disse.

Subimos juntos até lá. A porta estava aberta. No meio do quarto, uma arrumadeira olhava com olhos arregalados para a porta fechada do guarda-roupa. Da fresta da porta, saía um rio de sangue, serpenteando em nossa direção por quase meio metro.

Tomando a frente da arrumadeira, fui até o armário e forcei a porta. Estava destrancada. Abri. Lentamente, duro como um pau, caiu nos meus braços um homem – caiu de costas –, e em suas costas o sobretudo, empapado e pegajoso, exibia um rasgão de quinze centímetros.

Aquilo não me surpreendeu: o sangue no chão já havia me preparado para alguma coisa do tipo. Mas quando outro cadáver caiu do guarda-roupa – este, de frente para mim, olhando-me com seu rosto escuro, desfigurado –, eu deixei cair o primeiro e dei um pulo para trás.

E, assim que pulei, um terceiro homem caiu lá de dentro, por cima dos outros.

Atrás de mim, ouvi um grito e um baque. Era a arrumadeira desmaiando. Eu próprio não estava lá muito bem das pernas. Não sou um cara delicado, e já vi um bocado de coisas feias na vida, mas nas semanas seguintes eu guardaria nas retinas a imagem daqueles três cadáveres pulando de dentro do armário e caindo nos meus pés. E caindo devagar, quase como se fizessem de propósito, numa brincadeira macabra de “faça-tudo-o-que-seu-mestre-mandar”.

Olhando aqueles homens, não poderia restar dúvida de que estavam mortos. Cada detalhe daquela queda e cada detalhe da pilha em que jaziam agora guardavam uma certeza horripilante de morte.

Virei-me para Stacey, que, branco como um papel, mantinha-se de pé apoiando-se no pé de metal da cama.

– Tire a moça daqui! Vá chamar um médico... A polícia!

Desfiz a pilha de corpos, colocando-os lado a lado numa fila horripilante, com os rostos para cima. Em seguida, examinei rapidamente o quarto.

Um chapéu mole, que cabia em um dos mortos, fora jogado sobre a cama, que não fora desfeita. A chave estava na porta, do lado de dentro. Não havia sangue pelo quarto, a não ser o que escorrera de dentro do guarda-roupa, e o quarto não tinha sinais de luta.

A porta para o banheiro estava aberta. No fundo da banheira, havia uma garrafa de gim quebrada. Pelo cheiro forte e pela maneira como a banheira estava molhada, imaginei que tivesse sido quebrada ainda bem cheia. Num dos cantos do banheiro havia um copo pequeno de uísque e outro sob a banheira. Estavam secos, limpos e não tinham cheiro.

A parte interna da porta do guarda-roupa estava toda suja de sangue, da altura do meu ombro até o chão. E, no fundo, havia dois chapéus em meio à poça pegajosa. Cada um cabia certinho num dos homens mortos.

E era tudo. Três cadáveres, uma garrafa de gim quebrada, sangue.

Stacey voltou em pouco tempo trazendo um médico. Enquanto ele examinava os homens mortos, chegaram os detetives da polícia.

O trabalho do médico foi rápido.

– Este aqui – disse ele, apontando um dos caras – levou uma pancada na parte de trás da cabeça com um instrumento pequeno e rombudo. Em seguida, foi estrangulado. Este outro – apontou o do lado – foi só estrangulado. E o terceiro levou uma facada nas costas, com uma lâmina de aproximadamente doze centímetros de comprimento. Estão mortos há cerca de duas horas, desde o meio-dia, por aí.

O subgerente identificou dois dos corpos. O homem esfaqueado – o primeiro a cair do guarda-roupa – tinha chegado ao hotel três dias antes, registrando-se como Tudor Ingraham, de Washington, e estava hospedado no quarto 915, três portas adiante.

O último cara a cair do guarda-roupa – o que só tinha sido estrangulado

– era o ocupante do quarto. Chamava-se Vincent Develyn. Era um corretor de seguros e morava no hotel desde a morte da mulher, cerca de quatro anos antes.

O terceiro homem era sempre visto na companhia de Develyn, e um dos empregados do hotel lembrou-se de que eles tinham entrado juntos pouco depois do meio-dia. Cartas e cartões que levava no bolso nos disseram que seu nome era Homer Ansley, sócio da firma de advocacia Lankershim e Ansley, cujo escritório no Edifício Miles ficava ao lado do escritório de Develyn.

Nos bolsos de Develyn havia qualquer coisa entre 150 e 200 dólares. Na maleta de Ansley, mais de cem. Os bolsos de Ingraham estavam recheados com quase 300 dólares e numa bolsa camuflada em forma de cinto, em sua cintura, encontramos mais 2.200 dólares, além de dois diamantes de tamanho médio, sem engaste. Os três levavam relógios – o de Develyn era valioso – nos bolsos, e Ingraham usava ainda dois anéis, ambos caros. A chave do quarto de Ingraham estava em seu bolso.

Além do dinheiro – cuja presença indicava que o triplo crime não fora um latrocínio –, não encontramos mais nada com os mortos que nos fornecesse qualquer pista. Tampouco fizemos progresso ao examinar, meticulosamente, os quartos de Ingraham e Develyn.

No quarto de Ingraham encontramos uma dúzia ou mais de pacotes com cartas marcadas, alguns dados adulterados, além de grande quantidade de informação sobre corridas de cavalos. Também descobrimos que ele tinha mulher morando em Buffalo, na East Delavan Avenue, e um irmão em Dallas, na Crutcher Street. Encontramos ainda uma lista de nomes e endereços, que guardamos para posterior investigação. Mas nada, em qualquer um dos dois quartos, cheirava, nem de leve, a assassinato.

Phels, o “Bertillon”4 do Departamento de Polícia, encontrou várias impressões digitais no quarto de Develyn, mas não se podia saber se elas teriam algum valor enquanto ele não terminasse de examiná-las. Embora Develyn e Ansley aparentemente tivessem sido estrangulados por mãos, Phels não conseguiu obter impressões digitais de seus pescoços ou colarinhos.

A arrumadeira que tinha descoberto a mancha de sangue contou que arrumara o quarto de Develyn entre dez e onze da manhã, mas que não tinha trocado as toalhas, razão pela qual voltara de tarde. Estivera lá antes –

entre 10h20 e 10h45 – com tal intuito, mas Ingraham ainda não saíra do quarto.

O ascensorista que vira Ansley e Develyn subirem pouco depois do meio-dia lembrava de que eles, no elevador, tinham comentado, entre risadas, os pontos obtidos numa partida de golfe no dia anterior. Ninguém vira nada suspeito no hotel perto da hora em que o médico calculara terem ocorrido os crimes. Mas isso já era esperado.

O assassino podia ter saído do quarto, fechando a porta atrás de si e caminhando calmamente na certeza de que um homem andando pelos corredores do Montgomery ao meio-dia não despertaria qualquer atenção. Se estivesse hospedado no hotel, seria só entrar em seu quarto. Se não, bastaria ter descido até o *hall* e saído pela porta ou então ter descido dois ou três lances de escada, para em seguida pegar o elevador.

Nenhum dos empregados do hotel jamais vira Ingraham e Develyn juntos. Não havia a mínima evidência de qualquer relação entre eles. Ingraham geralmente ficava no quarto até o meio-dia, não voltando até tarde da noite. Nada se sabia sobre seus negócios.

No Edifício Miles, nós – quero dizer, Mary O'Hara e George Dean, da Seção de Homicídios do Departamento de Polícia, e eu – interrogamos os sócios de Ansley e os empregados de Develyn. Os dois, ao que parecia, eram homens comuns, levando vidas comuns: vidas que não tinham pontos obscuros ou excentricidades. Ansley era casado e tinha dois filhos. Morava na Lake Street. Ambos tinham muitos amigos e parentes espalhados por várias cidades do país. E, até onde pudemos averiguar, estava tudo em ordem com seus negócios.

Tinham saído dos respectivos escritórios naquele dia para almoçar juntos, com a intenção de passar primeiro no quarto de Develyn a fim de tomar um drinque, de uma garrafa de gim que alguém contrabandeara da Austrália.

– Bem – disse O'Hara, quando já estávamos de novo na rua –, uma coisa é certa. Se eles subiram até o quarto de Develyn para um drinque, está na cara que foram mortos assim que chegaram lá. Os copos de uísque que você encontrou estavam secos e limpos. Quem quer que tenha feito aquela bagunça devia estar esperando por eles. Estou desconfiando desse tal de Ingraham.

– Eu também – concordei. – Pela posição em que eles estavam quando

abri aquela porta, Ingraham parece ser a chave de tudo. Develyn estava de costas para a parede, com Ansley na frente dele, ambos de frente para a porta. Ingraham estava virado para os dois, com as costas para a porta. O guarda-roupa era grande o suficiente para manter os três em pé – mas pequeno demais para que um deles despencasse com a porta fechada.

– Não havia sangue no quarto, a não ser o que tinha escorrido do guarda-roupa. Ingraham, com aquela facada nas costas, só pode ter sido golpeado depois que estava dentro do guarda-roupa, caso contrário teria sujado tudo de sangue. Estava colado nos dois homens quando foi esfaqueado, e aquele que o golpeou fechou a porta em seguida com ele lá dentro.

– Agora, por que ele estaria de pé naquela posição? Será que ele e outro camarada mataram os dois amigos e quando ele estava arrumando os corpos no armário foi atingido pelo comparsa por trás?

– Talvez – disse Dean.

E aquele "talvez" era o máximo a que tínhamos chegado, depois de três dias de investigação.

Havíamos mandado e recebido um monte de telegramas, interrogando parentes e conhecidos dos mortos. E isso sem encontrar nada que parecesse ter relação com os assassinatos. Tampouco achamos qualquer conexão entre Ingraham e os outros dois. Tínhamos feito um levantamento da vida deles até quase o berço. Também havíamos levantado cada passo dado por eles desde que Ingraham chegara a San Francisco – o suficiente para nos convencer de que nenhum dos dois se encontrara com ele.

Ingraham, ficamos sabendo, era um *bookmaker* e trapaceava no jogo. Estava separado da mulher, mas fora uma separação amigável. Uns quinze anos antes, ele fora condenado por "assalto com intenção de matar" em Newark, New Jersey, cumprindo uma pena de dois anos de prisão. Mas o cara que tentara assassinar tinha morrido de pneumonia em Omaha, em 1914.

Ingraham tinha chegado a San Francisco para abrir um clube de jogo, e todas as nossas investigações mostravam que, desde sua chegada à cidade, ele só se movimentara nesse sentido.

No fim das contas, as impressões digitais obtidas por Phels eram de Stacey, da arrumadeira, dos detetives ou minhas. Resumindo: não tínhamos descoberto nada!

E isso era tudo, apesar de nosso esforço para descobrir o motivo por trás daquele triplo assassinato.

Deixamos, então, essa abordagem para lá e decidimos nos prender aos detalhes, dedicando-nos a uma caçada paciente atrás dos rastros do assassino. Entre qualquer crime e seu autor existe um rastro. Pode até ser – e era esse o caso – obscuro. Mas como uma matéria não pode se mover sem movimentar outra matéria em seu curso, sempre existe – e sempre existirá – um rastro de algum tipo. Encontrar e seguir esses rastros é aquilo para o qual os detetives são pagos.

No caso de um assassinato, às vezes é possível cortar caminho em direção à extremidade do rastro, simplesmente descobrindo o motivo. Conhecer o motivo em geral reduz as possibilidades. Às vezes, leva-nos direto ao culpado.

Até então, tudo o que sabíamos sobre o motivo para o caso com o qual estávamos lidando era que não tinha sido roubo. A não ser que alguma coisa sobre a qual não tínhamos conhecimento tivesse sido roubada – alguma coisa valiosa o suficiente para fazer com que o assassino deixasse para trás um monte de dinheiro nos bolsos de suas vítimas.

Claro que não tínhamos desistido completamente de seguir a pista do assassino, mas – como seres humanos – é óbvio também que estávamos tentando a todo custo achar uma forma de cortar o caminho. Agora, íamos partir atrás do homem, ou homens, sem levar em conta o que o levara, ou os levara, a cometer os crimes.

Entre as pessoas registradas no hotel no dia do assassinato havia nove homens de cuja inocência tínhamos alguma razão para duvidar. Quatro deles ainda estavam hospedados no hotel, e apenas um nos interessava. Tínhamos descoberto que esse – um cara magro e comprido, de seus 45, 50 anos, que se registrara como J. J. Cooper, vindo de Anaconda, em Montana – não era, de jeito algum, um minerador, como alegara. Nossas comunicações telegráficas com Anaconda nos tinham mostrado que ninguém o conhecia por lá. Assim sendo, decidimos segui-lo – com parcos resultados.

Entre os tais nove homens, cinco tinham ido embora do hotel depois dos assassinatos. Três haviam deixado na portaria os endereços para onde estavam indo. Gilbert Jacquemart, que ocupava o quarto 946, dera ordem para que sua correspondência fosse enviada para um hotel em Los Angeles.

W. F. Salway, que estava no quarto 1.022, deixara instruções para que mandassem suas cartas para um endereço na Clark Street, em Chicago. Ross Orrett, do quarto 609, pedira que sua correspondência fosse enviada para o posto local dos correios.

Jacquemart tinha chegado ao hotel dois dias antes dos crimes, indo embora na tarde da ocorrência. Salway chegara na véspera e fora embora no dia seguinte. Orrett chegara no próprio dia do crime e deixara o hotel um dia depois.

Depois de mandar telegramas para que os dois primeiros fossem localizados e investigados, fui por minha conta atrás do tal de Orrett. Na ocasião, estava sendo anunciada na cidade uma grande comédia musical chamada *Para quê?*, com panfletos muito bem impressos, na cor roxa, para distribuição. Peguei um deles e encontrei, na papelaria, um envelope que combinasse. Em seguida, enviei por correio para Orrett no Hotel Montgomery. É praxe procurar saber nos hotéis os nomes das pessoas que estão chegando à cidade, a fim de mandar propaganda para elas. Com isso, eu tinha certeza de que Orrett não desconfiaria de nada quando visse meu vistoso envelope, mandado para o hotel, chegar até as mãos dele através do guichê do correio.

Dick Foley – especialista da agência em seguir pessoas – ficou de plantão no posto do correio, a fim de espiar quando um envelope roxo fosse entregue através do buraco em forma de “O” do guichê, para então seguir o destinatário.

Passei o dia seguinte tentando decifrar o jogo do misterioso J. J. Cooper, mas, ao final do dia, não tinha conseguido avançar nada. Pouco antes das cinco da manhã do dia seguinte, Dick Foley apareceu no meu quarto a caminho de casa para me acordar e dizer o que tinha descoberto.

– O tal Orrett é o camarada que procuramos – disse. – Flagrei o cara pegando o envelope ontem à tarde. Tinha uma outra carta para ele, além da sua. Ele está num apartamento na Van Ness Avenue. Alugou no dia seguinte ao dos crimes, com o nome de B. T. Quinn. Carrega uma arma embaixo do braço esquerdo, percebi o volume característico. Foi para casa dormir. Tem dado umas buscas em todas as espeluncas de North Beach. E sabe de quem ele está atrás?

– De quem?

– De Guy Cudner.

Aquilo, sim, era uma notícia! O tal de Guy Cudner, conhecido como “o Sombra”, era o bandido mais perigoso de toda a costa, quiçá do país. Só tinha sido preso uma vez, mas, se recebesse pena por todos os crimes que se sabia que tinha cometido, ia precisar de meia dúzia de vidas para cumprir as sentenças, além de mais meia dúzia para ser enforcado. Só que ele tinha costas quentes – o suficiente para fazer com que tivesse nas mãos testemunhas, álibis, até mesmo jurados e um ou outro juiz.

Não sei o que deu errado uma vez, mas nessa ocasião ele foi preso, no Norte, com uma acusação que lhe daria entre um e quatorze anos de prisão. Mas logo ele deu um jeitinho e, quando os jornais com as notícias ainda estavam com a tinta fresca, já estava sendo libertado sob condicional.

– Cudner está na cidade?

– Não sei – respondeu Dick –, mas o tal de Orrett, ou Quinn, ou seja lá qual for o seu nome, está doido atrás dele. Foi no Rick’s, no “Wop” Healey’s e no Pigatti’s. Quem me deu a pala foi o Porco Grout. Segundo ele, Orrett não conhece Cudner de vista, mas está atrás dele. O Porco não soube me dizer o que o cara quer com Cudner.

O tal de Porco Grout era um sujeito nojento, capaz de vender a família – se um dia tivesse tido uma – pelo preço de uma banana. Mas, com esses caras que fazem jogo duplo, nunca se sabe se eles estão mesmo do seu lado.

– Tem certeza de que o Porco está falando a verdade? – perguntei.

– Parece que está, mas com ele não se pode brincar.

– Orrett conhece muita gente por aqui?

– Pelo visto, não. Ele sabe aonde quer ir, mas precisa perguntar como se chega lá. E não falou com ninguém que parecesse conhecer.

– Como é que ele é?

– Não é nenhuma flor que se cheire, se você quer saber. Ele e Cudner fariam um par e tanto. Fisicamente, não se parecem nada. O tal cara é alto e magro, mas é bem socado, com músculos ágeis. A cara é sulcada, sem ser fina, se é que você me entende. Quero dizer, as linhas do rosto são duras. Não há curvas. Queixo, nariz, boca, olhos, é tudo reto, com linhas e ângulos retos. Parece um cara do mesmo tipo de Cudner. Fariam um bom par, sim. É bem-vestido, não parece um vagabundo, não, mas é duro como uma pedra! Uma boa bisca! É o cara que procuramos, pode acreditar!

– Nada mal – concordei. – Chegou ao hotel na manhã do crime e foi embora na manhã seguinte. Num piscar de olhos, muda de nome. E agora

está de par como “Sombra”. Nada mal, nada mal.

– Estou lhe dizendo – insistiu Dick –, o cara tem um jeito de que não perderia o sono com três assassinatos. Só queria saber onde é que Cudner se encaixa...

– Não tenho idéia. Mas se ele e Orrett ainda não se encontraram, então Cudner não participou dos assassinatos. Mas talvez ele possa nos dar a resposta.

Pulei da cama.

– Vou me arriscar a acreditar que o Porco Grout falou a verdade. Como é que você descreveria Cudner?

– Você o conhece melhor do que eu.

– Eu sei, mas se eu não o conhecesse e você tivesse de descrevê-lo, o que diria?

– Um cara gordo e baixinho, com uma cicatriz vermelha na bochecha esquerda. Por quê?

– Isso – concordei. – Aquela cicatriz faz toda a diferença do mundo. Se ele não tivesse cicatriz, você teria de dar detalhes da aparência dele. Mas, já que tem, você só diz “Um cara gordo e baixinho, com uma cicatriz vermelha na bochecha esquerda”. Aposto que foi assim que descreveram ele para Orrett. Eu não me pareço com Cudner, mas tenho o mesmo corpo e a mesma altura que ele. Com uma cicatriz no rosto, Orrett vai pensar que eu sou ele.

– Para quê?

– Não sei direito. Mas, se Orrett pensar que eu sou Cudner, vou ouvir um bocado de coisas. Seja como for, vale a pena tentar.

– Você não vai conseguir... não em San Francisco. Cudner é muito popular.

– Que diferença faz, Dick? Orrett é o único que eu quero enganar. Se ele acreditar que eu sou Cudner, ótimo. Se não, ótimo também. Não vou insistir.

– E como é que você vai arranjar uma cicatriz de mentira?

– Moleza! Temos fotos do Cudner na polícia, com a cicatriz bem à vista. Arrumo um pouco de colódio, é vendido nas farmácias, de várias marcas diferentes, para se botar em cortes e arranhões, e pinto, dando o formato da cicatriz de Cudner. Quando seca, o colódio fica com a superfície meio brilhante, vai ficar igualzinho a uma cicatriz antiga.

Na noite seguinte, pouco depois das onze horas, Dick me ligou dizendo que Orrett estava no Pigatti's, na Pacific Street, com ar de quem tinha chegado para se demorar. Com minha cicatriz falsa já pronta, corri para pegar um táxi. Poucos minutos depois, estava conversando com Dick na esquina do Pigatti's.

– Ele está na última mesa, no fundo, à esquerda. Até a hora em que saí, estava sozinho. Não tem como você não vê-lo. É o único cara nesta espelunca que está usando uma roupa limpa.

– É melhor você esperar aqui fora, a meio quarteirão daqui, dentro de um táxi – disse a Dick. – É provável que eu e o nosso amiguinho Orrett saiamos juntos e, quando isso acontecer, seria ótimo ter você por perto para o caso de alguma coisa dar errado.

O Pigatti's é um estabelecimento comprido e estreito, de teto baixo, sempre muito enfumaçado. No centro, entre as mesas, há um espaço estreito sem tapete, usado para dançar. O resto do lugar é todo entupido de mesas, muito próximas umas das outras, com toalhas sempre manchadas.

A maioria das mesas estava ocupada quando eu entrei, e havia meia dúzia de casais dançando. Poucos rostos ali eram estranhos às filas matinais do quartel da polícia.

Espiando através da fumaça, vi Orrett imediatamente, sentado sozinho num canto, observando os casais que dançavam, com aquela cara neutra que fazem aqueles que estão prestando atenção em tudo à sua volta. Entrei pelo outro lado do salão e atravessei a pista de dança bem debaixo da luz, para que minha cicatriz de mentira ficasse visível para ele. Em seguida, escolhi uma mesa vazia não muito longe de onde ele estava e me sentei, encarando-o.

Durante uns dez minutos, ele fingiu estar interessado nos casais que dançavam e eu fingi olhar com grande concentração para a toalha suja que cobria a minha mesa. Mas nenhum de nós perdia nem um único movimento um do outro.

Após algum tempo, os olhos dele – olhos cinzentos, pálidos mas não rasos, com pupilas negras que faiscavam como uma lâmina – acabaram encontrando os meus. Foi um olhar frio, firme, inescrutável. E, muito lentamente, ele se pôs de pé. Uma das mãos – a direita – estava enfiada no bolso de seu paletó escuro, enquanto ele atravessava em direção à minha mesa, para afinal sentar-se.

– Cudner?

– Ouvi falar que está procurando por mim – respondi, tentando fazer a mesma entonação suavemente gelada da voz dele, assim como tentava manter a mesma firmeza de seu olhar.

Ele se sentara com o lado esquerdo ligeiramente virado para mim, com o braço direito posto numa determinada posição, de forma que facilitasse sacar uma arma com rapidez de dentro do bolso onde a mão continuava enfiada.

– Você também andou atrás de mim.

Eu não sabia qual seria a resposta certa e, por isso, dei apenas uma risadinha. Mas aquele riso não teve convicção. Logo percebi que tinha cometido um erro – um erro que poderia me custar caro, antes mesmo que tivéssemos acertado os ponteiros. O cara não estava atrás de Cudner por amizade, como eu pensara, inocentemente, mas sim em clima de guerra.

E de repente visualizei aqueles três homens caindo de dentro do guarda-roupa no quarto 906.

Minha arma estava enfiada no cós da calça, de onde poderia sacá-la com rapidez, mas a dele já estava na mão. Por isso, tomei cuidado para manter as mãos imóveis, na quina da mesa, enquanto abria ainda mais o meu sorriso.

Agora os olhos dele se modificavam e, quanto mais eu olhava para eles, menos gostava do que via. O cinza tinha ficado mais escuro e mais neutro, as pupilas estavam dilatadas, o branco em forma de meia-lua crescendo sob as íris cinzentas. Eu já vira em duas ocasiões olhos assim – e não esquecera o que eles significavam: eram os olhos de um assassino nato!

– Vamos supor que você dissesse o que tem a dizer – comecei, depois de algum tempo.

Mas ele não estava para conversa. Balançou a cabeça apenas alguns centímetros, deixando cair os cantos da boca de forma quase imperceptível. A meia-lua branca na parte de baixo dos olhos cresceu mais, empurrando as íris cinzentas para baixo das pálpebras superiores.

Era a hora! E eu não tinha por que esperar.

Enfiei um pé nas canelas do cara, sob a mesa, ao mesmo tempo em que empurrava a própria mesa sobre ele, saltando. A bala que saiu do revólver dele foi para um dos lados. Outra bala – que não veio de sua arma – cravou-se na mesa que estava entre nós dois.

Eu o segurava pelos ombros quando um segundo tiro, vindo de trás,

atingiu seu braço esquerdo, bem abaixo da minha mão. Larguei-o e me joguei no chão, rolando em direção à parede e me virando para ficar de frente para o lugar de onde partiam os tiros.

Virei-me exatamente a tempo de ver – desaparecendo por trás da quina de um corredor que ia dar num reservado – o rosto de Guy Cudner, com sua cicatriz. E, assim que desapareceu, um novo disparo, agora da arma de Orrett, espatifou o gesso que recobria a parede de onde ele surgira.

Dei um risinho ao pensar no que estaria se passando na cabeça de Orrett, jogado no chão e enfrentando dois Cudners ao mesmo tempo. Mas nesse segundo ele me deu mais um tiro e eu parei de rir. Por sorte, Orrett teve de se contorcer para mirar em mim, botando todo o peso em cima do braço ferido, o que o fez encolher-se por causa da dor, perdendo o ímpeto.

Antes que ele pudesse se ajeitar melhor, eu já tinha me arrastado em direção à cozinha do Pigatti's – que ficava a poucos metros dali –, escondendo-me num lugar seguro, atrás de uma quina da parede. Só meus olhos e o topo de minha cabeça eram visíveis, de forma que eu pudesse ver o que acontecia.

Orrett estava agora a três ou quatro metros de mim, deitado no chão, encarando Cudner, com uma arma na mão e outra no chão a seu lado.

Do outro lado da sala, a uns dez metros mais ou menos, Cudner espiava por trás de uma quina, expondo-se de quando em quando para trocar tiros com o homem que estava no chão, e vez por outra atirando também em minha direção. Tínhamos agora o lugar todo só para nós. Havia quatro saídas no Pigatti's e os outros fregueses tinham desaparecido por elas.

Eu estava de arma na mão, mas na verdade esperava para ver no que ia dar. Cudner, imaginei, tinha ficado sabendo que Orrett estava atrás dele e chegara ali sem a menor dúvida quanto às intenções deste último. O que acontecera entre os dois e qual a relação de tudo aquilo com as três mortes no Montgomery, isso continuava sendo um mistério para mim. Mas aquela não era hora de tentar desvendar mistérios.

Os dois atiravam em uníssono. Cudner aparecia por trás da parede e as duas armas eram disparadas ao mesmo tempo, para em seguida ele voltar a se esconder. Orrett estava agora sangrando perto da cabeça e tinha uma das pernas aberta para trás, meio torta. Quanto a Cudner, eu não saberia dizer se fora ou não atingido.

Cada um já tinha dado pelo menos uns oito tiros, talvez nove, quando de

repente Cudner saiu de trás da parede, atirando sem parar com o revólver que trazia na mão esquerda, tão depressa quanto permitia o mecanismo da arma, mas sem disparar o que levava na mão direita. Orrett tinha mudado de arma e agora estava de joelhos, com a nova mantendo o mesmo ritmo da do inimigo.

Aquilo não ia durar muito.

Cudner baixou a arma da mão esquerda e, enquanto erguia a outra, avançou, caindo também de joelhos. Orrett parou de atirar de repente, caindo de costas – esticado. Cudner deu mais um tiro – atirando a esmo, no teto – e caiu de cara no chão.

Corri para junto de Orrett e chutei seus dois revólveres para longe. Ele estava imóvel, mas de olhos abertos.

– É você que é Cudner, ou era ele?

– Ele.

– Ótimo! – disse, antes de fechar os olhos.

Fui até onde Cudner estava caído e virei-o de barriga para cima.

Tinha o torso destroçado.

Seus lábios grossos se moveram e eu aproximei meu rosto.

– Eu o peguei?

– Pegou – menti. – Já está frio.

Seu rosto moribundo se contorceu num esgar de riso.

– Desculpe... aqueles três no hotel... – sussurrou. – Foi um engano... o quarto errado... peguei um... e... tinha outros dois... tinha de... me proteger. – E, com um estremecimento, estava morto.

Uma semana depois, o pessoal do hospital me deixou falar com Orrett. Contei a ele o que Cudner dissera antes de morrer.

– Foi assim que eu saquei tudo – disse Orrett, das profundezas de suas bandagens. – Foi por isso que me mandei e troquei de nome no dia seguinte. – E, depois de algum tempo, acrescentou: – Acho que você já entendeu tudo agora.

– Não – admiti. – Ainda não. Tenho uma idéia do que aconteceu, mas não seria mal se você me contasse mais alguns detalhes.

– Sinto por não poder lhe contar todos os detalhes, porque, afinal de contas, preciso me proteger. Mas vou lhe contar uma história que talvez possa lhe ajudar. Era uma vez um canalha de alta classe – um daqueles que os jornais chamam de “cérebro” dos crimes. Chegou uma hora em que ele

decidiu que já tinha ganho fortuna suficiente e que já podia largar o jogo, a fim de se estabelecer como um homem honesto.

“Mas ele tinha dois comparsas – um em Nova York, outro em San Francisco – que eram as únicas duas pessoas no mundo que sabiam que ele era um crápula. Além disso, estava com medo dos dois. Assim sendo, o cara imaginou que teria mais sossego caso eles saíssem de seu caminho. E acontece que esses comparsas não se conheciam de vista.

“Bem, o tal manda-chuva convenceu cada um dos dois caras de que o outro havia passado a perna nele, e que devia ser eliminado para a segurança geral. E os dois caíram como patinhos. O cara de Nova York foi para San Francisco para pegar o outro, e o de San Francisco soube que o de Nova York ia chegar em tal e tal dia e se hospedar em tal e tal hotel.

“O manda-chuva imaginou que havia uma boa chance de os dois homens morrerem nesse encontro – e ele estava quase certo. Sabia que, no mínimo, um morreria e que o outro, mesmo que escapasse da forca, seria um só, ficando mais fácil livrar-se dele no futuro.”

Não havia tantos detalhes na história quanto eu gostaria, mas aquilo explicava muita coisa.

– E como foi que você descobriu que Cudner tinha ido parar no quarto errado? – perguntei.

– Foi gozado! Deve ter acontecido o seguinte: eu estava no quarto 609 e as mortes aconteceram no 906. Imagine o Cudner entrando no hotel no dia em que sabia que eu iria chegar e dando uma olhada nos registros. Ele não ia querer ser visto fazendo isso, portanto teve de agir rápido, e deve ter olhado o livro de cabeça para baixo.

“Quando você lê números de três algarismos de cabeça para baixo, precisa pensar que número formam na posição certa. Como 123, por exemplo. Você lê 321 e vira os algarismos ao contrário na sua cabeça. Foi o que Cudner fez com o número do meu quarto. Só que ele estava fissurado, pensando no serviço que tinha pela frente, e não prestou atenção ao fato de que 609, em qualquer posição, é 609. Sendo assim, ele desvirou o número em pensamento e chegou a 906 – o número do quarto de Develyn.

– Foi o que deduzi – disse eu –, e acho que foi isso mesmo. Com certeza, depois ele deu uma olhada no quadro de chaves e viu que a do 906 não estava lá. Então achou que podia acabar logo com tudo de uma vez, para depois se esgueirar pelos corredores do hotel sem ser notado. Talvez

ele tenha ido até o quarto antes que Ansley e Develyn chegassem, mas duvido muito.

"Acho mais provável que, por acaso, ele tenha chegado ao hotel poucos minutos depois de Ansley e Develyn. Provavelmente Ansley estava sozinho no quarto quando Cudner abriu a porta destrancada e entrou – Develyn devia estar no banheiro, pegando os copos.

"Ansley era mais ou menos da sua idade e tamanho, com uma aparência que podia perfeitamente bater com uma descrição superficial sua. Cudner então voou em cima dele e Develyn, ouvindo aquilo, largou a garrafa e os copos e saiu correndo do banheiro – para dar no que deu.

"Cudner, do jeito que era, com toda certeza devia achar que uma morte ou duas era algo que não faria a menor diferença, além, é claro, do fato de que não queria testemunhas.

"E foi por isso também que provavelmente Ingraham entrou na história. Devia estar passando pelo corredor, indo pegar o elevador, quando ouviu a barulheira e parou para investigar. E Cudner deve ter apontado a arma para ele, obrigando-o a enfiar os dois corpos no guarda-roupa. Em seguida, enfiou a faca em suas costas e fechou a porta. Deve ter sido assim que..."

Uma enfermeira inconveniente veio por trás de mim e me pediu que fosse embora, acusando-me de estar deixando o paciente agitado.

Orrett me segurou quando eu ia me virando.

– Fique de olho nas notícias de Nova York – disse – e talvez você descubra o resto da história. Ela ainda não acabou. Ninguém pode ter nada contra mim. O tiroteio no Pigatti's foi em legítima defesa. E, assim que eu estiver andando de novo e de volta à Costa Leste, vai haver um manda-chuva segurando o maior rabo-de-foguete. É uma promessa!

E eu acreditei nele.

---

4 Provável referência a Alfonse Bertillon, grafólogo francês que deu um parecer errado no famoso caso Dreyfus, em 1894. (N.T.)

OceanofPDF.com

A MULHER DO BANDIDO

Margaret Tharp costumava passar do sono profundo à vigília total sem sonolência intermediária. E, naquela manhã, não havia nada de estranho na maneira como acordara, exceto pela falta do apito triste da barca de San Francisco, que saía às oito. Do outro lado do quarto, os ponteiros do relógio, como uma única mão comprida, marcavam poucos minutos depois das sete. Margaret se mexeu sob as cobertas, virando as costas para a parede banhada de sol, do lado oeste, e voltou a fechar os olhos.

Mas o sono desaparecera. Estava completamente desperta, atenta ao burburinho das galinhas da vizinhança, ao ruído de um carro saindo em direção à barcaça, à fragrância pouco usual de magnólia que a brisa trazia, tocando seu rosto através das pontas soltas dos cabelos. Levantou-se, enfiou os pés nos chinelos macios, vestiu um roupão e desceu, a fim de preparar as torradas e o café antes de trocar de roupa.

Encontrou um homem gordo, vestido de preto, saindo da cozinha.

Margaret gritou, apertando com as duas mãos o roupão contra o peito.

Reflexos vermelhos faiscaram na mão com a qual o homem gordo tirou o chapéu preto. Segurando a maçaneta da porta, ele se virou na direção de Margaret. Fez isso devagar, com a precisão de um globo que fizesse sua rotação preso a um eixo fixo, movendo a cabeça com todo o cuidado, como se levasse um fardo invisível.

– Você... é... a... senhora... Tharp.

Expirava aos arrancos entre uma palavra e outra, e aqueles sopros acolchoavam as palavras, fazendo-as parecerem pedras preciosas que tivessem sido colocadas, separadas, sobre chumaços de algodão. Era um homem de pouco mais de quarenta anos, cujos olhos, de um cintilar opaco, tinham um negror que se repetia em vários detalhes, como o bigode e os cabelos, o terno bem-passado e os sapatos engraxados. A pele escura de seu rosto – um rosto redondo, surgindo acima do colarinho engomado – tinha uma rudeza e um granulado peculiares, como se tivesse sido assada. Em meio a isso, sua gravata era um pedaço de vermelho vivo, como uma chama.

– Seu... marido... não... está... em... casa.

Assim como fizera ao mencionar o nome dela, não falava em tom de pergunta, mas de qualquer forma fazia uma pausa, à espera. Margaret, de pé

onde estacara, no corredor que levava das escadas à cozinha, estava ainda chocada demais para não dizer “não”.

– Você... está... esperando... por... ele.

Por enquanto, não havia nada de ameaçador na atitude do homem, que não deveria estar em sua cozinha, mas que, por outro lado, parecia desconcertado pelo fato de ela tê-lo flagrado ali. As palavras de Margaret saíram com facilidade.

– De fato, eu... eu estou esperando por ele, sim, mas não sei direito quando ele virá.

O chapéu e os ombros pretos, movendo-se juntos, pareceram fazer um cumprimento, sem que com isso se registrasse qualquer movimento na posição da cabeça.

– A... senhora... poderia... fazer... o... favor... de... dizer-lhe... que... eu... o... espero... no... hotel? – os sopros entre as palavras prolongavam as frases indefinidamente, transformando-as em amontoados de vocábulos de sentido enganoso. – Diga... que... Leonidas... Doucas... espera... por... ele. Ele... vai... saber. Somos... muito... amigos. Por... favor... não... esqueça... o... nome... Leonidas... Doucas.

– Eu digo, sim, com certeza. Mas eu de fato não sei quando ele virá.

O homem que dizia chamar-se Leonidas Doucas assentiu devagar, sob o peso daquela coisa invisível que parecia carregar. O negror do bigode e da pele acentuavam a brancura dos dentes. O sorriso desapareceu, tão esticado quanto surgira, e com a mesma elasticidade.

– Pode... esperar... por... ele. Está... vindo... agora.

Deu as costas para ela, devagar, saindo da cozinha e fechando a porta.

Margaret correu na ponta dos pés e passou a chave na porta. O mecanismo interno da fechadura rodou, frouxo, a lingüeta não encaixava. O aroma doce de magnólia envolveu-a. Ela desistiu da fechadura quebrada e atirou-se numa cadeira junto à porta. Sentia alguns pontos úmidos nas costas. Sob a camisola e o roupão, suas pernas estavam frias. Doucas, não a brisa, trouxera para dentro de casa o cheiro de magnólia, que ela sentira na cama. Fora aquela presença inesperada em seu quarto que a acordara. Ele estivera lá em cima, procurando, com seus olhos brilhantes, por Guy. E se Guy estivesse em casa, dormindo a seu lado? Veio-lhe à mente a cena de Doucas curvando-se sobre a cama, a cabeça ainda esticada para cima, uma lâmina faiscante na mão enfeitada de jóias. Ela estremeceu.

Em seguida, riu. Bobinha! Como poderia Guy – um homem forte, com nervos de aço, para quem a violência era como somar um mais um – ser ameaçado por um gordo perfumado e asmático? Estivesse Guy dormindo ou acordado, se Doucas viesse como inimigo, pior para ele – um vira-lata rosnando para o lobo ruivo que era seu marido!

Erguendo-se da cadeira, Margaret começou a remexer na tostadeira e na panela de café. Já não pensava em Leonidas Doucas, e sim nas novas que ele lhe trouxera: Guy estava voltando para casa. O gordo vestido de preto tinha dito que sim, e falara com toda a segurança. Guy estava voltando para casa, para encher a casa de risadas desabridas, de blasfêmias ditas aos gritos, de histórias fora-da-lei passadas em lugares exóticos; do cheiro de fumo e bebida; para espalhar pela casa suas armas de pirata, que nunca podiam ser guardadas no quarto ou no guarda-roupa, mas que acabavam enchendo a casa, do chão até o teto. Cápsulas chutadas rolariam pelo assoalho; botas e cintos surgiriam nos lugares mais inusitados; charutos, guimbas de charutos, cinza de charutos estariam por toda parte; garrafas vazias, permitidas ou não, surgiriam no portão da frente, para escândalo da vizinhança.

Guy estava voltando para casa e havia tanto a fazer num lugar tão pequeno; janelas, quadros e coisas de madeira a serem lavadas, mobília e assoalho a serem encerados, cortinas a serem penduradas, tapetes a serem limpos. Tomara que ele ainda demorasse uns dois dias. Ou três.

As luvas de borracha que ela pusera de lado por achar incômodas – será que estavam no guarda-roupa do corredor ou lá em cima? Precisava encontrá-las. Havia tanta coisa para esfregar, e ela não queria ter as mãos ásperas quando Guy chegasse. Franziu o rosto para a mãozinha que levava torrada à boca, acusando a aspereza. Precisava comprar outro pote de creme. Se tivesse tempo, depois de terminar o trabalho, iria até a cidade por uma tarde. Mas primeiro a casa devia estar limpa e brilhante, para que Guy pudesse puxar uma cortina engomada e rir:

– Que ninhozinho gostoso este que um bezerrão como eu achou para se esconder!

E talvez falar do mês que passara na espelunca da Ilha dos Ratos junto com dois indianos asquerosos, dormindo os três na mesma cama porque não havia coberta para todo mundo.

Os dois dias que Margaret desejara se passaram sem Guy, e depois

outro, e mais outro. Seu hábito de dormir até ouvir o apito da barca das oito fora quebrado. Já estava de pé, vestida, andejando pela casa às sete, às seis, às cinco e meia numa manhã, brunindo de novo as ferragens já avermelhadas, lavando alguma coisa que fora levemente suja na véspera, inspecionando os cômodos da casa sem cessar, meticulosamente, feliz.

Sempre que passava pelo hotel a caminho das lojas da baixa Water Street, ela via Doucas. Geralmente ele estava no *lobby* envidraçado na parte da frente, sentado na maior poltrona, diante da rua, gordo, imóvel, vestido de preto.

Certa vez, veio até o lado de fora do hotel quando Margaret passou.

Não olhou para ela, mas tampouco se esquivou, não pareceu querer ser reconhecido, nem tentou evitá-lo. Margaret sorriu contente, cumprimentou-o satisfeita e seguiu rua abaixo de cabeça erguida, afastando-se do chapéu tirado pela mão cheia de anéis. A fragrância de magnólia, que seguiu com ela pela rua, reforçou a sensação de graça divertida, embora indulgente, que sentia.

A mesma sensação de benevolência acompanhou-a pelas ruas, pelas lojas, pela visita que fez a Dora Milner, até seu próprio portão, onde cumprimentou Agnes Peppler e Helen Chase. Construía frases orgulhosas para si mesma enquanto proferia outras, ou as escutava. *Guy atravessa continentes com a mesma facilidade com que Tom Milner sai do balcão da drogaria para o bar*, pensava, enquanto Dora discorria sobre os tecidos do quarto de hóspedes. *Ele carrega a própria vida com a mesma displicência com que Ned Pepler leva sua maleta*, sussurrou para o chá que despejava para Agnes e Helen, *e vende seus destemores do mesmo jeito que Paul Chase vende lotes na esquina*.

Essas mesmas pessoas, amigos e vizinhos, comentavam entre si sobre “a pobre da Margaret”, “a pobre sra. Tharp”, cujo marido era notoriamente um bandido, sempre sumido pelo mundo afora, metido em sabe Deus que tipo de falcatruas. Tinham pena dela, ou fingiam ter, esses donos de dóceis animaizinhos de estimação, porque o homem dela era um bicho feroz que não podia ser domado, porque não usava o uniforme tolo da respeitabilidade, porque não trilhava caminhos suaves e seguros. Pobre sra. Tharp! E ela levava a xícara à boca para esconder o riso que ameaçava explodir na cara de Helen, enquanto esta encenava sua interpretação fingida sobre um ponto de *bridge*.

– Não tem importância, desde que todos conheçam a regra a ser seguida antes de o jogo começar – dizia Helen, fazendo uma pausa, como se pedisse de Margaret uma palavra, para em seguida continuar com seus pensamentos secretos.

Como seria, pensava ela, com uma certeza presunçosa de que isso seria impossível, caso ela tivesse por marido um homem manso, caseiro, que viesse regularmente para as refeições e para a cama, cujo vôo mais ousado fosse um joguinho ocasional de cartas, um fim de semana nos subúrbios de San Francisco ou, no máximo, uma aventurazinha com alguma estenógrafa, manicure ou modista?

Bem tarde, no sexto dia desde que Margaret começara a esperar, Guy apareceu.

Ela estava preparando o jantar na cozinha quando ouviu o ruído de um carro freando na porta da frente. Correu até a porta e espiou pela janela envidraçada. Guy estava de pé na calçada, com as costas largas viradas para ela, tirando as malas de couro do carro que o trouxera desde a barcaça. Margaret arrumou o cabelo com as mãos frias, ajeitou o avental e em seguida abriu a porta.

Guy virou-se de costas para o carro, com uma mala em cada mão e outra debaixo do braço. Deu um sorriso, toldado por uma barba de dois dias, e acenou com uma das malas, como se acenasse com um lenço.

Uma boina meio torta estava enfiada sobre seu cabelo vermelho e emaranhado, seu peito envergava um paletó velho de veludo piquê e ele vestia calças cáqui encardidas e vincadas, apertadas na coxa. Sapatos de lona, que um dia tinham sido brancos, tentavam conter os pés que eram feitos para sapatos maiores, e falhavam, o que se manifestava na forma de um dedão aparecendo, envolto numa meia marrom. Um *viking* corpulento metido na roupa de um mendigo. Haveria outras roupas nas malas. Aqueles trapos eram seu disfarce para chegar em casa, uma espécie de fantasia do trabalhador-exausto-que-vem-de-longe. Ele caminhou pela calçada desatento, amassando os gerânios e capuchinhos com as malas.

Margaret sentia um aperto na garganta. O nevoeiro borrava tudo, menos seu rosto afogueado. Um choro contido sacudia-lhe o peito. Queria correr até ele como se corre para os braços de um amante. E queria fugir dele como se foge de um raptor. Mas continuou imóvel junto à porta, sorrindo hesitante, com a boca seca.

Os pés dele tocaram os degraus, a varanda. As malas foram ao chão. E os braços grossos se estenderam para ela.

O cheiro de álcool, suor, maresia e fumo penetrou-lhe as narinas. A pele áspera pela barba crescida arranhou seu rosto. Ela sentiu faltarem-lhe as pernas, o ar, e agarrou-se a ele, sendo abraçada, apertada, ferida por seus lábios duros. Com os olhos cerrados para esconder a dor que havia neles, atracou-se com o marido, ele próprio firmemente plantado no chão, em meio a um universo que girava. Carícias fúteis, palavras de amor profanas chegaram a seus ouvidos. Mas algo soou ainda mais perto – um arrulho gutural. Ela gargalhava.

Guy estava de volta.

A noite já envelhecia quando Margaret lembrou-se de Leonidas Doucas.

Estava sentada nos joelhos do marido, debruçada sobre as jóias, as pilhagens do Ceilão, empilhadas sobre a mesa. Brincos de conchas encobriam suas orelhas, incongruências de ouro maciço destacavam-se sobre suas roupas simples, de andar em casa.

Guy – lavado, barbeado e todo vestido de branco – parecia confortável dentro da camisa, tendo uma das mãos livres. Um cinto de guardar dinheiro surgiu indolentemente de seu corpo e foi posto sobre a mesa, onde ficou, esticado, grosso e apático como uma cobra saciada.

Os dedos sardentos de Guy mexiam nos bolsos do cinto. Cédulas verdes surgiram, moedas rolaram, sendo barradas pelas notas, notas verdes que farfalhavam, terminando por soterrar as moedas.

– Puxa, Guy! – exclamou ela. – Tudo isso?

O homem deu um muxoxo, balançando-a nos joelhos, e remexeu nas notas sobre a mesa, como uma criança brincando com folhas secas.

– Tudo isso. E cada uma delas custou um galão do sangue vermelho de alguém. Pode ser que a seus olhos elas pareçam verdes e limpas, mas vou lhe dizer uma coisa: cada uma, cada uma mesmo, está vermelha e quente como as ruas de Colombo, se você pudesse vê-las.

Ela se recusou a estremecer ante o riso que enxergou nos olhos injetados do marido. Antes, sorriu, esticando um dedinho vacilante na direção de uma das notas.

– Quanto tem aqui, Guy?

– Não sei. Estava com pressa quando as peguei – jactou-se. – Não tive tempo de ficar fazendo conta. Foi pá, pum e pé na tábua. Naquela noite,

pintamos o sete na cidade de Yoda-ela. Era só lama por baixo, escuridão por cima, chuva por todo lado, e um demônio marrom para cada gota de chuva. Um cabeça-de-penico durão atrás de nós com uma lanterna, que acabou não achando nada, exceto um Buda de pescoço duro, no alto de uma rocha, antes que nós acabássemos com ele.

O “Buda de pescoço duro” fez Margaret lembrar-se de Doucas.

– Ah! Veio um cara aqui procurar você na semana passada. Está esperando por você no hotel. O nome dele é Doucas, um homem decidido com...

– O grego!

Guy Tharp tirou a mulher dos joelhos. Não a tirou nem com gentileza nem de forma brusca, mas com uma simples mudança no foco de atenção, que é o destino dos brinquedos quando um homem tem trabalho sério à frente.

– E o que mais ele falou?

– Foi só isso, e também que era seu amigo. Foi de manhã cedo, e eu o encontrei na cozinha, e sei que antes ele tinha estado lá em cima. Quem é esse cara, Guy?

– Um cara – disse o marido, mordendo com ar vago os nós dos dedos. Ele parecia não se importar, não demonstrava o menor interesse pelo fato de o homem ter entrado furtivamente em sua casa. – Depois disso, você o viu mais alguma vez?

– Não cheguei a conversar com ele, mas vejo-o sempre que passo pelo hotel.

Guy tirou os nós dos dedos de entre os dentes, esfregou o queixo com o polegar, encurvou os ombros, depois afrouxou-os e foi para junto de Margaret. Jogou-se confortavelmente na cadeira, abraçando outra vez a mulher com seus braços fortes, e recomeçou a rir, a brincar, a contar vantagens, a voz outra vez suave, um som gutural sob a cabeça dela. Mas os olhos dele não recobraram sua cor normal de safira. Por trás das brincadeiras e dos gracejos, havia ao longe uma reflexão.

Naquela noite, depois de adormecido, ele parecia uma criança ou um animal, mas ela sabia que tinha demorado a pegar no sono.

Pouco antes de o dia amanhecer, Margaret esgueirou-se para fora da cama e levou o dinheiro para o outro quarto, a fim de contá-lo. Eram doze mil dólares.

De manhã, Guy estava satisfeito, rindo e muito falante, sem que houvesse qualquer seriedade escondida por trás de sua atitude. Tinha histórias para contar sobre uma briga numa rua de Madras, ou sobre outra, numa casa de jogos em Saigon; sobre um finlandês que encontrou no Queen's Hotel, em Kandy, que mandou rebocar uma enorme jangada até um ponto no meio do Pacífico, porque pensava que ali poderia viver sem sentir o barulho inconveniente da Terra girando.

Guy falava, ria e tomava seu café com muito gosto, como se não soubesse quando iria ter oportunidade de comer outra vez. Terminada a refeição, acendeu um charuto escuro e se levantou.

– Acho que vou ter de dar um pulo lá embaixo para me encontrar com seu amigo Leonidas Doucas, para saber o que ele anda pensando.

Quando ele a agarrou contra o peito para beijá-la, Margaret sentiu a rigidez de um revólver sob o paletó. Foi até a janela da frente para vê-lo sair. Guy desceu a rua calmamente, balançando os ombros, assobiando *Bang away, my Lulu*.

De volta à cozinha, Margaret dedicou-se à tarefa de lavar os pratos, limpando-os como se isso fosse uma coisa complicadíssima, sendo feita pela primeira vez. A água espirrou em seu avental, por duas vezes o sabão caiu no chão, a alça de uma xícara descolou-se em sua mão. Mas logo lavar a louça tornou-se algo comum, e não mais uma ocupação para afastar pensamentos intrusos. Os pensamentos vieram, sobre a inquietação de Guy na noite anterior, de sua risada, que escondia a sinceridade.

Imaginou uma canção comparando um cão doméstico a um lobo vermelho. Comparando um homem para quem a violência era apenas parte do jogo com outro, que era asmático e gordo. Com a repetição, a canção não dita foi ganhando ritmo, e o ritmo foi acalmando-a, afastando-lhe a mente da cena que talvez estivesse se desenrolando no hotel lá embaixo.

Tinha acabado de lavar os pratos e estava areando a pia quando Guy voltou. Ergueu o rosto e deu um sorriso para ele, voltando a concentrar-se no trabalho, para esconder as perguntas que sabia trazer nos olhos.

Guy ficou em pé na porta, olhando-a.

– Mudei de idéia –, disse, depois de um tempo. – Vou deixar que ele mesmo dê as cartas. Se quiser me ver, que venha até aqui. Ele conhece o caminho.

E afastou-se da porta. Margaret ouviu-o subindo as escadas.

Suas mãos vazias descansavam dentro da pia. A louça branca da cuba estava como neve. O frio que vinha dela subia por seus braços, tomando-lhe todo o corpo.

Uma hora mais tarde, quando Margaret subiu, Guy estava sentado na beira da cama passando um pano no cano de seu revólver preto. Ela andejou pelo quarto, fingindo estar ocupada com isso e aquilo, esperando que ele respondesse às perguntas que não ousava fazer. Mas Guy falava de outros assuntos. Limpou e poliu o revólver com toda a calma e todo o perfeccionismo de um entalhador afiando sua faca, enquanto conversava sobre coisas que nada tinham a ver com Leonidas Doucas.

Passou o resto do dia em casa, de tarde fumando e bebendo na sala. Quando se recostava, o revólver fazia volume sob seu braço esquerdo. Parecia contente, profano, contava vantagens. Pela primeira vez, Margaret via naqueles olhos seus 35 anos vividos, que marcavam também com clareza cada músculo de sua face.

Depois do jantar, ficaram na sala de visitas sem ligar a luz, apenas com a luminosidade do dia que morria. Quando a noite caiu por completo, nenhum dos dois se levantou para acender o interruptor junto ao portal do vestíbulo. Guy estava mais falante do que nunca. Margaret não encontrava o que dizer, mas o marido nem parecia notá-lo. Na verdade, ela nunca conseguia falar muito quando estava ao lado dele.

Estavam sentados na mais completa escuridão quando a campainha da porta tocou.

– Se for Doucas, mande-o entrar – disse Guy. – E depois é melhor você se mandar e ir lá para cima.

Margaret acendeu a luz antes de sair da sala, virando-se para olhar o marido. Ele estava pondo de lado a guimba apagada do charuto que estivera mastigando. Deu uma risadinha debochada para ela.

– E se ouvir uma barulheira – sugeriu –, é melhor enfiar a cabeça debaixo do travesseiro e pensar na melhor maneira de limpar sangue do tapete.

Margaret manteve-se muito ereta enquanto se encaminhava para a porta.

O chapéu preto e redondo de Doucas se inclinou para a frente junto com seus ombros numa mesura falsa que a impregnou com o aroma de magnólia.

– Seu... marido... está... em... casa.

– Está – ela mantinha o queixo erguido, de forma que parecia sorrir para ele, embora o gordo fosse um palmo mais alto que ela. E tentava fazer com que o sorriso parecesse doce e gentil. – Entre. Ele está esperando por você.

Sentado no mesmo lugar onde ela o deixara, com um novo charuto aceso, Guy não se levantou ao ver Doucas entrar. Tirou o charuto da boca e deixou a fumaça escapar por entre os dentes, enfeitando a bem-humorada insolência de seu sorriso.

– Bem-vindo a este lado do mundo – disse.

O grego não respondeu, permanecendo de pé junto à porta. Margaret deixou-os assim, atravessando a sala e subindo a escada dos fundos. Enquanto subia os degraus, ouvia o som da voz do marido, um rumor cujas palavras não conseguia discernir. Se Doucas disse alguma coisa, ela não conseguiu ouvir.

Ficou de pé no quarto escuro, amparando-se no pé da cama com as duas mãos, o tremor de seu corpo fazendo a cama tremer também. Do fundo da noite, surgiam perguntas que a atormentavam, questões sombrias que se embaraçavam, mesclavam-se e enredavam-se numa profusão que mudava com tal rapidez que ela não conseguia analisá-las com clareza, mas todas tendo alguma relação com um orgulho que em oito anos se transformara em algo muito querido para ela.

Tinham a ver com o orgulho que ela sentia diante da coragem e da dureza de um homem, coragem e dureza que podiam resultar em roubos, assassinatos, em crimes que ela apenas vislumbrava, erros que não eram mais repreensíveis do que os de um garotinho que roubasse uma maçã. Tinham a ver com a existência ou não dessa coragem glamorizada, sem a qual um pirata não passaria de um batedor de carteira, só que em escala geográfica maior, um ladrão de galinhas que se esgueirasse em terras alheias assim como se entra numa casa, uma figura furtiva, sorrateira, com aptidão para uma autobiografia espetacular. Dessa forma, o orgulho seria uma coisa tola.

Do chão, subiu um murmúrio, a distância e os tapetes intervindo para abafar as palavras ditas lá embaixo, em sua sala de parede bege. O rumor a fez encaminhar-se em direção à sala, atraiu-a fisicamente, enquanto se fazia mil perguntas.

Deixou os chinelos no quarto. Bem devagar, passo a passo, seus pés, só de meias, levaram-na através da escada social, mergulhada na escuridão.

Segurando as saias com força e no alto para que não fizessem barulho, ela desceu a escada em direção à sala onde os dois homens – por um instante, igualmente estranhos – negociavam, sentados.

Junto à cortina, vinda de ambos os lados, via-se a pálida luz amarela projetada no chão do vestíbulo, formando um U distorcido. Ouviu-se a voz de Guy.

– ...não lá. Viramos a ilha de cabeça para baixo, de Dambulla até Kala-wewa, e nada. Falei para você que era uma furada. Flagrar os marujos deixando todo aquele pitéu debaixo do nariz deles!

– Dahl... disse... que... estava... lá.

A voz de Doucas era suave, com a doçura infinitamente paciente daqueles cuja paciência está quase no fim.

Esgueirando-se até a porta, Margaret espiou através da cortina. Os dois homens, e a mesa entre eles, surgiram em cena. O ombro encasacado de Doucas virado para ela. Sentado ereto, as mãos gordas inertes sobre as coxas, seu perfil empertigado também imóvel. E os braços de Guy, vestidos na camisa branca, sobre a mesa. Ele se debruçava sobre eles, e eram visíveis as veias em sua testa e em seu pescoço, menores e mais vívidas junto aos olhos, de um azul-escuro. Diante dele, o copo estava vazio. O de Doucas ainda cintilava, com o líquido negro do licor.

– Estou pouco ligando para o que diz o Dahl – a voz de Guy era ríspida, mas pareceu inconclusa. – Estou lhe dizendo que o negócio não estava lá.

Doucas sorriu. Seus lábios deixaram entrever dentes muito brancos, voltando a encobri-los e mantendo um sorriso contido que nada tinha de graça ou espontaneidade.

– Mas... você... não...voltou... do... Ceilão... mais... pobre... do... que... foi.

A ponta da língua de Guy surgiu por entre os dentes, depois desapareceu. Ele observou as próprias mãos sardentas sobre a mesa. Depois, ergueu os olhos para Doucas.

– Não. Eu trouxe quinze mil paus comigo, se é que isso lhe interessa – disse, para em seguida fazer sua própria frase perder a sinceridade, ao transformá-la, com uma explicação, em mera bazófia. – Fiz o que um homem precisa fazer. Não teve nada a ver com o nosso jogo. Foi um negócio em que entrei depois que a nossa coisa furou.

– Sei. Eu... me... reservo... o... direito... de... duvidar.

Suaves, envoltas em suspiro, aquelas palavras traziam a violência de um tapa, equivalente a se ele tivesse gritado *É mentira!*

Os ombros de Guy se encurvaram, ouviu-se um rilhar de dentes. O sangue pulsou nas veias que riscavam seu rosto. Os olhos flamejaram, vermelhos, diante da máscara encardida que estava à sua frente, flamejaram até a respiração contida no peito de Margaret transformar-se em pura agonia.

O fogo nos olhos púrpura amainou-se. Os olhos baixaram. Guy apertou as mãos, os nós dos dedos, muito brancos.

– Tenha modos, meu irmão – disse ele, escandindo as palavras.

Margaret vacilou por trás da cortina que a protegia, a razão mal percebendo a mão que instintivamente ela estendia para agarrar-se, em busca de equilíbrio. Seu corpo parecia uma concha fria e úmida, envolvendo um vazio que contivera até então – até aquele exato instante, apesar da desconfiança que surgia –, o orgulho acumulado ao longo de oito anos. As lágrimas molharam-lhe o rosto, lágrimas pelo orgulho que ostentara e que agora lhe parecia algo ridículo. Agora se enxergava como uma criança no meio de adultos, caminhando com sua tiara de papel laminado e gritando alto:

– Olhem minha coroa de ouro!

– Estamos... perdendo... tempo. Dahl... disse... meio... milhão... de... rupias. Duvido... que... tenha... sido... menos. Mas... pelo... menos... metade... disso... estava... lá – o intervalo de respiração antes e depois de cada palavra repetia-se sem variação, soando ao mesmo tempo completamente antinatural. Cada palavra perdia o vínculo com a seguinte, transformando-se num símbolo ameaçador que pairava na sala. – Sem... levar... em... conta... os... extras... minha... parte... seria... vamos... dizer... setenta... e cinco... mil... dólares. É... o... que... eu... quero.

Guy não tirava os olhos dos nós dos dedos, brancos. A voz dele saiu abafada.

– E de onde você espera tirar essa grana?

Os ombros do grego se moveram uma fração de centímetro. Como ele estava completamente imóvel há muito tempo, aquela mínima movimentação pareceu um estremecimento.

– Você... vai... me... dar... a... grana. E... não... dar... um... pio... ao... cônsul... inglês... sobre... um... tal... de... Tom... Berkey... que... existiu...

no... Cairo... algum... tempo... atrás.

A cadeira de Guy foi jogada para trás. E ele se atirou por cima da mesa.

Margaret tapou a boca com a mão, contendo na garganta o grito que não tinha forças para soltar.

A mão direita do grego sacudiu suas jóias na cara de Guy. A mão esquerda materializou no ar uma pistola, saída do nada.

– Sentado... meu... amigo.

Debruçado por cima da mesa, Guy pareceu subitamente pequeno, como acontece com os corpos parados em sua trajetória. Por um instante, ficou paralisado. Em seguida, grunhiu, recuperou o equilíbrio, apanhou a cadeira e sentou-se. Seu peito expandia-se e murchava, lentamente.

– Ouça, Doucas – começou, muito grave –, você está enganado. Eu tenho no máximo uns dez mil dólares comigo. São meus, mas se você está pensando que vai levar um beiço, vou fazer um acerto. Você pode ficar com a metade dos dez mil.

As lágrimas de Margaret tinham desaparecido. A pena de si mesma se transformara em raiva daqueles dois homens que estavam sentados em sua sala de jantar, transformando seu orgulho em uma bobagem. Ainda tremia, mas agora de raiva, de desprezo por aquele maldito lobo vermelho que tinha por marido, tentando comprar o gordo que o ameaçava. O desdém que sentia pelo marido era grande o suficiente para incluir Doucas. Tinha vontade de avançar sala adentro, para exibir-lhes seu desprezo. Mas o impulso não resultou em nada. Ela não teria sabido o que fazer, o que dizer a eles. Não pertencia àquele mundo.

Apenas seu orgulho estivera no lugar de seu marido naquele universo.

– Cinco... mil... dólares... não... são... nada. Vinte... mil... rupias... eu... gastei... preparando... o... Ceilão... para... você.

A impotência de Margaret transformou-se em desprezo por ela própria. E a amargura daquele desprezo fez com que ela tentasse se justificar, recapturar pelo menos uma parte do orgulho que sentia por Guy. Afinal de contas, o que sabia ela daquele mundo? Que padrões tinha para julgar seus valores? Será que algum homem poderia sair-se vencedor em todos os embates? O que mais Guy poderia fazer diante da pistola de Doucas?

A futilidade das perguntas que fazia a si mesma enraiveceram-na. A verdade pura e simples era que ela nunca enxergara Guy como um homem, mas sim como um semideus. A fragilidade que supunha ver em sua atitude

defensiva estava no simples fato de ele precisar defender-se. Não sentir vergonha por ele era um lamentável substituto para a forma exultante com que o encarava. Mesmo que se convencesse de que ele não era um covarde, ainda assim deixaria vazio o espaço antes ocupado pela excitação que sentia em ver suas ousadias.

Para além das cortinas, os dois homens barganhavam diante da mesa.

– ... cada... centavo. Ninguém... obtém... lucro... me... passando... a... perna.

Margaret espiou pela fresta junto ao portal, observando o gordo Doucas com a pistola em cima da mesa, observando o ruivo Guy, que fingia ignorar a arma. Sentia muita raiva – uma raiva impotente, desarmada. Seria desarmada? O botão da luz ficava junto da porta. Doucas e Guy estavam entretidos um com o outro...

A mão dela se moveu antes mesmo que compreendesse o motivo do impulso. A situação era intolerável. A escuridão mudaria tudo, ainda que de forma sutil, portanto a escuridão era necessária. A mão se moveu entre a cortina e o portal, inclinou-se como se tivesse o dom de enxergar e levou seu dedo para o interruptor.

A escuridão tempestuosa foi cortada por uma tênue chama cor de bronze. Guy gritou, um rugido animal, sem significado. Uma cadeira foi ao chão. Ouviu-se o som confuso de passadas, rumores de luta, baques. Rosnados pontuados por grunhidos.

Escondidos pela noite, os dois homens e o que faziam tornaram-se, pela primeira vez, reais para Margaret, fisicamente presentes. Já não eram figuras cuja substância estava naquilo que faziam com seu orgulho. Um deles era seu marido, um homem que podia ser ferido, morto. Doucas era um homem que podia ser morto. Um deles podia morrer, ou ambos, por causa da vaidade de uma mulher. Uma mulher, ela mesma, os empurrara para a morte, só para não ter de confessar que não era a mulher de um gigante.

Soluçando, ela avançou pela porta e com ambas as mãos buscou o interruptor que comparecera tão prontamente ante seus dedos um minuto antes. Suas mãos correram pela parede que estremecia, com o baque de corpos. Atrás dela, ossos e carne se batiam. Pés lutavam em meio a respirações entrecortadas. Guy xingava. Os dedos dela caminhavam para a frente e para trás, de um lado a outro, pela superfície do papel de parede que

lhe surgia lisa, inteira, sem sinal do interruptor.

Os pés em luta silenciaram. O xingamento de Guy foi interrompido em meio a uma sílaba. A vibração de um gorgolejar se fez ouvir na sala, engolindo todos os outros sons, dando densidade e peso à escuridão, aumentando o frenesi dos dedos de Margaret na parede.

Sua mão direita encontrou o portal. Ela a manteve ali, pressionando-o até que a quina de madeira cortou-lhe a pele, agarrando-se, interrompendo a busca frenética enquanto se obrigava a imaginar o desenho exato da parede. O interruptor estava um pouco abaixo de seu ombro, decidiu.

– Bem abaixo de meu ombro – sussurrou com voz áspera, tentando obrigar-se a ouvir as palavras acima do gorgolejar. Com o ombro encostado ao portal, espalmou ambas as mãos na parede, movendo-as.

O gorgolejar cessou, deixando em seu lugar um silêncio ainda mais opressivo, o silêncio de um vazio selvagem.

Sentiu na palma a frieza do metal. Um dedo encontrou o botão, buscou sua forma com excessiva ansiedade, escorregou. Agarrou o botão com as duas mãos. E fez-se a luz. Ela se virou, encostando-se à parede.

Do outro lado da sala, Guy estava enganchado em Doucas, segurando-lhe a cabeça acima do chão, as mãos grossas encobrindo o colarinho branco do outro. A língua de Doucas era um pingente azulado, saindo de uma boca azulada. Os olhos estavam saltados, perdidos. A ponta de uma liga de seda vermelha saía de uma das pernas de sua calça, por cima do sapato.

Guy virou-se para Margaret, piscando com a luz.

– Boa menina – elogiou. – Este grego não era nenhuma florzinha para ser agarrado à luz do dia.

De um lado do rosto de Guy, o sangue corria de um corte vermelho. A mulher tentou concentrar-se naquela ferida, para não pensar no tempo verbal usado pelo marido – não *era*.

– Você está ferido!

Guy tirou as mãos do pescoço do grego e esfregou uma delas no rosto. Ela saiu tinta de vermelho. A cabeça de Doucas bateu no chão com um baque surdo, sem vibrar.

– Foi só um corte – disse Guy. – É bom para eu mostrar que foi em legítima defesa.

A reiteração levou o olhar de Margaret para o homem que jazia no chão, e depois para longe dele.

– Ele está...?

– Mortinho da silva – garantiu Guy.

A voz dele era leve, com um toque de satisfação.

Margaret olhou-o horrorizada, as costas pressionando a parede, sentindo-se nauseada por ter tomado parte naquela morte, nauseada com a brutalidade calejada na voz e no semblante de Guy. Guy não notava nada disso. Olhava pensativo para o morto.

– Eu avisei que acabava com ele se me provocasse – jactou-se. – Disse isso a ele próprio há cinco anos, em Malta.

Com cuidado, cutucou Doucas com o pé. Margaret apoiava-se na parede, com a sensação de que ia vomitar.

O pé de Guy mexia no morto devagar, como se refletisse. Os olhos de Guy estavam embotados, como se seus pensamentos vagassem longe dali, presos em coisas que podiam ter acontecido cinco anos antes, num lugar que para ela era apenas um nome no mapa, vagamente associado às Cruzadas e a bichinhos de estimação. O sangue corria da face dele, encorpando-se em gotas elásticas, antes de pingar no paletó do morto.

O pé que cutucava suspendeu sua brincadeira macabra. Os olhos de Guy ficaram maiores e mais brilhantes, seu rosto descarnado pela ansiedade. Bateu com o punho na palma da mão e gritou para Margaret.

– Meu Deus! O cara tinha uma concessão de pérolas lá em La Paz! Se eu conseguir chegar lá antes que fiquem sabendo da morte dele, eu posso... Ei, o que há?

Olhou para ela, a surpresa anulando a animação em seu rosto.

O olhar de Margaret se desviou do dele. Ela olhou para a mesa virada, no chão da sala. Evitou erguer os olhos, para que Guy não visse o que havia neles. Se ele de repente compreendesse – mas ela não ia ficar ali de pé, olhando para Guy, esperando que aquilo que tinha nos olhos inflamasse afinal a consciência dele.

Também procurou não deixar que aquilo transparecesse na voz.

– Vou fazer um curativo no seu rosto, antes de ligarmos para a polícia – disse.

OceanofPDF.com

O HOMEM QUE MATOU DAN ODAMS

Quando a luz que entrava na cela por sua única janela – um quadrado de mais ou menos um metro, cortado de barras – abrandou-se a ponto de ele não poder mais ver as iniciais e os rabiscos desenhados por seu predecessor na parede em frente, o homem que tinha matado Dan Odams ergueu-se do catre e caminhou até a grade de aço da porta.

– Ei, chefe! – gritou, sua voz troando por entre as paredes estreitas.

Uma cadeira arranhou o chão na parte da frente da construção, passos decididos se aproximaram e o xerife de Jingo surgiu no corredor entre seu escritório e a cela.

– Quero falar com você – disse o homem dentro do cubículo.

O xerife estava perto o suficiente para ver que, na luz mortiça, brilhava o cano de um revólver curto e pesado, ameaçando-o bem junto à cintura do prisioneiro, do lado direito.

Sem esperar pela ordem tão conhecida, o xerife ergueu as mãos, até que suas palmas chegaram à altura das orelhas.

O homem por trás das grades foi lacônico ao sussurrar:

– Vire-se! De costas para a grade!

Quando as costas do xerife se encostaram nas barras de metal, uma mão ergueu-se até sua axila esquerda, puxou o paletó desabotoado e tirou o revólver do coldre.

– Agora, destranque esta porta.

A arma do prisioneiro tinha desaparecido e, no lugar dela, estava o revólver tomado do xerife. Este se virou e baixou uma das mãos, onde tilintavam as chaves, e a porta da cela foi aberta.

O prisioneiro deu alguns passos para trás, convidando o outro com um movimento feito com o cano da arma.

– Deite na cama, de barriga para baixo.

Em silêncio, o xerife obedeceu. O homem que tinha matado Dan Odams inclinou-se sobre ele. O revólver preto e comprido foi baixado numa trajetória rápida, indo parar na base da cabeça do xerife.

Suas pernas se arquearam – e ele ficou imóvel.

Com grande agilidade, mas sem pressa, os dedos do prisioneiro exploraram os outros bolsos, pegando dinheiro, fumo e seda de cigarro. Ele tirou também o coldre que estava encaixado no ombro do xerife, colocando-

o em si próprio. E fechou a porta da cela ao sair.

Não havia ninguém no escritório do xerife. A escrivaninha forneceu dois pacotes de fumo, fósforos, uma pistola automática e dois punhados de munição. Pendurados na parede, havia um chapéu, que caiu abaixo das orelhas do prisioneiro, e um impermeável de borracha preta, que ficou comprido e apertado demais nele.

Vestido com a capa e o chapéu, esgueirou-se pela rua.

A chuva, depois de três dias de soberania, tinha parado, por enquanto. Mas a rua principal de Jingo estava deserta – os habitantes da cidade comiam entre cinco e seis da tarde.

Os olhos castanhos e fundos do prisioneiro – cuja animalidade era enfatizada pela falta de cílios – perscrutaram os quatro quarteirões da rua, com suas calçadas de madeira. Havia uma dúzia de automóveis parados, mas nenhum cavalo.

Na primeira esquina, ele saiu da rua principal e, meio quarteirão depois, enveredou por uma ruela enlameada, paralela à primeira. Sob uma marquise, nos fundos de um salão de bilhar, encontrou quatro cavalos, com suas selas e arreios pendurados ali perto. Escolheu um animal atarracado e forte – porque é impossível correr pela lama de Montana –, arreou-o e se dirigiu ao fim da ruela.

Ali, montou na sela e deu as costas para as luzes de Jingo, que começavam a despertar.

Algum tempo depois, remexeu no impermeável e tirou do bolso da cintura a arma com a qual rendera o xerife: uma pistola de mentira, feita de sabão esculpido, coberta com papel laminado tirado de maços de cigarro. Descascou a lâmina, apertou o sabão na mão até que perdesse a forma e atirou-o fora.

Depois de um tempo, o céu clareou e as estrelas apareceram. Ele descobriu que a estrada por onde estava indo levava ao sul. Viajou a noite toda, tocando sem trégua o cavalo pelo chão úmido e arenoso. Quando o dia raiou, o animal não podia mais continuar se não descansasse. O homem desceu uma ravina – por segurança, longe da estrada – e levou-o para a sombra de uns choupos.

Depois, subiu a encosta e deitou-se no chão encharcado, os olhos avermelhados e sem cílios presos na paisagem que acabara de percorrer: colinas tintas de negro, verde e cinza, cujos domínios eram divididos entre

o solo molhado, a grama nascida e a neve suja – esses três elementos vencidos aqui e ali pela tira sépia da estrada do condado, serpenteando até perder-se de vista.

Não viu ninguém enquanto permaneceu ali, mas a região estava por demais coalhada de marcas humanas para que ele se sentisse seguro. Cercas de arame farpado, na altura do ombro, ladeando a estrada, um atalho aberto na encosta de uma colina próxima, postes telefônicos com seus braços abertos contra o céu cinzento.

Lá pelo meio-dia ele voltou a selar o cavalo e seguiu pela ravina. Vários quilômetros à frente, deu com uma fieira de pequenos postes sustentando um fio de telefone. Saiu do fundo da ravina, localizou o rancho para onde iam os fios, contornou-o e foi em frente.

Mas, à tarde, já não teve tanta sorte.

Estava mais desatento – não via fios telefônicos havia mais de uma hora – e, de repente, ao atravessar uma colina, se encontrou praticamente no meio de um conjunto de construções. Indo em direção a elas, partindo do lado oposto, havia um fio.

O homem que tinha matado Dan Odams parou, desviou para outra colina e, quando descia, do outro lado, um rifle disparou às suas costas, do ponto por onde tinha passado.

Ele se inclinou, enfiando o nariz no lombo do cavalo e açoitando-o com pés e mãos para que corresse. O rifle disparou de novo.

O homem rolou do cavalo quando este caiu, e continuou rolando até que os montes de grama e artemísia o fizeram parar. Então engatinhou, escalou o morro e foi em frente.

O rifle não voltou a atirar. E ele não tentou localizá-lo.

Desviou-se do sul e seguiu rumo a oeste, suas pernas curtas, pesadas, empurrando-o para a frente, onde o monte Tiger se recortava contra o céu como um imenso gato preto e verde se arrastando, com tiras de branco sujo marcando os pontos onde a neve se acumulava nas ravinas e fissuras.

O homem sentiu uma dormência no ombro esquerdo, dormência que logo foi substituída por uma dor que queimava. O sangue escorria por seu braço, manchando-lhe a mão suja de lama. Ele parou para abrir o casaco e a camisa, ajeitando o curativo sobre o ferimento no ombro – a queda do cavalo reabrira a ferida, fazendo-a voltar a sangrar. E foi em frente.

A primeira estrada que encontrou subia em direção ao monte Tiger.

Seguiu por ela, abrindo caminho a custo pelo chão de lama, melado e pegajoso.

Somente numa ocasião ele quebrou o silêncio que vinha mantendo desde que saíra da prisão em Jingo. Parou no meio do caminho, com as pernas bem abertas e, com olhos injetados, olhou em torno, de um lado a outro, do chão até o céu, e em seguida, sem qualquer emoção, mas convicto, maldisse a lama, a cerca, os fios de telefone, o homem cujo rifle o deixara a pé, as cotovias do prado cujo canto jocoso, de notas flauteadas, parecia uma provocação permanente acima de sua cabeça.

Depois foi em frente, parando de vez em quando para tirar o excesso de lama das botas, aproveitando cada alto de colina para perscrutar o campo que deixava para trás, em busca de sinais de perseguição.

A chuva voltou a cair, cobrindo os cabelos ralos, empapados de barro – o chapéu se fora junto com a montaria. O impermeável, que mal cabia nele, toldava-lhe os movimentos, apertando-o nas ancas, mas era necessário para proteger da chuva o ferimento que tinha no ombro.

Por duas vezes, teve de sair da estrada para deixar passar veículos – de uma vez um Ford fumacento, de outra uma carroça meio cheia de feno, que passou sacolejando, puxada por quatro cavalos.

O melhor caminho era através das terras cercadas, onde estaria menos exposto. Havia casas aqui e ali, com espaços de alguns quilômetros entre elas. E a perda do cavalo era para ele a prova de que os fios telefônicos funcionavam. Ele não comia desde o meio-dia da véspera, mas – embora aparentemente não estivesse sendo seguido – não podia fazer pilhagens ali.

A noite caía quando ele deixou a estrada e começou a subir a encosta do monte Tiger. Quando estava completamente escuro, parou. A chuva continuou por toda a noite. Ele se sentou e enfrentou-a – encostado a uma grande pedra, com o impermeável na cabeça.

A choupana, descascada e em ruínas, jazia numa ponta da ravina. Acima do telhado, havia um fio de fumaça parado no ar, encharcado e sem vida, que sequer tentava elevar-se, sendo afinal transformado em nada pela chuva. As estruturas em torno da cabana e de sua chaminé tinham ainda menos encanto. O conjunto parecia ter sucumbido ao terror que sentia ante o imenso gato formado pela colina, em cujo flanco se encontrava.

Mas para os olhos vermelhos do homem que tinha matado Dan Odams – de bruços no topo da colina diante da qual se estendia a ravina – a falta de

fios telefônicos dava àquela cabana miserável uma beleza que transcendia arquitetos ou pintores.

Naquela manhã, enquanto ele observava, por duas vezes uma mulher estivera à vista. De uma vez, ela saíra da choupana, fora até um outro galpão e depois voltara. Da segunda vez, surgira na porta e ali ficara por um instante, observando a ravina. Era uma mulher pequena, de compleição e idade impossíveis de determinar em meio à chuva, e vestia um vestido simples, cinza.

Mais tarde, um garoto de uns dez anos surgiu dos fundos da casa, os braços carregando uma enorme pilha de lenha, e desapareceu.

Depois de algum tempo, o homem saiu de seu esconderijo no topo da colina, deu a volta e voltou a observar a cabana, agora pelos fundos.

Meia hora tinha se passado. Viu o garoto carregando água de um poço logo abaixo, mas não voltou a ver a mulher.

O fugitivo se aproximou da casa com cuidado, suas pernas carregando-o com movimentos rígidos, sem elasticidade. De vez em quando, os pés lhe faltavam. Mas sob a camada de barro e a barba de três dias, suas mandíbulas vibravam, e não havia nelas nenhum sinal de fraqueza.

Mantendo-se a distância, ele explorou as construções externas – estruturas miseráveis e frágeis, oferecendo uma pretensa e falsa proteção a uma égua caquética e a uma confusão de ferramentas do campo, todas tendo saído perdendo em sua luta contra a terra. Apenas a aplicação generosa, embora não especialmente inteligente, do material, que valia a galpões como aquele a descrição de “apetrechos de amarrar feno”, salvava-os da completa derrocada.

Em nenhum ponto do terreno havia pegadas maiores que as do pé da mulher ou do garoto de dez ou doze anos.

O fugitivo atravessou o quintal da casa, dando passadas largas para disfarçar o tremor em seu caminhar. Com o ritmo calmo e inexorável das batidas de um relógio, grossas gotas de sangue pingavam-lhe dos dedos da mão esquerda, sendo marteladas no chão pegajoso pela chuva que caía.

Através do vidro sujo de uma janela, ele viu a mulher e o garoto, sentados juntos num catre, de frente para a porta.

O rosto do garoto estava lívido quando o homem escancarou a porta e entrou na cabana sem divisões internas, e seus lábios tremiam. Mas o rosto fino e pálido da mulher não exibia qualquer expressão – exceto o fato de

mostrar, pela falta de surpresa, que ela o vira aproximar-se. Sentada ereta na cama, a mulher trazia as mãos vazias e imóveis sobre o colo e, em seus olhos apagados, não havia medo ou interesse.

O homem ficou parado por um instante – junto à porta, de um dos lados – como uma estátua grotesca de barro modelado. Baixo, corpulento, com seus ombros largos e encurvados. Nada se via de sua roupa ou cabelo, completamente emplastrados de lama, pouco se vendo do rosto e das mãos. O revólver do xerife, limpo e seco em sua mão, impunha-se por virtude própria sobre a pureza discrepante e a implacabilidade exagerada da cena.

Os olhos do fugitivo perscrutaram a sala: dois catres encostados à parede nua, de pranchas de madeira, uma mesa tosca de madeira no centro, cadeiras bambas de cozinha aqui e ali. Uma escrivaninha velha e arranhada, um baú, uma fieira de cabides cheios de roupas femininas e masculinas misturadas, uma pilha de sapatos a um canto, uma porta aberta dando para uma cozinha minúscula.

O homem caminhou até a porta da cozinha, sendo seguido pelo olhar da mulher.

Estava vazia. Ele interpelou a mulher.

– Onde está seu homem?

– Foi-se.

– Volta quando?

– Não volta.

A voz neutra e sem expressão da mulher parecia confundir o fugitivo, da mesma forma que sua frieza ao vê-lo entrar. Ele franziu a testa, virando os olhos – agora mais injetados de sangue do que nunca – do rosto dela para o do garoto, e depois de volta ao dela.

– E o que isso quer dizer? – perguntou.

– Quer dizer que ele se cansou da vida no rancho.

Ele mordeu os lábios, pensativo. Em seguida foi até o canto onde estava a pilha de sapatos. Havia dois pares de sapatos masculinos, gastos – secos, sem qualquer sinal de lama fresca.

Ele se endireitou, repôs o revólver no coldre e, com um gesto desengonçado, tirou o impermeável.

– Me arruma qualquer coisa para comer.

A mulher saiu do catre sem dizer palavra e foi até a cozinha. O fugitivo empurrou o menino atrás dela e ficou esperando na porta enquanto ela fazia

café e preparava bolo de chapa com bacon. Depois, voltaram para a sala. A mulher botou a comida na mesa e sentou-se outra vez na cama, com o garoto junto dela.

O homem engoliu a comida sem olhar – seus olhos estavam ocupados com a porta, a janela, a mulher, o garoto, o revólver junto do prato. O sangue continuava pingando de sua mão esquerda, manchando a mesa e o chão. Pedaços de barro se desprendiam de seu cabelo, do rosto e das mãos, caindo no prato, mas ele nem parecia notar.

A fome aplacada, enrolou e acendeu um cigarro, a mão esquerda desempenhando mal seu papel.

Pela primeira vez, a mulher pareceu notar o sangue. Veio até junto dele.

– Você está sangrando. Deixe eu fazer um curativo.

Os olhos dele – agora pesados de fadiga e pela fome satisfeita – observaram-na com suspeita. Em seguida, ele se reclinou na cadeira e afrouxou as roupas, mostrando o ferimento de bala feito uma semana antes.

Ela trouxe água e toalhas, limpando o ferimento e pondo-lhe uma atadura. Nenhum dos dois disse nada até que ela voltou a sentar-se na cama.

Então:

– Você tem recebido alguma visita?

– Não vejo ninguém há seis ou sete semanas.

– Onde fica o telefone mais próximo?

– Em Nobel, oito milhas ravina acima.

– Você tem mais algum cavalo além daquele no telheiro?

– Não.

Ele se levantou, com ar cansado, e foi até a escrivaninha, puxando as gavetas e enfiando as mãos lá dentro. Na primeira, encontrou um revólver e enfiou-o no bolso. No baú não achou nada. Atrás das roupas penduradas na parede, encontrou um rifle. Nas camas, não havia armas escondidas.

Ele pegou duas cobertas de uma das camas, o rifle e o impermeável que estava usando. Cambaleava quando se dirigiu à porta.

– Vou dormir um pouco – disse, ríspido –, lá fora, no telheiro onde fica o cavalo. De vez em quando vou dar um pulo aqui para ver como estão as coisas, e não quero dar por falta de ninguém. Entenderam?

A mulher assentiu, fazendo uma sugestão.

– Se algum estranho aparecer, quer que eu o acorde antes que eles vejam você?

Os olhos dele, embotados, ganharam vida e ele caminhou sem vacilar até ela, olhando-a face a face, como se tentasse perscrutar o fundo daqueles olhos apagados.

– Eu matei um cara em Jingo na semana passada – disse depois de um tempo, falando devagar, num tom pausado que era ao mesmo tempo cauteloso e ameaçador. – Foi legítima defesa. Ele me pegou no ombro antes, mas depois eu o matei. Só que ele era de Jingo e eu não. O melhor que eu poderia esperar era o pior possível. Surgiu uma chance de escapar antes que me levassem para Great Falls e eu não podia perder. E não estou com a menor vontade de ser levado de volta para lá para ser enforcado. Não pretendo ficar aqui por muito tempo, mas enquanto ficar...

A mulher assentiu de novo.

Ele voltou a franzir a testa para ela e saiu da cabana.

Amarrou o cavalo num canto do galpão com uma corda curta e estendeu as cobertas entre ele e a porta. Depois, com o revólver do xerife na mão, deitou-se e dormiu.

A tarde já ia alta quando ele acordou, e a chuva continuava caindo. Espiou o quintal vazio, com todo o cuidado, observando bem a casa antes de entrar.

A mulher tinha varrido e arrumado a sala. Pusera um vestido limpo, que sucessivas lavagens tinham deixado de um rosa claro e desbotado. Escovara e ajeitara o cabelo. Ergueu o rosto da costura e olhou para a porta, e seu rosto, embora marcado pelo trabalho duro, parecia menos pálido do que antes.

– Onde está o garoto? – disparou o homem.

Ela esticou o polegar por cima do ombro.

– Lá em cima, na colina. Mandei-o vigiar a ravina.

Ele estreitou os olhos, saindo da casa. Observou a colina através da chuva e viu a silhueta do garoto, deitado de barriga para baixo debaixo de uma árvore atarracada, um cedro vermelho, olhando em direção ao leste. E o homem voltou para dentro.

– Como está o ombro? – perguntou a mulher.

Ele levantou o braço, experimentando.

– Melhor. Embrulhe alguma coisa de comer para eu levar. Vou embora.

– Bobagem – disse ela, com abatimento, enquanto entrava na cozinha. – Você faria melhor se ficasse aqui até que seu ombro estivesse bom para

enfrentar a viagem.

– Aqui é muito perto de Jingo.

– Ninguém vai enfrentar toda essa lama para vir atrás de você. Um cavalo não conseguiria passar, muito menos um carro. Não pensa que iam enfrentar toda essa lama para vir atrás de você, se soubessem onde está, pensa? Além do mais, a chuva não vai fazer bem ao seu ombro.

Ela se abaixou para pegar um saco no chão. Sob o vestido rosa e fino, delinearam-se contra a parede seus quadris, a cintura e as pernas.

Quando se endireitou e viu que ele a olhava, ela piscou os olhos, corando e entreabrindo de leve os lábios.

O homem encostou-se ao umbral da porta e acariciou a barba cheia de lama com o dedo grosso.

– Talvez você tenha razão – disse.

Ela pôs de lado a comida que estava arrumando, pegou num canto um balde de metal e foi três vezes à fonte, enchendo uma banheira de ferro que tinha encaixada no fogão. O homem continuou de pé, na porta, olhando.

Ela avivou o fogo, foi até a sala, pegou na cômoda roupas de baixo, uma camisa azul e um par de meias, puxou de um cabide um par de calças cinzentas e tirou da pilha de sapatos uns chinelos de usar em casa. Pôs as roupas sobre uma cadeira, na cozinha.

Depois saiu, fechando a porta entre a cozinha e a sala.

Enquanto o homem se despia e se lavava, ouviu-a cantarolando baixinho. Por duas vezes, foi pé ante pé até a porta, espiando através da fresta junto ao umbral. Nas duas vezes viu-a sentada na cama, debruçada sobre a costura, o rosto ainda afogueado.

Estava com uma perna enfiada na calça que a mulher lhe dera quando ela parou de cantarolar de repente.

Apanhou rápido o revólver que ficara sobre uma cadeira, bem à mão, e foi até a porta, pisando na bainha da calça, que se arrastava no chão atrás dos calcanhares. Encostando-se à parede, ele espiou pela fresta.

Na porta da frente da casa, estava de pé um jovem alto, vestido com um impermeável que brilhava, encharcado. Nas mãos do jovem, estava uma espingarda de cano duplo, as bocas gêmeas como olhos mortos e malignos focadas no centro da porta entre a sala e a cozinha.

O homem na cozinha ergueu o revólver, o dedo polegar puxando o cão da arma com a mesma precisão mecânica de quem usa pistolas automáticas.

A porta dos fundos da cozinha foi escancarada.

– Baixe a arma!

O fugitivo, girando ante o som da porta que se abria, já estava frente a frente com o novo inimigo antes mesmo que a ordem fosse proferida.

Duas armas rugiram ao mesmo tempo.

Mas os pés do fugitivo, quando ele se virou, ficaram embaraçados na bainha das calças. As calças tinham sido sua armadilha. Tinha caído de joelhos no instante exato em que as duas armas foram disparadas.

A bala dele se perdeu no espaço acima do ombro do homem que estava na porta. A bala deste cravou-se na parede apenas um centímetro acima da cabeça do fugitivo, que se jogava ao chão.

Lutando de joelhos, o fugitivo disparou uma segunda vez.

O homem na porta balançou e deu um giro para o lado.

Enquanto ele se endireitava, o dedo indicador do fugitivo pressionou mais uma vez o gatilho...

E da porta entre a cozinha e a sala ouviu-se o disparo de uma arma.

O fugitivo pôs-se de pé num salto, a surpresa estampada no rosto, ficou ereto por um momento e desabou no chão.

O jovem com a espingarda veio em direção ao homem que estava encostado na porta, com a mão espalmada ao longo do corpo.

– Você se feriu, Dick?

– Pegou de raspão, eu acho... não é nada. Parece que você o matou, Bob.

– Parece. Foi um tiro certeiro!

A mulher chegou à cozinha.

– Onde está Buddy?

– Está tudo bem com o garoto, sra. Odams – garantiu Bob. – Mas ele estava cansado de correr na lama e minha mãe botou-o na cama.

O homem que estava caído no chão emitiu um som, e eles viram que seus olhos estavam abertos.

A sra. Odams e Bob debruçaram-se sobre ele, mas o homem fez sinal que parassem quando eles tentaram movê-lo para examinar o ferimento aberto pela espingarda em suas costas.

– Não adianta – protestou, o sangue grosso escorrendo do canto da boca enquanto falava. – Me deixem quieto.

Em seguida, os olhos dele – a vermelhidão selvagem que havia neles

agora vidrada – procuraram os da mulher.

– Você... é mulher... de Dan... Odams? – conseguiu perguntar.

Havia algo de desafiador – prova de que ela sentia necessidade de justificar-se – em sua resposta.

– Sou.

O rosto dele – de feições grossas e rugas profundas, agora que a lama se fora – nada revelou do que se passava em sua mente.

– Paspalho – murmurou para si próprio depois de uma pausa, os olhos perdidos na colina em cujo topo vira o que acreditava ser um garoto agachado.

Ela assentiu.

O homem que tinha matado Dan Odams virou o rosto e cuspiu o sangue que lhe enchia a boca. Depois, voltou a olhá-la.

– Boa menina – disse, com toda a clareza, e em seguida morreu.

OceanofPDF.com

TIROS NA NOITE

A casa, grande e quadrada, era de tijolos vermelhos, com um telhado de ardósia esverdeado cujo ressalto, largo, dava à construção um aspecto atarracado, apesar de seus dois andares. Ficava numa colina gramada, distante da estrada, de costas para esta e debruçada sobre o rio Mokelumne.

O Ford que eu alugara em Knownburg conduziu-me àqueles jardins atravessando um portão alto, de malhas de aço, trilhou a estradinha circular de cascalho e deixou-me a meio metro da varanda de tela, que circundava todo o primeiro andar da casa.

– Aquele ali é o genro de Exon – disse o motorista, guardando a gorjeta que eu acabara de lhe dar e preparando-se para ir embora.

Virei-me e vi um homem alto, meio desconjuntado, de trinta e poucos anos, vindo da varanda em minha direção – um homem vestido com displicência, com uma cabeleira castanha desgrenhada acima do rosto charmoso e queimado de sol. Havia um toque de crueldade em seus lábios, que agora sorriam preguiçosamente. E havia também um quê de imprudência nos olhos estreitos e acinzentados.

– Sr. Gallaway? – perguntei, enquanto ele descia as escadas.

– Eu mesmo. – A voz dele era um barítono arrastado. – E você é...

– Da filial de San Francisco da Agência de Detetives Continental – concluí.

Ele fez um cumprimento com a cabeça, mantendo a porta de tela aberta para que eu entrasse.

– Pode deixar a mala aqui. Vou mandar levá-la para seu quarto.

Acompanhou-me até dentro de casa e – depois de eu lhe assegurar que já tinha almoçado – apontou-me uma cadeira macia e me ofereceu um excelente charuto. Esticou a coluna numa poltrona bem em frente à minha – ângulos desconjuntados saindo dele em todas as direções – e soprou fumaça para cima.

– Em primeiro lugar – começou, após algum tempo, suas palavras saindo devagar –, acho que devo lhe dizer que não espero muita coisa em matéria de resultados. Mandei buscá-lo mais pelo efeito calmante que sua presença teria sobre a casa do que por esperar ações concretas. Acho que não há muito a fazer. Mas não sou detetive. Posso estar errado. Talvez você encontre todo tipo de coisas, importantes ou não. Se isso acontecer, ótimo!

Mas não vou insistir nesse ponto.

Eu não disse nada, embora aquele começo não fosse muito do meu agrado. Ele fumou em silêncio por um tempo, depois continuou.

– Meu sogro, Talbert Exon, é um homem de 57 anos, normalmente muito ativo, durão, danado, um velho fogoso e brigão. Mas agora está se recuperando de uma pneumonia séria, que o deixou muito alquebrado. Ainda não conseguiu levantar-se da cama e o dr. Rench está querendo que fique de repouso por pelo menos mais uma semana.

"O quarto do velho fica no segundo andar, é de frente, no canto direito da casa, bem acima de onde estamos sentados agora. A enfermeira dele, srta. Caywood, fica no quarto ao lado, e há entre os dois aposentos uma porta de conexão. Meu quarto também fica de frente e minha porta dá para a do velho no corredor. O de minha mulher é ao lado do meu – em frente ao da enfermeira. Depois lhe mostro. Só quero que tudo fique muito claro.

"Na noite passada, na verdade de madrugada, uma e pouco da manhã, alguém deu um tiro em Exon enquanto ele dormia – e errou. A bala entrou na moldura da porta que dá no quarto da enfermeira, cerca de quinze centímetros acima de onde estava o velho, deitado na cama. A direção que a bala tomou ao alojar-se na madeira parece indicar que ela foi disparada de uma das janelas – ou através dela ou de junto a ela, do lado de dentro.

"Exon acordou, é claro, mas não viu ninguém. Nós todos, minha mulher, a srta. Caywood, os Figgs e eu, também fomos acordados pelo barulho do tiro. Todos corremos para o quarto, mas não vimos nada. Não há dúvida de que quem atirou saiu pela janela. Caso contrário, algum de nós o teria visto, porque viemos cada um de uma direção. Mas não encontramos ninguém no jardim, nem qualquer sinal dessa pessoa."

– Quem são os Figgs, e quem mais vive aqui, além de você, sua mulher, o sr. Exon e a enfermeira?

– Os Figgs são o casal Adam e Emma. Ela é arrumadeira e ele uma espécie de faz-tudo. O quarto deles fica bem nos fundos, no segundo andar. Além deles, temos Gong Lim, o cozinheiro, que dorme num quartinho perto da cozinha, e os três lavradores. Joe Natara e Felipe Fadelia são italianos e estão aqui há mais de dois anos. Jesus Mesa é mexicano e está conosco há um ano ou um pouco mais. Esses trabalhadores dormem numa casinha perto dos celeiros. Acho, se é que minha opinião tem algum valor, que nenhuma dessas pessoas tem qualquer relação com o tiro que foi disparado.

– Você tirou a bala da moldura da porta?

– Tirei. Shand, o subxerife de Knownburg, se encarregou disso. Diz ele que a bala é de calibre 38.

– Tem alguma arma desse calibre na casa?

– Não. Uma 22 e a minha, uma 44, que eu guardo no carro, são as únicas pistolas por aqui. Há também duas espingardas e um rifle 30-30. Shand fez uma busca cuidadosa e não encontrou mais nada em matéria de armas de fogo.

– O que diz o sr. Exon?

– Não muito, apenas que, se botássemos uma arma em suas mãos na cama, ele cuidaria de tudo sozinho, sem precisarmos nos preocupar em chamar polícia ou detetives. Não sei se ele sabe quem atirou nele, porque o diabo do velho não abre o bico de jeito nenhum. Pelo que sei dele, imagino que haja alguns homens que se julguem com razões para matá-lo. Ele está longe de ter sido uma flor de pessoa quando jovem, e tampouco na idade madura.

– Existe alguma coisa categórica que você saiba, ou que esteja imaginando?

Gallaway sorriu para mim – um sorriso debochado, que eu veria muitas vezes antes de me ver livre daquele caso Exon.

– As duas coisas – respondeu, com voz arrastada. – Sei que a vida dele está cheia de sócios trapaceados e amigos traídos e que ele escapou da prisão pelo menos uma vez distorcendo as provas e incriminando os próprios sócios. Sei também que sua mulher morreu em circunstâncias estranhas, tendo um seguro altíssimo, e que ele foi tido como suspeito de tê-la assassinado, até finalmente ser liberado por falta de provas. Esses são exemplos claros, acredito, do comportamento habitual do rapaz, donde pode haver muita gente querendo vê-lo pelas costas.

–Você poderia me dar uma lista com os nomes de todos esses inimigos dele, para eu mandar investigar?

– Os nomes que eu poderia lhe dar seriam apenas uma pequena parte. Além disso, você levaria meses para investigar apenas alguns. Não tenho intenção de enfrentar a trabalheira que isso daria, nem as despesas que seriam necessárias. Como já disse, não estou fazendo questão de resultados. Minha mulher está muito nervosa e, por alguma razão muito dela, parece que gosta do velho. Por isso, apenas para acalmá-la, concordei quando ela

pediu que eu contratasse um detetive particular. Minha idéia é mantê-lo por aqui por uns dois dias, até que as coisas se acalmem e ela se sinta segura outra vez. Enquanto isso, se calhar de você descobrir alguma coisa, melhor para você! Caso contrário... tudo bem.

Meu rosto deve ter deixado transparecer um pouco do que me passava pela cabeça, porque os olhos dele faiscaram e ele reprimiu um risinho.

– Por favor, não pense – disse, com sua voz arrastada – que não é para você descobrir o quase assassino do meu sogro. Eu lhe dou carta branca. Faça o que bem lhe aprouver, mas peço que fique por aqui o máximo de tempo possível, para que minha mulher o veja e sinta que está sendo protegida. Fora isso, pouco me importa o que você fizer. Pode prender bandidos aos magotes. Como já deve ter percebido, não sou exatamente um admirador do meu sogro, e a recíproca é verdadeira. Para ser franco, se odiar não desse tanto trabalho, acho que eu odiaria o diabo do velho. Mas se você quiser, e puder, apanhar o camarada que deu o tiro, isso vai me deixar satisfeito. Só que...

– Está bem – falei. – Não estou muito empolgado com a tarefa, mas, já que estou aqui, vou aceitar. E aí, fique sabendo, vou tentar até o fim.

– Sinceridade e perseverança – ele exibiu os dentes num sorriso sardônico, enquanto nos levantávamos – são características muito louváveis.

– É o que ouço falar – grunhi. – Agora, gostaria de dar uma olhada no quarto do sr. Exon.

A mulher de Gallaway e a enfermeira estavam ao lado do doente, mas eu examinei o quarto antes de dirigir-lhes qualquer pergunta.

Era um quarto grande, com três largas janelas dando para o telhado da varanda, e duas portas, uma das quais dava para o *hall* e a outra para o aposento ao lado, ocupado pela enfermeira. Esta última estava aberta, havendo na passagem uma cortina japonesa, de cor verde. Disseram-me que era assim que permanecia durante a noite, para que a enfermeira pudesse ouvir, caso o doente estivesse inquieto ou precisasse chamá-la.

Se um homem ficasse de pé sobre o telhado da varanda, poderia perfeitamente apoiar-se no peitoril de uma das janelas (caso não quisesse pular para dentro do quarto) e atirar no velho deitado na cama. Não precisaria de muito esforço para escalar o telhado, e descer seria ainda mais fácil – bastaria escorregar até a beirada com as pernas para baixo,

controlando a velocidade da descida com as mãos e os braços apoiados na ardósia, para depois pular no chão de cascalho da estradinha. Coisa simples, tanto para chegar quanto para sair. Não havia cortinas nas janelas.

A cama do doente ficava ao lado da porta que ligava o quarto dele ao da enfermeira. Isso o deixava, quando estava deitado, bem no caminho entre a porta e a janela de onde partira o tiro. Do lado de fora, não havia nenhuma construção, árvore ou evidência de qualquer tipo que sugerisse que a bala retirada do portal tivesse partido de um rifle de longo alcance.

Do quarto, passei às pessoas que ali estavam, dirigindo as primeiras perguntas ao doente. Quando tinha saúde, com certeza fora um homem magro e de altura considerável, mas agora estava esquálido, muito desgastado e de uma palidez mortal. Seu rosto era cavado e fino; os olhos redondos prendiam-se à ponte estreita do nariz; e a boca sem cor era como um talho, acima do queixo ossudo que se projetava para a frente.

A fala dele foi um primor de concisão petulante.

– Eu acordei com o tiro. Não vi nada. Não sei de nada. Tenho um milhão de inimigos, mas da maioria não me lembro nem o nome.

Falou de um jato e, em seguida, virando o rosto, fechou os olhos e se recusou a falar outra vez.

A sra. Gallaway e a enfermeira me acompanharam até o quarto desta última, onde eu lhes fiz algumas perguntas. As duas eram o completo oposto uma da outra, e havia entre elas uma certa frieza, uma hostilidade inegável, da qual eu me certificaria ao longo do dia.

A sra. Gallaway devia ser uns cinco anos mais velha do que o marido. Morena, muito bonita, com um porte de estátua, guardava nos olhos escuros uma inquietação que se acentuava sempre que ela olhava para o marido. Não havia dúvida de que ela o amava muito, e a ansiedade que exibia no olhar – o cuidado com que procurava agradá-lo, nos mínimos detalhes, durante o tempo em que permaneci na casa dos Exon – me convenceram de que ela lutava com o temor permanente de perdê-lo.

A sra. Gallaway não acrescentou nada ao que seu marido me dissera. Ela fora acordada pelo barulho do tiro, correra até o quarto do pai e não vira nada. Não sabia de nada, nem de nada suspeitava.

A enfermeira, que se chamava Barbra Caywood, contou-me a mesma história, praticamente com as mesmas palavras. Tinha pulado da cama ao ser acordada pelo barulho do disparo, puxara a cortina da porta que ligava

os dois aposentos e entrara correndo no quarto de seu paciente. Fora a primeira a chegar, mas só vira o velho sentado na cama, sacudindo o pulso trêmulo na direção da janela.

A tal Barbra Caywood era uma moça de 21, 22 anos, o tipo da garota que faria qualquer homem feliz – uma garota um pouco mais baixa do que a média, de porte ereto, elegante e torneada nos lugares certos, num contraste com seu uniforme branco e severo. Seus cabelos dourados e sedosos emolduravam um rosto que, sem dúvida, merecia ser admirado. Mas ela parecia extremamente profissional e tinha um ar eficiente, por trás de toda essa beleza.

Do quarto da enfermeira, Gallaway me levou até a cozinha, onde interroguei o cozinheiro chinês. Gong Lim era um oriental de rosto triste, cujo sorriso permanente tornava-o ainda mais melancólico. Durante nossa conversa, fez muitas mesuras, sorriu o tempo todo, disse *sim, sim* – e não me disse nada.

Adam e Emma Figg – magro e corpulenta, respectivamente, e ambos reumáticos – colecionavam uma imensa variedade de suspeitas, dirigidas contra o cozinheiro e os três lavradores, individual ou coletivamente, variando, a cada momento, de um para outro. Mas não tinham nada em que basear suas suspeitas, exceto a certeza inabalável de que todos os crimes são cometidos por estrangeiros.

Encontrei os três lavradores – dois italianos de meia-idade, sorridentes e de grossos bigodes, e um mexicano jovem, de olhos mansos – trabalhando numa das plantações. Conversei com eles por quase duas horas e saí de lá com uma boa dose de convicção de que nenhum dos três tinha nada a ver com a história do tiro.

O dr. Rench tinha acabado de descer do quarto de seu paciente quando eu e Gallaway entramos, vindos da plantação. Era um velho baixinho e mirrado, de olhos e maneiras brandos, com um crescimento fantástico de cabelos, que proliferavam por cabeça, sobrancelhas, rosto, boca, queixo e narinas.

Disse que a excitação tinha prejudicado um pouco a recuperação de Exon, embora não acreditasse que o problema fosse sério. O paciente apresentava temperatura ligeiramente alta, mas já estava melhorando.

Quando o dr. Rench saiu, fui com ele até o carro, a fim de lhe fazer algumas perguntas, mas poderia perfeitamente ter-me poupado esse

trabalho, já que as respostas não me disseram nada. Nada do que ele me disse tinha algum valor. A enfermeira, Barbra Caywood, contou-me, tinha sido contratada em San Francisco, pelos canais habituais, o que afastava a hipótese de que ela se tivesse infiltrado na casa por algum motivo escuso, talvez relacionado com a tentativa de assassinato de Exon.

Voltando da conversa com o médico, dei com Hillary Gallaway e a enfermeira no *hall*, quase no pé da escada. O braço dele estava pousado sobre o ombro da enfermeira e ele sorria para ela. Assim que cruzei a porta, ela se desvencilhou, deu uma risada maliciosa olhando para ele e em seguida subiu as escadas.

Não sei se ela me vira chegando antes de se desvencilhar do abraço, nem sei há quanto tempo aquele braço estava ali. E as respostas para essas duas perguntas eram cruciais para estabelecer a posição dos dois.

Hillary Gallaway não me parecia um homem que deixasse uma garota bonita como aquela sem galanteios. E ele próprio era também atraente o suficiente para tornar seus avanços não de todo indesejáveis. Tampouco Barbra Caywood me parecera o tipo de garota que se ofenderia com a admiração dele. Mas, até aí, era mais do que provável que não houvesse nada de muito sério entre eles, não mais do que uma espécie de flerte, uma brincadeira.

Mas, fosse qual fosse a situação nessa área, a questão não tinha nenhuma relação com a história do tiro – pelo menos que eu soubesse. A única coisa é que agora eu percebia a razão das relações tensas entre a enfermeira e a mulher de Gallaway.

Enquanto tudo isso passava por minha cabeça, Gallaway sorria para mim, com ar interrogativo.

– Ninguém está seguro quando há um detetive por perto – reclamou.

Eu devolvi o sorriso. Era a única resposta para se dar a uma boa bisca como aquela.

Depois do jantar, Gallaway me levou até Knownburg em sua baratinha, deixando-me na porta da casa do subxerife. Ofereceu-se para me levar de volta à casa dos Exon quando eu terminasse minhas investigações na cidade, mas, como eu não sabia quanto tempo demorariam essas investigações, disse a ele que, ao terminar, pegaria um carro.

Shand, o subxerife, era um homem grande e louro, de trinta e poucos anos, que falava e pensava com lentidão – não exatamente o tipo ideal para

a função de subxerife numa cidade do Condado de San Joaquin.

– Fui até Exon assim que Gallaway me ligou – disse ele. – Acho que eram mais ou menos quatro e meia da madrugada quando cheguei lá. Não achei nada. Não havia marcas no telhado da varanda, mas isso não quer dizer nada. Eu próprio tentei escalar o telhado, depois pular de volta, e vi que não deixei marca alguma. O chão em volta da casa é duro demais para que se possa seguir pegadas. Encontrei umas poucas, mas não levavam a lugar algum. Além do mais, antes que eu chegasse, todo mundo tinha corrido para lá e para cá, em volta da casa, portanto era impossível dizer a quem as pegadas pertenciam.

"Pelo que sei, não surgiu nenhum suspeito nas vizinhanças. Os únicos caras por aqui que têm alguma querela com o velho Exon são os Deemses. Exon ganhou uma causa na Justiça contra essa família há uns dois anos, mais ou menos. Mas todos eles, o pai e os dois filhos, estavam em casa quando houve o disparo."

– Há quanto tempo Exon mora aqui?

– Quatro anos, acho.

– Nenhuma pista, então?

– Não que eu saiba.

– O que você sabe sobre a família Exon?

Shand coçou a cabeça, pensativo, e franziu a testa.

– Acho que você está se referindo a Hillary Gallaway – disse, devagar. – Já imaginava. Os Gallaways apareceram por aqui uns dois anos depois que o pai dela tinha comprado a casa. Hillary parece que passa a maior parte de suas noites no Ady's, um salão de jogo, onde ele ensina a rapaziada a jogar pôquer. Parece que ensina a eles direitinho. Eu não sei dizer. Ady tem essa casa de jogo, mas sem baderna, e eu os deixo quietos. Mas claro que eu mesmo nunca dou as caras por lá.

"Além de ser chegado a uma jogatina, de beber demais e de vir toda hora para a cidade, onde parece que tem uma namorada, não sei de mais nada sobre Hillary. Mas não é segredo para ninguém que ele e o sogro não se cruzam. O quarto de Hillary é bem em frente ao de Exon, e a janela do quarto dele se abre para o telhado da varanda a poucos metros da do velho. Mas sei lá..."

Shand confirmou o que Gallaway me dissera sobre o calibre da bala ser 38, sobre não haver na casa nenhuma arma desse tipo e sobre a inexistência

de razão para suspeitar dos criados ou dos empregados do campo.

Passei as duas horas seguintes conversando com todos que encontrei dispostos a falar em Knownburg, e não descobri nada que valesse a pena tomar nota. Em seguida, fui até a garagem e peguei um carro com motorista, para me levar de volta a Exon.

Gallaway ainda não voltara da cidade. Como a mulher dele e Barbra Caywood iam sentar-se para um jantar ligeiro, antes de irem se deitar, eu me sentei com elas. Exon começara a noite tranqüilo e estava dormindo, disse a enfermeira. Conversamos um pouco – até cerca de meia-noite e meia – e depois fomos para nossos quartos.

Meu quarto era ao lado do da enfermeira, na mesma parede do *hall* que dividia o segundo andar ao meio. Sentei-me e redigi meu relatório do dia, fumei um charuto e, em seguida, como a casa estava quieta, pus no bolso um revólver e uma lanterna, descendo as escadas e saindo pela porta dos fundos.

A lua estava nascendo, banhando os campos com sua luz difusa, exceto pela mancha sombria da casa, das construções em torno e dos vários montes de arbustos. Mantendo-me nessas sombras o maior tempo possível, eu explorei os campos, não encontrando nada de anormal.

Na falta de qualquer evidência em contrário, o tiro da noite anterior parecia ter sido disparado – por acidente ou com medo de algum movimento estouvado feito por Exon – por algum ladrão, que tivesse entrado no quarto do doente pela janela. Se isso fosse fato, não havia nem uma chance em mil de que alguma coisa acontecesse nessa noite. Mas eu me sentia inquieto e sobressaltado, apesar de tudo.

O carro de Gallaway não estava na garagem. Ele não voltara de Knownburg. Debaixo da janela dos lavradores, parei, até que o ruído de roncos em três tons diferentes me garantiu que os três estavam bem quietos, dormindo.

Depois de uma hora xeretando por ali, voltei para dentro de casa. O mostrador luminoso de meu relógio marcava 2h35 da madrugada quando parei do lado de fora da porta do cozinheiro chinês, para ouvir sua respiração pausada.

No andar de cima, encostei-me à porta do quarto dos Figgs, até meus ouvidos me garantirem que eles também dormiam. Na porta da sra. Gallaway, tive de esperar vários minutos, até ouvi-la suspirar e virar-se na

cama. Barbra Caywood respirava forte e profundamente, com a serenidade de um animal jovem, cujo sono não é perturbado por pesadelos. A respiração do doente veio até mim com a regularidade do sono e a dissonância de uma pneumonia em convalescença.

Feita a ronda auditiva, voltei para meu quarto.

Ainda sentindo-me inquieto e completamente sem sono, botei uma cadeira junto da janela e sentei-me, admirando o luar sobre o rio, que serpenteava logo abaixo da casa, sendo visível daquele lado. Fumei outro charuto, pensando e repensando em tudo – sem chegar a lugar algum.

Lá fora, nenhum som.

De repente, uma detonação varreu o *hall*, o som de um tiro sendo disparado dentro de casa! Atravessei o quarto correndo e saí para o corredor.

O grito de uma mulher – estridente, frenético – encheu a casa.

A porta do quarto de Barbra Caywood estava destrancada quando a alcancei, escancarando-a. Na luz da lua que penetrava pela janela, vi a enfermeira sentada, no meio da cama. Não parecia bonita, agora. Seu rosto estava distorcido pelo terror. O grito morria em sua garganta.

Tudo isso aconteceu num mínimo lapso de tempo, o tempo que levei para atravessar a soleira da porta.

E então ouviu-se um segundo disparo – no quarto de Exon.

O rosto da moça se contraiu – de forma tão abrupta que parecia que seu pescoço ia se partir – e ela levou as duas mãos ao peito, caindo em seguida com o rosto enfiado nas cobertas.

Não sei se passei através, por cima, ou pelo lado da cortina que ficava na porta de ligação entre os dois quartos. Já rodeava a cama de Exon. Ele estava no chão, de lado, virado para uma das janelas. Pulei por cima dele e me debrucei no parapeito.

No jardim, iluminado pela luz da lua, nada se movia. Não havia qualquer som ou sinal de fuga. Pouco depois, quando meus olhos ainda perscrutavam os campos, os lavradores surgiram, em suas roupas de baixo, correndo descalços, vindo de seus quartos. Eu gritei para eles, dando ordens para que ficassem em pontos estratégicos.

Enquanto isso, atrás de mim, Gong Lim e Adam Figg tinham colocado Exon de volta na cama, enquanto a sra. Gallaway e Emma Figg tentavam estancar o sangue que espirrava do buraco de bala, na lateral do corpo de

Barbra Caywood.

Mandei Adam Figg telefonar para acordar o médico e o subxerife, em seguida corri pelas escadas, para sair ao quintal.

Assim que cheguei do lado de fora, dei com Hillary Gallaway vindo da garagem. O rosto dele estava vermelho e o hálito denunciava os refrescos que tinham acompanhado a jogatina no salão dos fundos de Ady, mas seu passo era firme e o sorriso mais relaxado do que nunca.

– Por que a agitação? – perguntou.

– A mesma da noite passada. Você cruzou com alguém na estrada? Ou viu alguém saindo daqui?

– Não.

– Muito bem. Pegue o seu carango e corra pela estrada, na direção oposta. Se vir alguém fugindo daqui, ou alguém de aspecto estranho, pare. Você tem uma arma?

Ele girou nos calcanhares, bem esperto.

– Tenho uma no meu carro – gritou, enquanto saía correndo.

Enquanto os lavradores ficavam em seus postos, varri os campos de leste a oeste, de norte a sul. Sabia que estava perdendo a chance de procurar pegadas quando amanhecesse o dia, mas tinha o palpite de que o homem que procurava ainda estava por perto. Além disso, Shand me dissera que era difícil seguir pegadas naquela terra.

No caminho de cascalho em frente à casa, encontrei a arma da qual os tiros tinham sido disparados – um revólver 38 barato, meio enferrujado, ainda cheirando a pólvora recém-queimada, com três cápsulas deflagradas e três intactas.

Foi só o que encontrei. O assassino – era como já o chamava, depois de ter visto o buraco de bala na garota – tinha desaparecido.

Shand e o dr. Rench chegaram juntos, quando eu estava terminando minha busca infrutífera. Pouco depois, chegou Hillary Gallaway – também sem ter encontrado nada.

Na manhã seguinte, o café foi uma refeição melancólica, exceto para Hillary Gallaway. Ele se segurava para não fazer gracejos sobre a confusão da noite anterior, mas seus olhos faiscavam quando cruzavam com os meus, e eu sei que ele achava uma grande piada que os tiros tivessem acontecido bem debaixo do meu nariz. Enquanto sua mulher esteve sentada à mesa, porém, ele manteve uma certa gravidade, como se em respeito a ela.

A sra. Gallaway levantou-se logo da mesa, e o dr. Rench veio sentar-se conosco. Disse que seus dois pacientes estavam em boas condições, dentro das circunstâncias, e que esperava ver os dois recuperados.

No caso da garota, a bala pegara de raspão nas costelas e no osso do esterno, atravessando a carne e os músculos do torso, entrando pelo lado direito e saindo pelo esquerdo. Exceto pelo choque e pela perda de sangue, ela não corria perigo de vida, embora estivesse inconsciente.

Como o médico informou que Exon estava dormindo, eu e Shand subimos para examinar o quarto dele. A primeira bala entrara na moldura da porta, uns dez centímetros acima da que tinha sido disparada na noite anterior. A segunda bala perfurara a cortina japonesa e, depois de atravessar o corpo da garota, alojara-se na parede. Retiramos as duas – eram de calibre 38. Ambas pareciam ter sido disparadas de perto da janela, fosse do lado de dentro ou do lado de fora.

Shand e eu submetemos o cozinheiro chinês, os lavradores e os Figgs a um interrogatório severo naquele dia. Mas eles o enfrentaram sem tremer – não havia nada capaz de incriminá-los.

E, durante todo o dia, o maldito do Hillary Gallaway ficou andando atrás de mim, de um lado a outro, com aquele olhar debochado que era muito mais eloqüente do que palavras.

– Sou o suspeito lógico. Por que você não me enquadra num de seus artiguinhos?

Mas eu me limitava a sorrir de volta, sem lhe perguntar nada.

Shand precisou ir até a cidade à tarde. Algum tempo depois, me telefonou, dizendo que Gallaway tinha saído de Knownburg naquela madrugada a tempo de estar em casa pelo menos meia hora antes de os tiros serem disparados, caso tivesse voltado dirigindo a toda, sua velocidade normal.

Passou-se o dia – rápido demais – e eu me vi temendo a chegada da noite. Por duas noites seguidas, a casa dos Exon sofrera um ataque. E agora a terceira noite estava chegando.

Durante o jantar, Hillary Gallaway anunciou que ficaria em casa naquela noite. Knownburg era um tédio em comparação, disse. E deu um sorrisinho para mim.

O dr. Rench foi embora depois do jantar, dizendo que voltaria assim que possível, mas que tinha dois pacientes para visitar do outro lado da cidade.

Barbra Caywood voltara a si, mas estava histérica, e o médico lhe dera um opiáceo. Ela estava dormindo. Exon descansava tranqüilamente, exceto pela temperatura alta.

Subi ao quarto de Exon por alguns minutos, depois do jantar, e tentei fazer-lhe uma ou duas perguntas, com todo o tato, mas ele se recusou a responder e eu não insisti, porque ele estava doente.

Perguntou-me como estava a garota.

– O médico me disse que ela não corre risco de vida. Foi só o choque e a perda de sangue. Se ela não arrancar os curativos e sangrar até morrer, em um de seus ataques histéricos, ele diz que estará de pé dentro de umas duas semanas.

Quando a sra. Gallaway entrou, eu desci, dando com Gallaway que, com um ar da mais falsa gravidade, insistiu para que eu lhe contasse todos os mistérios que já conseguira resolver. Ele se esbaldava até não poder mais com meu desconforto. Ficou debochando de mim durante cerca de uma hora, enquanto eu fervia por dentro. Mas consegui continuar sorrindo para ele, fingindo indiferença.

Quando afinal a mulher dele veio sentar-se conosco – dizendo que os dois doentes estavam dormindo –, aproveitei para escapar de seu maldito marido, alegando que precisava tomar umas notas. Mas não fui para o quarto.

Em vez disso, fui pé ante pé até o quarto da enfermeira, encaminhei-me para um guarda-roupa, no qual reparara durante o dia, e me enfiei dentro dele. Deixando uma pequena fresta aberta, eu podia ver perfeitamente a porta – da qual a cortina fora retirada – e a cama de Exon, assim como a janela de onde tinham partido os três tiros e de onde poderia vir sabe Deus mais o quê.

Passou-se o tempo. Eu já estava rígido de tanto ficar ali em pé, imóvel. Mas já esperava por isso.

Por duas vezes, a sra. Gallaway subiu para espiar o pai e a enfermeira. De cada vez, eu fechei completamente a porta do guarda-roupa assim que lhe ouvi os passos no corredor. Estava me escondendo *de todo mundo*.

Ela acabara de fazer sua segunda visita quando, antes que tivesse tempo de reabrir a porta do guarda-roupa, eu ouvi um murmúrio e pisadas leves no chão. Sem saber o que era, nem de onde vinham, tive medo de abrir a porta. No meu canto estreito, permaneci imóvel, à espera.

Agora eu reconhecia o ruído – eram de fato passos cuidadosos, chegando perto. Passaram a pouca distância da porta do armário.

Esperei.

Um murmúrio quase inaudível. Uma pausa. O som mais débil, mais suave, de algo sendo rasgado.

E eu saí do guarda-roupa – de arma na mão.

De pé junto à cama, debruçado sobre a garota inconsciente, estava o velho Talbert Exon, o rosto afogueado pela febre, o camisolão de dormir caindo frouxo em torno de suas pernas gastas. Uma das mãos estava sobre as cobertas, que ele puxara de cima da moça. A outra segurava uma tira fina de esparadrapo, com o qual tinham sido feitos os curativos que ele arrancara. Ele rosnou para mim, atirando-se com as duas mãos sobre os curativos da moça.

Seu olhar insano, febril, mostrou-me que o revólver que eu segurava nada significava para ele. Pulei para um lado, puxei-lhe as mãos, agarrei-o e carreguei-o – chutando, unhando e xingando – de volta para a cama.

E só então chamei os outros.

Hillary Gallaway, Shand – que mais uma vez viera da cidade – e eu tomávamos café e fumávamos na cozinha, enquanto o resto da casa ajudava o dr. Rench a salvar a vida de Exon. O velho enfrentara atribulações demais nos últimos três dias, suficientes para matar um homem saudável, quanto mais alguém convalescendo de pneumonia.

– Mas por que razão o demônio do velho ia querer matá-la? – perguntou-me Gallaway.

– Eu é que sei? – retruquei, talvez um pouco ríspido. – Não sei por que ele queria matá-la, mas que queria, queria. A arma foi encontrada bem no lugar onde ele poderia tê-la jogado ao me ouvir chegar. Eu estava no quarto da garota quando ela foi atingida e cheguei correndo à janela de Exon, sem que visse nada. Você, você mesmo, chegando de Knownburg pouco depois dos tiros, não viu ninguém na estrada. E eu posso jurar que ninguém conseguiria fugir em qualquer outra direção sem ser visto por mim ou pelos lavradores.

“E então, hoje à noite, eu digo a Exon que a garota ia se recuperar se não arrancasse os curativos. Assim, ele ficou sabendo, o que é verdade, que ela vinha tentando fazer isso. E bolou o plano de arrancar as bandagens ele mesmo – talvez sabendo que a moça estava dopada – na crença de que

todos iriam pensar que ela própria as arrancara. Ele já estava executando o plano – tinha tirado o primeiro pedaço de esparadrapo – quando eu pulei em cima dele. Ele atirou nela de propósito, não tenho dúvida. Talvez eu não conseguisse provar isso na justiça, sem conhecer os motivos, mas sei que atirou. Mas o médico diz que ele dificilmente sobreviverá para enfrentar um processo. Ele se matou ao tentar matar a garota."

– Talvez você esteja certo – o sorriso debochado de Gallaway brilhou para mim –, mas você é um detetive e tanto. Por que não suspeitou de mim?

– Eu suspeitei – respondi, sorrindo também –, mas não o suficiente.

– Por que não? Talvez você esteja cometendo um erro – disse ele, com voz arrastada. – Como você sabe, meu quarto fica em frente ao dele no corredor. Naquela primeira noite, eu poderia perfeitamente ter saído pela minha janela, engatinhado pelo telhado da varanda, atirado nele e voltado correndo para o meu quarto.

"E na segunda noite, quando você já estava aqui, fique sabendo que eu saí de Knownburg a tempo mais do que suficiente de chegar aqui, estacionar meu carro na estrada por um tempo, dar aqueles dois tiros, me esgueirar pelas sombras da casa, correr de volta até o carro e depois vir dirigindo, inocentemente, até a garagem. Você devia saber também que minha reputação não é lá essas coisas, que eu tenho fama de ser um mau-caráter. Além disso, você sabe muito bem que eu não gosto do velho. Como motivo, eu teria o fato de que minha mulher é a única herdeira de Exon. Espero que – ele ergueu a sobrancelha, num gesto cômico de contrariedade – você não pense que eu tenho escrúpulos morais e que sou contra um bom assassinato de vez em quando."

Eu ri.

– Não penso, não.

– Bem... e então?

– Se Exon tivesse sido morto naquela primeira noite e eu tivesse sido chamado, você já estaria fazendo suas piadinhas atrás das grades há muito tempo. Mesmo se ele tivesse sido morto na segunda noite, talvez eu o tivesse prendido. Mas não acho que você seja o tipo do homem que faça as coisas tão malfeitas, pelo menos, não por duas vezes. Você não teria errado o alvo e fugido, deixando o velho vivo.

Ele me cumprimentou, com gravidade.

– É comovente a gente saber que tem algumas poucas virtudes

apreciadas.

Antes de morrer, Talbert Exon mandou me chamar. E me disse que não queria morrer sem saciar sua curiosidade. Sendo assim, trocamos informações. Eu lhe contei como suspeitei dele e ele me disse por que tinha tentado matar Barbra Caywood.

Quatorze anos antes, ele havia matado a própria mulher, não para receber o seguro, como na época suspeitaram, mas numa crise de ciúmes. Mas apagara tão bem as provas que jamais fora levado a julgamento. Só que o assassinato se transformara num peso em sua consciência, numa obsessão.

Ele sabia que jamais se entregaria em sã consciência – era astuto demais para isso – e que as provas contra ele jamais seriam encontradas. Mas sempre havia a possibilidade de algum dia, num delírio, dormindo, ou bêbado, ele dizer alguma coisa capaz de levá-lo para a cadeia.

Pensava muito nisso, até que se tornou um pavor mórbido, que o perseguia, sempre. Tinha parado de beber – e isso fora fácil –, mas não havia meio de se precaver contra as outras possibilidades.

E uma delas, disse, finalmente acontecera. Ele pegara uma pneumonia, ficando durante uma semana inconsciente – e falando. Passada aquela semana de delírio, ele sondara a enfermeira. Ela lhe dera respostas vagas, não lhe dizendo nunca sobre o que ele falara em sonho, o que dissera. E então, em momentos de distração, ele flagrara a enfermeira olhando-o com desprezo – com intensa repulsa.

E teve a certeza de que tinha falado sobre o assassinato da mulher. Foi assim que começou a traçar o plano para acabar com ela, antes que dissesse o que tinha ouvido. Enquanto ela continuasse na casa, ele se sentiria seguro. A moça não contaria nada a estranhos. Podia ser até que, durante um tempo, não dissesse nada a ninguém. A ética profissional talvez a mantivesse calada. Mas ela não poderia nunca deixar aquela casa carregando o segredo.

Todos os dias, secretamente, ele testou a própria força, até convencer-se de que já estava recuperado o suficiente para dar alguns passos pelo quarto e segurar uma arma com firmeza. Felizmente, sua cama estava numa posição favorável – bem em frente a uma das janelas e também diante da porta e da cama da moça. Numa velha caixa onde guardava papéis, dentro do armário – ninguém conhecia o conteúdo daquela caixa –, ele mantinha um revólver. Um revólver que de forma alguma seria uma pista contra ele.

Naquela primeira noite, apanhara o revólver, afastara-se alguns passos da cama e dera um tiro na moldura da porta. Em seguida, pulara de volta para a cama, escondendo a arma entre as cobertas – onde ninguém pensaria em procurá-la – até poder colocá-la de volta na caixa.

Era a preparação de que precisava. Tinha criado uma tentativa de assassinato contra si próprio e mostrado que um tiro disparado na direção dele poderia passar perto da porta de conexão – e conseqüentemente atravessá-la.

Na segunda noite, esperou até que a casa estivesse quieta. Em seguida, espiou a garota através de uma fresta da cortina japonesa. Podia vê-la sob a luz da lua. Mas descobriu que, caso se distanciasse muito da cortina, para que ela não apresentasse marcas de pólvora, já não conseguiria enxergar a moça – não, se ela estivesse deitada. E, assim, atirou primeiro na moldura da porta – perto do outro buraco de bala –, para que a enfermeira acordasse.

Ela se sentara na cama imediatamente, gritando, e então ele atirara nela. Pretendia dar-lhe mais um tiro – para ter certeza de que morreria –, mas minha chegada atrapalhara o plano. Minha chegada impossibilitara também que ele escondesse a arma, o que fez com que, usando as forças que lhe restavam, jogasse o revólver pela janela.

Talbert Exon morreu naquela tarde, e eu voltei para San Francisco.

Mas a história não terminou aí.

Num procedimento corriqueiro, o departamento de contabilidade da Agência mandou a Gallaway a conta por meus serviços. Junto com o cheque que ele mandou pelo correio, Gallaway mandou uma carta, da qual extraio o primeiro parágrafo:

“Não podia deixar você perder o melhor de toda a história. A adorável Caywood, ao se recobrar, negou que Exon tivesse falado dormindo, em seu delírio, sobre assassinato ou sobre qualquer outro crime. A causa do desdém que ele pode ter percebido nos olhos dela, e a razão pela qual ela se recusara a contar a ele o que ouvira, é que a conversa dele, durante toda a semana que passou delirando, foi uma torrente ininterrupta de obscenidades e blasfêmias, que parecem ter chocado a moça tremendamente.”

OceanofPDF.com

OS ZIGUEZAGUES DA PERFÍDIA

I

– Tudo o que sei sobre a morte do dr. Estep – disse eu – é o que foi publicado nos jornais.

O rosto magro e acinzentado de Vance Richmond assumiu uma expressão contrariada.

– Nem sempre os jornais são completos ou precisos. Vou relatar os fatos relevantes, tal como eu os conheço, embora pense que você prefira ir a campo por conta própria e obter informações de primeira mão.

Assenti com um movimento de cabeça e o advogado prosseguiu, os lábios finos dando forma a cada palavra antes de externá-la em voz alta:

– O dr. Estep veio para San Francisco em 1898 ou 1899. Era, então, um jovem de 25 anos, recém-formado. Abriu um consultório na cidade e, como você provavelmente deve saber, revelou-se um excelente cirurgião. Casou-se dois ou três anos depois. Não tiveram filhos. Ele e a mulher parecem ter sido um tanto mais felizes do que a média dos casais.

"De sua vida anterior à chegada a San Francisco nada se sabe. Mencionara para a esposa que fora nascido e criado em Parkersburg, na Virgínia Ocidental, mas que a sua vida familiar havia sido tão desagradável que estava tentando esquecê-la, e que não gostava de falar – nem mesmo de pensar – no assunto. Guarde isso em mente.

"Duas semanas atrás, na tarde do dia 3 do mês corrente, uma mulher apareceu no consultório, instalado na própria residência do doutor, na Pine Street. Lucy Coe, enfermeira e secretária do dr. Estep, conduziu a mulher até o consultório e depois voltou para a sua mesa na recepção.

"Através da porta fechada, a enfermeira não conseguia ouvir o que dizia o doutor, mas, vez por outra, ouvia a voz da mulher – uma voz altissonante, angustiada, aparentemente em tom de protesto. A enfermeira não compreendeu a maior parte do que foi dito, mas, em dado momento, pôde ouvir uma frase completa: 'Por favor! Por favor!', ouviu-a gritar. 'Não me rejeite!' A mulher esteve com o dr. Estep cerca de quinze minutos e depois disso foi embora, soluçando por trás de um lenço. O dr. Estep não fez qualquer comentário sobre aquela visita, nem para a enfermeira, nem para a esposa, que só soube do incidente após a morte do marido.

"No dia seguinte, no fim da tarde, quando a enfermeira vestia o casaco e

o chapéu, preparando-se para voltar para casa, o dr. Estep saiu do consultório. Usava um chapéu e trazia uma carta na mão. A enfermeira percebeu que estava pálido – ‘Branco como o meu uniforme’, disse ela – e que caminhava com o vagar de alguém que tem dificuldade para manter-se aprumado.

“Ela perguntou se ele estava doente. ‘Ah, não é nada!’, respondeu. ‘Estarei bem em alguns minutos.’ E saiu à rua. A enfermeira saiu logo atrás e viu quando ele introduziu a carta na caixa de correio da esquina, após o que voltou para casa.

“Dez minutos mais tarde – não pode ter sido muito depois disso –, ao descer as escadas e chegar ao primeiro piso, a sra. Estep ouviu um tiro no consultório do marido. Ela correu até lá e encontrou-o sozinho, sentado, oscilante, um buraco na têmpora direita e um revólver fumegante em uma das mãos. Assim que ela se aproximou e o abraçou, ele tombou sobre o tampo da escrivaninha. Morto.”

– Alguém mais – perguntei –, algum empregado, poderia afirmar que a sra. Estep só entrou no escritório depois do tiro?

O advogado meneou a cabeça bruscamente.

– Droga, não! Aí é que está o problema!

Após esse rompante, a voz recuperou o tom moderado e incisivo, e ele prosseguiu:

– No dia seguinte, os jornais noticiaram a morte do dr. Estep e, naquela mesma manhã, a mulher que o visitara na véspera de sua morte voltou à casa. Esta mulher é a primeira mulher do dr. Step, ou seja, sua legítima esposa! Por mais que eu desejasse, parece não haver dúvida, a menor que seja, a esse respeito. Casaram-se na Filadélfia em 1896. Ela possui uma cópia autenticada da certidão de casamento. Mandei investigar na Filadélfia e é certo que o dr. Estep e essa mulher – Edna Fife é o seu nome de solteira – eram de fato casados.

“Segundo ela, o dr. Estep a abandonou após viverem juntos durante dois anos, na Filadélfia. Isso teria ocorrido em 1898, ou seja, pouco antes de ele ter vindo para San Francisco. Ela tem provas suficientes de sua identidade, de que é a Edna Fife que se casou com o dr. Estep. E meus agentes no Leste têm provas de que Estep praticou a medicina durante dois anos na Filadélfia.

“E aqui temos outra questão. Disse-lhe que Estep declarou que nascera

e crescera em Parkersburg. Contudo, as investigações que mandei fazer naquela cidade não descobriram indícios de que ele tenha vivido por lá. Também tenho provas de que nunca morou no endereço que mencionou para a esposa. Portanto, é lícito crer que aquela conversa de juventude infeliz era apenas um subterfúgio para evitar perguntas embaraçosas."

– Você procurou saber se o doutor e a esposa eram divorciados? – perguntei.

– Estou cuidando disso, mas acho pouco provável. Seria muito primário. Mas, voltando à minha história: essa mulher, a primeira sra. Estep, disse que havia acabado de saber por onde andava o marido e que o procurara numa tentativa de reconciliação. Na visita que ela lhe fez na véspera de sua morte, o doutor pediu algum tempo para decidir o que fazer e prometeu dar-lhe uma resposta em dois dias. Minha opinião, após conversar com essa mulher diversas vezes, é que ela descobriu que ele tinha acumulado algum dinheiro; e que estava mais interessada nesse dinheiro do que em ter o marido de volta. Mas isso, é claro, não se pode provar.

"Em princípio, as autoridades aceitaram a explicação natural para a morte do doutor: suicídio. Contudo, após o aparecimento da primeira esposa, a segunda esposa, minha cliente, foi presa e acusada de homicídio.

"A teoria da polícia é que, após a visita da primeira esposa, o dr. Estep contou tudo para a segunda esposa e que esta, ao dar-se conta de que havia sido enganada, que não era sua esposa de verdade, enfureceu-se, foi ao consultório após a saída da enfermeira e o matou com o revólver que sabia que ele guardava na escrivaninha.

"Obviamente, eu não sei que provas tem a promotoria, mas, pelo que li nos jornais, a acusação se baseará nas impressões digitais dela encontradas no revólver; num tinteiro derramado; nas manchas de tinta no vestido que ela trajava e numa impressão da mão dela, também à tinta, em um jornal rasgado encontrado sobre a escrivaninha.

"Infelizmente, embora perfeitamente natural, a primeira coisa que minha cliente fez foi tirar o revólver da mão do marido. Daí as suas impressões estarem na arma. Como já disse, ele tombou quando ela o abraçou e, embora a sua memória desse momento não seja muito clara, é provável que ele a tenha arrastado consigo quando caiu sobre o tampo da escrivaninha. Daí o tinteiro derramado, o jornal rasgado e as manchas de tinta. Mas a promotoria vai tentar convencer o júri de que todas essas coisas

ocorreram antes do tiro; e que são indícios de uma luta.

– Nada mal – opinei.

– Ou muito mal, dependendo de como você encarar o problema. Essa é a pior coisa que poderia acontecer neste momento! Nos últimos meses, a imprensa alardeou nada menos do que cinco assassinatos cometidos por mulheres que supunham terem sido traídas ou enganadas, ou ambas as coisas ao mesmo tempo, pelos homens que mataram.

"Nenhuma dessas mulheres foi condenada. Como resultado disso, temos a imprensa, o público, e mesmo o púlpito, exigindo um endurecimento da lei. Os jornais estão alinhados contra a sra. Estep tanto o quanto lhes permite o seu medo de serem processados por calúnia. Os clubes femininos também estão unidos contra ela. Todos clamam por uma punição exemplar.

"Como se isso não bastasse, o promotor perdeu os dois últimos grandes casos dos quais participou e vai estar sedento de sangue desta vez. As eleições não estão longe."

A voz calma e ponderada havia desaparecido, cedendo lugar à eloqüência apaixonada:

– Não sei o que você pensa de tudo isso – gritou Richmond. – Você é um detetive. Essa é uma história comum para você. Você é um tanto insensível, penso eu, e cético quanto à inocência de um modo geral. Mas eu *sei* que a sra. Estep não matou o marido. Não digo isso porque ela é minha cliente! Digo isso porque sou advogado e amigo dela e porque, se eu acreditasse na culpa da sra. Estep, faria tudo ao meu alcance para ajudar a condená-la. Mas eu tenho certeza de que ela não o matou. Tenho certeza de que ela não poderia tê-lo matado.

"Ela é inocente. Mas sei também que, se eu for à corte sem outra defesa além da que eu tenho no momento, ela será condenada! Ultimamente, houve muita tolerância com crimes femininos, diz a opinião pública. Desta vez, o pêndulo vai oscilar para o outro lado. Se condenada, a sra. Estep pegará pena máxima. Estou deixando tudo em suas mãos. Você pode salvá-la?"

– Nosso maior trunfo é a carta que ele postou pouco antes de morrer – disse eu, ignorando tudo aquilo que me dissera e que não tinha relação direta com os fatos do caso. – Quando um homem escreve e envia uma carta pouco antes de se suicidar, é de se supor que esta carta esteja relacionada ao suicídio. Você perguntou à primeira esposa sobre a carta?

– Sim. E ela nega tê-la recebido.

– Isso não está certo. Se o doutor tivesse sido levado ao suicídio por causa do aparecimento da primeira esposa, então, de acordo com todas as regras, a carta teria sido endereçada a ela. Certamente ele poderia ter escrito uma carta para a segunda esposa, mas dificilmente a enviaria pelo correio. A primeira esposa teria algum motivo para mentir a esse respeito?

– Sim – disse o advogado lentamente. – Creio que sim. O testamento do doutor deixa tudo para a segunda esposa. É claro que, sendo a única esposa legítima, a primeira esposa não terá dificuldade para invalidar esse testamento. Mas se ficar demonstrado que a segunda esposa não tinha conhecimento da existência da primeira, ou seja, que ela acreditava ser a sra. Estep legítima, creio que ela receba ao menos uma fração do espólio. Nenhuma corte, em nenhuma circunstância, seria capaz de deixá-la sem nada. Mas se for julgada culpada pela morte do dr. Estep, então não lhe será demonstrada qualquer consideração e a primeira esposa herdará cada centavo.

– O doutor tinha tanto dinheiro assim a ponto de a metade, digamos, do que possuía valer o enforcamento de uma inocente?

– Ele deixou cerca de meio milhão de dólares. Duzentos e cinqüenta mil dólares não é um mau motivo.

– Pelo que você sabe a respeito dela, acha que seria motivo suficiente para a primeira esposa?

– Sinceramente, sim. Não me parece uma pessoa de muitos escrúpulos.

– Onde mora a primeira esposa?

– Está no Hotel Montgomery. E vive em Louisville, creio eu. Mas não acho que você vá conseguir grande coisa conversando com ela. Contratou Somerset, Somerset Quill para representá-la, uma firma muito conceituada, diga-se de passagem. Ao procurá-la, ela vai remetê-lo a eles; e eles não lhe dirão nada. Mas se há algo desonesto a respeito dela, tal como a ocultação da carta do dr. Estep, tenho certeza de que Somerset, Somerset Quill ignoram o fato.

– Posso falar com a segunda sra. Estep, sua cliente?

– Não no momento, infelizmente. Talvez em um dia ou dois. Ela está no limite de um colapso nervoso. Sempre foi uma pessoa sensível, e o choque da morte do marido seguido de sua própria prisão foi demais para ela. Está na cadeia municipal, você sabe, sem direito a fiança. Tentei transferi-la para

a ala de presos do Hospital Municipal. Mas as autoridades parecem crer que sua doença é apenas fingimento. Estou preocupado. Ela realmente está em condições críticas.

Sua voz começava a perder a calma novamente. Então peguei o chapéu, disse qualquer coisa a respeito de começar a trabalhar imediatamente e saí. Não gosto de eloqüência: se não for boa o bastante para emocionar, é aborrecida; e se for boa o bastante, confunde os pensamentos.

II

Passei as duas horas seguintes interrogando os empregados, sem conseguir grande coisa. Nenhum deles estava na frente da casa na hora do disparo e nenhum deles viu a sra. Estep imediatamente antes da morte do marido.

Depois de muita procura, localizei Lucy Coe, a enfermeira, num apartamento na Vallejo Street. Era uma mulher baixa, enérgica e metódica, de seus trinta anos de idade. Repetiu-me o que Vance Richmond dissera, e nada pôde acrescentar.

Isso esgotava o lado Estep do trabalho, o que me levou até o Hotel Montgomery, certo de que a minha única esperança de sucesso – afora os milagres, que raramente acontecem – seria encontrar a carta que eu acreditava que o dr. Estep escrevera para a primeira esposa.

Minhas relações com a administração do Hotel Montgomery eram bem próximas – próximas o bastante para que eu conseguisse qualquer coisa que não fosse muito ilegal. Daí que, assim que cheguei, procurei Stacey, um dos assistentes da gerência.

– Essa sra. Estep que está registrada aqui – perguntei –, o que sabe sobre ela?

– Eu, nada. Mas espere um pouco que vou ver o que posso descobrir.

Voltou uns dez minutos depois.

– Ninguém parece saber muito a respeito dela – disse ele. – Interroguei a telefonista, os mensageiros, as camareiras, os balconistas e o detetive da casa. Mas nenhum deles pôde me dizer grande coisa.

“Ela é de Louisville e se registrou aqui no dia 2 deste mês. Nunca se hospedou neste hotel antes e parece não conhecer a cidade direito: pergunta muito como ir daqui para ali. O funcionário do correio não se lembra de ter postado nenhuma correspondência para ela, e nem a telefonista tem registro

de qualquer telefonema.

“Segue horários regulares. Geralmente sai às dez da manhã e volta antes da meia-noite. Não parece ter conhecidos e nem amigos na cidade.”

– Você poderia ficar de olho na correspondência dela e me dizer tudo sobre os carimbos e os remetentes das cartas?

– Claro.

– Também poderia pedir para a telefonista ficar atenta às ligações dela?

– Sim.

– A sra. Estep está no quarto, agora?

– Não. Saiu há pouco.

– Bom! Vou subir e dar uma olhada nas coisas dela.

Stacey olhou-me fixamente, pigarreou e disse:

– Seria assim tão... ãhn... importante? Quero dar toda a ajuda possível, mas...

– É importante – assegurei. – A vida de outra mulher depende do que eu puder descobrir sobre esta aqui.

– Tudo bem – disse ele. – Pedirei à recepção que nos avise caso ela volte antes de terminarmos. Subimos logo a seguir.

No quarto da mulher havia duas malas e um baú, todos sem tranca, contendo coisas absolutamente desimportantes. Nenhuma carta. Nada. Havia tão pouco, de fato, que eu estava quase convencido de que ela sabia que as suas coisas seriam revistadas.

De volta ao saguão, sentei-me numa confortável cadeira com vista para o escaninho das chaves e esperei para ver a primeira sra. Estep.

Chegou às 23h15. Era uma mulher robusta, entre 45 e cinqüenta anos de idade, bem-vestida, e caminhava com um grande ar de autoconfiança. O rosto tinha traços um tanto duros, especialmente no que dizia respeito ao queixo e à boca, mas não o bastante para ser considerada uma mulher feia. Era uma mulher capaz. Uma mulher que parecia conseguir o que queria.

III

Na manhã seguinte, exatamente às oito horas, voltei ao saguão do Hotel Montgomery e sentei-me em uma cadeira, dessa vez com vista para os elevadores.

Às 10h30, a sra. Estep deixou o hotel, e eu a segui. Sua negativa quanto a ter recebido uma carta escrita pelo marido pouco antes de ele morrer não

se encaixava na maneira como eu via as coisas. E um bom lema para um detetive é: “Quando em dúvida, siga-os”.

Após fazer o desjejum em um restaurante na O’Farrell Street, ela se dirigiu ao bairro comercial e durante um longo, longo tempo – embora eu pense que tenha sido bem mais breve do que de fato me pareceu – fui levado através dos lugares mais lotados das lojas de departamento mais repletas de gente que ela pôde encontrar.

Não comprou nada mas olhou um bocado, enquanto eu a seguia atabalhoadamente, tentando parecer um baixinho rechonchudo em busca de uma encomenda para a esposa, enquanto as gordas me atropelavam, as magras me acotovelavam e as demais estorvavam o caminho ou pisavam no meu pé.

Finalmente, quando eu já tinha suado alguns quilos, ela deixou o bairro comercial e subiu a Union Square, caminhando despreocupadamente, como se estivesse passeando.

Três quarteirões depois, voltou-se de repente e retornou pelo mesmo caminho, olhando fixamente para todos com quem cruzava. Eu estava sentado num banco, lendo uma página extraviada de um jornal de véspera quando ela passou.

Desceu a Post Street até a Kearney, parando aqui e ali para olhar – ou fingir que olhava – as vitrines das lojas, enquanto eu caminhava a furta-passo, às vezes atrás, às vezes ao lado e outras vezes à frente dela.

Ela olhava para os circunstantes como se tentasse verificar se estava sendo seguida, mas ali, na parte mais movimentada da cidade, isso não me preocupou. Numa rua mais vazia talvez preocupasse, embora não necessariamente.

Existem quatro regras para seguir alguém: mantenha-se atrás do objeto de sua perseguição o mais que puder; nunca tente se esconder dele; aja naturalmente não importando o que aconteça; e nunca o encare. Obedeça essas regras e, a não ser em circunstâncias muito incomuns, a perseguição será a coisa mais fácil que um detetive pode fazer.

Após algum tempo, certa de que ninguém a seguia, a sra. Estep voltou até a Powell Street e entrou num táxi no ponto de St. Francis. Embarquei num modesto carro de passeio, daqueles que fazem ponto na Gery Street, em Union Square, e segui atrás dela.

Seguimos a Post até a Laguna Street, onde o táxi encostou e parou. A

mulher saiu, pagou o motorista e subiu as escadarias de um prédio de apartamentos. Com o motor em marcha lenta, o meu carro estacionou na calçada oposta, um quarteirão adiante.

Quando o táxi do qual saltara dobrou a esquina, a sra. Estep deixou a portaria do edifício onde entrara e começou a andar em direção à Laguna Street.

– Ultrapasse-a – disse eu para o motorista. E fomos em sua direção.

Quando a alcançamos, ela já subia os degraus de entrada de um outro edifício e, dessa vez, tocou uma campainha. Era um edifício de apenas quatro apartamentos, cada um com uma porta separada. O botão que ela apertou pertencia ao apartamento à direita no segundo andar.

Oculto pela cortinas traseiras do carro, fiquei de olho na portaria enquanto o motorista procurava uma vaga no quarteirão adiante.

Mantive os olhos no vestíbulo até as 17h35, quando ela saiu, caminhou até a linha do bonde na Sutter Street, voltou ao Hotel Montgomery e subiu para o quarto.

Liguei para o Velho – o gerente da Agência Continental de Detetives de San Francisco – e pedi que ele mandasse um espia verificar quem morava e o que havia no apartamento da Laguna Street.

Naquela noite, a sra. Estep jantou no hotel e foi a um teatro, sem parecer preocupada se estava sendo seguida. Subiu ao quarto pouco depois das onze da noite e eu dei o dia por encerrado.

IV

Na manhã seguinte, deixei a mulher a cargo de Dick Foley e fui até a agência esperar Bob Teal, o agente que investigara o apartamento em Laguna Street. Chegou pouco depois das dez.

– Um cara chamado Jacob Ledwich mora lá – disse Bob. – Certamente é algum vigarista, embora não saiba bem qual a sua especialidade. Ele e “Guapo” Healey são amigos, portanto deve ser um vigarista! Grout “Ouriço” diz que Ledwich é um ex-trapaceiro que agora tem sua própria casa de jogo. Mas Ouriço seria capaz de dizer que um bispo é um arrombador de cofres se achasse que isso poderia lhe render cinco dólares. Esse Ledwich geralmente sai à noite e parece bem de vida. Provavelmente é um operário altamente qualificado. Possui um Buick, placa número 645-221, que mantém em uma garagem na esquina do edifício onde mora. Mas

não parece usar muito o carro.

– Como é ele fisicamente?

– Grande. Um metro e oitenta ou mais, cerca de noventa quilos. Tem uma cara engraçada. A boca parece ter sido moldada para outra pessoa. É pequena demais se comparada ao rosto e à mandíbula. Não é jovem, e sim um homem de meia-idade.

– Siga-o um ou dois dias, Bob, e veja o que pretende. Tente alugar um quarto ou apartamento na vizinhança, um lugar de onde possa vigiar a porta dele.

V

O rosto magro de Vance Richmond iluminou-se tão logo mencionei o nome de Ledwich.

– Sim! – exclamou. – Ele era amigo ou, ao menos, conhecido do dr. Estep. Eu o encontrei certa vez: um homem enorme com uma boca pequena peculiarmente desproporcional. Certo dia, passei para visitar o doutor e Ledwich estava no consultório. O dr. Estep nos apresentou.

– O que sabe sobre ele?

– Nada.

– Não sabe se ele era íntimo ou apenas um conhecido do doutor?

– Não. Poderia ser um amigo, paciente ou qualquer outra coisa. O doutor nunca falou dele para mim e nada aconteceu entre eles enquanto eu estive lá naquela tarde. Apenas transmiti ao doutor algumas informações que ele me pedira e fui embora. Por quê?

– Após ter certeza de que não estava sendo seguida, a primeira esposa do dr. Estep encontrou-se com Ledwich ontem à tarde. E tudo indica que ele é algum tipo de trapaceiro.

– E o que isso quer dizer?

– Não estou bem certo, mas dá para especular um bocado. Ledwich tanto conhecia o dr. Estep quanto a sua primeira esposa; daí, não é má idéia supor que *ela* sempre soube onde estava o marido. Se sabia, também não é má idéia supor que estava tirando dinheiro dele. Você poderia verificar as contas do doutor e identificar alguma movimentação de valores inexplicável?

O advogado balançou a cabeça negativamente.

– Não. O doutor era muito negligente com a própria contabilidade. E

deve ter tido muitos problemas para fazer as suas declarações de imposto de renda.

– Compreendo. Mas, voltando às minhas especulações: se ela sabia todo o tempo do paradeiro do marido e estava tirando dinheiro dele, então por que veio vê-lo desta vez? Talvez porque...

– Acho que essa eu posso responder – interrompeu Richmond. – Um feliz investimento em madeira de construção quase dobrou o patrimônio do dr. Estep há uns dois ou três meses.

– Então é isso! Ela soube por meio de Ledwich. E, seja por meio de Ledwich, seja por carta, exigiu uma boa parte desse dinheiro, mais do que o doutor estava disposto a pagar. Quando ele se recusou, ela veio exigir pessoalmente sob ameaça, digamos, de desmascará-lo. Ele a levou a sério. Ou não podia levantar o dinheiro exigido ou estava cansado de viver uma vida dupla. De qualquer modo, pensou que estava tudo acabado e decidiu cometer suicídio. Isso é apenas especulação ou uma série de especulações, mas me parece razoável.

– Para mim também – disse o advogado. – O que você vai fazer agora?

– Mantenho os dois sob vigilância. Não há outro modo de lidar com eles no momento. Mandei investigar a mulher em Louisville, mas, como você deve compreender, eu posso descobrir um monte de coisas a respeito deles e ainda assim não encontrar a carta que o dr. Estep escreveu antes de morrer.

“É bem provável que a mulher tenha destruído a carta, o que teria sido muito esperto da parte dela. Mas, se eu conseguir descobrir mais sobre ela, talvez possa forçá-la ao menos a admitir que a carta foi escrita e que dizia algo a respeito de suicídio, se é que dizia. E isso seria o bastante para liberar a sua cliente. A propósito, como vai ela hoje? Alguma melhora?”

O rosto magro perdeu a animação que o acometera durante a nossa conversa sobre Ledwich e se tornou subitamente taciturno.

– Desmoronou completamente ontem à noite e foi removida para o hospital, para onde deveria ter sido levada desde o início. Para falar a verdade, se ela não for liberada logo, não vai mais precisar de nossa ajuda. Fiz o possível para que fosse liberada sob fiança, mexi todos os pauzinhos que conheço, mas há pouca chance de sucesso nesse sentido. Saber que está presa, acusada de ter assassinado o marido, a está matando. Ela não é jovem e sempre foi sujeita a distúrbios nervosos. O mero choque da morte do marido foi suficiente para prostrá-la... Mas agora... Você tem que conseguir

tirá-la de lá, e rápido!

Ele caminhava para cima e para baixo em seu escritório, voz alterada pela emoção. Saí dali rapidamente.

VI

Do escritório do advogado voltei para a agência, onde soube que Bob Teal havia telefonado para dar o endereço de um apartamento mobiliado que alugara na Laguna Street. Tomei um bonde e fui dar uma olhada.

Mas não pude ir tão longe.

Logo após saltar do bonde, descendo a Laguna Street, vi Bob Teal caminhando em minha direção. Entre mim e Bob, igualmente vindo em minha direção, havia um homem que reconheci como Jacob Ledwich: um grandalhão com uma caraça vermelha ao redor de uma boquinha.

Continuei caminhando rua abaixo e ultrapassei Ledwich e Bob, aparentemente sem lhes dar atenção. Na esquina seguinte, parei para enrolar um cigarro e esticar um olhar à dupla.

Então me dei conta de tudo!

Ledwich havia parado em uma barraca de cigarros. Conhecendo o seu mister, Bob Teal o ultrapassou, caminhando normalmente rua acima.

Imaginava que ou Ledwich havia saído para comprar cigarros e que voltaria para o apartamento em seguida ou que, após a compra, iria até a linha do bonde. Em qualquer um dos casos, Bob esperaria.

Contudo, quando Ledwich parou diante da barraca de cigarros, um homem no outro lado da rua subitamente se escondeu no vão de uma porta e ali ficou, oculto pelas sombras. Esse homem, lembrei-me então, caminhava no lado oposto da rua onde estavam Bob e Ledwich e vinha na mesma direção.

Ele também perseguia Ledwich.

Quando Ledwich terminou de fazer sua compra na barraca, Bob já havia alcançado a linha de bonde mais próxima, na Sutter Street. Ledwich seguiu para lá. O homem escondido no vão da porta saiu atrás dele. Eu o segui.

Um bonde descia Sutter Street quando cheguei à esquina. Ledwich e eu subimos ao mesmo tempo. Alguns metros mais atrás, o perseguidor misterioso fingiu estar dando o nó no cadarço do sapato até que o bonde começou a se mover e ele o alcançou na corrida.

Postou-se atrás de mim, em pé na plataforma traseira, escondendo-se

por trás de um homem encorpado que vestia um macacão. Por sobre o ombro desse passageiro, vez por outra vigiava Ledwich.

Bob já estava sentado na frente do bonde quando subimos eu, Ledwich e aquele detetive amador – não havia a menor dúvida de que era amador.

Avaliei o amador enquanto ele esticava o pescoço para observar Ledwich. Era pequeno, o detetive; e magricela; e frágil. Sua característica mais marcante era o nariz, um órgão flácido que tremelicava nervosamente todo o tempo. Vestia roupas velhas e surradas e tinha por volta de cinqüenta anos de idade.

Após estudá-lo durante alguns minutos, concluí que não havia se dado conta de Bob Teal. Sua atenção estava firmemente voltada para o grandalhão, a quem seguia perto demais para perceber que Bob também estava no páreo.

Daí que, quando o lugar ao lado de Bob vagou, joguei fora o meu cigarro, entrei no carro e me sentei, dando as costas para o homenzinho de nariz nervoso.

– Desça do bonde daqui a alguns quarteirões e volte ao apartamento – disse para Bob em surdina. – Não siga Ledwich novamente até segunda ordem. Apenas vigie a casa dele. Tem um passarinho seguindo o nosso homem e eu quero saber o que ele pretende.

Ele murmurou ter entendido o que eu dissera e, após alguns minutos, desceu do bonde.

Ledwich saltou em Stockton Street, o homenzinho com o nariz nervoso o seguiu e eu saltei atrás dele. Nessa formação, desfilamos pela cidade durante toda a tarde.

O grandalhão tinha negócios em diversas casas de sinuca, lojas de cigarros e sorveterias – a maioria das quais eu conhecia como lugares onde se podia apostar em qualquer cavalo que estivesse correndo na América do Norte, fosse em Tanforan, Tijuana ou Timonium.

Não soube o que Ledwich fez nesses lugares. Eu integrava o fim da procissão e meu interesse estava voltado para o baixinho misterioso. Ele não entrou em nenhum dos lugares visitados por Ledwich, preferindo flanar pelas redondezas até Ledwich reaparecer.

O baixinho teve um trabalhão naquela tarde, tentando ficar fora do ângulo de visão de Ledwich e só conseguindo porque estávamos no centro da cidade, onde se pode perseguir alguém de qualquer jeito. Mas ele

certamente fez muita ginástica esquivando-se aqui e ali.

Algum tempo depois, Ledwich o despistou.

O grandalhão saiu de uma tabacaria com outro sujeito. Entraram num automóvel estacionado ao longo do meio-fio e se foram, deixando o meu homenzinho em pé na calçada, o nariz tremelicando em sinal de contrariedade. Havia um ponto de táxi na esquina mas ou ele não sabia ou não tinha dinheiro para pagar a corrida.

Pensei que fosse voltar à Laguna Street. Mas não voltou. Em vez disso, desceu a Kearny até Portsmouth, onde se deitou no gramado, acendeu um cachimbo e pôs-se a olhar desanimado para o monumento a Stevenson, provavelmente sem vê-lo.

Escarrapachei-me num confortável pedaço de relva a alguma distância dele – entre uma chinesa com dois filhos rechonchudos e um velho português vestindo roupas jovialmente quadriculadas – e deixei a tarde passar.

Quando o sol baixou o bastante para o chão esfriar, o homenzinho levantou-se, limpou os fundilhos e voltou à Kearny Street, onde entrou num restaurante barato e comeu mal. Depois, foi até um hotel algumas portas adiante, pegou uma chave no escaninho e sumiu no interior de um corredor escuro. Olhando o livro de registro, descobri que a chave pertencia a um quarto cujo ocupante era John Boyd, de St. Louis, Missouri, e que chegara no dia anterior.

Esse hotel não é do tipo onde é seguro pedir informações, de modo que desci à rua novamente e parei na esquina menos evidente das redondezas.

Entardeceu e acenderam-se as luzes das ruas e das lojas. Logo escureceu. O tráfego noturno da Kearny Street desfilou diante de mim. Jovens filipinos excessivamente bem-vestidos, prontos para o inevitável jogo de vinte-e-um; mulheres espalhafatosas ainda com o rosto amarrotado do repouso diurno; detetives à paisana prontos para se apresentarem às suas centrais antes de encerrarem o dia de trabalho; chineses vindo ou indo para Chinatown; duplas de marinheiros atrás de qualquer aventura; gente faminta procurando os restaurantes italianos e franceses; gente preocupada a caminho do agente de fianças para negociar a libertação de amigos e parentes; italianos de volta para casa após o dia de trabalho; bandos de cidadãos furtivos envolvidos em diversas atividades obscuras.

Veio a meia-noite e nada de John Boyd, de modo que dei o dia por

encerrado e fui para casa.

Antes de me deitar, falei com Dick Foley pelo telefone. Disse-me que a sra. Estep nada fizera de importante durante o dia e que não recebera nem cartas, nem telefonemas. Em resposta, disse-lhe para deixar de segui-la, até eu terminar com John Boyd.

Eu temia que Boyd voltasse a atenção para a mulher, e eu não queria que ele descobrisse que ela estava sendo seguida. Já havia instruído Bob Teal a simplesmente observar o apartamento de Ledwich – ver quando ele chegava, quando e com quem saía – e agora dizia para Dick fazer o mesmo com a mulher.

Minha suspeita era a de que ela e esse Boyd estavam trabalhando juntos – que ele estava seguindo Ledwich para ela, de modo que o grandalhão não pudesse traí-la. Mas isso era apenas uma suspeita, e eu não aposto muito em minhas suspeitas.

VII

Na manhã seguinte, vesti roupas e sapatos do exército, um boné velho e desbotado e um paletó que não chegava a ser andrajoso mas que era surrado o bastante para não sobressair ao lado das roupas velhas de John Boyd.

Passava um pouco das nove horas quando Boyd deixou o hotel e fez o desjejum no pé-sujo onde comera na noite anterior. Depois, subiu até a Laguna Street e escolheu uma esquina para esperar por Jacob Ledwich.

Esperou um bocado. Em realidade, esperou o dia inteiro, já que Ledwich só apareceu depois que escureceu. Mas o homenzinho era paciente, diria eu em seu favor. Estava inquieto, repousava ora sobre uma perna, ora sobre outra, e chegou a sentar no meio-fio durante algum tempo. Mas logo se levantou.

De minha parte, relaxei. O apartamento mobiliado que Bob Teal alugara para vigiar a porta de Ledwich era térreo, do outro lado da rua, e apenas um pouco adiante da esquina onde Boyd esperava. Portanto, podíamos observar Boyd e a portaria em um relance.

Bob e eu estivemos sentados, fumando e conversando o dia inteiro, revezando-nos na observação do homenzinho irrequieto e da porta de Ledwich.

A noite já havia caído quando Ledwich saiu e dirigiu-se à linha do bonde. Ganhei a rua e nossa procissão recomeçou: Ledwich na frente, Boyd

atrás dele e nós seguindo Boyd.

Meio quarteirão depois, eu tive uma idéia. Não sou o que se pode chamar de um pensador brilhante – as coisas que consigo geralmente são fruto de paciência, destreza e persistência sem a menor imaginação, ajudadas aqui e ali, talvez, por um pouco de sorte –, mas também tenho os meus surtos de inteligência. E esse foi um deles.

Ledwich estava um quarteirão à minha frente; Boyd à metade disso. Aumentando as passadas, ultrapassei Boyd e alcancei Ledwich. Daí, reduzi o passo e comecei a andar ao seu lado, embora sem aparentar que tinha qualquer interesse nele.

– Jake – disse eu sem me voltar. – Tem um sujeito seguindo você.

O grandalhão quase estragou tudo ao parar de súbito; mas se recuperou a tempo e continuou a caminhar ao meu lado.

– Quem diabos é você? – rosnou.

– Não banque o nervosinho – respondi, sempre andando e olhando à frente. – Nada tenho com isso, mas eu estava subindo a rua quando você saiu e vi esse cara se escondendo atrás de um poste quando você passou. Depois, começou a segui-lo.

Ele caiu.

– Tem certeza?

– Absoluta! Tudo o que tem a fazer é dobrar a próxima esquina e esperar.

Eu estava dois ou três passos adiante dele. Dobrei a esquina e me encostei em uma parede de tijolos. Ledwich encostou-se ao meu lado.

– Quer ajuda? – disse eu, sorrindo um sorriso que seria imprudente não parecesse tão forçado.

Sua boquinha era horrível e seus olhos azuis duros como seixos.

Levantei a aba do paletó e mostrei a coronha de minha arma.

– Quer o ferro emprestado?

– Não.

Obviamente, tentava decifrar quem eu era.

– Você se incomoda se eu ficar por perto para me divertir um pouco? – perguntei, debochado.

Não houve tempo para a resposta. Boyd havia acelerado os passos e agora dobrava a esquina às pressas, o nariz nervoso como o de um cão rastreador.

Ledwich posicionou-se no centro da calçada tão subitamente que o homenzinho chegou a emitir um grunhido quando se chocou contra ele. Olharam-se brevemente e houve reconhecimento entre os dois.

Ledwich esticou a manzorra e pegou o outro pelo ombro.

– Por que está me seguindo, seu rato? Não disse para que ficasse longe de “Frisco”?

– Ai, Jake! – implorou Boyd. – Não queria fazer mal, só pensei que...

Ledwich o silenciou com um sacolejo e voltou-se para mim. – É amigo meu – disse ele com um sorriso de desdém.

Seus olhos novamente assumiram uma expressão desconfiada e me mediram do boné aos sapatos.

– Como sabe o meu nome? – perguntou.

– Um cara famoso como você? – respondi com surpresa debochada.

– Deixe de palhaçada! – disse ele. E deu um passo ameaçador em minha direção. – Como sabe o meu nome?

– Não é da sua conta – rebati.

Minha atitude pareceu tê-lo acalmado. Seu rosto assumiu uma expressão menos desconfiada.

– Bem – disse ele lentamente –, devo-lhe esse favor. Como está de grana?

– Já estive mais lambuzado. – “Lambuzado” é gíria para “próspero” na Costa Oeste.

Ele olhou para mim e para Boyd enquanto pensava.

– Conhece o Círculo? – perguntou.

Assenti. O submundo chama o restaurante de Guapo Healey de “O Círculo”.

– Se me encontrar lá amanhã à noite, talvez eu possa lhe arranjar um trocado.

– Nada tão exposto! – disse eu enquanto balançava a cabeça em negativa. – Não posso dar na vista.

Não havia a menor chance de eu encontrá-lo lá. Guapo Healey e metade de seus freqüentadores me conheciam como detetive. Nada havia a fazer a não ser tentar parecer um vigarista com bons motivos para se manter longe de lugares badalados durante algum tempo.

Aparentemente deu certo. Ele pensou um pouco e depois me deu o seu endereço na Laguna Street.

– Apareça amanhã a essa mesma hora e talvez eu lhe faça uma proposta... se você tiver coragem.

– Vou pensar – disse eu, sem me comprometer. E tomei o caminho da rua.

– Um minuto – disse.

Voltei a encará-lo e ele perguntou:

– Quem é você?

– Wisher – respondi. – Shine, se você quiser saber o primeiro nome.

– Shine Wisher – repetiu. – Não me lembro de ter ouvido esse nome antes.

Ficaria surpreso se ele tivesse. Eu o havia inventado havia uns quinze minutos.

– Não precisa sair gritando o meu nome por aí – disse eu, amargo. – Assim, toda a vizinhança *vai* acabar se lembrando de tê-lo ouvido algum dia.

E com essa eu me fui, nada insatisfeito comigo mesmo. Acusando Boyd, fiz com que Ledwich ficasse me devendo um favor e me aceitasse, ao menos por enquanto, como um colega vigarista. E ao fazer nenhum esforço aparente para cair em suas graças acabei conseguindo exatamente isso. Teria um encontro com ele no dia seguinte em que poderia ganhar – ilegalmente, sem dúvida – "algum trocado".

Havia uma possibilidade de essa proposta nada ter a ver com o caso Estep. Mas talvez tivesse. E tivesse ou não a ver com o caso, eu havia conseguido me intrometer um pouco nos negócios de Jake Ledwich.

Perambulei cerca de meia hora e depois voltei ao apartamento de Bob Teal.

– Ledwich voltou?

– Sim – respondeu Bob. – E com aquele baixinho. Entraram há cerca de meia hora.

– Bom! Chegou alguma mulher?

– Não.

Eu esperava que a sra. Estep viesse à noite, mas ela não apareceu. Bob e eu sentamos e conversamos enquanto vigiávamos a porta de Ledwich. E as horas passaram.

À uma da manhã, Ledwich saiu de casa.

– Vou segui-lo só para ver o que acontece – disse Bob enquanto pegava

o boné.

Ledwich dobrou a esquina. Bob seguiu atrás dele.

Cinco minutos depois, Bob já estava de volta.

– Está tirando o carro da garagem.

Corri ao telefone e pedi um carro de passeio o mais rápido possível.

– Ele voltou!

Juntei-me a Bob na janela ainda a tempo de ver Ledwich entrando em casa, o carro estacionado ao longo do meio-fio. Alguns minutos depois, Boyd e Ledwich saíram juntos. Boyd se apoiava pesadamente em Ledwich, que o sustentava com um braço ao redor dos ombros. Não podíamos ver os seus rostos, mas o homenzinho estava doente, bêbado ou drogado.

Ledwich ajudou a embarcar o colega no automóvel. Impotentes, acompanhamos a luz vermelha traseira do veículo até ela desaparecer por completo, alguns quarteirões adiante. O carro que eu pedira chegou vinte minutos depois, de modo que dispensamos os seus serviços.

Pouco depois das três da manhã, Ledwich voltou. Estava só, a pé e vinha da garagem. Estivera fora durante exatamente duas horas.

VIII

Nem eu nem Bob voltamos para casa naquela noite. Dormimos no apartamento na Laguna Street.

Pela manhã, Bob foi até a mercearia da esquina para comprar o desjejum e trouxe um matutino com ele.

Eu preparava o desjejum enquanto ele dividia a atenção entre a portaria de Ledwich e o jornal.

– Ei! – disse ele subitamente. – Veja isso!

Saí da cozinha com a mão cheia de fatias de bacon.

– O quê?

– Ouça! “Mistério no Assassinato do Parque: cedo pela manhã o corpo de um homem não identificado foi encontrado próximo a uma pista de rolamento na Golden Gate Park. O pescoço estava quebrado e, de acordo com a polícia, a falta de ferimentos no corpo e o estado de suas roupas e do solo nas proximidades do local onde foi encontrado indicam que a vítima não morreu em uma queda, nem por atropelamento. Acredita-se que o homem foi morto e somente então levado de automóvel até o parque, onde foi abandonado.”

– Boyd! – disse eu.

– Aposto! – concordou Bob.

Pouco depois, já no necrotério, descobrimos que estávamos certos. O morto era John Boyd.

– Ele já estava morto quando Ledwich o trouxe para fora de casa – disse Bob.

– Estava – confirmei. – Boyd era pequeno e não seria grande coisa para um galalau como Ledwich levá-lo com apenas um braço da porta até o carro, fingindo que o amparava como se faz com um bêbado. Vamos descobrir o que a polícia sabe a respeito, se é que sabe de alguma coisa.

Na delegacia, procuramos O'Gar, o sargento-detetive encarregado de homicídios, um bom sujeito para se trabalhar.

– Esse morto encontrado no parque – perguntei. – Sabe alguma coisa sobre ele?

O'Gar ajeitou o chapéu de condestável de aldeia – um chapéu grande e preto com uma aba frouxa mais adequada a um espetáculo de variedades –, coçou a cabeça de obus e franziu as sobrancelhas, como se desconfiasse que eu estava tentando lhe pregar uma peça.

– Nada a não ser que está morto – disse por fim.

– Gostaria de saber com quem esteve pouco antes de morrer?

– Certamente não iria atrapalhar saber quem o matou.

– Que tal isso: seu nome é John Boyd e estava morando num hotel ali na esquina. A última pessoa com quem esteve foi um sujeito que tem ligações com a primeira esposa do dr. Estep. Você sabe, aquele dr. Estep cuja segunda esposa vocês estão tentando incriminar de homicídio. Parece interessante?

– Sim. Por onde começamos?

– Esse Ledwich, o cara que foi visto pela última vez com Boyd, é um sujeito durão. Em vez dele, seria interessante procurar a mulher, a primeira esposa do dr. Estep. Há uma chance de Boyd ser parceiro dela e, nesse caso, quando ela souber que Ledwich apagou o cara, ela pode abrir o bico e dar o serviço para nós. Por outro lado, se ela e Ledwich estiverem juntos contra Boyd, seria bom tê-la em lugar seguro antes de deter Ledwich. De qualquer modo, não quero pressioná-lo antes de hoje à noite. Tenho um encontro com ele e vou tentar envolvê-lo primeiro.

Bob Teal dirigiu-se à porta enquanto dizia por sobre o ombro:

– Vou ficar de olho nele até você chegar.

– Bom – disse eu. – Não deixe que saia da cidade. Se tentar escapar, enquadre-o.

No saguão do Hotel Montgomery, O'Gar e eu falamos primeiramente com Dick Foley. Ele nos disse que a mulher ainda estava lá e que pedira o desjejum no quarto. Não recebera cartas, telegramas nem telefonemas desde que começara a ser vigiada.

Lancei mão de Stacey novamente.

– Vamos subir para falar com a sra. Estep. Talvez a levemos conosco. Poderia enviar uma camareira para ver se ela já está de pé e vestida? Não queremos irromper antes da hora, quando ela ainda estiver deitada ou apenas parcialmente vestida.

Esperamos cerca de quinze minutos e, em seguida, Stacey nos informou que a sra. Estep estava de pé e vestida.

Subimos até o quarto, trazendo a camareira conosco.

A camareira bateu à porta.

– Quem é? – perguntou uma voz irritadiça.

– A camareira. Preciso...

A chave girou e, furiosa, a sra. Estep abriu a porta. Avançamos, O'Gar brandindo o distintivo.

– Somos da central de polícia – disse ele. – Queremos falar com você.

O pé de O'Gar impedia que ela fechasse a porta enquanto avançávamos, de modo que não lhe restou alternativa senão recuar, permitindo nossa entrada; o que fez sem a menor boa vontade.

Fechamos a porta e, então, soltei a minha bomba:

– Sra. Estep, por que Jake Ledwich matou John Boyd?

As expressões de seu rosto sucederam-se na seguinte ordem: alarme ao ouvir o nome de Ledwich, medo ao ouvir a palavra "matou", mas o nome de John Boyd apenas a deixou confusa.

– Por que quem fez o quê? – balbuciou para ganhar tempo.

– Sim – disse eu. – Por que Jake matou Boyd na noite passada e depois abandonou o corpo no parque?

Outra seqüência de expressões: confusão crescente até eu quase terminar a frase e, então, a súbita compreensão de algo, seguido do inevitável tatear em busca de equilíbrio. Obviamente essas expressões não eram assim tão evidentes, mas perfeitamente detectáveis por qualquer um

que tenha jogado pôquer, seja com cartas ou com pessoas.

O que concluí de tudo isso é que Boyd não estava trabalhando com ela e que, embora ela soubesse que Ledwich havia matado alguém algum dia, não fora Boyd e não fora na noite anterior. Quem, então? E quando? O dr. Estep? Dificilmente! Não havia a menor chance de ele ter sido morto, se é que foi morto, por outra pessoa que não a sua segunda mulher. As provas não podiam ser interpretadas de outro modo.

Então quem Ledwich matou antes de matar Boyd? Seria ele um matador de aluguel?

Todas essas coisas passavam pela minha cabeça enquanto a sra. Estep dizia:

– Isso é um absurdo! A idéia de virem até aqui e...

Ela falou durante cinco minutos ininterruptos, as palavras chiando por entre os lábios empedernidos; mas as palavras não faziam sentido. Falava para ganhar tempo e pensar no melhor que tinha a fazer.

E antes que pudéssemos interrompê-la, ela chegou onde queria: o silêncio!

Não pudemos tirar nenhuma outra palavra dela; e essa é a única maneira de alguém vencer o jogo do interrogatório. O suspeito comum tende a contestar a própria prisão; e não importa quão astuto ou quão mentiroso ele é. Se ele falar e você jogar as cartas certas, pode pegá-lo, pode fazer com que ele o ajude a condenar a si mesmo. Mas se ele não falar, nada se pode fazer.

E foi assim com aquela mulher. Ela se recusou a prestar atenção às nossas perguntas. Não falava, não balançava a cabeça, não resmungava, nem mexia os braços em resposta. Ela nos deu todo um repertório de expressões faciais, bastante sinceras, é verdade, mas não conseguimos a informação verbal que queríamos.

Não entregamos os pontos tão facilmente e a pressionamos durante três belas e ininterruptas horas. Vociferamos, adulamos, ameaçamos e, em dado momento, acho que até dançamos. Mas não adiantou. Por fim, decidimos levá-la conosco. Nada tínhamos contra ela, mas não podíamos deixá-la solta enquanto não prendêssemos Ledwich.

Na delegacia, não a fichamos. Em vez disso, a mantivemos como testemunha material, deixando-a numa sala aos cuidados de uma matrona e de um dos homens de O’Gar, que veriam o que poderiam tirar dela

enquanto íamos atrás de Ledwich. É claro que a revistamos tão logo chegou; e, como esperávamos, ela nada tinha de importante.

O'Gar e eu voltamos ao Hotel Montgomery e fizemos uma revista geral no quarto dela. Nada encontramos.

– Tem certeza do que está fazendo? – perguntou-me o sargento-detetive quando deixamos o hotel. – Alguém vai se dar mal se você estiver errado.

Deixei a pergunta passar sem resposta.

– Encontro você às seis e meia – disse eu. – E vamos atrás de Ledwich.

Ele resmungou em sinal de aprovação e eu me dirigi ao escritório de Vance Richmond.

IX

O advogado levantou-se tão logo o estenógrafo me abriu a porta do escritório. O rosto estava ainda mais macilento e acinzentado do que antes. Os ossos da face estavam mais evidentes, os olhos cercados por profundas olheiras.

– Você tem que fazer alguma coisa! – gritou com a voz roufenha. – Acabo de vir do hospital. A sra. Estep está à beira da morte! Mais um dia, talvez dois e ela...

Interrompi-o e dei-lhe um breve resumo dos acontecimentos do dia e o que eu iria – ou pretendia – fazer a respeito deles. Mas ele recebeu as notícias sem a menor animação e balançou a cabeça de um lado a outro, desesperançado.

– Mas você não vê que isso não vai dar certo? – disse ele assim que terminei de falar. – Sei que você vai acabar descobrindo a inocência dela. Não estou me queixando. Você fez tudo o que se poderia esperar e mais! Contudo, não é o suficiente. Talvez eu precise... bem... de um milagre, talvez.

"Suponhamos que você finalmente descubra a verdade sobre Ledwich e a primeira sra. Estep, ou que a verdade surja durante o julgamento do assassinato de Boyd. Ou mesmo que você desvende tudo em três ou quatro dias. Ainda assim, seria muito tarde! Se eu pudesse ir agora até a sra. Estep e dizer-lhe que está livre, talvez ela conseguisse se recuperar. Mas outro dia na cadeia, dois dias, ou talvez duas horas, quem sabe, e ela não vai mais precisar de alguém para libertá-la. A morte se encarregará disso! Eu lhe digo, ela está...

Novamente, deixei Vance Richmond abruptamente. Este advogado estava determinado a me pressionar. E eu gosto que os meus trabalhos sejam apenas trabalhos. As emoções são um aborrecimento na hora do serviço.

X

Naquela noite, às quinze para as sete, enquanto O'Gar esperava no fim da rua, toquei a campainha de Jacob Ledwich. Como dormira no apartamento de Bob Teal na noite anterior, eu ainda trajava as roupas que vestira quando me apresentei a Ledwich como Shine Wisher.

Ledwich abriu a porta.

– Olá, Wisher – disse ele sem o menor entusiasmo. E me conduziu escada acima.

O apartamento ocupava uma exata metade do segundo andar, tinha quatro cômodos, portas de frente e de fundos, e era mobiliado com móveis ordinários, característicos de qualquer apartamento mobiliado de preço médio em qualquer parte do mundo.

Sentamos no salão da frente, fumamos e conversamos enquanto nos medíamos um ao outro. Parecia nervoso. E acho que teria ficado muito agradecido se eu não tivesse aparecido.

– Sobre aquele serviço que você mencionou – perguntei em dado momento.

– Desculpe – disse ele, umedecendo a boquinha saliente –, mas está tudo acabado. – E, obviamente após ter pensado melhor, acrescentou: – Por enquanto, pelo menos.

Imaginei que o meu trabalho seria cuidar de Boyd. Mas Boyd já havia sido muito bem cuidado.

Ele trouxe uísque e conversamos sobre coisa nenhuma durante algum tempo. Estava tentando não parecer tão ansioso para se ver livre de mim enquanto eu o observava cuidadosamente.

Juntando as coisas que ele deixava escapar aqui e ali, concluí que era um ex-presidiário fazendo um servicinho mais manso em sua idade madura. Isso batia com o que Porco Grout dissera a Bob Teal.

Falei de mim do modo evasivo peculiar a qualquer vigarista numa situação como aquela, e deixei escapar propositalmente duas pistas que o levariam a crer que eu fora companheiro de prisão de assaltantes do bando

de Jimmy, o Rebitador, que então cumpriam longas penas em Walla Walla.

Ledwich se ofereceu para me emprestar algum dinheiro até eu me erguer novamente. Disse-lhe que o que eu mais precisava no momento era de uma boa oportunidade, e não de ninharias.

A noite passava e não chegávamos a lugar algum.

– Jake – disse eu, aparentemente casual –, você se arriscou muito ao tirar aquele cara do seu caminho ontem à noite.

Pretendia agitar as coisas. Consegui.

Seu rosto se encolerizou.

Ele sacou um revólver.

Disparando de dentro do bolso, arranquei a arma da mão dele.

– Agora, comporte-se! – ordenei.

Ledwich se sentou esfregando a mão dormente e olhando com olhos arregalados para o orifício em brasas no bolso do meu paletó. Parece ser uma proeza fora do comum arrancar a arma da mão de outra pessoa com um tiro, mas acontece de vez em quando. Alguém que atire bem – e eu atiro muito bem, obrigado –, natural e automaticamente, acerta próximo ao lugar para onde está olhando. De fato, quando um sujeito saca uma arma, você atira *nele*, sem mirar em nenhum lugar específico. Não há tempo para isso. Você atira *nele*, e pronto. Porém, numa situação como essa, é muito provável que você esteja olhando para a arma que ele está empunhando, e aí, nesse caso, não será surpreendente se a sua bala acabar atingindo a arma dele, exatamente como aconteceu comigo. Mesmo assim, parece impressionante.

Bati as brasas ao redor do buraco no bolso do meu paletó e caminhei até onde fora parar o revólver de Ledwich. Tomei-o em mãos e comecei a descarregá-lo. Mas logo mudei de idéia, fechei-o e meti-o no bolso. Em seguida, sentei-me numa cadeira diante da dele.

– Você não deveria agir assim – zombei. – Pode acabar ferindo alguém.

A boquinha fez beicinho para mim.

– Um “fuçador”, hein? – disse ele, imprimindo à voz todo o desprezo que podia. Por algum motivo, qualquer sinônimo para detetive parece carregar um bocado de desdém.

Eu podia ter voltado a fazer o papel de Wisher. Podia ser feito, mas não valeria a pena. Por isso, confirmei com um movimento de cabeça.

Seu cérebro pôs-se a trabalhar e a paixão abandonou seu rosto. Sentado,

massageava a mão direita enquanto os olhos e a boquinha espremiam-se em conjecturas.

Fiquei quieto, esperando o resultado do raciocínio. Sabia que ele estava tentando descobrir onde eu me encaixava na história. Uma vez que, para ele, eu havia aparecido na noite anterior, então não estava ali por causa do assassinato de Boyd. Essa constatação certamente o levaria a me associar ao caso Estep, a não ser que ele estivesse enrolado com outras patifarias que não fossem do meu conhecimento.

– Você não é um detetive da polícia, é? – perguntou por fim. Sua voz estava quase amistosa, a voz de alguém que deseja persuadi-lo ou vender-lhe alguma coisa.

A verdade, pensei, não vai doer.

– Não – respondi. – Sou da Continental.

Ele arrastou a cadeira para perto do cano de minha automática.

– Então, o que você quer? Onde se encaixa nisso tudo?

Tentei a verdade novamente.

– A segunda sra. Estep. Ela não matou o marido.

– E você está tentando levantar provas suficientes para libertá-la?

– Sim.

Sinalizei para que retrocedesse quando ele fez menção de arrastar a cadeira para ainda mais perto.

– E como pretende fazer isso? – prosseguiu, a voz cada vez mais baixa e em tom confidencial.

Novamente lancei mão da verdade.

– Ele escreveu uma carta antes de morrer.

– E daí?

Era o suficiente, por enquanto.

– Só isso.

Ele se recostou na cadeira e seus olhos e a sua boquinha voltaram a se espremer em conjecturas.

– Qual o seu interesse no homem que morreu ontem à noite? – perguntou muito suavemente.

– O interesse é em você – disse eu, novamente sincero. – Talvez isso não beneficie a segunda sra. Estep diretamente. Mas você e a primeira esposa estão unidos contra ela. Daí que qualquer coisa que os atinja vai beneficiá-la de algum modo. Estou tateando no escuro, admito. Mas vou

adiante sempre que vejo um ponto de luz. E vou acabar chegando à verdade no fim de tudo. Prender você pelo assassinato de Boyd é um ponto de luz.

Ele se inclinou para a frente subitamente, abrindo os olhos e a boca o mais que podia.

– Você vai chegar à verdade, com certeza – disse ele com calma –, desde que tenha um pouco de discernimento.

– O que quer dizer com isso?

– Você tem certeza de que pode me acusar pela morte de Boyd? – perguntou, ainda muito suavemente. – De que pode me condenar por assassinato?

– Sim.

Mas eu não estava assim tão certo. Para começo de conversa, embora estivéssemos moralmente certos disso, nem eu e nem Bob Teal poderíamos jurar que o homem que entrou com Ledwich no carro era John Boyd.

Nós sabíamos que era Boyd, claro. Mas o problema é que estava muito escuro para que pudéssemos ver o seu rosto. Também pensamos que estivesse vivo. Somente depois descobrimos que ele já estava morto quando saiu de casa.

Miudezas, é verdade, mas o problema é que, a não ser que esteja absolutamente certo de todos os detalhes, um detetive particular no banco das testemunhas costuma ter um efeito desagradável e ineficaz.

– Sim – repeti, enquanto pensava em tudo isso. – E estou pronto a testemunhar a respeito do que tenho contra você e daquilo que eu possa descobrir entre agora e a hora em que você e a sua cúmplice forem a julgamento.

– Cúmplice? – disse ele, não muito surpreso. – Suponho que esteja se referindo à Edna. Você já a prendeu?

– Sim.

Ele riu.

– Você vai se divertir um bocado tentando tirar alguma coisa dali. Em primeiro lugar, ela não sabe muito. Em segundo, bem... suponho que você tenha tentado e já tenha descoberto que criatura prestativa ela é. Portanto, não tente me aplicar aquele velho truque de dizer que ela já deu o serviço!

– Não estou tentando nada.

Houve silêncio entre nós e ele veio com a proposta:

– É pegar ou largar. O bilhete que o dr. Estep escreveu antes de morrer

foi endereçado a mim, e é prova positiva de que ele cometeu suicídio. Me dê uma chance, apenas uma dianteira de meia hora, e lhe dou a minha palavra de honra de que eu envio o bilhete por correio.

– E eu sei que posso confiar em você – acrescentei com sarcasmo.

– E eu também sei que posso confiar em você – rebateu. – Darei a você o bilhete se me der meia hora de dianteira.

– Por que faria isso? – perguntei. – Por que não ficar com você e com o bilhete?

– Se você pudesse encontrar o bilhete! Mas, diga-me, eu pareço o tipo de idiota que deixaria um bilhete desses dando sopa? Você acha que está aqui neste quarto?

Não. Mas o fato de Ledwich tê-lo escondido não queria dizer que eu não pudesse encontrá-lo.

– Não vejo nenhum motivo para negociar com você – disse eu. – Eu o peguei, e isso é o bastante.

– Se eu lhe mostrasse que o único modo de libertar a segunda sra. Estep é por meio de minha colaboração voluntária, você negociaria comigo?

– Talvez... de qualquer modo, estou ouvindo.

– Tudo bem. Vou abrir o jogo. Mas a maior parte do que vou dizer não pode ser comprovado em corte sem a minha ajuda. E se você recusar minha oferta, tenho provas suficientes para convencer o júri de que tudo isso é mentira, que eu nunca disse nada disso e que você está tentando me incriminar.

Essa parte me soava bastante razoável. Eu já havia deposto em todos os júris da cidade e do estado de Washington e nunca vira um deles propenso a crer que um detetive particular fosse algo diferente de um especialista em intriga, alguém que anda por aí com um baralho falso num bolso e um equipamento completo de falsário no outro, e que lamenta o dia em que não mandou um inocente para a cadeia.

XI

– Era uma vez um jovem doutor, numa cidade muito longe daqui – disse Ledwich –, envolvido num escândalo dos mais sórdidos, que escapou da cadeia por um triz mas que teve a licença cassada pelo conselho médico estadual.

“Numa cidade grande não muito longe dali, numa noite em que estava

bêbado, como sempre costumava estar naqueles tempos, esse jovem doutor contou os seus problemas para um homem que conheceu num inferninho. O homem era um sujeito cheio de recursos e, em troca de algum dinheiro, ofereceu-se para arranjar um diploma falso, de modo que o doutor pudesse praticar a medicina em outro estado.

"O jovem doutor aceitou a oferta e o amigo arranjou o diploma para ele. O doutor é o homem que você conhece como dr. Estep. Eu era o amigo. E o verdadeiro dr. Estep foi encontrado morto no parque esta manhã!"

Essa era boa... se fosse verdade!

– Veja você – prosseguiu o grandalhão –, quando me ofereci para conseguir o diploma para o jovem doutor, cujo nome verdadeiro não importa, eu tinha em mente um diploma falso. Hoje em dia é fácil, há até um mercado regular de diplomas falsificados, mas há 25 anos eram mais difíceis de encontrar. Enquanto tentava arranjar o diploma, topei com uma mulher com quem eu já trabalhara antes, Edna Fife, e que você conhece como primeira esposa do dr. Estep.

"Edna era casada com um médico, o verdadeiro dr. Humbert Estep. Mas ele era um péssimo médico. Depois de passar fome ao lado dele na Filadélfia durante alguns anos, ela o fez fechar o consultório e dedicar-se à jogatina. Ela era muito boa nisso, uma verdadeira limpadora de mesas, e, mantendo-o sob o seu controle todo o tempo, transformou-o também num bom trapaceiro.

"Eu a encontrei pouco depois disso e, quando ela me contou esta história, me ofereci para comprar o diploma e outras credenciais do marido. Não sei se ele as queria vender ou não, mas obedeceu-a e eu fiquei com os documentos.

"Entreguei os documentos ao jovem doutor, que veio para San Francisco e abriu um consultório sob o nome de Humbert Estep. O verdadeiro Estep prometera nunca mais usar esse nome, o que não era nada demais para ele, já que vivia trocando de nome sempre que mudava de endereço.

"Mantive contato com o jovem doutor, é claro, recebendo a minha propina regularmente. Eu o tinha sob controle. Não era bobo de desistir de uma grana fácil como aquela. Cerca de um ano depois, soube que ele havia se estabelecido e que estava ganhando algum dinheiro. Daí, embarquei num trem e vim para San Francisco. De fato, ele andava muito bem de vida, de

modo que acampei por aqui, onde podia mantê-lo sob controle.

“Ele se casou por essa época e, entre a prática e os investimentos, começou a acumular um bom dinheiro. Mas endureceu comigo, o maldito! Não se deixaria sangrar. Disse que só me daria uma porcentagem regular do que ganhava, nada além.

“Durante quase 25 anos tive exatamente isso, nem um centavo além do combinado. Ele sabia que eu não iria matar a galinha dos ovos de ouro e, portanto, não adiantava ameaçá-lo. Ele não voltaria atrás.

“Como eu disse, isso continuou por anos e anos. Conseguia o bastante para viver, mas não estava ganhando nenhum dinheirão. Há alguns meses, porém, soube que ele havia feito uma boa grana em um negócio com madeira de construção e decidi agir.

“Após todos esses anos, já conhecia o doutor muito bem. Isso acontece quando se está extorquindo dinheiro de alguém. Você tem uma ótima idéia do que vai na cabeça dessa pessoa e o que ela provavelmente faria caso isso ou aquilo acontecesse. Portanto, eu conhecia o doutor muito bem.

“Sabia, por exemplo, que ele nunca havia contado para a esposa a verdade sobre o seu passado. Que dissera qualquer coisa a respeito de ter nascido na Virgínia Ocidental. Por mim, tudo bem! Daí eu soube que ele guardava um revólver na escrivaninha, e eu sabia o porquê. Guardava-o ali para que pudesse se matar caso a verdade sobre o seu diploma fosse descoberta. O doutor achava que, se desse um tiro na cabeça tão logo surgisse o primeiro indício de que seria desmascarado, as autoridades abafariam o caso em respeito à boa reputação que construíra.

“Dessa forma, e mesmo que a sua esposa descobrisse a verdade, seria poupada da vergonha de um escândalo público. Eu não consigo me ver morrendo só para não magoar uma mulher, mas o doutor era um sujeito esquisito, e era louco por ela.

“Portanto, eu o conhecia muito bem, e foi assim que as coisas aconteceram.

“Meu plano pode parecer complicado, mas era muito simples. Primeiro, encontrei os verdadeiros Esteps. Tive que procurar um bocado, mas acabei encontrando-os. Trouxe a mulher para San Francisco e disse para o marido se manter afastado.

“Tudo teria dado certo se ele tivesse feito o que eu mandei. Mas ele tinha medo de que Edna e eu o traíssemos, então resolveu ficar de olho em

nós. Mas eu não sabia disso até você denunciá-lo.

“Trouxe Edna até aqui e, sem lhe dizer nada além do que deveria saber, eu a treinei até que decorasse muito bem o seu papel.

“Alguns dias antes da chegada dela, fui visitar o doutor e exigi cem mil dólares. Ele riu de minhas pretensões e fui embora fingindo estar danado da vida.

“Tão logo Edna chegou, disse-lhe para visitar o doutor. Ela foi e pediu para ele fazer uma operação ilegal em sua filha. Ele, é claro, se recusou. Daí, ela discutiu com ele de modo que todos que estivessem na recepção pudessem ouvir. E quando ela ergueu a voz, escolheu palavras que pudessem ser interpretadas do modo que queríamos que fossem interpretadas. Ela fez tudo com perfeição e saiu dali aos prantos.

“Daí, lancei mão de outro truque! Pedi para um camarada, um sujeito que é um mestre nesse negócio, para gravar uma placa com uma notícia falsa dizendo que as autoridades do estado estavam investigando a informação de que um proeminente cirurgião de San Francisco estava praticando a medicina com uma licença falsa. A placa media dez por dezoito centímetros. Se você examinar a primeira página interna do *Evening Times* em qualquer dia da semana encontrará uma foto exatamente desse tamanho.

“No dia seguinte à visita de Edna, saí à rua às dez da manhã e comprei uma cópia da primeira edição do *Times*. O falsário meu amigo apagou a foto com ácido e imprimiu a matéria falsa no lugar dela.

“Naquela noite, substituí a página externa de um exemplar de assinante por aquela que viera com o jornal que havíamos preparado e fiz a troca assim que o menino entregou o jornal. Essa parte foi fácil. O menino atirou o jornal, me arrastei até o vestíbulo, fiz a troca e deixei o jornal falsificado para o doutor.”

Eu tentava não parecer tão interessado, mas os meus ouvidos estavam atentos a cada palavra. A princípio, me preparara para uma fieira de mentiras. Mas agora sabia que ele dizia a verdade! Cada sílaba era uma bazófia. Ele estava meio embriagado pela própria esperteza, a esperteza com a qual planejara e levara a cabo o seu plano de perfídia e assassinato. Eu sabia que ele falava a verdade e suspeitava que ele estava contando mais do que pretendia. Ele estava intumescido de vaidade, a vaidade que freqüentemente infla o vigarista após um pequeno sucesso; e o prepara para

a cadeia.

Seus olhos brilhavam e a sua boquinha sorria triunfante enquanto falava.

– De fato, o doutor leu o jornal. E se matou. Mas primeiro escreveu e enviou um bilhete... para mim. Eu não pensara em incriminar a esposa dele. Foi pura sorte.

“Imaginei que a notícia falsa no jornal seria ignorada em meio à confusão. Edna deveria prosseguir com a trama, apresentando-se como sendo a primeira esposa. E o fato de ele ter se suicidado depois de sua primeira visita, somado ao que a enfermeira ouvira durante a visita, faria a sua morte parecer uma confissão de que Edna *era* a sua esposa.

“Estava certo de que ela passaria por qualquer investigação. Ninguém sabia coisa alguma sobre o verdadeiro passado do doutor, exceto aquilo que ele lhes dissera e que acabaria se revelando mentira.

“Edna realmente se casara com um certo dr. Humbert Estep, na Filadélfia, em 1896; e os 27 anos decorridos desde então se encarregariam de ocultar o fato de que o verdadeiro dr. Humbert Estep não era esse dr. Humbert Estep.

“Tudo o que queríamos era convencer a verdadeira mulher e seu advogado de que ela não era a mulher legítima. E conseguimos! Todo mundo aceitou o fato de Edna ser a mulher verdadeira.

“O passo seguinte seria fazer Edna e a mulher chegarem a um acordo a respeito da herança, com Edna herdando a maior parte ou ao menos a metade de tudo. E nada viria a público.

“Se acontecesse o pior, estávamos preparados para ir aos tribunais. E nos daríamos muito bem, embora eu me contentasse com a metade. Daria algumas centenas de milhares de dólares, o bastante para mim, mesmo deduzindo os vinte mil que prometi para Edna.

“Mas quando a polícia prendeu a mulher do doutor por assassinato, vislumbrei a chance de ficar com tudo. Bastava que eu esperasse ela ser condenada. Daí a corte daria tudo para Edna.

“Eu tinha a única prova que libertaria a mulher do doutor: o bilhete que ele escreveu para mim. Mas mesmo que eu quisesse, não poderia divulgá-lo sem expor toda a trama. Quando leu a notícia falsa no jornal, ele a arrancou, escreveu o bilhete sobre ela e o enviou para mim. Portanto, o bilhete é uma revelação involuntária de um morto. Mas eu não tinha nenhuma intenção de

divulgá-lo.

“Até aí tudo transcorria como num sonho. Bastava esperar até a hora de sacar a grana. E foi justo aí que o verdadeiro Humbert Estep apareceu para estragar tudo.

“Ele raspou o bigode, vestiu umas roupas velhas e veio nos espionar, para ver se eu e Edna não fugíamos dele. Como se pudesse evitar! Depois que você o denunciou, eu o trouxe até a minha casa.

“Pretendia mantê-lo aqui enquanto não encontrasse um lugar onde deixá-lo até terminarmos o serviço. Era esse o trabalho que eu ia pedir para você fazer: ficar de olho nele. Mas acabamos discutindo, brigando, e eu o derrubei. Ele não se levantou e descobri que estava morto. Quebrara o pescoço. Nada havia a fazer a não ser levá-lo até o parque e abandoná-lo por lá.

“Não contei para Edna. Aparentemente, ele não tinha muita utilidade para ela, mas a gente nunca sabe como as mulheres vão reagir. De qualquer forma, agora que está feito, ela não vai dizer nada. Tem sido leal todo o tempo. E, caso fale, não pode fazer muito estrago. Ela só sabe a parte dela na trama.

“Toda essa longa história é só para você ver contra o que está lutando. Talvez você ache que pode descobrir provas das coisas que eu lhe disse. E pode, até aqui. Pode provar que Edna não era esposa do doutor. Pode provar que eu o estava chantageando. Mas você não pode provar que a mulher do doutor não *acreditava* que Edna era a sua esposa de verdade! É a palavra dela contra a minha e a de Edna.

“Vamos jurar que nós a convencemos disso, o que lhe daria uma motivação para o crime. Você não pode provar que o artigo de jornal falso de fato existe. Tudo isso vai soar para o júri como conversa de drogado.

“Você não pode me incriminar pelo assassinato de ontem à noite. Tenho um álibi que vai deixá-lo de queixo caído! Posso provar que saí daqui com um amigo bêbado, e que o levei até o hotel e o deixei na cama com a ajuda de um vigia noturno e de um mensageiro. E o que você tem para rebater? A palavra de dois detetives. Quem vai acreditar?

“Talvez você possa me incriminar por tentativa de estelionato ou algo no gênero. Mas ainda assim não poderá libertar a sra. Step sem a minha ajuda. Me liberte e eu lhe darei a carta que o doutor escreveu com o próprio punho, sobre uma notícia falsa de jornal, e que vai se encaixar

perfeitamente na parte que falta no pedaço de jornal que está com a polícia. Nela, o doutor escreveu que ia se matar em palavras quase tão explícitas quanto as que uso agora.”

Realmente isso faria muita diferença, não restava a menor dúvida. E eu acreditava na história de Ledwich. Quanto mais pensava, mais gostava dela. Encaixava-se perfeitamente com os fatos. Mas eu não estava assim tão propenso a deixar esse grande vigarista escapar.

– Não me faça rir! – disse eu. – Tanto vou prender você quanto libertar a sra. Estep.

– Tente! Você não tem a menor chance sem a carta. E você acha que um sujeito com cérebro para planejar algo assim seria tolo o bastante para deixá-la num lugar onde pudesse ser facilmente encontrada?

Eu não estava particularmente impressionado com a dificuldade que iria ter para incriminar Ledwich e libertar a viúva do morto. Seu esquema – esse ziguezague de perfídia friamente calculista com o qual ele envolveu a todos com quem lidou, inclusive sua última cúmplice, Edna Estep, não era tão à prova de falhas como dizia. Bastava uma semana de investigações no Leste e... mas uma semana era exatamente o que eu não tinha!

As palavras de Vance Richmond me acorriam à mente: “Mais outro dia na cadeia, dois dias ou duas horas, quem sabe, e ela não vai mais precisar de alguém para libertá-la. A morte se encarregará disso!”

Se eu pretendia fazer alguma coisa pela sra. Estep, tinha que ser rápido. Legal ou ilegalmente. Sua vida estava em minhas mãos. Esse homem diante de mim – os olhos cheios de esperança e a boca ansiosamente contraída – era um ladrão, chantagista, traidor e pelo menos duas vezes assassino. Detestava ter que deixá-lo ir. Mas havia a mulher morrendo no hospital...

XII

De olho em Ledwich, fui até o telefone e liguei para a casa de Vance Richmond.

– Como está a sra. Estep? – perguntei.

– Ainda mais fraca! Falei com o doutor há cerca de meia hora e ele disse...

Cortei-o. Não queria ouvir os detalhes.

– Vá para o hospital e fique onde eu possa encontrá-lo por telefone. Devo ter notícias para você antes de a noite terminar.

– O quê? Há alguma chance de... Você está...

Não prometi nada a ele. Simplesmente devolvi o fone ao gancho e disse a Ledwich:

– Vou fazer isso por você. Deixe o bilhete em minha mão e eu lhe dou o seu revólver e o deixo sair pelos fundos. Tem um policial na esquina aí em frente e não posso deixá-lo cruzar com ele.

Ele se pôs de pé, radiante.

– Sua palavra?

– Sim. Vá em frente.

Ele passou por mim, alcançou o telefone, deu um número à telefonista – que tive o cuidado de anotar – e depois falou apressadamente:

– Aqui é Shuler. Ponha um garoto num táxi com aquele envelope que eu lhe dei para guardar para mim e mande-o vir aqui imediatamente.

Em seguida, deu o seu endereço, disse “sim” duas vezes e desligou.

Nada havia de surpreendente no fato de ele ter aceitado a minha palavra.

Primeiro porque não tinha outra escolha. E também porque, ao fim de algum tempo, todos os trapaceiros de sucesso acabam acreditando que o resto do mundo – à exceção dele – é povoado por uma raça de dóceis cordeiros humanos nos quais se pode confiar.

Dez minutos depois, a campainha tocou. Atendemos a porta juntos e Ledwich recebeu em mãos um grande envelope. Aproveitei para decorar o número no boné do mensageiro. Depois, voltamos para a sala.

Ledwich abriu o envelope e me passou o conteúdo: um pedaço de jornal rasgado no qual havia uma mensagem escrita por mãos trêmulas:

Nunca pensei que você, Ledwich, fosse tão profundamente estúpido. Meu último pensamento será que esta bala que dá fim à minha vida também acaba com os seus anos de ócio. Agora, você terá que trabalhar.

Estep.

O doutor morreu com determinação!

Peguei o envelope das mãos do grandalhão, guardei o bilhete dentro dele e meti-o no bolso. Então fui até uma janela que dava para a rua em frente e amassei o rosto contra a vidraça até identificar a silhueta de O’Gar, que pacientemente esperava onde eu o deixara horas antes.

– O detetive de polícia ainda está na esquina – disse para Ledwich. – Aqui está o seu ferro.

E passei-lhe o revólver que eu havia arrancado de sua mão havia pouco.

– Pegue-o e fuja pela porta dos fundos. Lembre-se de que isso é tudo que estou lhe oferecendo: a arma e um outro início justo. Se você jogar limpo comigo, nada vou fazer para prendê-lo, a não ser que você me traia.

– Tudo bem!

Ele pegou a arma, abriu-a para ver se ainda estava carregada e correu para os fundos do apartamento. Na porta ele parou, hesitante, e voltou-se novamente para mim. Mantive-o sob a mira de minha automática.

– Você me faria um favor que não incluí na barganha?

– Qual?

– Este bilhete está num envelope que tem a minha letra e, talvez, as minhas digitais. Deixe-me trocá-lo por um envelope novo. Não gostaria de deixar nenhuma outra pista além das que já deixei.

Com a mão esquerda, já que a direita estava ocupada pela arma, peguei o envelope desajeitadamente e o joguei para ele. Ele pegou um envelope limpo de cima da mesa, limpou-o cuidadosamente com o lenço, meteu o bilhete dentro dele, cuidando para não tocá-lo com a ponta dos dedos, e me devolveu. E eu o guardei no bolso.

Foi difícil não rir.

A manobra com o lenço indicava que o envelope no meu bolso estava vazio, que o bilhete estava em poder de Ledwich embora eu não tivesse visto isso acontecer. Ele havia me aplicado um de seus truques de jogador.

– Se manda! – gritei, evitando rir na cara dele.

Ele girou nos calcanhares. Ouvi os seus passos pesados contra o chão. Uma porta bateu nos fundos da casa.

Procurei no envelope que ele me dera. Precisava ter certeza de que ele me traíra.

O envelope estava vazio.

Nosso acordo estava quebrado.

Corri até a janela da frente, escancarei-a e me debrucei para fora. O’Gar me viu imediatamente, melhor do que eu o via. Gesticulei indicando os fundos da casa. O’Gar correu para o beco atrás do edifício. Atravessei o apartamento de Ledwich até a cozinha e meti a cabeça para fora de uma janela que já estava aberta.

Pude ver Ledwich contra a cerca caiada, abrindo o portão e correndo para o beco.

O vulto atarracado de O’Gar surgiu sob a luz no fim do beco.

O revólver de Ledwich estava em sua mão. O de O’Gar não... não ainda.

Ledwich ergueu o revólver. O cão estalou.

O revólver de O’Gar cuspiu fogo.

Ledwich rodou em câmera lenta contra a cerca branca, arfou um par de vezes e caiu.

Desci a escada lentamente para me juntar a O’Gar; lentamente porque não é agradável olhar para um homem que você deliberadamente mandou para a morte. Nem mesmo se esse for o único modo de salvar uma vida inocente e o morto for Jake Ledwich, um perfeito canalha.

– Como foi? – perguntou O’Gar quando cheguei ao beco onde ele observava o corpo.

– Fugiu de mim – disse simplesmente.

– Compreensível.

Revistei os bolsos do cadáver até encontrar o bilhete de suicida, ainda amarrotado no interior do lenço. O’Gar examinava o revólver do morto.

– Veja! – exclamou. – Talvez esse não seja o meu dia de sorte! Ele atirou em mim uma vez e o seu revólver negou fogo. Não admira! Alguém deve ter maltratado esta arma. O pino do cão está quebrado!

– É mesmo? – perguntei, fingindo não saber que a bala que tirara o revólver das mãos de Ledwich também o tornara inofensivo.

OceanofPDF.com

O ASSASSINO ASSISTENTE

Em dourado, com bordas negras, estava escrito na porta: ALEXANDER RUSH, DETETIVE PARTICULAR. Lá dentro, um sujeito feioso reclinava-se na cadeira, pés pousados sobre uma escrivaninha amarela.

O escritório nada tinha de encantador. Os móveis, poucos e velhos, exibiam o aspecto gasto de objetos de segunda mão. Um quadrado de pano encardido e desfiado cobria o chão à guisa de tapete. Em uma parede amarela um alvará emoldurado autorizava Alexander Rush a exercer a atividade de detetive particular na cidade de Baltimore, desde que seguisse regras bem determinadas. Havia um mapa da cidade em outra parede. Sob o mapa, uma estante frágil, pequena, com poucos objetos: um velho roteiro de estradas de ferro, um pequeno guia de hotéis e as listas de telefones e de endereços de Baltimore, Washington e Filadélfia. Num canto junto à pia, um instável cabide de carvalho sustentava um chapéu-coco e um sobretudo negro. As quatro cadeiras da sala nada tinham uma com a outra, a não ser a idade. Além dos pés do proprietário, o tampo esfolado da escrivaninha abrigava um telefone, um tinteiro com tinta preta coagulada, uma confusão de recortes de jornais, a maioria a respeito de criminosos que escaparam desta ou daquela prisão, e um cinzeiro gris que continha mais cinzas e mais pontas de charutos do que poderia comportar.

Escritório feio. Proprietário ainda mais feio.

A cabeça era atarracada e em forma de pêra. Excessivamente pesada, larga, rombuda nos maxilares, estreitava-se até alcançar o cabelo rente e eriçado que brotava de uma testa baixa e oblíqua. Sua pele era vermelho-escura, rija, e cobria largos pneus de gordura. Mas essas deselegâncias fundamentais de modo algum compreendiam toda a sua feiúra. Outras coisas haviam alterado as suas feições.

Se você olhasse para o nariz dele de um determinado ângulo, diria que estava quebrado. De outro, diria que não; que simplesmente não tinha forma alguma. Contudo, fosse qual fosse a sua opinião quanto à forma, não restariam dúvidas quanto à cor. Naquele nariz, já naturalmente avermelhado, havia veias estouradas em forma de estrelas, espirais e misteriosos arabescos que pareciam ter algum significado secreto. Os lábios eram largos e grosseiros. Entre eles, brilhavam duas sólidas fileiras de dentes de ouro, a de baixo ultrapassando a de cima, de modo que a

mandíbula era alongada e proeminente. Os olhos – pequenos, profundos e de íris azul-clara – tinham tantos vasos rompidos que levariam qualquer um a pensar que o sujeito estava com uma tremenda gripe. As orelhas davam conta de sua juventude: eram as orelhas grosseiras, torcidas e em forma de couve-flor de um pugilista.

Um homem de quarenta e poucos anos de idade, feio, recostado à cadeira, pés sobre a escrivaninha.

A porta com inscrições em dourado se abriu e outro homem entrou. Talvez dez anos mais novo, era, de modo geral, tudo o que o homem na escrivaninha deixava de ser. Alto, esbelto, pele clara, olhos castanhos, passaria despercebido tanto numa casa de jogos quanto numa galeria de arte. As roupas – terno e chapéu cinza – eram novas e bem passadas a ferro, e até elegantes em sua sobriedade. O rosto também nada tinha de marcante, o que era uma surpresa se considerarmos quão perto escapou de ser bonito devido à boca excessivamente fina, marca dos homens cautelosos.

Ele deu dois passos no interior do escritório e hesitou, olhos castanhos entre móveis surrados voltados para um proprietário de maus bofes. Tanta feiúra parecia desconcertar o homem de cinza. Um sorriso de desculpas começou a despontar em seus lábios, como se estivesse a ponto de murmurar: “Perdão, entrei no escritório errado”.

Mas não foi o que disse. Deu outro passo adiante e perguntou, indeciso:

– Você é o sr. Rush?

– É, sou. – A voz do detetive era rouca, de uma aspereza sufocada que parecia corroborar a idéia de que estava muito gripado. Pôs os pés no chão e empurrou uma cadeira com a mão gorda e vermelha. – Sente-se, cavalheiro.

O homem de cinza sentou-se, tentando manter-se ereto à beira da cadeira.

– O que posso fazer por você? – grasnou Alec Rush amistosamente.

– Queria... desejo... gostaria de... – e o homem de cinza nada mais disse.

– Talvez você prefira só me dizer o que está errado – sugeriu o detetive, sorridente. – Então saberei o que quer de mim.

Havia gentileza no sorriso de Alec Rush, e essa gentileza era envolvente. De fato, o seu sorriso era um horroroso esgar de pesadelo, daí o seu charme. Quando uma pessoa bonita sorri, não há grande lucro: o sorriso não diz muito mais do que o rosto em repouso. Mas quando Alec Rush distorcia a sua máscara de ogro e, incoerentemente, fazia despontar amizade

jovial daqueles olhos vermelhos e selvagens, daquela boca brutal e metalizada – era comovente e cativante.

– Sim, acho que seria melhor – disse o homem de cinza, que se recostou na cadeira mais confortavelmente, menos apressado. – Ontem, em Fayette Street, encontrei uma... uma jovem que conheço. Não nos víamos havia meses. Mas isso agora não vem ao caso. Depois que nos despedimos, após falarmos durante alguns minutos, vi um homem. Ou seja, ele saiu de uma porta e desceu a rua na mesma direção que ela, e achei que ele a estivesse seguindo. Ela dobrou a Liberty Street e ele fez o mesmo. Um número incontável de pessoas segue o mesmo trajeto, e a idéia de que ele a estivesse seguindo me pareceu tão fantástica que acabei esquecendo do assunto e fui cuidar da minha vida.

"Mas não conseguia tirar aquilo da cabeça. Parecia que havia alguma intenção peculiar no modo como ele agia, e não importava o quanto eu me dissesse que era absurda, a idéia insistia em me preocupar. Daí que ontem à noite, sem ter nada de especial para fazer, fui de carro até a vizinhança da... da casa da jovem. E vi o mesmo homem novamente. Estava de pé, a duas quadras da casa dela. Era o mesmo homem, estou certo disso. Tentei vigiá-lo, mas, enquanto eu procurava vaga para o meu carro, ele desapareceu e não mais o vi. Essas são as circunstâncias. Você é capaz de descobrir se ele realmente a está seguindo, e por quê?"

– Claro! – concordou o detetive com a voz rouca. – Mas você nada disse à jovem ou para a família dela?

O homem de cinza se remexeu na cadeira e olhou para o tapete desfiado.

– Não. Não quero incomodá-la nem assustá-la. No fim das contas, terá sido nada mais do que uma coincidência sem importância e... bem... eu não... isso é impossível! O que eu tinha em mente era você descobrir o que está errado, se é que há algo de errado, e consertar tudo sem que eu apareça na história.

– Talvez. Mas veja bem: não estou dizendo que farei o serviço. Preciso saber mais primeiro.

– Mais? Você quer dizer mais...

– Mais a respeito de você e dela.

– Mas nada há a nosso respeito! – protestou o homem de cinza. – É exatamente como eu lhe disse. Deveria ter acrescentado que essa jovem é...

é casada e que eu não a via desde o seu casamento.

– Então o seu interesse nela é?... – o detetive deixou a rouca interrogação no ar.

– Amizade. Antiga amizade.

– É. E quem é essa mulher?

O homem de cinza se remexeu novamente.

– Veja, Rush – disse ele, corando –, pretendo lhe dizer o nome dela e o direi, é claro, mas não gostaria de dizê-lo a não ser que você realmente vá trabalhar para mim. Quer dizer, não quero trazer o nome dela à baila se... se você não for. Você vai?

Alec Rush coçou a cabeça grisalha com a ponta do indicador.

– Não sei – resmungou. – É isso o que eu quero saber. Não posso aceitar um caso que pode ser qualquer coisa. Tenho que ter certeza de que você é confiável.

Os olhos do jovem encheram-se de confusão.

– Mas eu não pensei que você fosse ser tão... – e virou o rosto em outra direção.

– Claro que não – disse o detetive com o riso engasgado na garganta, o riso típico de um homem tocado em um lugar outrora machucado e que hoje já não é mais sensível à dor. Ele usou a manzorra para impedir que o futuro cliente se levantasse da cadeira e prosseguiu: – Primeiro você foi a uma grande agência de detetives e contou a sua história. E eles não quiseram fazer nada a não ser que você esclarecesse os pontos podres. Daí você veio até aqui, lembrando-se de que eu fora expulso do departamento há alguns anos. “Aí está o meu homem”, disse para si mesmo, “um cara que não vai ser tão exigente.”

O homem de cinza protestou com a cabeça, com gestos e com a própria voz, indicando que não era nada disso. Mas os olhos mostravam que ele estava envergonhado.

Alec Rush ria gostosamente.

– Não se preocupe. Não me aborreço com isso. Poderia falar de politicagem, e de ter sido feito de bode expiatório e tudo o mais, mas os registros dizem que a Junta de Comissários de Polícia me exonerou por uma lista de crimes que vai daqui até Canton Hollow. Tudo bem, cavalheiro! Vou pegar o seu caso. Parece uma impostura, mas talvez não seja. Custará quinze por dia, mais despesas.

– Sei que tudo o que eu disse pode parecer estranho – assegurou o outro. – Mas verá que não é. Vai querer um depósito, é claro.

– Sim. Digamos, cinqüenta.

O homem de cinza tirou cinco notas de dez dólares de uma carteira de pele de porco e as colocou sobre a mesa. Com uma caneta grossa, Alec Rush pôs-se a garatujar um recibo.

– Seu nome? – perguntou.

– Preferia não dizê-lo. Não quero aparecer, você sabe. Meu nome não seria importante, seria?

Alec Rush largou a caneta e cerrou as sobrancelhas para o cliente.

– Ora, ora! – resmungou, bem-humorado. – Como posso fazer negócio com alguém como você?

O homem de cinza parecia embaraçado, quase apologético, mas era teimoso em sua reticência. Ele não daria o nome. Alec Rush resmungou, reclamou, mas meteu os cinqüenta dólares no bolso.

– Talvez seja para o seu bem – admitiu o detetive, rendendo-se. – Mas não é bom para a minha opinião a seu respeito. Contudo, se estivesse de má-fé, creio que você seria esperto o bastante para inventar um nome. E essa jovem... quem é ela?

– sra. Humbert Landow.

– Ora, ora, finalmente temos um nome! E onde mora a sra. Landow?

– Na Charles-Street Avenue – disse o homem de cinza. E deu um número.

– Como a descreve?

– Tem 22 ou 23 anos, é bem alta, esbelta, ruiva, olhos azuis e pele muito branca.

– E o marido, você o conhece?

– Já o vi. Tem aproximadamente a minha idade, trinta anos, porém é mais corpulento. É um homem alto, de ombros largos, louro da gema.

– E o seu homem misterioso, como é ele?

– É jovem, 22 anos no máximo. Tem a pele bem morena, zigomas salientes e nariz grande. É esguio e atlético, ombros retos. Anda em passinhos miúdos.

– Roupas?

– Usava um terno cinza e um boné castanho-amarelado quando eu o vi na Fayette Street ontem à tarde. Creio que vestia a mesma roupa à noite,

mas não tenho certeza.

– Suponho que você apareça de vez em quando para ouvir os meus relatórios – atalhou o detetive –, uma vez que não saberei para onde enviá-los?

– Sim – disse o homem de cinza enquanto se levantava e estendia a mão para o detetive. – Sou-lhe muito grato por aceitar o meu caso, sr. Rush.

Alec Rush disse que estava tudo bem. Eles se cumprimentaram e o homem de cinza saiu.

O feioso esperou que o cliente tivesse tempo de dobrar a esquina do corredor que levava aos elevadores e disse: “Vejamos, sr. Homem!”. Em seguida, levantou-se, pegou o chapéu-coco pendurado no mancebo e desceu as escadas às carreiras.

Correu com a agilidade ilusoriamente pesada de um urso. De fato havia algo nele que o fazia parecer um urso, talvez a frouxidão com que o terno azul se acomodava ao corpo robusto e sobre os ombros pesados – ombros de juntas flexíveis e cuja acentuada inclinação ocultava muito de sua corpulência.

Chegou ao térreo ainda a tempo de ver as costas do terno cinza do cliente subindo a rua. Alec Rush saiu atrás dele. Dois quarteirões, uma volta à esquerda, outro quarteirão, uma volta à direita. O homem de cinza entrou no escritório de uma empresa de seguros que ocupava o primeiro piso de um grande prédio comercial.

Bastou dar meio dólar ao porteiro para descobrir que o homem de cinza era Ralph Millar, assistente de caixa.

Caía a noite na Charles-Street Avenue quando Alec Rush, a bordo de um modesto cupê preto, passou em frente ao endereço que lhe dera Ralph Millar. Em meio ao lusco-fusco da tarde, viu que a casa era grande, separada das outras, bem como da rua, por um gramado cercado.

Alec Rush continuou a dirigir, virou à esquerda no primeiro cruzamento, esquerda novamente no cruzamento seguinte, e no seguinte, e no seguinte. Durante meia hora guiou numa rota tortuosa de muitas voltas e retornos, até que finalmente parou junto ao meio-fio, a alguma distância, mas dentro do campo de visão da casa dos Landows. Àquela altura, já havia dirigido por cada pedaço de via pública nas cercanias da casa.

Não vira o homem moreno e de ombros largos que Millar mencionara.

As luzes já estavam acesas na Charles-Street Avenue e o tráfego

noturno começava a fluir para o sul, em direção à cidade. O corpo pesado de Alec Rush apoiou-se contra o volante e ele preencheu o interior do cupê com a fumaça pungente de um charuto, enquanto esperava pacientemente, olhos vermelhos voltados para a residência dos Landows.

Três quartos de hora se passaram até que houvesse movimento na casa. Uma limusine deixou a garagem dos fundos em direção ao portão da frente. Um casal, que mal se podia distinguir daquela distância, deixou a casa e entrou na limusine. A limusine ingressou no tráfego que fluía em direção à cidade. O terceiro carro atrás da limusine era o modesto cupê de Alec Rush.

Exceto por um momento perigoso, quando quase perdeu a limusine de vista, atrapalhado pelo tráfego de uma transversal que invadia a North Avenue, Alec Rush seguiu-a sem dificuldade. Em frente a um teatro na Howard Street, a limusine parou e um casal de jovens saltou, ambos altos, vestidos para a noite e que se encaixavam perfeitamente na descrição dada por seu cliente.

Os Landows entravam no teatro já às escuras enquanto Alec Rush comprava o seu ingresso. No primeiro intervalo, quando as luzes se acenderam, ele os descobriu novamente e, abandonando a cadeira no fundo do auditório, encontrou um ângulo do qual poderia estudá-los durante os cinco minutos de luz.

A cabeça de Hubert Landow era muito pequena para a sua estatura. E o cabelo louro que a cobria ameaçava fugir todo o tempo do forçado alisamento que lhe era imposto. O rosto, saudavelmente corado, era belo de um modo muito masculino, muscular, e que não denunciava grande agilidade mental. Já a esposa tinha aquele tipo de beleza que não pede classificação. Contudo, o cabelo era ruivo, os olhos azuis, a pele branca, e ela parecia um ou dois anos mais velha do que o máximo de 23 anos que Millar lhe atribuíra.

Enquanto durou o intervalo, Hubert Landow falou animadamente com a esposa, e seus olhos claros eram os olhos de um apaixonado. Alec Rush não podia ver os olhos da sra. Landow. Mas a viu responder ao marido vez ou outra. Seu perfil não demonstrava nem tédio, nem ansiedade.

Na metade do último ato, Alec Rush saiu para manobrar o cupê e deixá-lo numa posição favorável para cobrir a retirada dos Landows. Mas eles não entraram na limusine quando saíram do teatro. Em vez disso, desceram a Howard Street a pé, até um restaurante barato de segunda categoria, onde

uma pequena orquestra ocultava a própria pequenez com a barulheira que fazia.

Alec Rush estacionou o cupê e encontrou uma mesa de onde podia observar o casal sem dar muito na vista. O marido ainda adulava a esposa com uma conversa longa e ansiosa. A esposa estava distante, formal, seca. Nenhum dos dois tocou na comida à sua frente. Dançaram uma vez, o rosto da mulher tão apático como quando ouvia as palavras do marido. Um belo rosto, embora vazio.

O ponteiro dos minutos do relógio niquelado de Alec Rush mal havia começado a última escalada do dia quando os Landows deixaram o restaurante. Duas portas mais adiante, um jovem negro vestindo um jaquetão de Norfolk fumava encostado à limusine, esperando para levá-los para casa.

Ao vê-los em casa, limusine na garagem, o detetive deu mais algumas voltas pela vizinhança e não viu o rapaz moreno do qual falara Millar.

Então Alec Rush foi dormir.

Às oito da manhã do dia seguinte, o feioso e o seu modesto cupê estavam novamente estacionados na Charles-Street. Com o sol à esquerda, os homens dirigiam-se para os seus escritórios. À medida que a manhã passava e as sombras ficavam menores e mais densas, ocorria o mesmo com os integrantes daquela procissão matinal. Geralmente, as oito horas eram dos homens jovens, esbeltos, enérgicos. Oito e meia, um pouco menos. Nove, menos ainda. E a retaguarda das dez não era de jovens, nem de esbeltos e, de modo geral, os homens que a integravam eram mais indolentes do que enérgicos.

Embora fisicamente pertencesse a um período não superior ao das oito e meia, Hubert Landow dirigia uma baratinha azul em meio a essa retaguarda. Os ombros largos envergavam um terno anil e os cabelos louros estavam protegidos por um boné cinza. Vinha só no veículo. Após dar uma olhada ao redor para ter certeza de que o moreno de Millar não estava por perto, Alec Rush e o seu cupê puseram-se na perseguição do carro azul.

Dirigiram rapidamente até o centro financeiro da cidade. Ali, Hubert Landow estacionou a baratinha em frente a um escritório de corretores da Bolsa na Redwood Street, onde ficou até o meio-dia. Depois, voltou à rua e seguiu para o norte.

Quando pararam novamente, já estavam na Mount Royal Avenue, onde

Landow estacionou e entrou em um prédio de apartamentos. Parado a um quarteirão dali, Alec Rush acendeu um charuto e ficou quieto em seu cupê. Meia hora depois, Alec Rush olhou para trás e cravou profundamente os dentes de ouro no charuto.

A uns meros seis metros do cupê, na portaria de uma garagem, flanava um rapaz moreno com zigomas salientes, alto, de ombros largos e retos. O nariz era grande. A roupa, marrom. Os olhos também eram marrons e pareciam não estar prestando atenção a coisa alguma através do fio de fumaça azul que se desprendia do cigarro dependurado em seus lábios.

Alec Rush retirou o charuto da boca, pegou uma faca no bolso para cortar a extremidade mordida, devolveu o charuto à boca e a faca ao bolso e demonstrou estar tão indiferente ao que ocorria na Mount Royal Avenue quanto o jovem moreno atrás dele. Um cochilava na portaria. Outro no carro. E a tarde passava: uma hora, uma e meia...

Hubert Landow saiu do edifício de apartamentos e partiu rapidamente em sua baratinha azul. A retirada de Landow em nada abalou os dois homens imóveis, que mal olharam para ele. Passariam mais quinze minutos até finalmente se moverem.

Então o jovem moreno deixou a portaria. Seguiu sem pressa rua acima com passinhos miúdos. Alec Rush estava de costas quando ele passou ao longo do cupê. Ninguém poderia dizer que o detetive sequer tivesse olhado para o rapaz desde que o vira pela primeira vez. Os olhos do rapaz vagaram desinteressadamente pelas costas do detetive. Depois, ele caminhou em direção ao prédio de apartamentos que Landow visitara, subiu os degraus da portaria e desapareceu lá dentro.

Quando o jovem moreno sumiu de vista, Alec Rush jogou fora o charuto, espreguiçou-se, bocejou, ligou o motor do cupê, dirigiu quatro quadras e dois retornos e deixou o carro trancado e vazio em frente a uma igreja de fachada cinza. Em seguida, voltou à Mount Royal Avenue e postou-se numa esquina, duas quadras acima de sua posição anterior.

Esperou outra meia hora até o rapaz moreno reaparecer. Alec Rush estava comprando charutos em uma loja com vitrina quando ele passou. O jovem embarcou num bonde na North Avenue e se sentou. O detetive tomou o mesmo carro na esquina seguinte e ficou em pé na plataforma traseira. Alertado por um movimento de corpo do rapaz, Alec Rush foi o primeiro passageiro a descer do bonde na Madison Avenue e o primeiro a

embarcar num outro carro que ia para o sul da cidade. E foi novamente o primeiro a desembarcar na Franklin Street.

Nessa rua, o jovem moreno entrou em uma casa de cômodos, enquanto o detetive se encostou ao lado da vitrine de uma loja especializada em maquiagem teatral. Às três e meia, o jovem moreno voltou à rua – Alec Rush atrás dele – e caminhou até a Eutaw Street, onde embarcou num carro de bonde que o levou até Camden Station.

No saguão da estação, o jovem moreno encontrou-se com uma jovem que lhe perguntou, aborrecida:

– Onde diabos você esteve?

Ao passar por eles, o detetive escutou o cumprimento petulante, mas a resposta do rapaz foi muito baixa para que pudesse entender alguma coisa. Tampouco ouviu o que a jovem disse a seguir. Falaram cerca de dez minutos, ambos de pé em um canto deserto do saguão, de modo que Alec Rush não podia se aproximar sem dar na vista. A jovem parecia estar impaciente, apressada. O jovem parecia explicar, assegurar, e gesticulava com as mãos feias e hábeis de um mecânico. Sua companheira mostrou-se então mais agradável. Ela era pequena, quadrada, como se tivesse sido economicamente esculpida em um cubo. De forma coerente, o nariz também era curto e o queixo, reto. Agora que o seu aborrecimento estava passando, notava-se que tinha um rosto alegre, atrevido, combativo, corado, que indicava inesgotável vitalidade. Essa vitalidade estava em cada traço, do cabelo castanho aos pés que pareciam cravados ao chão de cimento. As roupas eram escuras, pouco chamativas e caras, mas vestidas sem muita elegância, apoiando-se desgraciosamente naquele corpo robusto.

A certa altura, o rapaz meneou a cabeça várias vezes, bateu na aba do boné com dois dedos descuidados e saiu à rua. Alec Rush deixou que partisse. Mas quando a jovem saiu da estação, afastando-se lentamente em direção aos portões cobertos, dali para o guichê de bagagem e, depois, para a porta da rua, o feioso estava atrás dela. Ele ainda a seguia quando ela se juntou à multidão de consumidores das quatro da tarde que enxameavam a Lexington Street.

A jovem fez compras com o ar despreocupado de quem não tem outra coisa em mente. Na segunda loja de departamentos que visitou, Alec Rush deixou-a admirando um mostruário de passamanaria e caminhou o mais rápido e diretamente que lhe permitiam os clientes da loja, em direção a

uma mulher alta, de ombros largos, cabelos acinzentados, vestida de negro, que parecia estar esperando alguém ao pé de uma escadaria.

– Olá, Alec! – disse ela quando o detetive a tocou no braço. E seus olhos bem-humorados realmente demonstraram prazer ao darem com aquele rosto insólito. – O que faz no meu território?

– Tenho uma gatuna para você – murmurou. – A garota robusta de azul na seção de rendas. Conhece?

A detetive da loja olhou e assentiu.

– Sim. Obrigada, Alec. Tem certeza de que ela está roubando?

– Ora, Minnie! – reclamou, a voz áspera reduzindo-se a um murmúrio metálico. – Você acha que eu ia lhe meter em confusão? Ela foi para lá com algumas peças de seda, e é muito provável que já tenha roubado alguma renda.

– Ahã – disse Minnie. – Bom, quando ela puser os pés na calçada eu a pego.

Alec Rush voltou a pousar a mão no braço da detetive da loja.

– Estou de olho nela – disse ele. – O que me diz se a seguirmos e vermos o que pretende antes de a prendermos?

– Se não levar o dia inteiro... – concordou a mulher.

E quando a garota robusta de azul saiu à rua, o detetive a seguiu até outra loja, longe demais para poder ver se roubava qualquer coisa, satisfeito apenas em mantê-la sob vigilância. Dessa última loja, a presa desceu até o ponto mais sombrio da Pratt Street e entrou numa casa sombria de três andares.

A duas quadras dali, um policial dobrava a esquina.

– Fique de olho no edifício enquanto eu chamo o tira – pediu Alec Rush.

Quando ele voltou com o policial, a detetive da loja já os aguardava no vestíbulo.

– Segundo andar – disse ela.

Através da porta entreaberta via-se um corredor escuro e a base de uma escadaria com um tapete esfarrapado. Nesse sinistro corredor surgiu uma mulher magra e desmazelada, vestindo roupas de algodão sujas e amarrotadas.

– O que querem? – queixou-se. – Esta é uma casa de respeito, vocês têm que entender, e eu...

– Garota robusta, olhos castanhos. Mora aqui – rosnou Alec Rush. – Segundo andar. Leve-nos até lá.

O rosto esquelético da mulher sobressaltou-se e os olhos mortiços se arregalaram, como se atribuísse a aspereza da voz do detetive à aspereza de uma grande emoção.

– Por que... por que... – gaguejou. E então, lembrando-se do primeiro princípio da administração de casas sombrias, “nunca fique no caminho da polícia”, disse: – Vou levá-los até lá – e, suspendendo o vestido amarrotado com uma das mãos, seguiu escada acima.

Seus dedos afilados golpearam uma porta junto ao topo da escada.

– Quem é? – perguntou uma lacônica voz feminina.

– A senhoria.

Já sem chapéu, a garota robusta de azul abriu a porta. Alec Rush esticou o pezinho para manter a porta aberta enquanto a senhoria dizia:

– É ela.

– Você deve nos acompanhar – disse o policial.

E Minnie:

– Queridinha, queremos entrar e falar com você.

– Meu Deus! – exclamou a garota. – Faria mais sentido se vocês todos pulassem ao mesmo tempo e gritassem “Buuu!”.

– Em vez disso – disse Alec Rush, avançando e sorrindo o seu sorriso hediondamente amistoso –, vamos entrar e conversar.

O detetive moveu o vulto desconjuntado e, com um único olhar, despachou a senhoria e convidou os outros a entrarem no apartamento da garota.

– Lembrem-se de que não tenho idéia do que se trata – disse ela já na sala de visitas, uma sala estreita na qual brigavam o azul e o vermelho sem jamais se conciliarem em púrpura. – Sou uma pessoa fácil de lidar, e se vocês acham que aqui é um bom lugar para conversarmos, vão em frente! Mas se estão esperando que eu também fale, é bom me avisarem sobre o quê.

– Roubo de loja, queridinha – disse Minnie, inclinando-se à frente para tocar o braço da garota. – Sou da Goodbody’s.

– Vocês acham que eu roubei a sua loja? Essa é a idéia?

– Sim. Exato. Ahã. É isso – disse Alec Rush, sem deixar dúvida quanto à questão.

A garota apertou os olhos, franziu a boca vermelha e olhou de esguelha para o feioso.

– Por mim tudo bem – disse ela. – Afinal, é a Goodbody's que está tentando me incriminar, uma loja que eu posso processar por um milhão no fim das contas. Nada tenho a dizer. Me levem para passear.

– Você vai ter o seu passeio, irmã – disse o feioso bondosamente. – Ninguém vai tirá-lo de você. Mas se incomoda se eu der uma olhada no seu apartamento primeiro?

– Tem alguma coisa com o nome de um juiz dizendo que você pode fazer isso?

– Não.

– Então não pode bisbilhotar.

Alec Rush sorriu, meteu as mãos nos bolsos da calça e pôs-se a vagar pelos três cômodos do apartamento. Em dado momento, saiu de um quarto trazendo em mãos um retrato em uma moldura de prata.

– Quem é? – perguntou à garota.

– Tente e descubra!

– Estou tentando – mentiu.

– Seu desocupado! – disse ela. – Você não saberia encontrar água no oceano!

Alec Rush sorriu com gosto. Tinha motivos para isso. A fotografia em sua mão era de Hubert Landow.

Entardecia perto da igreja de fachada cinza quando o proprietário do cupê voltou. A garota robusta – Polly Vanness, foi o nome que forneceu – acabou fichada e metida em uma cela na Delegacia Sudoeste. Em seu apartamento foi encontrada uma grande quantidade de objetos roubados. A colheita daquela tarde ainda estava em seu poder quando Minnie e uma matrona da polícia a revistaram. Recusou-se a falar. O detetive não disse para ela que sabia a identidade do sujeito na foto nem que testemunhara o encontro dela com o jovem moreno na estação de trem. Nada do que foi encontrado em seu quarto lançava qualquer luz sobre esses fatos.

Alec Rush jantou, pegou o carro novamente e foi até a Charles-Street Avenue. As luzes estavam acesas na casa dos Landows quando ele passou. Mais adiante, estacionou o cupê à sombra de uma árvore, ao longo do meio-fio, com a frente voltada para a cidade e dentro do raio de visão da casa.

A noite passava mas ninguém entrava ou saía da residência dos

Landows.

Ouviu-se o tamborilar de unhas contra o vidro da porta do cupê.

Havia um homem parado ao lado do carro. No escuro, nada se podia dizer a respeito dele a não ser que não era grande e que, para ter escapado da atenção do detetive, deve ter se aproximado do carro furtivamente pela traseira.

Alec Rush esticou a mão e a porta se abriu.

– Tem fósforo? – perguntou o homem.

O detetive hesitou, disse “É” e estendeu-lhe uma caixa.

Um fósforo brilhou na escuridão iluminando um rosto jovem e moreno: nariz grande, zigomas salientes. Era o jovem que Alec Rush seguira naquela tarde.

Mas o reconhecimento foi expresso pelo jovem moreno.

– Achei que fosse você – disse ele enquanto levava a chama à ponta do cigarro. – Talvez não se lembre de mim. Mas eu o conheci quando você era da polícia.

O ex-sargento-detetive nada disse além de um rouco “É”.

– Achei que fosse você no cupê essa tarde na Mount Royal, mas não tinha certeza – prosseguiu o rapaz, entrando no carro, sentando-se ao lado do detetive e fechando a porta. – Sou Zeipp “Passinho”. Não sou tão conhecido quanto Napoleão, de modo que se você nunca ouviu falar a meu respeito, tudo bem, sem problemas.

– É.

– Isso aí, irmão! Quando tiver uma boa resposta, aferre-se a ela! – O rosto de Zeipp Passinho era uma máscara de bronze sob o brilho da brasa do cigarro. – A mesma resposta caberia à minha próxima pergunta. Você está interessado nesses Landows? “É” – acrescentou, imitando a voz rouca do detetive.

Outra tragada iluminou o rosto moreno e as palavras seguintes vieram em meio a baforadas de fumaça.

– Você deve querer saber o que eu quero com eles, não é mesmo? Tudo bem, não sou jogo duro. Vou lhe dizer. Me deram quinhentos dólares para matar a garota... duas vezes. Que tal?

– Estou ouvindo – disse Alec Rush. – Mas qualquer um pode vir com uma conversa dessas.

– Conversa? Claro que é conversa – admitiu Zeipp jovialmente. – Mas

também é conversa quando o juiz diz “Pendurado pelo pescoço até a morte e que Deus tenha piedade de sua alma!”. Um bando de coisas é só conversa, o que não impede que sejam reais.

– É?

– É, irmão. É! Agora escuta. Esta é por conta da casa: uma pessoa me procurou alguns dias atrás, mandada por uma outra pessoa que me conhece. Essa pessoa perguntou quanto eu cobrava para matar uma garota. Achei que mil dólares seria um bom preço. Muito caro, contestou. Entramos em acordo por quinhentos. Peguei 250 adiantados e vou ter o resto quando a Landow bater as botas. Nada mal para um truquezinho tão simples quanto meter uma azeitona na lateral de um carro, hein?

– Bem, o que está esperando? – perguntou o detetive. – Ou quer fazer o serviço com estilo, matando-a no próprio aniversário ou em algum feriado nacional?

Zeipp Passinho estalou os lábios e tocou o peito do detetive com o dedo.

– Nada disso, irmão! Estou pensando adiante de você! Escuta só: embolsei os meus 250 e vim até aqui dar uma olhada no terreno, para não ser surpreendido por algo inesperado. Enquanto eu bisbilhotava, encontrei outra pessoa que também estava bisbilhotando. Eu e essa mulher entramos em acordo, fui esperto, e bingo! Me fez uma proposta. Adivinha? Ela queria saber quanto eu cobrava para matar uma garota. A mesma garota, acredita nisso? Não sou bobo. Pus as mãos em outros 250, esperando receber o restante quando terminar o trabalho. Agora, você acha que eu vou fazer alguma coisa com essa Landow? Nem pensar! Ela é o meu tíquete-refeição. Dependendo de mim, morre de velha. Vou ficar pelas redondezas e esperar outros clientes que não gostem dela. Se dois a querem fora deste mundo, por que outros não vão querer também? A resposta é: “É!”. Em meio a tudo isso, eis que aparece você atrás dela! É isso aí, irmão, essa é toda a história.

Na escuridão do cupê, o silêncio se prolongou durante vários minutos antes que a voz áspera do detetive levantasse a pergunta:

– E quem são as pessoas que a querem morta?

– Cai na real! – advertiu Zeipp Passinho. – Estou jogando com eles, mas não vou dedurá-los para você.

– E por que está me dizendo tudo isso?

– Por quê? Por que você está no negócio de algum modo. Se brigarmos, não vamos a lugar algum. Se não nos unirmos, só vamos estragar o plano

um do outro. Já consegui quinhentos dólares. São meus, porém há mais a ser recolhido por dois sujeitos que sabem o que estão fazendo. Tudo bem: estou oferecendo meio a meio de tudo o que conseguirmos. Mas a identidade dos meus parceiros está fora de questão. Não me incomodo de enganá-los, mas não sou trapaceiro o bastante para dedurá-los para você.

Alec Rush grunhiu outra pergunta dúbia:

– Como é possível que você confie tanto em mim, Passinho?

O assassino de aluguel riu astuciosamente.

– E por que não? Você é um cara legal, alguém capaz de identificar um bom negócio quando lhe é proposto. Certamente não o expulsaram da polícia por que você não sabia pendurar as suas meias. Além do mais, suponha que tente me trair. O que faria? Nada pode provar. Eu lhe disse que não quero fazer mal à mulher. Nem mesmo tenho um revólver. Você é inteligente. Você sabe das coisas. Eu e você, Alec, podemos ganhar uma boa grana!

Silêncio novamente até o detetive falar com calma e seriedade:

– O primeiro passo seria descobrir por que os seus cúmplices querem a moça morta. Sabe algo a respeito?

– Nada.

– Ambas são mulheres, percebi.

Zeipp Passinho hesitou.

– Sim – admitiu. – Mas não me pergunte sobre elas. Em primeiro lugar, nada sei e, em segundo, não abriria o bico se soubesse.

– É – grasnou o detetive como se de fato compreendesse a idéia corrompida de lealdade que tinha o rapaz. – Mas, se são mulheres, há chances de o motivo ser um homem. Que tal Landow? É um cara atraente.

Zeipp Passinho se inclinou e pôs novamente o dedo no peito do detetive.

– É isso aí, Alec! Isso é possível, claro que é!

– É – concordou Alec Rush, mexendo nas alavancas do carro. – Vamos embora. Seria bom ficarmos longe daqui até eu dar uma verificada nesse cara.

Na Franklin Street, a meia quadra da casa de cômodos até onde seguira o jovem naquela tarde, o detetive parou o cupê.

– Quer saltar aqui? – perguntou.

Surpreso, Zeipp Passinho olhou de esguelha para o feioso.

– Está bem – disse. – Mas você é um tremendo adivinho. – E, com a mão ainda na porta, acrescentou: – Então, Alec? Fechado? Meio a meio?

– Não diria isso. – Alec Rush sorriu o seu sorriso hediondamente amistoso. – Você não é mau rapaz, Passinho. E havendo algum dinheiro fácil, terá a sua parte. Mas não espere que eu ande com você por aí.

Os olhos de Zeipp se estreitaram e os lábios se entreabriram, mostrando uma fileira de dentes amarelados.

– Se você me trair, maldito gorila, eu... – ameaçou o rapaz de brincadeira, o rosto novamente jovial e descuidado. – Seja como quiser, Alec. Sei que não fiz mau negócio ao contar tudo para você. Confio em sua palavra.

– É – concordou o feioso. – Deixe de vigiar a casa até segunda ordem. Venha me ver amanhã. Procure o endereço de meu escritório na lista telefônica. Até logo, garoto.

– Até logo, Alec.

Na manhã seguinte, Alec Rush decidiu investigar Hubert Landow. Primeiro foi à prefeitura consultar os livros cinza onde são guardadas as certidões de casamento. Ali, descobriu que Hubert Britman Landow e Sara Falsoner estavam casados havia seis meses.

O nome de solteira da noiva encheu os olhos avermelhados do detetive. O ar escapou com força por entre as suas narinas achatadas. “É! É!”, disse com os seus botões, e tão bruscamente que um assistente de advogado magricela que consultava outros registros assustou-se e afastou-se dali.

Da prefeitura, Alec Rush foi a duas redações de jornal onde, após visitar os arquivos, selecionou um punhado de exemplares, velhos de seis meses. Levou os jornais para o escritório, espalhou-os pela mesa e atacou-os com uma tesoura. Quando o último pedaço de papel foi selecionado, havia uma grossa camada de recortes sobre a escrivaninha.

Enquanto organizava os recortes em ordem cronológica, Alec Rush acendeu um charuto, apoiou os cotovelos na escrivaninha, a cabeça feiosa entre as palmas das mãos, e começou a ler uma história que os leitores de jornal de Baltimore acompanharam seis meses antes.

Saneada de irrelevâncias e digressões preliminares, a história era essencialmente a seguinte:

Jerome Falsoner, 45 anos, solteiro, vivia em um apartamento na Cathedral Street e tinha uma renda mais do que suficiente para o seu

conforto. Era alto, mas de psique delicada, resultado talvez de excessiva indulgência para com os prazeres da vida, o que certamente abalou sua fraca constituição. Era bem conhecido, pelo menos de vista, por todos os noctívagos de Baltimore e pelos freqüentadores de pistas de corrida, de casas de jogos e de rinhas furtivas que se materializavam de uma hora para outra nos 75 quilômetros que separavam Baltimore de Washington.

Um dia, certa Fanny Kidd, moça que costumava arrumar o quarto de Jerome Falsoner toda manhã, encontrou-o deitado de costas, no chão da sala de estar, os olhos mortos voltados para um ponto no teto, um ponto luminoso que era o reflexo de um raio de sol na empunhadura de metal da faca de papel cravada em seu peito.

As investigações da polícia chegaram a quatro conclusões:

Primeira: Jerome Falsoner já estava morto havia quatorze horas quando Fanny Kidd o encontrou, o que situa a sua morte por volta das vinte horas da véspera.

Segunda: as últimas pessoas que o viram com vida foram uma mulher chamada Madeline Boudin, de quem era íntimo, e três amigos dela. Eles o viram vivo entre sete e meia e oito da noite, ou seja, menos de meia hora antes do crime. Os quatro estavam indo de carro até uma casa de campo no rio Severn, e ela disse aos outros que gostaria de ver Falsoner antes de partir. Enquanto os outros esperavam no carro, Madeline Boudin tocou a campainha, Jerome Falsoner abriu a porta e ela entrou. Dez minutos depois, voltou a se juntar aos amigos. Jerome Falsoner a acompanhou até a porta e acenou para um dos homens no carro – certo Frederick Stoner, que conhecia Falsoner de vista e que tinha ligações com o gabinete da promotoria. Duas mulheres que conversavam na escada de uma casa do outro lado da rua também viram Falsoner, bem como viram Madeline Boudin e seus amigos irem embora.

Terceira: a herdeira e única parente próxima de Jerome Falsoner era sua sobrinha, Sara Falsoner, a qual, por uma incrível coincidência, estava se casando com Hubert Landow no exato momento em que Fanny Kidd encontrava o cadáver do patrão no chão da sala. Sobrinha e tio pouco se viam. Estava definitivamente provado que a sobrinha – sobre quem a polícia concentrou as suspeitas durante algum tempo – esteve em sua casa, em Carey Street, das seis da tarde até oito e meia da manhã seguinte ao assassinato. O marido, então seu noivo, esteve com ela das seis até as onze

naquela noite. Antes de se casarem, a garota trabalhara como estenógrafa na mesma empresa de seguros que empregava Ralph Millar.

Quarta: Jerome Falsoner, que não era um sujeito dos mais ponderados, havia discutido com um islandês chamado Einar Jokumsson em uma casa de jogos alguns dias antes de ser assassinado. Jokumsson – um sujeito baixo, pesado, cabelos e olhos escuros – ameaçou Falsoner e, no dia do assassinato, sumiu do hotel onde estava hospedado, deixando toda a bagagem. Nunca mais foi visto.

Após ler cuidadosamente o último desses recortes, Alec Rush reclinou-se na cadeira e, pensativo, lançou uma careta de monstro para o teto. Depois, debruçou-se na escrivaninha para consultar o catálogo de telefones e encontrar o número da empresa de seguros para a qual trabalhava Ralph Millar. Mas assim que conseguiu o número, mudou de idéia.

– Deixa pra lá – disse ele. E discou o número da Goodbody's.

No outro lado da linha, Minnie disse que Polly Vanness fora reconhecida como certa Polly Bangs, presa em Milwaukee havia dois anos por roubo de loja, crime pelo qual ficara dois anos na cadeia. Minnie disse também que Polly Bangs fora libertada sob fiança cedo pela manhã.

Alec Rush desligou o telefone e consultou os seus recortes até encontrar o endereço de Madeline Boudin, a mulher que visitara Falsoner pouco antes de ele morrer. Era um número da Madison Avenue. Para lá o cupê levou o detetive.

Não, a srta. Boudin não morava mais lá. Havia morado, sim, mas mudara-se quatro meses antes. Talvez a sra. Blender do terceiro andar soubesse onde ela vivia agora. A sra. Blender não sabia. Soubera que a srta. Boudin se mudara para uma casa de apartamentos na Garrison Avenue, mas que achava que ela também não morava mais lá. Na casa da Garrison Avenue disseram-lhe que a srta. Boudin havia se mudado havia um mês e meio para algum lugar na Mount Royal Avenue, talvez. O número ninguém sabia.

O cupê levou o feioso até Mount Royal Avenue, até o prédio de apartamentos no qual, na véspera, entraram Hubert Landow e, depois, Zeipp Passinho. No escritório da gerência, perguntou por certo Walter Boyden, que supostamente morava ali. Walter Boyden não era conhecido do gerente. Havia uma srta. Boudin no 604, mas o nome era B-o-u-d-i-n, e morava só.

Alec Rush deixou o edifício e entrou no carro novamente. Esfregou os olhos selvagens, balançou a cabeça, satisfeito, e com um dedo descreveu um pequeno círculo no ar. Daí voltou ao escritório.

Discando novamente o número da empresa de seguros, deu o nome de Ralph Millar e logo estava falando com o assistente de caixa.

– Aqui é Rush. Pode vir ao meu escritório agora mesmo?

– O quê? Certamente. Mas como?... Como?... Sim. Estarei aí em um minuto.

A surpresa na voz de Millar durante o telefonema já havia desaparecido quando ele chegou ao escritório do detetive. Também não fez perguntas para descobrir como este sabia sua identidade. Então de marrom, foi tão discreto quanto vestido de cinza, na véspera.

– Entre – convidou o feioso. – Sente-se. Preciso de mais fatos, sr. Millar.

A boca fina de Millar se estreitou e as sobrancelhas juntaram-se com renitência obstinada.

– Pensava que já tínhamos conversado a esse respeito, Rush. Eu lhe disse que...

Alec Rush franziu as sobrancelhas com exasperação jovial, embora não menos assustadora.

– Eu sei o que conversamos – atalhou. – Mas isso foi antes. As coisas mudaram. A situação está ficando enrolada e eu posso me enrolar nela se não me cuidar. Encontrei o seu homem misterioso, falei com ele. Sim, estava seguindo a sra. Landow. Segundo me disse, foi contratado para matá-la.

Millar pulou da cadeira para se debruçar na escrivaninha amarela, o rosto próximo ao do detetive.

– Meu Deus, Rush! O que está dizendo? Matá-la?

– Ora, ora, acalme-se! Ele não vai matá-la. Creio que nunca pretendeu matá-la. Mas diz que foi contratado para isso.

– Você o prendeu? Encontrou o homem que o contratou?

O detetive voltou os olhos para o rapaz, estudando-lhe o rosto apaixonado.

– Em verdade – grasnou calmamente ao terminar de examiná- lo –, não fiz nem uma coisa nem outra. Ela não corre perigo imediato. Talvez o sujeito estivesse me enganando, talvez não. De um modo ou de outro, não

me diria tudo isso se realmente fosse fazer alguma coisa. Quando ele estiver a ponto de fazer alguma coisa, você o quer preso, sr. Millar?

– Sim. Quero dizer... – Millar afastou-se da mesa, recostou-se na cadeira e, com as mãos trêmulas cobrindo o rosto, disse: – Meu Deus, Rush! Não sei!

– Exato – disse Alec Rush. – Então aí vai: a sra. Landow era sobrinha e herdeira de Jerome Falsoner. Trabalhava na empresa onde você trabalha. Casou-se com Landow na manhã em que o tio foi encontrado morto. Ontem, Landow visitou o prédio onde mora Madeline Boudin, a última pessoa a estar na sala de Falsoner antes de ele ser assassinado. Mas o álibi dela parece ser tão impecável quanto o dos Landows. O homem que diz ter sido contratado para matar a sra. Landow também visitou o prédio de Madeline Boudin ontem à tarde. Eu o vi entrar. Eu o vi se encontrar com outra mulher, uma ladra de loja. Em um dos quartos da casa dessa ladra encontrei uma fotografia de Hubert Landow. O moreno diz ter sido contratado duas vezes para matar a sra. Landow, por duas mulheres diferentes que não sabem da existência uma da outra. Ele não quis me dizer quem eram, mas não é necessário.

A voz áspera de Alec Rush fez uma pausa, à espera de que Millar falasse. Mas Millar estava afônico. Seus olhos estavam arregalados e desesperadamente vazios. Alec Rush estendeu a mão, fechou-a num punho que era quase perfeitamente esférico e bateu de leve sobre o tampo da escrivaninha.

– E é isso, sr. Millar – arranhou o detetive. – Um tremendo rolo. Se me disser o que sabe, ajeitamos tudo, sem dúvida. Se não... estou fora!

Millar finalmente encontrou palavras, embora confusas:

– Não pode, Rush! Você não pode me abandonar... nós... ela! Não é... Você não é...

Mas Alec Rush balançou a horrenda cabeça piriforme e disse lentamente:

– Há um assassinato nessa história e Deus sabe o que mais. Não gosto de brincar de cabra-cega. Como saber o que você pretende? Ou me diz o que sabe, tudo o que sabe, ou pode ir arrumando outro detetive. É isso aí.

Os dedos de Ralph Millar se contorceram nervosamente, os dentes chocaram-se contra os lábios e os olhos voltaram-se para o detetive com ar de súplica.

– Não pode, Rush! – implorou. – Ela ainda está em perigo. Mesmo você estando certo quanto àquele homem não querer atacá-la, ainda assim ela não está segura. As mulheres que o contrataram podem contratar outro assassino. Você tem que protegê-la, Rush.

– É? Então você tem que falar.

– Tenho o quê?... Sim, eu falo, Rush. Respondo a tudo o que me perguntar. Mas nada sei, ou quase nada, além do que você já descobriu.

– Ela trabalhou na sua empresa?

– Sim, no meu departamento.

– Deixou o emprego para casar?

– Sim. Quer dizer... Não, Rush, a verdade é que foi demitida. Foi ultrajante, mas...

– Quando foi isso?

– Foi no dia anterior à... antes de se casar.

– Fale a respeito.

– Ela... terei que explicar a situação dela primeiro, Rush. Ela é órfã. O pai dela, Ben Falsoner, foi um sujeito irrequieto na juventude e, talvez, não apenas na juventude, como acredito que foram todos os Falsoners. Entretanto, ele brigou com o pai, o velho Howard Falsoner, que o deserdou. Mas não completamente. O velho tinha esperança de que o filho se emendasse com o tempo e, nesse caso, não pretendia deixá-lo sem nada. Infelizmente, escolheu o outro filho, Jerome, para cuidar disso.

“O velho Howard Falsoner deixou um testamento no qual os seus bens deveriam ficar com Jerome enquanto este vivesse. Jerome fora encarregado de prover o irmão, Ben, como achasse mais justo. Ou seja, tinha controle absoluto da situação. Podia dividir a renda igualmente com o irmão, podia dar-lhe apenas uma ninharia, ou nada, a depender da conduta de Ben. No caso da morte de Jerome, a herança deveria ser dividida igualmente entre os netos e netas do velho.

“Teoricamente, era um arranjo inteligente, mas não na prática. Não nas mãos de Jerome Falsoner. Você não o conheceu? Bem, ele seria a última pessoa a quem confiar um assunto dessa natureza, alguém que exercia o próprio poder sempre que possível. Ben Falsoner nunca recebeu um centavo do irmão. Há três anos, Ben morreu, e daí a garota, sua única filha, passou a ocupar a posição do pai no que dizia respeito ao dinheiro do avô. Sua mãe já havia morrido. Jerome Falsoner nunca deu um centavo para ela.

“Essa era a situação da garota quando veio trabalhar na minha empresa de seguros há dois anos. Não era uma situação das melhores. Tinha ao menos um toque da imprudência e da extravagância dos Falsoners. Ali estava ela, herdeira de cerca de dois milhões de dólares (Jerome nunca se casara e ela era a única neta), mas sem outra renda além do próprio salário, que estava longe de ser bom.

“Endividou-se. Suponho que tenha tentado economizar a certa altura, mas sempre havia aqueles dois milhões de dólares esperando por ela, o que tornava o ato de poupar duplamente desagradável. Finalmente, os diretores da empresa de seguro souberam de suas dívidas. Alguns cobradores chegaram a vir até o escritório onde ela trabalhava. Uma vez que estava empregada no meu departamento, eu tinha a desagradável função de adverti-la. Ela prometeu pagar as dívidas antigas e não contrair novas, e suponho que de fato tenha tentado, embora sem muito sucesso. Nossos diretores são antiquados e ultraconservadores. Fiz tudo o que podia para poupá-la, mas não adiantou. Eles simplesmente não aceitam um funcionário muito endividado.”

Millar fez uma pausa, olhou miseravelmente para o chão e prosseguiu:

– Tive a triste incumbência de informá-la que os serviços dela já não eram mais requisitados pela empresa. Tentei... foi terrivelmente desagradável. Isso foi no dia anterior ao de seu casamento com Landow. Foi... – fez uma pausa e, como se nada mais tivesse a dizer, repetiu: – Sim, foi no dia anterior ao de seu casamento com Landow.

E voltou a olhar miseravelmente para o chão.

Alec Rush, que se mantivera quieto durante toda a história, impassível como um monstro entalhado em uma igreja antiga, debruçou-se sobre a escrivaninha e fez a seguinte pergunta:

– E quem é esse Hubert Landow? O que ele é?

Ralph Millar balançou a cabeça desolado.

– Só o conheço de vista. Nada sei a respeito dele.

– A sra. Landow falou sobre ele alguma vez? Quero dizer, quando trabalhava na empresa de seguros?

– É provável, mas não me recordo.

– Portanto foi uma grande surpresa quando soube que ela se casara com ele?

O jovem olhou para cima com olhos temerosos.

– Aonde quer chegar, Rush? Você não pensa que... Sim, como você disse, fiquei surpreso. Aonde quer chegar?

– A certidão de casamento – disse o detetive, ignorando a pergunta repetida do cliente – foi lavrada para Landow quatro dias antes do dia do casamento, quatro dias antes de o corpo de Jerome Falsoner ser encontrado.

Millar roía a unha de um dedo e balançava a cabeça de um lado a outro desesperançado.

– Não vejo aonde quer chegar – murmurou com o dedo na boca. – É tudo muito confuso.

– É verdade, sr. Millar – a rouca voz do detetive preencheu o escritório –, que você era mais amigo de Sara Falsoner do que qualquer um na empresa de seguros?

O jovem levantou a cabeça e olhou dentro dos olhos de Alec Rush com olhos marrons obstinadamente sinceros.

– A verdade – disse ele calmamente – é que pedi Sara Falsoner em casamento no dia em que ela foi embora.

– É. E ela?...

– E ela... acho que foi minha culpa. Fui desajeitado, rude, o que preferir. Deus sabe o que ela pensou... que eu a estava pedindo em casamento por piedade; que a estava tentando forçar a se casar demitindo-a, mesmo sabendo que estava até o pescoço de dívidas! Deve ter pensado qualquer coisa. De qualquer forma foi... foi desagradável.

– Quer dizer que ela não apenas recusou mas ficou, digamos, desagradada com a proposta?

– Sim.

Alec Rush recostou-se na cadeira e fez uma careta grotesca, os olhos vermelhos voltados para o teto e um bico de profunda reflexão repuxando os lábios grosseiros para o lado.

– O que nos resta a fazer – disse por fim – é ir a Landow e dizer o que sabemos.

– Tem certeza?... – objetou Millar sem muita convicção.

– A não ser que seja um tremendo ator, ele ama a esposa – disse o detetive, categórico. – Nada mais justo do que levar a história até ele.

Millar não estava convencido.

– Tem certeza que seria o melhor a fazer?

– É. Ou vamos a ele, ou vamos a ela, ou vamos à polícia. Acho que ele é

a melhor alternativa. Mas você é quem decide.

O jovem assentiu com relutância.

– Tudo bem. Mas não precisa me meter nessa, precisa? – disse ele, subitamente alarmado. – Você cuida disso. Eu não quero me envolver. Entende o que eu disse? Ela é esposa dele e seria...

– Claro – prometeu Alec Rush. – Vou mantê-lo fora disso.

Rodando o cartão do detetive entre os dedos, Hubert Landow recebeu Alec Rush em uma sala luxuosamente mobiliada no segundo andar da casa em Charles-Street Avenue. Lá estava ele – alto, louro, belo e jovial – no meio da sala, olhando para a porta, quando o detetive – gordo, grisalho, abatido e feio – entrou.

– Queria me ver? Aqui, sente-se.

Os modos de Hubert Landow não eram bruscos nem cordiais. Eram exatamente os modos que se esperariam de um jovem que recebesse a visita inesperada de um detetive tão feio.

– É – disse Alec Rush quando se sentaram um defronte ao outro. – Tenho algo a dizer. Não vai demorar muito, mas é meio sério. Talvez seja uma surpresa para você, talvez não. Mas é honesto. Não quero que pense que estou de brincadeira.

Hubert Landow inclinou-se para a frente, vivamente interessado.

– Não pensarei – prometeu. – Vá em frente.

– Alguns dias atrás investiguei um homem que talvez esteja envolvido num negócio meu. Ele é um vigarista. Seguindo-o, descobri que estava interessado na sua vida, em sua esposa. Ele tem seguido vocês. Ele estava rondando o prédio de apartamentos onde você esteve ontem, na Mount Royal Avenue. Depois que você foi embora, ele entrou no prédio.

– Mas que diabos ele quer? – exclamou Landow. – Você acha que ele...

– Espere – aconselhou o feioso. – Espere até ouvir tudo e depois me diga o que acha. Depois que saiu de lá, ele foi até Camden Station, onde se encontrou com uma jovem. Conversaram um pouco e depois, naquela mesma tarde, ela foi presa por roubo numa loja de departamentos. O nome dela é Polly Bangs, e pagou uma pena em Wisconsin pelo mesmo crime. Sua fotografia estava na penteadeira dela.

– Minha fotografia?

Alec Rush assentiu calmamente. O jovem levantou-se.

– Sim, a sua. Conhece essa Polly Bangs? Garota robusta, quadrada,

perto dos 26, olhos e cabelos castanhos... jeito atrevido?

Hubert Landow estava atônito.

– Não! O que diabos fazia ela com a minha foto? – perguntou. – Tem certeza de que era uma foto minha?

– Não a ponto de pôr a mão no fogo. Mas estou certo disso a ponto de precisar que me provem do contrário. Talvez seja alguém que você esqueceu, ou talvez ela tenha encontrado a foto em algum lugar, tenha gostado e guardado.

– Não faz sentido! – disse o jovem louro, embaraçado diante desse tributo à beleza de seu rosto. E corou, um vermelho tão vívido que Alec Rush pareceu pálido ao lado dele. – Tem que haver um motivo racional. Ela foi presa, você disse?

– É, mas já foi libertada sob fiança. Mas deixe-me prosseguir com a história. Na noite passada, conversei com esse vigarista de que lhe falei. Alega que foi contratado para matar a sua esposa.

Hubert Landow, que havia voltado a se sentar, moveu-se bruscamente, fazendo ranger todas as juntas da cadeira. Seu rosto, púrpura havia um segundo, tornou-se branco como uma folha de papel. Ouvia-se outro som na sala além do ranger da cadeira: o ruído abafado de uma respiração entrecortada. Aparentemente o jovem louro não estava ouvindo, mas os olhos avermelhados de Alec Rush moveram-se ligeiramente para o lado e fitaram brevemente uma porta fechada no outro lado da sala.

Landow levantara-se novamente, inclinando-se para o detetive, os dedos apoiados nos ombros ágeis e musculosos do feioso.

– Isso é horrível! – gritava. – Temos que...

A porta para a qual o detetive olhara pouco antes se abriu. Uma mulher alta e muito bonita entrou na sala. Era Sarah Landow. O cabelo revolto pairava como uma nuvem castanho-avermelhada ao redor de seu rosto pálido. Os olhos eram mortos. Caminhou lentamente em direção aos dois, o corpo ligeiramente inclinado para a frente, como se lutasse contra um vento forte.

– Não adianta, Hubert – a voz era mortiça como os olhos. – É hora de encarar os fatos. É Madeline Boudin. Ela descobriu que eu matei o meu tio.

– Cale-se, querida. Cale-se! – Landow tomou a mulher entre os braços e tentou acalmá-la acariciando o seu ombro. – Você não sabe o que está dizendo.

– Ah, mas eu sei – ela se esquivou de seus braços com indiferença e sentou-se na cadeira que Alec Rush acabava de vagar. – É Madeline Boudin. Ela sabe que eu matei o tio Jerome.

Landow voltou-se e agarrou o braço do detetive com ambas as mãos.

– Por favor, não dê atenção ao que ela diz, Rush – pediu. – Ela não tem estado bem. Ela não sabe o que diz.

Sarah Landow sorriu com amargura enfastiada.

– Não tenho estado bem? – disse ela. – É verdade, não ando nada bem. Não desde que o matei. Como poderia?

Os olhos vazios voltaram-se para Alec Rush.

– Você é um detetive. Prenda-me. Eu matei Jerome Falsoner.

Com as mãos nos quadris, pernas afastadas uma da outra, Alec Rush lançou um olhar severo para a mulher. Mas nada disse.

– Você não pode, Rush! – Landow voltou a puxar o braço do detetive. – Não pode, cara. Isso é ridículo! Você...

– Onde se encaixa essa Madeline Boudin? – perguntou a voz rouca de Alec Rush. – Eu sei que ela era íntima de Jerome, mas por que ela desejaria matar a sua esposa?

Landow hesitou, trançou os pés e respondeu com relutância:

– Era amante de Jerome, tem um filho dele. Quando minha mulher descobriu isso, insistiu em fazer um acordo quanto à herança. Foi por isso que fui vê-la ontem.

– É. Mas voltando a Jerome. Se bem me lembro, você e sua esposa estavam no apartamento dela quando ele foi morto.

Sarah Landow suspirou com impaciência desalentada.

– Por que toda essa discussão? – disse com a voz baixa e cansada. – Eu o matei. Ninguém mais o matou. Ninguém mais estava lá quando eu o matei. Eu o esfaqueei com a faca de papel quando ele me atacou. Ele disse: “Não! Não!” e começou a gritar, de joelhos. Daí eu fugi.

Alec Rush voltou os olhos da garota para o homem. O rosto de Landow estava suado, as mãos estavam pálidas e alguma coisa se revolvia em seu peito. Quando falou, a voz estava mais rouca que a do detetive, se não tão alta.

– Sara, você me esperaria aqui até eu voltar? Vou sair um pouquinho, talvez uma hora. Você me esperaria aqui, sem fazer nada, até eu voltar?

– Sim – disse ela sem interesse nem curiosidade na voz. – Mas não

adianta, Hubert. Eu deveria ter dito antes. Não adianta.

– Apenas espere por mim, Sara – implorou. Depois, voltando-se para o detetive, murmurou em seu ouvido deformado: – Fique com ela, Rush, por favor!

E saiu apressadamente da sala.

Ouviu-se a porta da frente bater. Um automóvel afastou-se da casa.

– Onde é o telefone? – perguntou Alec Rush para a garota.

– Na sala ao lado – disse ela, sem tirar os olhos do lenço que tinha em mãos.

O detetive atravessou a porta pela qual a mulher entrara na sala e descobriu que se abria para uma biblioteca, com um telefone em um canto. No outro lado da biblioteca um relógio marcava 3h35. O detetive foi até o telefone, ligou para o escritório de Ralph Millar, chamou-o e disse:

– É Rush. Estou na casa dos Landows. Venha até aqui imediatamente.

– Mas eu não posso, Rush. Você não entende a minha...

– Não pode o diabo! – grasnou Rush. – Venha rápido!

A jovem de olhos mortiços ainda brincava com a bainha do lenço e não levantou o rosto quando o feioso voltou. Nenhum dos dois disse uma palavra. Sentado de costas para a janela, Alec Rush tirou o relógio do bolso duas vezes para consultá-lo com impaciência.

Ouviu-se o tilintar da campainha lá embaixo. O detetive cruzou o corredor e desceu as escadas com pesada agilidade. Ralph Millar – o rosto um campo de batalha onde lutavam o medo e o embaraço – estava no vestíbulo, murmurando qualquer coisa ininteligível para a empregada que abrira a porta. Alec Rush afastou a moça bruscamente e guiou Millar escada acima.

– Ela diz que matou Jerome – murmurou no ouvido do cliente enquanto subiam.

O rosto de Ralph Millar empalideceu, mas não demostrou surpresa com o que acabara de ouvir.

– Você sabia que ela o tinha matado? – rosnou Alec Rush.

Millar tentou falar duas vezes, mas não conseguiu emitir som algum. As palavras só vieram quando chegaram ao segundo andar.

– Eu a vi na rua naquela noite, indo para o apartamento dele!

Alec Rush sorriu com malícia e levou o jovem à sala onde estava Sara Landow.

– Landow saiu – sussurrou apressadamente. – Vou sair também. Fique com ela. Está birutinha, capaz de fazer qualquer coisa se a deixarmos só. Se Landow voltar antes, diga para me esperar.

Antes que Millar pudesse externar em palavras a confusão que tomara conta de seu rosto, já estavam na sala. Sara Landow levantou a cabeça. Seu corpo ergueu-se da cadeira como se movido por um poder invisível. Levantou-se, alta e ereta, sobre os próprios pés. Millar ficou parado diante da porta. Olharam-se, olhos nos olhos, agindo como se houvesse uma força que os unia e outra que os mantinha separados.

Silencioso, desgracioso, Alec Rush saiu à rua.

Na Mount Royal Avenue, viu a baratinha azul imediatamente. Estava vazia, parada em frente ao prédio de apartamentos onde morava Madeline Boudin. O detetive passou diante do prédio e estacionou o cupê junto ao meio-fio três quarteirões adiante. Mal havia feito isso quando Landow saiu do prédio, pulou dentro do carro e foi até um hotel na Charles Street. Atrás dele seguiu o detetive.

No hotel, Landow dirigiu-se à sala de leitura. Durante meia hora ficou ali, debruçado sobre uma escrivaninha, preenchendo apressadamente diversas folhas de papel, enquanto o detetive se ocultava por trás de um jornal num canto escondido do saguão, de olho na porta da sala de leitura. Landow saiu dali metendo um grosso envelope no bolso, deixou o hotel, entrou no carro e dirigiu até o escritório de um serviço de mensageiros, na St. Paul Street.

Esteve nesse escritório durante cinco minutos. Quando saiu, deixou a baratinha estacionada e foi a pé até a Calvert Street, onde embarcou num bonde que ia para o norte. O cupê de Alec Rush seguiu atrás do bonde. Landow saltou do bonde em Union Station e foi até o guichê de passagens. Havia acabado de pedir uma passagem só de ida para a Filadélfia quando Alec Rush deu-lhe um tapinha no ombro.

Hubert Landow voltou-se lentamente, o dinheiro da passagem ainda nas mãos. Não esboçou expressão em seu belo rosto ao reconhecer o detetive.

– Sim – disse com frieza. – O que é?

Alec Rush apontou para o guichê e para o dinheiro na mão de Landow.

– Você não devia estar aqui – grunhiu o detetive.

– Aí está – disse o bilheteiro através da grade. Nenhum dos dois homens deu-lhe atenção. Uma mulher alta, vestindo rosa, vermelho e violeta,

acotovelou Landow, pisou no pé dele e passou à sua frente. Landow se afastou do guichê, o detetive o seguiu.

– Não devia ter deixado Sara sozinha – disse Landow. – Ela está...

– Ela não está só. Deixei alguém tomando conta dela.

– Não a...

– Não a polícia, se é o que está pensando.

Landow pôs-se a caminhar devagar ao longo do pátio da estação, o feioso ao lado dele. Mais adiante parou e olhou diretamente nos olhos do detetive.

– É o tal de Millar que está com ela? – perguntou.

– É.

– É o homem para quem está trabalhando?

– É.

Landow voltou a caminhar. Quando atingiram a extremidade norte do pátio da estação, ele falou novamente.

– O que quer esse Millar?

Alec Rush deu de ombros e nada disse.

– Bem, e o que quer você? – perguntou o jovem com certa veemência, olhando diretamente para o detetive.

– Quero que não saia da cidade.

Landow franziu as sobrancelhas enquanto pensava.

– Suponha que eu insista em sair – perguntou. – Como vai me impedir?

– Posso acusá-lo de cumplicidade no assassinato de Jerome.

Novo silêncio, quebrado por Landow.

– Veja, Rush. Você trabalha para Millar. Ele está em minha casa. Acabo de enviar uma carta para Sara através de um mensageiro. Dê-lhes tempo para lerem a carta e depois ligue para lá e pergunte a Millar se ele me quer preso.

Alec Rush moveu a cabeça de um lado a outro, decidido.

– Nada disso – arranhou. – Millar é muito leviano e eu não posso levá-lo a sério por telefone, em se tratando de um assunto como esse. Vamos voltar lá e conversar.

Foi a vez de Landow torcer o nariz.

– Não – rebateu. – Não vou! – E olhando com frieza calculada para o rosto do detetive disse: – Posso comprá-lo, Rush?

– Não, Landow. Não deixe que a minha aparência e a minha ficha o

enganem.

– Achei que não. – Landow olhou para o teto e depois para os próprios pés, suspirou profundamente e disse: – Não podemos falar aqui. Vamos procurar um lugar mais tranqüilo.

– Minha carroça está lá fora – disse Alec Rush. – Podemos ir até lá.

Sentados no cupê de Alec Rush, Hubert Landow acendeu um cigarro e o detetive acendeu um charuto.

– Essa Polly Bangs, de quem você falou, Rush, é minha mulher – disse o louro, sem preâmbulos. – Meu nome é Henry Bangs. Você não vai encontrar as minhas impressões em lugar algum. Nos dois anos em que Polly ficou presa em Milwaukee, vim para o Leste e conheci Madeline Boudin. Formamos um bom time. Ela era inteligente, e se eu tiver alguém para pensar por mim acabo me revelando um ótimo operário.

Ele sorriu para o detetive, chamando atenção para o próprio rosto com a ponta do cigarro. O detetive olhou. O rosto do louro foi tomado de um rubor semelhante ao de uma menina em idade escolar. Depois, riu novamente, e o rubor desvaneceu.

– É o meu melhor truque. Fácil se você tem o dom e mantém a prática. Encha o pulmão e tente expulsar o ar enquanto o prende com a laringe. É uma mina de ouro para um vigarista! Você ficaria surpreso como as pessoas acreditavam em mim após eu corar uma ou duas vezes. Portanto, eu e Madeline estávamos nos dando bem. Ela tinha miolos, sangue-frio e uma bela fachada. Eu tinha tudo, menos miolos. Fizemos dois golpes juntos, um estelionato e uma chantagem, e daí ela conheceu Jerome Falsoner. Íamos dar um suadouro nele. Mas quando Madeline descobriu que Sara era a sua herdeira, que devia dinheiro, e que ela e seu tio não se davam bem, decidimos desistir do primeiro plano e preparar outro muito mais lucrativo. Madeline deu um jeito de me apresentar a Sara. Me fiz de agradável, bancando o tolo, o jovem tímido embora virtuoso.

“Madeline tinha miolos, como já disse. E os usava todo o tempo. Cortejei Sara enviando-lhe doces, livros, flores, levando-a a peças de teatro e para jantar fora. Os livros e as peças eram parte do trabalho de Madeline. Dois dos livros mencionavam o fato de um cônjuge não poder testemunhar contra o outro em corte. Uma das peças tratava do mesmo assunto. Assim, plantamos as sementes. Plantamos outra com o meu ruborescer e o meu tartamudear, persuadindo Sara ou, melhor, deixando-a descobrir por si

mesma que eu era o pior mentiroso do mundo.

“Feita a semeadura, levamos o jogo adiante. Madeline estava bem com Jerome. Sara se endividava cada vez mais. Demos uma força para piorar as coisas. Certa noite, mandamos um ladrão fazer a limpa no apartamento dela, um tal de Roby Sweeger, talvez você o conheça. Está no xilindró agora por outra extravagância. Levou o dinheiro que ela tinha e tudo o mais que podia pôr no prego. Então, instigamos algumas das pessoas para as quais ela devia, enviando-lhes cartas anônimas e avisando-os para não se fiarem demais no fato de ela ser herdeira de Jerome Falsoner. Cartas tolas, mas que funcionaram. Alguns credores enviaram cobradores à empresa de seguros onde ela trabalhava.

“Jerome recolhia a renda da herança a cada quatro meses. Tanto Sara quanto Madeline sabiam a data. No dia anterior a uma dessas coletas, Madeline voltou à carga sobre os credores de Sara. Eu não sei o que ela disse para eles, mas foi o bastante. Acorreram à empresa de seguros em bando. No dia seguinte, Sara recebeu o salário equivalente a duas semanas de trabalho e foi demitida. Quando ela saiu eu a encontrei... por acaso... sim, eu a estava vigiando desde a manhã. Eu a levei para um passeio e voltamos para o apartamento dela às seis. Lá encontramos mais credores frenéticos esperando para saltar sobre ela. Expulsei-os e banquei o rapaz de bom coração, propondo-lhe, envergonhado, todo tipo de ajuda. Ela recusou, é claro, e vi a idéia formando-se em seu rosto. Ela sabia que aquele era o dia em que Jerome recebia o cheque quadrimestral e decidiu visitá-lo para pedir que, pelo menos, quitasse as suas dívidas. Não me disse aonde ia, mas eu já sabia, uma vez que estava esperando por isso.

“Fui embora e esperei defronte do prédio de Sarah, na Franklin Square, até ela sair. Encontrei um telefone, liguei para Madeline e disse que Sara estava a caminho do apartamento do tio.”

O cigarro de Landow queimava-lhe os dedos. Ele o jogou fora, amassou-o com o pé e acendeu outro.

– É uma história comprida, Rush – desculpou-se. – Mas já está acabando.

– Continue, filho – disse Alec Rush.

– Havia algumas pessoas na casa de Madeline quando liguei, gente que tentava persuadi-la a ir a uma festa no interior. Daí ela concordou em ir. Seria um álibi ainda melhor do que o que ela estava preparando. Madeline

disse-lhes que iria, mas que tinha que ver Jerome antes. Então eles a levaram até lá e esperaram no carro enquanto ela o visitava.

“Madeline havia trazido uma garrafa de conhaque devidamente batizado. Serviu uma dose para Jerome e falou do novo contrabandista de bebidas alcoólicas que ela havia encontrado, sujeito que tinha uma dúzia ou mais de caixas do mesmo conhaque e que pretendia vendê-las a um preço bem razoável. O conhaque era bom e o preço melhor ainda, o que o fez pensar que ela de fato havia aparecido ali para lhe oferecer algo de bom. Jerome fez um pedido que ela se encarregaria de entregar ao contrabandista. Após certificar-se de que a faca de papel estava bem visível sobre a mesa, Madeline levou Jerome até a porta, de modo que todos vissem que ele estava vivo, e foi embora com os amigos.

“Eu não sei o que Madeline pôs no conhaque. Se me disse, esqueci. Era uma droga poderosa... não era veneno, era um excitante. Saberá o que quero dizer quando ouvir o resto. Sara deve ter chegado ao apartamento do tio cerca de dez ou quinze minutos depois da partida de Madeline. Segundo me disse, quando o tio abriu a porta, estava com o rosto vermelho, nervoso. Mas Jerome era um homem frágil e ela era forte, e naquele momento ela não teria medo do próprio demônio. Sara entrou e pediu que ele pagasse as suas dívidas, mesmo que não concordasse em dar-lhe uma parte da renda.

“Eram dois Falsoners e a briga deve ter ficado séria. Ao mesmo tempo, a droga estava fazendo efeito, e ele acabou atacando a sobrinha. A faca de papel estava em cima da mesa, como vira Madeline. Jerome estava histérico, e Sara não é dessas garotinhas amedrontadas que se espremem num canto e berram por socorro. Ela pegou a faca de papel e o golpeou. Quando ele caiu, ela se foi.

“Tendo seguido Sara tão logo acabei de telefonar para Madeline, eu estava em frente à casa de Jerome quando ela saiu. Eu a parei e ela me disse que matara o tio. Pedi-lhe que esperasse ali mesmo e entrei para ver se ele estava realmente morto. Daí, levei-a para casa, explicando a minha presença à porta de Jerome dizendo em meu modo tolo e canhestro que ficara com medo que ela fizesse algo impensado e que, por isso, decidi ficar de olho nela.

“Quando voltou para casa, Sara estava disposta a se entregar para a polícia. Mostrei-lhe o perigo que correria fazendo isso, argumentando que, estando endividada e tendo ido pedir dinheiro ao tio, de quem era herdeira,

ela certamente seria condenada. A história sobre o ataque sofrido, eu a persuadi, seria desprezada pela polícia como uma lorota insignificante. Atônita como estava, não foi difícil convencê-la. O próximo passo foi fácil. A polícia iria investigá- la mesmo que não suspeitasse dela diretamente. Até então, eu era a única pessoa cujo testemunho poderia incriminá-la. Eu era leal. Mas também era o pior mentiroso do mundo. Então não era verdade que a mentira mais tola me fazia corar como uma bandeira de leiloeiro? O único modo de superar essa dificuldade estava nos dois livros que eu lhe dera e numa das peças que víramos: se eu me casasse com Sara não poderia ser chamado a testemunhar contra ela. Casamos na manhã seguinte, com uma licença que eu carregava havia quase uma semana.

"Bem, ali estávamos nós. Eu estava casado com ela. Sara receberia dois milhões de dólares quando saísse a herança do tio, mas, ao que tudo indicava, não poderia escapar da prisão e da condenação. Mesmo que ninguém a tivesse visto entrar ou sair do apartamento, a sua culpa ainda era evidente. E o caminho tolo que eu a obrigara a seguir apenas arruinaria sua alternativa de alegar legítima defesa. Se a enforcassem, os dois milhões seriam meus. Se pegasse uma longa pena, eu pelo menos administraria o dinheiro."

Landow jogou fora e amassou o segundo cigarro e olhou durante um momento para um ponto indefinido ao longe.

– Você acredita em Deus ou na Providência Divina, ou no destino, ou em alguma dessas coisas, Rush? – perguntou. – Uns acreditam numa coisa, outros em outra, mas ouça. Sara nunca foi presa e nem chegou a ser suspeita do crime. Parece que tinha um finlandês ou sueco, sei lá, que teve uma briga com Jerome, e que o ameaçara. Suponho que esse cara não pudesse provar onde estava na noite do assassinato. Daí que ele se escondeu quando soube da morte de Jerome, e a suspeita da polícia recaiu sobre ele. Investigaram Sara, é claro, mas apenas superficialmente. Ninguém parecia tê-la visto na rua, e as pessoas no prédio onde morava, que a viram chegar comigo às seis horas da tarde, não a viram ou não se lembraram de tê-la visto sair novamente, e disseram à polícia que ela ficara lá a noite inteira. A polícia estava muito interessada no finlandês desaparecido, ou seja lá qual a nacionalidade dele, para continuar investigando Sara.

"E aí estávamos nós novamente. Eu estava casado com o dinheiro, mas não podia dar a parte de Madeline. Esta, por sua vez, sugeriu que podíamos

deixar as coisas como estavam por enquanto, até ser resolvido o assunto da herança, e depois denunciar Sara para a polícia. Mas quando o dinheiro saiu, houve outro impedimento. Esse por minha conta. Eu... eu... bem, eu queria que a coisa continuasse como estava. Nada tinha a ver com o racional, compreende? Era só isso... bem... viver com Sara era tudo o que eu mais desejava. Eu nem mesmo estava arrependido do que fizera por que, de outro modo, nunca a teria.

"Não sei se posso explicar isso para você, Rush, mas mesmo agora não me arrependo de nada. Se pudesse ter sido diferente... mas não pôde. Seria assim ou não seria de modo algum. E eu tive esses seis meses. Vejo que fui um idiota. Sara não era para o meu bico. Eu a conquistara com um crime e com um truque, e embora eu me agarrasse à tola esperança de que algum dia ela me olharia... me olharia como eu olho para ela, no fundo eu sabia que isso jamais iria acontecer. Há um sujeito, esse Millar. Ela está livre, agora que sabe do meu casamento com Polly, e espero que ela... espero... bem, Madeline começou a exigir a parte dela. Eu disse que Madeline havia tido um filho de Jerome e Sara concordou em dar algum dinheiro para ela. Mas isso não satisfez Madeline. Não por ciúme de mim. Só pelo dinheiro. Queria cada centavo que pudesse conseguir, e ela não teria o bastante num acordo do tipo que Sara lhe propusera.

"Com Polly era isso também, mas talvez um pouco mais. Ela gostava de mim, acho. Não sei como ela me encontrou aqui depois que foi libertada em Wisconsin, mas imagino o que ela pensou. Eu estava casado com uma mulher rica. Se a mulher morresse – assassinada por um bandido numa tentativa de assalto, por exemplo –, então eu teria todo o dinheiro e Polly teria tanto o dinheiro quanto a mim. Eu não a vi e nem saberia que ela estava em Baltimore se você não tivesse me dito, mas foi assim que ela raciocinou. A idéia do assassinato deve ter ocorrido tão facilmente quanto ocorreu a Madeline.

"Eu dissera a Madeline que não continuaria a fazer o jogo com Sara. Madeline sabia que se fosse adiante por conta própria e denunciasse Sara pela morte de Falsoner eu abriria o jogo e a incriminaria. Mas se Sara morresse, então eu teria o dinheiro e Madeline poderia ficar com a parte dela.

"Eu não sabia de nada disso até você me dizer, Rush. Não dou a mínima para a sua opinião ao meu respeito, entretanto é a mais pura verdade que eu

não sabia que Polly e Madeline estavam tentando matar Sara. Bem, isso é quase tudo. Você estava me seguindo quando fui ao hotel?”

– É.

– Achei que sim. A carta que escrevi e mandei para casa diz exatamente o que eu lhe disse agora, dá conta de toda a história. Eu ia fugir, deixando Sara livre. Ela está livre, com certeza, e agora eu tenho que encarar os fatos. Mas não quero revê-la, Rush.

– Não creio que queira – concordou o detetive. – Não depois de tê-la transformado numa assassina.

– Mas eu não fiz isso – protestou Landow. – Ela não é assassina. Esqueci-me de lhe dizer, mas está na carta. Jerome Falsoner não estava morto, nem mesmo morrendo, quando eu cheguei ao seu apartamento. A faca entrou muito alta no peito. Eu o matei enfiando a faca no mesmo ferimento, mas forçando-a para baixo. Foi por isso que fui até lá, para ter certeza de que ele estava acabado!

Alec Rush ergueu os olhos selvagens e vermelhos e olhou longamente para o rosto do assassino confesso.

– Isso é mentira – grasnou por fim. – Mas é das boas. Tem certeza de que quer mantê-la? A verdade seria suficiente para libertar a garota e talvez nem o atinja.

– Que diferença isso faz? – perguntou o jovem. – Estou muito comprometido de qualquer modo. Assim, deixo Sara quite com a lei e com a própria consciência. Outro crime não fará diferença. Eu lhe disse que Madeline tinha miolos. E eu estava com medo deles. Talvez ela tivesse alguma carta na manga para lançar contra nós... e arruinar Sara. Ela podia me enganar quando quisesse. Eu não podia dar-lhe essa chance.

Ele riu para o rosto feioso de Alec Rush e com um gesto quase teatral tirou o punho da camisa alguns centímetros para fora da manga do terno. O punho ainda estava úmido de uma mancha castanho-avermelhada.

– Matei Madeline há uma hora – disse Henry Bangs, ou Hubert Landow.

OceanofPDF.com

O GUARDIÃO DO SEU IRMÃO

Eu sabia o que muita gente falava de Loney, mas ele sempre foi legal comigo. Na minha lembrança ele sempre foi legal, e acho que teria gostado dele tanto quanto gostava, ainda que fosse qualquer outro em vez de meu irmão; mas ficava contente porque não era um outro qualquer.

Ele não era como eu. Era esguio e ficava elegante em qualquer tipo de roupa, só que sempre se vestia com classe e parecia ter saído do alfaiate mesmo quando só estava sem fazer nada em casa, tinha cabelos lisos e os dentes mais brancos que já se viu, e dedos longos, finos e limpos. Parecia-se com a lembrança que eu tinha de meu pai, só que mais bonito. Eu puxei mais a família de mamãe, os Malones, o que era engraçado, porque foi Loney quem recebeu o nome deles. Malone Bolan. Era esperto como poucos, também. Não adiantava tentar passar a perna nele, e era talvez isso o que incomodava algumas pessoas, e uma coisa que Pete Gonzales não podia suportar.

Às vezes eu me chateava por Pete Gonzales não gostar de Loney porque ele também era um cara legal e nunca tentava enganar ninguém. Ele tinha dois pugilistas e um lutador chamado Kilchak, e sempre mandava que fossem ao ringue para fazer o melhor possível, assim como Loney também me mandava. Era o melhor empresário da nossa região e muita gente dizia que não havia melhor em lugar algum, por isso me senti muito contente por ele querer me empresariar, ainda que tenha dito não.

Foi no corredor saindo do ginásio de Tubby White que dei de cara com ele naquela tarde e ele falou:

– Olá, Kid, como vai a coisa? – rolando o charuto num canto da boca para poder falar.

– Olá, está tudo bem.

Ele me olhou de cima a baixo, quase fechando os olhos por causa da fumaça do charuto:

– Vai pegar este cara no sábado?

– Acho que sim.

Ele me olhou de novo de cima a baixo como se estivesse me pesando. Seus olhos já eram pequenos, e quando ele os apertava assim a gente quase não os podia ver.

– Quantos anos tem, Kid?

– Vou fazer dezenove.

– E vai pesar uns 72 quilos – falou.

– Setenta e dois, novecentos e oitenta. Estou crescendo rápido.

– Já viu este cara com quem vai lutar no sábado?

– Não.

– É bem duro.

Sorri e disse:

– Acho que é.

– E muito esperto.

Eu disse, de novo:

– Acho que é.

Tirou o charuto da boca, carrancudo, e falou como se estivesse zangado comigo:

– Você sabe que não tem nenhuma chance no ringue com ele, não sabe?

Antes que eu pudesse pensar em alguma coisa para dizer, ele enfiou o charuto de novo na boca e seu rosto e sua voz mudaram.

– Por que não me deixa tomar conta de você, Kid? Você leva jeito. Vou cuidar de você numa boa, fazer você crescer em vez de ser usado, e então estará pronto para uma longa viagem.

– Não posso fazer isso – falei. – Loney me ensinou tudo o que sei e...

– Ensinou o quê?

Pete rosnou. Parecia de novo zangado:

– Se você acha que aprendeu alguma coisa é só dar uma olhada na sua carantonha no primeiro espelho que encontrar.

Tirou o charuto da boca e cuspiu um pedaço de tabaco que tinha se soltado:

– Só dezoito anos de idade, não faz um ano que vem lutando, e vejam só a carantonha dele!

Senti meu rosto corar. Acho que nunca fui uma beleza, mas, como Pete falou, tinha sido muito golpeado no rosto e acho que meu rosto mostrava isso. Eu disse:

– Bem, claro, não sou um boxeador.

– E essa é a verdade de Deus – disse Pete. – E por que você não é?

– Não sei. Acho que simplesmente não é o meu jeito de lutar.

– Você podia aprender. É rápido e não é burro. Que é que está lucrando com isso? Toda semana Loney manda você contra um cara para o qual

ainda não está preparado e você agasalha uma porção de socos e...

– E eu ganho, não? – falei.

– Claro, você ganha, até agora, porque é jovem e duro, tem peito e sabe bater, mas eu não gostaria de pagar pela vitória o que você está pagando e não gostaria disso para nenhum dos meus garotos. Já vi garotos, alguns talvez tão promissores como você, seguirem esse mesmo caminho e vi o que sobrou deles ao fim de dois anos. Acredite em mim, Kid, você vai se sair muito melhor comigo.

– Talvez você tenha razão – falei –, e fico agradecido e tudo mais, mas não seria capaz de deixar Loney. Ele...

– Vou dar a Loney uns bons trocados por seu contrato, mesmo que você não tenha um contrato com ele.

– Não, me desculpe, eu... eu não seria capaz.

Pete começou a dizer alguma coisa e parou, e seu rosto começou a ficar vermelho. A porta do escritório de Tubby se abriu e Loney vinha saindo. O rosto de Loney estava branco e mal se podia ver seus lábios porque estavam muito apertados, por isso eu percebi que ele tinha ouvido nossa conversa.

Caminhou até bem próximo de Pete, sem olhar para mim sequer uma vez, e disse:

– Seu rato galego vigarista.

Pete falou:

– Eu só disse a ele o que lhe disse quando fiz a oferta na semana passada.

Loney falou:

– Legal. Então você já contou a todo mundo. Então pode também contar isto a eles...

E golpeou a boca de Pete com as costas da mão.

Eu me afastei um pouco porque Pete era muito maior que Loney, mas Pete só disse:

– Ok, amigo, talvez você não viva para sempre. Talvez você não viva para sempre mesmo que Big Jake não descubra nunca sobre a patroa dele.

Loney atacou Pete com um punho dessa vez, mas Pete já se afastava no corredor e Loney errou o golpe por cerca de meio metro, e quando Loney se lançou atrás dele, Pete se virou e correu para o ginásio.

Loney voltou para mim rindo, já não irritado. Era capaz de mudar o humor mais rápido que ninguém. Pôs um braço em volta de meus ombros e

disse:

– O rato galego vigarista. Vamos embora.

Na rua, ele me virou para que eu visse o cartaz anunciando as lutas.

– Lá está você, Kid. Não culpo Pete por querer você. Vai ter um monte de gente querendo você em pouco tempo.

O cartaz era legal, KID BOLAN *VS.* MARUJO PERELMAN, em letras vermelhas maiores do que os outros nomes e bem no alto do cartaz. Era a primeira vez que eu tinha meu nome no topo do cartaz. Pensei: meu nome vai estar ali o tempo todo a partir de agora e talvez um dia em Nova York, mas apenas sorri para Loney sem dizer nada e fomos para casa.

Mamãe estava fora, visitando minha irmã casada em Pittsburgh, e tínhamos uma negra chamada Susan tomando conta da casa, e depois que acabou de lavar os pratos do jantar e foi embora, Loney pegou o telefone e eu podia ouvir que falava baixo. Queria dizer algo para ele quando voltou, mas tinha medo de dizer a coisa errada, porque Loney podia achar que eu estava me metendo nos seus negócios, e antes que eu pudesse achar um jeito de começar a campainha tocou.

Loney foi até a porta. Era a sra. Schiff, como eu já desconfiava, porque ela havia vindo na primeira noite em que mamãe foi embora.

Entrou rindo, com o braço de Loney em volta de sua cintura, e falou para mim:

– Alô, campeão.

Eu disse “Alô” e apertei sua mão.

Eu gostava dela, eu acho, mas acho que tinha um certo medo dela. Quero dizer, não só medo dela por causa de Loney, mas de um jeito diferente. Sabe, como quando você era criança e se via de repente sozinho num bairro estranho do outro lado da cidade. Não havia nada à vista que pudesse dar medo, mas você ficava de certa forma esperando alguma coisa. Era algo assim. Ela era bonita de doer, mas havia uma espécie de maluquice nela. Não quero dizer maluca como algumas donas que a gente vê por aí; mas uma coisa meio animal, como se estivesse à espreita de algo. Como se estivesse faminta. Só seus olhos e talvez a boca, porque ela não era magrela ou coisa assim, nem gorda.

Loney pegou uma garrafa de uísque e copos e tomaram um drinque. Fiquei por ali alguns minutos por simples educação e depois disse que estava cansado e dei boa-noite, peguei minhas revistas e subi para meu

quarto.

Depois tirei a roupa, tentei ler, mas continuava preocupado com Loney. Foi sobre essa sra. Schiff que Pete fez a piada naquela tarde. Ela era a mulher de Big Jake Schiff, o chefão do nosso bairro, e uma porção de gente devia saber sobre o caso dela com Loney. Pete, pelo menos, sabia, e ele e Big Jake eram muito bons amigos. Além do mais, agora tinha uma conta a acertar com Loney. Eu queria que Loney cortasse aquela onda. Podia ter uma porção de outras garotas e Big Jake não era homem com quem ninguém procurasse encrenca, mesmo sem levar em conta a influência que ele tinha na Prefeitura. Toda vez que eu tentava ler acabava pensando em coisas daquele tipo. Finalmente desisti e fui dormir muito cedo, até mesmo para mim.

Aquilo aconteceu numa segunda-feira. Na terça, quando voltei do cinema, ela estava me esperando no vestíbulo. Usava um casaco longo, não usava chapéu, e parecia bastante agitada.

– Onde está Loney? – perguntou, sem dizer alô nem nada.

– Não sei. Ele não disse aonde ia.

– Preciso falar com ele. Não tem idéia de onde está?

– Não, não sei onde está.

– Acha que vai demorar?

Eu disse:

– Acho que ele geralmente demora.

Ela fez uma cara feia e disse:

– Preciso falar com ele. Vou esperar um pouco, de qualquer maneira.

Voltamos à sala de jantar.

Não tirou o casaco e começou a caminhar pela sala olhando as coisas mas sem prestar muita atenção a elas. Perguntei se queria um drinque e ela disse “Sim”, meio distraída, mas quando comecei a preparar o drinque ela me agarrou pela lapela do casaco e disse:

– Ouça, Eddie, pode me dizer uma coisa? Pelo amor de Deus?

Eu falei:

– Claro – me sentindo um pouco embaraçado de estar olhando bem no rosto dela. – Se eu puder.

– Loney está de verdade apaixonado por mim?

Essa foi difícil. Podia sentir meu rosto ficar cada vez mais vermelho. Desejei que a porta se abrisse e Loney entrasse. Queria que começasse um

incêndio ou coisa assim.

Ela sacudiu minha lapela:

– Ele me ama?

Eu disse:

– Acho que sim. Acho que sim, com certeza.

– Você não sabe?

Eu disse:

– Claro, eu sei, mas Loney nunca fala comigo dessas coisas. Acredite, ele não fala.

Ela mordeu o lábio e virou as costas para mim. Eu estava suando. Passei o tempo que podia na cozinha preparando o uísque e as coisas. Quando voltei para a sala de jantar ela havia se sentado e estava passando batom na boca. Coloquei o uísque na mesa ao lado dela.

Sorriu para mim e disse:

– Você é um garoto legal, Eddie. Espero que ganhe um milhão de lutas. Quando vai lutar de novo?

Tive de rir com esta. Eu andava por aí achando que todo mundo sabia que eu ia lutar com o Marujo Perelman naquele sábado só porque era o meu primeiro evento principal. Acho que é assim que você fica com a cabeça cheia. Eu disse:

– Neste sábado.

– Ótimo – disse ela e olhou para o relógio de pulso. – Oh, por que ele não chega? Tenho de ir para casa antes que Jake volte.

Pulou de pé.

– Bem, não posso esperar mais. Não devia ter ficado este tempo todo. Pode dar um recado para Loney?

– Claro.

– E para ninguém mais?

– Claro.

Deu a volta na mesa e agarrou minha lapela de novo:

– Bem, ouça. Diga a ele que alguém anda falando para Jake de... de nós. Diga que temos de tomar cuidado, Jake mataria nós dois. Diga a ele que não acho que Jake tenha certeza ainda, mas temos de tomar cuidado. Diga a Loney para não me telefonar e esperar aqui até que eu telefone para ele amanhã de tarde. Vai dizer isso para ele?

– Claro.

– E não deixe que ele faça nenhuma loucura.

Eu disse:

– Não vou deixar.

Teria dito qualquer coisa para me ver livre.

Ela disse:

– Você é um bom rapaz, Eddie – e me beijou na boca e saiu da casa.

Não fui até a porta com ela. Olhei para o uísque na mesa e pensei que talvez devesse beber o primeiro drinque da minha vida, mas em vez disso sentei e pensei sobre Loney. Cochilei um pouco, talvez, mas estava acordado quando ele chegou em casa e isso quase às duas horas.

Estava bem bêbado.

– Que diabo faz acordado a esta hora? – falou.

Eu lhe contei sobre a sra. Schiff e o que ela dissera para falar para ele.

Ficou parado de pé de chapéu e de sobretudo até que lhe contei tudo e então falou “Aquele rato galego vigarista” meio num sussurro e seu rosto começou a ficar como ficava quando ele sentia raiva.

– E ela disse que você não devia fazer nenhuma loucura.

– Loucura?

Olhou para mim e meio que riu.

– Não, não vou fazer nenhuma loucura. Que tal correr para a cama?

Eu disse “Tudo bem” e subi as escadas.

Na manhã seguinte, ele ainda estava na cama quando eu saí para o ginásio e tinha saído antes de eu voltar para casa. Esperei para jantar com ele até quase as sete horas e então comi sozinho. Susan estava chateada porque ia acabar seu trabalho mais tarde. Talvez ele tenha passado a noite toda fora, mas parecia bem quando apareceu no ginásio de Tubby na tarde seguinte para me ver treinar. Fazia piadas e brincava com os camaradas que faziam hora por ali como se não tivesse nenhuma preocupação na cabeça.

Esperou que eu me vestisse e caminhamos juntos para casa. A única coisa estranha foi que me perguntou:

– Como está se sentindo, Kid?

Aquilo foi meio estranho, porque ele sabia que eu sempre me sentia bem. Acho que nunca cheguei a pegar um resfriado na vida.

Eu disse:

– Estou bem.

– Você está trabalhando bem – falou. – Leve na maciota amanhã. Você

tem de estar descansado para este garoto de Providence. Como falou aquele rato galego vigarista, ele é muito duro e muito esperto.

Eu disse:

– Acho que é. Loney, você acha que Pete realmente dedurou você para o Big Jake...

– Esqueça – falou. – Que vão pro diabo!

Cutucou meu braço.

– Você não tem nada com que se preocupar a não ser como vai lutar lá no sábado à noite.

– Vou estar bem.

– Não tenha tanta certeza – disse ele. – Talvez você tenha a sorte de conseguir um empate.

De repente, fiquei parado na rua, de tão surpreso. Loney nunca tinha falado assim em nenhuma das minhas lutas antes. Dizia sempre:

– Não se preocupe com a cara de durão desse sujeito, vá em frente e arrase com ele.

Ou algo parecido.

Eu falei:

– Você quer dizer...?

Pegou meu braço para me fazer caminhar de novo.

– Talvez eu tenha escalado errado desta vez, Kid. Esse marujo é muito bom. Sabe boxear e bate muito mais forte do que qualquer adversário que você enfrentou até agora.

– Deixa que vou me safar – falei.

– Talvez – falou, carrancudo e olhando para a frente. – Escute, que achou do que Pete disse de você precisar de mais boxe?

– Não sei. Nunca dou muita atenção ao que os outros dizem, só ouço você.

– Bem, o que você acha da coisa agora? – perguntou.

– Claro, eu gostaria de aprender a boxear melhor, eu acho.

Riu para mim sem mexer muito os lábios.

– Você deverá receber umas ótimas lições desse Marujo, queira ou não. Mas, sem brincadeira, e se eu lhe pedisse para boxear com ele em vez de atacar, você aceitaria? Quero dizer, pela experiência, ainda que, desse jeito, não pudesse dar um *show*.

Eu disse:

– E não luto sempre do jeito que você me manda lutar?

– Claro que sim. Mas suponha que signifique talvez perder desta vez, mas aprender alguma coisa!

– Quero ganhar, é claro – falei –, mas faço qualquer coisa que você mandar. Quer que eu lute com ele desse jeito?

– Não sei – falou. – Vamos ver.

Sexta e sábado eu simplesmente andei à toa. Tentei achar alguém para sair e atirar nuns faisões, mas tudo o que encontrei foi Bob Kirby, e estava cansado de ouvir o cara contando as mesmas piadas de sempre, então mudei de idéia e fiquei em casa.

Loney chegou para o jantar e perguntei quais eram nossas chances na luta.

Ele disse:

– Dinheiro empatado. Você tem uma porção de amigos.

– Vamos apostar? – perguntei.

– Ainda não. Talvez se o preço melhorar. Não sei.

Queria que ele não tivesse tanto medo de que eu fosse perder, mas achei que seria presunçoso falar qualquer coisa e por isso simplesmente continuei comendo.

Tínhamos uma casa fabulosa naquele sábado à noite. O vestiário estava cheio e foi boa a sensação quando subimos ao ringue. Eu me sentia ótimo e acho que Dick Cohen, que ia ficar no meu córner com Loney, também se sentia ótimo, porque parecia que se esforçava para não sorrir. Só Loney parecia um pouco preocupado, não o bastante para se notar, a não ser que você o conhecesse bem, como eu conhecia, mas eu podia notar.

– Estou bem – falei a ele. Uma porção de lutadores diz que não está se sentindo bem enquanto espera a luta começar, mas eu sempre me sentia bem.

Loney disse:

– Claro que você está bem – e me deu um tapinha nas costas.

– Ouça, Kid – falou e clareou a garganta. Pôs a boca bem perto de meu ouvido para que ninguém pudesse escutar. – Ouça, Kid, talvez... talvez seja melhor você boxear com ele do jeito que a gente falou. Ok?

Eu disse:

– Ok.

– E não se deixe levar pelo que aqueles caras nas cadeiras da frente

gritarem para você fazer. Você está lutando aqui em cima.

Eu disse:

– Ok.

Os dois primeiros assaltos foram de certo modo divertidos porque era coisa nova para mim, girando em volta dele nas pontas dos pés e entrando e saindo com as mãos no alto. Claro que eu tinha feito um pouco disso com os caras no ginásio, mas não no ringue e não com alguém tão bom quanto ele. Ele era muito bom e me dominou naqueles dois assaltos, mas ninguém machucou ninguém.

Mas no primeiro minuto do terceiro assalto ele acertou meu queixo com um cruzado de direita doce como mel e então me bateu forte e rápido no corpo duas vezes com a esquerda. Pete e Loney não estavam brincando quando disseram que ele sabia bater. Esqueci do boxe e saí martelando com as duas mãos, empurrando ele por todo o ringue antes que me agarrasse num clinche. Todo mundo gritou, por isso achei que a coisa estava boa, mas só consegui acertar nele uma vez; o resto dos golpes aparou nos braços. Era o lutador mais esperto que eu já tinha enfrentado.

Quando Pop Agnew nos separou, lembrei que eu devia estar boxeando e então voltei a socar, mas Perelman batia mais forte e passei a maior parte do resto do assalto tentando manter sua esquerda longe de minha cara.

– Ele te machucou? – perguntou Loney quando voltei ao meu córner.

– Ainda não – falei –, mas sabe bater.

No quarto assalto aparei outro cruzado de esquerda com meu olho e uma porção de esquerdas com outras partes do meu rosto, e o quinto assalto foi ainda mais duro. Àquela altura o olho que ele acertou estava quase fechado e acho que já conhecia todos os meus truques. Girava e girava em volta de mim e não me deixava tomar a iniciativa.

– Como se sente? – perguntou Loney quando ele e Dick cuidavam de mim depois daquele assalto. Sua voz estava esquisita, como se estivesse resfriado.

Eu disse:

– Tudo bem.

Era difícil falar muito, porque meus lábios estavam inchados.

– Cubra-se mais – disse Loney.

Sacudi a cabeça para cima e para baixo dizendo que eu ia me cobrir.

– E não dê muita atenção àqueles babacas nas cadeiras da frente.

Eu estava muito ocupado com o Marujo Perelman para dar atenção a mais alguém, mas quando saímos para o sexto assalto eu podia ouvir pessoas berrando coisas como “Vá lá e lute com ele, Kid” ou “Vamos lá, Kid, dá porrada nele” e “Que é que está esperando, Kid?”, e por isso imaginei que estavam gritando assim o tempo todo. Talvez aquilo tivesse a ver com o que fiz ou talvez eu só quisesse mostrar a Loney que ainda estava bem para que não se preocupasse comigo. Mesmo assim, lá pelo fim do assalto, quando Perelman me chacoalhou com outro daqueles cruzados de direita que tantos problemas estavam me causando, tratei de me recompor e parti pra cima dele. Me acertou algumas, mas não o bastante para me manter afastado e, ainda que assimilasse a maioria dos meus golpes, consegui acertar uns dois de bom tamanho e pude ver que ele sentiu. E quando me travou num clinche eu sabia que ele podia fazer aquilo porque era mais esperto, e não porque era mais forte.

– Que é que há com você? – grunhiu no meu ouvido. – Ficou louco?

Eu não gostava de conversar no ringue, por isso apenas sorri para mim mesmo sem dizer nada e continuei tentando mandar a mão.

Loney me olhou de cara feia quando me sentei depois daquele assalto.

– Qual é o problema? – perguntou. – Não mandei boxear com ele?

Estava terrivelmente pálido e com a voz muito rouca.

Eu disse:

– Muito bem, vou boxear.

Dick Cohen começou a praguejar de lado e eu não podia ouvir bem. Não parecia praguejar contra ninguém nem contra nada, só praguejava em voz baixa até que Loney mandou que calasse a boca.

Eu queria perguntar a Loney o que devia fazer em relação àquele cruzado de direita mas, com a boca do jeito que estava, falar exigia muito trabalho e, além do mais, meu nariz estava obstruído e eu tinha de usar a boca para respirar, por isso fiquei quieto. Loney e Dick me massagearam muito mais forte do que em qualquer intervalo dos outros assaltos. Quando Loney se arrastou para fora do ringue pouco antes do gongo, deu um tapa no meu ombro e disse numa voz aguda:

– Agora boxeie.

Eu saí e boxeei. Perelman deve ter acertado meu rosto trinta vezes naquele assalto; seja como for, parecia ter acertado, mas eu continuava tentando boxear com ele. Pareceu um assalto muito longo.

Voltei para o meu córner não me sentindo exatamente enjoado, mas como se fosse ficar enjoado, o que era estranho porque eu não me lembrava de ter sido atingido no estômago para estar daquele jeito. A maior parte do tempo Perelman trabalhava em minha cabeça. Loney parecia muito mais enjoado do que eu. Parecia tão enjoado que tentei não olhar para ele e me senti um pouco envergonhado de fazê-la parecer um babaca deixando este Perelman me fazer de palhaço.

– Consegue agüentar até o fim? – perguntou Loney.

Quando tentei responder, vi que não podia mexer o lábio inferior porque tinha um pedaço de dente encravado na parte de dentro. Coloquei um polegar na boca mas Loney empurrou minha luva de lado e arrancou o pedaço de dente do lábio.

Então eu disse:

– Claro. Vou me acostumar logo com isso.

Loney fez um estranho som de gorgolejo no fundo da garganta e de repente colocou seu rosto bem de frente ao meu e me obrigou a deixar de olhar a lona para o encarar. Seus olhos eram como você imagina que são os olhos de um drogado.

– Ouça, Kid – falou, sua voz cruel e dura, quase como se me odiasse. – Ao diabo com esta merda. Vá lá e pegue aquele babaca. Por que diabo está boxeando? Você é um lutador. Vá lá e lute.

Comecei a dizer qualquer coisa e então parei e tive a idéia esquisita de que gostaria de dar um beijo nele ou coisa parecida, e então ele passou pelas cordas e o gongo tocou.

Fiz o que Loney mandou e acho que ganhei aquele assalto por uma boa margem. Era legal lutar do meu jeito de novo, sair batendo com as duas mãos, sem dançar ou qualquer outra frescura, simplesmente dando pancadas curtas e duras, inclinando de um lado para o outro para golpear a partir dos tornozelos até o alto. Ele me acertou, claro, mas senti que não podia me bater mais forte do que tinha batido nos outros assaltos e eu tinha agüentado, por isso agora não me preocupava mais. Pouco antes de soar o gongo, acertei nele saindo de um clinche e quando o gongo bateu ele estava acossado no seu córner.

Foi legal voltar ao meu córner. Todo mundo estava gritando, exceto Loney e Dick, e nenhum deles me falou uma única palavra. Mal chegaram a olhar para mim, só para as partes do corpo que estavam massageando, e

foram mais duros comigo do que em qualquer outro assalto. Dava para pensar que eu era uma máquina que estavam ajustando. Loney não parecia mais enjoado. Eu podia sentir que ele estava excitado porque seu rosto estava rígido e calmo. Gosto de me lembrar dele assim, terrivelmente bonito. Dick assobiava entre os dentes baixinho enquanto molhava minha cabeça com uma esponja.

Acertei Perelman mais cedo do que esperava, no nono. A primeira parte do assalto foi dele porque veio se mexendo rápido e me pegando com golpes de esquerda e me fazendo de bobo, mas não conseguiu manter a carga e eu me esquivei de uma das suas esquerdas e rachei seu queixo com um gancho de esquerda, a primeira vez que pude acertar na sua cabeça do jeito que queria. Sabia que tinha sido um bom golpe antes mesmo que sua cabeça caísse para trás e dei seis socos nele tão rápido quanto podia, esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita. Ele recebeu quatro deles, mas eu o acertei no queixo de novo com uma direita e pouco acima do calção com outra, e quando seus joelhos dobraram um pouco e ele tentou um clinche, eu o afastei com um empurrão e acertei na mandíbula com tudo o que eu tinha.

Então Dick Cohen estava colocando o roupão sobre meus ombros, me abraçando e fungando, praguejando e rindo, tudo ao mesmo tempo, e do outro lado do ringue eles estavam amparando Perelman no seu tamborete.

– Onde está Loney? – perguntei.

Dick olhou em volta.

– Não sei. Estava aqui. Garoto, que luta!

Loney se juntou a nós quando caminhávamos para o vestiário.

– Tive que ver um cara – falou. Seus olhos estavam brilhantes como se estivesse rindo de alguma coisa, mas estava branco como um fantasma e cerrava os lábios contra os dentes mesmo quando sorria meio desajeitado para mim e dizia: – Vai levar muito tempo até que alguém consiga ganhar de você, Kid.

Eu disse que esperava que sim. Estava terrivelmente cansado agora que tudo tinha acabado. Geralmente fico com uma fome terrível depois de uma luta, mas dessa vez estava só terrivelmente cansado.

Loney caminhou até onde tinha pendurado o casaco e o colocou sobre o suéter, e quando colocou o casaco a aba prendeu e vi que ele tinha uma arma no bolso de trás das calças. O que era esquisito, porque nunca soube

que ele tivesse carregado uma arma antes, e se estivesse com ela no ringue todo mundo certamente ia ver quando ele se abaixava para me massagear. Eu não podia perguntar a ele porque tinha muita gente no lugar falando e discutindo.

Pouco tempo depois, Perelman entrou com seu empresário e dois outros homens estranhos para mim, por isso calculei que tivessem vindo de Providence com ele também. Ele olhava direto para a frente, mas os outros olhavam de um jeito meio duro para Loney e para mim e foram até o outro lado da sala sem dizer nada. Todos nós trocávamos as roupas numa sala comprida no ginásio.

Loney disse para Dick, que estava me ajudando:

– Não se apresse. Não quero que o Kid saia antes de ter esfriado bem.

Perelman se vestiu bem rápido e saiu ainda olhando sempre para a frente. Seu empresário e os dois homens com ele pararam diante de nós. O empresário era um grandalhão com olhos verdes como um peixe e um rosto meio achatado e escuro. Tinha um sotaque também, podia ser um polaco. Ele falou:

– Garotos espertos, hein?

Loney estava de pé com uma das mãos para trás. Dick Cohen pôs as mãos nas costas de uma cadeira e como que se apoiou nela. Loney disse:

– Sou esperto. O Kid luta do jeito que eu mando ele lutar.

O empresário olhou para mim, olhou para Dick e olhou para Loney de novo e disse:

– Hum, então a coisa é assim.

Pensou um minuto e falou:

– É bom a gente saber.

E então enfiou o chapéu ainda mais na cabeça, virou-se e saiu com os dois outros homens atrás dele.

Perguntei a Loney:

– Qual é o problema?

Ele riu, mas não como se aquilo fosse engraçado:

– Maus perdedores.

– Mas você tem uma arma no...

Ele me cortou a fala:

– Um cara me pediu que guardasse para ele. Vou devolver agora. Você e Dick vão para casa e vejo vocês lá daqui a pouco. Mas não se apressem,

quero que vocês esfriem bastante antes de sair. Vocês dois peguem o carro, sabem onde ficou estacionado. Venha cá, Dick.

Levou Dick para um canto e conversou com ele em sussurros. Dick ficou concordando com a cabeça para cima e para baixo e parecendo cada vez mais apavorado, ainda que tentasse esconder de mim quando voltou para o meu lado. Loney disse:

– Vejo vocês mais tarde – e saiu.

– Qual é o problema? – perguntei a Dick.

Ele sacudiu a cabeça e disse:

– Nada pra gente se preocupar.

E foi tudo o que pude arrancar dele.

Cinco minutos depois Pudge, o irmão de Bob Kirby, entrou correndo e gritou:

– Jesus, deram um tiro em Loney!

Eu dei um tiro em Loney. Se não fosse tão burro ele ainda estaria vivo de qualquer jeito. Por muito tempo botei a culpa na sra. Schiff, mas acho que foi para não ter de aceitar que foi minha própria culpa. Quero dizer, nunca pensei que ela mesma tivesse atirado, como as pessoas disseram; quando ele perdeu o trem no qual os dois deviam ter embarcado juntos, ela voltou e esperou do lado de fora do vestiário, quando ele saiu disse a ela que tinha mudado de idéia e ela disparou contra ele. Quero dizer, eu a culpava por mentir para ele, porque se soube depois que ninguém tinha dedurado ela e Loney a Big Jake. Loney tinha colocado a idéia na cabeça dela, contando o que Pete tinha dito, e ela fabricou a mentira para que Loney fugisse com ela. Mas se eu não fosse tão burro Loney teria pego aquele trem.

Então um monte de gente disse que Big Jake tinha matado Loney. Disseram que foi por isso que a polícia nunca chegou muito longe, por causa das ligações de Big Jake com a Prefeitura. Era verdade que ele tinha chegado em casa mais cedo do que a sra. Schiff esperava e ela deixara uma nota para ele dizendo que estava fugindo com Loney, e Jake podia ter chegado à rua perto do vestiário onde Loney foi alvejado a tempo de fazer o disparo, mas não podia ter chegado à estação ferroviária a tempo de pegar o trem deles, e se eu não fosse tão burro Loney teria pego aquele trem.

E ia ser do mesmo jeito se o pessoal do Marujo Perelman tivesse acertado Loney, coisa que a maioria das pessoas achava, inclusive a polícia,

embora não tivesse provas suficientes contra ele. Se eu não fosse tão burro, Loney podia ter dito simplesmente para mim:

– Ouça, Kid, eu tenho de ir embora e preciso de todo o dinheiro que posso juntar, e o melhor jeito é fazer um acordo com Perelman para você perder a luta e então aposto tudo o que temos contra você.

Ora, eu podia lutar um milhão de lutas para Loney, mas como podia ele saber se valia a pena confiar em mim sendo eu tão burro?

Ou eu podia ter adivinhado o que ele queria e podia ter ido à lona quando Perelman me acertou aquele *uppercut* no quinto assalto. Teria sido fácil. Ou, se eu não fosse tão burro, teria aprendido a boxear melhor e, mesmo perdendo para Perelman como ia perder de qualquer jeito, eu podia ter evitado que ele me massacrasse tão feio que Loney não pôde agüentar mais e teve que jogar tudo para o alto e me mandar parar de boxear e ir à luta.

Ou, ainda que tudo tivesse acontecido do jeito que aconteceu até então, ele podia ter se mandado no último minuto se eu não fosse tão burro que o obrigasse a ficar por ali para me proteger dizendo àqueles caras de Providence que eu nada tive a ver com a traição pra cima deles.

Eu queria estar morto em vez de Loney.

OceanofPDF.com

DUAS FACAS AFIADAS

A caminho de casa depois do habitual jogo de pôquer da noite de quarta-feira na casa de Ben Kamsley, parei na estação ferroviária para ver chegar o trem das 2h11 – chamado o-que-bota-a-cidade-na-cama –, e assim que o cara desceu do vagão para fumantes eu o reconheci. Não havia como errar o seu rosto, os olhos pálidos com as pálpebras inferiores retas como se tivessem sido traçadas a régua, o nariz visivelmente ossudo de ponta achatada, a cova funda no queixo, as faces pardacentas ligeiramente encovadas. Era alto e magro e muito bem-vestido num terno escuro, sobretudo longo escuro e chapéu-coco, e carregava uma mala de viagem preta. Parecia um pouco mais velho do que os quarenta que devia ter. Passou por mim a caminho dos degraus da rua.

Quando me virei para segui-lo, vi Wally Shane saindo da sala de espera. Lancei um olhar para Wally e apontei com a cabeça para o homem que carregava a mala preta. Wally o examinou com cuidado ao passar. Não pude ver se o homem notou que o examinavam. Quando encostei em Wally o homem estava descendo os degraus para a rua.

Wally cerrou os lábios e seus olhos azuis estavam brilhantes e duros.

– Ouça – falou pelo canto da boca –, é a cara do sujeito que estamos...

– Este é o cara – disse eu, e descemos os degraus atrás dele.

Nosso homem caminhou até um dos táxis no meio-fio e então viu as luzes do Deerwood Hotel a dois quarteirões de distância, sacudiu a cabeça para o chofer do táxi e seguiu pela rua a pé.

– Que fazemos? – perguntou Wally. – Viu o que ele...?

– Não é nada para nós. Nós o alcançamos. Pegue meu carro. Está na esquina do beco.

Dei a Wally os poucos minutos que precisava para pegar o carro e então me aproximei.

– Olá, Furman – falei, quando estava bem atrás do homem alto.

Seu rosto virou-se bruscamente para mim:

– Como é que você...?

Estacou.

– Não acredito que o...

Olhou a rua para cima e para baixo. Tínhamos o quarteirão todo só para nós.

– Você é Lester Furman, não é? – perguntei.

Ele disse “Sim” rapidamente.

– Da Filadélfia?

Ele me examinou sob a luz, que não era muito forte onde estávamos.

– Sim.

– Sou Scott Anderson – falei. – Chefe de polícia daqui. Eu...

Sua mala bateu com um baque na calçada.

– O que aconteceu com ela? – perguntou áspero.

– Aconteceu com quem?

Wally chegou no meu carro, abruptamente, patinando no meio-fio. Furman, o rosto tomado de pânico, deu um pulo para fugir de mim. Fui atrás dele e o agarrei com minha mão boa e o prensei contra a parede da frente do depósito de Henderson. Lutou comigo até que Wally saiu do carro. Aí ele viu o uniforme de Wally e imediatamente parou de lutar.

– Vocês me desculpem – disse debilmente. – Por um segundo pensei que talvez vocês não fossem da polícia. Você não estava de uniforme e... foi besteira minha. Me desculpem.

– Tudo bem – falei a ele. – Vamos saindo antes que junte uma multidão aqui.

Dois carros tinham parado um pouco atrás do meu e eu podia ver um mensageiro e um homem sem chapéu saírem do hotel em nossa direção. Furman apanhou a mala e entrou sem resistência no meu carro antes de mim. Sentamos no banco traseiro. Wally dirigia. Rodamos um quarteirão em silêncio e então Furman perguntou:

– Estão me levando para a chefatura de polícia?

– Sim.

– Por quê?

– Filadélfia.

– Eu – limpou a garganta – não estou entendendo vocês.

– Você entende que é procurado na Filadélfia, não, por assassinato?

Falou indignado:

– É ridículo. Assassinato! Mas isso...

Pôs uma das mãos no meu braço, o rosto perto do meu, e em vez de indignação na sua voz havia agora uma espécie de franqueza.

– Quem lhe falou isso?

– Não inventei nada. Bem, aqui estamos. Venha, vou lhe mostrar.

Nós o levamos até o meu escritório. George Propper, que estava cochilando numa cadeira no escritório da frente, nos seguiu. Achei a circular da Agência de Detetives Transamericana e a passei para Furman. Na linguagem habitual, ela oferecia mil e quinhentos dólares pela detenção e condenação de Lester Furman, vulgo Lloyd Fields, vulgo J.D. Carpenter, pelo assassinato de Paul Frank Dunlap na Filadélfia no dia 26 do mês anterior.

As mãos de Furman segurando a circular estavam firmes e ele leu o papel cuidadosamente. Seu rosto estava pálido, mas nenhum músculo se mexeu até que abriu a boca para falar. Tentou falar com calma:

– É uma mentira.

Não ergueu os olhos da circular.

– Você é Lester Furman, não é? – perguntei.

Ele acenou a cabeça, ainda sem erguer os olhos.

– Esta é a sua descrição, não?

Concordou com a cabeça.

– Esta é sua fotografia, não?

Acenou que sim com a cabeça e então, olhando para sua fotografia na circular, começou a tremer, os lábios, as mãos, as pernas.

Empurrei uma cadeira atrás dele e disse “Sente-se” e ele se deixou cair nela e fechou os olhos, apertando as pálpebras. Peguei a circular de suas mãos inertes.

George Propper, encostado na moldura da porta, abriu seu sorriso frouxo para mim e Wally e disse:

– Então caso encerrado, vocês dois sortudos dividem uma milha e meia do dinheiro da recompensa. Wally sortudo! Se não são férias em Nova York por conta da cidade é dinheiro de recompensa.

Furman pulou da cadeira e gritou:

– É mentira! É uma armação. Vocês não podem provar nada. Não há nada a provar. Nunca matei ninguém. Não vou aceitar esta armação. Não vou...

Empurrei-o de novo na cadeira.

– Vamos com calma – falei. – Você está desperdiçando seu fôlego aqui. Guarde o fôlego para a polícia da Filadélfia. Estamos apenas segurando você para eles. Se existe algo errado é lá, não aqui.

– Mas não é a polícia. É a Agência de Dete...

– Vamos entregá-lo para a polícia.

Começou a dizer algo, parou, soluçou, fez um pequeno gesto inútil com as mãos e tentou sorrir.

– Então não há nada que eu possa fazer agora?

– Não há nada que nenhum de nós possa fazer até o amanhecer – falei. – Vamos ter de revistá-lo e depois não vamos chateá-lo mais até que eles venham apanhar você.

Na mala de viagem preta encontramos duas mudas de roupas, alguns artigos de toalete e uma 38 automática carregada. Em seus bolsos encontramos 160 e poucos dólares, um talão de cheques de um banco da Filadélfia, cartões de visita, umas poucas cartas que pareciam mostrar que ele estava no ramo imobiliário e o tipo de miudezas que geralmente a gente encontra em bolsos de homens. Enquanto Wally colocava essas coisas no cofre, mandei George Propper engaiolar Furman.

George chocalhou as chaves no seu bolso e disse:

– Vamos indo, querido. Há três dias que não temos ninguém no nosso xilindró. Vai ser todo seu, igualzinho a uma suíte no Ritz.

Furman disse “Boa noite e obrigado” para mim e acompanhou George.

Quando George voltou, ele se encostou de novo na ombreira da porta e perguntou:

– Que tal os rapazes de coração grande me darem uma pequena sobra daquele dinheiro manchado de sangue?

Wally disse:

– Claro. Vou esquecer daqueles dois e meio que você me deve há três meses.

Eu falei:

– Faça com que ele se sinta o mais confortável que você puder, George. Se pedir alguma coisa, tome as providências.

– Ele é valioso, hein? Se fosse algum vagabundo que não representasse nenhum níquel para vocês... Talvez eu devesse tirar um travesseiro de minha cama e dar para ele.

Cuspiu na escarradeira e errou o alvo.

– Ele é igualzinho a todos os outros para mim.

Pensei: *Qualquer dia destes vou esquecer que seu tio é presidente do conselho municipal e vou mandar você de volta à sarjeta.* Eu disse:

– Fale o quanto você quiser, mas faça o que eu mandar.

Eram cerca de quatro horas quando cheguei em casa – minha fazenda ficava um pouco fora da cidade –, e talvez meia hora depois fui dormir. O telefone me acordou às 6h05.

Era a voz de Wally:

– É melhor vir até aqui, Scott. O tal do Furman se enforcou.

– O quê?

– Com o seu cinto, de uma grade na janela, está mortinho da silva.

– Certo. Estou a caminho. Telefone para Ben Kamsley dizendo que eu o apanho a caminho da cidade.

– Nenhum médico vai consegur fazer nada com este cara, Scott.

– Não vai doer dar uma olhadinha nele – insisti. – É melhor você telefonar para Douglassville, também.

Douglassville era a sede do condado.

– Ok.

Wally me telefonou de novo enquanto eu me vestia para dizer que Ben Kamsley tinha sido chamado num caso de emergência e estava do outro lado da cidade, mas sua mulher ia entrar em contato com ele e avisar para que passasse na chefatura a caminho de casa.

Quando, dirigindo para a cidade, eu estava a uns quinze ou vinte metros da lanchonete Red Top, Heck Jones saiu com um revólver na mão e começou a atirar em dois homens numa baratinha que tinha acabado de me ultrapassar.

Enfiei a cabeça para fora da janela e gritei para ele enquanto girava meu carro:

– Que é isto?

– Um assalto – berrou com raiva. – Me espere.

E deu outro tiro que deve ter errado meu pneu dianteiro por menos de uma polegada e galopou em minha direção com o avental batendo em suas pernas gordas. Abri a porta para ele, ele espremeu seu corpanzil do meu lado e partimos à caça da baratinha.

– O que me chateia – falou – é que fizeram a coisa como uma piada. Eles entram, só pedem presunto, ovos e café, e então começam a brincar meio que sussurrando e apontam as armas para mim como se fosse uma piada.

– Quanto levaram?

– Sessenta, mais ou menos, mas não é isso o que me chateia tanto, é que

fizeram a coisa como se fosse uma piada.

– Deixa pra lá – falei. – Vamos pegá-los.

E quase que não conseguimos. Eles saíram à nossa frente na corrida. Nós os perdemos algumas vezes e finalmente os pegamos mais por sorte do que por outra coisa, alguns quilômetros depois da divisa estadual.

Não tivemos problema algum em pegá-los depois que os alcançamos, mas eles sabiam que tinham cruzado a divisa do estado e insistiram numa extradição regular, de modo que tivemos de levá-los para Badington, e pô-los na cadeia até que os papéis necessários pudessem ser enviados. Só às dez horas tive uma chance de ligar para meu escritório.

Hammill atendeu o telefone e me disse que Ted Carroll, nosso promotor público, estava lá e então falei com Ted, embora não tanto quanto ele falou comigo.

– Ouça, Scott – perguntou excitado –, o que é tudo isso?

– Tudo o quê?

– Esta palhaçada, esta bobajada toda.

– Não sei o que quer dizer – falei. – Não foi suicídio?

– Claro que foi suicídio, mas passei um telegrama para a Transamericana e eles me telefonaram há poucos minutos e disseram que nunca mandaram circular nenhuma sobre Furman, não sabiam de nenhum crime pelo qual ele fosse procurado. Tudo o que sabiam é que ele era um cliente deles.

Não pude pensar em nada para dizer exceto que estaria de volta a Deerwood ao meio-dia. E estava.

Quando entrei no escritório, encontrei Ted na minha escrivaninha com o telefone colado ao ouvido, dizendo:

– Sim... Sim... Sim.

Pôs o fone no gancho e perguntou:

– Que aconteceu com você?

– Uns rapazes assaltaram a lanchonete Red Top e tive de caçá-los até Badington.

Sorriu com um lado da boca:

– A cidade está escapando às suas mãos?

Eu e ele estávamos de lados opostos da cerca, politicamente, e levávamos a política a sério no condado de Candle.

Devolvi o sorriso.

– É o que parece, com um crime em seis meses.

– E isto.

Apontou um dedo para os fundos do edifício, onde ficavam as celas.

– O que é que tem isso? Vamos falar nisso.

– Está tudo errado – disse. – Acabei de falar com a polícia da Filadélfia. Não houve nenhum Paul Frank Dunlap assassinado lá que seja do conhecimento deles; eles não têm nenhum crime sem explicação no dia 26 do mês passado.

Olhou para mim como se fosse minha culpa:

– O que você arrancou de Furman antes que o deixasse se enforcar?

– Que ele era inocente.

– Você não fez um interrogatório cerrado? Não descobriu o que ele estava fazendo na cidade? Você não...?

– Pra quê? – perguntei. – Ele admitiu que seu nome era Furman, a descrição casava, a fotografia era dele, a Transamericana tinha credibilidade. A Filadélfia o procurava, eu não. Claro, se soubesse que ia se enforcar... Você disse que ele era cliente da Transamericana. Eles disseram o tipo de serviço?

– Sua mulher o deixou há uns dois anos e ele os contratou para caçá-la por cinco ou seis meses, mas nunca a encontraram. Estão mandando um homem hoje para dar uma olhada.

Levantou-se.

– Vou ver se almoço alguma coisa.

Na porta virou a cabeça sobre o ombro para dizer:

– É provável que esta história dê confusão.

Eu sabia disso; geralmente há confusão quando alguém morre numa cela.

George Propper entrou sorrindo todo feliz.

– E aí, que fim levaram aqueles mil e quinhentos?

– O que aconteceu na noite passada? – perguntei.

– Nada. Ele se enforcou.

– Você o encontrou?

Sacudiu a cabeça:

– Wally foi dar uma olhada para ver como estavam as coisas antes de entrar de folga e o encontrou.

– Você estava dormindo, eu imagino.

– Bem, eu estava tirando um cochilo, acho – resmungou –, mas todo mundo faz isso de vez em quando, até Wally às vezes quando volta de suas rondas e eu sempre acordo quando o telefone toca ou coisa assim. E mesmo que eu estivesse acordado. Você não pode ouvir um cara se enforcando.

– Kamsley disse há quanto tempo ele estava morto?

– Ele se enforcou por volta das cinco, na opinião de Kamsley. Quer dar uma olhada nos restos mortais? Estão na agência funerária do Fritz.

Eu disse:

– Agora, não. É melhor você ir para casa e dormir mais um pouco para que sua insônia não o deixe acordado esta noite.

Ele falou:

– Eu me sinto tão mal quanto você e Wally por terem perdido toda aquela grana – e saiu com um sorrisinho de satisfação.

Ted Carroll voltou do almoço com a idéia de que talvez houvesse uma ligação entre Furman e os dois homens que tinham roubado Heck Jones. Aquilo não parecia fazer muito sentido, mas prometi investigar. Naturalmente, nunca encontramos tal ligação.

Naquela noite, chegou um sujeito chamado Rising, gerente assistente da filial da Filadélfia da Agência de Detetives Transamericana. Trazia com ele o advogado do morto, um homem magricela e asmático chamado Wheelock. Depois que identificaram o corpo, voltamos ao meu escritório para uma reunião.

Não levei muito tempo para contar a eles tudo o que eu sabia, com o fato adicional, que eu tinha descoberto aquela tarde, de que a polícia na maioria das cidades de nossa região do estado tinha recebido cópias da circular oferecendo a recompensa. Rising examinou a circular e chamou-a de uma excelente falsificação: papel, estilo, tipologia, era tudo quase exatamente igual ao usado por sua agência.

Disseram-me que o morto era um cidadão bastante conhecido, respeitável e próspero da Filadélfia. Em 1938, tinha casado com uma jovem de 22 anos chamada Ethel Brian, filha de uma família respeitável, ainda que não próspera, também da Filadélfia. Tiveram um bebê, nascido em 1940, mas que viveu apenas poucos meses. Em 1941, a mulher de Furman desapareceu e nem ele nem a família souberam dela desde então, embora ele tivesse gasto um bom dinheiro tentando encontrá-la. Rising mostrou-me uma fotografia dela, uma loura de feições miúdas, bonita, com uma boca

frágil e grandes olhos arregalados.

– Gostaria de ter uma cópia – falei.

– Pode ficar com esta. É uma das muitas que fizemos. Sua descrição está no verso.

– Obrigado. E ele não se divorciou?

Rising sacudiu a cabeça com ênfase.

– Não, senhor. Estava muito apaixonado por ela e parecia pensar que a morte da criança tinha deixado a garota meio biruta, sem saber o que estava fazendo.

Olhou para o advogado.

– Não é isso?

Wheelock fez uns sons asmáticos e disse:

– Esta é a minha opinião.

– Você disse que ele tinha dinheiro. Mais ou menos quanto, e quem vai herdar?

O advogado esquelético fungou um pouco mais e falou:

– Eu diria que o seu espólio chegará a talvez meio milhão de dólares, deixados em sua totalidade para sua esposa.

Aquilo me deu algo para pensar, mas o que pensei não me ajudou no momento.

Não sabiam dizer por que ele tinha vindo para Deerwood. Parecia nunca dizer a ninguém para onde ia, simplesmente avisou aos empregados e funcionários que ia deixar a cidade por um dia ou dois. Nem Rising nem Wheelock sabiam que tivesse inimigos. Isso era o que se sabia.

E era ainda o que se sabia no inquérito no dia seguinte. Tudo indicava que alguém havia feito uma armação para cima de Furman que o levou a nossa cadeia, e a armação o levou ao suicídio. Nada indicava qualquer outra coisa. E tinha de haver algo mais, muito mais.

Um pouco do algo começou a aparecer imediatamente depois do inquérito. Ben Kamsley estava me esperando quando deixei a agência funerária onde tivera lugar a investigação criminal.

– Vamos fugir desta multidão – disse ele. – Quero lhe contar uma coisa.

– Venha comigo ao escritório.

Fomos até o escritório. Ele fechou a porta, que geralmente ficava aberta, e sentamos num canto da minha escrivaninha. Sua voz era baixa:

– Duas daquelas equimoses eram visíveis.

– Que equimoses?

Olhou curiosamente para mim por um segundo e então colocou a mão no alto da sua cabeça.

– Furman. Debaixo do cabelo dele havia duas equimoses.

Tentei me refrear e não gritar.

– Por que não me contou?

– Estou lhe contando. Você não estava aqui naquela manhã. Esta é a primeira vez que vejo você desde então.

Amaldiçoei os dois marginais que me mantiveram afastado assaltando a lanchonete Red Top e perguntei:

– Então por que não deu o serviço quando testemunhava no inquérito?

Ele fechou a cara:

– Sou seu amigo. Não ia querer colocá-lo numa sinuca em que as pessoas diriam que você levou este sujeito ao suicídio ao prendê-lo de uma maneira muito dura.

– Você é maluco. E como estava a cabeça dele?

– Aquilo não o matou, se é o que quer saber. Não há nenhum problema com o seu crânio. Apenas duas equimoses que ninguém notaria a não ser que repartisse os cabelos.

– Matou ele de qualquer maneira – rosnei. – Você e a sua *amizade*...

O telefone tocou. Era Fritz.

– Ouça, Scott – falou –, tem duas senhoras aqui que querem dar uma olhada no sujeito. Posso deixar?

– Quem são elas?

– Não conheço... são de fora da cidade.

– Por que elas querem ver o sujeito?

– Não sei. Espere um minuto.

Uma voz de mulher se fez ouvir pelo telefone.

– Não posso dar uma olhada nele?

Era uma voz muito agradável e sincera.

– Por que gostaria de vê-lo? – perguntei.

– Bem, eu... – houve uma longa pausa – ...eu sou – uma pausa mais curta e quando ela terminou a frase sua voz não parecia muito mais do que um sussurro – ...a esposa dele.

– Oh, certamente – falei. – Vou até aí agora mesmo.

Saí apressado.

Quando deixava o edifício, encontrei Wally Shane. Vestido à paisana, porque estava de folga.

– Ei, Scott?

Pegou meu braço e arrastou-me de volta para o vestíbulo, fora de vista da rua.

– Duas damas chegaram no Fritz assim que eu ia saindo. Uma delas é Hotcha Randall, uma garota com uma ficha grande como o seu braço. Você sabe que ela está naquela gangue que me mandou investigar em Nova York no verão passado.

– Ela conhece você?

Sorriu.

– Claro. Mas não pelo nome verdadeiro, ela pensa que sou um bandido de Detroit.

– Quero dizer, ela reconheceu você agora há pouco?

– Não acho que me viu. De qualquer maneira, se viu não pareceu me reconhecer.

– Você não conhece a outra?

– Não. É uma loura, bem bonita.

– Ok – falei. – Fique por aqui, mas fora de vista. Talvez eu traga as duas de volta comigo.

Atravessei a rua até a agência funerária.

Ethel Furman era mais bonita do que a fotografia indicava. A mulher com ela era cinco ou seis anos mais velha, bem maior, bonita de um jeito grande e de certo modo vulgar. As duas estavam atraentemente vestidas em estilos que ainda não haviam chegado a Deerwood. A grandalhona foi apresentada a mim como sra. Crowder. Eu falei:

– Pensei que seu nome fosse Randall.

Ela riu.

– Que diferença faz, chefe? Não estou bagunçando a sua cidade.

Eu disse:

– Não me chame de chefe. Para vocês espertalhonas da cidade grande eu sou apenas o cirurgião da vila. Vamos entrar aqui por trás.

Ethel Furman não teve nenhum chilique quando viu o marido. Apenas olhou gravemente seu rosto por cerca de três minutos, depois se afastou e disse para mim:

– Obrigada.

– Vou ter de fazer algumas perguntas – falei –, por isso gostaria que viesse até o outro lado da rua...

Ela concordou com a cabeça.

– E eu gostaria de fazer-lhe algumas perguntas.

Olhou para a companheira.

– Será que a sra. Crowder pode...

– Chame-a de Hotcha – falei. – Estamos entre amigos. Claro, ela pode vir também.

A tal da Randall disse:

– Divertido, você.

E pegou no meu braço.

No meu escritório eu lhes dei cadeiras e falei:

– Antes de perguntar qualquer coisa quero lhes dizer algo. Furman não cometeu suicídio. Ele foi assassinado.

Ethel Furman arregalou os olhos.

– Assassinado?

Hotcha Randall disse logo, como se tivesse as palavras na ponta da língua:

– Nós temos álibis. Estávamos em Nova York. Podemos provar isso.

– Vai ter uma chance de provar isso, também – falei a ela. – E, afinal, por que vocês vieram parar aqui?

Ethel Furman repetiu num tom entorpecido:

– Assassinado?

A tal da Randall disse:

– Quem teria mais direito de vir até aqui? Ela ainda era a esposa dele, não era? Tem direito a uma parte do seu espólio, não tem? Tem o direito de defender seus próprios interesses, não?

Aquilo me lembrou de algo. Peguei o telefone e disse a Hammill para mandar alguém atrás do advogado Wheelock, que tinha ficado para o inquérito, naturalmente, antes que deixasse a cidade e dizer que eu queria vê-lo.

– Wally está por aí?

– Não está aqui. Ele disse que você mandou que ficasse fora de vista. Mas vou encontrá-lo.

– Certo. Diga que quero que ele vá a Nova York esta noite. Mande Mason para casa para dormir um pouco. Ele vai ter de cobrir a ronda

noturna de Wally.

Hammill disse “Ok” e eu voltei para minhas convidadas.

Ethel Furman tinha saído do seu torpor. Inclinou-se para a frente e perguntou:

– Sr. Anderson, o senhor acha que eu tive... qualquer coisa a ver com Lester... com a morte dele?

– Não sei. Sei que ele foi morto. Sei que deixou para você algo em torno de meio milhão.

A tal da Randall assobiou suavemente. Aproximou-se e botou uma mão com anel de diamante no meu ombro.

– Dólares?

Quando confirmei com a cabeça, a euforia abandonou seu rosto, tornando-o sério.

– Tudo bem, chefe – falou –, não seja um palhaço. A garota nada teve a ver com o que quer que você acha que aconteceu. Lemos sobre o suicídio dele no jornal da manhã de ontem e que havia algo estranho na história e eu a convenci a vir até aqui e...

Ethel Furman interrompeu a amiga.

– Sr. Anderson, eu não faria nada para machucar Lester. Eu o deixei porque queria deixá-lo, mas não teria feito nada a ele por dinheiro ou qualquer outra coisa. Se eu quisesse o dinheiro dele, tudo o que tinha a fazer era pedir. Ele até publicou anúncios nos jornais dizendo para mim que se eu quisesse qualquer coisa era só falar para ele, mas eu nunca fiz. Você pode... o advogado dele, qualquer pessoa que sabia a respeito pode lhe dizer isso.

A tal da Randall prosseguiu a história:

– É a verdade, chefe. Eu venho dizendo a ela que é uma otária por não arrancar grana dele, mas ela nunca faria isso. Tive muita dificuldade em convencê-la a correr atrás da sua parte, agora que ele está morto e não tem ninguém mais para deixar a grana.

Ethel Furman disse:

– Eu nunca o teria machucado.

– Por que o deixou?

Ela sacudiu os ombros.

– Não sei como explicar. O jeito que a gente vivia não era o jeito como eu queria viver. Eu queria... não sei bem o quê. De qualquer maneira, depois

que o bebê morreu eu não podia agüentar mais aquela vida e me mandei, mas não queria nada dele e nunca o teria machucado. Ele sempre foi bom para mim. Eu era... era eu que estava errada.

O telefone tocou. A voz de Hammill.

– Encontrei os dois. Wally está em casa. Dei o recado a ele. O velho Wheelock está a caminho.

Apanhei a circular falsa e mostrei para Ethel Furman.

– Foi isso que o botou na cadeia. Já viu esta foto antes?

Ela começou a dizer "Não" e então um olhar assustado tomou conta do seu rosto.

– Ora, é... não pode ser. É... é um instantâneo que eu tinha... que tenho. É uma ampliação dele.

– Quem mais tem uma cópia?

Seu rosto ficou mais assustado, mas ela disse:

– Ninguém que eu saiba. Não acho que ninguém mais possa ter um.

– Ainda tem o seu?

– Sim. Não me lembro se o vi há pouco tempo... estava com algumas coisas e papéis velhos... mas deve estar comigo.

Eu disse:

– Bem, sra. Furman, é coisa desse tipo que tem de ser verificada, e nenhum de nós pode escapar a isso. Existem duas maneiras de tratarmos a questão. Eu posso detê-la aqui sob suspeita até que tenha tempo de conferir as coisas ou posso mandar um de meus homens até Nova York com a senhora para a verificação. Estou disposto a fazer isso se a senhora apressar as coisas ajudando o quanto puder e se me prometer que não vai tentar nenhum truque.

– Eu prometo – disse ela. – Estou tão ansiosa quanto o senhor para...

– Muito bem. Como chegou aqui?

– Viemos de carro – disse a dona chamada Randall. – Aquele é o meu carro, o verde grande do outro lado da rua.

– Ótimo. Então podemos voltar de carro com você, mas não tente nenhum truque.

O telefone tocou de novo enquanto elas estavam me garantindo que não haveria nenhum truque. Hammill disse:

– Wheelock está aqui.

– Mande entrar.

A asma do advogado quase o estrangulou quando viu Ethel Furman. Antes que ele pudesse se recuperar, perguntei:

– Esta é realmente a sra. Furman?

Ele balançou a cabeça para cima e para baixo, ainda ofegante.

– Ótimo – falei. – Espere por mim. Volto em pouco tempo.

Conduzi as duas mulheres para fora, atravessando a rua até o carro verde.

– Direto até o final da rua e então dois quarteirões à esquerda – falei para a Randall, que estava na direção.

– Aonde estamos indo? – perguntou.

– Encontrar Shane, o homem que vai até Nova York com você.

A sra. Dober, a senhoria de Wally, abriu a porta para nós.

– Wally está? – perguntei.

– Sim, por certo, sr. Anderson. Pode subir.

Ela observou com olhos arregalados e curiosidade minhas acompanhantes enquanto falava comigo.

Subimos um lance de escadas e bati à sua porta.

– Quem é? – perguntou.

– Scott.

– Entre.

Abri a porta e fiquei de lado para deixar entrar as mulheres.

Ethel Furman sufocou um grito e disse:

– Harry.

E deu um passo para trás.

Wally tinha uma das mãos atrás, mas minha arma já estava empurrada.

– Acho que você ganhou – disse ele.

Eu falei que achava que sim e voltamos todos para a chefatura.

– Sou um babaca – queixou-se quando estávamos sozinhos no meu escritório. – Eu sabia que tudo tinha terminado quando vi aquelas duas damas entrando no Fritz. Então, quando estava me afastando e encontrei você, fiquei com medo de que me levasse até lá e por isso tive de dizer que uma delas me conhecia, imaginando que você ia querer me manter escondido por algum tempo pelo menos... o suficiente para que eu saísse da cidade. E então não tive o bom senso de me mandar.

“Voltei em casa para apanhar umas coisas antes de me arrancar, aquele telefonema do Hammill me pegou e eu caí na esparrela. Achei que estava

tendo uma chance. Achei que você não tinha sacado a história ainda e ia me mandar para Nova York, como o bandido de Detroit de novo, para ver que tipo de informação eu podia arrancar daqueles caras, e eu ia ficar numa boa. Bem, você me enganou, meu irmão, ou não... Ouça, Scott, você não descobriu tudo acidentalmente, descobriu?”

– Não. Furman tinha sido assassinado por um tira. Um tira conhecia bem as circulares de recompensa para fazer um bom trabalho de falsificação. Quem imprimiu esta para você?

– Continue sua história – falou. – Não vou arrastar ninguém comigo. Foi só um impressor imbecil que precisava de grana.

– Ok. Só um tira seria capaz de conhecer bem a rotina e saber como as coisas seriam encaminhadas. Só um tira, um dos meus tiras, seria capaz de entrar em sua cela, golpeá-lo na cabeça e pendurá-lo na... Bem, as equimoses ficaram visíveis.

– Ficaram? Eu enrolei o cassetete numa toalha, achando que ia apagá-lo sem deixar uma marca que alguém encontrasse debaixo dos cabelos. Parece que cometi uma porção de erros.

– E então a suspeita recaiu mais ainda sobre um dos meus tiras – continuei –, e... bem... você me falou que conhecia a tal de Randall e lá estava, só que eu imaginei que você estivesse trabalhando com elas. O que foi que meteu você nesta história?

Fez uma boca amarga:

– O que mete a maioria dos trouxas em confusão? O desejo de grana fácil. Estou em Nova York, sacou, trabalhando naquela investigação do Dutton para você, me misturando com jogadores e chantagistas, passando por um deles; e começo a pensar que aqui meu trabalho exige tanto tutano quanto o deles, que é tão duro e perigoso como o deles, mas eles estão levando muita grana e eu estou trabalhando pelo café e pelas rosquinhas. Esse tipo de coisa incomoda a gente.

“Então dou de cara com esta Ethel e ela se derrete por mim como um sorvete no sol. Eu gosto dela também e por isso a coisa é legal; mas uma noite ela me fala do seu marido e de quanta grana ele tem e como é louco por ela e ainda está tentando encontrá-la e começo a pensar. Penso que ela é louca o bastante por mim para se casar comigo. Acho ainda que ela se casaria comigo se não soubesse que eu o matei. Divorciar-se dele não é bom negócio, porque as chances são de que ela não receberia nenhum dinheiro e,

de qualquer maneira, seria só uma parte. Então comecei a pensar, supondo que ele morresse e deixasse para ela a bolada.

“Achei que era por aí. Fui até a Filadélfia umas duas tardes e dei uma olhada nele e tudo parecia numa boa. Ele nem mesmo tinha algum parente próximo o suficiente para merecer uma pequena grana. Então eu parti para a ação. Não imediatamente; usei meu tempo elaborando os detalhes, enquanto me correspondia com ela por intermédio de um cara em Detroit.

“E então mandei aquelas circulares para uma porção de lugares, esperando não chamar muito a atenção neste aqui. E quando ele estava pronto telefonei para ele dizendo que, se viesse ao Deerwood Hotel aquela noite, em algum momento entre aquela e a noite seguinte teria notícias de Ethel. E, como pensei, ele seguiria qualquer pista que encontrasse sobre ela. Quando você o viu na estação surgiu um problema. Se não o tivesse encontrado, eu teria só de descobrir que ele estava hospedado no hotel naquela noite. De qualquer maneira, eu o teria matado e em pouco tempo ia começar a beber ou coisa parecida, você ia me demitir e eu me casaria com Ethel e seu meio milhão com meu nome de Detroit.”

Fez a boca amarga de novo:

– Só que não sou tão esperto quanto pensava.

– Talvez seja – falei –, mas isso nem sempre ajuda. O velho Kamsley, o pai de Ben, costumava dizer: “Uma faca afiada pede um bife duro”. Lamento que tenha entrado nessa, Wally. Sempre gostei de você.

Ele sorriu, cansado.

– Eu sei que você gostava de mim – falou – e estava contando com isso

OceanofPDF.com

AGRADECIMENTOS

Este livro percorreu um caminho longo e demorado até a publicação, e muito se deve à gentileza e ao encorajamento de amigos e colegas: Glenn Lord, Walter Martin, Robert Weinberg, Gordon R. Dickinson, David Drake, T. E. D. Klein, Judy Zelazny, Isidore Hailblum, Richard Layman, Otto Penzler, Larry Segriff, William F. Nolan e Kay McCauley.

Também agradecemos aos nossos bons e pacientes agentes, Kassandra Duane e Joy Harris; e ao livreiro nova-iorquino Jon White por seu auxílio inteligente em localizar contos em revistas e livros antigos e raros.

Temos uma dívida igualmente para com Martin Asher da Vintage Books e Sonny Mehta da Alfred A. Knopf, pelo apoio contínuo durante o período bastante longo que se passou desde o contrato até a publicação. Edward Kastenmeier fez o melhor tipo de editoração que se pode pedir: exato, inteligente e repleto de boas críticas e sugestões.

Finalmente é necessária uma saudação a Ellery Queen. Ele era um grande conhecedor da arte do mistério e dos contos policiais, e sua crença nas histórias curtas de Dashiell Hammett, bem como a publicação dessas histórias durante quase vinte anos, é uma realização duradoura.

Os Editores[5]

---

[5] Kirby McCauley, Ed Gorman, Martin H. Greenberg e William F. Nolan são os editores responsáveis pela edição original de 1999 pela Alfred Knopf. Inc., na qual se baseou esta tradução.

OceanofPDF.com

MORTE NA PINE STREET

Uma empregada roliça de olhos verdes atrevidos e lábios grossos folgados me fez subir dois lances de escada e me introduziu num quarto faustosamente mobiliado, onde uma mulher de preto sentava-se à janela. Era uma mulher magra de trinta e poucos anos, a viúva do homem assassinado, e seu rosto estava branco e encovado.

– O senhor é da Agência de Detetives Continental? – perguntou, antes mesmo que eu desse dois passos no quarto.

– Sou.

– Quero que encontre o assassino de meu marido. – Sua voz era estridente, e faiscava uma luz selvagem de seus olhos escuros. – A polícia nada faz. Quatro dias, e ainda não fizeram nada. Dizem que foi um ladrão, mas não o encontraram. Não encontraram nada!

– Mas, sra. Gilmore – comecei, nada animado com a irrupção –, a senhora precisa...

– Eu sei! Eu sei! – interrompeu. – Mas não fizeram nada. Nada, está me ouvindo? Não creio que tenham feito o menor esforço. Acho que não querem achar... e-ele.

– Ele? – indaguei, porque parecia que iria dizer *ela*. – A senhora acha que foi um homem?

Mordeu o lábio e voltou o olhar pela janela, para a baía de San Francisco, azul no sol de início de tarde, com seus barcos como de brinquedo na distância.

– Não sei – hesitou. – Pode ser que tenha...

Seu rosto girou em minha direção – um rosto cheio de contrações – e parecia impossível que alguém fosse capaz de falar tão depressa, jorrar palavras tão rapidamente uma após a outra.

– Eu lhe conto, e o senhor pode julgar por si mesmo. Bernard não era fiel a mim. Havia uma mulher, que se chamava Cara Kenbrook. Não foi a primeira. Mas só fiquei sabendo dela no mês passado. Brigamos. Bernard prometeu desistir dela. O que talvez não tenha feito. Mas, caso tenha, não duvido de que ela fosse capaz... uma mulher assim faria qualquer coisa... qualquer coisa. E no fundo do meu coração, acredito que foi mesmo ela!

– E a senhora acha que a polícia não quer prendê-la?

– Não queria dizer isso, exatamente. Estou muito agitada, e acabo

dizendo qualquer coisa. O senhor sabe, Bernard estava envolvido em política; e se a polícia descobrisse, ou imaginasse, que sua morte teve algo a ver com política, eles poderiam... não sei exatamente o que quero dizer. Sou uma mulher nervosa, quebrantada, e estou cheia de idéias malucas. – Estendeu-me uma mão esguia. – Desvende esse mistério para mim! Encontre a pessoa que matou Bernard!

Meneei afirmativamente a cabeça, com falsa certeza, ainda não muito entusiasmado com minha cliente.

– A senhora conhece essa tal srta. Kenbrook? – perguntei.

– Já a vi na rua, o que basta para saber o tipo de pessoa de que se trata!

– A senhora a mencionou à polícia?

– Na-não. – Ela olhou pela janela novamente e, como continuei aguardando, acrescentou em seguida, em tom defensivo: – Os detetives da polícia que me interrogaram deram a impressão de achar que eu poderia ter matado Bernard. Tive medo de dizer a eles que existiam motivos para ciúmes. Talvez eu não devesse ter me silenciado a respeito daquela mulher, mas só passei a desconfiar dela depois, quando a polícia não encontrou o assassino. Aí comecei a achar que foi ela, sim; mas não consegui encontrar a coragem para procurar a polícia e explicar que eu havia suprimido essa informação. Eu sabia o que eles iriam pensar. Por isso, eu... o senhor pode ajeitar as coisas para parecer que eu não sabia nada sobre a mulher, não pode?

– Talvez. Agora, conforme entendi, seu marido levou um tiro na Pine Street, entre as esquinas da Leavenworth com a Jones, por volta das três horas da manhã de terça-feira. Está correto?

– Está.

– Para onde ele ia?

– Vinha para casa, suponho, mas não tenho a menor idéia de onde estava vindo. A polícia ainda não descobriu, se é que tentou saber. Na segunda à noite, ele me disse que tinha um encontro de negócios. O senhor sabe, ele trabalhava com empreendimentos imobiliários. Ele saiu de casa por volta de onze e meia da noite, dizendo que voltaria dali a quatro ou cinco horas.

– Não é um horário meio estranho para um encontro de negócios?

– Não para Bernard. Era muito comum virem pessoas para cá à meia-noite.

– A senhora não tem nenhum palpite com relação ao rumo dele naquela noite?

Ela meneou a cabeça com insistência.

– Não. Eu não sabia nada sobre seus negócios, e nem os funcionários do seu escritório parecem saber aonde ele foi naquela noite.

Não era nada improvável. A maioria das empreitadas da Construtora B.F. Gilmore eram obras públicas, e a realização de reuniões secretas não é inteiramente inédita nesse ramo. O político-empreiteiro nem sempre atua de maneira aberta.

– E quanto a inimigos? – indaguei.

– Não conheço ninguém que o odiasse o suficiente para matá-lo.

– Onde mora a tal da srta. Kenbrook, a senhora sabe?

– Sei... no Edifício Garford, na Bush Street.

– A senhora não esqueceu de dizer nada para mim, esqueceu? – perguntei, dando um pouco de ênfase ao *mim*.

– Não, disse tudo o que sei... tudinho.

Caminhando em direção à California Street, vasculhei minha memória em busca de qualquer coisa que houvesse escutado a respeito de Bernard Gilmore. Vieram-me algumas lembranças – os jornais de oposição costumavam denunciá-lo a cada ano eleitoral –, mas nada que me fosse útil. Conhecia o sujeito de vista: um homem corado e tempestuoso que começara como servente de pedreiro e subira na marra à posição de figurão político e dono de um negócio de meio milhão de dólares. “Um casca-grossa que fazia as mãos na manicure”, assim tinha sido descrito por alguém; um homem de muitos inimigos e um número de amigos ainda maior; um grande brigão, bem-humorado e duro na queda.

Enquanto rumava para o centro equilibrando-me sobre o diminuto banco lateral do bonde, borboletearam por minha cabeça detalhes esquecidos de uma dezena de escândalos de corrupção em que ele estivera envolvido, sem que ninguém conseguisse incriminá-lo de fato. Depois, houve aquela história de uma organização para a venda clandestina de bebidas alcoólicas, da qual ele teria sido o chefe...

Saltei do carro na Kearny Street e caminhei até o Palácio de Justiça. Encontrei O’Gar, o detetive-sargento encarregado do plantão de homicídios, na sala de reuniões dos detetives. Era um cinqüentão atarracado com uma queda para chapéus de aba larga, do tipo xerife de cinema, mas esse adorno

excêntrico em nada interferia com sua cabeça em forma de bala e seus olhinhos azuis espertos.

– Qual é o babado sobre a morte do Gilmore? – perguntei.

– Eu bem que queria saber – retorquiu ele. – Mas vem comigo enquanto eu como alguma coisa, e eu lhe passo o pouco que sei. Ainda não almocei.

Fomos a um boteco barulhento na Sutter Street onde ninguém nos ouviria, e o detetive me contou o que sabia sobre o assassinato, o que não chegava a ser muita coisa.

– Um dos rapazes, o Kelly, estava fazendo sua ronda na madrugada de terça-feira, descendo a ladeira da Jones Street, da California Street até a Pine. Eram umas três horas da manhã, sem névoa nem nada, uma noite limpa. Kelly estava a uns seis, sete metros da Pine Street, quando ouviu um tiro. Ele dobrava a esquina correndo e encontrou um homem morrendo na calçada norte da Pine Street, entre a Jones e a Leavenworth. Mais ninguém à vista. Kelly foi até o homem e descobriu que era Gilmore. Gilmore morreu sem conseguir dizer uma palavra. Os médicos disseram que ele foi derrubado antes de levar o tiro, porque tem um hematoma na testa e porque a trajetória da bala no seu peito foi ascendente. Deu para entender? Ele estava deitado, de costas, quando a bala o atingiu, com os pés voltados na direção da arma. Era uma arma calibre 38.

– Tinha algum dinheiro com ele?

O’Gar tomou duas colheres de sopa e meneou a cabeça afirmativamente.

– Seiscentas pratas, alguns diamantes e um relógio. Não levaram nada.

– O que ele fazia na Pine Street nessa hora da madrugada?

– Sei lá, meu irmão. Vai ver ele estava indo para casa, mas não conseguimos descobrir onde ele esteve antes. Nem sabemos para que lado estava caminhando quando foi derrubado. Ele estava deitado na calçada com os pés virados para a sarjeta, mas isso não quer dizer nada. O corpo dele pode ter girado até três ou quatro vezes depois de ser baleado.

– Naquele quarteirão, é tudo prédio residencial, não é?

– É, sim. Tem uns becos partindo do lado sul, mas Kelly afirma que já conseguia enxergar a entrada dos dois becos no momento em que ouviu o tiro, antes de dobrar a esquina, e que ninguém fugiu por eles.

– Você acha que foi alguém que mora naquele quarteirão? – indaguei.

– Pode ser. Mas nada indica que Gilmore conhecia alguém ali.

– Juntou muita gente depois do tiro?

– Algumas pessoas. Sempre tem gente na rua que vem correndo assim que acontece alguma coisa. Mas Kelly disse que não havia ninguém estranho, só os notívagos de sempre. Os rapazes deram uma busca na área, mas não encontraram nada.

– Algum carro na vizinhança?

– Kelly disse que não tinha, que não viu nenhum, e que não poderia deixar de ver se tivesse.

– O que você acha que aconteceu? – perguntei.

Ele ficou de pé e me fitou penetrante.

– Eu não acho nada – disse mal-humorado. – Sou um detetive de polícia.

Intuí, por esse comentário, que alguém andava fazendo cobranças pelo fato de não terem encontrado o assassino.

– Tenho uma pista, uma mulher – confidenciei. – Quer vir comigo para conversarmos com ela?

– Querer, quero – rosnou –, mas não posso. Tenho uma audiência no fórum hoje à tarde.

Na portaria do Edifício Garford, apertei várias vezes a campainha ao lado do nome srta. Cara Kenbrook, até abrirem a porta. Em seguida, subi um lance de escadas e desci o corredor até a porta dela. Não demorou para que fosse aberta por uma moça alta, de uns 23 ou 24 anos, em um vestido de crepe preto e branco.

– Srta. Cara Kenbrook?

– Sim.

Dei-lhe um cartão de visita... daqueles que dizem a verdade sobre mim.

– Gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Posso entrar?

– Por favor.

Lânguida, deu um passo para o lado, para que eu passasse, fechou a porta e me conduziu a uma sala de estar salpicada de jornais, cigarros nos mais variados estágios de uso – do frescor de nunca ter sido aceso até a cinza fria – e diversos artigos de vestuário feminino. Ela desocupou uma cadeira para que eu sentasse, despejando no chão um par de meias cor-de-rosa de seda e um chapéu, e sentou-se sobre algumas revistas que ocupavam outra cadeira.

– Estou interessado na morte de Bernard Gilmore – disse eu,

observando seu rosto.

Não era um rosto lindo, embora devesse ser. Estava tudo ali – feições perfeitas, pele branca lisa, grandes olhos castanhos, enormes quase, mas os olhos eram baços como os de um morto, e o rosto tão vazio de expressão quanto uma maçaneta de louça, e o que eu dizia não o alterava em nada.

– Bernard Gilmore – disse ela, sem interesse. – Ah, sim.

– Você e ele eram bastante íntimos, não eram? – indaguei, desconcertado pela sua indiferença.

– Havíamos sido... sim.

– O que você quer dizer, *havíamos sido*?

Uma preguiçosa mão afastou da testa um cacho de seu cabelo castanho curto.

– Eu o mandei passear na semana passada – disse displicentemente, como se falasse de algo ocorrido há muitos anos.

– Qual foi a última vez em que o viu?

– Semana passada... acho que foi segunda... uma semana antes de ele ser morto.

– Foi quando você rompeu com ele?

– Foi.

– Brigaram, ou ficaram amigos?

– Na verdade, nem uma coisa, nem a outra. Apenas disse a ele que estava tudo terminado.

– E como ele reagiu?

– Não foi nenhum fim de mundo para ele. Acho que não foi a primeira vez que ele ouviu isso.

– Onde você estava na noite em que ele foi morto?

– No Coffee Cup, jantando e dançando com uns amigos, até mais ou menos uma da manhã. Depois vim para casa e dormi.

– Por que você rompeu com Gilmore?

– Não suportava a mulher dele.

– Como?

– Ela era muito chata. – Isso foi dito sem o menor sinal de aborrecimento ou de humor. – Ela veio até aqui uma noite e fez o maior berreiro, então eu disse para Bernie que ou ele mantinha ela longe de mim, ou achava outra amiguinha.

– Você tem alguma idéia de quem poderia ter matado ele?

– Só se foi a mulher dele... essas esposas histéricas sempre acabam fazendo bobagem.

– Já que você desistiu do marido dela, que razão você imagina que ela teria para matá-lo?

– E eu vou saber? – respondeu com indiferença total. – Mas não sou a única moça pela qual Bernie se interessou na vida.

– Então você acha que havia outras, é? Você sabe de alguma coisa, ou isso é apenas palpite?

– Não sei nenhum nome – disse –, mas palpite não é.

Deixei essa questão de lado e voltei à sra. Gilmore, só para sentir se a moça podia estar me enrolando.

– O que aconteceu na noite em que a esposa dele veio aqui?

– Nada, só isso. Ela seguiu Bernie até aqui, tocou a campainha, foi entrando na hora em que abri a porta e desandou a chorar e a xingar Bernie. Aí, ela começou a encrencar comigo, e eu disse a ele que se não a levasse embora, eu iria machucá-la. Então ele a levou para casa.

Levantei-me e comecei a me encaminhar para a porta, reconhecendo que estava vencido, por enquanto. Não achava que ela estivesse contando toda a verdade, mas, por outro lado, não fazia sentido imaginar que alguém pudesse mentir de forma tão inexpressiva, com tão pouco esforço para parecer plausível.

– Pode ser que eu volte depois – anunciei, enquanto ela abria a porta para eu sair.

– Tudo bem.

Seu jeito sequer traía uma esperança de que eu não o fizesse.

Dessa entrevista pouquíssimo satisfatória dirigi-me à cena do crime, que ficava a alguns quarteirões dali, para dar uma olhada na vizinhança. Encontrei o quarteirão, exatamente como dele me lembrara e como O’Gar o havia descrito: com prédios residenciais dos dois lados e com dois becos sem saída – um agraciado com um nome, Touchard Street – partindo do seu lado sul.

Tinham transcorrido quatro dias desde o assassinato, e não perdi tempo bisbilhotando o local. Depois de caminhar a extensão toda do quarteirão, peguei um bonde para a Hyde Street, fiz baldeação na California Street e fui visitar a sra. Gilmore novamente. Estava curioso para saber por que ela não havia mencionado a visitinha a Cara Kenbrook.

A mesma empregada roliça que me recebera mais cedo abriu a porta.

– A sra. Gilmore não se encontra – disse ela. – Mas acho que estará de volta dentro de meia hora.

– Espero por ela – decidi.

A empregada me levou até a biblioteca, um cômodo imenso no segundo andar, quase desprovido de um número suficiente de livros para justificar o nome. Ela acendeu uma luz – as cortinas eram pesadas demais para entrar luz das janelas –, voltou até a porta, parou, arrumou uns livros sobre uma estante, me fitou com um olhar meio duvidoso, meio convidativo, em seus olhos verdes, partiu para a porta de novo e estacou.

Nesse ínterim ficou claro que ela queria dizer algo e precisava de um estímulo. Recostei-me para trás na cadeira e sorri para ela, decidindo logo em seguida que fora um erro... o sorriso formado pela curva de seus lábios moles era mais de faceirice do que de qualquer outra coisa. Ela caminhou em minha direção, rebolando com exagero, e se postou à minha frente.

– Em que você está pensando? – indaguei.

– Vamos supor... vamos supor que alguém sabe alguma coisa que mais ninguém sabe; quanto daria para ganhar com isso?

– Isso depende – disse, protelando – do valor da informação.

– E se eu souber quem matou o patrão? – Ela aproximou o rosto do meu e sussurrou, rouca. – Quanto dá para ganhar com isso?

– Segundo os jornais, um dos clubes onde Gilmore era sócio ofereceu uma recompensa de mil dólares. Você ganharia essa quantia.

Seus olhos verdes se encheram de ganância e depois de desconfiança.

– Se não ficar para você, não é?

Encolhi os ombros. Sabia que ela abriria o jogo – fosse lá o que fosse – agora; então nem me dei ao trabalho de explicar a ela que a Continental não aceita recompensas e que não permite aos seus empregados aceitá-las.

– Dou a minha palavra para você – afirmei. – Mas vai depender de você se vai confiar em mim ou não.

Ela lambeu os beiços.

– Acho que você é um cara legal. Não contaria à polícia, porque sei que eles ficariam com o dinheiro. Mas acho que dá para confiar em você. – Ela olhou lascivamente para mim. – Eu tinha um namorado que era a sua cara, e ele era o mais...

– É melhor dar logo o seu texto antes que chegue alguém – propus.

Ela lançou uma olhada para a porta, pigarreou, lambeu novamente a boca flácida e postou-se sobre um joelho, ao lado da minha cadeira.

– Estava chegando em casa bem tarde na noite de segunda-feira, a noite em que morreu o patrão, e estava me despedindo de um amigo, no escurinho, quando o patrão saiu de casa e foi descendo a rua. Ele não estava nem na esquina quando ela, a sra. Gilmore, saiu também e o seguiu pela rua. Não tentando alcançá-lo, sabe, mas seguindo mesmo. O que você acha disso?

– O que *você* acha?

– *Eu* acho que ela finalmente sacou que todos aqueles encontros do seu Bernie não tinham nada a ver com o negócio de construção.

– Você sabe algo de concreto?

– Se eu sei? Eu conhecia o homem! Ele gostava de mulher... de todas as mulheres. – Ela sorriu um sorriso maldoso para mim. – *Isso* eu descobri logo que vim trabalhar aqui.

– Você sabe a que horas a sra. Gilmore voltou para casa naquela noite?

– Sei – disse ela –, às três e meia da madrugada.

– Tem certeza?

– Toda! Depois que me vesti para dormir, peguei um cobertor e sentei no alto da escada da frente. Meu quarto fica no andar de cima, nos fundos. Queria ver se eles voltavam juntos, e se iam ter uma briga. Depois que ela chegou sozinha, fui para o meu quarto, e faltavam 25 minutos para as quatro. Eu vi no despertador.

– Você viu a sra. Gilmore quando ela entrou?

– Só o topo da cabeça e os ombros, quando ela dobrou a escada para ir para o quarto.

– Qual é o seu nome? – perguntei.

– Lina Best.

– Tudo bem, Lina – eu disse. – Se a parada for essa mesmo, eu garanto que você vai receber o seu. Fica de olho aberto, e se aparecer mais alguma coisa, entra em contato comigo no escritório da Continental. Agora é melhor você se mandar, para ninguém ficar sabendo dessa nossa conversinha.

A sós na biblioteca, fitei o teto e contemplei a informação dada por Lina Best. Mas logo desisti; de nada adianta ficar tentando adivinhar coisas que o tempo irá resolver. Encontrei um livro e passei a meia hora seguinte lendo

sobre uma jovem meiga e imbecil e um imbecil grande e forte e todos os seus problemas.

Em seguida entrou a sra. Gilmore, vindo diretamente da rua, pelo jeito.

Ergui-me e fechei a porta, enquanto ela me vigiava com os olhos muito abertos.

– Sra. Gilmore – disse, assim que fiquei de frente para ela –, por que a senhora não me contou que havia seguido seu marido na noite em que ele foi morto?

– É mentira! – exclamou, mas não havia um pingo de verdade em sua voz. – É mentira!

– A senhora não acha que está cometendo um engano? – instei. – Não acha que seria melhor me contar tudo?

Ela abriu a boca mas saiu apenas um soluço seco; e ela começou a balançar o corpo para a frente e para trás de modo histérico, os dedos de uma luva preta puxando e retorcendo o lábio inferior.

Aproximei-me dela e a fiz sentar na cadeira em que antes eu estivera, emitindo com a língua ridículos estalidos pretensamente com a intenção de consolá-la. Após dez minutos bastante desagradáveis, ela se recompôs aos poucos: seus olhos foram ficando menos esgazeados e parou de ferir a boca.

– Eu o segui mesmo. – Era um sussurro rouco, apenas audível.

Logo estava fora da cadeira, ajoelhada, os braços erguidos para mim, e a voz um grito agudo.

– Mas não o matei! Não o matei! Por favor, acredite em mim!

Eu a ergui e a coloquei de volta na cadeira.

– Não falei que a senhora o matou. Apenas me diga o que aconteceu.

– Não acreditei quando ele disse que tinha um encontro de negócios – lamentou. – Não confiava nele. Ele já havia mentido antes. Eu o segui para ver se ia para o apartamento daquela mulher.

– E ele foi?

– Não. Entrou num edifício na Pine Street, no quarteirão onde foi morto. Não sei qual edifício exatamente... estava muito longe. Mas vi que ele subiu os degraus e entrou num edifício, mais ou menos no meio do quarteirão.

– E aí, a senhora fez o quê?

– Esperei, escondida numa portaria escura do outro lado da rua. Sabia que o apartamento dela é na Bush Street, mas imaginei que talvez tivesse se mudado, ou que tivessem marcado um encontro ali. Esperei durante muito

tempo, tremendo e sentindo calafrios. Estava frio e eu estava com medo... medo que alguém aparecesse na portaria onde eu estava. Mas me obriguei a ficar. Queria ver se ele saía sozinho, ou se saía aquela mulher. Eu tinha todo o direito... ele me enganara antes.

"Foi horrível, terrível... agachada ali no escuro... com frio e medo. Aí, deve ter sido por volta das duas e meia, não agüentei mais. Resolvi telefonar para o apartamento dela e ver se estava em casa. Caminhei até uma lanchonete 24 horas na Ellis Street e liguei para ela."

– Estava em casa?

– Não! Tentei durante quinze minutos, talvez mais, mas ninguém atendeu. Aí tive certeza de que ela estava no edifício da Pine Street.

– E o que a senhora fez?

– Voltei para lá, decidida a esperar até que ele saísse. Subi a Jones Street. Quando estava entre a Bush e a Pine, ouvi um tiro. Na hora, pensei que fosse um barulho de cano de descarga, mas agora sei que foi o tiro que matou Bernie.

"Quando cheguei na esquina de Pine com Jones, vi um policial agachado na calçada junto de Bernie e vi pessoas começando a se juntar. Naquele momento eu nem sabia que era Bernie ali estendido. No escuro e àquela distância, não dava nem para distinguir se era homem ou mulher.

"Fiquei temerosa que Bernie saísse para ver a confusão, ou que olhasse pela janela e me visse; então não fui para aquele lado. Nem quis ficar na vizinhança, com medo que a polícia me perguntasse o que fazia vagando pela rua às três da manhã... e viesse à tona que seguia o meu marido. Por isso, segui pela Jones Street, até a California, e voltei para casa."

– E aí? – instiguei.

– Aí fui para a cama. Não consegui dormir... fiquei pensando em Bernie, mas ainda não atinara que era ele que eu havia visto estendido na rua. Às nove horas da manhã, dois detetives da polícia vieram me dizer que Bernie havia sido morto. Eles me interrogaram de forma tão ríspida que fiquei com medo de contar toda a verdade. Se soubessem que havia motivos para ciúmes e que eu havia seguido meu marido na noite anterior, teriam me acusado de tê-lo matado. E o que eu poderia ter feito? Todos me achariam culpada.

"Por isso não disse nada sobre aquela mulher. Imaginei que encontrariam o assassino e que tudo ficaria bem. Naquela hora, não pensei

que fosse *ela* a assassina, senão eu teria lhe contado tudo da primeira vez em que o senhor esteve aqui. Mas quatro dias se passaram sem que a polícia encontrasse o assassino, e comecei a desconfiar que eles suspeitavam de *mim*! Foi horrível! Eu não podia procurá-los para confessar que havia mentido, e tinha certeza de que a mulher o havia matado e que a polícia não suspeitava dela porque eu não a havia mencionado.

"Por isso contratei o senhor. Mas tive medo de contar toda a verdade. Imaginei que se eu lhe contasse apenas que havia outra mulher e quem era ela, o senhor poderia fazer o resto sem saber que eu o havia seguido naquela noite. Fiquei com medo que *o senhor* pensasse que eu o havia matado e que me entregasse para a polícia se lhe contasse tudo. E agora o senhor acha isso *mesmo*! E vai mandar me prender! E serei enforcada! Tenho certeza! Tenho certeza!

Ela começou a se agitar como louca para um lado e outro na cadeira.

– Calma – pronunciei suavemente. – Você não está presa ainda. Calma.

Não sabia como reagir à sua história. A dificuldade com essas mulheres nervosas, histéricas, é que, sem outras provas, não dá para sentir quando estão mentindo e quando estão falando a verdade... metade do tempo, nem elas mesmas sabem.

– Quando a senhora ouviu o tiro – continuei, assim que ela se acalmou um pouco –, estava caminhando no sentido norte na Jones, entre Bush e Pine? Dava para enxergar a esquina da Pine com a Jones?

– Sim... claramente.

– A senhora viu alguém?

– Não... só quando cheguei à esquina e olhei pela Pine Street. Aí vi o policial agachado junto a Bernie e dois homens andando em sua direção.

– Onde estavam os dois homens?

– Na Pine Street, ao leste da Jones. Não vestiam chapéus... como se tivessem saído de casa quando ouviram o tiro.

– Algum automóvel na área antes ou depois do tiro?

– Nenhum que eu tenha visto ou ouvido.

– Tenho mais algumas perguntas, sra. Gilmore – disse –, mas estou com pressa agora. Por favor, não saia de casa antes de eu entrar em contato com a senhora.

– Não vou sair – prometeu –, mas...

Não tinha nenhuma resposta para ninguém, então baixei a cabeça e saí

da biblioteca.

Perto da porta da rua, Lina Best apareceu de um canto sombrio, seus olhos vivos e curiosos.

– Fica por aí – eu disse, sem nenhum sentido, e contornei-a, ganhando a rua.

Voltei ao Edifício Garford a pé, porque tinha muito para organizar na minha cabeça antes de enfrentar Cara Kenbrook novamente. E, mesmo andando devagar, nem tudo estava arquivado em ordem alfabética até a hora em que cheguei lá. Ela havia trocado o vestido preto e branco por um longo aveludado de cor verde viva, mas seu rosto vazio de boneca continuava igual.

– Mais algumas perguntas – expliquei, quando a porta se abriu.

Ela me fez entrar sem uma única palavra ou gesto e me conduziu à mesma sala em que conversáramos anteriormente.

– Srta. Kenbrook – disse, em pé do lado da cadeira que ela me havia oferecido –, por que me contou que estava em casa, na cama, na hora em que Gilmore foi morto?

– Por que estava. – Sem nem piscar o olho.

– E não atendeu a campainha da porta?

Fui obrigado a distorcer os fatos para chegar onde queria. A sra. Gilmore havia telefonado, e não podia dar a essa moça qualquer brecha para se esquivar da culpa de não ter atendido.

Ela hesitou por meio segundo.

– Não atendi... porque não ouvi.

Sangue-frio, o da garota! Não conseguia entendê-la. Não sabia naquela hora, e até hoje não sei, se ela tinha a maior cara-de-pau do mundo ou se era burra mesmo. Seja lá o que for, ela era uma amostra pura e genuína da coisa!

Parei de tentar adivinhar e continuei a fuçar.

– E você também não ouviu o telefone tocar?

– Não tocou, pelo menos não o suficiente para que me acordasse.

Dei uma pequena risada... uma risada artificial... já que a telefonista podia estar ligando para o número errado. Porém...

– Srta. Kenbrook – menti –, seu telefone tocou às duas e meia e às duas e quarenta naquela madrugada. E a campainha de sua porta foi tocada de modo quase contínuo das duas e cinqüenta até depois das três.

– Pode ser – disse ela –, mas quem estaria me procurando numa hora dessas?

– Você também não ouviu?

– Não.

– Mas estava aqui?

– Sim... quem era? – sem esforço.

– Pegue o seu chapéu – blefei –, e eu lhe mostro lá no distrito.

Ela deu uma olhada no vestido longo verde e se encaminhou para a porta aberta do quarto de dormir.

– Acho que vou precisar de um agasalho também – disse ela.

– Sim – aconselhei –, e leve a sua escova de dentes.

Virou-se para mim naquele instante e me fitou, e por um momento pareceu que algum tipo de sentimento – talvez surpresa – estivesse prestes a aflorar em seus grandes olhos castanhos; mas no fim não veio nada. Os olhos permaneceram baços e vazios.

– Quer dizer que está me prendendo?

– Não exatamente. Mas se você continuar a contar essa história de que estava em casa na cama às três da manhã da terça-feira passada, posso prometer que você *vai* ser presa. Se fosse você, pensaria em outra história.

Ela se distanciou da porta e voltou para o meio da sala, parando junto de uma cadeira que nos separava. Apoiando as mãos no encosto da cadeira, debruçou-se para me fitar melhor. Durante cerca de um minuto, nenhum dos dois falou; apenas olhamos fixamente um para o outro, eu tentando manter o meu semblante tão vazio de expressão quanto o dela.

– Você acha mesmo – ela perguntou afinal – que eu não estava aqui quando Bernie foi morto?

– Sou um homem bastante ocupado, srta. Kenbrook. – Enchi minha voz de toda a falsa certeza que consegui evocar. – Se você quiser continuar contando a sua historinha engraçada, tudo bem. Mas não espere que eu fique aqui discutindo com você. Pegue o seu chapéu e o seu agasalho.

Ela encolheu os ombros e deu a volta na cadeira sobre a qual se apoiava.

– Parece que você sabe *mesmo* alguma coisa – disse, sentando-se. – Bem, pior para o Stan, mas mulheres e crianças primeiro.

Minhas orelhas se contraíram ao ouvir o nome *Stan*, mas não a interrompi.

– Estava no Coffee Cup até uma da manhã – dizia ela, a voz ainda

monótona e sem emoção. – E *de fato* vim para casa depois. Eu tinha bebido *viño* a noite toda, o que sempre me deixa triste. Então, quando cheguei em casa, fiquei pensando nos problemas. Desde que terminei com Bernie, a grana anda apertada. Fiquei fazendo as contas naquela noite, ou madrugada, e descobri que só tinha quatro dólares na bolsa. Estava chegando a hora de pagar o aluguel, e as coisas estavam ficando pretas.

"Como eu estava meio tocada de vinho espanhol, resolvi dar um pulinho no Stan, contar meus problemas para ele e ver se conseguia uma grana. Stan é gente fina, está sempre disposto a me dar uma força. Se eu estivesse sóbria, nunca teria ido lá às três da madrugada; mas do jeito que estava, na hora me pareceu uma boa idéia.

"São só alguns minutos daqui até a casa de Stan. Desci a Bush Street até a Leavenworth e subi a Leavenworth até a Pine. Estava no meio daquele quarteirão quando Bernie foi atingido... cheguei a ouvir o tiro. E quando dobrei a esquina da Pine Street, vi um tira se debruçando sobre o corpo de um homem na calçada, bem em frente ao edifício de Stan. Fiquei alguns minutos na sombra de um poste, hesitando, até que uns três ou quatro homens se juntaram em torno do homem na calçada. Aí me aproximei.

"Era Bernie. E assim que eu cheguei perto, ouvi o tira dizer para um dos homens que ele havia sido baleado. Foi um choque terrível. Você sabe o impacto dessas coisas!"

Meneei afirmativamente a cabeça, embora – meu Deus! – nada no rosto, no jeito ou na voz da moça indicasse qualquer abalo emocional.

– Aturdida, sem saber o que fazer – continuou ela –, nem parei. Fui passando direto, chegando tão perto de Bernie quanto estou de você agora, e toquei a campainha de Stan. Ele abriu a porta, vestido apenas pela metade. O apartamento dele fica nos fundos do prédio, e ele disse que não tinha ouvido o tiro. Ele só ficou sabendo que Bernie tinha sido morto na hora em que eu contei. Ele ficou meio sem reação, desnorteado. Ele disse que Bernie havia estado lá, no apartamento de Stan, desde meia-noite, e que tinha acabado de sair.

"Stan me perguntou o que eu estava fazendo por lá, e eu contei a minha triste história para ele. Foi a primeira vez que Stan se deu conta de que havia algo entre mim e Bernie. Foi o próprio Stan quem nos apresentou, mas ele não sabia que a gente tinha ficado tão íntimo.

"Stan ficou preocupado que as pessoas ficassem sabendo que Bernie

esteve lá com ele naquela noite, porque podia dar problema para ele... acho que eles estavam armando alguma jogada. Por isso, ele nem saiu para ver Bernie. Acho que isso é tudo. Consegui uma graninha de Stan e fiquei no apartamento dele até a polícia ir embora, porque nenhum dos dois queria se envolver na história. Aí vim para casa. É verdade... pode acreditar."

– Por que você não entregou tudo isso antes? – exigi, já sabendo qual seria a resposta.

E ela veio.

– Tinha medo. Imagina se eu falasse que Bernie me dispensou e que eu estava pertinho dele, a um quarteirão de distância, mais ou menos, na hora em que morreu e que eu estava meio de fogo? A primeira coisa que iriam dizer é que eu tinha atirado nele! Eu continuaria a mentir se achasse que você acreditaria.

– Então foi Bernie quem rompeu com você, e não você com ele?

– É, foi – disse ela, levemente.

Acendi um charuto Fátima e aspirei a fumaça em silêncio por alguns instantes, enquanto a moça ficou a me observar, plácida.

Havia duas mulheres, nenhuma das duas normal. A sra. Gilmore era histérica, nervosa ao extremo. Essa moça daqui era entorpecida, inerte demais. Uma era a esposa do morto; a outra era a amante; ambas tinham razões para acreditar que tinham sido abandonadas em função da outra. Ambas mentirosas; e ambas confessando afinal que estiveram perto do local do crime na hora em que ele ocorreu, embora nenhuma das duas afirmasse ter visto a outra. Ambas, por admissão própria, estavam naquela hora ainda mais distantes da normalidade do que de costume... a sra. Gilmore cheia de ciúmes; Cara Kenbrook, meio bêbada.

Qual seria a resposta? Qualquer uma das duas poderia ter matado Gilmore; mas as duas juntas, nem pensar... a menos que tivessem combinado algum conchavo maluco, e nesse caso...

De repente, todos os dados que eu colhera – verdadeiros e falsos – se encaixaram na minha cabeça. Tinha achado a resposta – a única resposta simples e satisfatória!

Sorri para a moça e comecei a preencher as falhas na minha solução.

– Quem é Stan? – perguntei.

– Stanley Tennant... ele é alguma coisa da prefeitura.

Stanley Tennant. Conhecia de nome, um...

Um barulho de chave na porta do corredor.

A porta do corredor abriu, e passos masculinos se aproximaram da porta aberta da sala em que nos encontrávamos. Um homem alto, de ombros largos, vestido em *tweed*, ocupou o vão da porta... tratava-se de um homem de faces rubras, de uns 35 anos, cuja aparência de salubridade loura e musculosa era perturbada por olhos excessivamente avizinhados, de um azul indistinto.

Ao me ver, estacou... um passo para dentro da sala.

– Olá, Stan! – disse a moça, com leveza. – Esse moço é da Agência de Detetives Continental. Acabei de contar tudo para ele sobre Bernie. Tentei desconversar de início, mas não deu.

Os olhos incertos do homem iam e vinham entre mim e a moça. Em volta das íris pálidas, o globo ocular estava cor-de-rosa.

Ele endireitou os ombros e sorriu com jovialidade excessiva.

– E qual é a sua conclusão? – indagou ele.

A moça respondeu por mim.

– *Eu* já fui convidada para dar um passeio.

Tennant se curvou para a frente. Com um movimento contínuo dos braços, apanhou uma cadeira e impeliu-a contra meu rosto. Sem muita força, mas com rapidez.

Recuei até a parede, desviando a cadeira com os dois braços; joguei-a para o lado; e defrontei-me com o cano de um revólver niquelado.

A gaveta da mesa estava aberta... a gaveta de onde ele havia sacado a arma enquanto eu me debatia com a cadeira. Percebi que o revólver era calibre 38.

– Agora – sua voz era pastosa, que nem de bêbado –, vira.

Fiquei de costas para ele; senti uma mão apalpando meu corpo; e minha arma foi retirada.

– Tá legal – disse ele, e voltei a encará-lo de frente.

Ele recuou até ficar ao lado da moça, o revólver niquelado sempre na minha mira. Minha arma não estava à vista... talvez no bolso dele. Ele respirava audivelmente, e os globos oculares haviam passado de cor-de-rosa para vermelho. O rosto também estava vermelho, com veias pulsando em sua testa.

– Você me conhece? – vociferou.

– Sim, conheço. Você é Stanley Tennant, diretor-assistente de

engenharia do município, e sua ficha não é nada limpa. – Desandei a falar, partindo da premissa que qualquer conversa é sempre vantajosa para quem está na mira de uma arma. – Você tem fama de ser o cara que reuniu aquela tropa de testemunhas muito bem ensaiadas que transformaram em farsa a investigação de corrupção na secretaria de obras no ano passado. Sim, sr. Tennant, conheço você. Você é o motivo por que Gilmore tinha tanta sorte para ganhar concorrências municipais com orçamentos inferiores em apenas alguns dólares aos de seus concorrentes. Sim, sr. Tennant, conheço você. Você é o garoto esperto que...

Eu tinha muito mais a dizer, mas ele me interrompeu.

– Chega! – gritou ele. – A menos que você queira que eu tire um pedaço da sua cabeça com essa arma.

Em seguida, dirigiu-se à moça, sem desviar os olhos de mim.

– Levanta, Cara.

Ela se ergueu da cadeira e se postou do lado dele. A arma estava na sua mão direita, o lado que estava junto dela. Ele deu a volta e se colocou do outro lado.

Os dedos de sua mão esquerda se engancharam no vestido verde da moça, bem dentro do decote generoso que cobria a curva dos seios. A arma não se desviou nem por um instante. Ele deu um puxão com a mão esquerda, rasgando o vestido até a cintura.

– *Ele* fez isso, Cara – disse Tennant.

Ela assentiu com a cabeça.

Seus dedos se insinuaram dentro da combinação encarnada agora exposta, e ele rasgou esta como havia rasgado o vestido.

– *Ele* fez isso.

Ela assentiu de novo.

Seus olhos injetados lançavam pequenos golpes de vista avaliadores para o rosto dela... golpes de relance que nunca afastavam seu olhar de mim durante o tempo mínimo que seria preciso para eu me atirar contra ele.

Em seguida – olhos e arma me mirando –, golpeou o rosto branco e vazio dela com seu punho esquerdo.

Um único soluço – baixinho e curto – partiu dela enquanto desmoronava agachada contra a parede. Seu rosto... bem, não havia *muita* mudança nele. Olhou estupidamente para Tennant, do lugar onde se encontrava caída.

– *Ele* fez isso – dizia Tennant.

Ela assentiu com a cabeça, ergueu-se do chão e voltou para a cadeira.

– A gente vai dizer o seguinte. – O homem falava com rapidez, seus olhos vivos sobre mim. – Gilmore nunca esteve no meu apartamento na vida, Cara, nem você. Na noite em que ele foi morto, você chegou em casa logo depois de uma hora da manhã, e ficou aqui direto. Você passou mal, provavelmente por causa do vinho que andou bebendo, e chamou um médico. O nome dele é Howard. Vou providenciar isso com ele. Ele chegou às duas e meia e ficou até as três e meia.

"Hoje, este investigador enxerido veio aqui questionar você, sabendo que você teve um envolvimento íntimo com Gilmore. Ele sabia que você não tinha matado Gilmore, mas fez certas propostas indecorosas a você; aí, você pode acrescentar os detalhes que quiser, pode dizer talvez que ele estava assediando você há meses, e quando você recusou, ele ameaçou incriminar você.

"Você se recusou a ter qualquer coisa com ele; ele agarrou você, rasgou suas roupas e agrediu você no rosto quando você resistiu. Naquele exato momento, eu apareci, porque a gente tinha marcado um encontro, e ouvi você gritar. A porta da frente estava aberta, então eu entrei, tirei o cara de cima de você e desarmei ele. Aí nós o prendemos até que viesse a polícia, que vamos chamar agora. Entendeu?"

– Entendi, Stan.

– Ótimo! Agora, presta atenção: quando a polícia chegar, é claro que esse daí vai entregar tudo que sabe, e é bem provável que eles levem os três para o distrito. Por isso, quero que você saiba tudo direitinho agora. Eu devo ter poder de fogo suficiente para conseguir *sursis* para nós dois hoje à noite mesmo ou, na pior das hipóteses, para conseguir que o meu advogado chegue até mim hoje à noite, para a gente arrumar as testemunhas que vamos precisar. Também devo conseguir que o nosso amiguinho gorducho aí fique preso um ou dois dias e que não consiga ver ninguém até o final do dia de amanhã, o que nos dará um bom tempo para adiantar as coisas. Não sei o quanto ele sabe, mas com o seu depoimento e mais o depoimento de algumas outras moças espertas que eu conheço, a gente cola uma fama nele que vai sujar ele com qualquer júri do mundo, para depor sobre qualquer assunto. O que você acha disso? – ele me perguntou, triunfante.

– Seu palhaço – disse eu rindo –, estou achando a maior graça!

Mas, na verdade, eu não achava não. Apesar do que eu pensava que sabia sobre o assassinato de Gilmore – apesar da minha solução simples e satisfatória –, alguma coisa me subia pela espinha, meus joelhos estavam bambos e minhas mãos molhadas de suor. Não era a primeira vez que alguém tentava me incriminar falsamente – nenhum detetive fica muito tempo na profissão sem que isso aconteça –, mas nunca me havia acostumado. Existe uma mortalidade peculiar nessas coisas – em especial, para quem sabe como são imprevisíveis os júris populares – que provoca arrepios, mesmo quando você se julga seguro.

– Liga para a polícia – disse Tennant à moça –, e pelo amor de Deus, não vai embaralhar a história!

Enquanto se empenhava em reforçar esta última instrução, seus olhos se desviaram de mim.

Eu estava a cerca de um metro e meio dele e da arma apontada.

Um salto – não diretamente em sua direção, mas desviando para um lado – me colocou bem perto.

Senti o estrondo da arma debaixo do meu braço. Surpreendeu-me não sentir a bala. Parecia que *teria* de me atingir.

Não houve um segundo tiro.

Soltei meu punho direito em curva enquanto pulava. Atingiu o alvo no momento em que aterrissei. O golpe pegou um pouco alto – na maçã do rosto –, mas deslocou-o para trás alguns passos.

Não sabia o que havia acontecido com sua arma. Não estava mais na sua mão. Não parei para procurá-la. Estava muito ocupado forçando-o a recuar, não permitindo que se firmasse, apertando-o e desferindo golpes com as duas mãos.

Ele era mais alto do que eu uns quinze centímetros e tinha os braços mais longos, mas não possuía nenhuma vantagem em matéria de peso e força. Suponho que ele tenha me atingido algumas vezes enquanto eu o martelava sala adentro. Ele só pode ter me batido. Mas eu não senti nada.

Forcei-o para o canto, onde ficou enfiado com as pernas presas sob o corpo, o que lhe dava pouco equilíbrio para tentar qualquer golpe. Cerquei seu corpo com meu braço esquerdo, prendendo-o na posição que queria, e comecei a desferir-lhe golpes com a direita.

Gostei disso. Seu abdômen era flácido e ficava cada vez mais flácido à medida que eu batia nele. Bati muito.

Ele golpeava meu rosto, mas, enfiando o nariz no peito dele e mantendo-o ali, impedi que ele estragasse totalmente a minha beleza. Enquanto isso, continuei a enterrar a minha direita no seu corpo.

Foi aí que percebi que Cara Kenbrook se movia atrás de mim, e lembrei-me do revólver que havia caído em algum lugar quando avancei sobre Tennant. Não gostei disso, mas não podia fazer nada, a não ser aumentar a força dos meus golpes. A minha arma, pensei, devia estar em um de seus bolsos. Mas, no momento, nenhum dos dois tinha tempo para procurar por ela.

Os joelhos de Tennant cederam da próxima vez que o atingi.

Mais uma vez, disse a mim mesmo, e depois me afasto, acerto-lhe uma direta no queixo, e fico assistindo enquanto ele cai.

Mas não cheguei até lá.

Algo que eu sabia ser o revólver perdido atingiu-me no alto da cabeça. Um golpe ineficaz – sem impacto suficiente para me paralisar –, mas minou a força dos meus socos.

Outro.

Não eram fortes, essas pancadinhas, mas não é preciso muita força para machucar um crânio com um pedaço de metal.

Tentei me desviar do próximo baque, e não consegui. Não somente não consegui me desviar, como deixei Tennant se desvencilhar.

Era o fim.

Voltei-me contra a moça a tempo de levar mais uma pancada na cabeça e, em seguida, um dos punhos de Tennant atingiu-me acima da orelha.

Entrei em queda, uma daquelas que dá ao pugilista a fama de ser mole. Meus olhos estavam abertos e minha mente acordada, mas meus braços e pernas não conseguiam me erguer do chão.

Tennant sacou minha arma de um bolso, e, apontando-a para mim, sentou-se em uma cadeira Morris, para retomar o fôlego que eu havia tirado dele na base da malhação. A moça sentou-se em outra cadeira; e eu, vendo que dava, sentei-me no meio do chão e encarei os dois.

Tennant falou, ainda ofegante.

– Isto é ótimo. Todos os vestígios de uma luta que precisamos para dar credibilidade à história!

– Se eles não acreditarem que você andou brigando – disse azedo, apertando minha cabeça latejante com as duas mãos –, você pode tirar a

camisa e mostrar a barriguinha.

– E você pode mostrar isto para eles.

Debruçou-se e partiu a minha boca com um soco que me deixou caído.

A raiva deu vida às minhas pernas. Fiquei de pé. Tennant deu a volta e ficou atrás da cadeira Morris. Minha arma preta estava firme em sua mão.

– Vai devagar – me avisou. – Minha história continua a funcionar se eu for obrigado a matar você... talvez funcione até melhor.

Isso fazia sentido. Estaquei.

– Liga para a polícia, Cara – ordenou ele.

Ela saiu da sala, fechando a porta; e só deu para ouvir de sua conversa um murmúrio desconexo.

Após dez minutos, chegaram três policiais uniformizados. Todos os três conheciam Tennant e tratavam-no com respeito. Tennant relatou a história que ele e a moça haviam inventado, com pequenas mudanças para explicar o tiro disparado do revólver niquelado, bem como o nosso estado surrado. Ela meneava vigorosamente a cabeça cada vez que um policial olhava para ela. Tennant entregou as duas armas para o sargento de cabelos brancos no comando.

Eu não discuti nem neguei nada, mas disse ao sargento:

– Estou trabalhando em um caso com o detetive-sargento O’Gar. Gostaria de falar com ele pelo telefone e depois gostaria que o senhor nos levasse os três para a divisão de detetives.

Tennant se posicionou contrariamente, é claro, não porque esperava ganhar qualquer coisa com isso, mas apenas por via das dúvidas. O sargento de cabelos brancos olhou perplexo de um para o outro. Eu, com o rosto ralado e o lábio partido; Tennant, com a cara inchada e vermelha abaixo do olho, onde fora atingido por meu primeiro golpe; a moça, com a maior parte de suas roupas rasgadas acima da cintura e um hematoma na face.

– Tem alguma coisa estranha aqui – decidiu o sargento, em voz alta –, e tenho por mim que a divisão de detetives é o lugar certo para a cambada toda.

Um dos policiais me acompanhou até o corredor, e eu consegui falar com O’Gar telefonando para sua casa. Já eram quase dez horas da noite, e ele estava se preparando para deitar.

– Estou desvendando o assassinato de Gilmore – disse eu. – Me encontre no Palácio de Justiça. Você pode alcançar Kelly, o policial que

encontrou Gilmore, e trazê-lo com você? Queria que ele visse umas pessoas.

– Vou providenciar – prometeu O'Gar, e desliguei o telefone.

O camburão que atendera ao chamado de Cara Kenbrook nos levou até o Palácio de Justiça, onde fomos todos levados para a sala do capitão dos detetives. McTighe, um tenente, estava de plantão.

Conhecia McTighe, e tínhamos um bom relacionamento; mas eu não tinha força na política municipal, e Tennant tinha. Não estou dizendo que McTighe teria ajudado Tennant a me incriminar propositalmente; mas entre mim e o diretor-assistente de engenharia do município, eu sabia quem iria receber o benefício de qualquer dúvida.

Minha cabeça estava pulsando e zunindo naquela hora, com galos nos locais em que a moça havia me acertado com o revólver. Sentei-me, fiquei calado e cuidei da minha cabeça, enquanto Tennant e Cara Kenbrook mostravam suas feridas e contavam sua história, recheada de detalhes que não haviam desperdiçado com os uniformes.

Falava Tennant, descrevendo a cena terrível com a qual se deparara ao adentrar apressadamente o apartamento da moça, atraído por seus gritos, quando O'Gar entrou na sala. Erguendo uma sobrancelha, tomou conhecimento de Tennant e veio se sentar junto de mim.

– Que diabos está acontecendo? – resmungou.

– Uma bela confusão – sussurrei-lhe. – Escuta, tem um cartucho vazio dentro daquela arma niquelada em cima da mesa. Pegue-o para mim.

Ele coçou a cabeça, hesitante, ouviu as próximas palavras da prosa de Tennant, olhou-me de soslaio, e em seguida foi até a mesa e apanhou o revólver.

McTighe fitou-o com um olhar incisivo e questionador.

– Tem a ver com o assassinato de Gilmore – disse o detetive-sargento, abrindo o revólver.

O tenente principiou a dizer algo, mudou de idéia, e O'Gar trouxe o cartucho e entregou-o a mim.

– Obrigado – disse, colocando-o no bolso. – Agora escute a história do meu amigo ali. Ele representa bem, para quem gosta dessas coisas.

Tennant encerrava sua narrativa.

– ... evidentemente, um homem que tentaria uma coisa dessas contra uma mulher desprotegida só poderia ser covarde, portanto não foi difícil

dominá-lo depois que me apossei de sua arma. Bati nele algumas vezes e ele desistiu, implorando de joelhos para que eu parasse. E aí, chamamos a polícia.

McTighe me fitou com olhos duros e frios. Tennant o havia convencido, e não somente a ele; o sargento e os dois outros policiais me lançavam olhares fulminantes. Desconfiei que o próprio O'Gar – que havia passado por uma dezena de batalhas comigo – teria desconfiado de mim também, se o engenheiro não tivesse acrescentado aquele floreio sobre eu me ajoelhando.

– Bem, o que você tem a dizer? – A pergunta de McTighe foi lançada em um tom de desafio que indicava que não fazia muita diferença o que eu respondesse.

– Não tenho nada a dizer sobre esse devaneio – disse abruptamente. – Estou interessado no assassinato de Gilmore... não nessa bobagem. – Voltei-me para O'Gar. – O policial está aqui?

O detetive-sargento foi até a porta e gritou:

– Ei, Kelly!

Kelly entrou, um homem grande e ereto, com cabelos cinza-chumbo e um rosto gordo e inteligente.

– Foi você quem encontrou o corpo de Gilmore? – perguntei.

– Fui eu.

Indiquei Cara Kenbrook com o dedo.

– Já viu essa moça?

Seus olhos cinza estudaram-na com cuidado.

– Não que eu me lembre – respondeu.

– Ela subiu a rua quando você estava cuidando de Gilmore e entrou no edifício em frente ao qual ele estava deitado?

– De jeito nenhum.

Tirei do bolso o cartucho que O'Gar havia apanhado para mim e coloquei-o sobre a mesa diante do policial.

– Kelly – indaguei –, *por que você matou Gilmore*?

A mão direita de Kelly enfiou-se debaixo da bainha de seu casaco, na altura de sua cintura.

Lancei-me contra ele.

Alguém me agarrou pelo pescoço. Outra pessoa pulou nas minhas costas. McTighe lançou o seu punho enorme em direção ao meu rosto, mas

errou. Uma rasteira havia deslocado minhas pernas e tive uma queda dura, com vários homens em cima de mim.

Quando me puxaram para cima novamente, o grande vulto de Kelly ergueu-se junto à mesa, sopesando seu revólver de polícia na mão. Seus olhos claros encontraram os meus, e ele depositou a arma sobre a mesa. Em seguida, removeu seu distintivo e colocou-o junto da arma.

– Foi um acidente – disse com simplicidade.

Nesse ínterim, os tiras que me manuseavam perceberam que talvez estivessem perdendo uma parte importante do enredo, que talvez eu não fosse um doido varrido. As mãos se desprenderam de mim, e logo estava todo mundo ouvindo Kelly.

Ele contou sua história sem pressa e com firmeza, seus olhos nunca se desviando ou se turvando. Um homem determinado, embora azarado.

– Estava fazendo a ronda naquela noite, e quando dobrei a esquina da Jones para a Pine, vi um homem voltar correndo dos degraus diante de um edifício para dentro da portaria. Um ladrão, imaginei, e fui cuidadosamente até lá. Era uma portaria longa e escura, e vi algo que parecia um homem, mas não tive certeza.

“Sai daí!, gritei, mas não houve resposta. Saquei minha arma e fui subindo os degraus. Naquele instante eu o vi se mover e começar a sair. E aí, escorreguei. O degrau de baixo estava gasto e liso, e meu pé deslizou. Caí para a frente, a arma disparou, e a bala o atingiu. Ele já tinha saído um pouco da portaria, e quando a bala o atingiu, ele caiu para a frente, rolando pelos degraus e despencando na calçada.

“Quando olhei, vi que era Gilmore. Eu o conhecia de vista e o cumprimentava sempre, e ele a mim; e vai ver por isso se escondeu quando me viu na esquina. Ele não queria que eu o visse saindo do edifício onde eu sei que mora o sr. Tennant, suponho eu, porque eu poderia juntar as coisas, e talvez botar a boca no mundo.

“Não estou dizendo que fiz a coisa certa quando menti, mas não fazia mal a ninguém. Foi um acidente, mas ele tinha muitos amigos influentes, e, sendo acidente ou não, eu levava uma boa chance de me ferrar e talvez acabar preso por algum tempo. Por isso, contei a história que vocês conhecem. Eu não podia dizer que havia visto qualquer coisa suspeita sem talvez jogar a culpa para algum inocente, e não queria fazer isso. Já havia resolvido que se alguém fosse preso pelo assassinato e acusado, eu iria

confessar. Vocês podem encontrar na minha casa uma confissão assinada, que escrevi caso acontecesse alguma coisa comigo, para que ninguém fosse culpado.

"Por isso fui obrigado a dizer que nunca tinha visto esta moça. Eu a vi, sim, entrando no edifício do qual Gilmore saiu naquela noite. Mas não podia falar nada sem levantar suspeitas contra ela; então menti. Acredito que poderia ter inventado uma história melhor se tivesse tido tempo, mas tive que pensar rápido. De qualquer forma, fico feliz que tudo acabou."

Kelly e os outros policiais haviam deixado a sala, que agora reunia McTighe, O'Gar, Cara Kenbrook, Tennant e eu. Tennant estava do meu lado, pedindo desculpas.

– Espero que você me permita compensar você pelo que aconteceu hoje à noite. Você sabe como é quando alguém de quem você gosta está em apuros. Eu teria matado você se eu achasse que ajudaria Cara, com toda certeza. Por que você não disse que não suspeitava dela?

– Mas eu suspeitava mesmo de vocês dois – disse. – Tudo indicava que Kelly tinha de ser o culpado, mas vocês aprontaram tanta confusão que comecei a duvidar disso. No início, foi engraçado: você pensando que tinha sido ela, e ela pensando que tinha sido você, embora imagino que cada um tenha jurado inocência para o outro. Mas, depois, perdeu a graça. Vocês foram longe demais.

– Como você concluiu que tinha sido Kelly? – perguntou O'Gar, ombro a ombro comigo.

– A srta. Kenbrook caminhava em direção norte na Leavenworth e estava a meio caminho entre Bush e Pine quando o tiro foi disparado. Não viu ninguém, e nenhum carro, até dobrar a esquina. A sra. Gilmore, que andava para o norte pela Jones, estava mais ou menos à mesma distância quando *ela* ouviu o tiro, e também não viu ninguém até chegar na Pine Street. Se Kelly estivesse falando a verdade, ela o teria visto na Jones Street. Ele disse que só dobrou a esquina após o tiro.

"Qualquer uma das duas mulheres poderia ter matado Gilmore, mas não as duas juntas, de jeito nenhum. Duvidava que qualquer uma das duas pudesse ter atirado nele e fugido sem esbarrar na outra ou em Kelly. Supondo que as duas estivessem contando a verdade... e aí? Então, era Kelly que estava mentindo! De qualquer forma, pela lógica, ele era o suspeito natural: a pessoa mais próxima ao morto quando o tiro foi

disparado.

“Ainda por cima, ele deixou a srta. Kenbrook entrar às três da manhã no prédio em frente do qual um homem acabava de ser morto, sem questioná-la e sem mencioná-la em seu relatório. Parecia que ele *sabia* quem tinha cometido o assassinato. Por isso, arrisquei o truque do cartucho vazio, porque era provável que ele tivesse jogado fora o cartucho dele, e portanto iria pensar...”

A voz pesada de McTighe interrompeu minha explicação.

– E como fica essa queixa de lesão corporal? – indagou, evidenciando o escrúpulo de evitar o meu olhar quando me voltei para ele, junto com todos os outros.

Tennant limpou a garganta.

– Um... ah... em vista de tudo que aconteceu, e sabendo que a srta. Kenbrook não iria gostar do burburinho desagradável que sempre acompanha um incidente desses, proponho que tudo seja esquecido. – Ele sorriu luminosamente para mim e para McTighe. – Vocês sabem, nada disso foi registrado ainda.

– Faz o babacão suar – rosnou O’Gar no meu ouvido. – Não deixa barato.

– É claro que se a srta. Kenbrook não deseja registrar a queixa – dizia McTighe, vigiando-me com o canto do olho –, imagino que...

– Se está claro para todo mundo que tudo isso era uma armação – disse eu – e se os policiais que ouviram o depoimento forem chamados para cá agora e informados por Tennant e pela srta. Kenbrook que era tudo mentira, então estou disposto a deixar passar. Senão, não vou deixar encobrir o caso.

– Você é um bobo! – sussurrou O’Gar. – Arranca o couro deles!

Meneei a cabeça que não. Não vi sentido em arranjar um monte de encrenca para mim, apenas para causar problemas para os outros... e supondo que Tennant conseguisse *comprovar* sua história...

Portanto, os policiais foram encontrados e trazidos até a sala, e a verdade foi-lhes contada.

E, pouco tempo depois, Tennant, a moça e eu atravessávamos o corredor e nos dirigíamos para a porta da rua. Tennant ainda pedia para me compensar pelo ocorrido.

– Você *tem* que me deixar fazer alguma coisa por você! – insistiu. – É uma questão de justiça!

Sua mão enfiou-se casaco adentro e ressurgiu com uma carteira grossa.

– Vamos lá – disse ele –, deixa eu...

Naquele momento feliz, descíamos os degraus de pedra que levam da portaria para a Kearny Street – são seis ou sete degraus.

– Não – disse eu –, deixe eu...

Ele estava no segundo degrau mais alto quando ergui a mão e mandei ver.

Seu corpo depositou-se em uma pilha murcha ao pé da escadaria.

Deixando sua dama de cara vazia para cuidar dele, caminhei ligeiro por Portsmouth Square, em direção a um restaurante que serve um filé bem grosso.

OceanofPDF.com

O ANJO DO SEGUNDO ANDAR

Carter Brigham – Carter Webright Brigham, como aparecia nos sumários de diversas revistas populares – acordou sobressaltado, passando do estado inconsciente para a plena consciência com rapidez excessiva para duvidar que seu sono tivesse sido perturbado por algo exterior.

Não havia luar, e seu apartamento dava para o lado contrário das luzes da rua. A escuridão à sua volta era completa; ele sequer enxergava o pé da cama.

Prendendo a respiração, e não se movendo após aquele primeiro sobressalto, permaneceu deitado, de olhos e ouvidos bem abertos. No instante seguinte, sobreveio um barulho – talvez a repetição do som que o despertara – do aposento vizinho: um movimento furtivo de pés atravessando as tábuas corridas. Um momento de silêncio... e uma cadeira arrastando sobre o chão, como que deslocada pelo esbarrão de uma canela. Em seguida, silêncio novamente, e um leve ruge-ruge, como se um corpo roçasse contra o papel áspero da parede.

Carter Brigham não era nem herói, nem covarde, e não estava armado. Não havia nada mais letal em seu apartamento do que um par de candelabros, e mesmo estes – nada desprezíveis como armas em uma situação de emergência – estavam do outro lado do aposento de onde vinham os barulhos.

Tivesse sido acordado por ruídos muito leves e pouco repetitivos vindos do outro aposento – barulhos do tipo que nem o ladrão mais habilidoso consegue evitar – é provável que Carter se limitasse a permanecer na cama e a tentar afugentar o ladrão a brados. Ele não teria desconsiderado o fato de que, naquelas condições, o invasor possuiria todas as vantagens em um confronto corpo a corpo.

Porém, o invasor em questão fizera grande comoção, esbarrara até em uma cadeira, mostrara-se um incompetente no quesito sutileza. Não ocorreu ao homem na cama que um ladrão inexperiente pode ser tão perigoso quanto um profissional.

Talvez fosse porque, nas muitas histórias policiais que escrevera, a eficácia do matador sempre se aliasse a um certo grau de habilidade, e os trapalhões sempre fossem relativamente inócuos e fáceis de derrotar. Ele passara a encarar essa teoria como uma verdade absoluta. Afinal, mais cedo

ou mais tarde, as pessoas acabam por acreditar naquilo que afirmam com freqüência.

De qualquer modo, Carter Brigham deslizou com cuidado seu corpo mais ou menos musculoso de entre os lençóis e avançou silenciosamente nas pontas dos pés descalços em direção à porta aberta do aposento de onde tinham vindo os sons. Passou de sua cama para dentro da sala ao lado, as costas contra a parede da porta, aproveitando um interlúdio de silêncio da parte do invasor.

O aposento em que Carter se encontrava estava tão escuro quanto aquele de onde viera; então permaneceu imóvel, aguardando algum movimento que indicasse a posição do invasor.

Não foi preciso muita paciência. Logo o ladrão se moveu de novo, audivelmente; e, em seguida, Carter distinguiu contra o retângulo da janela – um pouco mais claro apenas do que o resto do aposento – uma sombra humana, ligeiramente mais escura, que avançava em sua direção. A sombra passou a janela e se perdeu na escuridão que tudo envolvia.

Com o corpo retesado, Carter não se moveu até achar que o ladrão havia alcançado um ponto em que não havia móveis no caminho. Aí, lançou-se para a frente, com mãos em garra projetando-se de braços muito abertos.

Seu ombro atingiu o invasor, e ambos foram ao chão. Um antebraço ergueu-se contra o pescoço de Carter, apertando-o. Ele o arrancou e sentiu um golpe atingir-lhe a face. Enlaçando com um braço o corpo do ladrão, devolveu-lhe o golpe com o outro punho. Rolaram várias vezes pelo chão até pararem contra as pernas de uma mesa maciça, o ladrão por cima.

Tirando um prazer quase selvagem do exercício da própria força, que se mostrara amplamente superior à do outro na luta até então, Carter girou seu corpo, esmagando seu adversário contra a mesa pesada. Em seguida, enterrou o punho no corpo do qual acabara de se desvencilhar e apressou-se em ficar de joelhos, buscando um ponto para agarrar o pescoço do ladrão. Quando o encontrou, descobriu que o invasor jazia imóvel, sem esboçar reação. Rindo em triunfo, Carter ficou de pé e acendeu as luzes.

A moça no chão não se mexeu.

Permanecia inanimada, meio deitada, meio curvada, sobre o pé da mesa contra a qual ele a impelira. Parada e contorcida, trajava um terninho preto austero – uma manga se rasgara na altura do ombro –, com uma massa confusa de cabelos castanhos cortados curtos encimando um rosto branco

como linho, a não ser nos locais avermelhados pelos golpes. Seus olhos estavam fechados. Um braço se projetava pelo chão, e o outro se pendurava molemente a seu lado. Uma perna sedosa encontrava-se estendida; a outra, dobrada sob seu corpo.

Para o canto da sala rolara seu chapéu, um pequeno toque preto. Não longe do chapéu, encontrava-se um pé-de-cabra mínimo, que ela usara para forçar sua entrada.

A janela que dava para a escada de emergência – à noite, sempre travada – estava escancarada, seu fecho dependurado torto.

De modo metódico, quase mecânico – pois até pouco tempo antes fora repórter em um jornal matutino, e o aprendizado de anos não se desaprende em algumas semanas –, os olhos de Carter registraram esses detalhes e os comunicaram a seu cérebro, enquanto ele se esforçava para vencer o espanto.

Após algum tempo, os neurônios retomaram suas funções, e ele foi se ajoelhar ao lado da moça. O pulso estava regular, mas, fora isso, não havia sinais de vida. Ergueu-a do chão e carregou-a até o sofá de couro do outro lado da sala. Em seguida, trouxe água fria do banheiro e pegou conhaque na estante. Generosas doses da primeira aplicadas às suas têmporas e ao seu rosto e do segundo por entre seus lábios surtiram finalmente um tremor na sua boca e uma ligeira agitação de suas pálpebras.

Na seqüência, abriu os olhos, examinou confusa a sala a seu redor e tentou se erguer. Ele pressionou sua cabeça levemente contra o sofá.

– Fique quieta mais um pouquinho, até você se sentir melhor.

Parecia que ela o via então pela primeira vez, e que se dava conta de onde se encontrava. Desvencilhou sua cabeça da mão repressora e sentou-se, impelindo os pés de encontro ao chão.

– Então, perdi de novo – disse, afetando uma indiferença que traía um leve resquício de amargura, seus olhos encontrando os dele.

Eram olhos verdes, muito compridos, e iluminavam seu rosto que antes, desprovido de sua luz, parecera severo demais para ser belo, apesar da regularidade polida de suas feições.

O olhar de Carter fixou a bochecha manchada dela, no lugar em que seu punho deixara marcas lívidas.

– Sinto muito ter batido em você – se desculpou. – No escuro, imaginei naturalmente que se tratasse de um homem. Não teria...

– Deixa para lá – ela ordenou friamente. – Faz parte do jogo.

– Mas, eu...

– Ai, pára com isso! – Impaciente. – Não é nada. Estou bem.

– Folgo em saber.

Os dedões do pé desnudos insinuaram-se em seu campo de visão, e ele foi ao quarto buscar chinelos e roupão. Quando voltou, a moça o observava em silêncio, o rosto calmo e desafiante.

– Agora – sugeriu ele, aproximando a cadeira –, por que você não me conta o que está acontecendo?

Ela deu uma risadinha.

– É uma longa história, e os homens devem estar chegando a qualquer momento; então não dá tempo de contar.

– A polícia?

– É.

– Mas eu não os chamei. Por que haveria de fazer isso?

– Sabe-se lá! – Ela deu uma olhadela pelo quarto e, abruptamente, fitou-lhe olho no olho. – Se você acha que vou negociar minha liberdade, companheiro – sua voz desdenhosamente gélida –, está muito enganado!

Ele rechaçou a idéia. Em seguida:

– Então me diz do que se trata.

– Prontinho para ouvir uma história triste? – zombou. – Bem, vamos lá: deu uns contratempos nos últimos serviços que fiz e tive que dar uma desaparecida, tão desaparecida que passei uns dois dias sem comer nada. Calculei que teria que fazer mais um servicinho para conseguir grana para me mandar, dar um tempo longe da cidade. E o serviço era este aqui. Estava meio zonza por causa da fome e fiz barulho demais. Mesmo assim – risada desdenhosa –, você nunca teria me agarrado se eu estivesse armada.

Carter estava de pé.

– Tem um pouco de comida na geladeira. A gente come antes de continuar a conversa.

Ouviu-se um grunhido da janela aberta pela qual entrara a moça. Ambos se viraram em sua direção. Estava enquadrado nela um homem rubro e corpulento vestindo um terno reluzente de sarja azul e um chapéu-coco preto. Ele atravessou uma perna grossa por cima do peitoril e entrou na sala, com a agilidade pesada de um urso.

– Ora, ora – as palavras surgiam com satisfação de seus lábios grossos,

sombreados por um bigode cinza tosquiado –, não é que é a minha velha amiguinha Angel Grace!

– Cassidy! – exclamou debilmente a moça, e em seguida recaiu na impassibilidade obstinada de antes.

Carter deu um passo para a frente.

– Pode ficar tranqüilo! – assegurou-lhe o recém-chegado, ostentando o distintivo reluzente. – Detetive-sargento Cassidy. Estava passando por aqui e percebi alguém subindo a sua escada de incêndio. Resolvi esperar e flagrar o elemento na saída. Mas cansei de ficar esperando e subi para dar uma olhada.

Voltou-se jovial para a moça.

– E acabou que é a Angel em pessoa! Vamos embora, menina, vamos dar uma voltinha.

Carter estendeu a mão para impedir a moça, que já se encaminhava submissa em direção ao detetive.

– Espera aí um minutinho. Não podemos dar um jeito? Eu não quero registrar queixa.

Cassidy olhou maliciosamente para a moça, para Carter, de novo para a moça, e meneou a cabeça em negativa.

– Sem chance! O anjinho aqui está sendo procurado por meia dúzia de serviços. Não faz diferença se o senhor dá queixa ou não... de qualquer jeito, ela vai responder por muita coisa.

Ela assentiu com um movimento da cabeça.

– Obrigado, meu caro – disse ela a Carter, com menos displicência do que pretendia –, mas eles me querem muito.

Mas Carter não iria ceder tão facilmente assim. Os deuses não enviam uma ladra em carne e osso para o apartamento de um escritor todas as noites da semana. Valia a pena brigar para manter uma dádiva daquelas. Dentro dessa moça, imaginou, deveria haver matéria-prima para milhares ou dezenas de milhares de palavras de ficção. Era possível entregar de bandeja um prêmio assim? Sem falar que era atraente, o que por si só já era alguma coisa. Outro motivo ainda mais forte – embora talvez fosse o mais difícil de explicar – exigia que ele a ajudasse: a mancha colorida deixada por seus punhos na carne lisa da sua bochecha.

– Não dá para a gente chegar a alguma espécie de acordo? – perguntou. – Será que não tem um jeito... hum... extra-oficial de contornar as acusações

por enquanto?

As sobrancelhas pesadas de Cassidy se contraíram e a vermelhidão natural de suas faces se fez mais escura.

– O senhor está tentando...

Parou no meio da frase, e seus pequenos olhos azuis se estreitaram ao ponto de quase desaparecerem por completo.

– Pode continuar. Quem manda é o senhor.

Carter sabia que suborno era um assunto sério, principalmente em se tratando de um policial. A lei não pode ser desviada de forma leviana, pervertida por um indivíduo. Jogar alguns pedacinhos de papel-moeda na direção desse instrumento poderoso, na expectativa de desviá-lo do seu propósito, seria, no mínimo, um procedimento temeroso.

Porém, a lei que se lhe apresentava na pessoa desse Cassidy gordo, em trajes mal-ajambrados e nada impecáveis, embora fosse sem dúvida a mesma lei, parecia menos intimidante, menos inacessível. Tomava quase uma dimensão humana... a dimensão de um homem não inteiramente desprovido de falhas e fraquezas. Para dizer a verdade, a lei nesse momento o encarava através de pequenos olhos azuis que traíam claramente a ganância, apesar da indiferença com que o rosto em que se situavam tentava dissimular esse fato.

Carter hesitou, buscando as palavras mais atraentes para envolver sua proposta, mas o detetive lhe livrou da incumbência de abordar o assunto.

– Olha só, doutor – disse com franqueza –, já captei a proposta! Mas, numa boa, duvido que valha o que vai lhe custar.

– E quanto custaria?

– Bem, só de recompensa pela captura são quatrocentos, que eu saiba... talvez seja até mais.

Quatrocentos dólares! Era bem mais do que Carter imaginara pagar. Mesmo assim, as informações que ele conseguiria com ela valeriam muitas vezes mais.

– Fechado! – respondeu. – Quatrocentos, então.

– Pera lá! – murmurou Cassidy. – Isso não me adianta nada! O senhor está achando que sou otário? Se eu entrego ela, não só me dão os quatrocentos, como ganho pontos, para ser promovido. Por que cargas d’água eu vou soltar ela para ganhar o mesmo valor e ainda correr o risco de me danar se alguma coisa vaza?

Carter teve de reconhecer a justeza do raciocínio do detetive.

– Quinhentos – ofereceu.

Cassidy meneou a cabeça enfaticamente.

– Na boa, não dá para deixar por menos de mil... e o senhor seria trouxa se pagasse isso. Ela é uma garota bacana, eu sei, mas o mundo está cheio de garotas tão bacanas quanto ela, e muito mais baratas.

– Não posso pagar mil – afirmou Carter lentamente. Ele só tinha alguns dólares a mais do que isso na conta bancária.

O bom senso aconselhava-o a não gastar tudo que tinha para ajudar a moça; rezava que mesmo o pagamento de quinhentos dólares por sua liberdade seria romper com os limites da conduta racional.

Erguia a cabeça para reconhecer a derrota e para autorizar Cassidy a levá-la embora, quando seus olhos fixaram a moça. Embora ela ainda se esforçasse para manter sua postura de indiferença irônica para com o seu destino – e conseguiu, de fato, estampar no rosto um sorriso estouvado –, seu queixo tremia e já não posicionava os ombros com tanta empáfia.

Os ditames da razão contavam por quase nada diante de tais indícios de desespero.

Independentemente da vontade consciente, Carter ouviu-se dizer:

– O máximo que posso oferecer são setecentos e cinqüenta.

Cassidy meneou a cabeça vigorosamente, mas prendeu um canto do lábio inferior entre os dentes, o que esvaziou o gesto de seu teor definitivo.

Encorajada pela indecisão do detetive-sargento, a moça colocou uma impulsiva mão sobre o seu braço e acresceu à tentação do dinheiro o peso da sua personalidade.

– Ah, vamos lá, Cassidy – implorou. – Seja um cara legal... quebra esse galho para mim! Pega aí os setecentos e cinqüenta! Você já tem a reputação ótima; não precisa me entregar!

Cassidy se voltou abruptamente para Carter.

– Estou dando uma de otário, mas vai lá, passa logo a grana.

Quando viu Carter retirar o talão de cheques da gaveta da escrivaninha, Cassidy quis voltar atrás, exigindo pagamento em espécie. Conseguiram convencê-lo finalmente a aceitar um cheque ao portador.

Chegando à porta, ele se virou e balançou um dedo gordo para Carter.

– Não se esqueça – ameaçou –, se tentar aprontar alguma coisa com esse cheque, eu acabo com você, nem que para isso eu tenha que forjar as

provas!

– Não vou aprontar nada – assegurou Carter.

Ninguém poderia duvidar que a moça tinha fome. Ela devorou o rosbife frio, salada, pão, doces e café que Carter lhe ofereceu. Nenhum dos dois falou muito enquanto ela comia. A comida monopolizava sua atenção, enquanto o cérebro de Carter se ocupava em planejar como tirar o máximo proveito da oportunidade que se lhe apresentava.

Quando chegaram aos cigarros, o humor da moça suavizou um pouco, e Carter conseguiu persuadi-la a falar de si. Permaneceu claro, no entanto, que ela o aceitara com muitas reservas, e não deu nenhum sinal de baixar a guarda.

Contou-lhe sua história sucintamente, sem entrar em maiores detalhes.

– Meu velho se chamava John Cardigan, porém era mais conhecido como “John Caixa de Papelão” por causa do truque que tinha de carregar suas ferramentas numa caixa de sapatos, o que não levantava suspeitas. Sem querer puxar a brasa demais, ele era um dos ladrões mais habilidosos que já vi no crime! Não me lembro muito bem de minha mãe. Ela morreu ou se mandou ou alguma coisa assim quando eu era garotinha, e o velho não gostava de falar dela.

“Mas eu tive uma criação das melhores, do ponto de vista do crime. O velho era um gênio na sua área, e meu irmão mais velho, Frank – ele está cumprindo pena de um a quatorze anos em Deer Lodge –, não era nenhum amador com o abridor de latas... arrombamento de cofres, entendeu? Juntando eles com as gangues que freqüentavam, eu tive uma formação muito boa, num certo sentido.

“Tudo estava indo muito bem, eu cuidando da casa para o velho e Frank, e eles me dando tudo que eu queria, até uma noite em que o velho foi apagado por um vigia noturno na Filadélfia. Algumas semanas depois, eles apanharam Frank em algum cafundó lá de Montana... uma tal de Great Falls. Aí fiquei na dureza. Não tínhamos muito dinheiro guardado – o que entra fácil, sai fácil –, e o pouco que tinha, eu mandei para o advogado de Frank, para que tentasse soltar ele. Mas não deu em nada; pegaram ele de jeito e não teve senão.

“Depois disso, tive que me virar. Ou eu aproveitava os conhecimentos que Frank e o velho tinham me passado, ou eu virava mulher da vida. É claro que eu não teria que ir parar na rua mesmo; tinha vários caras

dispostos a me bancar. Acontece que é uma maneira canalha de ganhar a vida. Não quero pertencer a ninguém!

“Vai ver você acha que eu devia ter conseguido um emprego numa loja ou numa fábrica ou alguma coisa assim. Mas, para começo de conversa, não é fácil uma garota sem experiência ganhar o suficiente para se sustentar. Além do mais, metade dos tiras da cidade sabiam que eu era filha do velho, e não iam guardar segredo se me encontrasse trabalhando em algum lugar... no mínimo iam achar que eu estava estudando o local para preparar algum golpe.

“Então, pesando as opções, resolvi me arriscar no ofício do velho. Foi moleza desde o começo. Eu sabia todos os truques e não era difícil colocá-los em prática. O fato de eu ser garota até ajudou. Mais de uma vez, quando me pegaram com a boca na botija, as pessoas acreditaram que eu tinha entrado no lugar errado por engano.

“Mas ser garota também tinha suas desvantagens. Como só tinha eu de mulher no ramo, meu trabalho logo ficou conhecido. Não demorou para os tiras pegarem o meu rastro. Me apanharam umas duas ou três vezes, mas eu tinha um bom advogado, que conseguia me livrar das acusações. Eles acabavam me soltando, mas não me esqueciam.

“Aí teve uns trabalhos que deram errado. Fiz uns serviços dos quais sabiam que eu não ia conseguir me safar, e passaram a me procurar direto. Para piorar, eu dispensei vários caras que tentaram me cantar uma ou outra vez, e esses aí passaram a falar mal de mim. Diziam para todo mundo que eu era metida, e isso me sujou com gente que podia ter me dado uma força na hora do aperto.

“Então, além de me esconder dos tiras, eu tinha que driblar metade dos bandidos da cidade também, com medo que me dedurassem. Essa história de ladrão com ética não funciona muito em Nova York!

“No final, a coisa ficou tão difícil que eu não conseguia nem voltar para o meu quarto, onde guardava minhas roupas e a pouca grana que tinha. Fiquei num esconderijo do outro lado da cidade, só prestando atenção nos tiras que estavam vigiando o lugar e sabendo que, se mostrasse a cara, eles me pegavam.

“Chegou uma hora que não dava mais para ficar lá. Não tinha comida, e eu não conseguia encontrar ninguém de confiança; então apostei tudo e fugi pelo telhado, com a idéia de dar uma investida no primeiro lugar que

encontrasse, para ver se conseguia um mínimo para comer e para dar no pé da cidade.

“E foi este aqui o lugar que escolhi, e cá estamos, no fim da minha historinha.”

Ficaram em silêncio durante um momento, ela observando Carter de esguelha para tentar adivinhar seus pensamentos, ele contemplando o relato e admirando seu potencial literário.

Ela começou a falar de novo, a voz recuperando o tom ligeiramente metálico que possuíra antes que ela se descuidasse um pouco de sua postura desconfiada, na ânsia de contar a história.

– Olha só, meu camarada, não sei qual é o seu jogo, mas já te avisei que não estou a fim de conversa.

Carter riu.

– Angel Grace... é um bom nome, pois você foi enviada por inspiração divina – comentou, acrescentando com leve acanhamento: – Meu nome é Brigham, Carter Webright Brigham.

Pausou, traindo certa expectativa, que logo se concretizou.

– O que, o escritor?

O reconhecimento imediato da moça o deixou radiante. Ainda não havia alcançado o patamar de sucesso em que esperava que todos o conhecessem.

– Você já leu alguma coisa minha? – indagou.

– Claro! “Veneno para um” e “O acordo” na *Warner’s Magazine*, “Vingança S.A.” na revista *National* e todos os seus contos na *Cody’s*!

O tom da voz não deixava dúvida de que havia gostado de suas histórias, mesmo sem levar em consideração o testemunho adicional dado pela admiração que substituíra em seus olhos o cálculo.

– Pois está aí a sua resposta – disse ele. – O dinheiro que dei para Cassidy é um investimento em uma mina de ouro. Seus relatos darão grandes contos, e as revistas vão adorar!

Curiosamente, não pareceu lhe dar prazer a descoberta de que o interesse dele era de ordem estritamente profissional. Ao contrário, surgiram pequenas sombras nos límpidos campos verdes de seus olhos.

Percebendo-as, Carter logo acrescentou, por alguma apreensão intuitiva:

– Mas creio que teria feito a mesma coisa, mesmo que não houvesse histórias. Não podia deixar que ele a levasse para a prisão.

Ela sorriu um tanto descrente, mas seus olhos se desanuviaram.

– Está muito bem – observou ela –, até onde vai. Mas não esqueça que Cassidy não é o único detetive da cidade na minha cola. E não se esqueça que vai sobrar para você se me ajudar.

Carter aterrissou.

– É verdade! Vamos ter que pensar no que fazer.

A moça falou:

– Na certa vou ter que sair da cidade! Tem muita gente me procurando, e sou conhecida demais. E tem mais uma coisa: você só pode confiar no Cassidy enquanto ele não gastar todo o dinheiro, o que não vai demorar. Se vacilar, ele está perdendo tudo no carteado agorinha mesmo. Assim que ele estiver duro, volta a procurar você. Você está seguro, porque ele teria que se incriminar para provar qualquer coisa contra você; mas se eu estiver por perto, ele me prende no ato, a não ser que você ofereça mais grana. E ele vai tentar usar você para me encontrar. A única solução para mim é fugir.

– É isso que faremos – exclamou Carter. – Escolheremos um lugar seguro, não muito longe, para onde você possa ir ainda hoje. Eu encontro você lá amanhã, e faremos planos mais definitivos.

Quando concluíram sua combinação, já era o meio da manhã.

Carter foi ao banco assim que abriu e sacou tudo que tinha, deixando apenas o valor dos cheques que estavam na praça, incluindo o do detetive-sargento. A moça precisaria de dinheiro para comida e hospedagem, e também para comprar roupas, pois tinha certeza de que seu quarto continuava a ser vigiado pela polícia.

Ela deixou o apartamento de Carter em um táxi, com instruções para comprar roupas de cor e estilo diferentes das que usava, para destoar da descrição que estava nas mãos da polícia. Em seguida, devia pegar um outro táxi e seguir até uma estação ferroviária distante da cidade, evitando a possibilidade de ser reconhecida, apesar das roupas novas, por policiais nas estações de trem e balsa. Na estação distante, apanharia um trem para uma cidade do interior do estado, onde haviam marcado encontro.

Carter iria no dia seguinte.

Ele não a acompanhou até a porta da rua, mas despediu-se dela dentro do apartamento. Na hora de partir, ela deixou de lado o jeito cínico, durão, e tentou manifestar sua gratidão.

Mas ele a impediu, arremedando desajeitadamente a recomendação feita por ela na noite anterior:

– Ai, pára com isso!

Carter Brigham não trabalhou naquele dia. O conto que escrevia lhe pareceu duro e sem vida e inteiramente sem relação com a realidade. O dia e a noite se arrastaram mas, embora devagar, acabaram passando, e finalmente ele se viu descendo de um trem sujo na cidadezinha onde ela devia estar à sua espera.

Ao registrar-se no hotel que haviam escolhido, deu uma olhadela na página em que estavam os registros do dia anterior. Não constava o nome que ela deveria usar, “sra. H.H. Moore”. Indagando discretamente, descobriu que ela não havia chegado.

Carter enviou suas malas para o quarto e saiu para verificar os dois outros hotéis da cidade. Ela não estava em nenhum dos dois. Comprou no jornaleiro um monte de jornais de Nova York. Não havia nada sobre a prisão dela. Não havia sido apanhada na saída da cidade, senão os jornais teriam dado destaque à história.

Durante três dias ele se agarrou à esperança de que ela não tivesse fugido. Passou três dias em seu apartamento de Nova York, os ouvidos em alerta para escutar o tilintar do telefone, checando obsessivamente sua correspondência, sempre a esperar o mensageiro, que não veio. De vez em quando, mandava telegramas para o hotel do interior, telegramas inúteis.

Acabou aceitando a verdade incontestável: ela decidira – talvez sempre tivesse tido esta intenção – não correr o risco de reencontrá-lo e escolhera um outro esconderijo. Não tivera intenção de cumprir suas obrigações para com ele, apenas recebera sua ajuda e partira.

Passou mais um dia ocioso enquanto se acostumava com a amarga consciência do fato. Em seguida, decidiu resgatar o que podia da situação. Felizmente, parecia ser bastante. O enredo simples que a moça lhe havia relatado podia ser transformado com facilidade em uma novela, para a qual haveria mercado certo. As histórias de ladrão estavam sempre em demanda, em especial uma que tivesse uma legítima ladra-donzela, retratada do modelo vivo.

Ao debruçar-se sobre a máquina de escrever, a atenção voltada para seu ofício, sua decepção começou a se desfazer. A moça havia partido. Ela o havia tratado de modo ingrato, mas talvez fosse melhor assim. O dinheiro que ela lhe havia custado seria reposto com juros pela venda dos direitos de veiculação da história como folhetim. Quanto à questão pessoal: ela era de

fato linda, fascinante e até simpática, mas não deixava de ser uma criminosa...

Durante vários dias, só saiu de frente da máquina de escrever para comer e dormir, e mesmo assim pouco.

Finalmente o manuscrito ficou pronto, e ele o colocou no correio. Durante os dois dias seguintes, descansou com a mesma intensidade com que havia trabalhado, ficando na cama até tarde, passando o dia sem fazer nada, repondo o desgaste de energia nervosa que o trabalho sempre lhe custava.

No terceiro dia veio um bilhete do editor da revista à qual havia enviado a história, pedindo que comparecesse à redação no dia seguinte às duas e meia.

Havia quatro homens com o editor na hora em que ele entrou no escritório. Dois deles, ele conhecia: Gerald Fulton e Harry Mack, também escritores. Ele foi apresentado aos outros dois: John Deitch e Walton Dohlman. Embora não os conhecesse pessoalmente, conhecia o seu trabalho; eles escreviam para algumas das mesmas revistas que publicavam seus contos.

Quando todos estavam sentados, com cigarros e charutos acesos, o editor sorriu para os rostos que o encaravam com franca curiosidade.

– Agora, vamos ao assunto. De início, vocês vão pensar que é um assunto bastante esdrúxulo, mas vou tentar não me alongar mais do que o necessário.

Voltou-se para Carter:

– Sr. Brigham, o senhor se importaria de nos contar como obteve a idéia para a sua história “O anjo do segundo andar”?

– Claro que não – principiou Carter. – Foi até bastante curioso. Acordei certa noite com o barulho de um ladrão no meu apartamento e me levantei para investigar a situação. Derrubei-o e lutamos no escuro por algum tempo. Aí acendi as luzes e...

– Era uma mulher, uma moça! – interrompeu Gerald Fulton, quase sem voz.

Carter deu um salto.

– Como sabia? – exigiu ele.

Percebeu então que Fulton, Mack, Deitch e Dohlman estavam todos eretos em suas cadeiras e que seus rostos tão heterogêneos traziam todos a

mesma expressão estupefata.

– E após algum tempo, entrou um detetive?

Era a voz de Mack, mas rouca e amortecida.

– Seu nome era Cassidy!

– E por um preço, ajeitava as coisas – arrematou Deitch.

Depois disso, houve um longo silêncio, enquanto o editor fingia interessar-se pelos contornos de um peso de papel redondo, de vidro, que se encontrava sobre a mesa, e os quatro escritores profissionais fitavam intensamente o nada, os rostos acanhados e ruborizados como beterrabas.

O editor abriu a gaveta e retirou uma pilha de manuscritos.

– Aqui estão – disse ele. – Eu sabia que havia algo de errado quando recebi cinco histórias em dez dias que, embora diferentes no tratamento, eram sem dúvida todas sobre a mesma garota!

– Joga a minha no lixo – instruiu Mack, com delicadeza, e os outros menearam a cabeça concordando com a idéia. Todos, menos Dohlman, que parecia estar relutando com uma idéia. Finalmente, ele se dirigiu ao editor.

– É uma boa história, não é, em todas as suas cinco versões?

O editor assentiu.

– Sim, eu teria comprado uma, mas cinco...

– Por que não comprar uma? A gente tira na sorte...

– Tudo bem, acho justo – disse o editor.

Assim foi feito. Ganhou Mack.

Os olhos azuis de Gerald Fulton ficaram mais redondos do que nunca, olhando atônito para o grupo. Afinal, encontrou palavras:

– Meu Deus! Quantos outros estarão a escrever agora mesmo essa mesma história?

Mas transitava pela cabeça de Carter uma dúvida de ordem inteiramente diversa.

Diacho! Será que ela beijou também o resto desse bando de marmanjos?

OceanofPDF.com

MEDO DE TIRO

Owen Sack virou-se do fogão quando a porta de sua cabana se abriu, deixando entrar “Rip” Yust, e com a mão que não segurava a cafeteira fez um gesto hospitaleiro indicando a mesa, onde a comida fumegava diante de uma cadeira.

– Olá, Rip! Sente aí e aproveite enquanto está quente. Só leva um minuto preparar mais pra mim.

Assim era Owen Sack, um homem baixo e de uma magreza compacta, olhos redondos azul-porcelana e redondas faces rubicundas, só a escassez de cabelos cor de palha denunciando os cinqüenta e tantos anos, um homenzinho tranqüilo, cuja simpatia demasiado ávida às vezes sugeria timidez.

Rip Yust atravessou a sala até a mesa, mas não ligou para a comida. Em vez disso, pôs dois grandes punhos no tampo, curvou o peso sobre eles e franziu o cenho para Owen. Era grandão, esse tal Rip Yust, pançudo, ombros caídos, membros grossos, sempre com uma espécie de mau humor fleumático. Mas agora tinha as fortes feições retorcidas numa carranca.

– Pegaram “Lucky” hoje de manhã – disse após um instante, e a voz não era a de alguém que traz uma notícia. Era acusadora.

– Quem pegou ele?

Owen Sack desviou os olhos dos do outro ao fazer a pergunta e lambeu os lábios, nervoso. Sabia quem tinha pegado o irmão de Rip.

– Quem você acha que foi? – perguntou Rip, com grande desprezo. – A Lei Seca! Você sabe!

O homenzinho piscou os olhos.

– Ora, Rip. Como é que eu ia saber? Não vou na cidade faz uma semana, e ninguém passa mais por aqui.

– É, imagino como você ia saber.

Yust contornou a mesa até onde estava Owen Sacks – com pequenos glóbulos de umidade reluzindo na cara redonda –, agarrou-o pela folga da camisa azul no peito e levantou-o do chão. Deu-lhe duas sacudidas – com uma falta de veemência que tinha mais força que qualquer violência – e tornou a depositá-lo no chão.

– Você sabia onde era o esconderijo da gente – acusou, ainda segurando a folga do peito da camisa numa das mãos musculosas – e mais ninguém

fora da gente sabia. Os tiras apareceram lá hoje de manhã e pegaram Lucky. Quem contou a eles onde era? Você, seu rato!

– Eu, não, Rip! Eu, não! Eu juro por...

Yust cortou a lamúria do homenzinho pondo a larga palma da mão sobre sua boca.

– Talvez não. Pra falar a verdade, ainda não estou muito certo... senão não ia estar aqui conversando com você. – Afastou a aba do paletó, desnudando por um segundo o cabo marrom de um revólver que despontava do coldre de ombro. – Mas parece que não podia ser mais ninguém. Como eu não faço mal a ninguém que não faz a mim, estou dando uma olhada para ter certeza. Mas se descobrir que foi você mesmo...

Fechou as grandes mandíbulas com um estalo. Fez um gesto de enfiar rápido a mão direita dentro do paletó, perto da axila esquerda. Balançou devagar a cabeça sem muita ênfase e deixou a cabana.

Por algum tempo, Owen Sack não se mexeu. Permaneceu rígido, fitando com vazios olhos azuis a porta pela qual o visitante desaparecera; e agora parecia velho. O rosto exibia rugas que não tinha antes; e o corpo, apesar de toda a rigidez, parecia mais frágil.

Ele acabou por sacudir os ombros de modo brusco, e voltou para o fogão com a aparência de quem afastara o episódio da mente; mas logo depois o corpo desmoronou, sem ânimo. Foi até a cadeira, desabou nela e empurrou a comida que esfriava, para apoiar a cabeça nos antebraços.

Sentia arrepios, os joelhos tremiam, exatamente como sentira arrepios e os joelhos haviam tremido quando ajudara a carregar Cardwell para casa. Diziam as más línguas que Cardwell falara demais sobre um certo contrabando no rio Kootenai. Fora encontrado uma manhã num matagal abaixo de Dime, com um buraco na nuca, por onde entrara a bala, e outro maior na frente, por onde ela saíra. Ninguém sabia quem a disparara, no entanto as más línguas em Dime tinham palpites, e cuidavam para que tais palpites não chegassem aos ouvidos dos irmãos Yust.

Não fosse por Cardwell, Owen sabia que poderia ter convencido Rip Yust de sua inocência. Mas, sempre que via um dos Yusts, tornava a ver o morto; e nessa tarde, quando Rip entrou em sua cabana e lançou do outro lado da mesa seu acusador: “Pegaram Lucky hoje de manhã”, Owen Sack só pôde pensar em Cardwell, e em nada mais – foi tomado por um medo que o fez falar e agir como se houvesse de fato guiado os agentes da Lei

Seca até o esconderijo dos Yusts. Por isso Yust saiu mais que meio convencido de que suas suspeitas eram corretas.

Owen Sack sabia que Yust era um sujeito justo, segundo suas próprias luzes. Não faria coisa alguma enquanto não tivesse certeza de que era ele o homem. Então, atacaria sem aviso nem piedade.

Olho por olho era o código dos Rip Yusts do mundo, e o inimigo tinha de ser eliminado sem escrúpulos. E de pouco conforto servia para Owen o fato de que Yust não atacaria enquanto não se convencesse de que tinha o homem certo.

Yust não possuía uma das mentes mais lúcidas do mundo; não estava equipado, apesar de toda sua paciência e determinação, para peneirar sem erro o falso do verdadeiro. Muita coisa que, vista corretamente, não teria significado, poderia, para ele, parecer prova irrefutável da culpa de Owen – agora que os temores deste o haviam levado a bancar a testemunha contra si mesmo.

E uma bela manhã o corpo de Owen seria encontrado como o de Cardwell. Talvez também as suspeitas contra Cardwell fossem injustas.

Owen Sack empertigou-se, erguendo os ombros e franzindo a boca, numa débil tentativa de recompor-se. Apertou a testa com os punhos e por um momento tentou convencer-se de que procurava chegar a uma decisão, estabelecer o que fazer. Mas no fundo sabia o tempo todo que mentia para si mesmo. Ia fugir mais uma vez. Sempre fugia. O momento de resistir passara.

Trinta anos atrás, podia ter resistido.

Daquela vez em que, numa espelunca no Marsh Market Space, em Baltimore, uma disputa sobre a contagem dos dados o deixara frente a frente com a pistola de calibre grosso e cano curto de um marinheiro inglês. A mão do homem tremera; os dois estavam muito próximos; o inglês parecia estar com tanto medo quanto ele. Um puxão, um soco – não teria sido nada difícil. Mas, após um instante, ele sucumbira; deixara o inglês não apenas expulsá-lo do jogo, mas da cidade.

O medo das balas fora forte demais para ele. Não era um covarde (naquele tempo, não); uma faca, que a maioria dos homens teme, não lhe parecia especialmente assustadora naquele tempo. Viajava a uma velocidade calculável e discernível; a gente a via vindo; podia julgar o tempo; desviá-la, desviar-se; ou virar-se para que o ferimento fosse leve. E

mesmo que acertasse, fosse fundo, era afiada e cortava fácil a carne, uma separação limpa e nítida dos tecidos.

Mas uma bala, uma bola de metal, quente dos gases que a impeliam, voando invisível para a gente – a uma velocidade ignorada –, não para abrir caminho com um gume afiado, mas uma estrada a marretadas com a ponta rombuda, varando tudo que ficasse no caminho. Um bolo de chumbo quente, abrindo seu irresistível túnel na carne e tendões, despedaçando ossos! Isso não podia enfrentar.

Portanto, fugira da cidade de Maryland, para evitar a possibilidade de outro encontro com o marinheiro inglês e sua pistola de cano curto.

E essa fora só a primeira vez.

Aonde quer que fosse, mais cedo ou mais tarde se vira olhando a boca de uma arma ameaçadora. Era como se o próprio temor atraísse a coisa temida. Quando menino, diziam-lhe que um cão morde a gente se acha que a gente está com medo dele. Com as armas, tinha sido assim.

Cada repetição o deixara pior que antes; agora, a simples visão de uma arma ameaçadora o paralisava, e até mesmo a idéia de uma o deixava com a mente embotada pelo terror.

Naqueles primeiros dias, não era covarde, a não ser no caso das armas de fogo; mas fugira demais; e esse medo, aumentando, espalhara-se como o alastramento de um tumor canceroso, até que, aos poucos, ele mudara de um homem de razoável coragem, com um único medo mórbido, para outro, sem coragem alguma, com medos que incluíam a maioria das formas de violência física.

No começo, porém, seu medo não era tão grande que o fizesse recuar. Poderia tê-lo superado aquela vez em Baltimore. Isso teria exigido um esforço enorme, mas poderia. E também na vez seguinte, em Nova Gales do Sul, quando, ao contrário, cavalgara loucamente até Bourke, cruzando mais de quinhentos quilômetros de pastagens, para fugir de uma arma nas mãos de um cavaleiro valentão da fronteira – uma fuga desesperada, por uma estrada cujos buracos se projetavam do chão como dormentes de ferrovia, coelhos assustados e melões brotando dos raros trechos de capim do caminho.

Também não teria sido tarde demais três meses depois, no norte de Queensland. Mas tornara a fugir. Correra para Cairns e o vapor de Cooktown, dessa vez fugindo da ameaça de um revólver enferrujado, na

gigantesca mão de um negro junto ao qual trabalhara mergulhado até os joelhos, no rio branco da mineração de prata de Muldiva.

Depois disso, já não tinha mais recuperação. Não poderia então, de modo algum, dominar o medo. Estava vencido, e sabia que estava. Daí por diante, corria sem sequer uma vergonha decente em sua covardia, e passara a fugir de outras coisas além das armas de fogo.

Deixara, por exemplo, que um garimpeiro mestiço o expulsasse de Morro Velho, do seu emprego na britânica Companhia de Mineração São João del Rey, e de Tita. A boca rubra de Tita passara do sorriso à zombaria, mas nem uma coisa nem outra tivera força suficiente para impedir que Owen Sack recuasse diante do floreio da faca na mão de um homem que ele poderia ter dominado com faca e tudo. Dos campos de petróleo de Bakersfield fora expulso pelos simples punhos de um trapaceiro baixote. E agora dali...

As outras vezes não tinham, de certa forma, sido tão ruins como essa. Ele era mais jovem então, e sempre outros lugares o atraíam – um lugar era tão bom quanto outro. Mas agora era diferente.

Não era mais jovem, e ali, nas Cabinet Mountains, pretendia ficar para sempre. Passara a encarar sua cabana como seu lar. Só queria duas coisas agora: um sustento e tranqüilidade, e até então os encontrara em Dime. Em 1923, ainda era possível lavar do Kootenai pó de ouro suficiente para ganhar um salário – bons salários. Não para amealhar riqueza, certamente, mas não queria riqueza; queria um lar tranqüilo, e durante seis meses o tivera ali.

E então dera por acaso com o esconderijo dos Yusts. Sabia, como toda Dime, que o rio Kootenai – serpeando pela British Columbia abaixo para expor a maioria dos seus duzentos e tantos quilômetros em Montana e Idaho, antes de retornar à província onde nascia e juntar-se ao grande Colúmbia – era a estrada líquida pela qual chegava muita bebida, transportada depois para Spokane, não distante. Isso era coisa que todos sabiam, e Owen Sack, logo ele, não tinha desejo algum de maiores conhecimentos sobre o contrabando no rio.

Por que, então, o mandara sua sorte tropeçar com o lugar onde escondiam aquela bebida toda, até ficar pronta para a viagem por terra? E num momento em que os Yusts se achavam lá para testemunhar sua descoberta? E depois, como se já não bastasse isso, os agentes da Lei Seca

haviam baixado lá dentro de uma semana.

Agora os Yusts desconfiavam de que fora ele quem os delatara; era só uma questão de tempo até que aqueles cérebros estúpidos se convencessem desse fato; então atacariam – com um revólver. Uma pepita de chumbo atravessaria os tecidos de Owen como outra atravessara os de Cardwell...

Owen Sack levantou-se da cadeira e pôs-se a arrumar os pertences que pretendia levar consigo – para onde? Um lugar era igual a outro – um pouco de paz e conforto, e depois a ameaça de outra arma de fogo, mandando-o para outra parte. Baltimore, Nova Gales do Sul, norte de Queensland, Brasil, Califórnia, ali – trinta anos daquilo! Já estava velho, as pernas endurecidas para a fuga, mas a fuga tornara-se parte integrante dele.

Arrumou as coisas um pouco sem fôlego, os dedos errando atrapalhados na pressa.

O crepúsculo descia sobre o vale do Koonetai quando Owen Sack, curvado sob a trouxa feita com o cobertor nos ombros, atravessou a ponte para Dime. Ficara na cabana até o último minuto, para poder pegar a diligência que o levaria até a estrada de ferro pouco antes de o trem partir, evitando com isso despedidas e encontros embaraçosos. Agora apressava-se.

Mas, de novo, a sorte estava contra ele.

Ao dobrar a esquina do New Dime Hotel, para chegar à estação da diligência – duas portas adiante do salão de refrescos e bilhar de Henny Upshaw –, viu Rip Yust descendo a rua em sua direção. Percebeu que ele tinha o rosto vermelho e inchado e caminhava bamboleando. Estava bêbado.

Owen Sack parou no meio da calçada e logo percebeu que não era isso que devia fazer. A segurança estava – se estava em alguma parte – em continuar como se não se passasse nada fora do comum.

Atravessou a rua para a calçada oposta, maldizendo-se por essa demonstração clara do desejo de evitar o outro, mas mesmo assim incapaz de impedir as pernas de cruzarem às pressas a rua empoeirada. Talvez, pensou, os olhos de Rip Yust, turvados pelo uísque, não o vissem correndo para a estação da diligência com uma trouxa nas costas. Mas no momento mesmo em que sentia crescer a esperança, sabia que ela era fútil, infantil.

Rip Yust avistou-o, veio para o meio-fio do seu lado da rua e berrou:

– Ei, você! Aonde vai?

Owen Sack imobilizou-se, uma estátua de medo. O pavor congelou sua mente – o pavor e a lembrança de Cardwell.

Yust deu um risinho estúpido e repetiu:

– Aonde vai?

Owen Sack tentou responder, dizer alguma coisa – a segurança parecia estar nas palavras –, mas, embora conseguisse emitir um som, foi desarticulado, e nada teria dito ao outro, mesmo que chegasse a mais de três metros da garganta do homenzinho.

Yust deu uma risada trovejante. Parecia estar de muito bom humor.

– Se lembre do que eu lhe disse hoje de tarde – rugiu, balançando um grosso indicador para Owen Sack. – Se eu descobrir que foi você...

O grosso indicador voltou e bateu no peito esquerdo do paletó.

Owen Sack gritou com o repentino do gesto – um gritinho agudo de terror, que pareceu engraçado à bêbada imaginação do homenzarrão.

Outra risada trovejante partiu da garganta de Yust, e o revólver apareceu em sua mão. A prisão do irmão e o suposto papel de Owen Sack nela achavam-se no momento esquecidos no gozo do medo ridículo do homenzinho.

À visão do revólver, o último farrapo de sanidade de Owen Sack abandonou-o. O terror o tinha em suas garras. Ele tentou implorar, mas a boca não podia formar as palavras. Tentou erguer as mãos bem acima da cabeça, na posição universal de submissão, uma postura que o salvara muitas vezes antes. Mas a correia que prendia a mochila o atrapalhou. Tentou afrouxar a correia, soltá-la.

Para os olhos e cérebro turvados pelo álcool do homem no outro lado da rua, a mão de Owen Sack tentava enfiar-se sob o lado esquerdo do paletó. Rip Yust só pôde ver uma intenção nesse movimento – o homenzinho ia pegar o revólver.

A arma na mão de Rip Yust cuspiu chama!

Owen Sack deu um soluço. Alguma coisa o atingiu com força de um lado. Ele caiu sentado na calçada, os olhos arregalados, interrogadores e fixos na arma fumegante do outro lado da rua.

Descobriu que alguém se curvava sobre ele. Era Henny Upshaw, na frente de cuja loja caíra. Os olhos de Owen Sack retornaram ao homem no meio-fio defronte, que, agora sóbrio, o rosto de granito, aguardava os acontecimentos, a arma ainda na mão.

Owen Sack não sabia se se levantava, ficava imóvel ou deitava-se. Upshaw empurrara-o para o lado a tempo de salvá-lo da primeira bala; mas, e se o sujeito tornasse a atirar?

– Onde ele o atingiu? – perguntava Upshaw.

– Que foi?

– Agora fique calmo – aconselhou Upshaw. – Vai ficar bem. Vou chamar um dos rapazes para me ajudar com você.

Owen Sack ferrou os dedos numa das mangas de Upshaw.

– Que-que foi que houve? – perguntou.

– Rip lhe deu um tiro, mas você vai ficar bem. Basta...

Owen Sack largou a manga de Upshaw e tateou o corpo com as mãos, examinando-se. Uma delas voltou vermelha e pegajosa do lado direito, e ele sentiu aquele lado – onde recebera o impacto que o derrubara – quente e dormente.

– Ele *atirou* em mim? – perguntou, num grito excitado.

– Claro, mas você está bem.

Upshaw acalmou-o e chamou os homens que saíam devagar para a rua, atraídos pela curiosidade, mas retardados pela visão de Yust ainda parado, arma na mão, à espera para ver o que acontecia a seguir.

– Deus do céu! – arquejou Owen Sack em extremo pasmo. – E é só isso!

Saltou de pé – a trouxa soltando-se –, evitou as mãos que tentavam agarrá-lo e correu para a porta do estabelecimento de Upshaw. Numa prateleira embaixo da caixa registradora, encontrou a automática negra do dono, e, segurando-a rigidamente à frente, o braço esticado, voltou-se para a rua.

Tinha os olhos azuis de porcelana arregalados de pasmo, e de sua boca risonha saiu uma espécie de cantiga:

Andei fugindo estes anos todos

E é só isso.

Andei fugindo estes anos todos.

E é só isso!

Rip Yust, que agora cruzava a rua, estava no meio quando Owen Sack saiu da porta de Upshaw.

Os curiosos espalharam-se; Rip ergueu o revólver e trovejou. Um borrifo dos cabelos louros de Owen Sack voou para trás.

Ele deu uma risadinha e disparou três vezes, rápido. Nenhuma das balas atingiu o homenzarrão. Owen Sack sentiu uma coisa queimar-lhe o braço esquerdo. Tornou a atirar, e a errar.

– Preciso chegar mais perto – disse a si mesmo em voz alta.

Atravessou a calçada – a automática estendida rígida à frente –, desceu para a rua e começou a andar para onde, da arma de Yust, lápis de fogo brotavam ao seu encontro.

Enquanto andava, o homenzinho cantava a tola cantiga, e atirava, atirava, atirava... A certa altura alguma coisa bateu num de seus ombros, e outra em seu braço – acima de onde sentira a queimadura –, mas ele não se perguntou o que era.

Quando se achava a três metros de Rip, este se virou como para ir embora, deu um passo, o corpanzil curvou-se de repente num arco grotesco e ele foi arriando na areia da rua.

Owen Sack descobriu que a arma em sua mão estava vazia, já estava há algum tempo. Voltou-se. Distinguiu vagamente a larga entrada da loja de Upshaw. O chão grudava-se a seus pés, tentando puxá-lo para baixo, prendê-lo, mas ele chegou à entrada, à caixa registradora, tateou a prateleira e devolveu-lhe a automática.

Vozes falavam-lhe, braços envolviam-no. Ele ignorou as vozes, afastou os braços, tornou a alcançar a rua. Outras mãos a afastar. Mas o ar deu-lhe força. Entrou em outra casa, encostou-se no mostrador de armas da loja de Jeff Hamline.

– Quero as duas maiores armas de mão que você tenha, Jeff, e muita bala. Prepare tudo pra mim, que eu volto pra pegar daqui a pouco.

Sabia que Jeff lhe respondera, mas não pôde distinguir as palavras do ronco dentro de sua cabeça.

Outra vez o ar mais quente da rua. A areia da rua, que chegava aos tornozelos, puxava seus pés. A calçada defronte. A porta do dr. Johnstone. Alguém ajudando-o a subir os estreitos degraus. Um sofá ou mesa sob seu corpo: via e ouvia melhor, agora que se achava deitado.

– Me dê um jeito depressa, Doc! Preciso cuidar de um monte de coisas.

A suave voz profissional do médico:

– Não vai precisar cuidar de nada por algum tempo, a não ser de você mesmo.

– Tenho de viajar um bocado, Doc. Depressa!

– Você está bem, Sack. Não precisa ir embora. Da minha janela, eu vi Yust derrubar você primeiro, e meia dúzia de outros também viu. Legítima defesa, se algum dia já houve um caso!

– Não é isso! – Doc era um homem bom, mas não entendia muita coisa. – Preciso ir a muitos lugares, procurar muitos homens.

– Com certeza. Com certeza. – O médico falava-lhe como se ele fosse uma criança a quem tivesse de fazer a vontade, ou um bêbado.

– Deus do céu, Doc! Preciso refazer toda a minha vida da frente pra trás, e não sou mais nenhum menino. Preciso encontrar uns homens em Baltimore, na Austrália, no Brasil, na Califórnia, e sabe Deus onde mais. E alguns deles vão ser difíceis de encontrar. Preciso dar muito tiro. Não sou mais menino, e é um trabalho enorme. Preciso ir andando! O senhor tem de trabalhar depressa, Doc! Precisa...

A voz de Owen Sack engrolou-se num resmungo, num murmúrio, e sumiu.

OceanofPDF.com

TOM, DICK OU HARRY

Não sei se Frank Toplin era alto ou baixo. A única coisa dele que cheguei a ver foi a cabeça redonda – o escalpo nu e a cara enrugada, tudo da cor e textura de papel manilha – apoiada em travesseiros brancos, numa grande cama de dossel. Uma montanha de roupa de cama sepultava o resto do corpo.

Também no quarto, naquela primeira vez, achavam-se sua esposa, uma mulher gorducha, com umas rugas no rosto rechonchudo que pareciam arranhões em marfim; a filha Phyllis, uma dessas integrantes da turma elegante e popular da nova geração; e a criada que me abrira a porta, uma loura grandona, de avental e touca.

Apresentara-me como representante do escritório de San Francisco da Companhia de Seguros Norte-americana, o que eu era mesmo, de certa forma. Não havia vantagem imediata em receber um detetive da Agência de Detetives Continental, no momento contratado pela companhia de seguros, por isso omiti essa parte.

– Quero uma relação do material que vocês perderam – disse a Toplin –, mas primeiro...

– Material? – A esfera amarela do crânio de Toplin saltou dos travesseiros, e ele choramingou para o teto. – Cem mil dólares, no mínimo, e ele chama de material!

A sra. Toplin empurrou a cabeça do marido de volta aos travesseiros, com a mão de dedos gordos.

– Vamos, Frank, não fique excitado – acalmou-o.

Os olhos negros de Phyllis Toplin faiscaram, e ela me deu uma piscadela.

O homem na cama tornou a voltar o rosto para mim, sorriu meio envergonhado e deu uma risadinha.

– Bem, se vocês querem chamar de material sua perda de 75 mil dólares, eu acho que agüento pelos meus 25 mil.

– Quer dizer então que soma cem mil dólares? – perguntei.

– É. Nada estava segurado pelo valor total, e uma parte nem seguro tinha.

Isso era muito comum. Não me lembro de ninguém jamais haver admitido que alguma coisa roubada fora segurada pelo valor total – a

apólice sempre cobria a metade ou, no máximo, três quartos.

– Que tal me contar exatamente o que aconteceu? – sugeri, e acrescentei, para fugir de outro discurso que em geral vem a seguir: – Sei que já contou tudo à polícia, mas preciso ouvir do senhor.

– Bem, nós estávamos nos vestindo para ir à casa dos Bauers ontem à noite. Eu trouxe as jóias de minha esposa e minha filha, as peças valiosas, comigo, do cofre do banco. Tinha acabado de vestir o paletó e gritado para que elas se apressassem, quando a campainha da porta tocou.

– Que horas foi isso?

– Pouco depois das oito e meia. Eu saí deste quarto para a sala de visita do outro lado do corredor, e punha alguns charutos no estojo quando Hilda – indicou com a cabeça a criada loura – entrou no quarto, andando de costas. Comecei a perguntar a ela se tinha ficado maluca, andando de costas daquele jeito, quando vi o ladrão. Ele...

– Só um momento. – Voltei-me para a criada: – O que aconteceu quando a senhorita atendeu à campainha?

– Ora, eu abri, claro, e lá estava aquele homem parado, com um revólver na mão, e enfiou na minha... minha barriga, e me empurrou de costas para o quarto onde estava o sr. Toplin, e atirou no sr. Toplin e...

– Quando eu o vi, e o revólver na mão dele – Toplin reassumiu a história –, aquilo me deu uma espécie de susto, e o estojo de charutos me escorregou da mão. Quando tentei pegá-lo – não há sentido em estragar bons charutos, mesmo que estejamos sendo assaltados –, ele deve ter pensado que eu ia pegar uma arma ou alguma coisa assim. Seja como for, me deu um tiro na perna. Minha esposa e Phyllis entraram correndo quando ouviram o tiro, e ele apontou o revólver para elas, pegou todas as jóias delas e me fez esvaziar os bolsos. Depois mandou que elas me arrastassem para o quarto de Phyllis, que entrássemos no armário, e nos trancou a todos lá dentro. E veja bem, não disse uma palavra o tempo todo, nem uma palavra... só fez gestos com a arma e a mão esquerda.

– Qual a gravidade do ferimento em sua perna?

– Depende de se o senhor quer acreditar em mim ou no médico. Ele diz que não é nada demais. Diz que é só um arranhão, mas foi minha perna que levou o tiro, não a dele!

– Ele disse alguma coisa quando a senhorita abriu a porta? – perguntei à criada.

– Não, senhor.

– Algum de vocês o ouviu dizer alguma coisa enquanto esteve aqui?

Nenhum deles ouvira.

– O que aconteceu depois que ele trancou vocês no armário?

– Nada que soubéssemos – disse Toplin – até que McBirney e um policial vieram nos soltar.

– Quem é McBirney?

– O zelador.

– Por que ele apareceu com um policial?

– Ouviu o tiro e subiu, no momento em que o ladrão começava a descer, depois de sair daqui. O ladrão se virou e correu para cima, entrou num apartamento do sétimo andar e ficou lá, mantendo a mulher que mora lá, uma certa srta. Eveleth, calada com o revólver, até ter uma oportunidade de escapulir para fora e fugir. Deixou-a inconsciente antes de ir embora... e é só isso. McBirney chamou a polícia logo depois de ver o ladrão, mas eles chegaram tarde demais para fazer alguma coisa.

– Quanto tempo vocês ficaram no armário?

– Dez minutos... talvez quinze.

– Que aparência tinha o ladrão?

– Baixo, magro e...

– Da sua altura, talvez, ou talvez mais baixo.

– Um metro e sessenta e cinco, sessenta e sete, digamos? Qual seria o peso?

– Oh, eu não sei... talvez 55, sessenta. Era meio fracote.

– Idade?

– Não mais de 22 ou 23.

– Oh, papai – protestou Phyllis. – Tinha uns trinta, ou perto disso.

– Que acha a senhora? – perguntei à sra. Toplin.

– Vinte e cinco, eu diria.

– E a senhorita? – perguntei à criada.

– Não sei ao certo, senhor, mas não era muito velho.

– Louro ou moreno?

– Era louro – disse Toplin. – Não tinha se barbeado e a barba era amarelada.

– Mais castanho-clara – corrigiu Phyllis.

– Pode ser, mas era amarela.

– Cor dos olhos?

– Eu não sei. Ele tinha o boné puxado sobre eles. Pareciam negros, mas pode ser porque estavam na sombra.

– Como descreveria a parte do rosto que pôde ver?

– Pálido, e com uma aparência meio fraca... queixo pequeno. Mas não se podia ver muita coisa do rosto dele, tinha a gola erguida e o boné abaixado.

– Como estava vestido?

– Um boné azul puxado sobre os olhos, terno azul, sapatos pretos e luvas pretas... de seda.

– Maltrapilho ou arrumado?

– Umas roupas baratas, horrivelmente amassadas.

– Que tipo de arma?

Phyllis Toplin falou antes do pai.

– Papai e Hilda ficam chamando de revólver, mas era uma automática... uma 38.

– Vocês o reconheceriam se o vissem de novo?

– Sim – todos concordaram.

Abri um espaço na mesa-de-cabeceira e peguei lápis e papel.

– Quero uma relação do que ele pegou, com uma descrição tão detalhada de cada peça quanto possível, o preço que pagaram e quando.

Obtive a lista uma hora depois.

– Sabem o número do apartamento da srta. Eveleth? – perguntei.

– É o 702, dois andares acima.

Subi até lá e toquei a campainha. A porta foi aberta por uma jovem de vinte e poucos anos, o nariz oculto por esparadrapo. Tinha belos e claros olhos de avelã, cabelos escuros e aparência atlética.

– Srta. Eveleth?

– Sim.

– Eu sou da companhia de seguros que segurou as jóias dos Toplins e estou procurando informações sobre o roubo.

Ela tocou o nariz bandado e deu um sorriso dolorido.

– Isto é parte da minha informação.

– Como foi que aconteceu?

– Castigo por feminilidade. Esqueci de não me meter onde não era chamada. Mas o que o senhor deseja, suponho, é saber o que eu sei sobre o

vagabundo. A campainha tocou alguns minutos antes das nove ontem à noite e, quando abri a porta, lá estava ele. Assim que abri, ele me encostou a pistola e disse:

“‘– Pra dentro, menina!’

“Eu o deixei entrar sem nenhuma hesitação; fui muito espontânea e ele fechou a porta atrás com o pé.

“‘– Onde fica a escada de incêndio?’, perguntou.

“A escada de incêndio não chega a nenhuma das minhas janelas, e eu disse isso, mas ele não quis acreditar em mim. Me empurrou na frente até cada uma das janelas: mas claro que não encontrou nenhuma escada de incêndio, e ficou bravo, como se fosse minha culpa. Não gostei de algumas coisas que ele me disse, e era tão fracote que tentei pegá-lo na mão. Mas... bem, o homem ainda é o animal dominante no que me diz respeito. Em resumo, ele me estourou o nariz e me deixou no lugar onde caí. Então eu corri para o corredor lá fora e encontrei alguns policiais na escada. Contei soluçando minha historinha patética e eles me falaram do assalto aos Toplins. Dois deles me acompanharam de volta e revistaram o apartamento. Eu não o tinha visto partir mesmo, e acharam que ele era astuto ou desesperado o bastante para se enfiar num armário e ficar lá até que a costa estivesse limpa. Mas não o encontraram.”

– Quanto tempo acha que passou desde que ele a derrubou até quando a senhorita correu para o corredor?

– Oh, talvez uns cinco minutos. Talvez só metade disso.

– Que aparência tinha o sr. Ladrão?

– Era baixo, menor que eu; com uma barba de uns dois dias; vestia roupas azuis surradas, com luvas de pano pretas.

– Idade?

– Não muita. Tinha a barba rala e uma cara meio de menino.

– Notou os olhos?

– Azuis; os cabelos, onde apareciam por baixo do boné, eram louros muito claros, quase brancos.

– Que tipo de voz?

– Um baixo muito profundo, embora ele pudesse estar forçando.

– A senhorita o reconheceria se o visse de novo?

– Sim, sem dúvida! – Ela levou o dedo delicadamente ao nariz bandado. – De qualquer modo, meu nariz reconheceria, como diz o anúncio!

Do apartamento da srta. Eveleth desci para o escritório no primeiro andar, onde encontrei o zelador, sr. McBirney, e sua esposa, que cuidavam do prédio. Ela era uma mulherzinha magrela, com a boca e o nariz angulosos de uma megera; ele era alto, ombros largos, cabelos e bigode grisalhos, um rosto bem-humorado e irrequieto, e olhos joviais, de um azul aguado e claro.

McBirney contou com voz arrastada o que sabia do assalto.

– Eu estava consertando a carrapeta de uma torneira quando ouvi o tiro. Subi para ver o que se passava, e quando já tinha chegado a uma distância de onde, na escada, podia ver a porta dos Toplins, o sujeito saiu. A gente viu um ao outro ao mesmo tempo, e ele me apontou o revólver. Eu podia ter feito muitas coisas, mas o que fiz foi me abaixar e tirar a cabeça da linha de tiro. Ouvi o sujeito correr para cima e subi bem a tempo de ver ele dobrar a volta entre o quinto e o sexto andares.

"Não fui atrás dele. Não tinha arma nem nada, e imaginei que ele estava acuado. Um homem pode sair deste prédio para o telhado do vizinho pelo quarto andar, e talvez pelo quinto, mas não de nenhum lugar acima; e o apartamento dos Toplins fica no quinto. Imaginei que a gente tinha o sujeito. Eu podia ficar parado diante do elevador e vigiar as escadas da frente e dos fundos, e chamei o elevador e disse a Ambrose, o ascensorista, que desse o alarme e corresse para fora, para ficar de olho na escada de incêndio, até a polícia chegar.

"A patroa subiu com minha arma um ou dois minutos depois e me disse que Martínez – o irmão de Ambrose, que cuida da central telefônica e da porta da frente – tinha ido chamar a polícia. Eu podia ver bem as duas escadas, e o sujeito não desceu por elas; e só demorou alguns minutos até a polícia, um monte deles, chegar da delegacia de Richmond. Aí a gente tirou os Toplins de dentro do armário e começou a vasculhar o prédio. E então a srta. Eveleth desceu correndo a escada, o rosto coberto de sangue, e disse que ele estava no apartamento dela; por isso a gente teve toda certeza de que tinha fisgado o sujeito. Mas não tinha. Revistamos cada apartamento do prédio, mas nem sinal dele."

– Claro que não encontraram! – disse a sra. McBirney, de um modo desagradável. – Mas se você tivesse...

– Eu sei – disse o zelador, com o ar tolerante de alguém que aprendeu a aceitar as críticas como parte normal da vida de casado –, se eu fosse um

herói, tinha pegado ele eu mesmo, e me esbagaçado todo. Bem, eu não sou tolo como o velho Toplin, que levou um tiro no pé, nem Blanche Eveleth, que teve o nariz rebentado. Eu sou um homem de juízo, que sabe quando está por baixo... não vou saltar em cima de arma nenhuma!

– Não! Não vai fazer nada que...

Essa briga não ia me levar a parte alguma, por isso cortei com uma pergunta à mulher.

– Quem é o inquilino mais recente aqui?

– O sr. e a sra. Jerald... chegaram anteontem.

– Que apartamento?

– O 704... junto do da srta. Eveleth.

– Quem são esses Jeralds?

– Vieram de Boston. Ele me contou que veio para cá abrir uma filial de uma empresa industrial. É um homem de pelo menos cinqüenta anos, magro e com ar de quem não tem boa digestão.

– Só ele e a esposa?

– É. Ela também é doente... passou um ou dois anos num sanatório.

– Quem é o mais novo inquilino depois deles?

– O sr. Heaton, do 535. Mora aqui há duas semanas, mas no momento está em Los Angeles. Viajou há três dias e ia ficar dez ou doze dias fora.

– Como é ele e o que faz?

– Trabalha com uma agência teatral e é meio gordo e vermelho.

– O mais novo seguinte?

– A srta. Eveleth.

– E o seguinte?

– Os Wageners, do 923. Estão aqui já há dois meses.

– Quem são?

– Ele é corretor imobiliário aposentado. Os outros são a esposa e o filho Jack... um rapaz, de uns dezenove anos. Anda muito com Phyllis Toplin.

– Há quanto tempo os Toplins estão aqui?

– Vai fazer dois anos no mês que vem.

Eu me voltei da sra. McBirney para o marido.

– A polícia revistou os apartamentos de todas essas pessoas?

– É – disse. – A gente entrou em tudo que é quarto, tudo que é vão, tudo que é armário, do porão ao telhado.

– O senhor deu uma boa olhada no ladrão?

– É. Tem uma luz no corredor diante da porta dos Toplins, e bateu direto na cara dele quando eu o vi.

– Podia ser um dos inquilinos?

– Não, não podia, não.

– Reconhece o sujeito se vir de novo?

– Pode apostar.

– Como era ele?

– Meio enfezado, um rapaz de cara branca, 23 ou 24 anos, com um terno azul velho.

– Posso falar com Ambrose e Martínez, os rapazes do elevador e da portaria, agora?

O zelador olhou o seu relógio.

– É. Eles já devem estar de serviço. Chegam às duas.

Fui até o saguão e encontrei-os juntos, contando moedas. Eram irmãos, rapazes filipinos esbeltos, olhos brilhantes. Não acrescentaram grande coisa.

Ambrose descera ao saguão e mandara o irmão chamar a polícia assim que McBirney lhe dera a ordem, depois saíra pela porta dos fundos para vigiar a escada de incêndio. As escadas de incêndio desciam no fundo por um dos lados do prédio. Postando-se um pouco recuado da quina das paredes, o filipino podia manter um olho nas duas, e também na porta dos fundos.

Disse que havia muita iluminação, ele podia ver as duas escadas até o telhado, e não vira ninguém.

Martínez chamara a polícia pelo telefone e depois vigiara a porta da frente e o pé da escada da frente. Não vira nada.

Eu acabava de interrogar os filipinos, quando a porta da rua se abriu e entraram dois homens. Um deles eu conhecia: Bill Garren, detetive de polícia do Esquadrão de Lojas de Penhores. O outro era um rapaz louro baixinho, muito vistoso numas calças pregueadas, paletó curto de ombros quadrados e sapatos de couro com manchas amarelas combinando com o chapéu e as luvas. Fazia um biquinho de mau humor. Parecia não gostar de estar com Garren.

– Que está fazendo por aqui? – o detetive me saudou.

– O material de Toplin, para a companhia de seguros – expliquei.

– Está conseguindo alguma coisa? – perguntou.

– Estou quase para fazer uma prisão – disse eu, não inteiramente a sério nem inteiramente brincando.

– Quanto mais alegres somos, mais alegres ficamos – sorriu ele. – Eu já fiz a minha. – Indicou com a cabeça o rapaz embonecado. – Suba com a gente.

Entramos os três no elevador e Ambrose nos levou ao quinto andar. Antes de apertar a campainha dos Toplins, Garren me contou o que sabia.

– Esse garoto tentou empenhar um anel numa loja da Third Street ainda há pouco... um anel de esmeralda e diamante que parece ser um dos roubados dos Toplins. Está bancando o mudo agora; não falou uma palavra... ainda. Vou mostrá-lo a essas pessoas e depois levá-lo para o Tribunal de Justiça e arrancar palavras dele... palavras arrumadinhas em boas frases e tudo!

O preso olhava casmurro para o chão e não deu atenção a essa ameaça. Garren tocou a campainha e a criada Hilda abriu a porta. Ela arregalou os olhos quando viu o rapaz, mas não disse nada ao nos deixar entrar na sala de visitas, onde estavam a sra. Toplin e a filha. Elas ergueram o olhar para nós.

– Olá, Jack! – Phyllis cumprimentou o preso.

– Olá, Phyl – resmungou ele, sem olhar para ela.

– Entre amigos, hein? Bem, qual é a resposta? – perguntou Garren à moça.

Ela empinou o queixo, e embora enrubescesse, olhou altiva para o detetive.

– Se importa de tirar o chapéu? – perguntou.

Bill não é um sujeito mau, mas não tem nada de manso. Respondeu a ela quebrando o chapéu para cima de um olho e voltando-se para a mãe.

– Já viu esse rapaz antes?

– Ora, certamente! – exclamou a sra. Toplin. – É o sr. Wagener, que mora aí em cima.

– Bem – disse Bill. – O sr. Wagener foi apanhado numa loja de penhores tentando se livrar deste anel. – Tirou um vistoso anel verde e branco do bolso. – Conhece?

– Certamente! – disse a sra. Toplin, olhando o anel. – É de Phyllis, e o ladrão... – Deixou cair o queixo, ao começar a entender. – Como pode o sr. Wagener...

– É, como? – repetiu Bill.

A moça meteu-se entre mim e Garren, dando as costas a ele para me olhar.

– Eu posso explicar tudo – anunciou.

Isso pareceu demais uma legenda de filme para ser muito promissor, mas...

– Vá em frente – encorajei-a.

– Eu encontrei esse anel no corredor, perto da porta, quando acabou o barulho. O ladrão deve tê-lo deixado cair. Eu não disse nada a papai e mamãe, porque achei que ninguém ia nunca saber a diferença, e não estava no seguro, logo achei que era melhor vendê-lo e ficar com o dinheiro. Perguntei a Jack ontem de noite se podia vendê-lo para mim e ele disse que sabia exatamente como resolver o problema. Ele não teve nada a ver com o anel fora isso, mas achei que tivesse juízo suficiente para não empenhá-lo imediatamente.

Olhou com desprezo para o cúmplice.

– Está vendo o que você fez? – acusou-o.

Ele se mexeu e fez biquinho para os pés.

– Ha! Ha! Ha! – fez Bill de cara fechada. – Essa é ótima! Já ouviu a dos dois irlandeses que entraram por engano na Associação Judaica de Moços?

Ela não respondeu se ouvira ou não.

– Sra. Toplin – perguntei –, tirando as roupas diferentes e a cara não-barbeada, esse rapaz podia ser o ladrão?

Ela balançou a cabeça com ênfase.

– Não! Não podia!

– Largue seu preso, Bill – sugeri –, e vamos para um canto ter uma conferência só entre nós.

– Certo!

Arrastou uma pesada cadeira para o centro da sala, sentou Wagener nela, ancorou-o ali com algemas – não exatamente necessárias, mas Bill estava furioso por não ter seu preso identificado como o ladrão – e saiu comigo para o corredor. Podíamos ficar de olho na sala de visita dali, sem que ouvissem nossa conversa.

– É muito simples – sussurrei na orelhona vermelha dele. – Só há cinco maneiras de imaginar a coisa. Primeiro: Wagener roubou o material para os Toplins. Segundo: os Toplins arranjaram o roubo sozinhos e mandaram

Wagener vender. Terceiro: Wagener e a moça fizeram um trato sem os velhos saberem. Quarto: Wagener agiu por conta própria e a moça lhe deu cobertura. Quinto: ela nos contou a verdade. Nenhuma explica por que o companheirinho dela seria burro o suficiente para aparecer com o anel no centro hoje de manhã, mas isso nenhum sistema explica. Qual das cinco você prefere?

– Eu gosto de todas – resmungou. – Porém o que mais gosto é que peguei esse boneco... peguei ele tentando passar o anel. Isso me basta.Você cuida dos palpites. Não quero mais do que já consegui.

– Também não me aborrece – concordei. – Do jeito que a coisa está, a companhia de seguros pode dar um calote nas apólices... mas eu gostaria que a coisa ardesse mais um pouco, o bastante para pôr em cana todos que tentaram dar um golpe na Norte-americana. Vamos arrancar tudo que pudermos do garoto, jogá-lo no xilindró e depois ver que outros danos podemos causar.

– Tudo bem – disse Garren. – Que tal ir buscar o zelador e a tal Eveleth, enquanto eu mostro o rapaz ao velho Toplin e peço a opinião da criada?

Fiz que sim com a cabeça e segui pelo corredor, deixando a porta aberta atrás. Tomei o elevador até o sétimo andar e disse a Ambrose que chamasse McBirney e o mandasse ao apartamento dos Toplins. Depois toquei a campainha de Blanche Eveleth.

– Pode descer por um ou dois minutos? – perguntei-lhe. – Temos um preso que pode ser o seu amiguinho de ontem à noite.

– Se posso? – Ela dirigiu-se à escada comigo. – E se for ele, posso retribuir-lhe minha beleza arruinada?

– Pode – prometi. – Faça o que quiser, contanto que não o estropie demais para impedi-lo de ir a julgamento.

Levei-a ao apartamento dos Toplins sem tocar a campainha e encontrei todo mundo no quarto de Frank. Uma olhada à cara amarrada de Garren me disse que nem o velho nem a criada haviam identificado o preso.

Apontei Jack Wagener. A decepção tomou os olhos de Blanche Eveleth.

– Você se enganou – disse ela. – Não é ele.

Garren armou-lhe uma carranca. Era claro que, se os Toplins estivessem mancomunados com o jovem Wagener, não iriam identificá-lo como o ladrão. Bill contava que essa identificação viesse dos dois de fora – Blanche Eveleth e o zelador –, e agora um deles falhara.

O outro tocou a campainha nesse momento e a criada o introduziu.

Apontei para Jack Wagener, parado carrancudo ao lado de Garren, de olhos baixos.

– Conhece, sr. McBirney?

– É, o filho do sr. Wagener, Jack.

– É o homem que o ameaçou com um revólver ontem de noite?

Os olhos aguados do sr. McBirney saltaram de surpresa.

– Não – disse, com decisão, e começou a parecer em dúvida.

– Com um terno velho, boné puxado para os olhos e a barba crescida... podia ser ele?

– Não – disse o zelador, arrastando a voz. – Acho que não, embora... Sabe, agora que penso nisso, tinha alguma coisa conhecida naquele sujeito, e talvez... Diabos, acho que talvez o senhor tenha razão... embora eu não possa dizer bem com certeza.

– Chega! – grunhiu Garren enojado.

Uma identificação como a feita pelo zelador não vale nada num sentido ou noutro. Mesmo as identificações positivas e imediatas nem sempre são as boas. Muita gente sem juízo – e algumas que o têm, ou deviam ter – deu má fama à prova circunstancial. É enganosa às vezes. Mas quanto à inconfiabilidade autêntica, integral, do pré-guerra, não chega à distância de um tiro do testemunho humano. Peguem qualquer um que queiram – a menos que seja aquele um em cem mil com a mente treinada para manter tudo nos seus lugares –, façam-no ficar excitado, mostrem-lhe alguma coisa, dêem-lhe algumas horas para pensar e discutir bem, e depois perguntem a respeito. Dez a um como vão ter problema para descobrir qualquer ligação entre o que ele viu e o que diz ter visto. Como aquele McBirney – mais uma hora, e estaria disposto a apostar a vida em que Jack Wagener era o ladrão.

Garren pegou o rapaz pelo braço e dirigiu-se à porta.

– Para onde, Bill? – perguntei.

– Lá pra cima, conversar com os pais dele. Você vem?

– Fique um pouco por aqui – convidei. – Vou dar uma festinha. Mas primeiro, me diga, os tiras que vieram aqui quando disparou o alarme fizeram um bom serviço?

– Eu não vi – disse o detetive de polícia. – Só cheguei depois que os fogos de artifício já haviam acabado, mas pelo que sei o pessoal fez tudo

que se podia esperar deles.

Virei-me para Frank Toplin. Falava com ele porque nós – sua esposa, a filha, a criada, o zelador, Blanche Eveleth, Garren e seu preso, e eu – nos reuníamos em torno da cama do velho, e olhando para ele eu via a todos com um dos olhos.

– Alguém andou me fazendo de bobo em algum ponto – comecei meu discurso. – Se tudo o que me disseram sobre este caso está certo, então a Lei Seca também está. As histórias de vocês não se encaixam, nem chegam perto disso. Vejam o sujeito que assaltou vocês. Parece que conhecia muito bem seus movimentos. Talvez fosse sorte ter atacado o apartamento numa hora em que todas as jóias estavam à mão, em vez de outro apartamento, ou este mesmo em outra hora. Mas eu não acredito em sorte. Prefiro imaginar que ele sabia o que fazia. Saqueou vocês, depois correu para o apartamento da srta. Eveleth. Talvez fosse descer quando deu com o sr. Birney, talvez não. De qualquer modo, subiu e entrou no apartamento da srta. Eveleth, procurando uma escada de incêndio. Engraçado, hum? Ele sabia o bastante sobre a casa para fazer um assalto lucrativo, mas não sabia que não havia escadas de incêndio no lado da srta. Eveleth do prédio.

"Ele não falou com vocês nem com o sr. McBirney, mas falou com a srta. Eveleth, numa voz grave. Muito, muito profunda. Engraçado, hum? Do apartamento da srta. Eveleth, sumiu, com todas as saídas vigiadas. Os policiais devem ter chegado antes que ele deixasse o apartamento da srta. Eveleth, e a primeira coisa que fizeram foi bloquear as saídas, quer McBirney e Ambrose já tivessem feito isso ou não. Mas ele fugiu. Engraçado, hum? Ele usava um terno amassado, que podia ter sido tirado de uma trouxa pouco antes do serviço, e era baixinho. A srta. Eveleth não é uma mulher pequena, mas seria um homem pequeno. Um sujeito de espírito desconfiado quase pensaria que Blanche Eveleth era o ladrão."

Frank Toplin, sua esposa, o jovem Wagener, o zelador e a criada me olhavam boquiabertos. Garren media com os olhos entrecerrados a tal Eveleth, que me fuzilava com o olhar. Phyllis Toplin me olhava com uma espécie de desprezo piedoso por meu retardamento.

Bill Garren concluiu o exame da moça e balançou a cabeça, devagar.

– Ela podia conseguir – deu sua opinião –, dentro do prédio e de bico calado.

– Exatamente – disse eu.

– Exatamente uma ova! – explodiu Phyllis Toplin. – Vocês dois, detetives formados por curso de correspondência, acham que nós não íamos saber a diferença entre um homem e uma mulher em trajes de homem? Ele tinha uma barba de um ou dois dias na cara... pêlos de verdade, se entendem o que eu digo. Acha que ele podia nos enganar com pêlos falsos? Isto aqui aconteceu mesmo, vocês sabem, não está numa peça!

Os outros fecharam a boca e balançaram a cabeça.

– Phyllis tem razão. – Frank Toplin apoiou seu rebento. – Era um homem... não uma mulher vestida de homem.

A esposa, a criada e o zelador balançaram a cabeça em vigoroso endosso.

Mas eu sou um sujeito teimoso quando se trata de seguir os indícios até o fim. Virei-me e olhei para Blanche Eveleth.

– Pode dar alguma contribuição? – perguntei-lhe.

Ela deu um sorriso muito meigo e balançou a cabeça.

– Tudo bem, sua vagabunda – disse eu. – Está presa. Vamos.

Então pareceu que ela podia dar uma contribuição. Tinha alguma coisa a dizer, muitas coisinhas a dizer, e todas sobre mim. Não eram coisas bonitas. Com raiva, sua voz tornava-se estridente, e no momento estava mais furiosa do que se pensaria que alguém podia ficar com tão breve aviso prévio. Senti por isso. Aquele serviço tinha corrido de maneira pacífica e delicada até então, não fora arranhado por nada desagradável, fora quase elegante em cada detalhe; e eu esperava que assim fosse até o fim. Porém quanto mais ela gritava comigo, mais desbocada ficava. Não disse nenhuma palavra que eu não tivesse ouvido antes, mas as arrumava em combinações novas para mim.

Então a derrubei com um soco na boca.

– Vamos! Vamos! – berrou Bill Garren, agarrando meu braço.

– Poupe sua força, Bill – aconselhei-o, sacudindo a mão dele e abaixando-me para levantar a tal Eveleth do chão. – Seu cavalheirismo lhe faz honra, mas acho que vai descobrir que o verdadeiro nome de Blanche é Tom, Dick ou Harry.

Levantei-a (ou levantei-o, como preferirem) e perguntei-lhe:

– Quer nos contar?

Como resposta, recebi um rosnado.

– Tudo bem – disse eu aos outros –, na ausência de informação

autorizada, vou dar meu serviço. Se Blanche Eveleth podia ser o ladrão, a não ser pela barba e o problema de uma mulher se passar por homem, por que não poderia o ladrão ser Blanche Eveleth antes e depois do assalto, usando um, como é que se chama, forte depilatório na cara? É difícil uma mulher se fantasiar de homem, mas muitos homens convencem num papel feminino. Não podia esse sujeito, após alugar o apartamento como Blanche Eveleth e arrumar tudo, se trancar lá uns dois dias, deixando a barba crescer? Descer e liquidar o serviço? Correr para cima, tirar os pêlos da cara e entrar no papel feminino em, digamos, quinze minutos? Meu palpite é que podia. E ele teve quinze minutos. Não sei do nariz quebrado. Talvez tenha tropeçado ao subir a escada, e mudou os planos para explicar isso... ou talvez o tenha quebrado intencionalmente.

Meus palpites não estavam longe da verdade, embora ele se chamasse Fred – Frederick Agnew Rudd. Era conhecido em Toronto, e cumprira pena no Reformatório de Ontário aos dezenove anos, depois de apanhado por roubo em uma loja vestido de mulher. Não confessou, e jamais encontramos a arma nem o terno azul, o boné e as luvas pretas, embora descobríssemos um buraco no colchão onde ele os escondeu da polícia até mais tarde naquela noite, quando pôde livrar-se deles. Mas as jóias dos Toplins vieram à luz peça por peça quando mandamos os bombeiros desmontarem os canos e radiadores do apartamento 702.

OceanofPDF.com

UMA HORA

I

– Este é o senhor Chrostwaite – disse Vance Richmond.

Chrostwaite, entalado entre os braços de uma das grandes cadeiras do advogado, rosnou algo que valia por um agradecimento da apresentação. Resmungei também de volta para ele e procurei uma cadeira.

Esse tal Chrostwaite era um grande balão em forma de homem, metido num terno verde amarrotado que não o tornava menor do que era. Na sua gravata espalhafatosa o amarelo predominava, com um grande diamante bem no centro, e mais pedras preciosas cobriam suas mãos rechonchudas. A gordura esponjosa borrava suas feições, tornando impossível para o rosto redondo avermelhado expressar outra coisa que não o azedo descontentamento que lhe era habitual. Ele recendia a gim.

– O sr. Chrostwaite é o agente para a costa do Pacífico da Mutual Fire Extinguisher Manufacturing Company – começou Vance Richmond, tão logo me sentei. – Seu escritório é na Kearny Street, perto da California Street. Ontem, por volta de 2h45 da tarde, ele foi ao escritório e deixou o carro, um Hudson, na frente, com o motor ligado. Voltou minutos depois e o carro tinha sumido.

Olhei para Chrostwaite. Ele contemplava seus gordos joelhos, sem demonstrar qualquer interesse no que o advogado estava dizendo. Olhei rapidamente de volta para Vance Richmond; sua limpa face cinzenta e seu corpo magro pareciam francamente bonitos em comparação com seu inchado cliente.

– Um homem chamado Newhouse – o advogado estava dizendo –, proprietário de uma gráfica na California Street, bem na esquina do escritório do sr. Chrostwaite, foi atropelado e morto pelo carro do sr. Chrostwaite, na esquina da Clay com a Kearny Street, cinco minutos depois de o sr. Chrostwaite ter deixado o carro em frente ao escritório. A polícia encontrou o carro pouco depois, a uma quadra somente do local do acidente, na Montgomery Street, perto da Clay.

“As coisas parecem bastante óbvias. Alguém roubou o carro logo depois de o sr. Chrostwaite o ter deixado; ao fugir rapidamente, atropelou Newhouse; e então, assustado, abandonou o carro. Mas aqui surge uma outra complicação para o sr. Chrostwaite: três noites atrás, enquanto dirigia

de maneira talvez um tanto descuidada...”

– Bêbado – disse Chrostwaite, sem tirar os olhos dos joelhos dobrados; e em sua voz áspera, rouca, com a rouquidão de uma garganta queimada pelo uísque, não havia qualquer emoção.

– Enquanto dirigia de maneira talvez um tanto descuidada pela Van Ness Avenue – continuou Vance Richmond, ignorando a interrupção –, o sr. Chrostwaite atropelou um pedestre. O homem não chegou a se machucar muito e está sendo generosamente recompensado por seus ferimentos. Mas nós devemos nos apresentar diante do tribunal na próxima segunda-feira, para fazer face à acusação de direção imprudente, e estou temeroso de que esse acidente de ontem, em que o gráfico morreu, possa nos prejudicar.

“Ninguém acha que o sr. Chrostwaite estava no carro quando este matou o gráfico; temos uma montanha de provas de que ele não estava. Mas tenho medo de que a morte do gráfico possa se tornar uma arma contra nós, quando enfrentarmos a acusação pelo caso da Van Ness Avenue. Como advogado, sei de quanto capital o promotor dispõe, se ele quiser se aproveitar do fato, na verdade insignificante, de que o mesmo carro que atropelou o homem da Van Ness Avenue matou um outro homem ontem. E como advogado, sei que o promotor com toda a probabilidade vai se valer disso. E pode utilizar isso de uma maneira tal que teremos pouca ou até nenhuma oportunidade de nos defendermos.

“O pior que pode acontecer, claro, é que, em lugar da tradicional multa, o sr. Chrostwaite seja mandado para a cadeia por trinta ou sessenta dias. Isso seria de fato muito ruim e o que nós queremos é...”

Chrostwaite falou outra vez, ainda olhando para os joelhos:

– Merda de aborrecimento! – exclamou.

– É o que queremos evitar – continuou o advogado. – Desejamos pagar uma multa pesada e é o que esperamos, pelo acidente da Van Ness Avenue, que foi claramente culpa do sr. Chrostwaite. Mas nós...

– Bêbado como um lorde! – disse Chrostwaite.

– Mas nós não queremos nos envolver com esse outro acidente, com o qual nada tivemos a ver mas que pode dar um peso falso, pela conexão, a um acidente mais leve. Queremos portanto encontrar o homem ou os homens que roubaram o carro e atropelaram John Newhouse. Se eles fossem presos antes de nossa ida ao tribunal, não correríamos o risco de sofrer por causa de seus atos. Você acredita que pode encontrá-los antes de

segunda-feira?

– Vou tentar – prometi –, mas não é...

O balão humano me interrompeu ao erguer-se e procurar com seus gordos dedos cobertos de jóias pelo relógio.

– Três horas – disse. – Tenho um jogo de golfe às três e meia.

Apanhou o chapéu e as luvas de cima da escrivaninha.

– Você vai encontrá-los, não? Ir pra cadeia é uma merda de um tremendo aborrecimento!

E saiu.

II

Do escritório do advogado dirigi-me ao Palácio de Justiça e, depois de alguns minutos de procura, encontrei um policial que havia chegado à esquina da Clay com a Kearny Street segundos depois do atropelamento de Newhouse.

– Eu estava acabando de sair do Palácio quando vi uma banheira dobrando à toda a esquina da Clay Street – disse o policial, um grandalhão de cabelos cor de areia chamado Coffee. – Em seguida vi pessoas se juntando, de modo que fui até lá e encontrei esse tal de John Newhouse esticado no chão. Já estava morto. Meia dúzia de pessoas presenciou o acidente e uma delas pegou a placa do carro. Encontramos o carro vazio na esquina da Montgomery Street, voltado para a direção norte. Havia dois homens no carro, quando ele atingiu Newhouse, mas ninguém chegou a ver como eles eram. Não havia ninguém dentro do carro, quando o achamos.

– Em que direção Newhouse estava caminhando?

– Direção norte, pela Kearny Street, e estava a cerca de três quartos de distância da Clay quando foi derrubado. O carro também ia pela Kearny no rumo norte e virou para leste na Clay. A culpa não podia ter sido toda só dos sujeitos do carro, segundo os que viram o acidente. Newhouse estava atravessando a rua olhando para um pedaço de papel que tinha na mão. Encontrei um pedaço de dinheiro estrangeiro na sua mão e acho que era para isso que ele estava olhando. O tenente me contou que era dinheiro holandês; uma nota de cem florins, segundo ele.

– Descobriu alguma coisa sobre os homens no carro?

– Nada. Alinhamos todos os caras que encontramos nas proximidades da Kearny e da California Street, onde o carro fora roubado, e da Clay e da

Montgomery Street, onde foi abandonado. Mas ninguém se lembrava de ter visto os sujeitos entrando ou saindo dele. O proprietário do carro não o estava dirigindo; ele foi roubado, eu acho. A princípio achei que havia alguma coisa esquisita com o acidente. O tal John Newhouse tinha um olho preto de dois ou três dias. Mas investigamos e descobrimos que ele sofrera um ataque de coração ou algo assim uns dias antes e caíra, machucando o olho contra uma cadeira. Ficara doente em casa durante uns três dias. Saíra de casa cerca de meia hora antes do acidente.

– Onde ele morava?

– Na Sacramento Street. Tenho o endereço aqui, em algum lugar.

Folheou as páginas de uma agenda sebosa e ganhei o número da casa do morto e os nomes e endereços das testemunhas do acidente que Coffee havia interrogado.

Essas eram todas as informações de que o policial dispunha, e eu o deixei.

III

Minha próxima jogada iria ser vasculhar as vizinhanças dos locais onde o carro fora roubado e onde fora abandonado e então ouvir as testemunhas. O fato de que a polícia já explorara esse terreno sem resultados tornava improvável o fato de que eu descobrisse alguma coisa de valor; mas eu não podia deixar isso de lado. Noventa e nove por cento do trabalho do detetive é uma paciente coleta de detalhes – e esses detalhes devem ser, tanto quanto possível, colhidos em primeira mão, não importa quem tenha explorado o terreno antes de você.

No entanto, antes de tomar esse caminho, decidi dar um pulo na gráfica do morto, a apenas três quadras de distância do Palácio de Justiça, e verificar se algum de seus empregados ouvira qualquer coisa que pudesse me ajudar.

O estabelecimento de Newhouse ocupava o andar térreo de um pequeno edifício da California Street, entre a Kearny e a Montgomery. Um escritório pequeno se posicionava na entrada, com uma porta interna que dava para a oficina, nos fundos.

O único ocupante do pequeno escritório, quando entrei, era um homem louro, baixo e forte, de uns quarenta anos e olhar preocupado. Estava sentado sem paletó atrás da escrivaninha, verificando números num livro de

contabilidade, em meio a um monte de papéis.

Eu me apresentei, dizendo-lhe que trabalhava para a Agência de Detetives Continental e que estava interessado na morte de Newhouse. Ele disse chamar-se Ben Soules e que era o gerente de Newhouse. Apertamos as mãos e em seguida ele me apontou uma cadeira em frente à escrivaninha. Arredou os papéis e o livro em que estava trabalhando e coçou desgostoso a cabeça com o lápis que tinha na mão.

– Isso é terrível! – disse. – Quando menos se espera, o trabalho está na maior confusão e eu tenho de me virar com esses livros de que não entendo nada, e...

Interrompeu-se para atender o telefone, que tinha chamado.

– Sim, aqui é Soules... Nós estamos trabalhando neles agora... Eu lhe entrego até segunda-feira ao meio-dia, no mais tardar... Sei! Sei! Mas a morte do chefe nos atrasou. Explique isso ao sr. Chrostwaite. E... e prometo que os entregarei a você na segunda-feira de manhã, com certeza!

Soules bateu irritado o telefone e me olhou.

– Já que foi o seu próprio carro que matou o patrão, ele deveria de ter a decência de pelo menos não ficar reclamando do atraso!

– Chrostwaite?

– Sim. Era um dos empregados dele. Estamos imprimindo alguns folhetos para ele. A promessa era de que estariam prontos ontem mas, devido à morte do chefe e da contratação de pessoal novo, estamos com tudo atrasado. Estou aqui há oito anos e é a primeira vez que atrasamos um pedido – e todos esses malditos clientes ficam reclamando aos berros. Se fôssemos como a maioria das gráficas, eles já estariam acostumados a esperar; mas temos sido bons demais com eles. Mas esse Chrostwaite! Ele deveria ter um pouco mais de decência, sabendo que foi seu carro que matou o patrão!

Sacudi a cabeça em sinal de apoio, estendi um charuto por cima da escrivaninha e esperei até que ele estivesse fumegando na boca de Soules, antes de perguntar:

– Você falou de um pessoal novo contratado. Como assim?

– Sim. O sr. Newhouse despediu dois de nossos impressores na semana passada, Fincher e Keys. Descobrimos que eles pertenciam à IWW[1], de modo que os mandamos embora.

– Algum problema com os sujeitos ou havia algo mais contra eles, além do fato de que eram integrantes da organização?

– Não. Eles eram ótimos empregados.

– Algum problema com eles, depois que foram despedidos? – perguntei.

– Nenhum grande problema, embora tenham ficado de cabeça quente. Fizeram um verdadeiro comício, antes de irem embora.

– Lembra-se em que dia isso aconteceu?

– Quarta-feira da semana passada, eu acho. Sim, quarta, porque contratei os dois homens novos na quinta.

– Com quantos homens trabalha?

– Três, sem contar comigo.

– O sr. Newhouse costumava ficar doente?

– Não doente o suficiente para faltar com freqüência, embora de vez em quando seu coração pifasse e ele tivesse de ficar de cama uma semana ou dez dias. Ele de fato nunca estava bem. Não fazia nada que não fosse o trabalho de escritório; eu dirigia o estabelecimento.

– Quando ele ficou doente pela última vez?

– A sra. Newhouse ligou terça-feira de manhã e disse que ele sofrera outro ataque, não ia poder sair durante alguns dias. Ele esteve aqui ontem à tarde, ou seja, quinta-feira, durante uns dez minutos e disse que voltaria a trabalhar esta manhã. Foi morto assim que saiu.

– Como parecia ele: muito doente?

– Nem tanto. Nunca parecia bem, é claro, mas não pude notar muita diferença dos outros dias. O último ataque não tinha sido pior do que os outros. Em geral, acho eu, ele ficava de cama uma semana ou mais.

– Ele falou aonde ia, quando saiu? O motivo de minha pergunta é que, vivendo na Sacramento Street, ele naturalmente iria pegar um carro naquela rua se fosse para casa, mas foi atropelado na Clay Street.

– Ele disse que ia à Portsmouth Square, para sentar lá e pegar um pouco de sol durante uma meia hora. Tinha ficado fechado dentro de casa durante dois ou três dias, disse, e queria pegar um pouco de sol antes de voltar para casa.

– Ele tinha um pedaço de dinheiro estrangeiro na mão quando foi atingido. – Sabe alguma coisa sobre isso?

– Sim. Ele pegou a nota aqui. Um de nossos clientes, um homem chamado Van Pelt, veio pagar um trabalho que fizemos ontem à tarde,

enquanto o chefe estava aqui. Quando Van Pelt puxou a carteira para pagar a conta, essa nota de dinheiro da Holanda – não sei como é o nome dele – estava entre as outras notas. Acho que ele disse que ela valia algo como 38 dólares. De qualquer modo, o patrão a pegou e deu o troco a Van Pelt. O patrão disse que queria mostrar o dinheiro holandês para os filhos e que mais tarde poderia trocá-lo por dinheiro americano.

– Quem é esse Van Pelt?

– É um holandês. Está planejando abrir aqui um negócio grande de fumo, dentro de um ou dois meses. Não sei muita coisa sobre ele, afora isso.

– Onde é a casa, ou o escritório, dele?

– Seu escritório é na Bush Street, perto de Sansome.

– Ele sabia que Newhouse estava doente?

– Não sei. O chefe não parecia muito diferente do habitual.

– Como é o nome todo de Van Pelt?

– Hendrik Van Pelt.

– Como é a aparência dele?

Antes que Soules pudesse responder, três zumbidos espaçados soaram por sobre o barulho e a trepidação das máquinas impressoras nos fundos da loja.

Fiz deslizar o cano da minha arma – eu a estava segurando no colo já fazia uns cinco minutos – por sobre a escrivaninha, de modo que Ben Soules a pudesse ver.

– Coloque as duas mãos em cima da mesa – eu disse.

Ele as colocou.

A porta da oficina estava exatamente atrás dele, de modo que, olhando-o por sobre a escrivaninha, eu a podia ver acima de seus ombros. Seu corpo robusto servia como um biombo para esconder minha arma da vista de qualquer um que entrasse pela porta, em resposta ao sinal de Soules.

Não tive de esperar muito.

Três homens, pretos de tinta, entraram pela porta no pequeno escritório.

Caminhavam de maneira distraída e descuidada, rindo e brincando uns com os outros.

Mas um deles lambeu os lábios, ao transpor a porta. Os olhos de outro mostravam pequenos círculos brancos em torno da íris. O terceiro era o melhor ator, mas mantinha os ombros um pouco tensos demais para estarem

de acordo com a atitude de outro modo relaxada.

– Parem aí! – gritei, assim que o terceiro entrou no escritório. E levantei minha arma até onde eles a pudessem ver.

Eles pararam, como se estivessem todos sob o mesmo par de pernas.

Empurrei minha cadeira para trás e me ergui.

Não estava gostando nada da minha posição. O escritório era absolutamente pequeno para mim. Eu tinha uma arma, é verdade, e qualquer arma que aqueles homens pudessem ter não estava à vista. Mas os quatros estavam muito próximos de mim; e uma arma não faz milagres. É uma concepção mecânica capaz de ir até certo ponto e não mais.

Se aqueles homens decidissem pular sobre mim, podia abater apenas um deles, antes que os outros três caíssem sobre mim. Eu sabia disso e eles sabiam disso.

– Levantem as mãos – ordenei – e virem-se!

Nenhum deles obedeceu. Um dos homens molhados de tinta sorriu com maldade; Soules sacudiu a cabeça lentamente; os outros dois permaneceram parados, me olhando.

Fiquei um pouco perdido. Você não pode atirar num homem só porque ele se recusa a obedecer uma ordem – mesmo que ele seja um criminoso. Se eles tivessem me dado as costas, eu poderia tê-los alinhado contra a parede e, estando atrás deles, os mantido imobilizados enquanto usava o telefone.

Mas a coisa não funcionou.

Minha idéia seguinte foi a de recuar através do escritório até a porta da rua, mantendo-os sob minha mira, e então da porta da rua gritar por socorro; ou levá-los até a rua, onde eu poderia enfrentá-los. Mas botei essa idéia de lado tão rapidamente quanto ela me veio.

Os quatro homens estavam prontos para saltar sobre mim – não havia dúvida disso. Tudo o que eles precisavam era de uma faísca, de qualquer tipo, para acioná-los. Estavam com as pernas tensas e rígidas, à espera de algum movimento de minha parte. Se desse um passo para trás, a batalha começaria.

Estávamos tão próximos que qualquer um dos quatro esticando o braço poderia me tocar. Num deles eu poderia atirar, antes de ser apagado – num dos quatro. Isso significava que cada um deles tinha uma chance em quatro de ser a vítima – um risco roazoavelmente pequeno para qualquer um, mas não para homens extremamente covardes.

Esbocei o que supus ser um sorriso confiante – porque eu tinha de bancar o durão – e levei a mão ao telefone: tinha de fazer alguma coisa! Depois me xinguei! Eu apenas trocara o sinal para o ataque. Ele viria agora que pegara o fone.

Mas não podia voltar atrás – isso, também, seria um sinal –, tinha agora de ir em frente.

O suor escorria-me de sob o chapéu pelas têmporas, enquanto trazia com a mão esquerda o fone mais próximo de mim.

A porta da rua se abriu! Uma exclamação de surpresa veio detrás de mim.

Falei rapidamente, sem tirar os olhos dos quatro homens à minha frente:

– Depressa! O telefone! Chame a polícia!

Com a chegada dessa pessoa desconhecida – um dos clientes de Newhouse, provavelmente – calculei que ganhava uma vantagem. Ainda que ela não fizesse nada, além de chamar a polícia, o inimigo teria de se dividir para cuidar dela – e isso me daria a oportunidade de acertar pelo menos dois deles, antes de ir a nocaute. Dois em quatro – cada um deles tinha uma chanche igual de ser abatido – o que é o suficiente para fazer relutar até o mais controlado dos homens, antes que ele parta para o ataque.

– Depressa! – apressei o recém-chegado.

– Sim! Sim! – disse ele. E o som borrado do “s” trazia um inconfundível sotaque estrangeiro.

Alerta como estava, eu não precisava de nenhum aviso além desse.

Joguei-me de lado – um cego impulso de onde estava. Mas não fui suficientemente rápido.

O golpe vindo detrás não me atingiu em cheio, mas foi forte o bastante para me dobrar as pernas, como se os joelhos tivessem dobradiças de papel, e caí embolado no assoalho...

Algo escuro cresceu em minha direção. Eu o aparei com as duas mãos. Podia ser um pé chutando meu rosto. Eu o torci como uma lavadeira torce uma toalha.

Embaixo minha espinha estalava. Talvez alguém me estivesse golpeando na cabeça. Não sei. Minha cabeça estava numa nuvem. O golpe que me derrubara me deixara totalmente entorpecido. Meus olhos não estavam nada bem. Sombras flutuavam diante deles de um lado para outro – e isso era tudo. Eu golpeava, puxava, cortava na direção das sombras. Às

vezes nada encontrava. Às vezes achava coisas que pareciam partes de corpos. Então as golpeava, rasgava-as. Minha arma sumira.

Minha audição não estava melhor do que a visão – ou não tão boa. Não existia um som no mundo. Mergulhei num silêncio que era mais completo do que qualquer silêncio que já conhecera. Eu era um fantasma lutando com fantasmas.

Descobri por fim que meus pés estavam outra vez sob mim, embora alguma coisa incômoda me pressionasse as costas e me impedisse de me esticar. Uma coisa quente e úmida, como uma mão, estava no meu rosto.

Cravei os dentes nela. Joguei a cabeça para trás, até onde ela podia ir. Talvez tenha se esmagado contra o rosto a que se destinava. Não sei. De qualquer modo a pressão nas minhas costas desapareceu.

Compreendi em meio à confusão que era atingido por golpes e estava entorpecido demais para sentir. Incessantemente, com a cabeça, ombros, cotovelos, punhos, joelhos e pés, eu atingia as sombras à minha volta...

De repente podia ver de novo – não com clareza, mas as sombras estavam ganhando cores; e meus ouvidos se recuperaram um pouco, de modo que gemidos, rosnados, palavrões e o impacto dos golpes soavam neles. Meu olhar apertado descansou sobre uma escarradeira de metal a uns vinte centímetros dos meus olhos. Soube então que estava outra vez caído no chão.

Enquanto me torcia para desferir um pontapé num corpo macio acima de mim, algo como uma queimadura, mas que não era uma queimadura, correu ao longo de uma das pernas – uma faca. A agulhada me devolveu a consciência num átimo.

Agarrei a escarradeira de metal e a usei para golpear ao redor dos meus pés – para abrir um claro espaço à minha frente. Homens se jogavam sobre mim. Girei a escarradeira e a arremessei por sobre suas cabeças através da porta de vidro crespo que dava para a California Street.

Então lutamos mais um pouco.

Você não pode atirar uma escarradeira de metal através de uma porta de vidro na California Street, entre a Montgomery e a Kearny, sem atrair atenção – ela está bem no coração da agitação diária de San Francisco. Pouco depois – quando estava outra vez no chão, com trezentos ou quatrocentos quilos de carne pressionando meu rosto contra o assoalho – fomos separados e acabei arrancado do fundo da pilha por um grupo de

policiais.

O grandalhão Coffee de cabelos cor de areia era um deles, mas custou muita discussão convencê-lo de que eu era o agente da Continental que havia conversado com ele um pouco antes.

– Homem! – ele exclamou, quando por fim o convenci. – Aqueles caras, santo Deus, fizeram um trabalho e tanto com você! Seu rosto parece um gerânio molhado!

Não ri. Não era engraçado.

Olhei com o único olho ainda funcionando para os cinco homens alinhados no escritório – Soules, os três impressores sujos de tinta e o homem do "s" de som borrado que havia começado o massacre ao me atingir na nuca.

Era um homem ligeiramente alto, de cerca de trinta anos, com um rosto redondo avermelhado que agora ostentava alguns hematomas. Estivera, ao que tudo indicava, bem-vestido por uma cara roupa preta, mas que agora estava rasgada. Sabia quem era, sem precisar perguntar – Hendrik van Pelt.

– Bem, cara, qual é a resposta a tudo isso? – Coffee estava me perguntando.

Descobri que segurando firmemente um dos lados do queixo com uma das mãos eu era capaz de falar sem sentir muita dor.

– Essa é a turma que atropelou Newhouse – expliquei. – E não foi um acidente. Eu não teria me incomodado de me inteirar de mais alguns detalhes, mas as coisas se precipitaram antes que eu pudesse colher mais informações. Newhouse tinha uma nota de cem florins na mão quando foi atropelado. Ele se encaminhava à polícia. Estava a apenas meia quadra do Palácio de Justiça.

"Soules me disse que Newhouse lhe declarara que estava indo para a Portsmouth Square, para sentar ao sol. Mas Soules não parecia saber que Newhouse estava com um olho preto – aquele que você me disse que investigara. Se Soules não tinha visto o olho preto, então eu podia apostar que na verdade ele não havia percebido Newhouse naquele dia!

"Newhouse estava caminhando de sua gráfica em direção à sede da polícia com um pedaço de papel-moeda estrangeiro na mão – não se esqueça disso!

"Ele sofria de freqüentes ataques da doença, os quais, de acordo com o amigo Soules, sempre o mantinham preso em casa por uma semana ou até

dez dias, a cada vez. Dessa vez, ficara de cama apenas dois dias e meio.

“Soules diz que o estabelecimento está três dias atrasado com as encomendas e que é a primeira vez em oito anos que isso acontece. E culpa por isso a morte de Newhouse – que só aconteceu ontem. Aparentemente, as doenças anteriores de Newhouse nunca provocaram qualquer atraso – por que isso iria acontecer com o último ataque?

“Dois impressores foram demitidos na semana passada e dois novos contratados já no dia seguinte – bota rapidez nisso. O carro que atropelou Newhouse foi roubado logo ali na esquina e abandonado perto da gráfica. Foi deixado voltado para o norte, o que mostra muito bem que seus ocupantes tomaram rumo sul, depois de saltarem. Ladrões comuns de carro não voltariam para a direção de onde tinham vindo.

“Eu acho o seguinte: esse Van Pelt é holandês e possui algumas placas para a impressão de notas de cem florins falsas. Procurou, até achar, um impressor que se associasse com ele. Encontrou Soules, o gerente de uma gráfica cujo proprietário de vez em quando ficava em casa uma semana ou mais, por causa de um coração doente. Um dos impressores sob as ordens de Soules estava querendo participar da trama. Talvez os outros dois tenham recusado a oferta. Talvez Soules não os tenha convidado. De qualquer modo, eles foram despedidos e dois amigos de Soules ocuparam seus lugares.

“Nossos amigos então prepararam tudo e esperaram pela próxima pifada do coração de Newhouse. Ela aconteceu segunda-feira à noite. Assim que sua esposa ligou no dia seguinte e disse que ele estava doente, os gaviões deram início à falsificação. Foi por isso que o trabalho normal atrasou. Mas o ataque de Newhouse foi mais leve que o habitual. Em dois dias ele estava de pé e ontem à tarde veio aqui por alguns minutos.

“Deve ter entrado enquanto nossos amigos estavam muito ocupados em algum canto. Deve ter notado uma parte do dinheiro falso, imediatamente compreendeu o que se passava, pegou uma das notas para mostrar à polícia e se dirigiu para a delegacia – sem dúvida acreditando que não fora visto pelos nossos amigos aqui.

“Eles, no entanto, devem tê-lo visto sair. Dois deles o seguiram. Eles não podiam, a pé, atacá-lo com segurança a uma ou duas quadras do Palácio de Justiça. Mas, ao dobrarem a esquina, descobriram o carro de Chrostwaite parado lá, dando sopa. Isso resolveu o problema deles. Entraram no carro e

saíram atrás de Newhouse. Acredito que a idéia inicial era atirar nele – mas ele atravessou a Clay Street com os olhos fixos no dinheiro falso que levava na mão. Foi a chance dourada pela qual eles esperavam. Jogaram o carro em cima dele. Era morte certa, eles sabiam – o coração avariado da vítima finalizaria o trabalho, se a colisão em si não o matasse. Depois abandoram o carro e voltaram para cá.

"Ainda há uma porção de pormenores a serem esclarecidos, mas a linha de raciocínio que acabei de expor se ajusta a todos os fatos que conhecemos – e aposto um mês de salário como não estou muito errado. Deve haver uma colheita de três dias de notas de dinheiro holandês escondida por aí! Pessoal, se vocês..."

Acho que continuaria falando sem parar – tonto, a cabeça girando da completa exaustão que tomava conta de mim – se o policial grandalhão de cabelo cor de areia não me tivesse calado, ao colocar a enorme mão na minha boca.

– Fique quieto, homem! – disse, levantando-me da cadeira e estendendo-me ao comprido, de costas, sobre a escrivaninha. – A ambulância que vem buscá-lo estará aqui num segundo.

O escritório girava diante do meu único olho aberto – o teto amarelo descia em minha direção, subia outra vez, desaparecia, voltava tomando formas estranhas. Voltei a cabeça de lado, para evitar isso, e meu olhar descansou sobre o mostrador branco de um despertador.

Por fim o mostrador se imobilizou e pude ler – quatro horas.

Lembrei que Chrostwaite interrompera nossa conferência no escritório de Vance Richmond às três e que imediatamente eu começara a trabalhar.

– Em uma hora! – tentei contar a Coffee, antes de mergulhar no sono.

A polícia acabou o trabalho enquanto eu jazia de costas na cama. No escritório de Van Pelt, na Bush Street, ela encontrou um grande fardo de notas de cem florins. Van Pelt, descobriu-se, tinha uma reputação considerável na Europa como falsificador de primeira. Um dos impressores confessou que Van Pelt e Soules foram os dois homens que seguiram Newhouse quando este saiu da gráfica e que eles o mataram.

1 IWW, sigla do movimento sindical Industrial Workers of the World, considerado radical. (N.T.)

OceanofPDF.com

QUEM MATOU BOB TEAL?

– Teal foi morto na noite passada.

O Velho – gerente da Agência de Detetives Continental de San Francisco – falou sem me olhar. A voz era suave como o sorriso e não deixava transparecer o tumulto que crepitava em sua mente.

Se fiquei quieto, esperando que o Velho prosseguisse, não foi porque a novidade deixasse de ter significado para mim. Eu gostava de Bob Teal – todos nós. Ele entrara para a agência recém-chegado da faculdade dois anos antes; e homem nenhum levava mais jeito para detetive do que aquele rapaz magro, de ombros largos. Dois anos é muito pouco tempo para se aprender os princípios básicos da arte do detetive, mas Bob Teal, com seu olho rápido, frieza de nervos, boa cabeça e interesse apaixonado pelo trabalho, já estava a caminho de se tornar um bamba. Eu tinha um interesse quase paternal nele, uma vez que fora responsável por seu treinamento inicial.

O Velho não me olhou, ao prosseguir. Falava para a janela aberta sob seu cotovelo.

– Ele foi morto com dois tiros de calibre 32, bem no coração. Foi alvejado sob uma fileira de *outdoors*, no terreno vazio da esquina noroeste da Hyde e com a Eddy Street, às dez da noite passada. Seu corpo foi encontrado por um policial, pouco depois das onze. A arma foi achada a cerca de quarenta metros de distância. Eu o vi, estive no local. A chuva da última noite apagou quaisquer pistas que pudessem ter sido deixadas no chão, mas pelas roupas de Teal, e pela posição em que foi achado, diria que não houve luta e que foi morto onde foi encontrado, não foi carregado até lá. Estava caído sob os *outdoors*, a cerca de sessenta metros da calçada, e tinha as mãos vazias. A arma foi disparada tão de perto que chamuscou seu casaco na altura do peito. Aparentemente, ninguém viu nem ouviu o tiro. A chuva e o vento tiraram os pedestres da rua e teriam de qualquer modo abafado o som de um 32, que não é muito alto.

O lápis do Velho começou a batucar na mesa e o barulhinho me irritou.

Depois cessou e o Velho prosseguiu:

– Teal estava seguindo um tal de Herbert Whitacre. Estava atrás dele há três dias. Whitacre é um dos sócios da firma Ogburn & Whitacre, de empreendimentos agrícolas. Eles têm opções de compra sobre uma grande extensão de terra, em vários dos novos distritos de irrigação. Ogburn é o

encarregado das vendas dos lotes, enquanto Whitacre cuida dos outros aspectos do negócio, inclusive da contabilidade.

"Na semana passada Ogburn descobriu que o sócio tinha feito lançamentos falsos. Os livros mostram alguns pagamentos de terras que, Ogburn descobriu, não tinham sido feitos. Ele calcula que os desfalques de Whitacre podem chegar de 150 a até 250 mil dólares. Veio me ver três dias atrás, me contou tudo isso e pediu que Whitacre fosse seguido, na tentativa de se descobrir o que fez com o dinheiro roubado. A firma deles é uma sociedade, e é claro que um sócio não pode ser processado por roubar da sociedade. De modo que Ogburn não pôde levar o sócio a ser preso, mas esperava localizar o dinheiro e então recuperá-lo por meio de uma ação cível. Além disso, estava com medo de que Whitacre pudesse dar no pé.

"Designei Teal para seguir Whitacre, que supostamente não sabia que o sócio desconfiava dele. Agora vou mandar você atrás de Whitacre. Estou determinado a encontrá-lo e condená-lo, nem que tenha de pôr tudo o mais de lado e concentrar todos os meus homens nesse trabalho durante um ano. Você pode se inteirar dos relatórios de Teal com as secretárias. Fique em contato comigo."

Isso tudo, vindo do Velho, valia mais que o juramento de um homem comum escrito com sangue.

No escritório consegui os dois relatórios que Bob fizera. Não havia nenhum, é claro, referente ao terceiro dia, já que ele só o escreveria à noite, na hora de largar o trabalho. O primeiro dos dois relatórios já fora copiado e uma das cópias enviadas a Ogburn; uma datilógrafa estava agora se ocupando do segundo.

Em seus informes, Bob descrevia Whitacre como um homem ao redor dos 37 anos, olhos e cabelos castanhos, jeito nervoso, rosto barbeado de tamanho médio, pés um tanto pequenos. Tinha cerca de 1,72 m de altura, pesava em torno de 73 quilos e se vestia na moda, embora sem espalhafato. Vivia com a mulher num apartamento da Gough Street. O casal não tinha filhos. Ogburn dera a Bob uma descrição da sra. Whitacre: uma loira de pouco menos de trinta anos, baixa e gorda.

Os que se lembram desse caso sabem que a cidade, a agência de detetives e as pessoas envolvidas tiveram seus nomes mudados. Mas sabem também que os fatos que conto são verdadeiros. Nomes, de certa maneira, são essenciais à clareza e, quando o uso de nomes reais pode causar

embaraços, ou até mesmo sofrimento, pseudônimos são a alternativa mais satisfatória.

Ao seguir Whitacre, Bob não descobrira nada que parecesse ser útil à localização do dinheiro roubado. Whitacre continuara a trabalhar como sempre, pelo menos na aparência, e Bob não o vira fazer nada de claramente suspeito. Mas Whitacre parecia nervoso, parara várias vezes para olhar em redor, como se suspeitasse de que estava sendo seguido, sem ter certeza disso. Em várias ocasiões Bob tivera de perdê-lo de vista, para evitar ser reconhecido. Em uma dessas ocasiões, enquanto esperava nas redondezas da casa de Whitacre por seu retorno, Bob vira a sra. Whitacre – ou uma mulher que cabia dentro da descrição que Ogburn lhe fizera – tomar um táxi. Bob não tentara segui-la, mas fez um memorando com o número da placa do táxi.

Depois de ler e praticamente memorizar os dois relatórios, deixei a agência e me dirigi às instalações da Ogburn & Whitacre, no edifício Packard. Uma estenógrafa me introduziu num escritório mobiliado com bom gosto, onde Ogburn, sentado atrás de uma escrivaninha, assinava a correspondência. Ele me ofereceu uma cadeira. Eu me apresentei. Era um homem de estatura média de talvez 35 anos, com o cabelo castanho liso e o queixo pontudo, que na minha mente estão associados a oradores, advogados e caixeiros-viajantes.

– Ah, sim! – disse ele, pondo de lado a correspondência, enquanto o rosto inteligente se iluminava. – O sr. Teal descobriu alguma coisa?

– O sr. Teal foi morto a tiros na noite passada.

Ele me dirigiu um olhar vazio por um momento, com os olhos castanhos bem abertos, e então repetiu:

– Morto?

– Sim – retruquei. E lhe contei o pouco que sabia.

– O senhor não pensa... – começou ele, quando terminei de falar; e então parou. – O senhor não pensa que Herb faria uma coisa dessas, pensa?

– O que o senhor acha?

– Não acredito que Herb fosse cometer um assassinato! Ele tem andado inquieto nos últimos dias e eu estava começando a pensar que ele desconfiava que eu tivesse descoberto seus roubos, mas não acredito que chegasse a esse ponto, ainda que tivesse descoberto que o sr. Teal o estava seguindo. Sinceramente, não!

– Suponhamos – sugeri – que ontem, em algum momento, Teal descobriu onde ele havia posto o dinheiro roubado e que Whitacre tenha tomado conhecimento disso. Não acha que, nessas circunstâncias, Whitacre possa tê-lo matado?

– Talvez – disse vagarosamente –, mas eu odiaria pensar isso. Num momento de pânico Herb poderia... não, de fato eu não penso que ele faria isso.

– Quando o viu pela última vez?

– Ontem. Estivemos juntos aqui no escritório a maior parte do dia. Ele foi para casa alguns minutos antes das seis. Mas falei com ele por telefone mais tarde. Ligou para a minha casa um pouco depois das sete e disse que iria me ver, precisava conversar comigo. Pensei que ele iria confessar sua desonestidade e que talvez pudéssemos dar um jeito e resolver esse assunto escabroso. Sua esposa ligou por volta das dez. Queria que ele levasse para casa qualquer coisa aqui do centro, mas é claro que ele não estava lá. Esperei por ele toda a noite, mas ele não...

Gaguejou, parou de falar e seu rosto ficou lívido.

– Meu Deus, estou acabado – disse quase num sussurro, como se a idéia da situação em que se achava só agora lhe ocorresse. – Herb se foi, o dinheiro se foi, o trabalho de três anos se foi, a troco de nada! E ainda sou legalmente responsável por cada centavo que ele roubou. Por Deus!

Olhou-me com olhos que pediam por contradição, mas nada pude fazer, exceto assegurar-lhe que seria feito todo o possível para que Whitacre e o dinheiro fossem encontrados. Quando saí, ele tentava freneticamente falar por telefone com seu advogado.

Do escritório de Ogburn fui ao apartamento de Whitacre. Ao dobrar a esquina e entrar na Gough Street vi um homem grande e robusto subindo as escadas do prédio de apartamentos e reconheci George Dean. Apressando-me para me juntar a ele, lamentei que ele tivesse sido designado para o trabalho, em vez de qualquer outro detetive da delegacia de homicídios. Dean não é um mau sujeito, mas não é tão bom trabalhar com ele quanto com alguns outros; isto é, você nunca pode ter certeza de que ele não está escondendo algum detalhe importante, de modo que no fim só George Dean brilhe como o grande detetive. Trabalhando com um homem desse tipo, você está sujeito a se acostumar a esse comportamento – que não estimula o trabalho em equipe.

Cheguei ao vestíbulo no momento em que Dean apertava o botão da campainha de Whitacre.

– Alô – disse eu. – Você também está metido nisso?

– Uh-huh. O que é que você sabe?

– Nada. Acabei de começar.

A porta em frente se abriu com um zumbido e subimos juntos para o apartamento de Whitacre, no terceiro andar. Uma mulher loira e gorda, num vestido doméstico azul-claro, abriu a porta do apartamento. Era razoavelmente bonita, de um modo espesso e inerte.

– Sra. Whitacre? – perguntou Dean.

– Sim.

– O sr. Whitacre está?

– Não. Ele foi a Los Angeles esta manhã – disse ela. Seu rosto era convincente.

– Sabe como podemos fazer contato com ele lá?

– Talvez no Ambassador, mas acho que estará de volta amanhã ou depois de amanhã.

Dean mostrou o distintivo.

– Queremos lhe fazer algumas perguntas – disse a ela, que, não parecendo surpresa, abriu a porta para que entrássemos.

Introduziu-nos numa sala de estar azul e creme, onde sentamos. Ela se sentou diante de nós num grande sofá azul.

– Onde seu marido estava ontem à noite? – perguntou Dean.

– Em casa. Por quê? – seus redondos olhos azuis estavam ligeiramente curiosos.

– Ficou em casa a noite toda?

– Sim, estava uma noite chuvosa horrível. Por quê? – desviou os olhos de Dean para mim.

O olhar de Dean encontrou o meu e fiz que sim com a cabeça, em resposta à pergunta que lia em seus olhos.

– Sra. Whitacre – disse ele bruscamente –, tenho um mandado de prisão para seu marido.

– Um mandado de prisão? Mas por quê?

– Por assassinato.

– Assassinato? – era como um grito abafado.

– Exatamente. E na noite passada.

– Mas eu lhe disse que ele estava...

– E Ogburn me disse – interrompi, inclinando-me para a frente – que a senhora telefonou para o apartamento dele na noite passada, duas vezes, para perguntar se o seu marido estava lá.

Olhou-me distraída durante uma dezena de segundos; e então riu, o riso claro de alguém que foi vítima de uma brincadeira leve.

– Você ganhou – disse ela. Não havia vergonha ou humilhação no seu rosto ou na sua voz. – Agora ouça – o divertimento a abandonara –, eu não sei o que Herb fez, ou que atitude devo tomar; e não devia falar até ver um advogado. Mas eu gosto de resolver qualquer problema que aparece. Se vocês me derem sua palavra de honra que vão me dizer o que está acontecendo, pode ser que eu lhes diga o que sei, se é que sei alguma coisa. Quero dizer, se o fato de falar irá tornar as coisas mais fáceis para mim, se vocês me mostrarem isso, talvez eu fale; desde que saiba alguma coisa.

A proposta parecia justa, ainda que um pouco surpreendente. Aparentemente, essa mulher rechonchuda que podia mentir com toda a aparência de sinceridade, e rir quando se via numa armadilha, não estava interessada em nada que não fosse o próprio conforto.

– Fale você – Dean me indicou.

Despejei tudo de uma vez:

– Seu marido fraudou os livros de contabilidade durante um certo período e lesou o sócio numa quantia em torno de duzentos mil dólares, antes que Ogburn percebesse. Este mandou que seu marido fosse seguido, para ver se encontrava o dinheiro. Na noite passada, seu marido surpreendeu o homem que o estava seguindo num terreno e atirou nele.

O rosto dela se contraiu em pensamentos. De maneira mecânica, pegou uma carteira de cigarros de uma marca popular que jazia sobre uma mesa atrás do sofá e os ofereceu a Dean e a mim. Nós dois sacudimos a cabeça. Ela enfiou um cigarro na boca, riscou um fósforo na sola do chinelo, acendeu o cigarro e observou a ponta queimar. Por fim, encolheu os ombros, o rosto relaxado e nos encarou.

– Eu vou falar – disse. – Nunca peguei qualquer dinheiro e seria uma boba se fosse me sacrificar por causa de Herb. Ele sempre foi legal, mas se ele deu no pé e me deixou sem um tostão, não tem sentido eu ficar arrumando incômodos por causa disso. Vou contar: não sou a sra. Whitacre, a não ser para constar. Meu nome é Mae Landis. Pode ser que exista uma

sra. Whitacre de verdade, pode ser que não. Não sei. Herb e eu vivemos juntos aqui há um ano.

"Há cerca de um mês ele começou a ficar agitado, nervoso, pior ainda do que de hábito. Disse que estava preocupado com os negócios. Então, uns dois dias atrás, descobri que sua pistola sumira da gaveta onde tinha estado desde que vim para cá, e que ele a estava usando. Eu lhe perguntei: 'O que é que está planejando?'. Ele disse que achava que estava sendo seguido e me perguntou se vira alguém rondando pela vizinhança, como se estivesse vigiando a nossa casa. Eu lhe disse que não; achei que estava maluco.

"Anteontem à noite, ele me disse que tinha se metido numa confusão e talvez tivesse de se mandar e que não poderia me levar com ele, mas que me daria dinheiro suficiente para que eu pudesse me manter por um tempo. Parecia excitado, arrumou as malas, para que estivessem prontas se precisasse delas de repente, queimou todas as suas fotos e um monte de cartas e papéis. As malas ainda estão no quarto, se vocês quiserem dar uma olhada nelas. Quando ele não voltou para casa na noite passada, tive o pressentimento de que tinha se mandado sem as malas e sem me avisar, e ainda por cima sem me deixar qualquer dinheiro – deixando-me com apenas vinte dólares em meu nome e pouca coisa que possa empenhar, e isso com o aluguel vencendo dentro de quatro dias."

– Quando o viu pela última vez?

– Cerca de oito horas da noite passada. Ele me disse que ia ao apartamento do sr. Ogburn para tratar de negócios com ele, mas não apareceu. Sei disso. Meus cigarros tinham acabado – eu gosto de Elixir Russo e não é possível consegui-los aqui no centro –, de modo que telefonei para o sr. Ogburn, para pedir a Herb que me trouxesse uma carteira quando voltasse, e o senhor Ogburn me disse que ele não tinha estado lá.

– Há quanto tempo a senhora conhece Whitacre?

– Há uns dois anos, eu acho. Creio que o encontrei pela primeira vez num hotel de praia.

– Ele tem algum parente?

– Não que eu saiba. Não sei muita coisa sobre ele. Ah, sim! Sei que ficou preso três anos numa penitenciária do Oregon por falsificação. Ele me contou isso numa noite em que estava de porre. Foi preso sob o nome de Barber, ou Barbee, ou alguma coisa assim. Disse que depois disso andava se comportando.

Dean mostrou uma pequena pistola automática, de aparência quase nova, apesar da lama que aderira a ela, e entregou-a à mulher.

– Já a viu antes?

– Claro. É a do Herb, ou então é a irmã gêmea dela – sacudiu afirmativa a cabeça loira.

Dean guardou outra vez a arma no bolso e nos levantamos.

– Como é que eu fico? – perguntou ela. – Vocês não vão me deter como testemunha ou qualquer outra coisa assim, vão?

– No momento, não. – Dean lhe assegurou. – Fique onde nós possamos encontrá-la, se isso for necessário, e a senhora não terá qualquer problema. Tem alguma idéia de que rumo Whitacre possa ter tomado?

– Não.

– Gostaríamos de dar uma olhadinha no apartamento. Se importa?

– Podem dar – convidou. – Revirem tudo, se quiserem. Estou o tempo todo do lado de vocês.

Vasculhamos todo o apartamento, mas nada encontramos de valioso. Whitacre, quando queimou as coisas que poderiam denunciá-lo, fez um belo trabalho.

– Alguma vez ele tirou fotos com um fotógrafo profissional? – indaguei, antes que saíssemos.

– Não que eu saiba.

– A senhora nos informa se ouvir alguma coisa ou se lembrar de algo que possa nos ajudar?

– Com certeza – disse ela calorosamente. – Com certeza.

Dean e eu descemos pelo elevador em silêncio e fomos caminhando pela Gough Street.

– O que você acha de tudo isso? – perguntei, quando estávamos lá fora.

– Ela é um sonho, não? – deu uma risadinha. – Fico pensando o quanto ela sabe. Ela identificou a arma e nos deu a informação sobre a sentença por falsificação lá no norte, mas de qualquer forma acabaríamos descobrindo isso. Se ela foi esperta, nos disse tudo que sabia que iríamos descobrir, o que lhe daria mais força em relação ao restante. Você acha que ela é boba ou esperta?

– Não seria capaz de dizer – falei. – Vamos segui-la e controlar sua correspondência. Tenho o número de um táxi que ela usou há uns dois dias. Vamos verificar isso também.

Na drogaria da esquina telefonei para o Velho, pedindo-lhe para instruir uma dupla dos rapazes a manter Mae Landis e seu apartamento sob vigilância dia e noite; e também para que os Correios nos informassem se ela viesse a receber qualquer correspondência que pudesse ter sido enviada por Whitacre. Disse ao Velho que iria ver Ogburn e conseguir algumas amostras da letra do fugitivo, para compará-la com a da correspondência mandada para a mulher.

Em seguida, Dean e eu saímos atrás do táxi em que Bob Teal vira a mulher embarcar. Depois de meia hora no escritório da empresa já sabíamos que ela fora levada a um certo número da Greenwich Street. Seguimos para o endereço.

Era um cortiço, dividido em pequenos apartamentos espantosamente feios. Encontramos a proprietária no porão: uma mulher esquelética num vestido cinza imundo, com uma boca endurecida de lábios finos e olhos apagados e suspicazes. Balançava-se vigorosamente numa cadeira rangente, costurando um avental, enquanto três crianças sujas brincavam com um vira-lata, correndo de um lado para outro do aposento.

Dean mostrou-lhe o distintivo e disse-lhe que precisava falar com ela em particular. Ela se levantou para pôr as crianças e o cachorro para fora e depois ficou de mãos nos quadris nos encarando.

– Bem, o que desejam? – perguntou, azeda.

– Informações sobre os seus inquilinos – disse Dean. – Fale-nos sobre eles.

– Falar sobre eles? – tinha uma voz que soaria áspera mesmo se não estivesse de mau humor. – O que é que acham que eu tenho a dizer sobre eles? O que é que vocês acham que eu sou? Sou uma mulher que tem seu próprio negócio! Ninguém pode dizer que eu não dirijo um respeitável...

Isso não ia nos levar a lugar nenhum.

– Quem mora no número um? – perguntei.

– Os Auds; um casal de velhos com os netos. Se souberem de alguma coisa contra eles, sabem mais do que quem vive com eles faz dez anos!

– Quem vive no número dois?

– A sra. Codman com os filhos, Frank e Fred. Estão aqui há três anos e...

Eu a levei de apartamento a apartamento, até finalmente chegarmos a um do segundo piso, que não tornava tão óbvia minha estupidez por

suspeitar de seus habitantes, não importa qual fosse o motivo pelo qual suspeitava deles.

– Aqui vivem os Quirks – e ela meramente fez cara feia, em vez de conservar a atitude esquiva de antes. – E se me perguntar, diria que são pessoas direitas!

– Há quanto tempo eles vivem aqui?

– Seis meses ou mais.

– E ele vive do quê?

– Não sei – disse, emburrada. – Viagens, talvez.

– São quantas pessoas na família?

– Apenas ele e ela; e são pessoas muito tranqüilas.

– Como é a aparência dele?

– A de um homem comum. Não sou detetive, não fico xeretando a aparência dos outros para ver com o que eles se parecem ou metendo o bedelho na vida deles. Eu não...

– Que idade ele tem?

– Uns 45 ou cinqüenta anos, nem mais nem menos.

– Alto ou baixo?

– Ele nem é tão baixo quanto o senhor nem tão alto quanto esse cara que está com o senhor – ela olhou com desprezo de minha curta robustez para o grande volume ocupado por Dean. – E não é tão gordo quanto vocês dois.

– Usa bigode?

– Não.

– Cabelo claro?

– Não. Escuro – parecia triunfante.

– Olhos escuros também?

– Acho que sim.

Dean, em pé num dos cantos, olhou-me por sobre o ombro da mulher. Seus lábios desenharam o nome “Whitacre”.

– E quanto à sra. Quirk. Como ela é? – continuei.

– Ela tem cabelo claro, é baixa e entroncada e não deve ter trinta anos.

Dean e eu trocamos com satisfação um balançar de cabeças; tinha de ser Mae Landis, estava evidente.

– Eles ficam muito em casa? – prossegui.

– Não sei – a magricela resmungou com rancor e percebi que ela sabia, de modo que esperei, olhando-a, até que ela acrescentou de mau humor: –

Acho que eles ficam muito tempo fora, mas não tenho certeza.

– Sei – arrisquei. – Estão em casa muito raramente e isso só durante o dia; e a senhora sabe disso.

Ela não negou, de modo que perguntei:

– Eles estão agora?

– Acho que não; mas pode ser.

– Vamos dar uma olhada nessa espelunca – sugeri a Dean.

Ele concordou com a cabeça e disse à mulher:

– Leve-nos até o apartamento deles e abra a porta para nós.

– Não vou fazer isso! – disse ela com toda a ênfase. – Vocês não têm o direito de entrar na casa dos outros, a não ser que tenham um mandado de busca. Vocês têm um?

– Não temos – Dean deu uma risadinha. – Mas podemos conseguir vários se a senhora nos criar problema. A senhora é responsável por este local; pode entrar em qualquer dos apartamentos na hora que quiser e pode nos botar lá dentro; nos ajude e nós livraremos a sua cara; mas se começar a nos criar problema, então estará correndo o risco de envolvimento com os Quirks e talvez acabe dividindo uma cela com eles. Pense bem nisso.

Ela pensou e depois, rosnando e resmungando a cada passo, nos levou ao apartamento dos Quirks. Certificou-se de que não estavam em casa e então nos deixou entrar.

O apartamento tinha três cômodos, um banheiro e uma cozinha, mobiliado no estilo deteriorado para o qual o aspecto de cortiço do prédio havia nos preparado. Encontramos umas poucas peças de roupa masculina e feminina, artigos de higiene e coisas assim. Mas o lugar não guardava nenhuma das marcas de uma residência permanente: não havia quadros, nem almofadas, nenhuma das dezenas de miudezas de uso pessoal que normalmente são encontradas nas casas. A cozinha tinha o aspecto de não ser usada há muito tempo; os interiores das latas de café, farinha, chá e temperos estavam vazios.

Duas coisas que encontramos tinham significado: um punhado de cigarros Elixir Russo sobre uma mesa; e uma caixa nova de cartuchos 32 – dos quais dez estavam faltando – numa gaveta da penteadeira.

Durante toda a nossa busca a proprietária nos volteou, com seus olhos curiosos e sem brilho; por fim a expulsamos de lá, dizendo-lhe que, com lei ou sem lei, estávamos tomando conta do apartamento.

– Isto era, ou é, um esconderijo para Whitacre e a mulher, está na cara – disse Dean quando ficamos sós. – A única questão é se ele pretendia permanecer aqui ou se era apenas um local onde preparava sua fuga. Acho que o melhor a fazer é conseguir que o capitão ponha um homem aqui dia e noite, até que topemos com o nosso chapa Whitacre.

– É o mais seguro – concordei. Ele foi telefonar da sala da frente, para providenciar isso.

Depois que Dean telefonou, liguei para o Velho, para averiguar se algo de novo ocorrera.

– Nada de novo – ele me disse. – Como vocês estão se saindo?

– Muito bem. Talvez tenhamos algumas novidades para esta noite.

– Você conseguiu aquelas amostras da letra de Whitacre com Ogburn? Ou devo mandar alguém se encarregar disso?

– Eu as conseguirei esta noite – prometi.

Perdi dez minutos tentando falar inutilmente com Ogburn no escritório, até que olhei o relógio e vi que já passava das seis da tarde. Encontrei o número do telefone de sua casa na lista e liguei para ele.

– Tem alguma coisa escrita por Whitacre em sua casa? – perguntei. – Quero um par de amostras da letra. Gostaria de tê-las esta noite, mas se necessário posso esperar até amanhã.

– Acho que tenho algumas cartas dele aqui. Se vier agora, posso entregá-las a você.

– Estarei aí dentro de quinze minutos – disse.

– Vou à casa de Ogburn – informei a Dean – para pegar alguns rabiscos de Whitacre, enquanto você fica esperando que nosso homem apareça para resolver as coisas por aqui. Encontrarei você no *States*, tão logo você possa sair. Comeremos lá, enquanto planejamos a noite.

– Uh-huh – ronronou. Instalou-se confortavelmente numa cadeira, um pé sobre o outro, enquanto eu saía.

Ogburn estava se vestindo quando cheguei a seu apartamento, tinha o colarinho e a gravata na mão quando abriu a porta.

– Encontrei algumas das cartas de Herb – disse, enquanto nos encaminhávamos para o seu quarto.

Examinei as quinze ou mais cartas que estavam sobre uma mesa, selecionando as que queria, enquanto Ogburn continuava a se vestir.

– Como está indo? – perguntou.

– Assim, assim. Ouviu alguma coisa que possa ajudar?

– Não, mas há alguns minutos me lembrei de que Herb costumava ir ao Edifício Mills com freqüência. Eu o vi entrar e sair de lá muitas vezes, mas nunca refleti sobre isso. Não sei se isso tem alguma importância ou...

Saltei da cadeira.

– É isso! – gritei. – Posso usar o telefone?

– Claro. Está no corredor, perto da porta – olhou-me surpreso. – É um telefone público. Você tem trocado?

– Tenho. – Já estava passando pela porta do quarto.

– O botão da luz é perto da porta – gritou ele às minhas costas –, se precisar de claridade. Você acha que...

Mas não me detive para ouvir sua pergunta. Corria para o telefone, procurando nos bolsos por uma moeda. Ao pegar a moeda com pressa, deixei-a cair – não inteiramente por acidente, já que tinha um pressentimento que queria exercitar. A moeda rolou pelo corredor acarpetado. Acendi a luz, recuperei a moeda e disquei o número dos “Quirks”. Fico contente de ter seguido aquele pressentimento.

Dean ainda estava lá.

– Esqueça essa espelunca – gritei. – Leve a proprietária para a delegacia e prenda a Landis também. Encontrarei vocês lá, na delegacia.

– Tem certeza do que está fazendo? – sussurrou ele.

– Quase – disse. E desliguei.

Apaguei a luz do corredor e, assobiando uma música baixinho, caminhei para o quarto onde deixara Ogburn. A porta não estava inteiramente fechada. Avancei para ela, abri-a com um pontapé e saltei para trás, abraçando-me à parede.

Dois tiros – em espaço tão curto que soaram quase como um único – espocaram.

Achatado contra a parede, bati com os pés no assoalho e no rodapé e soltei uma saraivada de gritos e gemidos dignos de um selvagem num festim.

No momento seguinte Ogburn surgiu na porta, revólver na mão, expressão de lobo. Estava decidido a me matar. Era minha vida ou a dele, de modo que...

Desci com vontade minha arma no topo macio, castanho, de sua cabeça.

Quando ele abriu os olhos, dois policiais o erguiam para metê-lo na

traseira de um camburão.

Encontrei Dean na sala de reuniões de detetives do Palácio de Justiça.

– A proprietária identificou Mae Landis como sendo a sra. Quirk – disse ele. – E agora?

– Onde está ela?

– Uma policial está tomando conta das duas no escritório do capitão.

– Ogburn está detido no escritório do setor de Penhores – disse-lhe. – Vamos levar a proprietária para dar uma olhada nele.

Ogburn, sentado curvado para a frente, segurava a cabeça com as mãos e observava com amargura os pés do homem uniformizado que o vigiava, no momento em que introduzimos na sala a proprietária magricela.

– Conhece? – perguntei a ela.

– Sim – respondeu relutante. – É o sr. Quirk.

Ogburn não levantou o olhar nem deu a mínima atenção a nós.

Depois de dizermos à proprietária que ela podia ir para casa, Dean me levou até um canto afastado da sala de reuniões, onde podíamos conversar sem ser incomodados.

– Agora desembucha tudo – trovejou. – Como deslindou esses fatos incríveis, como gostam de chamar os meninos dos jornais?

– Bem, em primeiro lugar, eu sabia que a pergunta “Quem matou Bob Teal?” só podia ter uma resposta. Bob não era um boboca! Ele até poderia deixar um homem que estava seguindo atraí-lo para debaixo de uma fileira de *outdoors* numa noite escura, mas estaria preparado para o que desse e viesse. Não morreria de mãos vazias, com um tiro disparado tão de perto que chamuscou seu casaco. O assassino só podia ser alguém em quem Bob confiasse, de modo que não poderia ser Whitacre. Bob era um rapaz muito consciencioso e não deixaria de seguir Whitacre para ir procurar um amigo em algum lugar. Só um homem poderia tê-lo persuadido a desistir de seguir Whitacre por um momento, e esse homem era aquele que o contratara: Ogburn.

“Se não conhecesse Bob, poderia ter pensado que se escondera atrás dos *outdoors* para vigiar Whitacre; mas Bob não era um amador. Era muito bem preparado para querer bancar o detetive das histórias espetaculares. De modo que não sobrava ninguém que não fosse Ogburn!

“Com tudo isso em mente, o resto era moleza. Todo aquele papo de Mae Landis – identificando a arma como sendo a de Whitacre e fornecendo um

álibi a Ogburn, ao dizer que falara com ele pelo telefone às dez da noite –, tudo isso me convenceu de que ela e Ogburn estavam agindo juntos. Quando a proprietária nos descreveu “Quirk”, tive quase certeza disso. Sua descrição servia tanto para Whitacre quanto para Ogburn, mas não fazia sentido Whitacre ter um apartamento na Greenwich Street, ao passo que se Ogburn e a tal Landis eram cúmplices, precisariam de um local de encontro. A sobra da carteira de cigarros foi de alguma utilidade.

“Então hoje à noite resolvi fazer um pequeno teatro no apartamento de Ogburn, caçando uma moeda pelo chão, enquanto procurava traços de lama seca que pudessem ter escapado à limpeza que ele sem dúvida fez no tapete e nas roupas, após voltar para casa, depois de ter caminhado por um terreno enlameado. Vamos deixar os peritos decidirem se essa lama é a do terreno onde Bob foi morto; e o júri pode decidir que era.

“Há mais uns detalhes miúdos – como a pistola. A tal Landis disse que Whitacre a possuía há mais de um ano, mas, apesar de enlameada, ela me pareceu um tanto nova. Vamos mandar o número de série para a fábrica e descobrir quando foi comercializada.

“Quanto ao motivo, por enquanto a única coisa de que tenho certeza é sobre o envolvimento da mulher, o que é suficiente. Mas acho que quando os livros de Ogburn e Whitacre forem auditados e suas finanças examinadas, vamos encontrar muita coisa. Mas aposto qualquer coisa como Whitacre vai aparecer, agora que foi inocentado da acusação de assassinato.”

E foi exatamente o que aconteceu.

No dia seguinte, Herbert Whitacre entrou na delegacia de polícia em Sacramento e se entregou.

Ogburn e Mae Landis nunca falaram sobre o que sabiam, mas com o depoimento de Whitacre, apoiado pelas provas que pudemos juntar aqui e ali, conseguimos por ocasião do julgamento convencer o júri de que os fatos se passaram da seguinte maneira:

Ogburn e Whitacre haviam montado a empresa de venda de lotes agrícolas para aplicar um golpe. Tinham opções de compra sobre uma grande área de terra e planejaram vendê-la em tantos pedaços quanto fosse possível, antes que chegasse o momento de exercer suas opções. Pretendiam então arrumar as malas e sumir. Whitacre não tinha muita coragem e se lembrava bem dos três anos que passara na prisão por

falsificação; assim, para estimular sua coragem, Ogburn disse ao sócio que tinha um amigo nos Correios, em Washington, que o alertaria no instante em que a suspeita das autoridades fosse levantada.

Os dois sócios ganharam um bom dinheiro com a empresa, dinheiro esse que ficaria aos cuidados de Ogburn, até que chegasse o momento da separação. Enquanto isso, Ogburn e Mae Landis – a suposta esposa de Whitacre – tinham se tornado íntimos e alugaram o apartamento da Greenwich Street, onde se encontravam nas tardes em que Whitacre estava entretido no escritório e supunha-se que Ogburn ocupava-se da caça de novas vítimas. No apartamento, Ogburn e a mulher armaram seus planos, pelos quais se veriam livres de Whitacre, ficariam com toda a grana e livrariam Ogburn da acusação de cumplicidade criminosa nos negócios da Ogburn & Whitacre.

Ogburn dirigira-se ao escritório da Continental e contara a historinha sobre a desonestidade do sócio, contratando Bob para segui-lo. Dissera depois a Whitacre que recebera a dica do seu amigo de Washington de que uma investigação estava para começar. Os dois sócios combinaram que deixariam a cidade separadamente na próxima semana. Na noite seguinte, Mae Landis disse a Whitacre ter visto um homem rondando a vizinhança, aparentemente espionando o edifício em que eles viviam. Whitacre – julgando que Bob fosse um inspetor dos Correios – ficara em frangalhos e contara com os esforços combinados da mulher e do sócio – ao que tudo indica trabalhando em separado – para que não fugisse de imediato. Eles o persuadiram a ficar mais uns dias.

Na noite do crime, Ogburn, fingindo duvidar da história de Whitacre de que havia alguém atrás dele, prontificou-se a encontrar o sócio com o propósito de saber se ele de fato estava sendo seguido. Tinham caminhado pela rua, na chuva, durante uma hora. Então Ogburn, convencido, anunciara a intenção de voltar e falar com o suposto inspetor dos Correios, para ver se ele podia ser subornado. Whitacre recusara-se a acompanhar o sócio, mas concordara em esperar por ele junto a um portal escuro.

Ogburn levara Bob Teal para trás dos *outdoors*, sob algum pretexto, e o matara. Depois correra para o sócio, gritando: “Meu Deus, ele me agarrou e atirei nele. Temos de fugir!”

Whitacre, num pânico cego, deixara San Francisco sem parar para pegar as malas e sem sequer avisar Mae Landis. Ogburn iria fugir por outra rota.

Eles deveriam se encontrar em Oklahoma City dez dias depois, quando Ogburn – após ter saqueado os bancos de Los Angeles, onde abrira contas sob diversos nomes – daria a Whitacre a sua parte; e então eles se separariam para sempre.

Em Sacramento, no dia seguinte, Whitacre leu os jornais e compreendeu o que tinham feito com ele. Ele fizera toda a contabilidade, todos os lançamentos falsos nos livros da Ogburn & Whitacre, com a sua letra. Mae Landis revelara seu passado criminal e atribuíra a propriedade da pistola – na verdade de Ogburn – a ele. Estava completamente enrascado! Não tinha qualquer possibilidade de se defender.

Tinha consciência de que sua história soaria exagerada e como uma frágil mentira; ele possuía antecedentes criminais. Se se entregasse e contasse a verdade, teria conseguido apenas que rissem dele.

Como resultado de tudo, Ogburn acabou enforcado, Mae Landis cumpre hoje uma sentença de quinze anos de prisão e Whitacre, em troca de seu depoimento e da devolução do dinheiro, não foi processado por sua participação no negócio fraudulento com terras.

OceanofPDF.com

UM HOMEM CHAMADO SPADE

Samuel Spade desligou o telefone e olhou para o relógio. Ainda não eram quatro horas. Ele chamou:

– Eiii!

Effie Perine entrou no escritório. Estava comendo um pedaço de bolo de chocolate.

– Avise a Sid Wise que não vou poder me encontrar com ele esta tarde – ele disse.

Ela enfiou o último bocado do bolo na boca e lambeu a ponta do indicador e do polegar.

– É a terceira vez esta semana.

Quando ele sorriu, as covinhas do seu queixo, boca e sobrancelhas tornaram-se mais alongadas.

– Eu sei, mas tenho de sair para salvar uma vida. – Ele inclinou a cabeça indicando o telefone. – Alguém está assustando Max Bliss.

Ela riu.

– Provavelmente, alguém chamado John-consciência.

Spade levantou a cabeça para ela, desviando a atenção do cigarro que começara a enrolar.

– Você sabe alguma coisa que eu devia estar sabendo a respeito dele?

– Nada de novo. Estava apenas me lembrando da vez em que ele deixou o irmão ir para San Quentin.

Spade deu de ombros.

– Ele já fez coisa pior. – Acendeu o cigarro, levantou-se e esticou a mão para apanhar o chapéu. – Mas é um bom sujeito hoje em dia. Todos os clientes de Samuel Spade são honestos. Gente que acredita em Deus. Se eu não estiver de volta até a hora de fechar, é só ir saindo, certo?

Ele se dirigiu para um edifício residencial bastante alto, em Nob Hill, e apertou um botão na moldura da porta com a numeração 10K. A porta foi aberta imediatamente por um homem corpulento, de pele escura e vestido com roupas escuras. Ele era quase calvo e tinha um chapéu cinzento numa das mãos.

O homem corpulento disse:

– Olá, Sam. – E sorriu, mas os seus olhos pequenos não perderam o brilho inquisitivo. – O que está fazendo aqui?

Spade respondeu:

– Olá, Tom. – A sua fisionomia ficou dura, sua voz inexpressiva. – Bliss está?

– É ele! – Tom esticou para baixo os cantos da boca de lábios espessos. – Não precisa se preocupar.

As sobrancelhas de Spade se juntaram.

– Bem...?

Um homem apareceu no vestíbulo atrás de Tom. Era menor do que Spade e Tom, mas de compleição compacta. Tinha um rosto vermelho, quadrado, e um bigode bem-aparado e encanecido. Vestia roupas elegantes. Usava um chapéu-coco preto empoleirado atrás da cabeça.

Spade dirigiu-se a ele por cima dos ombros de Tom.

– Olá, Dundy.

Dundy respondeu com um breve aceno de cabeça e aproximou-se da porta. Os seus olhos azuis tinham expressão dura e indagativa.

– De que se trata? – perguntou ele a Tom.

– B-l-i-s-s, M-a-x – Spade soletrou pacientemente. – Quero vê-lo. E ele quer me ver. Entendeu?

Tom riu. Dundy não. Tom disse:

– Apenas um de vocês vai conseguir o que deseja.

Então, ele olhou de soslaio para Dundy e abruptamente parou de rir. Parecia pouco à vontade.

Spade franziu as sobrancelhas.

– Certo. Isso quer dizer que ele está morto ou que matou alguém?

Dundy impôs o seu rosto quadrado diante de Spade e pareceu empurrar as palavras com o lábio inferior.

– Por que acha que é uma coisa ou outra?

Spade respondeu:

– Mas é óbvio! Venho visitar o sr. Bliss e sou barrado na porta por uma dupla de policiais da Homicídios. Vou achar o quê? Que estou interrompendo o carteado de vocês?

– Um pouco de calma, Sam. – Tom grunhiu, sem olhar para Spade nem Dundy. – Ele está morto.

– Assassinado?

Tom balançou a cabeça vagarosamente para cima e para baixo. E só então encarou Spade.

– O que tem você a ver com isso?

Spade replicou com voz deliberadamente monótona:

– Ele me telefonou hoje de tarde... Faltavam uns cinco minutos para as quatro... Olhei para o meu relógio depois que ele desligou e ainda faltava um minuto para as quatro. Ele disse que tinha alguém atrás do escalpo dele. Pediu que eu desse um pulo até aqui. Parecia estar com medo de verdade. Alguma coisa séria. – Spade fez um gesto curto com uma das mãos. – Bem, aqui estou eu.

– Ele não falou quem ou como? – Dundy perguntou.

Spade sacudiu a cabeça.

– Não. Apenas que alguém tinha ameaçado matá-lo e que ele acreditava que era para valer. E pediu que eu viesse imediatamente.

– Ele não... – Dundy começou a dizer.

– Ele não disse mais nada – concluiu Spade. – E vocês, rapazes? O que têm para me dizer?

Dundy disse laconicamente:

– Entre e dê uma olhada nele.

Tom acrescentou:

– É um espetáculo!

Eles atravessaram o vestíbulo e passaram por uma porta para uma sala de estar verde e rosa.

Um homem próximo à porta parou de borrifar pó branco sobre a extremidade de uma mesinha de tampo de vidro para dizer:

– Olá, Sam.

Spade acenou com a cabeça, dizendo:

– Como está, Phels? – E depois acenou para os dois homens de pé que conversavam junto à janela.

O homem morto estava estendido no chão com a boca escancarada. Algumas das suas peças de roupas haviam sido arrancadas. A garganta estava estufada e escura. A língua pendia para o canto da boca e estava roxa e inchada. Sobre o peito nu, bem em cima do coração, fora desenhada uma estrela de cinco pontas, com tinta preta, e, no centro dela, um T.

Spade olhou para o homem morto caído e, por alguns instantes, observou-o em silêncio. Depois, perguntou:

– Esse aí foi o jeito como ele foi encontrado?

– Quase – respondeu Tom. – Nós movemos o corpo, mas só um pouco.

– Ele apontou o polegar na direção da camisa, camiseta, colete e casaco jogados em cima da mesa. – Estava tudo espalhado pelo chão.

Spade coçou o queixo. Os seus olhos de um amarelo-acinzentado mostravam-se vagos.

– Quando?

Tom respondeu:

– Chegamos aqui às quatro e vinte. A filha dele foi quem nos chamou. – Moveu a cabeça para indicar uma porta fechada. – Você vai falar com ela depois.

– Mas ela pode dar alguma pista?

– Só Deus sabe – replicou Tom entediado. – Até agora não conseguimos nos entender muito bem com ela. – Ele se virou para Dundy. – Quer tentar conversar com a garota de novo agora?

Dundy acenou positivamente, depois instruiu um dos homens na janela:

– Comece a peneirar os papéis dele, Mack. Parece que ele estava sendo ameaçado.

Mack respondeu:

– Certo. – Então, puxou o chapéu para baixo, sobre os olhos, e caminhou na direção de uma escrivaninha verde no outro extremo da sala.

Um homem entrou, vindo do corredor, um sujeito pesadão de cerca de cinqüenta anos, rosto de contornos bem definidos, face acinzentada sob o chapéu preto de abas largas. Ele falou:

– Olá, Sam. – E então disse, voltando-se para Dundy: – Ele recebeu uma visita por volta das duas e meia, alguém que ficou exatamente uma hora aqui. Um grandalhão louro com terno marrom, de quarenta ou talvez 45 anos de idade. Não disse seu nome a ninguém. Soube disso pelo filipino, no elevador que trouxe o sujeito até aqui em cima e depois para baixo, na saída.

– Tem certeza de que ficou somente uma hora? – Dundy quis saber.

O homem de face acinzentada assentiu com a cabeça.

– E o filipino tem certeza de que não eram mais de três e meia quando o tal cara saiu. Ele disse que os jornais da tarde chegaram logo depois que o tal homem foi embora. – Ele afastou o chapéu para coçar a cabeça, depois apontou com o dedo grosso para o desenho a tinta feito no peito do morto e perguntou algo, num tom queixoso: – Que diabo você acha que isso aí significa?

Ninguém respondeu. Dundy perguntou:

– Acha que o ascensorista conseguiria identificar o sujeito louro?

– Ele disse que conseguiria, a questão não é essa. Disse que nunca o tinha visto antes. – O policial ficou parado por instantes observando o homem morto. – A garota vai me dar uma lista das chamadas telefônicas. Como vão as coisas, Sam?

Spade respondeu que iam bem. Depois, acrescentou, lentamente:

– O irmão dele é grandalhão e louro e deve ter uns quarenta ou 45 anos.

Os olhos azuis de Dundy brilharam com firmeza:

– E daí?

– Você se lembra da trapaça Graystone Loan, não lembra? Estavam ambos envolvidos, porém Max jogou tudo em cima do Theodore e isso custou ao irmão uma condenação de um a quatro anos em San Quentin.

Dundy estava assentindo com a cabeça lentamente para cima e para baixo:

– Eu me lembro agora. Onde ele está?

Spade deu de ombros e começou a enrolar um cigarro.

Dundy cutucou Tom com o cotovelo:

– Descubra.

Tom disse:

– Sem problemas! Mas, se ele esteve aqui até às três e meia e esse cara ainda estava vivo às cinco para as quatro...

– ... E, se ele quebrou a perna, e por isso não pôde se enfiar aqui dentro de volta... – disse ironicamente o homem de rosto cinzento.

– Descubra – Dundy repetiu.

Tom respondeu:

– Certo, certo. – E dirigiu-se para o telefone.

Dundy dirigiu-se ao homem de rosto cinzento:

– Verifique os jornais. Veja a que horas eles foram realmente entregues, esta tarde.

O homem de rosto cinzento concordou com a cabeça e deixou a sala.

O homem que havia examinado a escrivaninha exclamou:

– Hum-hum! – E virou-se, segurando um envelope numa das mãos, uma folha de papel na outra.

Dundy estendeu a mão.

– Alguma coisa?

O homem repetiu:

– Hum-hum! – E passou para Dundy a folha de papel.

Spade ficou espiando por cima dos ombros de Dundy.

Era uma folha pequena de papel branco comum, contendo uma mensagem a lápis, escrita numa caligrafia nítida, mas sem particularidades.

Quando esta alcançar você, estarei perto demais para você escapar desta vez. Vamos ajustar as nossas contas para sempre.

A assinatura era uma estrela de cinco pontas circundando um T, o mesmo desenho feito sobre o peito esquerdo do homem morto.

Dundy estendeu a mão para receber o envelope. O selo era francês. O endereço fora datilografado:

MAX BLISS
CONDOMÍNIO AMSTERDAM,
SAN FRANCISCO, CALIF.
EUA

– Carimbo postal de Paris – disse ele. – Despachado no dia 2. – Ele contou rápido nos dedos. – Isso chegaria aqui hoje, está certo. – Dobrou a mensagem lentamente, colocou-a dentro do envelope e pôs o envelope no bolso do seu casaco. – Continue procurando – disse para o homem que encontrou a mensagem.

O homem acenou com a cabeça e retornou para a escrivaninha.

Dundy olhou para Spade.

– O que você acha?

O cigarro marrom de Spade movia-se para cima e para baixo com as palavras.

– Não estou gostando nada disso. Nada.

Tom acabara de desligar o telefone.

– O irmão saiu no dia quinze do mês passado – disse. – Mandei tentarem localizar o cara.

Spade foi até o telefone, discou um número e perguntou pelo sr. Darrell. Então:

– Olá, Harry, aqui é Sam Spade... Bem. Como vai Lil?... Sim... Escute, Harry, o que uma estrela de cinco pontas com um T maiúsculo no meio significa?... O quê? Como se soletra isso?... Sim, entendo... E se você encontra isso num cadáver...? Nem eu... Sim, e obrigado. Direi a você do que se trata quando passar aí para uma visita. Sim, telefone... Muito

obrigado. Tchau.

Dundy e Tom ficaram por perto, observando-o com atenção. Spade retornou do telefone e disse:

– É um amigo que sabe das coisas algumas vezes. Ele me disse que se trata de um pentagrama com um tau grego... t-a-u... no meio. Um sinal que os mágicos costumam usar. Talvez os rosa-cruzes ainda usem isso.

– E o que é um rosa-cruz? – perguntou Tom.

– Poderia ser a inicial de Theodore, também – arriscou Dundy.

Spade deu de ombros e disse sem emoção:

– Pode ser, mas se a intenção era deixar o trabalho autografado, ia ser muito mais fácil para ele assinar o nome inteiro. – E, retomando o raciocínio anterior: – Há rosa-cruzes em San Jose e em Point Loma. Não entendo muito dessas coisas, mas pode ser bom consultá-los.

Dundy assentiu.

Spade olhou para as roupas do homem morto sobre a mesa:

– Algo nos bolsos?

– Somente o que se esperaria encontrar – replicou Dundy. – Está tudo ali em cima da mesa.

Spade foi até a mesa e examinou a pequena pilha de objetos. Havia o relógio de bolso e a corrente, chaves, carteira, uma caderneta de endereços, dinheiro, uma lapiseira de ouro, um lenço e a caixa de óculos, além das roupas. Ele não as tocou, mas, vagarosamente, examinou, uma de cada vez, a camisa do homem morto, a camiseta, o colete e o casaco. Havia uma gravata azul debaixo delas. Olhou irritado para ela:

– Ele não usou esta gravata – reclamou.

Dundy, Tom e o legista – ele era um homem baixo com um rosto fino, escuro e inteligente –, que haviam permanecido em silêncio por todo esse tempo, junto à janela, vieram todos examinar a gravata de seda azul sem sequer uma ruga.

Tom gemeu desconsolado. Dundy praguejou, soltando o ar. Spa de ergueu a gravata para verificar a parte de trás. A etiqueta era de um armarinho em Londres.

Spade exclamou alegre:

– Mas que ótimo! San Francisco, Point Loma, San Jose, Paris, Londres.

Dundy encarou-o com raiva.

O homem de face cinzenta entrou:

– Os jornais chegaram aqui às três e trinta. Isso confere – disse. Seus olhos abriram-se um pouco: – O que está acontecendo?

Enquanto atravessava a sala na direção dos outros, disse:

– Não consigo encontrar ninguém que tenha visto o tal louro se esgueirar cá para dentro de novo. – Sem entender, ele fixou o olhar na gravata, até que Tom grunhiu:

– Está novinha em folha. – E então ele assobiou suavemente.

Dundy virou-se para Spade.

– Dane-se! – disse, amargo. – Ele tinha um irmão com motivos suficientes para não gostar dele. O irmão acabou de sair da prisão. Alguém parecido com esse tal irmão saiu daqui às três e meia. Vinte e cinco minutos mais tarde, ele telefonou para você dizendo que havia sido ameaçado. Menos de meia hora depois, a filha entra e encontra o cara morto... estrangulado. – Ele cutucou o peito do homem baixo de rosto escuro. – Correto?

– Estrangulado – o homem de rosto escuro respondeu decidido – ... por um homem. As mãos eram grandes.

– Certo! – Dundy voltou-se para Spade novamente. – Achamos uma carta ameaçadora. E pode ser que fosse disso que ele queria falar com você. Talvez o irmão tenha dito alguma coisa a ele. Não vamos querer adivinhar. Vamos nos concentrar no que sabemos. Sabemos que ele...

O homem na escrivaninha virou-se e disse:

– Mais uma. – A fisionomia dele traía certa presunção.

Os olhos com que os cinco homens na mesa olharam para ele eram, por sua vez, indiferentes, inamistosos.

Sem se deixar perturbar com a hostilidade, ele leu em voz alta:

Bliss:

Escrevo-lhe esta para lhe dizer pela última vez que quero o meu dinheiro de volta, e quero no dia primeiro do mês. Todo ele. Se não conseguir, vou resolver esse assunto de qualquer maneira e você pode adivinhar o que quero dizer com isso. Não pense que estou brincando.

Sinceramente,

Daniel Talbot.

Ele sorriu:

– Mais um T para vocês. – Ele pegou o envelope. – Carimbo postal de San Diego, do dia 25 do mês passado. – Ele sorriu novamente. – Mais uma

cidade também para vocês.

Spade sacudiu a cabeça:

– Point Loma fica lá perto – disse.

Ele e Dundy examinaram a carta. Foi escrita com tinta azul, em papel branco de boa qualidade, assim como o endereço no envelope, numa caligrafia espremida, angular, que em nada se parecia com a da carta escrita a lápis.

Spade ironizou:

– Agora, sim, estamos chegando a algum lugar.

Dundy fez um gesto de impaciência:

– Vamos nos concentrar no que sabemos – rosnou.

– Claro – Spade concordou. – E o que é isto?

Não houve resposta.

Spade apanhou fumo e papéis de cigarro no bolso.

– Quando é que vamos falar com a filha? – perguntou.

– Daqui a pouco... – Dundy virou a cabeça, depois subitamente franziu a testa, olhando o homem morto no chão. Lançou subitamente o polegar para o homem baixo de rosto escuro. – Tudo terminado por aqui?

– Por mim, sim.

Dundy dirigiu-se a Tom laconicamente:

– Livre-se dessa coisa. – A seguir, voltou-se para o de cabeça grisalha: – Quero falar com os dois ascensoristas, depois de conversar com a moça.

Ele caminhou na direção da porta fechada que Tom tinha indicado para Spade e bateu nela.

Uma voz feminina ligeiramente áspera perguntou lá de dentro:

– Quem é?

– Tenente Dundy. Desejo falar com a senhorita Bliss.

Houve uma pausa, depois a voz disse:

– Entre.

Dundy abriu a porta e Spade seguiu-o para o interior de uma sala preta, cinzenta e prateada, onde uma mulher grandalhona, ossuda e feia, de meia-idade, vestida de preto com avental branco, estava sentada ao lado da cama na qual a moça estava deitada.

A moça deitada, cotovelo no travesseiro, mão no rosto, encarava a mulher grandona, ossuda e feia. Aparentava cerca de dezoito anos. Usava um conjunto cinzento. Os cabelos eram louros e curtos, o rosto tinha traços

firmes e notavelmente simétricos. Ela não olhou para os dois homens que entraram na sala.

Dundy falou para a mulher ossuda e grande, enquanto Spade acendia o cigarro:

– Queremos lhe fazer algumas perguntas também, senhora Hooper. A senhora é a governanta da casa, não é?

A mulher respondeu:

– Sou. – A voz ligeiramente áspera, certa intensidade de seus olhos, de um cinzento profundo, a quietude e o tamanho de suas mãos que repousavam no seu colo, todo esse conjunto contribuía para a impressão de uma força tranqüila.

– O que a senhora sabe sobre o crime?

– Absolutamente nada. Recebi licença para me ausentar do serviço, esta manhã, para ir até Oakland e assistir ao funeral do meu sobrinho. Quando voltei, o senhor e seus colegas já estavam aqui e... já havia acontecido!

Dundy acenou e perguntou:

– Mas não tem palpite nenhum?

– Não – replicou ela, simplesmente.

– Era do seu conhecimento que ele estivesse esperando acontecer algo assim?

De repente, a moça desviou o olhar da senhora Hooper. Ela se sentou na cama, virou-se inteiramente e, olhos excitados sobre Dundy, perguntou:

– O que você está querendo dizer?

– Exatamente o que eu disse. Ele tinha sido ameaçado. Disse isso aqui ao Spade – indicou Spade com a cabeça – pelo telefone, apenas alguns minutos antes de ser assassinado.

– Mas... quem? – murmurou ela.

– É o que estamos querendo descobrir – retrucou Dundy. – Quem teria um motivo para fazer isso?

Ela o fitou assombrada:

– Ninguém.

Dessa vez, Spade a interrompeu, falando macio o bastante para as palavras parecerem menos brutais do que eram na realidade.

– Mas alguém tinha, sim. – Quando ela voltou o olhar para o detetive, ele perguntou: – Você não soube de nenhuma ameaça que ele tenha recebido?

Ela sacudiu a cabeça de um lado para o outro enfaticamente.

Spade voltou-se para a senhora Hooper:

– E a senhora?

– Não, senhor – respondeu ela.

O detetive concentrou-se outra vez na moça:

– Conhece um homem chamado Daniel Talbot?

– Conheço... mas por quê? – Ela ficou intrigada. – Ele esteve jantando aqui na noite passada.

– Quem é ele?

– Não sei... Só sei que mora em San Diego. Ele e papai tinham algum tipo de negócio juntos. Nunca havia me encontrado com ele, até ontem.

– E como estavam agindo um com o outro?

Ela franziu um pouco a testa, antes de responder devagar:

– Bem... cordialmente.

Dundy indagou:

– Que negócios são esses em que seu pai estava metido?

– Ele promovia *shows*.

– Quer dizer... era empresário de espetáculos?

– Isso, acho que pode dizer assim.

– Onde Talbot está? Voltou para San Diego?

– Não sei.

– Pode nos dar uma descrição dele?

Ela franziu a testa novamente, pensativa:

– Era um tipo grandalhão. Tinha o rosto vermelho, cabelos brancos e usava bigode.

– Velho?

– Acho que uns sessenta anos. Cinqüenta e cinco no mínimo.

Dundy olhou para Spade, que amassou o toco do seu cigarro num cinzeiro sobre a mesa e assumiu o interrogatório:

– Há quanto tempo não vê o seu tio?

O rosto dela ficou vermelho.

– O senhor está falando do tio Ted?

Ele confirmou com a cabeça.

– Desde... – ela começou, mas depois mordeu o lábio. Finalmente, disse: – Bem, o senhor deve saber... Não o vejo desde que ele saiu da prisão.

– Ele veio aqui?

– Veio, sim.

– Para ver o seu pai?

– Claro.

– Mas em que termos os dois se relacionavam?

Ela arregalou os olhos.

– Ora, os dois são meio fechados... – disse ela. – Mas são irmãos. Papai estava dando dinheiro para ele tentar abrir algum negócio.

– Quer dizer que eram amigos?

– Eram – replicou ela, numa entonação de alguém respondendo a uma pergunta idiota.

– Onde ele mora?

– Na Post Street – disse ela, e deu um número.

– E você não o viu depois disso?

– Não. Ele sentia vergonha... o senhor sabe... por ter estado na prisão... – ela terminou a frase gesticulando.

Spade dirigiu-se à senhora Hooper:

– E a senhora, não o viu mais?

– Não, senhor.

Ele enrugou os lábios e perguntou vagarosamente:

– Nenhuma de vocês duas sabe se ele esteve aqui esta tarde?

Disseram *não* juntas.

– Onde...?

Alguém bateu na porta.

Dundy exclamou:

– Entre.

Tom abriu a porta só o suficiente para enfiar a cabeça:

– O irmão dele está aqui – disse.

A moça inclinou-se para a frente e chamou:

– Oi, tio Ted!

Um grandalhão louro de terno marrom apareceu atrás de Tom. Ele estava tão queimado de sol que seus dentes reluziam, parecendo ainda mais brancos, e seus olhos claros pareciam ainda mais azuis do que eram na realidade.

Ele perguntou:

– Qual é o problema, Miriam?

– Papai está morto – disse e começou a chorar.

Dundy acenou para Tom, que saiu da frente de Theodore Bliss e deixou-o entrar no quarto.

Uma mulher entrou atrás dele, lenta e hesitantemente. Ela era alta, beirando os trinta, loura, quase rechonchuda. Seus traços eram generosos, rosto simpático e inteligente. Usava um pequeno chapéu marrom e um casaco de pele de *mink*.

Bliss pôs um braço em volta da sua sobrinha, beijou a sua testa e sentou-se na cama ao seu lado.

– Calma, garota. Calma – disse ele todo desajeitado.

Ela se deu conta da presença da mulher loura e fixou os olhos nela, através das suas lágrimas, por um instante. A seguir, disse:

– Como vai, srta. Barrow?

– Estou muito triste pelo que...

Bliss pigarreou e emendou:

– Ela agora é a sra. Bliss. Nós nos casamos esta tarde.

Dundy olhou zangado para Spade. Spade, fazendo um cigarro, parecia prestes a rir.

Depois de um momento de silêncio constrangedor, Miriam Bliss disse:

– Ah, eu desejo a você toda felicidade do mundo. De verdade! – Ela se virou para o tio enquanto a mulher dele murmurava *obrigada* e disse: – E a você também, tio Ted.

Ele lhe deu uns tapinhas carinhosos no ombro e a apertou junto dele. Bliss voltou-se para Spade e Dundy com ar intrigado.

– Seu irmão morreu esta tarde – disse Dundy. – Ele foi assassinado.

A sra. Bliss prendeu a respiração. Os braços de Bliss apertaram a cintura da sobrinha com um repuxo, mas sem ainda demonstrar qualquer mudança na fisionomia:

– Assassinado! – Ele repetiu como se não tivesse entendido.

– Isso mesmo. – Dundy levou a mão ao bolso do casaco. – O senhor esteve aqui esta tarde?

Theodore Bliss empalideceu um pouco sob a sua pele queimada, mas respondeu com firmeza:

– Sim, estive.

– Por quanto tempo?

– Cerca de uma hora. Cheguei aqui perto das duas e meia e... – Ele se

virou para a sua mulher: – Eram quase três e meia quando eu telefonei para você, não foi?

Ela respondeu:

– Sim.

– Bem, eu saí logo depois.

– Tinha um encontro marcado com ele? – perguntou Dundy.

– Não. Telefonei para o escritório dele e... – fez um sinal com a cabeça em direção à sua mulher – ... e me disseram que ele tinha ido para casa. Então, vim para cá. Eu queria ver meu irmão antes de Elise e eu partirmos, é claro, e queria que ele fosse ao casamento. Mas ele não podia. Disse que estava esperando uma pessoa. Sentamos aqui e ficamos conversando por mais tempo do que eu pretendia. Por isso, tive de telefonar para Elise para ela se encontrar comigo na Prefeitura.

Após uma pausa pensando, Dundy perguntou:

– A que horas foi isso?

– Que nos encontramos lá? – Bliss ficou olhando em dúvida para a sua mulher, que disse:

– Faltavam quinze para as quatro. – Ela riu um pouco. – Cheguei lá primeiro e fiquei olhando o tempo todo para o relógio.

Bliss refletiu um pouco e falou:

– Passava um pouco das quatro, quando nos casamos. Tivemos que esperar pelo juiz Whitefield mais ou menos uns dez minutos. E ainda demorou alguns minutos, até começar, para ele concluir o caso que estava julgando. Vocês podem checar tudo. Suprema Corte. Bloco Dois, acho.

Spade girou nos pés e apontou para Tom.

– Talvez seja melhor checar isso agora.

– Deixe comigo! – respondeu Tom.

– Se foi como disse, está tudo bem, sr. Bliss – falou Dundy. – Mas tenho de lhe perguntar essas coisas. Agora, o seu irmão disse quem ele estava esperando?

– Não.

– Falou alguma coisa sobre ter sido ameaçado?

– Não. Ele nunca falava muito sobre os seus assuntos com ninguém, nem mesmo comigo. Ele tinha sido ameaçado?

Os lábios de Dundy comprimiram-se um pouco.

– Vocês dois eram amigos?

– Sim, acho que sim.

– Não tem certeza? – perguntou Dundy. – Tem certeza de que nenhum de vocês guardava rancor do outro?

Theodore Bliss soltou o braço da cintura da sobrinha. A crescente palidez fez com que a pele queimada de sol adquirisse um tom amarelado. Ele disse:

– Todo mundo aqui sabe que eu estive em San Quentin. Pode falar claramente, se é sobre isso que quer conversar.

– É sobre isso! – Dundy declarou e, depois de uma pausa: – Então?

Bliss levantou-se:

– Então, o quê? – respondeu, perdendo a paciência. – Se guardo ressentimento contra ele por isso? Não. Por que ia guardar? Nós dois estávamos envolvidos na coisa. Ele conseguiu se livrar, eu, não. Mas eu tinha certeza de que ia ser condenado, mesmo que ele fosse absolvido, não fazia diferença. Se ele tivesse ido parar na prisão também não ia me ajudar em nada. Discutimos a coisa toda e decidimos que eu deveria ir sozinho. Deixei ele de fora para colocar as coisas no lugar. E foi isso o que ele fez. Se der uma olhada na conta bancária dele, vai verificar que ele me deu um cheque de 25 mil dólares, dois dias após eu ter saído de San Quentin. E o registro da National Steel Corporation pode confirmar que mil ações foram transferidas do nome dele para o meu.

Ele sorriu, como se pedisse desculpas, e sentou-se na cama novamente.

– Sinto muito. Sei que precisa perguntar todas essas coisas.

Dundy ignorou a retratação:

– Conhece um sujeito chamado Daniel Talbot? – perguntou.

– Não.

Mas sua mulher interveio:

– Eu conheço. Quer dizer, ele tem aparecido no escritório. Esteve por lá, ontem.

Dundy olhou-a de alto a baixo cuidadosamente antes de perguntar:

– Que escritório?

– Eu sou... eu era a secretária do sr. Bliss e...

– De Max Bliss?

– Sim, e esse tal Daniel Talbot foi ao escritório ontem à tarde, para vê-lo. Quer dizer, se é que são a mesma pessoa.

– E daí, o que aconteceu?

Ela olhou para o marido, que disse:

– Se você sabe de alguma coisa, diga a eles.

– Mas, na verdade, não houve nada – retrucou ela. – No começo, pensei que estivessem brigando, mas, quando saíram juntos, estavam rindo e conversando. E, antes de sair, o sr. Bliss tocou a campainha para me chamar e mandar Trapper, o guarda-livros, preencher um cheque para o sr. Talbot.

– E você fez isso?

– Claro que sim. Um cheque de sete mil e quinhentos e poucos dólares.

– Qual a finalidade?

Ela balançou a cabeça:

– Eu não sei.

– Como secretária do sr. Bliss – insistiu Dundy –, devia ter alguma idéia do tipo de negócio que ele tinha com o sr. Talbot.

– Mas eu não tinha – disse ela. – Nunca tinha ouvido falar dele.

Dundy encarou Spade, cujo rosto estava inexpressivo. Dundy fuzilou-o com os olhos e depois fez uma pergunta ao homem na cama:

– Como era a gravata que o seu irmão estava usando quando o senhor o viu pela última vez?

Bliss hesitou, depois fixou o olhar em algum ponto além de Dundy e fechou os olhos. Quando finalmente os abriu, disse:

– Era verde com... eu a reconheceria se a visse. Por quê?

A sra. Bliss respondeu por ele:

– Uma gravata com listras diagonais estreitas de várias tonalidades de verde. Era a que ele usava no escritório, hoje de manhã.

– Onde ele guarda as gravatas? – Dundy perguntou à governanta.

Ela se levantou, dizendo:

– Num armário no quarto. Eu mostro para o senhor.

Dundy e os Bliss recém-casados a seguiram.

Spade pôs o chapéu em cima da mesa e perguntou a Miriam Bliss:

– A que horas você saiu? – Ele se sentou aos pés da sua cama.

– Hoje? Era perto de uma hora. Eu tinha combinado almoçar com uma pessoa e me atrasei um pouco. Depois, fui fazer compras, e depois... – Ela se deteve, estremecendo.

– E a que horas você voltou para casa? – A voz de Spade soava bastante amistosa.

– Por volta das quatro, acho.

– E o que aconteceu depois disso?

– Eu... e-encontrei papai caído ali e telefonei... não sei se foi lá para baixo ou para a polícia. Depois, não sei mais o que eu fiz. Desmaiei, fiquei histérica, algo assim... A primeira coisa de que me lembro foi que acordei e encontrei aqueles homens aqui... e a sra. Hooper. – Ela olhava bem nos olhos dele, agora.

– Você não telefonou para um médico?

Ela abaixou os olhos novamente.

– Não, acho que não.

– Claro que você não faria isso, sabendo que ele estava morto... – disse ele, de modo casual.

Ela ficou calada.

– Você sabia que ele estava morto? – perguntou Spade.

Ela levantou os olhos para ele, mesmo sem vê-lo:

– Mas ele estava morto!

Ele sorriu.

– Sim, estava. Mas o que eu quero saber é se você tentou se certificar, antes de telefonar?

Ela levou a mão à garganta.

– Não me lembro do que eu fiz... – disse sinceramente. – Acho que apenas sabia que ele estava morto.

Ele acenou com a cabeça, compreensivo.

– E se você ligou para a polícia é porque sabia que ele tinha sido assassinado.

Ela juntou as mãos, olhando para ele, e disse:

– Acho que sim. Foi horrível. Não sei mais o que eu estava pensando, nem o que eu fiz.

Spade inclinou-se para a frente com uma voz baixa e persuasiva.

– Eu não sou um policial, Miriam. Fui contratado por seu pai... alguns minutos tarde demais para salvá-lo. Então, de certo modo, estou trabalhando para você agora. Assim, se houver qualquer coisa que eu possa fazer... talvez alguma coisa que a polícia não deva... – Ele se interrompeu quando Dundy, seguido pelos Bliss e a governanta, voltaram para o quarto. – Tiveram sorte?

Dundy disse:

– A gravata verde não está lá. – Um olhar desconfiado logo foi lançado

para Spade e a seguir para a moça. – A senhora Hooper diz que a gravata azul que encontramos faz parte de uma remessa de meia dúzia delas, que ele acabara de receber da Inglaterra.

Bliss perguntou:

– Por que essa gravata é tão importante?

Dundy franziu o cenho para ele.

– Ele estava parcialmente despido. Mas a gravata nunca tinha sido usada.

– E se ele estivesse trocando de roupa, quando quem o matou chegou aqui? Ele pode ter sido morto antes de ter acabado de se vestir.

O mau humor de Dundy acentuou-se:

– Certo, mas então o que ele fez com a gravata verde? Comeu?

Spade disse:

– Ele não estava trocando de roupa. Se você observar o colarinho da camisa, vai ver que ele já devia estar usando uma gravata quando foi estrangulado.

Tom apareceu na porta.

– Checaram tudo – disse para Dundy. – O juiz e um escrivão chamado Kittredge disseram que eles estiveram lá, de quinze para as quatro até quase quatro horas. Falei com o Kittredge para vir até aqui dar uma olhada neles, só para ter certeza de que são as mesmas pessoas.

– Perfeito – disse Dundy sem virar o rosto, e apanhou do bolso a carta ameaçadora escrita a lápis e assinada com o T dentro de uma estrela. Ele a dobrou de forma que apenas a assinatura ficasse visível e então perguntou:

– Alguém sabe o que é isto?

Miriam Bliss deixou a cama e foi juntar-se aos outros para examinar o papel. Então, ficaram olhando uns para os outros perplexos.

– Alguém já viu alguma coisa parecida?

Todos responderam que não.

Dundy disse:

– Tudo bem. Aguardem aqui. Talvez ainda tenha mais alguma coisa para perguntar a vocês daqui a pouco.

Spade disse:

– Só um momento... Bliss, há quanto tempo conhece a sra. Bliss?

Bliss encarou Spade com curiosidade.

– Desde que saí da prisão – replicou ele, algo cauteloso. – Por quê?

– Quer dizer, somente desde o mês passado. – Spade disse como se falasse consigo mesmo. – E foi seu irmão quem os apresentou.

– Isso mesmo, lá no escritório dele. Por quê?

– E na Prefeitura, esta tarde, vocês estiveram juntos o tempo todo?

– Sim, claro que sim. – Bliss respondeu prontamente. – Onde o senhor quer chegar?

Spade sorriu para ele, um sorriso amigável:

– O meu trabalho é fazer perguntas.

Bliss sorriu também.

– Tudo bem. – Seu sorriso tornou-se mais franco. – Na verdade, estou mentindo. Não estivemos juntos o tempo todo. Eu saí para o corredor para fumar um cigarro. Mas posso garantir que o tempo todo fiquei de olho nela, através da vidraça da porta da sala do tribunal, e ela ficou sentada bem onde eu a deixei.

O sorriso de Spade era tão brilhante quanto o de Bliss. Mesmo assim, ele perguntou:

– E quando você não estava olhando através da vidraça, não perdia a porta de vista? Ela não podia ter deixado a sala do tribunal sem que o senhor a visse?

O sorriso de Bliss desapareceu.

– É claro que não – afirmou. – Não fiquei do lado de fora nem cinco minutos.

Spade sorriu de novo e disse:

– Muito obrigado. – E seguiu Dundy para dentro de sala de estar, fechando a porta atrás dele.

Dundy olhou de soslaio para Spade.

– Alguma idéia?

Spade deu de ombros.

O corpo de Max Bliss tinha sido removido. Além do homem na escrivaninha e o homem de cabeça grisalha, dois garotos filipinos de uniforme de cor roxo-escura estavam na sala. Eles se sentaram juntos um do outro no sofá.

Dundy disse:

– Mack, quero encontrar uma gravata verde. Quero essa casa desmontada e toda a vizinhança virada pelo avesso, até vocês acharem. Arranje quantos homens sejam necessários.

O homem na escrivaninha levantou-se e falou:

– Certo. – Depois, puxou o chapéu para baixo, deixando-o logo acima dos olhos, e saiu.

Fazendo cara feia, Dundy perguntou aos filipinos:

– Quem de vocês viu o homem de roupa marrom?

O menor levantou-se:

– Eu, senhor.

Dundy abriu a porta do quarto e chamou:

– Bliss!

Bliss chegou até a porta. O rosto do ascensorista filipino pareceu se iluminar.

– Foi ele mesmo, senhor.

Dundy fechou a porta na cara de Bliss e grunhiu:

– Sente-se.

O garoto sentou-se o mais depressa que pôde.

Dundy encarou os ascensoristas com ar contrariado, a ponto de deixá-los inquietos. Então, retomou o interrogatório:

– Quem mais vocês trouxeram aqui para este apartamento, esta tarde?

Eles balançaram a cabeça, sincronizadamente, de um lado para o outro.

– Mais ninguém, senhor – o menor deles respondeu. Um sorriso arreganhou seu rosto, na tentativa desesperada de ganhar as boas graças do detetive.

Dundy avançou um passo em direção a eles, ameaçando-os:

– Idiotas! – rosnou ele. – Vocês trouxeram aqui a filha do morto, Miriam Bliss.

A cabeça do garoto maior meneou para cima e para baixo:

– Sim, senhor. Sim, senhor. Eu trouxe eles também. Pensei que estivesse falando de pessoas de fora.

Ele também tentou um sorriso.

Dundy enfureceu-se com ele:

– Não importa o que você pensou que eu quis dizer. Responda apenas o que eu perguntar. Agora... o que quis dizer com “eles”?

O olhar de Dundy acabou com o sorriso do garoto. Ele agora fitava o chão entre os seus pés. Gaguejando, disse:

– A menina Bliss e o moço que subiu com ela.

– Que moço? Esse senhor que está lá dentro? – E virou a cabeça na

direção da porta que acabara de fechar na cara de Bliss.

– Não, senhor, era outro. Não era americano. – Ele tinha erguido a cabeça novamente e um brilho voltou a iluminar o seu rosto. – Acho que ele era um armênio.

– Por quê?

– Porque ele não era como nós, americanos, não falava como a gente.

Spade sorriu e perguntou:

– Já viu um armênio?

– Não, senhor. Foi só o que eu achei.

Ele fechou a boca com um ruído, enquanto Dundy soltava outro rosnado do fundo de sua garganta.

– Como ele era? – perguntou Dundy.

O garoto levantou os ombros, separando bastante as mãos.

– Era alto, igual a esse senhor aí – disse, apontando para Spade. – Cabelo preto, bigode preto. Muito... – ele franziu o cenho, compenetrado – ... roupas muito bonitas. Um homem de muito boa aparência. Bengala, luvas, até polainas e...

– Jovem? – Dundy perguntou.

A cabeça foi para cima e para baixo novamente.

– Jovem, sim, senhor.

– Quando ele foi embora?

– Cinco minutos depois – o garoto replicou de imediato.

Dundy fez um movimento de mastigar com as mandíbulas, então perguntou:

– A que horas eles entraram?

O garoto separou as mãos, levantando os ombros novamente:

– Eram quatro horas... talvez uns dez minutos mais.

– Você trouxe mais alguém aqui para cima antes de chegarmos?

Os filipinos balançaram a cabeça em dueto, uma vez mais.

Dundy falou pelo canto da boca para Spade:

– Pegue-a agora!

Spade abriu a porta do quarto, curvou-se ligeiramente para dentro e chamou:

– Quer vir aqui fora um momento, Miriam?

– Por quê? – perguntou ela entediada.

– Só por um momento – disse, segurando a porta aberta. Então,

subitamente, acrescentou: – E seria melhor que viesse também, Bliss.

Miriam Bliss entrou vagarosamente na sala de estar, seguida por seu tio, e Spade fechou a porta atrás deles. O lábio inferior da moça tremeu ligeiramente, quando deu com os ascensoristas. Ela olhou de modo apreensivo para Dundy.

Ele perguntou:

– Por que tentou esconder que um homem subiu com você até aqui?

Seu lábio inferior tremeu mais uma vez.

– O quê? – Ela tentou encenar uma face aturdida.

Theodore Bliss mais do que depressa cruzou a sala, ficou um instante em pé na frente dela, como se quisesse dizer alguma coisa e, depois, aparentemente mudando de intenção, colocou-se atrás dela, os braços cruzados sobre as costas da cadeira.

– O homem que entrou com você – perguntou Dundy áspera e rapidamente: – Quem é ele? Onde ele está? Por que ele foi embora? Por que você nada disse sobre ele?

A moça levou as mãos ao rosto e começou a chorar.

– Ele não teve nada a ver com isso – disse, entre soluços, através das mãos. – Ele não fez nada, e essa confusão só iria trazer problemas para ele.

– Bom rapaz – disse Dundy. – Assim, para manter o seu nome longe dos jornais, ele foge e deixa você sozinha com o seu pai assassinado.

Ela afastou as mãos do rosto.

– Foi, sim, mas ele precisou fazer isso. A mulher dele é muito ciumenta. Se ela soubesse que ele esteve comigo novamente, na certa ia querer se divorciar dele, e ele não tem um centavo, o dinheiro é todo dela.

Dundy olhou para Spade, que olhou para os filipinos de olhos arregalados e apontou o polegar para a porta de saída.

– Sumam! – disse.

Eles saíram apressados.

– E quem é essa preciosidade? – perguntou Dundy.

– Mas ele não teve nada a ver...

– Quem é ele?

Os ombros dela penderam um pouco. Ela abaixou os olhos e murmurou, irritada:

– O nome dele é Boris Smekalov.

– Soletre.

Ela soletrou.

– Onde ele mora?

– No Hotel St. Mark.

– Faz alguma coisa na vida além de viver do golpe do baú?

A raiva brotou no rosto da moça, no instante em que ela o erguia, mas logo desapareceu.

– Ele não faz nada – disse.

Dundy girou sobre os pés e se dirigiu ao homem de cabeça grisalha:

– Traga-o.

O homem de cabeça grisalha grunhiu e saiu.

Dundy enfrentou a moça novamente.

– Você e esse Smekalov estão tendo um caso?

A fisionomia dela mostrou-se desdenhosa. Miriam o olhou com desprezo, sem responder.

Ele disse:

– Agora que o seu pai está morto, você vai ter dinheiro bastante para que ele se case com você, se a mulher aceitar o divórcio, certo?

Ela cobriu o rosto com as mãos.

Dundy insistiu:

– Agora que o seu pai está morto, você vai...?

Inclinando-se bastante à frente, Spade amparou-a enquanto a moça caía. Ele a ergueu com facilidade e levou-a para o quarto. Quando voltou, fechou a porta atrás de si e apoiou-se contra ela.

– Não sei ainda sobre o resto, mas o desmaio foi fingido!

– Tudo o que ela fez aqui foi uma farsa – resmungou Dundy.

Spade sorriu troçando:

– Devia haver uma lei para obrigar os criminosos a confessarem de uma vez.

Bliss sorriu e sentou-se na escrivaninha do seu irmão, próximo à janela.

A voz de Dundy soou desagradável:

– Você não tem que se preocupar com nada – disse ele para Spade. – Até porque o seu cliente está morto e não pode reclamar. Mas se eu não aparecer com algum resultado, vou ter de aturar o capitão, o chefe de polícia, os jornais e sabe Deus o que mais.

– Tenha paciência! – Spade acalmou-o. – Você vai acabar apanhando um criminoso, mais cedo ou mais tarde. – A face do investigador ficou

séria, exceto pelas faíscas dos seus olhos cinzentos amarelados. – Eu não quero complicar este trabalho muito além do que já fomos obrigados a fazer, mas não acha que devemos checar aquele funeral a que a governanta disse que foi? Há alguma coisa estranha naquela mulher.

Após olhar com desconfiança para Spade durante um instante, Dundy assentiu com a cabeça e disse:

– Tom fará isso.

Spade voltou-se para Tom, agitando o dedo, e disse:

– Aposto dez contra um que não houve funeral nenhum. Cheque isso... não se deixe enganar.

Então, ele abriu a porta do quarto e chamou a sra. Hooper:

– O sargento Polhaus deseja uma informação da senhora – disse Spade para ela.

Enquanto Tom anotava os nomes e endereços que a mulher lhe passava, Spade sentou-se no sofá, enrolou e fumou um cigarro. Dundy passeava pela sala vagarosamente, franzindo o cenho para o tapete. Com a aprovação de Spade, Theodore Bliss levantou-se e foi se juntar à sua esposa no quarto de dormir.

Logo, Tom guardava a caderneta de notas no bolso e agradecia à governanta.

– Até mais tarde – disse, despedindo-se de Spade e Dundy, e deixou o apartamento.

A governanta permaneceu onde ele a deixara, feia, forte, serena, paciente.

Spade se torceu no sofá, até poder encarar seus olhos profundos e imóveis:

– Não se preocupe com isso – disse, fazendo um gesto na direção da porta por onde Tom tinha saído. – É só rotina. – Depois, comprimiu os lábios e perguntou: – Honestamente, o que pensa de tudo isso, senhora Hooper?

Ela replicou calmamente na sua voz forte e algo áspera:

– Eu penso que quem julga é Deus.

Dundy interrompeu seus passos de um lado para o outro.

Spade exclamou:

– O quê?

Havia certeza e nenhuma excitação na voz dela:

– O preço do pecado é a morte.

Dundy avançou na direção dela, como se pretendesse aplicar-lhe um golpe de luta-livre. Spade deteve-o com um aceno de mão que o sofá escondeu da mulher. O seu rosto e sua voz mostraram interesse, mas estavam agora tão compostos quanto os da mulher:

– Que pecado? – indagou.

E ela retrucou:

– Quem quer que fira quaisquer desses pequeninos que crêem em mim, melhor seria se uma mó de pedra fosse pendurada em seu pescoço e que ele fosse arremessado no mar.

A governanta pronunciou as palavras não como se estivesse fazendo uma citação, mas dando-lhe a entonação de quem realmente acreditava no que dizia.

Dundy dirigiu-lhe a pergunta com a voz irritada, soando mais como um latido:

– Que pequeninos são esses?

Ela desviou os olhos cinzentos circunspectos para ele, depois olhou além dele, em direção ao quarto:

– Ela – disse a governanta. – Miriam.

Dundy franziu as sobrancelhas para ela:

– A filha dele?

A mulher respondeu:

– Sim, sua própria filha... adotada.

O rosto quadrado de Dundy foi tomado por uma irritação que o deixou da cor do sangue:

– Mas de que diabo você está falando agora? – Ele sacudiu a cabeça como para livrar-se de alguma coisa tilintando dentro dela. – Ela não é filha dele de verdade?

A serenidade da mulher não foi de modo algum perturbada por sua ira.

– Não. A mulher dele passou quase a vida inteira inválida. Eles não tiveram filhos.

Por um instante, Dundy remexeu as mandíbulas como se estivesse mastigando. Quando falou novamente, sua voz estava mais fria.

– O que ele fez a ela?

– Eu não sei – replicou a governanta. – Mas acredito que, quando a verdade for descoberta, o senhor verá que o dinheiro do pai dela... digo, do

verdadeiro pai... o dinheiro que ele deixou para ela tem sido...

Spade interrompeu-a, esforçando-se para falar com toda clareza, movendo uma mão em pequenos círculos acompanhando as palavras.

– Você quer dizer que não sabe realmente se Bliss trapaceou a moça... É apenas uma suspeita?

Ela levou uma das mãos ao coração:

– Eu sei disto aqui – retrucou ela com serenidade.

Dundy voltou-se para Spade, Spade para Dundy, e os olhos de Spade estavam brilhantes, mas não de contentamento. Dundy pigarreou, limpando a garganta, e dirigiu-se novamente à mulher:

– E a senhora acha que isso... – indicou com a mão para o local do chão onde o homem morto estivera caído – foi um ato da justiça de Deus, não é?

– É o que eu penso.

O olhar do investigador agora havia conseguido se despir de qualquer ar de sarcasmo:

– Então, quem quer que tenha feito isso, estava apenas sendo guiado pelas mãos de Deus?

– Não cabe a mim dizer – replicou ela.

O sangue ameaçou novamente tomar a face do investigador:

– Está bem, por enquanto – disse, com a voz engasgada. Mas, no momento em que ela alcançou a porta do quarto, seus olhos entraram em alerta novamente e ele a chamou.

– Apenas um minuto... Por acaso a senhora é rosa-cruz?

– Não desejo ser nada mais do que uma cristã.

Ele rosnou:

– Tudo bem, tudo bem... – E voltou-lhe as costas.

Ela foi para o quarto e fechou a porta. Dundy enxugou a testa com a palma da mão direita e queixou-se de cansaço:

– Meu Deus! Que família.

Spade deu de ombros.

– Experimente investigar a si mesmo, de vez em quando.

A face de Dundy empalideceu. Seus lábios, quase sem cor, voltaram a apertar os dentes. Ele fechou os punhos e lançou-os na direção de Spade.

– O que você...?

O olhar de agradável surpresa na fisionomia de Spade o deteve. Ele evitou os olhos dele, umedeceu os lábios com a ponta da língua, voltou-se

para Spade por um instante, depois para o outro lado, ensaiou um sorriso embaraçado e resmungou:

– Você quer dizer qualquer família... Hum-hum! Pode ser.

Uma campainha soou atrás dele, e Dundy voltou-se bruscamente para a porta do corredor. A divertida contração no rosto de Spade acentuou ainda mais sua semelhança com um demônio louro.

Uma voz amistosa e arrastada vinda do corredor penetrou pela porta:

– Sou Jim Kittredge. Corte Superior. Fui chamado para comparecer aqui.

A voz de Dundy respondeu:

– Isso mesmo. Entre.

Kittredge parecia um bolinho recheado, corado no forno e com cobertura, com suas roupas exageradamente apertadas e brilhosas, de tão gastas. Ele acenou para Spade e disse:

– Lembro-me de você, sr. Spade, do caso Burke contra Harris.

Spade retrucou:

– Mas é claro! – E ficou em pé para um aperto de mãos.

Dundy tinha ido à porta do quarto chamar Theodore Bliss e sua esposa. Kittredge olhou para eles, sorriu amavelmente e disse:

– Como vocês estão? – E, virando-se para Dundy: – São eles, com certeza. – Em seguida, olhou em volta como se procurasse um lugar para cuspir, não achou nenhum e disse: – Faltavam mais ou menos dez para as quatro quando esse senhor ali entrou na sala de justiça e me perguntou quanto tempo sua excelência ainda ia demorar. Respondi que cerca de uns dez minutos, e eles ficaram esperando. Logo depois da suspensão das audiências, às quatro horas, nós os casamos.

– Obrigado – disse Dundy. E mandou Kittredge embora, despachando também os Bliss de volta ao quarto. Depois, franziu o cenho mal-humorado para Spade, indagando: – E daí?

Spade, novamente sentado, replicou:

– Daí que você não conseguiria ir daqui até a Prefeitura em menos de quinze minutos. Não poderíamos supor isso, nem que ele tivesse dado um jeito de entrar aqui de volta, enquanto aguardava o juiz. E também não poderia ter corrido até aqui e matado o irmão, depois do casamento, antes de Miriam chegar.

A insatisfação no rosto de Dundy cresceu. Ele abriu a boca, mas fechou-

a em silêncio quando o homem de cara cinzenta entrou acompanhado de um jovem alto, esbelto e pálido, que se ajustava à descrição do companheiro de Miriam Bliss feita pelo ascensorista filipino.

O homem de cara cinzenta disse:

– Tenente Dundy, sr. Spade, este é o sr. Boris... hum... Smekalov.

Dundy assentiu lacônico.

Smekalov começou a falar imediatamente. O seu sotaque não era forte a ponto de impedir os ouvintes de entendê-lo, apesar de seus erres soarem mais como dáblius:

– Tenente, devo lhe pedir que considere esta conversa como assunto confidencial. Se algo transpirar para fora daqui, vai me arruinar. Isso mesmo, tenente, serei arruinado, e muito injustamente. Sou completamente inocente, senhor, lhe asseguro. De coração, alma e atos. Não apenas inocente, mas de forma alguma ligado a qualquer aspecto dessa história. Não há...

– Espere um instante. – Dundy enfiou o dedo rudemente no peito de Smekalov. – Ninguém aqui está acusando você de nada. Só queremos que fique por aqui um pouco.

O jovem abriu os braços, as palmas à frente, num gesto expansivo.

– Mas, o que é que eu posso fazer? Eu tenho uma esposa que... – Ele balançou a cabeça com violência. – É impossível. Não posso fazer isso.

O homem de cara cinzenta murmurou para Spade:

– Esses russos são uns palhaços.

Dundy contorceu os olhos para Smekalov num tom de voz judicial, advertindo-o:

– Ou fica ou provavelmente vai se envolver numa confusão bastante séria.

Smekalov parecia a ponto de cair no choro.

– Mas, por favor, simplesmente se coloque no meu lugar – implorou. – Bastará isso para o senhor...

– Eu não gostaria de estar no seu lugar. – Na sua franqueza rude, Dundy parecia sensibilizado com a situação do rapaz. – Não se brinca com assassinato neste país.

– Assassinato! Mas eu lhe garanto, tenente, que fui envolvido nesta situação apenas pela mais pura falta de sorte. Eu não sou...

– Você quer dizer que entrou aqui com a Miriam Bliss apenas por

acaso?

Pareceu que o jovem gostaria de responder que sim. Mas disse *não*, pronunciando a palavra vagarosamente. E logo em seguida, prosseguiu, com um assomo de rapidez:

– Mas não aconteceu nada, senhor, absolutamente nada. Saímos para almoçar. Eu a acompanhei, na volta para casa, e ela disse: "Você aceitaria uma bebida?" Eu aceitei. Isso foi tudo. Dou a minha palavra de honra. – Ele estendeu as mãos, palmas para cima. – Isso não poderia ter acontecido também ao senhor? – E moveu as mãos na direção de Spade. – Ou ao senhor?

Spade disse:

– Uma porção de coisas costumam acontecer comigo. Bliss sabia que o senhor estava saindo com a filha dele?

– Ele sabia que éramos amigos, sim.

– Ele sabia que o senhor era casado?

Smekalov respondeu cautelosamente desta vez:

– Acho que não.

– Mas o senhor sabia que ele ignorava isso – afirmou Dundy.

Smekalov umedeceu os lábios e não contradisse o tenente.

Dundy perguntou:

– O que o senhor acha que ele teria feito, caso descobrisse?

– Eu não sei, senhor.

Dundy aproximou-se alguns passos do jovem e falou entre os dentes, numa voz deliberadamente áspera:

– O que ele fez quando descobriu?

O jovem recuou um passo, o rosto branco e assustado.

A porta do quarto se abriu e Miriam Bliss entrou na sala.

– Deixe ele em paz – disse, indignada. – Eu já falei que ele não sabe nada sobre o que aconteceu aqui. – Ela estava ao lado de Smekalov, agora, e tinha uma das mãos nas dele. – O senhor está apenas criando problemas para ele, e não vai descobrir nada importante com isso. Sinto muito mesmo, Boris, bem que tentei impedir que eles o perturbassem.

O jovem murmurou algo ininteligível.

– Sim, você tentou, sem dúvida alguma – Dundy concordou, para a seguir se dirigir a Spade. – E se tiver acontecido assim, Sam? Bliss descobriu que ele era casado, ficou sabendo que eles iam almoçar juntos,

chegou cedo em casa para encontrá-los, quando entrassem aqui, e aí ameaçou contar tudo à esposa do russo. Daí, foi estrangulado. – Dundy olhou de soslaio para a moça. – Se desejar fingir outro desmaio, agora pode ser uma boa ocasião.

O jovem gritou e arremessou-se sobre Dundy, ambas as mãos em garra. Dundy grunhiu:

– Ahhh! – e esmurrou-o com força no rosto.

O jovem cambaleou para trás, através da sala, até bater numa cadeira. Ele e a cadeira foram ao chão. Dundy disse para o homem de cara cinzenta:

– Leve-o para a chefatura! Testemunha material.

O homem de cara cinzenta respondeu:

– Ok. – Então, apanhou o chapéu de Smekalov e foi ajudá-lo a se levantar.

Theodore Bliss, sua esposa e a governanta vieram até a porta que Miriam Bliss tinha deixado aberta. Miriam Bliss estava chorando, batendo com os pés no chão e ameaçando Dundy:

– Vou dar queixa contra você, seu covarde. Não tinha nenhum direito de... – E assim por diante.

Ninguém prestou muita atenção nela. Todos observavam o homem de cara cinzenta ajudar Smekalov a se pôr de pé e levá-lo embora. O nariz e a boca de Smekalov estavam lambuzados de sangue.

Então, Dundy ordenou à moça:

– Cale a boca!

E a seguir, sem maior consideração, tirou um pedaço de papel do bolso.

– Estou aqui com uma lista dos telefonemas feitos deste apartamento hoje. Diga se reconhecer algum número.

Ele leu um número de telefone.

A senhora Hooper disse:

– É o do açougueiro. Telefonei para ele antes de sair de casa esta manhã. – E informou que o número seguinte na lista de Dundy era o da mercearia.

Ele leu outro.

– Esse é do St. Mark – disse Miriam Bliss. – Eu telefonei para Boris. – Ela identificou dois outros números, que eram de amigos a quem havia telefonado.

O sexto número, Bliss informou, era o do escritório do seu irmão.

– Provavelmente, fui eu telefonando para combinar com Elise o nosso

encontro na Prefeitura.

Spade exclamou:

– Esse é o meu! – Era o sétimo número, e Dundy informou que o último era o telefone de emergência da polícia. A seguir, pôs o papel de volta no bolso.

Spade comentou, debochado:

– Bem, isso rendeu um bocado de pistas, não foi?

A campainha da porta tocou.

Dundy foi atender. Ele e um outro homem podiam ser ouvidos falando em vozes demasiado baixas para que as suas palavras fossem entendidas na sala de estar.

O telefone tocou. Spade atendeu:

– Olá... Não, é Spade. Espere um minuto... Muito bem. – Ele escutou com atenção. – Certo, direi a ele... Não, eu não sei. Eu peço para ele ligar para você... Certo.

Quando voltou do telefone, Dundy estava de pé, as mãos nas costas, no umbral do vestíbulo. Spade disse:

– O'Gar disse que o tal russo ficou completamente maluco a caminho da chefatura. Eles foram obrigados a colocá-lo numa camisa-de-força.

– Ele já devia estar vestindo uma faz tempo! – Dundy resmungou. – Venha até aqui.

Spade seguiu Dundy até o vestíbulo. Um policial uniformizado estava em pé no umbral externo da porta.

Dundy trouxe as mãos detrás das costas. Numa, trazia uma gravata com listras diagonais estreitas, em vários tons de verde. Na outra, um alfinete de gravata de platina com um conjunto de pequenos diamantes no formato de um crescente.

Spade inclinou-se para examinar três manchas pequenas e irregulares na gravata:

– Sangue?

– Ou sujeira – arriscou Dundy. – O policial encontrou isso embrulhado num jornal, tudo jogado numa lata de lixo, na esquina.

– Isso mesmo, senhor – confirmou o policial uniformizado, com orgulho. – Encontrei lá mesmo, um bolo amarrotado que... – Ele se calou, já que ninguém estava lhe prestando atenção.

– Sangue seria melhor – estava dizendo Spade. – É uma razão para dar

sumiço na gravata. Vamos entrar e falar com o pessoal.

Dundy enfiou a gravata num bolso e a mão segurando o alfinete em outro:

– Certo... Então, vamos chamar de sangue.

Retornaram à sala de estar. Dundy olhava de Bliss para a mulher de Bliss, para a sobrinha de Bliss, para a governanta, como se nenhum deles lhe agradasse. Retirou a mão do bolso, impeliu-a bem à sua frente e abriu-a para mostrar o alfinete de gravata com o crescente, em sua mão:

– O que é isso? – perguntou.

Miriam Bliss foi a primeira a falar.

– Ora, é o alfinete de gravata do papai – disse ela.

– Ah, é? – replicou Dundy contrariado. – E ele estava usando isso hoje?

– Ele sempre o usa. – Ela se virou para os outros pedindo confirmação.

A sra. Bliss disse “Sim”, enquanto os outros assentiam com um aceno de cabeça.

– Onde o senhor o encontrou? – perguntou a moça.

Dundy os estava examinando um por um, novamente, como se gostasse deles menos do que nunca. Sua face estava vermelha.

– Então, ele usava isto sempre... – disse, zangado. – E não houve um só de vocês que pudesse dizer: “O pai usava sempre um alfinete de gravata. Onde está?”. Não, tivemos que esperar até o alfinete aparecer para escutar alguma coisa a respeito.

Bliss disse:

– Não seja injusto. Como íamos saber...?

– Deixe para lá o que vocês tinham de saber. – Dundy vociferou: – Está na hora de eu dizer tudo o que já sei. – Ele retirou a gravata verde do bolso. – Esta é a gravata dele?

A sra. Hooper respondeu:

– É, sim, senhor.

Dundy disse:

– Ora, vejam só... Está manchada de sangue, e não é sangue dele, porque não encontramos nenhum arranhão nele. – Ele fixou um olhar apertado de um para outro. – Agora, suponha que você estivesse tentando estrangular um homem que usasse um alfinete de gravata e ele estivesse tentando lutar para se defender e...

Dundy interrompeu-se e olhou para Spade.

Spade atravessara a sala, até onde a sra. Hooper estava de pé. Suas enormes mãos estavam crispadas à frente dela. Ele virou a mão direita da governanta para cima, tirou o lenço que ela ocultava na palma da mão, embolado, e lá estava um arranhão fresco de seis centímetros, bastante profundo.

Ela permitira passivamente que ele examinasse a sua mão. Sua fisionomia nada perdeu da tranqüilidade habitual. Ela não pronunciou sequer uma palavra.

– Então? – perguntou ele.

– Eu me arranhei com o alfinete da srta. Bliss, ao colocá-la na cama, quando ela desmaiou – explicou a governanta calmamente.

A risada de Dundy foi curta e amarga:

– Pode até ser, mas mesmo assim vai levar a senhora à forca.

A fisionomia da mulher não se alterou:

– A vontade de Deus será feita – replicou ela.

Spade deixou escapar um ruído peculiar da garganta, quando soltou a mão dela.

– Bem, vamos ver em que ponto estamos. – Ele sorriu para Dundy. – Você não gosta daquela estrela com o T, não é?

Dundy respondeu:

– Tem toda razão.

– Também não gosto – disse Spade. – A ameaça de Talbot, provavelmente, era real. Mas parece que a dívida foi paga. Então... Espere um instante!

Ele foi ao telefone e ligou para seu escritório.

– O negócio da gravata pareceu um bocado estranho, também, até há pouco – foi dizendo, enquanto aguardava –, mas creio que o sangue se encarregou disso.

Ele falou ao telefone:

– Alô, Effie. Escute... No espaço mais ou menos de meia hora antes do telefonema de Bliss me chamando você recebeu alguma ligação fora do comum? Alguma coisa que pudesse ter sido um pretexto para... Sim, pode ser... Pense.

Ele cobriu o fone com a mão e disse para Dundy:

– Tem muita coisa ruim no mundo.

Voltou novamente ao telefone:

– Sim?... Sim... Kruger?... Sim. Homem ou mulher?... Obrigado... Não, vou terminar dentro de meia hora. Espere por mim e eu levo você para jantar. Até logo!

Deu as costas para o telefone e disse:

– Cerca de meia hora antes do telefonema de Bliss, um homem ligou para o escritório e perguntou por um tal de Kruger.

Dundy franziu as sobrancelhas.

– E daí?

– Kruger não estava lá.

Dundy franziu mais ainda as feições.

– Quem é Kruger?

– Não sei – respondeu Spade, afavelmente. – Não conheço nenhum Kruger. – Retirou fumo e papel do bolso. – Tudo bem, Bliss, onde está o seu arranhão?

– Como? – Theodore Bliss exclamou, enquanto os outros fitavam Spade sem entender.

– O seu arranhão – Spade repetiu, num tom calculadamente paciente. Sua atenção estava voltada para o cigarro que enrolava. – O lugar onde o alfinete do seu irmão feriu você, quando o estava estrangulando.

– Você está maluco? – Bliss vociferou. – Eu estava...

– Já sei... você estava se casando quando ele foi assassinado. Mas não é verdade! – Spade umedeceu a borda do seu papel de cigarro e o amaciou com os dedos indicadores.

Foi a vez de a senhora Bliss falar, gaguejando levemente:

– Mas ele... mas Max Bliss telefonou...

– Quem disse que Max Bliss me telefonou? – inquiriu Spade. – Não posso garantir. Eu não seria capaz de reconhecer a voz dele. Sei apenas que um homem perguntou por mim e disse que o seu nome era Max Bliss. Qualquer pessoa podia fazer isso.

– Mas o registro telefônico mostra que a chamada partiu daqui – protestou ela.

Spade balançou a cabeça e sorriu.

– Eles mostram que recebi uma chamada daqui. E é verdade. Mas não foi aquela chamada. Já disse que alguém me ligou meia hora, mais ou menos, antes da suposta chamada de Max Bliss e perguntou por um tal de Kruger. – O detetive apontou Theodore Bliss. – Ele é esperto o bastante

para telefonar deste apartamento para o meu escritório, o que deixaria a ligação registrada. E isso antes de sair para se encontrar com a senhora.

Ela olhou fixamente para Spade, com seus estarrecidos olhos azuis, e depois se voltou para o marido, que lhe disse, com tranqüilidade:

– É tolice, minha querida. Você sabe...

Spade não deixou que ele terminasse a frase.

– Você sabe que ele saiu para fumar um cigarro no corredor, enquanto esperava pelo juiz. E ele sabia que havia uma cabine telefônica no corredor. Um minuto era tudo de que ele precisava.

Spade acendeu o cigarro e tornou a guardar o isqueiro no bolso.

Bliss protestou:

– Quanta idiotice! Por que eu ia matar o Max? – Ele sorriu confiante para os olhos aterrorizados da esposa. – Não deixe que isso a perturbe, querida. Os métodos da polícia às vezes são...

– Muito bem – Spade desafiou –, então nos deixe procurar arranhões em você.

Bliss virou-se para encará-lo mais diretamente.

– Você que se dane! – Ele escondeu uma das mãos atrás das costas.

Spade, com fisionomia dura e olhos sonhadores, avançou.

Spade e Effie Perine estavam sentados a uma mesinha no Juliu’s Castle on Telegraph Hill. Através da janela além deles, barcas podiam ser vistas portando luzes, indo e vindo, misturando-se e saindo das luzes da cidade, no outro lado da baía.

– ... disse que não tinha ido lá para matá-lo. Talvez não... – dizia Spade. – Queria apenas pressionar um pouco, conseguir mais dinheiro. Mas, quando a luta começou, e quando as mãos dele se fecharam na garganta do irmão, acho que o ressentimento dele cresceu tanto que acabou apertando até Max morrer. Entenda, estou apenas colocando em ordem o que as provas indicam e o que conseguimos tirar da mulher dele, mais o pouco que arrancamos dele próprio.

Effie assentiu com a cabeça.

– Ela é uma esposa boa e leal.

Spade tomou café, encolheu os ombros.

– E daí? Ela agora sabe que Bliss a queria apenas porque era a secretária de Max. Ela sabe que, quando ele tirou a licença de casamento, duas semanas atrás, foi apenas para deixá-la mais ligada ainda a ele, de maneira a

convencê-la a tirar as fotocópias que poderiam incriminar Max na trapaça da Graystone Loan. Ela sabe... Ora, ela sabe que não estava apenas ajudando um inocente injustiçado a limpar o seu nome.

Spade tomou mais um gole de café.

– Foi por isso que ele passou na casa do irmão, esta tarde, para ameaçá-lo com San Quentin, outra vez, e extorquir dinheiro. Então aconteceu a briga e ele o matou. Mas saiu com um arranhão no pulso... que não estava programado. Daí, ele tira a gravata do cadáver e troca por outra, porque a ausência de uma gravata iria dar à polícia o que pensar. Mas teve azar justamente aí... As gravatas novas de Max estão guardadas no cabide da frente. Então, ele agarrou a primeira que encontrou... Muito bem. Agora, ele tem que colocá-la no pescoço do homem morto... Mas, espere um pouco... ele tem uma idéia melhor... Que tal despir algumas peças de roupa do cadáver para confundir a polícia? A gravata fora do lugar vai se tornar tão imperceptível quanto a camisa jogada no chão. Ao despi-lo, ele tem mais uma idéia. Vai dar à polícia algo mais com que se preocupar. Assim, desenha um signo místico que deve ter visto em algum lugar no peito do homem morto.

Spade esvaziou a xícara, colocou-a sobre a mesa e continuou:

– Até aí, ele se revela um mestre na arte de confundir a polícia. Uma carta ameaçadora assinada com o signo desenhado no peito de Max. O correio da tarde está sobre a escrivaninha. Qualquer envelope serve, desde que seja datilografado e sem remetente. Mas o da França traz um toque da coisa estrangeira. Então, ele joga fora a carta original e mete no envelope a ameaça. Ele está exagerando agora, você vê? Está colocando tantas coisas fora do lugar que quase somos obrigados a suspeitar justamente do que parece em ordem... as chamadas telefônicas, por exemplo.

Spade dá uma piscada para Effie, que se mantém imóvel e atenta:

– Bem... ele está pronto para as chamadas telefônicas, agora... o seu álibi. Ele escolhe o meu nome, entre os detetives particulares do catálogo, e aplica o truque do sr. Kruger. Mas isso depois de telefonar para a loura Elise e dizer a ela que conseguira remover os obstáculos para o casamento deles. E também que surgira uma oportunidade de negócios em Nova York e que ele precisaria partir imediatamente. Assim, pergunta se ela pode se encontrar com ele dentro de quinze minutos para se casarem. Isso não é apenas um álibi. Theodore precisa que ela esteja absolutamente certa de que

ele não matou Max, porque ela sabe que ele não gosta de Max e ele não quer que ela perceba que a estava apenas usando para conseguir provas contra o irmão. Somente Elise poderia, nessa altura, somar dois mais dois e chegar à resposta.

"Com isso providenciado, ele está pronto para partir. E sai do prédio, sem temer ser visto. Apenas uma coisa o preocupa..."

– A gravata verdadeira e o alfinete... – adivinhou Effie.

– Correto! – Spade disse. – A gravata e o alfinete no seu bolso. Ele leva o alfinete porque não está seguro de que a polícia não possa encontrar vestígios de sangue em volta do arranjo de pedras, apesar de tê-lo limpado com todo cuidado. No caminho, ele consegue um jornal... compra um do jornaleiro que encontra na rua... Daí, embrulha a gravata e o alfinete e joga numa lata de lixo da esquina. Parece tudo perfeito. Nenhuma razão para a polícia procurar a gravata. Nenhuma razão para o lixeiro que esvazia a lata abrir um jornal amassado. Mesmo que alguma coisa dê errado... Que diabo!... O assassino jogou aquilo fora, e ele, Theodore, não pode ser o assassino. Isso porque ele vai ter um álibi.

"Então, ele entra no seu carro correndo e dirige até a Prefeitura. Ele sabe que há uma porção de telefones ali, e pode sempre dizer que precisa lavar as mãos... Mas nem vai precisar de uma desculpa dessas. Enquanto esperavam que o juiz terminasse um julgamento, ele sai para fumar um cigarro e pronto... 'sr. Spade, aqui é Max Bliss e eu estou sendo ameaçado...'."

Effie Perine assentiu com a cabeça, e então perguntou:

– Por que você acha que ele escolheu um detetive particular, em vez da polícia?

– Questão de segurança. Se o corpo tivesse sido encontrado, nesse meio-tempo, a polícia podia ter sido notificada e iriam rastrear a chamada. Um detetive particular não poderia receber a notícia até que saísse nos jornais.

Ela riu, depois disse:

– E esta foi a sua sorte.

– Sorte? Será? – Ele olhou desanimado para as costas da sua mão esquerda. – Machuquei minha mão para detê-lo e o trabalho apenas durou uma tarde. O mais provável é que, seja lá quem for que vá cuidar da herança, faça um escândalo se eu enviar uma conta, cobrando um dinheiro

decente.

Ele levantou a mão para atrair a atenção do garçom.

– Bem, quem sabe tenho sorte de verdade na próxima vez? Quer pegar um filme, ou você tem outra coisa para fazer?

OceanofPDF.com

FORAM TANTOS A VIVER

A estampa da gravata do homem tanto podia ser uma laranja como um pôr do sol. Era um sujeito grande, alto e corpulento, sem flacidez. O cabelo preto partido ao meio, achatado de encontro ao couro cabeludo, as bochechas firmes e cheias, as roupas que se ajustavam ao seu corpo com caimento impecável, até mesmo as orelhas rosadas achatadas na lateral da cabeça... cada elemento parecia nada mais do que uma parte colorida de uma mesma superfície lisa. Ele poderia ter de 35 a 45 anos.

Sentou-se ao lado da escrivaninha de Samuel Spade, inclinando-se para a frente sobre a sua bengala de ratã, e disse:

– Não, eu quero que você descubra o que aconteceu a ele. Mas espero que nunca o encontre.

Seus olhos verdes protuberantes fixaram-se solenemente em Spade.

Spade balançou-se para trás na cadeira. O rosto – que ganhara uma moldagem satânica não de todo desagradável graças aos enrugamentos da estrutura óssea do queixo, boca, narinas e sobrancelhas espessas – mostrava um interesse do tipo que se demonstra por educação, tanto quanto sua voz:

– Por quê?

O homem de olhos verdes falou tranqüilamente, com segurança.

– Posso dizer isso para você, Spade. Você possui a reputação que eu preciso num detetive particular. É por isso que estou aqui.

O assentimento de cabeça de Spade em nada o comprometia.

O homem de olhos verdes disse:

– E qualquer preço é justo para mim.

Spade assentiu mais uma vez.

– E para mim também – disse. – Mas preciso saber o que você está querendo comprar. Você quer descobrir o que aconteceu a esse... Eli Haven... Mas não está de fato interessado no paradeiro dele?

O homem de olhos verdes baixou a voz, mas não houve qualquer outra mudança em sua fisionomia.

– De certa maneira, é isso. Por exemplo, se você o encontrar e arranjar as coisas de um jeito que ele permaneça longe para sempre, isso pode valer ainda mais dinheiro para você.

– Quer dizer, se ele não quiser permanecer afastado?

O homem de olhos verdes disse:

– Especialmente nessa circunstância.

Spade sorriu e sacudiu a cabeça:

– Provavelmente, esse dinheiro a mais nunca seria o suficiente... Não, se estou entendendo o que você quer dizer.

Spade levantou as suas mãos compridas, de dedos grossos, dos braços da cadeira e virou-as de palmas para cima:

– Ora, que conversa toda é essa, Colyer?

O rosto de Colyer avermelhou-se um pouco, mas os olhos mantiveram a fixidez fria, sem pestanejar.

– Esse homem tem uma esposa. Eu gosto dela. Eles tiveram uma briga na semana passada e ele explodiu. Se eu puder convencê-la de que ele foi embora para sempre, há uma chance de ela se divorciar dele.

– Vou querer conversar com ela – alertou Spade. – Quem é esse Eli Haven?

– Um ovo podre. Um desocupado. Escreve poemas e coisas assim.

– Mas não pode me dizer nada sobre ele que possa me ajudar?

– Nada que Júlia, a mulher dele, não possa dizer a você. E já que vai falar com ela... – Colyer levantou-se. – Tenho alguns conhecimentos. Talvez eu possa conseguir alguma coisa que sirva para você por meio deles, mais tarde.

Uma mulher de ossatura pequena, nos seus 25 ou 26 anos, abriu a porta do apartamento. Seu vestido azul-claro tinha um belo acabamento de botões prateados. Ela possuía seios fartos, mas era esbelta, com ombros retos, quadris estreitos, e sua postura demonstrava um orgulho que seria tomado por petulância numa pessoa menos graciosa.

Spade perguntou:

– Sra. Haven?

Ela hesitou antes de responder:

– Sim.

– Gene Colyer me mandou procurá-la. Meu nome é Spade. Sou detetive particular. Ele quer que eu encontre o seu marido.

– E o senhor o encontrou?

– Disse a Coyler que precisava conversar com a senhora primeiro.

O sorriso dela desapareceu. Ela estudou a fisionomia do detetive gravemente, traço por traço, depois respondeu:

– Sem dúvida... – E deu um passo atrás, arrastando a porta com ela.

Quando eles se sentaram em cadeiras frente a frente, numa sala pobremente mobiliada que dava para um *playground* onde as crianças barulhentas brincavam, ela perguntou:

– Gene lhe disse por que quer encontrar Eli?

– Ele disse que se a senhora tivesse certeza de que ele havia ido embora para sempre, talvez escutasse o bom senso.

Ela não replicou.

– Ele já sumiu assim antes?

– Muitas vezes.

– Como ele é?

– Um ótimo homem – disse, sem demonstrar emoção –, quando está sóbrio. E quando bebe se comporta bem, exceto com mulheres e dinheiro.

– Isso deixa a ele uma porção de oportunidades de se mostrar um bom sujeito. Como ele ganha vida?

– Ele é poeta – replicou ela. – Mas ninguém ganha dinheiro com poesia.

– E, então?

– Ora, ele às vezes arranja algum dinheiro. Pôquer, corridas de cavalos... é o que diz. Eu não sei ao certo.

– Há quanto tempo está casada?

– Quatro anos, quase. – Ela riu irônica.

– Sempre morando em San Francisco?

– Não, moramos em Seattle no primeiro ano, depois é que nos mudamos para cá.

– Ele é de Seattle?

Ela sacudiu a cabeça:

– De algum lugar em Delaware.

– Que lugar?

– Não sei.

Spade juntou um pouco as suas espessas sobrancelhas.

– E a senhora, de onde é?

Ela respondeu com meiguice:

– Não é a mim que o senhor está procurando.

– A senhora age como se fosse – resmungou ele. – Bem, conhece os amigos dele?

– Não me pergunte sobre isso.

Spade fez, impaciente, uma careta:

– A senhora deve conhecer alguns deles – insistiu ele.

– Certamente. Há um que se chama Minera, outro com o nome de Louis James e alguém que ele chama de Conny.

– Quem são eles?

– Homens – replicou ela, afavelmente. – Não sei nada sobre eles. Telefonam, às vezes, passam aqui para apanhá-lo, ou eles se encontram pela cidade. Isso é tudo o que eu sei.

– O que eles fazem para ganhar a vida? Todos escrevem poesia?

Ela riu.

– Bem, podem sempre tentar. Um deles, Louis James, é um... trabalha para Gene, eu acho. Mas, honestamente, não sei nada mais sobre eles do que já lhe disse.

– Acha que eles sabem onde o seu marido se encontra?

Ela deu de ombros:

– Se sabem, estão mentindo para mim. Ainda telefonam vez por outra para saber se ele já apareceu.

– E essas mulheres que mencionou?

– Não conheço nenhuma delas.

Spade, olhando mal-humorado para o chão, perguntou:

– O que é que ele fazia para ganhar a vida antes de começar a escrever poesia?

– Um pouco de tudo... vendeu aspiradores de pó, fez biscates, alguma coisa na praia, jogava vinte-e-um, já trabalhou em ferrovias, em fábricas de conservas, serrarias, parque de diversões... trabalhou num jornal, também... fazia de tudo.

– Tinha dinheiro quando partiu?

– Três dólares que me pediu emprestado.

– Disse alguma coisa?

Ela riu.

– Que se eu usasse qualquer que fosse a influência que tivesse com Deus enquanto ele estivesse fora, ele estaria de volta na hora do jantar com uma surpresa para mim.

Spade levantou as sobrancelhas.

– Vocês estavam se dando bem, ultimamente?

– Ah, sim. Tínhamos feito as pazes de nossa última briga dois dias antes.

– Quando ele partiu?

– Quinta-feira à tarde. Às três horas, acho.

– Tem algum retrato dele?

– Tenho. – Ela foi até uma mesa perto de uma das janelas, abriu uma gaveta e virou-se para Spade com um retrato na mão.

Spade olhou para o retrato e viu um rosto magro, com olhos profundos, uma boca sensual e uma testa de linhas duras que terminava numa total desordem de cabelos louros.

Ele pôs o retrato de Haven no bolso e apanhou o chapéu. Dirigiu-se para a porta, mas parou de repente:

– Que tal ele, como poeta? É muito bom?

Ela encolheu os ombros.

– Isso depende da pessoa a quem você perguntar.

– Tem algum livro dele, por aí?

– Não. – Ela riu. – Acha que ele possa estar escondido entre as páginas?

– Nunca se pode adivinhar aonde uma pista pode nos levar. Volto qualquer dia. Pense um pouco e veja se não pode lembrar qualquer coisa. Até mais.

Ele caminhou descendo a Post Street em direção à livraria Mulford, onde pediu um volume das poesias de Haven.

– Sinto muito – disse a moça. – Vendi o último exemplar na semana passada – ela sorriu – ao próprio senhor Haven. Posso encomendar um para o senhor.

– Você o conhece?

– Somente de vender livros para ele.

Spade apertou os lábios e perguntou:

– Quando foi isso? – Ele deu a ela um dos seus cartões de trabalho. – Por favor. É importante.

Ela se dirigiu a uma escrivaninha, virou as páginas de um livro de registro de vendas, de encadernação vermelha, e voltou para onde ele estava, com o livro aberto em sua mão.

– Foi na última quarta-feira – informou ela. – E o entregamos a um senhor chamado Roger Ferris, Pacific Avenue, 1981.

– Muito obrigado – disse Spade.

Lá fora, ele acenou para um táxi e deu ao motorista o endereço de Roger Ferris.

A casa na Pacific Avenue era um conjunto cinzento de quatro pavimentos, por trás de uma faixa estreita de gramado. A sala na qual uma criada de rosto rechonchudo introduziu Spade era ampla e de teto alto.

Spade sentou-se, mas quando a criada se retirou ele se levantou e começou a andar em volta pela sala. Parou diante de uma mesa sobre a qual estavam três livros. Um deles tinha uma sobrecapa cor de salmão, na qual estava impresso em vermelho um esboço de um desenho representando um relâmpago, atingindo o chão entre um homem e uma mulher, e em preto as palavras *Luzes Coloridas* – Eli Haven.

Spade apanhou o livro e voltou para a cadeira.

Havia uma dedicatória na folha de rosto – caracteres pesados, irregulares, escritos com tinta azul:

Ao bom e velho amigo Buck, que descobriu suas luzes coloridas, em memória daqueles dias. Eli.

Spade folheou as páginas ao acaso e sem maiores cuidados leu um poema:

DECLARAÇÃO

Foram tantos a viver
Como nós vivemos
Para as nossas vidas serem
A prova do nosso viver.
Muitos têm morrido
Como nós morremos
Para as suas mortes serem
A prova da nossa morte.

Ele levantou os olhos do livro quando um homem em trajes de jantar entrou na sala. Não era um homem alto, mas o seu porte ereto o fazia parecer alto, até mesmo diante da altura de Spade, quase um metro e noventa. Tinha olhos azuis brilhantes, um tanto embaçados por seus cinqüenta e tantos anos, uma face queimada pelo sol, nenhuma flacidez muscular, uma testa larga, lisa e cabeleira espessa, curta e quase branca. Havia dignidade em sua compostura e amabilidade.

Ele inclinou a cabeça para o livro que Spade ainda mantinha:

– Gostou?

Spade sorriu e disse:

– Acho que não entendo nada de poesia. – E baixou o livro. – Mas esse

foi o motivo que me trouxe aqui, senhor Ferris. Conhece Eli Haven?

– Sim, é claro. Sente-se, senhor Spade. – Ele se sentou numa cadeira perto da de Spade. – Eu o conheço desde garoto. Ele não está em nenhuma encrenca, está?

Spade respondeu:

– Não sei ainda. Estou tentando achá-lo.

– Posso saber por quê? – falou Ferris, com certa hesitação.

– O senhor conhece Gene Colyer?

– Sim. – Ferris hesitou novamente, e então disse: – Bem, isso fica entre nós, confidencialmente. Tenho uma cadeia de cinemas por todo o nordeste da Califórnia, o senhor sabe, e dois anos atrás, quando tive um problema trabalhista, fui aconselhado a procurar Colyer. Disseram que era o homem capaz de resolver o assunto. Foi assim que o conheci.

– Entendo – falou Spade secamente. – Muita gente conhece Colyer pelo mesmo motivo.

– Mas o que ele tem a ver com Eli?

– Quer encontrá-lo. Há quanto tempo não o vê?

– Quinta-feira passada ele esteve aqui.

– A que horas saiu?

– Meia-noite... um pouco mais tarde. Ele chegou mais ou menos às três e meia. Não nos víamos há anos. Eu o persuadi a ficar para jantar. Parecia um bocado deprimido. Eu lhe emprestei algum dinheiro.

– Quanto?

– Cento e cinqüenta. Era tudo que eu tinha em casa.

– Disse para onde estava indo, quando saiu?

Ferris balançou a cabeça negativamente.

– Disse que me telefonaria no dia seguinte.

– E telefonou?

– Não.

– O senhor disse que o conhece desde pequeno?

– Não exatamente. Mas ele trabalhou para mim há quinze ou dezesseis anos, quando eu era dono de um parque de diversões. Tive um sócio no negócio por certo tempo, depois fiquei com tudo sozinho. Eu sempre gostei do garoto.

– Fazia quanto tempo, antes da quinta-feira, que você não o via?

– Só Deus sabe – replicou Ferris. – Eu havia perdido contato fazia anos.

Então, quarta-feira, caindo do céu, aquele livro chegou, sem remetente nem nenhuma indicação, apenas aquela dedicatória. Então, no dia seguinte, ele me telefonou. Eu estava morrendo de curiosidade para saber se ele ainda estava vivo e o que andava fazendo da vida. Foi quando ele apareceu naquela tarde e ficamos nove horas falando dos velhos tempos.

– Pode me contar mais sobre o que ele esteve fazendo, durante esse tempo?

– Esteve apenas tentando se arranjar por aí, pegando biscates, aproveitando oportunidades. Ele não se queixou muito. Eu é que tive de obrigá-lo a receber os cento e cinqüenta dólares.

Spade levantou-se:

– Muito obrigado, sr. Ferris. Eu...

Ferris interrompeu-o:

– De nada, e se houver qualquer coisa que eu possa fazer, me telefone.

Spade olhou para o relógio.

– Posso telefonar para o meu escritório?

– Claro que sim. Tem um telefone na próxima sala, à direita.

Spade agradeceu e saiu. Quando retornou, estava enrolando um cigarro. Sua fisionomia estava fechada.

– Alguma notícia? – perguntou Ferris.

– Sim. Colyer telefonou para o escritório suspendendo o trabalho. Disse que o corpo de Haven foi encontrado no meio de um matagal, no outro lado de San Jose, com três ferimentos a bala.– Spade sorriu, acrescentando brandamente: – Bem que ele me disse que podia descobrir alguma coisa por intermédio de seus conhecimentos.

A luz da manhã atravessava as cortinas das janelas do escritório de Spade, projetando dois retângulos gordos e amarelos no chão, emprestando a tudo na sala um reflexo amarelado.

Ele se sentou à sua escrivaninha, olhando meditativamente para um jornal. Não levantou os olhos quando Effie Perine entrou.

– A senhora Haven está aqui – anunciou ela.

Só então o detetive levantou a cabeça. Ele disse:

– Melhor assim. Mande-a entrar.

A sra. Haven entrou apressada. Seu rosto estava pálido e ela tremia, a despeito do casaco de pele. Foi direto a Spade e perguntou:

– Foi Gene quem o matou?

Spade respondeu:

– Eu não sei.

– Eu preciso saber – ela começou a chorar.

Spade tomou as suas mãos.

– Aqui, sente-se. – Ele a conduziu a uma cadeira, e então perguntou: – Colyer não contou a você que me telefonou para suspender o trabalho?

Ela fixou o olhar nele, espantada:

– Ele fez o quê?

– Deixou um recado na noite passada dizendo que o seu marido tinha sido encontrado e que não mais precisava de mim.

Ela baixou a cabeça e suas palavras foram quase inaudíveis:

– Então, foi ele.

Spade deu de ombros.

– E pode ser que somente um homem inocente tivesse a coragem de suspender a investigação numa circunstância como essa. Ou talvez ele seja culpado, mas tenha cérebro e nervos bastantes para...

Ela não estava escutando. Inclinou-se para mais perto dele e apelou, com firmeza:

– Mas, senhor Spade, o senhor vai desistir do caso desse jeito? O senhor não vai deixar as coisas sem explicação, vai?

O toque do telefone cortou a voz dela. Spade pediu licença e apanhou o receptor:

– Sim?... Hum-hum!... E daí? – Ele apertou os lábios. – Eu entro em contato com você. – A seguir, empurrou o telefone para o lado, lentamente, e encarou a senhora Haven. – Colyer está aí fora.

– Ele sabe que eu estou aqui? – perguntou ela aflita.

– Não sei. – Ele se levantou, fingindo que não a estava observando com atenção. – Faz diferença para você?

Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes e disse, hesitante:

– Não.

– Ótimo. Vou mandá-lo entrar.

Ela levantou a mão como se fosse protestar, depois deixou-a cair, e seu rosto pálido já recuperara então a compostura.

– Se é isso que o senhor quer fazer... – disse ela.

Spade abriu a porta:

– Olá, Colyer. Vá entrando. Estávamos justamente falando de você.

Colyer assentiu com a cabeça, e entrou no escritório segurando sua bengala de ratã em uma das mãos e o chapéu na outra.

– Que prazer ver você aqui, Júlia. Devia ter telefonado para mim. Eu a teria trazido de volta para a cidade.

– Eu... eu não sabia o que estava fazendo.

Colyer observou-a durante um instante mais longo, depois transferiu o foco dos seus olhos verdes sem expressão para Spade.

– Bem, já conseguiu convencê-la de que não fui eu que fiz isso?

– Ainda não – retrucou Spade. – Eu estava justamente tentando descobrir que motivos haveria para suspeitar de você. Sente-se.

Colyer sentou-se algo precavido. Então, perguntou:

– E aí?

– E aí você chegou.

Colyer balançou a cabeça gravemente:

– Muito bem, Spade – disse ele –, você está contratado novamente para provar à sra. Haven que eu não tive nada a ver com isso.

– Gene – exclamou ela com a voz engasgada, e estendeu as mãos para ele apelando. – Não acho que você seja culpado... não quero pensar que tenha feito isso... mas, receio... – Então, levou as mãos ao rosto e começou a chorar.

Colyer aproximou-se da mulher:

– Calma – disse ele. – Vamos enfrentar essa crise juntos.

Spade saiu do escritório, fechando a porta atrás de si.

Effie Perine parou de datilografar uma carta.

Ele sorriu para ela e disse:

– Algum dia, alguém deve escrever um livro sobre as pessoas. Elas são intrigantes. – A seguir, dirigiu-se à geladeira. – Consiga o número de Wally Kellogg. Telefone para ele e pergunte onde posso encontrar Tom Minera.

Depois, voltou ao escritório.

A sra. Haven tinha parado de chorar.

– Sinto muito – disse ela.

Spade respondeu:

– Tudo bem. – E olhou de soslaio para Colyer. – Eu ainda estou empregado?

– Está. – Colyer pigarreou, limpando a garganta. – Mas se não tem nada de especial para mim agora, é melhor eu levar a senhora Haven para casa.

– Sem problema. Mas há ainda uma coisa... Segundo o *Chronicle*, você o identificou. Como aconteceu de estar lá?

– Fui até lá quando soube que haviam encontrado um corpo – Colyer replicou, medindo as palavras. – Disse para você que tinha certos amigos bem colocados...

– Certo – assentiu Spade. – Estaremos em contato. – E abriu a porta para eles.

Quando a porta do corredor se fechou atrás deles, Effie Perine anunciou:

– Minera está no Buxton, na Army Street.

– Obrigado – disse Spade, e entrou no escritório para apanhar o chapéu. Ao sair, avisou: – Se eu não estiver de volta dentro de dois meses, diga a alguém para procurar meu corpo por lá.

Spade desceu um corredor malconservado, dirigindo-se a uma porta verde danificada com o número 411. O murmúrio de vozes atravessava a porta, mas ele não conseguiu distinguir nenhuma palavra. O detetive parou escutando e bateu.

Uma voz de homem, obviamente disfarçada, perguntou:

– O que é?

– Quero falar com o Tom. Aqui é Sam Spade.

Uma pausa, e então:

– Tom não está aqui.

Spade agarrou a maçaneta e sacudiu a frágil porta:

– Vamos logo! Abra a porta – grunhiu ele.

Logo a porta foi aberta por um homem magro, de pele escura, com idade em torno dos 25 anos, que tentou fazer os seus olhos maliciosos e escuros parecerem ingênuos, ao dizer:

– Desculpe, não tinha reconhecido sua voz.

A lentidão da sua boca fazia o seu queixo parecer menor do que era. A camisa de listras verdes, aberta no pescoço, não estava limpa. As calças cinzentas estavam bem passadas a ferro.

– A gente precisa mesmo tomar cuidado hoje em dia – falou Spade, com certa solenidade, e atravessou o umbral da porta para uma sala onde dois homens tentavam manter-se alheios à sua chegada.

Um deles apoiou-se no peitoril da janela lixando as unhas. O outro estava inclinado para trás numa cadeira, com os pés na borda de uma mesa e um jornal aberto nas mãos. Eles olharam para Spade ao mesmo tempo e

continuaram o que estavam fazendo.

Spade disse alegremente:

– É sempre um prazer conhecer amigos de Tom Minera.

Minera fechou de vez a porta e apresentou-os, constrangido:

– Ah... sim... senhor Spade, estes são o sr. Conrad e o sr. James.

Conrad, o homem na janela, fez um gesto vago de polidez com a lixa de unha na mão. Ele era alguns anos mais velho do que Minera, de altura média, físico robusto, feições grosseiras e olhos lerdos.

James baixou o jornal por um instante para lançar um olhar frio para Spade, avaliando-o. Ele disse:

– Como vai, irmão?

Em seguida, voltou à leitura. Ele era tão robusto quanto Conrad, porém mais alto, e sua face tinha uma sagacidade que faltava aos outros.

– Ah... – disse Spade – ... e ainda por cima amigos do falecido Eli Haven.

O homem na janela feriu um dedo com a lima, soltando um palavrão. Minera umedeceu os lábios, e então falou rapidamente, com uma nota de lamento na voz:

– Mas honestamente, Spade, já não o víamos, nenhum de nós, há uma semana.

Spade pareceu se divertir um pouco com o jeito de falar do homem escuro.

– Por que você acha que o mataram?

– Tudo que sei é o que o jornal diz. Ele estava com os bolsos virados pelo avesso, e não tinha nada além de uma caixa de fósforos com ele. – Entortou as extremidades da boca. – Mas, pelo que estou sabendo, ele não estava levando dinheiro. Pelo menos, não tinha nada com ele, na terça-feira à noite.

Falando sempre com suavidade, Spade disse:

– Soube que ele conseguiu algum na noite de sexta-feira.

Todos ouviram Minera, por trás de Spade, prender a respiração. James disse:

– Bem, se você está dizendo... Não sei nada sobre isso!

– Mas ele trabalha com vocês, não é, rapazes?

Lentamente, James pôs o jornal de lado e retirou os pés de cima da mesa. Pareceu muito interessado na pergunta de Spade, embora de um

modo impessoal.

– O que você está querendo dizer com isso?

Spade fingiu surpresa:

– Ora, só estou dizendo que vocês devem trabalhar em alguma coisa, certo?

Minera aproximou-se de Spade pelo lado:

– Ei, escute aqui, Spade – disse ele –, esse cara, o Haven, era apenas um cara que a gente conhecia. Não tivemos nada a ver com a morte dele. Não sabemos nada sobre isso. Você sabe que nós...

Três batidas ritmadas soaram na porta.

Minera e Conrad olharam para James, que assentiu com a cabeça, mas, então, Spade, movendo-se ligeiro, já alcançara a porta e a abriu.

Era Roger Ferris.

Spade e Ferris se encararam por alguns instantes, e então Ferris estendeu a mão e disse:

– Estou muito contente em vê-lo aqui, Spade.

– Vamos, entre – convidou Spade.

– Veja isto, senhor Spade. – A mão de Ferris tremia, ao retirar do bolso um envelope ligeiramente sujo.

O nome de Ferris e o endereço estavam datilografados no envelope. Não havia selo postal nele. Spade tirou de dentro uma tira estreita de papel branco e barato e desdobrou-a. Nela, estava datilografado:

Aconselho a você a vir à sala 411, no Hotel Buxton, na Army Street, às cinco da tarde, para tratar do que aconteceu na noite de quinta-feira.

Não havia assinatura.

Spade disse:

– Falta muito tempo para cinco horas.

– Certo – concordou Ferris enfático. – Vim para cá assim que recebi isso. Foi na quinta à noite que o Eli esteve na minha casa.

Minera estava acotovelando Spade, e perguntou:

– Que negócio é esse?

Spade segurou a tira de papel diante do homem de pele escura, para que ele a lesse. Ele a leu e berrou:

– Honestamente, Spade, não sei nada sobre esse bilhete.

– Alguém sabe? – perguntou Spade.

Conrad respondeu apressadamente:

– Não.

E James perguntou:

– Que bilhete?

Spade observou Ferris alguns instantes com olhar vago, depois disse, como se falasse para si mesmo:

– É claro que Haven estava tentando extorquir dinheiro de você.

O rosto de Ferris ficou vermelho:

– O quê?

– Extorsão. – Spade repetiu com toda paciência: – Dinheiro, chantagem.

– Olhe aqui, Spade – disse Ferris gravemente –, você acha isso mesmo? O que ele usaria para me chantagear?

– Ao bom e velho amigo Buck – citou Spade a dedicatória do poeta morto –, que descobriu suas luzes coloridas, em memória daqueles dias. – Ele encarou Ferris sombriamente, por debaixo das sobrancelhas um pouco levantadas. – Que luzes coloridas? E qual é a gíria do pessoal dos parques de diversões e do circo para chutar um sujeito para fora de um trem em movimento? Luz vermelha. Isso mesmo, luz vermelha. Para quem você deu luz vermelha, Ferris? Alguém que o Haven conhecia?

Minera foi até uma cadeira e sentou-se. Pôs os cotovelos nos joelhos, a cabeça entre as mãos, e começou a fitar o chão, perplexo. Conrad estava ofegante, como se tivesse corrido.

Spade dirigiu-se para Ferris:

– E então?

Ferris enxugou o rosto com um lenço, depois o colocou no bolso e disse, apenas:

– Foi uma extorsão.

– E você o matou.

Os olhos azuis de Ferris cravaram-se nos olhos amarelo-acinzentados de Spade. Eram transparentes e firmes, assim como sua voz:

– Não fui eu – disse ele. – Juro que não fui eu. Deixe-me contar o que aconteceu. Ele me enviou o livro, como lhe disse, e eu soube imediatamente o que aquela dedicatória significava. Assim, no dia seguinte, quando me telefonou dizendo que estava vindo para falar sobre o passado e tentar tomar emprestado algum dinheiro por conta dos velhos tempos, adivinhei o que ele queria dizer novamente. Desci para ir ao banco e saquei dez mil dólares. Você pode checar isso. O banco é o Seaman’s National.

– Vou fazer isso – confirmou Spade.

– No final das contas, não precisei de tanto dinheiro assim. Ele estava numa maré ruim, e acabei convencendo-o a levar apenas cinco mil. Tornei a depositar os outros cinco no banco no dia seguinte. Pode checar.

– Vou fazer isso – repetiu Spade.

– Eu o avisei que não ia aceitar outra tentativa de me tomar dinheiro. Aqueles cinco mil seriam os primeiros e os últimos. Eu o fiz assinar um papel confessando que tinha auxiliado a... nessa coisa que eu fiz... Ele assinou e foi embora por volta da meia-noite. Essa foi a última vez que eu o vi.

Spade deu uns tapinhas no envelope que Ferris lhe dera.

– E quanto a este bilhete?

– Um mensageiro o trouxe ao meio-dia, e eu vim imediatamente. Elis havia me assegurado que não tinha dito nada a ninguém. Mas como eu podia ter certeza? Devia enfrentar isso, fosse o que fosse.

Spade virou-se para os outros, o rosto indecifrável.

– Então?

Minera e Conrad voltaram-se para James, que fez uma impaciente careta e disse:

– Ah, certo, nós mandamos o bilhete. Por que não? A gente era amigo do Eli. Daí, não conseguimos encontrar ele, desde que ele foi dar uma prensa nesse cara. Então, Eli apareceu morto. Ora, a gente resolveu chamar o Ferris para dar umas explicações.

– Vocês sabiam sobre a chantagem?

– Claro. Estávamos juntos quando ele teve a idéia.

– Mas como ele teve essa idéia? – insistiu Spade.

James esticou os dedos da mão esquerda:

– Ora, a gente estava conversando... você sabe, quando um bando de marmanjos se junta fala sobre tudo que cada um viu e fez... Daí, ele veio com essa história doida de ter visto certa vez um cara chutar outro para fora de um trem, quando passavam na beira de um cânion. E ele até disse o nome do sujeito, Buck Ferris. Daí, alguém perguntou: “E como é esse Ferris?”. Eli, então, descreveu o cara e contou que não o via há quinze anos. Bem, então, alguém dá um assovio e diz: “Puxa... aposto que é o Ferris, dono de quase a metade dos cinemas do estado. Aposto que ele pagaria bem para manter essa história em segredo!”.

James respirou fundo, depois continuou:

– Bem, a idéia... como posso dizer... pegou o Eli. Só você vendo. Ele pensou um pouco e então como que deu uma luz nele. Perguntou o primeiro nome desse Ferris do cinema, e quando o outro cara disse: “Roger”, ele se fingiu de desapontado e disse: “Não, não é ele. O primeiro nome dele era Martin.” Bem, a gente riu na cara dele, com a besteira que ele disse, e daí o Eli finalmente admitiu que ia visitar o sujeito. Quando ele me telefonou na quinta-feira, aí pelo meio-dia, e disse que ia dar uma festa no Pogey Heecker’s naquela noite, não foi difícil imaginar o que ele estava comemorando.

– Qual era o nome do sujeito que recebeu a luz vermelha?

– Ele não quis dizer. Fechou-se. Dá para entender por quê.

– Daí... mais nada. Ele não apareceu no Pogey. Tentamos entrar em contato com ele às duas da manhã, mas a mulher dele disse que ele não tinha aparecido em casa. Assim, ficamos por lá, vigiando tudo, até as quatro ou cinco da manhã. Então, decidimos tomar uma rodada e pedir ao Pogey para colocar na conta dele, depois íamos cair fora. Nunca mais o vimos, nem vivo nem morto.

Depois de um instante, Spade disse calmamente:

– Talvez não. Tem certeza de que não encontrou o Eli mais tarde, naquela manhã, nem saiu com ele para dar uma volta, e aproveitou para meter umas balas no cara, tirar os cinco mil dólares, depois jogar o corpo no...?

Duas batidas altas soaram na porta.

A fisionomia de Spade iluminou-se. Ele foi até a porta e abriu-a.

Um jovem entrou. Ele era muito elegante e bem-proporcionado. Usava um sobretudo leve, as mãos metidas nos bolsos. Assim que entrou, deu alguns passos desviando-se para a direita da porta e ficou de pé com as costas viradas para a parede.

Neste instante, outro jovem entrava também. Ele foi para o lado esquerdo. Embora não se parecessem em nada, a elegância comum em ambos, o físico em boa forma e a postura praticamente idêntica – costas para a parede, mãos nos bolsos, olhos frios e brilhantes, estudando os ocupantes da sala – davam a impressão de serem gêmeos.

Então, Gene Colyer entrou. Ele cumprimentou Spade com uma inclinação de cabeça, mas não deu atenção aos demais na sala, apesar de

James ter exclamado:

– Olá, Gene.

– Alguma novidade? – Colyer perguntou a Spade.

Spade assentiu com a cabeça:

– Parece que este senhor... – indicou Ferris com o polegar – estava...

– Algum lugar onde podemos conversar?

– Tem uma cozinha aqui atrás.

Por cima do ombro, Colyer disparou:

– Segurem aqui qualquer um que queira pensar em sair – disse, e acompanhou Spade à cozinha.

Ele se sentou na única cadeira da cozinha e fixou sem pestanejar os olhos verdes em Spade, que lhe contava o que havia descoberto.

Quando o detetive particular terminou, o homem de olhos verdes perguntou:

– E o que você acha de tudo isso?

Spade olhou para o outro, pensativo.

– Você é que sabe de mais alguma coisa. Gostaria de saber o que é.

Colyer respondeu:

– Encontraram a arma num riacho a uns quatrocentos metros de onde estava o corpo. É do James... Tem uma marca, de quando a arrancaram da mão dele, certa vez, em Vallejo.

– Interessante – disse Spade.

– Escute, ainda. Um garoto chamado Thurston disse que James o procurou na última quarta-feira e o mandou seguir Haven. Thurston começou na quinta-feira à tarde e seguiu Haven até a casa do Ferris. Dali, telefonou para o James. James disse a ele para dar uma boa olhada no lugar e depois se comunicar para dizer para onde Haven iria, quando saísse. Só que uma dessas mulheres histéricas estranhou o garoto perambulando pela vizinhança e acabou que os tiras ficaram caçando Thurston até mais ou menos às dez horas.

Spade apertou os lábios e fitou, de modo pensativo, o teto.

Os olhos de Colyer estavam sem expressão, o suor tornou o seu rosto redondo brilhante, e a sua voz soou rouca:

– Spade – disse ele. – Eu vou entregar o James.

Spade desviou a atenção do teto para aqueles olhos verdes protuberantes.

– Nunca entreguei ninguém que trabalhasse para mim, antes – disse Colyer. – Mas vou fazer isso agora. Júlia tem de acreditar que não tive nada a ver com isso, se eu entregar o sujeito, mesmo sendo um empregado meu, não acha?

Spade assentiu lentamente com a cabeça:

– Acho que sim.

Colyer de repente desviou os seus olhos e pigarreou. Quando tornou a falar, disse, lacônico:

– Bem, azar o dele.

Minera, James e Conrad estavam sentados quando Spade e Colyer voltaram da cozinha. Ferris andava pela sala. Os dois jovens elegantes não haviam saído do lugar.

Colyer dirigiu-se a James:

– Onde está a sua arma, Louis? – perguntou ele.

James moveu a mão direita algumas polegadas para o lado esquerdo do peito, parou-a e disse:

– Ora, não trouxe.

Com a sua mão enluvada, aberta, Colyer bateu na face esquerda de James, derrubando-o da cadeira.

Recompondo-se, James balbuciou:

– Eu sei que não devia ter feito isso, chefe... – Ele passou a mão no lado da sua face. – Sei que fiz besteira. Mas, quando ele telefonou e disse que não estava gostando nada de ir até o Ferris desarmado, e que ele não tinha uma arma, eu disse: “Tudo bem!”, e mandei a minha para ele.

Colyer disse:

– E mandou o tal Thurston atrás dele também.

– Ora, tudo o que a gente queria era saber se ele ia se sair bem da coisa – continuou James, balbuciando.

– E não podia ter ido lá você mesmo, ou mandado outra pessoa?

– Depois do Thurston ter assustado a vizinhança toda?

Colyer voltou-se para Spade.

– Quer ajuda para entregá-los, ou prefere chamar o carro de polícia?

– Vamos fazer do jeito certo! – replicou Spade e dirigiu-se para o telefone na parede. Quando se voltou, sua fisionomia estava trancada, seu olhar tornou-se vago. Fez um cigarro, acendeu-o e disse para Colyer: – Talvez eu seja idiota o bastante para acreditar que esse seu empregado, o

James, disse alguma verdade nessa história toda que contou.

James baixou as suas mãos do rosto machucado e olhou fixamente para Spade com olhos espantados.

Colyer engasgou:

– O que há com você?

– Nada – disse Spade, tranqüilo –, só que acho que você está um pouco ansioso demais para botar a culpa nele. – Spade soprou fumaça do cigarro. – Vejamos, por exemplo, será que ele ia deixar cair o revólver ali, quando a arma tem uma marca que todo mundo conhece?

Colyer protestou:

– Você acha que ele tem cabeça para pensar nisso?

– Se esses rapazes o mataram, se sabiam que estava morto, por que esperar até o corpo ser encontrado e as coisas se agitarem, antes de ir atrás do tal Ferris novamente? Por que eles reviraram os bolsos dele pelo avesso, se foram eles que o seqüestraram? É fazer confusão demais. Isso é coisa de quem matou por alguma razão e quer fazer passar como roubo. – O detetive sacudiu a cabeça. – Você estava ansioso demais para jogar a culpa nele. Por que eles...

– Essa não é a questão agora – disse Colyer. – A questão é... por que você continua dizendo que estou ansioso demais para jogar a culpa nele?

Spade deu de ombros.

– Talvez para se inocentar logo diante da Júlia. Talvez mesmo para se inocentar para a polícia. E depois você tinha um cliente esperando.

Colyer disse:

– O quê?

Spade fez um gesto descuidado com o seu cigarro.

– Ferris – disse ele sem hesitar. – Ele o matou, sem dúvida.

As pálpebras de Colyer estremeceram. Mas ele não chegou a piscar.

Spade disse:

– Primeiro, ele foi, pelo que sabemos, a última pessoa que viu Eli vivo, e isso é sempre uma ótima pista. Segundo, ele é a única pessoa com quem falei antes de o corpo do Eli aparecer que se preocupou em saber o que eu já havia descoberto sobre o caso. O resto de vocês julgava apenas que eu estava atrás de um sujeito desaparecido. Só ele sabia que eu procurava um homem que ele tinha matado, e então precisava se proteger. Ele estava até mesmo com medo de jogar fora aquele livro, porque tinha sido enviado pela

livraria e podia ser rastreado, ou algum dos empregados de lá poderia ter lido a dedicatória. Terceiro, ele era o único que fazia de Eli um rapaz simples, meigo, honesto... um garoto sensacional. E tudo pelo mesmo motivo. Quarto, aquela história sobre um chantagista chegando às três da tarde, botando a mão com facilidade em cinco mil dólares e depois batendo papo até a meia-noite... é tão estúpida! Nem que a bebida oferecida pelo Ferris fosse a melhor do mundo! Quinto, a história sobre o papel que Eli assinou é ainda pior, mesmo sendo fácil falsificar um papel desses. Sexto, ele tinha o melhor motivo, entre todas as pessoas envolvidas, para matar Ferris.

Colyer assentiu vagamente:

– Ainda assim...

– Ainda assim, nada – Spade interrompeu-o. – Ele pode até ter feito a jogada de tirar dez mil do banco e devolver cinco, mas essa é fácil. Depois disso, ele conseguiu que o chantagista débil mental fosse à sua casa, segurou-o lá até o criado se recolher, tomou o revólver emprestado dele, obrigou-o a descer as escadas e entrar no carro e o levou para um passeio... Pode já tê-lo levado morto ou pode ter atirado nele no meio daquele matagal. Deve ter tirado tudo dele, para dificultar a identificação, e também para forjar um assalto. Depois, jogou a arma na água e voltou para casa...

Spade interrompeu-se para escutar uma sirene descendo a rua. Então, pela primeira vez desde que começara a falar, olhou para Ferris.

As feições de Ferris estavam lívidas, cadavéricas, mas ele mantinha os olhos firmes.

Spade disse:

– Sabe, Ferris, tenho o palpite de que também vamos descobrir tudo a respeito daquela luz vermelha. Lembra de ter me contado que teve um sócio no seu parque de diversões, por algum tempo, quando Eli ainda trabalhava para você? E disse também que depois ficou com o negócio só para você, lembra? Acho que não vamos ter muito trabalho para encontrar o paradeiro do seu sócio – e saber se ele desapareceu, ou morreu de causa natural, ou se ainda está vivo.

Ferris perdera parte da sua postura ereta. Ele umedeceu os lábios e disse:

– Quero ver o meu advogado. Não quero falar nada antes de conversar com ele.

Spade replicou:

– Por mim, tudo bem. O problema é seu, agora, mas eu não gosto mesmo de chantagistas. Acho que Eli escreveu um bom epitáfio para eles naquele seu livro: “Foram tantos a viver...”

OceanofPDF.com

SÓ PODEM ENFORCÁ-LO UMA VEZ

– Meu nome é Ronald Ames – disse Samuel Spade. – Quero falar com o sr. Binnett, o sr. Timothy Binnett.

– Agora o sr. Binnett está descansando, senhor – respondeu o mordomo, hesitando.

– Sabe quando poderei vê-lo? É importante. – Spade pigarreou. – Eu... é... acabo de voltar da Austrália, é sobre algumas das propriedades dele naquele país.

O mordomo girou nos calcanhares enquanto dizia:

– Verei, senhor. – E já estava subindo a escada da frente antes de terminar de falar.

Spade enrolou um cigarro e acendeu.

O mordomo desceu de novo.

– Sinto muito; ele não pode ser perturbado agora, mas o sr. Wallace Binnett, sobrinho do sr. Timothy, irá recebê-lo.

Wallace Binnett era um homem magro e bem-apessoado, mais ou menos da idade de Spade – com 38 anos –, que se levantou sorrindo de uma poltrona forrada de brocado e disse:

– Como vai, sr. Ames? – apontou para outra poltrona e se sentou de novo. – O senhor está vindo da Austrália?

– Cheguei hoje de manhã.

– O senhor tem negócios com o tio Tim?

Spade sorriu e balançou a cabeça.

– Não, mas tenho algumas informações que acho que ele deveria conhecer. Rapidamente.

Wallace Binnett olhou pensativo para o chão, depois para Spade.

– Farei o máximo para persuadi-lo a recebê-lo, sr. Ames, mas, francamente, não sei.

Spade pareceu um pouco surpreso.

– Por quê?

Binnett encolheu os ombros.

– Algumas vezes ele é curioso. Entenda, sua mente parece perfeitamente bem, mas ele tem a impaciência e a excentricidade de um velho com saúde precária e... bom... às vezes ele pode ser difícil.

Spade perguntou lentamente:

– Ele já se recusou a me ver?

– Sim.

Spade se levantou da poltrona. Seu rosto de satã louro estava inexpressivo.

Binnett ergueu rapidamente uma das mãos.

– Espere, espere. Farei o possível para que ele mude de idéia. Talvez se... – Seus olhos escuros ficaram subitamente cautelosos. – O senhor não está tentando vender alguma coisa, está?

– Não.

O brilho cauteloso desapareceu dos olhos de Binnett.

– Bom, então eu acho que posso...

Uma jovem entrou gritando furiosa:

– Wally, aquele velho idiota... – Ela se interrompeu com uma das mãos no peito quando viu Spade.

Spade e Binnett tinham se levantado juntos. Binnett falou suavemente:

– Joyce, este é o sr. Ames. Minha cunhada, Joyce Court.

Spade cumprimentou-a com a cabeça.

Joyce Court emitiu um riso curto, embaraçado, e disse:

– Por favor, desculpe minha entrada intempestiva.

Era uma mulher alta, com olhos azuis e morena, de 24 ou 25 anos, com ombros bem-feitos e corpo forte e esguio. Usava um pijama de cetim azul com pernas folgadas.

Binnett sorriu bem-humorado para ela e perguntou:

– Bom, por que a agitação?

A raiva sombreou de novo seus olhos e ela começou a falar. Depois olhou para Spade e disse:

– Mas nós não deveríamos entediar o sr. Ames com questões domésticas estúpidas. Se... – ela hesitou.

Spade baixou a cabeça de novo.

– Claro – disse ele –, certamente.

– Não vai demorar nem um minuto – prometeu Binnett, e saiu da sala com a jovem.

Spade foi até a porta aberta pela qual os dois haviam desaparecido e, parado junto a ela, prestou atenção. Os passos ficaram inaudíveis. Nada mais podia ser ouvido. Estava imóvel – os olhos amarelo-acinzentados sonhadores – quando ouviu o grito. Era um grito de mulher, agudo e

estridente de terror. Spade estava atravessando a porta quando ouviu o tiro. Era um tiro de revólver, amplificado, reverberado pelas paredes e pelos tetos.

A pouco mais de três metros da porta encontrou uma escada e subiu de três em três degraus. Virou para a esquerda. A meio caminho do corredor havia uma mulher caída de costas no chão.

Wallace Binnett estava ajoelhado junto dela, acariciando desesperadamente uma das suas mãos, chamando numa voz baixa, suplicante:

– Querida, Molly, querida!

Joyce Court estava de pé atrás dele, torcendo as mãos enquanto lágrimas desciam pelo rosto.

A mulher no chão se parecia com Joyce Court porém era mais velha, e seu rosto tinha uma dureza que a outra não possuía.

– Ela está morta, ela foi assassinada – disse Wallace Binnett incrédulo, levantando o rosto pálido para Spade. Quando Binnett moveu a cabeça, Spade pôde ver o buraco redondo no vestido castanho da mulher, acima do coração, e a mancha escura que se espalhava rapidamente.

Spade tocou o braço de Joyce Court.

– A polícia, o pronto-socorro, telefone – falou. Enquanto ela corria para a escada, ele se dirigiu a Wallace Binnett: – Quem fez...

Uma voz gemeu frágil atrás de Spade.

Ele se virou rapidamente. Por uma porta aberta pôde ver um velho de pijama branco esparramado numa cama desarrumada. A cabeça, um ombro e um braço pendiam da beira da cama. A outra mão segurava a garganta com força. Ele gemeu de novo e suas pálpebras estremeceram, mas não se abriram.

Spade levantou a cabeça e os ombros do velho, e os colocou sobre os travesseiros. O velho gemeu de novo e tirou a mão da garganta. Estava vermelha com meia dúzia de marcas de estrangulamento. Era um homem magro, com rosto enrugado que provavelmente exagerava sua idade.

Havia um copo d’água numa mesinha ao lado da cama. Spade passou água no rosto do velho e, quando os olhos dele estremeceram de novo, se curvou e rosnou em voz baixa:

– Quem fez isso?

As pálpebras trêmulas subiram o bastante para revelar uma tira fina de

olhos cinzentos injetados de sangue. O velho falou dolorosamente, levando de novo uma das mãos à garganta.

– Um homem... ele... – O velho tossiu.

Spade fez uma careta impaciente. Seus lábios quase tocavam a orelha do velho.

– Para onde ele foi? – Sua voz revelava urgência.

A mão magra se mexeu sem força para indicar a parte dos fundos da casa e voltou a cair na cama.

O mordomo e duas empregadas amedrontadas tinham se juntado a Wallace Binnett ao lado da mulher morta no corredor.

– Quem fez isso? – perguntou Spade.

Eles o encararam inexpressivos.

– Alguém cuide do velho – rosnou ele, e seguiu pelo corredor.

No final do corredor havia uma escada dos fundos. Spade desceu dois lances e passou por uma copa, indo até a cozinha. Não viu ninguém. A porta da cozinha estava fechada mas, quando experimentou, viu que não estava trancada. Atravessou um estreito quintal dos fundos até um portão fechado, não trancado. Abriu o portão. Não havia ninguém no beco estreito logo atrás.

Suspirou, fechou o portão e voltou à casa.

Spade estava confortavelmente largado numa funda poltrona de couro numa sala que ocupava a frente do segundo andar da casa de Wallace Binnett. Havia estantes de livros e as luzes estavam acesas. A janela mostrava a escuridão externa fracamente diluída por uma distante lâmpada da rua. Diante de Spade, o sargento-detetive Polhaus – um homem grande, mal barbeado e rubicundo, usando um terno escuro que precisava ser passado – esparramava-se em outra poltrona de couro; o tenente Dundy – mais baixo, compacto, de rosto quadrado – estava de pé no centro da sala, com as pernas afastadas e a cabeça um pouco projetada para a frente. Spade estava dizendo:

– ... e o médico só deixou que eu falasse com o velho durante dois minutos. Nós podemos tentar de novo quando ele tiver descansado um pouco, mas não parece que sabe muita coisa. Ele estava cochilando e acordou com as mãos de alguém na garganta, arrastando-o pela cama. O melhor que conseguiu foi dar uma espiada, com um olho só, no sujeito que o estava sufocando. Diz que é um sujeito grande, com chapéu mole puxado

sobre os olhos, moreno, precisando fazer a barba. Parece o Tom. – Spade balançou a cabeça na direção de Polhaus.

O sargento-detetive deu um risinho, mas Dundy o interrompeu:

– Continue.

Spade riu e foi em frente:

– Ele estava praticamente morto quando ouviu a sra. Binnett gritar junto à porta. As mãos se afastaram de sua garganta e ele ouviu o tiro, e logo antes de apagar viu de relance o sujeito grandalhão indo para os fundos da casa e a sra. Binnett caindo no chão do corredor. Disse que nunca tinha visto o sujeito grande.

– De que calibre era a arma? – perguntou Dundy.

– Trinta e oito. Bom, ninguém na casa pode ajudar muito mais. Wallace e a cunhada dele, Joyce, estavam no quarto dela, pelo que dizem, e não viram nada além da morta quando saíram correndo, apesar de acharem ter ouvido alguma coisa que poderia ser alguém correndo escada abaixo; a escada dos fundos.

"O mordomo, o nome dele é Jarboe, estava aqui quando ouviu o grito e o tiro, pelo que diz. Irene Kelly, a empregada, estava no andar de baixo, pelo que diz. A cozinheira, Margaret Finn, estava no quarto dela, terceiro andar nos fundos, e não ouviu nada, pelo que diz. Ela é surda que nem um poste, pelo que todo mundo diz. A porta e o portão dos fundos estavam destrancados, mas deveriam ser mantidos trancados, pelo que todo mundo diz. Ninguém diz que estava na cozinha, ou perto dela, ou no quintal naquela hora. – Spade abriu as mãos num gesto final. – É só isso."

Dundy balançou a cabeça.

– Não exatamente. Por que você está aqui?

O rosto de Spade se animou.

– Talvez meu cliente a tenha matado. Ele é primo de Wallace, Ira Binnett. Conhece?

Dundy balançou a cabeça. Seus olhos azuis estavam duros e cheios de suspeita.

– É um advogado de San Francisco, respeitável e coisa e tal. Há dois dias me veio com uma história sobre seu tio Timothy, um velho miserável e pão-duro, cheio de dinheiro e bastante estragado pela vida desregrada. Era a ovelha negra da família. Nenhum deles tinha ouvido falar a seu respeito durante anos. Mas há seis ou oito meses ele apareceu em péssimo estado em

todos os sentidos, menos financeiramente (parece ter trazido um monte de dinheiro da Austrália), querendo passar os últimos dias com seus únicos parentes vivos, os sobrinhos Wallace e Ira.

"Para os dois, tudo bem. 'Únicos parentes vivos' significava 'únicos herdeiros' na língua deles. Pouco a pouco os sobrinhos acharam melhor ser um herdeiro só do que dois herdeiros; na verdade era duas vezes melhor. E começaram a lutar pela primazia junto ao velho. Pelo menos foi o que Ira me contou sobre Wallace, mas eu não me surpreenderia se Wallace dissesse o mesmo sobre Ira, ainda que Wallace me pareça o que tem necessidades mais prementes. De qualquer modo, os sobrinhos se desentenderam, e então o tio Tim, que antes estava na casa de Ira, veio para cá. Isso foi há dois meses, e desde então Ira não vê o tio Tim e não pode entrar em contato com ele por telefone ou correio.

"Era para isso que ele queria um detetive particular. Ele não achava que o tio Tim correria algum perigo aqui, ah, não, Ira se esforçou muito para deixar isso claro. Mas achava que talvez o velho estivesse sendo muito pressionado, ou que de algum modo estava sendo enganado, ou pelo menos ouvindo mentiras sobre seu amoroso sobrinho Ira. Ele queria saber o que era. Eu esperei até hoje, quando um navio da Austrália chegou ao porto, e me apresentei como o sr. Ames, com uma informação importante para o tio Tim, sobre suas propriedades por lá. Só queria quinze minutos sozinho com ele. – Spade franziu a testa, pensativo. – Bom, não consegui. Wallace me disse que o velho tinha se recusado a me receber. Não sei."

A suspeita havia se aprofundado nos olhos frios e azuis.

– E onde está esse tal de Ira Binnett, agora?

Os olhos amarelo-acinzentados de Spade pareceram tão sinceros quanto sua voz.

– Gostaria de saber. Eu telefonei para a casa dele e deixei um recado para que viesse logo, mas temo que...

Alguém bateu duas vezes, vigorosamente, do outro lado da porta da sala. Os três homens se viraram.

– Entre – gritou Dundy.

A porta foi aberta por um policial louro e bronzeado cuja mão esquerda segurava o punho direito de um homem gorducho de quarenta ou 45 anos, vestido com roupas cinza bem cortadas. O policial empurrou o gorducho para a sala.

– Encontrei esse sujeito tentando abrir a porta da cozinha – disse ele.

Spade ergueu os olhos e disse:

– Ah! – Seu tom exprimia satisfação. – Sr. Ira Binnett, tenente Dundy, sargento Polhaus.

Ira Binnett falou rapidamente:

– Sr. Spade, poderia dizer a este homem que...

Dundy se dirigiu ao policial:

– Tudo bem. Bom trabalho. Pode deixá-lo.

O policial moveu a mão vagamente para o quepe e saiu.

Dundy lançou um olhar irritado para Ira Binnet e perguntou incisivo:

– E então?

Binnett olhou para Dundy e em seguida para Spade.

– Alguma coisa acon...?

– É melhor dizer a ele por que estava na porta dos fundos, e não na da frente – disse Spade.

Subitamente Ira Binnett ficou ruborizado. Depois pigarreou, sem jeito.

– Eu... é... eu deveria explicar. Não foi culpa minha, claro, mas quando Jarboe, o mordomo, me telefonou dizendo que o tio Tim queria me ver, disse que deixaria a porta da cozinha destrancada, de modo que Wallace não saberia que eu...

– Para que ele queria vê-lo? – perguntou Dundy.

– Não sei. Jarboe não disse. Disse que era muito importante.

– O senhor não recebeu meu recado? – perguntou Spade.

Os olhos de Ira Binnett se arregalaram.

– Não. O que era? Alguma coisa aconteceu? O que é...

Spade estava indo para a porta.

– Continue – disse a Dundy. – Eu já volto.

Ele fechou a porta cuidadosamente e foi para o terceiro andar.

O mordomo Jarboe estava ajoelhado junto à porta de Timothy Binnett, com um olho no buraco da fechadura. No chão ao lado havia uma bandeja com um ovo quente sobre um suporte, torradas, um bule de café, xícara, talheres e um guardanapo.

– Seu ovo vai esfriar – disse Spade.

Jarboe levantou-se atabalhoadamente, quase virando o bule, com o rosto vermelho e sem graça, e gaguejou:

– Eu... bem... perdão, senhor. Eu queria me certificar de que o sr.

Timothy estava acordado antes de levar isto para dentro. – Ele pegou a bandeja. – Não queria perturbar o descanso dele se...

Spade, que tinha chegado à porta, disse:

– Claro, claro – e se curvou para encostar o olho no buraco da fechadura. Quando se levantou, disse num tom quase de reclamação: – Não dá para ver a cama, só uma cadeira e parte da janela.

– Sim, senhor, eu descobri isso – disse rapidamente o mordomo.

Spade gargalhou.

O mordomo tossiu, parecia em vias de dizer alguma coisa, mas não o fez. Hesitou, depois bateu de leve na porta.

– Entre – disse uma voz cansada.

Spade perguntou rapidamente, em voz baixa:

– Onde está a srta. Court?

– No quarto dela, eu acho, senhor, a segunda porta à esquerda.

A voz cansada dentro do quarto disse petulante:

– Ora, entre!

O mordomo abriu a porta e entrou. Pela porta, antes que ele a fechasse, Spade captou um vislumbre de Timothy Binnett apoiado nos travesseiros sobre a cama.

Spade foi até a segunda porta da esquerda e bateu. Ela foi aberta quase imediatamente por Joyce Court, que ficou parada sem sorrir, sem falar.

– Srta. Court – disse ele –, quando entrou na sala onde eu estava com o seu cunhado, a senhorita disse: “Wally, aquele velho idiota...” Estava falando de Timothy?

Ela encarou Spade por um momento, e depois:

– Sim.

– Poderia dizer qual teria sido o resto da frase?

Ela falou lentamente:

– Não sei quem o senhor é ou por que está perguntando, mas não me importo em dizer. Teria sido “mandou chamar Ira”. Jarboe tinha acabado de me contar.

– Obrigado.

Ela fechou a porta antes de ele se virar.

Spade voltou à porta de Timothy Binnett e bateu.

– Quem é agora? – perguntou a voz do velho.

Spade abriu a porta. O velho estava sentado na cama.

– Jarboe estava espiando o senhor pelo buraco da fechadura há alguns minutos. – E voltou à biblioteca.

Ira Binnett, sentado na poltrona que Spade havia ocupado, estava dizendo a Dundy e Polhaus:

– E Wallace foi apanhado na quebra da bolsa, como a maioria de nós, mas parece ter feito malabarismos com a contabilidade para tentar se salvar. Foi expulso da bolsa de valores.

Dundy balançou uma das mãos indicando a sala e a mobília.

– Ambiente cheio de classe para um homem falido.

– A mulher tem algum dinheiro – disse Ira Binnett – e ele sempre viveu acima de suas posses.

Dundy fez uma cara de desprezo para Binnett.

– E o senhor realmente acha que ele e a mulher não vinham se dando bem?

– Eu não acho – respondeu Binnet, taxativo. – Eu sei. Dundy assentiu.

– E o senhor sabe que ele tem uma queda pela cunhada, a tal de Court?

– Eu não sei disso. Mas ouvi uma quantidade de boatos a respeito.

Dandy fez um som gutural, depois perguntou incisivamente:

– O que diz o testamento do velho?

– Não sei. Não sei se ele fez um testamento. – Binnett dirigiu- se a Spade, agora mais sério: – Eu disse tudo que sei, absolutamente tudo.

– Não basta – disse Dundy. Em seguida apontou um polegar para a porta. – Mostre onde ele deve esperar, Tom, e vamos conversar de novo com o viúvo.

O grandalhão Polhaus falou:

– Certo – depois saiu com Ira Binnett e voltou com Wallace Binnett, cujo rosto estava duro e pálido.

– O seu tio fez um testamento? – perguntou Dundy.

– Não sei.

Spade fez a pergunta seguinte, em voz baixa:

– E sua esposa?

A boca de Binnett ficou tensa com um sorriso sem humor. Ele falou deliberadamente:

– Vou dizer algumas coisas que preferia não ter de falar. Minha mulher, propriamente, não tinha dinheiro. Quando eu tive problemas financeiros há algum tempo passei algumas propriedades para ela, para salvá-las. Ela as

transformou em dinheiro sem que eu soubesse até algum tempo depois. Ela pagou nossas contas, nossas despesas normais, com esse dinheiro, mas se recusou a me devolvê-lo e garantiu que de modo algum, quer ela vivesse ou morresse, quer ficássemos juntos ou nos divorciássemos, eu jamais colocaria a mão em um centavo. Eu acreditei nela, e ainda acredito.

– O senhor queria o divórcio? – perguntou Dundy.

– Sim.

– Por quê?

– Não era um casamento feliz.

– Joyce Court?

O rosto de Binnett ficou vermelho. Ele falou tenso:

– Eu admiro Joyce Court tremendamente, mas pediria o divórcio de qualquer modo.

– E o senhor tem certeza – disse Spade –, certeza absoluta, de que não conhece ninguém que se ajuste à descrição, feita pelo seu tio, do homem que tentou sufocá-lo?

– Certeza absoluta.

O som da campainha da porta chegou até a sala. Dundy falou num tom azedo:

– Já basta.

Binnett saiu.

– Esse sujeito é completamente errado – disse Polhaus. – E...

De baixo veio o estrondo de uma pistola disparada dentro da casa.

As luzes se apagaram.

Na escuridão os três detetives colidiram entre si, tentando atravessar a porta para o corredor escuro. Spade chegou primeiro à escada. Houve um barulho de passos abaixo, mas nada pôde ser visto até que ele chegasse a uma curva na escada. Então veio luz suficiente da rua, passando pela porta da frente, para mostrar a figura escura de um homem parado, de costas para a porta aberta.

Uma lanterna se acendeu na mão de Dundy – ele estava nos calcanhares de Spade – e lançou um facho de luz branca no rosto do homem. Era Ira Binnett. Ele piscou sob a luz e apontou para alguma coisa no chão à sua frente.

Dundy virou o facho da lanterna para o chão. Jarboe estava caído de rosto para baixo, sangrando por um buraco de bala na nuca.

Spade grunhiu baixinho.

Tom Polhaus vinha descendo a escada atabalhoadamente, com Wallace Binnet logo atrás. A voz apavorada de Joyce Court veio mais de cima:

– Ah, o que aconteceu? Wally, o que aconteceu?

– Onde ficam os fusíveis? – gritou Dundy.

– No porão, perto da porta, embaixo daquela escada – disse Wallace Binnett. – O que foi?

Polhaus passou por Binnett em direção à porta do porão.

Spade soltou um som inarticulado na garganta e, empurrando Wallace Binnett para o lado, subiu a escada correndo. Esbarrou em Joyce Court e seguiu, sem se incomodar com o grito espantado dela. Estava na metade da escada para o terceiro andar quando a pistola disparou lá em cima.

Correu para a porta de Timothy Binnett. Estava aberta. Entrou.

Alguma coisa dura e angulosa o acertou acima da orelha direita, vinda do outro lado do quarto, fazendo com que ele caísse sobre um dos joelhos. Alguma coisa fez barulho ao cair no chão do lado de fora da porta.

As luzes se acenderam.

No chão, no centro do quarto, Timothy Binnett estava caído de costas, sangrando por um ferimento de bala no braço esquerdo. O paletó de seu pijama estava rasgado. Os olhos estavam fechados.

Spade se levantou e pôs a mão na cabeça. Lançou um olhar de desprezo para o velho no chão, para o quarto e para a pistola automática preta caída no corredor. Falou:

– Ande, seu velho bandido. Levante-se e se sente numa poltrona, verei se posso parar com esse sangramento até o médico chegar.

O homem no chão não se mexeu.

Ouviram-se passos no corredor e Dundy entrou, seguido pelos dois primos. O rosto de Dundy estava sombrio e furioso.

– A porta da cozinha estava escancarada – disse ele sem fôlego. – Eles entraram e saíram como...

– Esqueça – disse Spade. – O tio Tim é o nosso homem. – Não prestou atenção ao som perplexo de Wallace Binnett, aos olhares incrédulos nos rostos de Dundy e Ira Binnett. – Ande, levante-se – disse ao velho no chão –, e diga o que foi que o mordomo viu quando espiou pelo buraco da fechadura.

O velho não se mexeu.

– Ele matou o mordomo porque eu lhe disse que o sujeito tinha espiado pelo buraco da fechadura – explicou Spade a Dundy. – Eu espiei também, mas não vi nada, a não ser aquela poltrona e a janela, acho que nós já tínhamos feito barulho suficiente para assustá-lo e fazer com que ele voltasse para a cama. O que vocês acham de revistar aquela poltrona enquanto eu olho a janela? – Ele foi até a janela e começou a examiná-la cuidadosamente. Balançou a cabeça, pôs uma das mãos atrás do corpo e disse: – Dê-me a lanterna.

Dundy colocou a lanterna na sua mão.

Spade levantou a janela e se inclinou para fora, apontando a luz para a parte externa da casa. Em seguida grunhiu e botou a outra mão para fora, cutucando um tijolo um pouco abaixo do parapeito. O tijolo se soltou. Ele o colocou em cima do parapeito e enfiou a mão no buraco. Dali, um de cada vez, retirou um coldre preto de pistola, uma caixa de balas pela metade e um envelope de papel pardo, aberto.

Segurando essas coisas, virou-se para olhar os outros. Joyce Court entrou com uma bacia de água e um rolo de gaze, e se ajoelhou ao lado de Timothy Binnett. Spade pôs o coldre e as balas sobre a mesa e abriu o envelope pardo. Dentro havia duas folhas de papel, cobertas em ambos os lados por uma escrita a lápis. Leu um parágrafo para si mesmo, de repente riu e começou de novo, em voz alta:

– “Eu, Timothy Kieran Binnett, em plena posse de minhas faculdades mentais e físicas, declaro que este é meu último desejo e testamento. Para os meus queridos sobrinhos, Ira Binnett e Wallace Bourke Binnett, como reconhecimento da gentileza amorosa com que me receberam em suas casas e cuidaram de meus anos de declínio, dou e outorgo, igualmente, todas as minhas posses terrenas de quaisquer tipo, quais sejam: minha carcaça e as roupas que visto.

“Outorgo a eles, ainda mais, os gastos de meu enterro e as seguintes lembranças: primeiro, a lembrança da credulidade deles em acreditar que os quinze anos que passei em Sing Sing foram passados na Austrália; segundo, a lembrança de seu otimismo ao supor que aqueles quinze anos me trouxeram grande riqueza, e que se eu vivi à custa deles, se peguei emprestado com eles, se jamais gastei qualquer dinheiro meu, era porque eu era um miserável cuja fortuna eles herdariam; e não porque não tinha dinheiro a não ser o que arranquei dos dois; terceiro, pela esperança deles

em achar que eu lhes deixaria qualquer coisa caso tivesse; e por fim, porque sua dolorosa falta de qualquer senso de humor irá impedi-los de ver como tudo isso foi engraçado. Assinado e selado...”

Spade ergueu os olhos para dizer:

– Não há data, mas está assinado Timothy Kieran Binnett, com floreios.

Ira Binnett estava roxo de fúria, o rosto de Wallace parecia fantasmagórico em sua palidez, e todo o seu corpo tremia. Joyce Court tinha parado de cuidar do braço de Timothy Binnett.

O velho se sentou e abriu os olhos. Olhou para os sobrinhos e começou a rir. Em seu riso não havia histeria nem loucura: era um riso sadio, vindo de dentro, e foi diminuindo lentamente.

– Certo – disse Spade –, agora você já se divertiu. Vamos falar sobre as mortes.

– Sobre a primeira eu não sei nada, como já lhe falei – disse o velho –, e esta aqui não é uma morte, uma vez que eu só estou...

Ainda tremendo com violência, Wallace Binnett disse entredentes, com voz dolorosa:

– É mentira. Você matou Molly. Joyce e eu saímos do quarto dela quando ouvimos Molly gritar, ouvimos o tiro e vimos quando ela caiu saindo do seu quarto, e ninguém veio depois.

O velho falou calmamente:

– Bom, vou dizer: foi um acidente. Tinham me dito que havia um sujeito da Austrália que veio me ver para falar de algumas propriedades lá. Sabia que tinha alguma coisa esquisita aí – ele riu –, eu nunca estive lá. Não sabia se os meus caros sobrinhos estavam ficando com suspeitas e jogando verde para cima de mim ou o que, mas sabia que, se Wally não estivesse envolvido, ele certamente tentaria descobrir a meu respeito com o homem da Austrália, e talvez eu perdesse uma das minhas hospedarias gratuitas. – Ele deu um risinho.

“Por isso pensei em fazer contato com Ira para voltar à casa dele se as coisas ficassem ruins aqui, e tentaria me livrar desse australiano. Wally sempre achou que eu sou meio maluco. – O velho deu um riso de desprezo para o sobrinho. – E tinha medo de que me levassem para um hospício antes que eu pudesse fazer um testamento a favor dele, ou que anulassem o testamento se eu fizesse. Vejam bem, ele tem uma reputação muito ruim, com aquele problema da bolsa de valores e coisa e tal, e sabe que nenhum

tribunal iria designá-lo para cuidar dos meus negócios se eu ficasse maluco, não enquanto eu tivesse outro sobrinho – Timothy voltou seu riso de desprezo para Ira –, que é um advogado respeitável. Então sabia que, em vez de me colocar numa situação que poderia me levar para um hospício, ele iria enfrentar esse visitante, e eu armei uma representação para Molly, que por acaso era quem estava mais perto. Mas ela levou a sério.

"Eu tinha uma arma e comecei a falar que estava sendo espionado por meus inimigos da Austrália, e que ia descer e atirar naquele sujeito. Mas ela ficou muito agitada e tentou arrancar a arma, e quando dei por mim o negócio disparou, e eu tive de fazer essas marcas no pescoço e inventar a história sobre o homem grande e moreno. – Ele olhou cheio de desprezo para Wallace. – Eu não sabia que ele estava me encobrindo. Por menos que eu o considerasse, nunca pensei que se rebaixaria a ponto de encobrir o assassinato da própria mulher, mesmo não gostando dela, apenas pelo dinheiro."

– Isso não importa – disse Spade. – E quanto ao mordomo?

– Eu não sei nada sobre o mordomo – respondeu o velho, encarando Spade com os olhos firmes.

– O senhor tinha de matá-lo rapidamente – disse Spade –, antes que ele tivesse tempo de dizer ou fazer qualquer coisa. Por isso desceu pela escada dos fundos, abriu a porta da cozinha para enganar as pessoas, foi até a porta da frente, tocou a campainha, fechou a porta e se escondeu na sombra da porta do porão, embaixo da escada. Quando Jarboe atendeu à porta, o senhor o matou. O buraco estava na nuca. Virou a chave das luzes junto à porta do porão e subiu pela escada dos fundos no escuro e deu um tiro cuidadosamente no próprio braço. Eu cheguei ao andar de cima muito rápido para o senhor; por isso me bateu com a arma, jogou-a pela porta e se esparramou no chão enquanto eu estava me recuperando.

O velho fungou de novo.

– Você só está...

– Pare com isso – disse Spade com paciência. – Não vamos discutir. A primeira morte foi um acidente, tudo bem. A segunda não pode ter sido. E deve ser fácil mostrar que as duas balas, e a que está no seu braço, foram disparadas da mesma arma. Que diferença faz qual dos dois assassinatos pode ser considerado em primeiro grau? Eles só podem enforcá-lo uma vez. – O detetive deu um sorriso agradável. – E vão fazer isso.

OceanofPDF.com

UM HOMEM CHAMADO THIN

Papai estava num humor abominável, ainda que eu possa ser considerado um filho indigno por dizer isso. Seu queixo se projetava na minha direção por cima da mesa, de um modo que quase justificava o epíteto de brutal que um dia fora aplicado a ele por um jornalista pouco amigável; e seu bigode parecia cheio de uma cólera própria, ainda que essa fosse apenas a impressão que eu recebia. Seria absurdo presumir uma mudança verdadeira no bigode que, independentemente do humor de papai, sempre se destacava de um modo um tanto irregular.

– Então você continua brincando com essa porcaria absurda?

Sobre a mesa de papai, embaixo de uma de suas mãos, estava uma carta que, pelo que me informou sua forma e cor estranhas, era do editor da *The Jongleur*, para quem, alguns dias antes, eu tinha mandado um soneto.

– Se está falando das coisas que escrevo – respondi respeitosamente, mas mesmo assim com firmeza; uma vez que meu trigésimo aniversário tinha acontecido há alguns meses, eu me considerava no direito de ter alguma liberdade de objetivo, ainda que esse objetivo fosse desagradável para meu pai. – Se está falando das coisas que escrevo, papai, garanto que não estou brincando, faço isso completamente a sério.

– “Mas por que diab...” – se de vez em quando deturpo as observações de papai ao relatá-las, peço que acredite que não é por que ele seja viciado em incoerências, mas simplesmente porque com freqüencia achava adequado sacrificar as amenidades do discurso ao que ele considerava um vigor de expressão. – “Você precisa escolher logo poesia? Não há uma quantidade de outras coisas para escrever? Ora, Robin, você poderia escrever alguns artigos sérios sobre nosso trabalho, artigos que diriam ao público a verdade a respeito dele, e ao mesmo tempo nos serviria como publicidade.”

– Nós escrevemos aquilo que nos sentimos impelidos a escrever – comecei, pouco esperançoso, uma vez que de modo algum esta era a primeira vez que eu começava assim. – O impulso criativo não deve ser coagido...

– Florence!

Não gosto de dizer que papai berrou, mas os sinônimos mais agradáveis não são totalmente adequados para explicar o volume de som que ele pôs no

primeiro nome de nossa estenógrafa, pelo qual insistia em chamá-la.

A srta. Queenan apareceu junto à porta – uma srta. Queenan pouco familiar, que não avançou até a mesa de papai com aquela mistura turbulenta de petulância e segurança que a imprensa, com sua propensão para exagerar, persuadiu nossa geração a esperar; em vez disso, ficou ali parada esperando a atenção de papai.

– Depois disso, Florence, certifique-se de que minha mesa não fique atulhada com a correspondência relativa aos versos do meu filho, dignos da Mamãe Gansa!

– Sim, sr. Thin – respondeu ela numa voz surpreendentemente branda para alguém acostumada a falar com papai como se fizesse parte da família.

– Meu querido pai – tentei protestar quando a srta. Queenan havia se retirado –, eu realmente penso...

– Não venha com querido papai para cima de mim! E não pense! Ninguém que pense pode ser tão...

De nada adiantaria repetir em detalhes as palavras dele.

Na maior parte eram muito pouco razoáveis, e nem mesmo o sentimento profundo de adequação filial poderia impedir que meu rosto mostrasse parte do ressentimento que eu sentia; mas eu o ouvi em silêncio, e quando ele havia sublinhado sua última frase jogando a carta da *The Jongleur* para mim, recolhi-me para a minha sala.

A carta, que tinha chegado à mesa de papai devido a um descuido do editor em omitir o Jr. do meu nome, referia-se ao soneto que já mencionei – um soneto intitulado “Lágrimas fictícias”. A opinião do editor era que o dístico final, que ele citou na carta, não estava, como disse educadamente, no meu nível de sempre, e pedia que eu o reescrevesse, ajustando-o mais exatamente ao tom das linhas anteriores, uma vez que era, segundo ele, um pouco sério demais.

E brilham ali, com a mesma incongruência

De bolas de Natal numa planta venenosa.

Lembrei a mim mesmo, enquanto pegava o dicionário de rimas atrás do *Kriminal Psychologie*, de Gross, onde, no interesse da paz, costumava escondê-lo, que eu não havia ficado especialmente satisfeito com aqueles dois versos; mas, depois de tentativas repetidas, não conseguira encontrar outros mais adequados. Agora, enquanto ouvia as sirenes do meio-dia, peguei a cópia a carbono do soneto e decidi dedicar o silêncio da hora do

almoço à criação de outra alegoria que expressasse a incongruência num tom mais leve.

Dediquei-me a essa tarefa, submergindo a consciência a tal ponto que, quando ouvi a voz de papai gritando “Robin!” com uma força que praticamente sacudiu as três divisórias intermediárias, levantei-me como se de um sonho, com a suspeita de que o primeiro chamado que tinha ouvido não era o primeiro que papai havia emitido. Essa suspeita foi confirmada quando, pondo de lado o papel e os livros, corri até a presença dele.

– Ocupado demais prestando atenção ao canto dos passarinhos para me ouvir? – Mas esse era um mau humor meramente perfunctório; seus olhos estavam bastante joviais, de modo que até certo ponto eu fiquei preparado para suas palavras seguintes. – A Barnable foi assaltada. Vá até lá.

A loja da Companhia de Jóias Barnable ficava a seis quarteirões de nossos escritórios, e um conveniente bonde me levou até lá antes que a breve ordem de papai tivesse cinco minutos de idade. A loja, pequena, ocupava uma parte do térreo do Edifício Bulwer, no lado norte da O’Farrel Street, entre a Powell e a Stockton Street. Os vizinhos da loja no térreo do mesmo prédio eram, indo para o leste na direção da Stockton Street, um armarinho (em cuja vitrine, a propósito, percebi um intrigante roupão cor de lavanda), uma barbearia e uma tabacaria; e indo para oeste, na direção da Powell Street, da entrada principal e do saguão do Edifício Bulwer, uma farmácia de manipulação, uma chapelaria e um restaurante.

Na porta da joalheria um policial uniformizado tentava impedir que uma multidão curiosa, a maioria presumivelmente na hora do almoço, bloqueasse a calçada ou entrasse na loja. Passando por essa turba, cumprimentei o policial, não que eu o conhecesse pessoalmente, mas porque a experiência tinha me ensinado que um movimento de cabeça amigável costuma afastar as perguntas, e entrei na loja.

O sargento-detetive Hooley e o detetive Strong do Departamento de Polícia estavam na loja. Numa das mãos o primeiro segurava um boné cinza-escuro e uma pequena pistola automática que não parecia pertencer a qualquer das pessoas com quem os detetives estavam falando: o sr. Barnable, o assistente do sr. Barnable e dois homens e uma mulher que eu não conhecia.

– Bom-dia, cavalheiros – falei com os detetives. – Posso participar da conversa?

– Ah, sr. Thin!

O sargento Hooley era um homem grande cuja boca grande nada fazia para moldar suas palavras além de se abrir ligeiramente para emiti-las, de modo que brotavam de forma um tanto desleixada de uma abertura sem forma no rosto espalhafatoso. Agora seu rosto mostrava, como quando eu havia conversado antes com ele, uma expressão enganadoramente zombeteira – como se, com a intenção de perturbar, ele fingisse encontrar em mim, em cada palavra ou ato, alguma coisa divertida. O mesmo impulso discernível no "senhor" enfatizado com que ele invariavelmente precedia meu nome, apesar de chamar papai de Bob, uma familiaridade da qual eu estava bastante disposto a ser poupado.

– Como eu estava dizendo aos rapazes, é exatamente de participação que precisamos. – O sargento Hooley exercitou seu humor bastante pesado. – Algum ladrão desonesto andou roubando a loja. Nós estamos no meio das averiguações, mas o senhor parece um sujeito capaz de guardar segredo, de modo que não me importo em deixá-lo pisar na sujeira, como costumávamos dizer na velha e querida Harvard.

Não sei qual é a peculiaridade na mente do sargento Hooley que torna a freqüência a essa universidade em particular, para ele, uma situação engraçada; tampouco posso perceber por que ele encontra tamanho prazer ao mencionar aquele famoso local de ensino para mim que, como muitas vezes me dei ao trabalho de lhe explicar, estudei numa universidade totalmente diferente.

– O que parece ter acontecido – prosseguiu ele – é que algum malandro entrou sozinho, pôs o sr. Barnable e o ajudante sob a mira da arma, tirou o que havia no cofre e deu no pé, derrubando algumas pessoas que encontrou pelo caminho. Em seguida correu até a Powell Street, saltou num carro, e o que mais o senhor quer saber?

– A que horas isso aconteceu?

– Logo depois das duas horas, sr. Thin; não mais do que dois minutos após, se é que tantos – disse o sr. Barnable, que tinha rodeado os outros para chegar ao meu lado. Seus olhos castanhos estavam redondos de agitação no rosto redondo e castanho, mas não especialmente melancólicos, uma vez que ele possuía seguro contra roubos na companhia em cujo nome eu estava agindo.

– Ele mandou Julius e eu nos deitarmos no chão atrás do balcão,

enquanto roubava o cofre, e depois recuou. Eu disse ao Julius para se levantar e ver se ele tinha ido embora, mas nesse momento ele atirou em mim. – O sr. Barnable apontou um dedo largo na direção de um buraco pequeno na parede dos fundos, perto do teto. – Então eu não deixei Julius se levantar até ter certeza de que ele havia ido embora. Depois telefonei para a polícia e para o seu escritório.

– Havia mais alguém na loja, qualquer pessoa além do senhor e de Julius, quando o ladrão entrou?

– Não. Nós não recebíamos ninguém fazia uns quinze minutos.

– O senhor poderia identificar o assaltante se o visse de novo, sr. Barnable?

– Se eu poderia? Sr. Thin, será que Carpentier conheceria Dempsey?

Presumi que esta contrapergunta, que parecia totalmente irrelevante, pretendia ser uma afirmativa.

– Faça a gentileza de descrevê-lo para mim, sr. Barnable.

– Tinha uns quarenta anos e parecia um desordeiro, um sujeito mais ou menos do seu tamanho e com a sua compleição. – Em altura e peso, eu sou mediano, e minha compleição pode ser descrita como média, de modo que nada havia de peculiar no fato de eu ter esses pontos de semelhança com o assaltante; mesmo assim achei que o joalheiro demonstrara pouco tato em apontá-los. – A boca do sujeito parecia virada para dentro, sem muito lábio, e o nariz era comprido e meio chato, e ele tinha uma cicatriz no lado do rosto. O homem tinha realmente uma aparência de desordeiro!

– Poderia descrever a cicatriz com mais detalhes, sr. Barnable?

– Ficava na parte de trás da bochecha, perto da orelha, e descia do boné até o maxilar.

– Que bochecha, sr. Barnable?

– A esquerda – disse ele hesitante, olhando para Julius, seu jovem assistente de feições afiladas. Quando Julius confirmou com a cabeça, o joalheiro repetiu, com certeza: – A esquerda.

– Como ele estava vestido, sr. Barnable?

– Um terno azul e aquele boné que está com um sargento. Não percebi nada mais.

– Os olhos e o cabelo, sr. Barnable?

– Não notei.

– Exatamente o que ele levou, sr. Barnable?

– Ainda não tive tempo de verificar, mas pegou todas as pedras soltas que estavam no cofre; principalmente diamantes. Deve ter apanhado material no valor de no mínimo cinqüenta mil dólares!

Permiti que um leve sorriso aparecesse nos meus lábios enquanto olhava friamente para o joalheiro.

– No caso de não conseguirmos recuperar as pedras, sr. Barnable, o senhor tem consciência de que a companhia de seguros exigirá prova da compra de cada item desaparecido.

Ele ficou inquieto, franzindo sério o rosto redondo.

– Bom, de qualquer modo, ele levou coisa no valor de 25 mil dólares, ainda que esta seja a última coisa que eu diga neste mundo, sr. Thin, é minha palavra de honra como cavalheiro.

– Ele levou alguma coisa além das pedras soltas, sr. Barnable?

– As pedras e algum dinheiro que estava no cofre, cerca de duzentos dólares.

– Será que o senhor poderia fazer uma lista imediatamente, sr. Barnable, com a descrição mais exata possível de cada item desaparecido? Agora, que evidências temos, sargento Hooley, das ações subseqüentes do assaltante?

– Bom, em primeiro lugar, subseqüentemente ele esbarrou na sra. Dolan enquanto estava fugindo. Parece que ela...

– A sra. Dolan tem uma conta aqui – gritou o joalheiro dos fundos da loja, onde ele e Julius tinham ido para fazer o que eu havia pedido.

O sargento Hooley apontou o polegar para a mulher que estava à minha esquerda.

Era uma mulher de pouco mais de quarenta anos, com olhos castanhos bem-humorados num rosto saudavelmente róseo. As roupas, ainda que bem-arrumadas, não eram novas nem elegantes, e toda a sua aparência fazia o adjetivo “capaz” vir à mente, um adjetivo ainda mais justificado pelo frescor da alface e do aipo que se projetavam da sacola de compras em seus braços.

– A sra. Dolan é zeladora de um prédio de apartamentos na Ellis Street – o joalheiro concluiu sua apresentação, enquanto a mulher e eu trocávamos sorrindo um cumprimento de cabeça.

– Obrigado, sr. Barnable. Prossiga, sargento Hooley.

– Obrigado *ao senhor*, sr. Thin. Parece que ela estava entrando para pagar uma prestação do relógio, e assim que pôs um dos pés dentro da loja,

esse assaltante recuou e esbarrou nela, e os dois caíram. O sr. Knight, aqui, viu a confusão, entrou correndo, arrancou o boné e a arma do bandido e o perseguiu até a rua.

Um dos homens presentes deu um riso depreciativo erguendo a mão bronzeada que segurava um par de luvas. Era um homem queimado de sol, de estrutura atlética, alto e com ombros largos, vestido num terno largo de *tweed*.

– Minha participação não foi tão heróica quanto parece – protestou. – Eu estava saindo do meu carro, pretendia ir até o Orpheum para comprar ingressos, quando vi esta senhora e o homem colidirem. Ao atravessar a calçada para ajudá-la a se levantar, nada estava mais distante da minha mente do que a hipótese de o homem ser um bandido. Quando finalmente vi a arma, ele estava a ponto de atirar em mim. Tive de bater nele, e por sorte consegui fazer isso no momento em que ele puxou o gatilho. Quando me recuperei da surpresa vi que ele havia largado a arma e corrido para a rua, por isso fui atrás. Mas era muito tarde. Ele havia sumido.

– Obrigado, sr. Knight. Agora, sargento Hooley, o senhor disse que o bandido escapou num carro?

– Obrigado, sr. Thin, disse – falou ele com um ar idiota. – O sr. Glenn aqui o viu.

– Eu estava na esquina – disse o sr. Glenn, um homem gorducho com o que poderia ser chamado de um ar de vendedor bem-sucedido.

– Desculpe, sr. Glenn, que esquina?

– Na esquina da Powell com a O’Farrel – disse ele, como se eu devesse saber sem que me falassem. – A esquina nordeste, se quer saber exatamente, perto do edifício. O tal bandido veio subindo a rua e pegou um cupê que estava subindo a Powell Street. Eu não prestei muita atenção a ele. Se ouvi o tiro, achei que era barulho de automóvel. Não teria percebido o homem se ele não estivesse com a cabeça descoberta, mas era o homem que o sr. Barnable descreveu: cicatriz, boca fina, e coisa e tal.

– O senhor sabe qual é a marca ou o número da placa do carro em que ele entrou, sr. Glenn?

– Não, não sei. Era um cupê preto, só sei isso. Acho que veio da direção da Market Street. Um homem estava dirigindo, acho, mas não percebi se era novo ou velho, ou qualquer outra coisa.

– O bandido parecia agitado, sr. Glenn? Ele olhou para trás?

– Não, estava absolutamente frio, nem mesmo parecia ter pressa. Só veio pela rua e entrou no cupê, sem olhar para a direita ou a esquerda.

– Obrigado, sr. Glenn. Agora alguém pode ampliar ou corrigir a descrição que o sr. Barnable fez sobre o bandido?

– O cabelo dele era grisalho – disse o sr. Glenn –, cor de ferro.

A sra. Dolan e o sr. Knight concordaram com isso, e ela acrescentou:

– Acho que ele era mais velho do que o sr. Barnable disse, mais perto dos cinqüenta do que dos quarenta. E os dentes eram marrons e podres na frente.

– Eram mesmo, agora que a senhora falou eu lembro – concordou o sr. Knight.

– Há mais alguma coisa a acrescentar, sr. Hooley?

– Nem uma piscadela. Nossos carros foram atrás do cupê, e eu sei que quando os jornais saírem vamos ter notícia de pessoas que viram coisas, mas o senhor sabe como elas são.

Sabia mesmo. Uma das características mais lamentáveis da investigação criminal é a quantidade de tempo e energia desperdiçados em investigar informações dadas por pessoas que, por pura perversidade, estupidez ou imaginação excessiva insistem em conectar tudo que viram por acaso com qualquer crime que esteja mais proeminente no noticiário do dia.

O sargento Hooley, apesar dos defeitos de seu humor, era um ator excelente: seu rosto era ameno e sincero, e a voz não se afastou um mínimo do casual quando disse:

– A não ser que o sr. Thin tenha mais alguma pergunta, vocês estão dispensados. Eu tenho os seus endereços e posso contatá-los se for preciso.

Eu hesitei, mas o princípio fundamental que meu pai havia instilado em mim durante os dez anos em que trabalhei com ele – a necessidade de nunca considerar nada como garantido – me impeliu a dizer:

– Só um momento. – E a levar o sargento Hooley para longe do alcance da audição dos outros.

– O senhor fez algum outro arranjo, sargento Hooley?

– Que arranjo?

Sorri, percebendo que os detetives de polícia estavam tentando esconder de mim o que sabiam. Minha tentação imediata era, naturalmente, ser recíproco; mas quaisquer que sejam as vantagens de trabalhar independentemente em qualquer operação, a longo prazo um detetive

particular faz melhor em colaborar com a polícia do que em competir com ela.

– Realmente – falei – o senhor deve ter uma opinião má a respeito de minha capacidade, se acha que também não percebi o fato de que, se Glenn estava parado onde disse que estava, e se, como diz, o bandido não virou a cabeça, ele não poderia ter visto a cicatriz na bochecha direita do sujeito.

Apesar de seu evidente desapontamento, o sargento Hooley reconheceu a derrota sem se ressentir.

– Eu deveria saber que o senhor veria isso – admitiu ele, esfregando o queixo com um polegar reflexivo. – Bom, eu reconheço que poderemos levá-lo tanto agora quanto mais tarde, a não ser que o senhor tenha alguma outra idéia na cabeça.

Consultando meu relógio, vi que era apenas meio-dia e vinte: até agora, graças aos detetives de polícia terem reunido todas as testemunhas, minha investigação consumira apenas dez ou doze minutos.

– Se Glenn estava parado na Powell Street para nos enganar – sugeri –, não é provável que o bandido não tenha escapado naquela direção? Ocorre-me que há uma barbearia a duas portas daqui, na direção oposta, a direção da Stockton Street. Essa barbearia, que presumo tenha uma porta dando para o edifício Bulwer, como invariavelmente acontece com barbearias em locais semelhantes, pode ter servido como passagem pela qual o bandido poderia ter saído rapidamente para a rua. De qualquer modo, considero essa uma possibilidade que devemos investigar.

– A barbearia! – disse o sargento Hooley ao seu colega. – Espere aqui com essas pessoas até nós voltarmos, Strong. Não vamos demorar.

– Certo – respondeu o detetive Strong.

Na rua encontramos menos curiosos do que antes.

– Você pode entrar, Tim – disse o sargento Hooley ao policial que estava na frente, quando passamos por ele a caminho da barbearia.

A barbearia era aproximadamente do mesmo tamanho da joalheria. Cinco das seis cadeiras estavam ocupadas quando entramos, e a vazia era a mais próxima da vitrina da frente. Atrás dela estava um homem baixo e trigueiro que sorriu para nós e disse: “O próximo”, como é costume entre os barbeiros.

Aproximando-me, entreguei-lhe um dos meus cartões, e depois de examiná-lo o homem me olhou com grande interesse que desbotou

imediatamente num desapontamento quase infantil. Esse fenômeno não me era estranho: há um número surpreendente de pessoas que, ao saber que meu nome é Thin[2], ficam desapontadas ao não encontrar um esqueleto emaciado ou, o que sem dúvida seria ainda mais agradável, uma figura absolutamente gorda.

– Presumo que o senhor saiba que a loja de Barnable foi roubada, não é?

– Claro! Está ficando terrível o modo como esses garotos assaltam em plena luz do dia!

– Por acaso o senhor ouviu o tiro do revólver?

– Claro! Eu estava barbeando um amigo, o sr. Thorne, um corretor imobiliário. Ele sempre espera por mim, não importa quantos outros barbeiros estejam livres. Ele diz... De qualquer modo, eu ouvi o tiro e fui ali à porta, mas não podia manter o sr. Thorne esperando, por isso não fui até lá.

– O senhor viu alguém que poderia ser o bandido?

– Não. Esses sujeitos são rápidos, e na hora do almoço, quando a rua está cheia de gente, acho que ele não teria muito problema em se perder. É engraçado o modo...

Em vista da necessidade de economizar tempo, arrisquei-me a ser considerado descortês interrompendo os comentários não muito pertinentes do barbeiro.

– Algum homem passou por aqui, entrando da rua para o Edifício Bulwer, imediatamente após o senhor ter ouvido o tiro?

– Não que eu lembre, ainda que muitos homens usem essa barbearia como uma espécie de atalho indo dos escritórios para a rua.

– Mas o senhor não se lembra de ninguém ter passado logo depois de o senhor ouvir o tiro?

– Entrando, não. Saindo, talvez, porque estava praticamente na hora do almoço.

Observei os homens em quem os barbeiros estavam trabalhando nas cinco cadeiras ocupadas. Apenas dois usavam calças azuis. Dos dois, um tinha um bigode escuro entre um nariz e um queixo extremamente destacados; o rosto do outro, rosado por ter acabado de fazer a barba, não era claramente magro nem perceptivelmente gordo, e seu perfil não era notável pela beleza ou pela feiúra. Era um homem de cerca de 35 anos, de

cabelos louros e, como vi quando ele riu de algo que o barbeiro tinha dito, com dentes muito atraentes em sua brancura uniforme.

– Quando o homem da terceira cadeira – o que acabei de descrever – entrou?

– Se não estou enganado, logo antes do assalto. Ele estava tirando o colarinho quando ouvi o tiro. Tenho bastante certeza.

– Obrigado – falei, virando-me.

– Uma gafe ousada – murmurou o sargento Hooley no meu ouvido.

Olhei-o incisivamente.

– O senhor se esqueceu, ou melhor, o senhor acha que eu me esqueci, das luvas de Knight.

O sargento Hooley deu um riso curto.

– Na verdade eu esqueci. Devo estar ficando distraído.

– Não vejo o que pode ser ganho com a dissimulação, sargento Hooley. O barbeiro está terminando com o nosso homem. – De fato, o homem se levantou da cadeira enquanto eu falava. – Sugiro que simplesmente peçamos que ele nos acompanhe até a joalheria.

– É justo – concordou o sargento.

Esperamos até que nosso homem tivesse posto o colarinho e a gravata, o paletó azul, o sobretudo cinza e o chapéu cinza. Depois, exibindo seu distintivo, o sargento Hooley se apresentou a ele.

– Sou o sargento Hooley. Quero que o senhor venha até a rua comigo.

– O quê?

A surpresa do homem foi aparentemente real, como deveria ser.

Palavra por palavra, o sargento repetiu a declaração.

– Por que motivo?

Respondi à pergunta do homem com o mínimo de palavras possível.

– O senhor está preso por assaltar a joalheria Barnable.

O homem protestou de modo um tanto truculento, dizendo que seu nome era Brennan, que era bem conhecido em Oakland, que alguém pagaria por esse insulto, e assim por diante. Por um minuto parecia necessário o uso de força para levar nosso prisioneiro até a loja de Barnable, e o sargento Hooley já havia agarrado o pulso do sujeito quando Brennan finalmente se submeteu, concordando em nos acompanhar em silêncio.

O rosto de Glenn ficou branco e um tremor pronunciado perturbou suas pernas quando trouxemos Brennan para a joalheria, onde a sra. Dolan e os

senhores Barnable, Julius, Knight e Strong vieram ansiosos agrupar-se ao nosso redor. O policial uniformizado que o sargento chamara de Tim permaneceu junto à porta da rua.

– Acho que o senhor pode fazer o discurso – disse o sargento Hooley, me oferecendo o centro do palco.

– Este é o seu bandido, sr. Barnable? – comecei.

Os olhos castanhos do joalheiro alcançaram uma abertura extraordinária.

– Não, sr. Thin!

Virei-me para o prisioneiro.

– Retire o seu chapéu e o sobretudo, por favor. Sargento Hooley, o senhor está com o boné que o bandido deixou cair? Obrigado, sargento Hooley. – E para o prisioneiro. – Faça o favor de colocar este boné.

– De jeito nenhum! – rugiu ele para mim.

O sargento Hooley estendeu uma das mãos na minha direção.

– Entregue-me. Aqui, Strong, segure esse neném enquanto eu ponho o boné nele.

Brennan cedeu.

– Certo! Certo! Eu ponho!

O boné era claramente grande demais para ele, mas, experimentando, descobri que podia ser ajustado de modo que essa frouxidão não fosse perceptível demais, ao passo que o tamanho servia para alterar os contornos da cabeça.

– Agora, por favor – falei, recuando para olhá-lo –, poderia tirar a dentadura?

Esse pedido precipitou um tumulto extraordinário. O tal de Knight lançou-se sobre o detetive Strong, enquanto Glenn corria para a porta da frente, e Brennan golpeava o sargento Hooley com o punho. Correndo até a porta da frente para ocupar o posto do policial que o tinha deixado para lutar com Glenn, vi que a sra. Dolan havia se refugiado no canto, enquanto Barnable e Julius só evitavam ser apanhados pelo conflito exercendo considerável agilidade.

Finalmente a ordem foi restaurada, com o detetive Strong e o policial algemando Knight e Glenn juntos, enquanto o sargento Hooley, montado em cima de Brennan, erguia a dentadura falsa que havia tirado de sua boca.

Chamando o policial para retomar o posto junto à porta, juntei- me ao

sargento Hooley e ajudamos Brennan a se levantar, recolocando o boné em sua cabeça. Sua aparência tornou-se vilanesca: a boca, sem estar preenchida pelos dentes, afundou, afinando e envelhecendo o rosto, fazendo com que o nariz se estendesse frouxo e chato.

– Este é o seu garoto? – perguntou o sargento Hooley, sacudindo o homem para o joalheiro.

– É ele! É ele! É o mesmo sujeito! – O triunfo se misturava à perplexidade no rosto do joalheiro. – Só que não tem cicatriz – acrescentou devagar.

– Acho que vamos encontrar a cicatriz no bolso dele.

Encontramos – sob a forma de um lenço manchado de marrom, ainda úmido e cheirando a álcool. Além do lenço, havia em seus bolsos um chaveiro, dois charutos, alguns fósforos, um canivete, 36 dólares e uma caneta-tinteiro.

O homem se submeteu à nossa busca, com o rosto inexpressivo, até que o sr. Barnable exclamou:

– Mas as pedras? Onde estão as minhas pedras?

Brenan zombou malignamente:

– Espero que você prenda o fôlego até encontrá-las.

– Sr. Strong, poderia fazer a gentileza de revistar os dois homens que o senhor algemou juntos? – pedi.

Ele fez isso, sem encontrar qualquer coisa importante, como eu esperava.

– Obrigado, sr. Strong – falei, indo até o canto em que a sra. Dolan estava parada. – Poderia permitir que eu examinasse sua sacola de compras?

Os olhos castanhos e bem-humorados da sra. Dolan ficaram vazios.

– Poderia por favor permitir que eu examinasse sua sacola de compras? – repeti, estendendo a mão.

Ela deu um risinho abafado na garganta e me entregou a sacola, que levei até um mostruário com tampa de vidro do outro lado da loja. O conteúdo da sacola eram o aipo e a alface que já mencionei, um pacote de bacon fatiado, uma caixa de sabão em flocos e um saco de papel com espinafre, entre cujas folhas verdes brilhavam, quando coloquei sobre o mostruário, as duras facetas de cristal de diamantes soltos. Menos evidentes entre as folhas, havia algumas notas de dinheiro.

Como eu disse, a sra. Dolan era uma mulher que me impressionou como sendo capaz, e agora esse adjetivo parecia especialmente adequado; ela se comportou, devo dizer, como alguém capaz de qualquer coisa. Felizmente o detetive Strong a havia acompanhado até o outro lado da loja; agora estava em condições de pegar seus braços por trás e assim incapacitá-la, a não ser vocalmente – um resto de liberdade que ela aproveitou ao máximo, soltando uma torrente de vitupérios que de modo algum preciso repetir.

Passavam alguns minutos das duas horas quando voltei aos nossos escritórios.

– Bem, e então? – Papai interrompeu o ditado com a srta. Queenan para me desafiar. – Estive esperando que você telefonasse!

– Não foi necessário – foi, não sem alguma satisfação. – A operação foi concluída com sucesso.

– Foi resolvida?

– Sim, senhor. Os ladrões, três homens e uma mulher, estão na cadeia municipal, e os bens roubados foram totalmente recuperados. Na divisão de detetives pudemos identificar dois dos homens: Keely “Leitor”, que parece ter sido o chefe, e um tal de Harry McMeehan, que parece ser bem conhecido da polícia no leste. O outro homem e a mulher, que deram seus nomes como George Glenn e sra. Mary Dolan, sem dúvida serão identificados mais tarde.

Papai mordeu a ponta de um charuto e cuspiu-a para o outro lado da sala.

– O que você acha do nosso pequeno sabujo, Florence? – Ele praticamente se iluminou para ela, como se eu fosse uma criança de três anos que tivesse feito algo precoce.

– Supimpa! – respondeu a srta. Queenan. – Acho que ainda faremos alguma coisa com esse garoto.

– Sente-se, Robin, e conte tudo – pediu meu pai. – A correspondência pode esperar.

– A mulher conseguiu um emprego como zeladora de um pequeno prédio de apartamentos na Ellis Street – expliquei, sem me sentar. – Ela usou isso como referência para abrir uma conta com Barnable, comprando um relógio pelo qual pagava pequenas prestações semanais. Keely, cujos dentes sem dúvida foram arrancados quando cumpriu sua última pena em Walla Walla, retirou os dentes falsos, pintou uma cicatriz no rosto, pôs um

boné largo e, ameaçando Barnable e o assistente com um revólver, pegou as pedras e o dinheiro que estavam no cofre.

“Quando saía da loja, colidiu com a sra. Dolan, deixando cair o roubo num saco de espinafre que, com outras compras, estava na sacola da mulher. McMeehan, fingindo vir em auxílio dela, entregou a Keely um chapéu e um sobretudo, e talvez os dentes falsos e um lenço com o qual limpar a cicatriz, e pegou o revólver de Keely.

“Keely, agora sem cicatriz e com a aparência alterada pelo chapéu e os dentes, correu até uma barbearia logo adiante, enquanto McMeehan, depois de dar um tiro dentro da loja para desencorajar a curiosidade de Barnable, largou o revólver junto do boné e fingiu caçar o bandido na direção da Powell Street. Na Powell Street outro cúmplice estava parado para fingir que tinha visto o bandido se afastar de automóvel. Esses três comparsas tentaram nos enganar ainda mais acrescentando detalhes fictícios à descrição do assaltante, feita por Barnable.”

– Perfeito! – Não preciso dizer que a apreciação de papai foi puramente acadêmica; um interesse profissional pela esperteza dos ladrões e não, de modo algum, uma aprovação de seu plano desonesto no todo. – Como você descobriu?

– Aquele homem na esquina não poderia ter visto a cicatriz, a não ser que o bandido tivesse virado a cabeça, coisa que o homem negou. McMeehan usava luvas para evitar deixar impressões no revólver, quando o disparou, e suas mãos são bastante bronzeadas, como se normalmente não usasse luvas. Os dois homens e a mulher contaram histórias que se encaixavam em cada detalhe, coisa que, como o senhor sabe, seria praticamente um milagre no caso de testemunhas honestas. Mas como eu soube que Glenn, o homem da esquina, havia mentido, era óbvio que, se as outras histórias combinavam com a dele, também elas estavam se desviando da verdade.

Achei melhor não mencionar a papai que logo antes de ir à loja de Barnable, e talvez subconscientemente durante a investigação, minha mente estivera ocupada em encontrar outro dístico para substituir o que não havia agradado ao diretor da *The Jongleur*; como a incongruência, portanto, era o interesse principal de meu cérebro, a sacola de compras da sra. Dolan parecera um esconderijo bastante plausível para os diamantes e o dinheiro.

– Bom tiro! – disse papai. – Descobriu tudo sozinho?

– Eu cooperei com os detetives Hooley e Strong. Tenho certeza de que o subterfúgio foi tão óbvio para eles quanto para mim.

Mas, ao mesmo tempo em que eu falava, a dúvida surgiu em minha mente. Parecia haver uma possibilidade, ainda que pequena, de que os detetives de polícia não tivessem visto a solução com tanta clareza quanto eu. Na hora eu havia presumido que o sargento Hooley estivesse tentando esconder seu conhecimento, mas agora, vendo a situação em retrospecto, suspeitei de que o que o sargento estava escondendo era sua falta de conhecimento.

Mas isso não era importante. O importante era que, com a imagem dos diamantes entre as verduras, eu tinha encontrado uma imagem de incongruência para o meu soneto.

Pedindo licença, fui para a minha sala onde, com o dicionário de rimas, o de sinônimos e a cópia a carbono de novo sobre a mesa, perdi-me no trabalho de vestir minha nova alegoria com palavras adequadas, grato porque o soneto estava sendo escrito mais na forma shakespeariana do que na italiana, de modo que uma mudança na rima dos últimos dois versos não exigiria alterações semelhantes nos outros.

O tempo passou, e logo eu estava recostado na minha cadeira, experimentando aquela satisfação única que papai sentia quando tinha prendido algum criminoso especialmente esquivo. Não pude deixar de sorrir quando li o novo dístico final.

E luzindo ali, brilhavam não menos ineptos
Que diamantes semeados num canteiro de espinafre.

Isso, imaginei, satisfaria ao editor da *The Jongleur*.

---

2 Thin: magro (N.E.)

OceanofPDF.com

O PRIMEIRO “HOMEM MAGRO”

Hammett escreveu estes dez capítulos em 1930, cerca de três anos antes de escrever e publicar *The Thin Man (O homem magro)*. Ainda que o enredo dos capítulos tenha claras semelhanças com o do romance, este último resultou numa obra totalmente reescrita. O estilo neste primeiro quinto do romance é muito mais próximo do trabalho incisivo que Hammett publicou na revista *Black Mask*. E Nick e Nora Charles não aparecem aqui.

I

O trem foi para o norte através das montanhas. O homem moreno atravessou os trilhos até a bilheteria e disse:

– Poderia dizer como posso chegar à casa do sr. Wynant? A casa do sr. Walter Irving Wynant.

O homem lá dentro parou de escrever num formulário impresso. Seus olhos ficaram brilhantes e inquisitivos por trás dos óculos sem aro. Sua voz era ansiosa.

– O senhor é jornalista?

– Por quê? – Os olhos do homem moreno eram azuis. Espiaram preguiçosamente o outro. – Faz diferença?

– Então não é – disse o bilheteiro. Estava desapontado. Olhou para um relógio na parede. – Diabo, eu deveria saber. O senhor não teria tempo de chegar até aqui. – Ele pegou o lápis que havia largado.

– Sabe onde fica a casa dele?

– Claro. Lá em cima no morro. – O bilheteiro acenou o lápis vagamente para o oeste. – Todos os motoristas de táxi conhecem, mas se é Wynant que o senhor quer ver, está sem sorte.

– Por quê?

A expressão do bilheteiro se animou. Ele pôs os antebraços no balcão, encolhendo os ombros, e disse:

– Porque o fato é que ele assassinou todo mundo lá e pulou no rio há menos de uma hora.

– Não! – exclamou o homem em voz baixa.

O bilheteiro estalou os lábios.

– Ahã, matou todos os três, a turma toda, partiu em pedaços com um machado e depois amarrou um peso no próprio pescoço e pulou no rio.

O homem moreno perguntou em tom solene:

– Por que ele fez isso?

Uma campainha de telefone começou a tocar atrás do bilheteiro.

– O senhor não o conhece, caso contrário não perguntaria – respondeu enquanto estendia a mão para o telefone. – Mais louco, impossível, e sempre foi. Só é de espantar que não tenha feito isso há muito tempo. Alô – disse ao telefone.

O homem moreno passou pela sala de espera e desceu a escada até a rua. Os automóveis estacionados perto da estação eram aparentemente particulares. Um grande letreiro vermelho e branco no quarteirão seguinte dizia “táxi”. O homem moreno passou por baixo do letreiro e entrou num escritório pequeno e sujo onde um homem gordo e careca estava lendo um jornal.

– Posso conseguir um táxi? – perguntou o homem moreno.

– Estão todos fora, irmão, mas estou esperando que um volte a qualquer minuto. Está com pressa?

– Um pouco.

O careca pousou a cadeira nas quatro pernas e baixou o jornal.

– Aonde quer ir?

– À casa de Wynant.

O careca largou o jornal e se levantou, dizendo animado:

– Bom, eu mesmo estou indo para lá. – E cobriu a careca com um chapéu marrom manchado de suor.

Saíram do escritório e, depois de o homem parar num escritório imobiliário ao lado para gritar “Atenda ao meu telefone, se tocar, Toby”, entraram num sedã escuro, viraram à esquerda no primeiro cruzamento e subiram o morro na direção oeste.

Quando tinham seguido por cerca de trezentos metros, o gordo disse num tom cuja casualidade era negada pelo brilho dos olhos:

– Deve estar uma tremenda bagunça lá em cima, sem brincadeira.

O homem moreno estava acendendo um cigarro.

– O que aconteceu? – perguntou.

O gordo olhou-o de lado, incisivamente.

– Não ouviu dizer?

– Só o que o bilheteiro me contou. – O homem moreno se inclinou para a frente para recolocar o acendedor no buraco do painel. – Que Wynant

matou três pessoas com um machado e depois se afogou.

O gordo deu um riso de escárnio.

– Meu Deus, é impossível vencer Lew. Se você torcer o tornozelo ele pode acabar conseguindo uma espinha partida. Wynant matou apenas dois, a sra. Hopkins se livrou, porque foi ela quem telefonou. E ele estrangulou cada um dos dois e depois atirou em si mesmo. Aposto que se o senhor voltar lá agora Lew vai dizer que meia dúzia de pessoas foram mortas, provavelmente com dinamite.

O homem moreno tirou o cigarro da boca.

– Então ele não estava certo sobre a loucura de Wynant?

– Sim – disse o gordo com relutância –, mas ninguém poderia errar com relação a isso.

– Não?

– Não. Santo inferno! Ele não costumava descer para a cidade de pijama no verão passado? E quando as pessoas não gostaram disso e pediram para Ray dizer alguma coisa a ele, ele não ficou furioso e parou de vir totalmente? Não fazia tanta confusão sobre as pessoas passarem por sua propriedade como se tivesse uma mina de ouro lá? Eu não o vi com meus próprios olhos jogar uma pedra num carro que tinha passado por ele levantando poeira uma vez?

O homem moreno deu um sorriso afável.

– Não sei nenhuma das respostas. Eu não o conhecia.

Ao lado de um letreiro contra invasores deixaram a estrada de cascalho em troca de um caminho estreito e irregular, de terra escura, que subia mais íngreme o morro à direita. Mato crescido roçava as laterais do sedã e de vez em quando um galho de árvore esbarrava no teto. A velocidade tornava a viagem mais difícil do que precisaria.

– É aqui – disse o gordo. Ele estava sentado rigidamente atrás do volante, lutando com a irregularidade do caminho. Seus olhos estavam brilhando, cheios de expectativa.

A casa onde chegaram era uma estrutura desconexa, de pedra cinzenta nativa e madeira que precisava de tinta cinza, sob teto baixo em estilo holandês. Havia cinco carros na clareira diante da construção. O homem sentado ao volante de um deles e os dois homens ao seu lado pararam de falar e olharam a aproximação do sedã.

– Aqui estamos – disse o gordo, e saiu. Seus modos haviam se tornado

subitamente solenes. Foi solene o cumprimento de cabeça que dirigiu aos três homens.

O homem moreno, deixando o outro lado do sedã, foi em direção à casa. O gordo correu para acompanhá-lo.

Um homem saiu da casa antes que eles a alcançassem. Era um gigante de meia-idade com roupas largas e gastas. Seu cabelo era grisalho, os olhos pequenos, e mascava chiclete. Falou:

– Como vai, Fern – para o gordo e, olhando direto para o moreno, ficou parado no caminho, confrontando-os diretamente.

– Olá, Nick. – Disse Fern, falando ao moreno depois: – Este é o xerife Petersen. – Em seguida estreitou um dos olhos marotamente e se dirigiu de novo ao xerife: – Ele veio para ver Wynant.

O xerife Nick Petersen parou de mascar.

– Qual é seu nome?

– John Guild – disse o moreno.

– Certo. Agora, por que queria ver Wynant?

O homem que tinha dito que seu nome era John Guild sorriu.

– Faz alguma diferença agora que ele está morto?

– O quê? – perguntou o xerife com força considerável.

– Agora que ele está morto – repetiu Guild pacientemente. Em seguida pôs um novo cigarro entre os lábios.

– Como o senhor sabe que ele está morto? – O xerife enfatizou o “o senhor”.

Guild espiou o xerife com olhos azuis curiosos.

– Disseram no povoado – falou descuidadamente. E moveu o cigarro alguns centímetros para indicar o gordo. – Ele disse.

O xerife franziu a testa com ceticismo, mas quando falou foi para emitir um vago “Ah”. Mascou seu chiclete.

– Bom, por que o senhor queria vê-lo?

– Olhe – perguntou Guild –, ele está morto ou não?

– Não que eu saiba.

– Ótimo – disse Guild, com os olhos se animando. – Onde ele está?

– Eu gostaria de saber – disse o xerife, carrancudo. – Agora, o que o senhor quer com ele?

– Eu sou do banco onde ele tem conta. Quero vê-lo para falar de negócios. – Os olhos de Guild ficaram entorpecidos. – São negócios

confidenciais.

– E? – A testa franzida do xerife Petersen parecia guardar mais desconforto do que chateação. – Bom, agora nenhum dos negócios dele é confidencial para mim. Eu tenho direito de saber tudo que qualquer pessoa saiba sobre Wynant.

Os olhos de Guild se estreitaram um pouco. Ele soprou fumaça.

– Eu tenho – insistiu o xerife num tom de reclamação. – Ouça, Guild, você não tem o direito de esconder de mim qualquer negócio dele. Ele é um assassino e eu sou responsável pela lei e pela ordem neste condado.

Guild franziu os lábios.

– Quem ele matou?

– Columbia Forrest – disse Petersen, apontando um polegar para a casa. – Ele atirou nela e deu no pé, Deus sabe para onde.

– Ele matou mais alguém?

– Meu Deus – perguntou o xerife irritado –, isso não basta?

– Para mim basta, mas lá embaixo no povoado captaram tudo muito no plural. – Guild olhou pensativo para o xerife. – Ele escapou ileso?

– Até agora – rosnou Petersen –, mas estamos telefonando e dando a descrição de Wynant e do carro. – Ele suspirou, mexeu desconfortavelmente os ombros grandes. – Bom, vamos lá. Qual é o seu negócio com ele? – Mas quando Guild ia responder, o gigante disse: – Espere um minuto. Nós poderíamos entrar, pegar Boyer e Ray e fazer isso de uma vez só.

Deixando o gordo, Guild e o xerife entraram numa sala agradavelmente mobiliada na frente da casa, onde outros dois homens logo se juntaram a eles. Um era quase tão alto quanto o xerife, um homem louro e ossudo com trinta e poucos anos, de queixo e boca enérgicos e olhos sombrios. O outro era mais jovem, mais baixo, com bochechas juvenis e rosadas, olhos escuros e ágeis, cabelo escuro puxado para trás. Quando o xerife os apresentou a Guild, disse que o mais alto era Ray Callaghan, subdelegado, e o outro era o promotor Bruce Boyer. Disse-lhes que John Guild era um sujeito que queria ver Wynant.

O jovial promotor, parado junto de Guild, deu um sorriso agradável e perguntou:

– Qual é o seu negócio, sr. Guild?

– Vim procurar Wynant para falar de sua conta bancária – respondeu

devagar o homem moreno.

– Que banco?

– Seaman’s National de San Francisco.

– Sei. Mas sobre o que você queria falar com ele? Quero dizer, o que havia com relação à conta dele que o fez vir até aqui para vê-lo?

– Digamos que um saque a descoberto – disse Guild, deliberadamente evasivo.

Os olhos do promotor ficaram ansiosos.

Guild fez um pequeno gesto com a mão morena que segurava o cigarro.

– Olhe aqui, Boyer – disse ele –, se quer que eu vá até o final com você, você deveria ir até o final comigo.

Boyer olhou para Petersen. O xerife o encarou com olhos descomprometidos. Boyer se virou de novo para Guild.

– Nós não estamos escondendo nada – disse sério. – Não temos nada a esconder.

Guild assentiu.

– Tudo bem. O que aconteceu aqui?

– Wynant pegou a srta. Forrest se preparando para deixá-lo e atirou nela, entrou no carro e foi embora – disse rapidamente. – É só isso.

– Quem é a srta. Forrest?

– A secretária dele.

Guild apertou os lábios e perguntou:

– Só?

O ossudo subdelegado falou:

– Vamos parar com isso, agora! – numa voz tensa e áspera. Seus olhos claros estavam injetados e furiosos.

O xerife rosnou:

– Vá com calma, Ray – evitando os olhos do subdelegado.

O promotor olhou impaciente para o subdelegado. Guild o encarou com seriedade, atento.

O rosto do subdelegado ruborizou-se um pouco e ele se balançou num pé e no outro. Falou de novo com o homem moreno, na mesma voz crocitante:

– Ela está morta e o senhor poderia falar decentemente sobre ela.

Guild mexeu os ombros um pouco.

– Eu não a conhecia – disse friamente. – Estou tentando descobrir o que

aconteceu. – Ele encarou por mais um momento o homem ossudo e em seguida desviou o olhar para Boyer. – Por que ela estava indo embora?

– Para se casar. Ela disse isso quando ele a surpreendeu fazendo as malas depois de voltar da cidade e... e os dois tiveram uma briga, e quando ela não quis mudar de idéia ele a matou.

Os olhos azuis de Guild se desviaram para focalizar o rosto ossudo do subdelegado.

– Ela estava morando com Wynant, não estava? – perguntou à queima-roupa.

– Seu filho-da-puta! – gritou rouco o subdelegado, e lançou o punho para o rosto de Guild.

Guild evitou o soco recuando sem pressa. Tinha começado a recuar antes que o punho partisse. Seus olhos observaram gravemente o punho passar.

O grande Petersen se lançou para o subdelegado, envolvendo-o com os braços.

– Pare com isso, Ray – grunhiu. – Por que não se comporta? Não é hora de perder a cabeça.

O subdelegado não lutou contra ele.

– Qual é o problema desse sujeito? – perguntou Guild ao promotor. Não havia ressentimentos em seus modos. – Está apaixonado por ela, ou algo do tipo?

Boyer assentiu furtivamente, depois franziu a testa e balançou a cabeça num gesto de alerta.

– Tudo bem – disse Guild. – Onde vocês conseguiram as informações sobre o que aconteceu?

– Com o casal Hopkins. Eles cuidam deste lugar para Wynant. Estavam na cozinha e ouviram toda a briga. Correram escada acima quando ouviram os tiros, e ele os afastou com a arma e disse que voltaria para matá-los se contassem a alguém antes que ele tivesse uma hora de dianteira, mas eles telefonaram para Ray assim que Wynant foi embora.

Guild jogou a guimba do cigarro na lareira e acendeu um novo. Em seguida pegou um cartão numa caixa marrom tirada do bolso e deu o cartão a Boyer.

– Na semana passada Wynant depositou um cheque de dez mil dólares, de Nova York, em sua conta no Seaman’s National Bank – disse Guild. – Ontem o banco ficou sabendo que o cheque tinha sido alterado, de mil para dez mil. O banco perdeu seis mil no negócio.

– Mas no caso de um cheque alterado – disse Boyer – eu creio que...

– Eu sei – concordou Guild –, o banco não é responsável. Teoricamente. Mas em geral a coisa não é tão simples e... bem, nós estamos trabalhando para a companhia de seguros que cobre o Seaman’s, e é bom negócio ir atrás dele e recuperar o máximo possível.

– Fico feliz por ser assim que vocês pensam – disse o promotor com entusiasmo. – Fico enormemente satisfeito por você trabalhar conosco. – Ele estendeu a mão.

– Obrigado – disse Guild enquanto segurava sua mão. – Vamos olhar os Hopkins e o corpo.

II

Columbia Forrest tinha sido uma jovem de membros compridos, suavemente esguia. Seu corpo, mesmo morto e vestido num conjunto esportivo azul, parecia ágil. O cabelo curto era de um castanho levemente ruivo. As feições eram pequenas e regulares, atraentes em sua falta de força. Havia três buracos de bala na têmpora esquerda. Duas se tocavam. A terceira ficava abaixo do olho.

Guild pôs a ponta de seu indicador moreno levemente na borda do buraco mais baixo.

– Calibre 32 – falou. – Ele se certificou: qualquer um dos três teria feito o serviço. – Em seguida virou-se de costas para o cadáver. – Vejamos os Hopkins.

– Eles estão na sala de jantar, eu acho – disse o promotor. Em seguida hesitou, pigarreou. Seu rosto jovem estava preocupado. Tocou o cotovelo de Guild com as costas de uma das mãos e disse: – Vá com calma com o Ray, certo? Ele estava um pouco, ou muito, eu acho, apaixonado por ela, e isso está sendo difícil.

– O subdelegado?

– Sim, Ray Callaham.

– Estará tudo bem se ele não ficar no caminho – disse Guild,

descuidadamente. – Que tipo de pessoa é esse xerife?

– Ah, Petersen é boa pessoa.

Guild pareceu considerar criticamente essa declaração. Depois falou:

– Mas não é o que você chamaria de um empedernido caçador de homens?

– Bem, não, não é. Você sabe, um xerife tem outras coisas a fazer na maior parte do tempo, mas se tivesse outra pessoa de bom grado para fazer o serviço, ele não interferiria. – Boyer umedeceu os lábios e se inclinou para perto do homem moreno. Seu rosto estava com uma luminosidade juvenil. – Eu gostaria de que fosse você. Fico feliz por você trabalhar comigo nisso, Guild – disse ele numa voz baixa, séria. – Eu... este é o meu primeiro assassinato, e eu gostaria de... bem... mostrar a eles – ele ruborizou – que não sou tão novo quanto alguns dizem.

– É justo. Vamos ver os Hopkins. Aqui.

O promotor examinou inquietamente o rosto moreno de Guild por um instante, começou a dizer alguma coisa, mudou de idéia e saiu do quarto.

Um homem e uma mulher vieram junto quando ele voltou. O homem tinha provavelmente cinqüenta anos, era de estatura mediana, com cabelos finos e grisalhos acima de um rosto redondo e fleumático. Usava calças marrons presas por suspensórios azuis novos e uma camisa azul desbotada aberta no colarinho. A mulher tinha mais ou menos a mesma idade, era baixa, gorducha e esmeradamente vestida de cinza. Usava óculos de aro de ouro. Seus olhos eram redondos, claros e brilhantes.

O promotor fechou a porta e disse:

– O sr. Guild está trabalhando comigo. Por favor dêem a ele toda a ajuda que puderem.

Os Hopkins assentiram em uníssono.

– Como foi que isso aconteceu? – perguntou Guild, e indicou a jovem morta, com um pequeno movimento da cabeça.

– Eu sempre soube que ele faria alguma coisa assim em algum momento – disse Hopkins, enquanto a mulher falava:

– Foi exatamente aqui neste quarto, e eles estavam falando tão alto que dava para ouvir na casa inteira.

Guild balançou o cigarro na direção deles.

– Um de cada vez. – E falou para o homem: – Como o senhor sabia que ele ia fazer isso?

A mulher respondeu rapidamente:

– Ah, ele era louco de ciúme dela o tempo todo, ela não podia se afastar da vista dele por um minuto, e quando ela voltou da cidade e disse que ia embora para se casar, ele...

De novo Guild usou o cigarro para interrompê-la.

– O que a senhora acha? Ele é realmente maluco?

– Na hora ele estava, senhor – disse ela. – Bom, quando nós entramos aqui correndo depois de ouvirmos o tiro e ele disse para nós ficarmos calados, ele estava, os olhos, o senhor nunca viu uma coisa assim na sua vida, nem a voz também, e ele estava tremendo e se sacudindo como se fosse se despedaçar.

– Não estou falando disso – explicou Guild. – Quero dizer, ele é maluco? – Antes que a mulher pudesse responder, ele fez outra pergunta: – Há quanto tempo vocês trabalham aqui?

– Uns dez meses, não é, Willie? – perguntou ela ao marido.

– É, desde o outono passado.

– Isso mesmo – disse ela a Guild. – Foi em novembro passado.

– Então vocês deviam saber se ele é louco. Ele é?

– Bom, eu vou contar – disse ela devagar, franzindo a testa. – Sem dúvida ele era a pessoa mais estranha de que o senhor já ouviu falar, mas eu acho que os gênios são assim, e eu não queria dizer que ele era totalmente maluco, a não ser por ela. – A mulher olhou para o marido.

Este disse, tolerante:

– Claro, todos os gênios são assim. É... é excêntrico.

– Então vocês acham que ele era um gênio – disse Guild. – Vocês leram as coisas que ele escrevia?

– Não, senhor – disse a sra. Hopkins, se retorcendo –, eu tentei algumas vezes, mas era muito... não consegui entender nada... muito... mas eu não sou uma mulher estudada, e...

– Com quem ela ia se casar? – perguntou Guild.

A sra. Hopkins balançou a cabeça vigorosamente.

– Não sei. Não pesquei o nome, se ela disse. Era ele que estava falando alto demais.

– Por que ela foi à cidade?

A sra. Hopkins balançou a cabeça de novo.

– Também não sei isso. Ela costumava ir a cada duas semanas, e ele

sempre ficava louco com isso.

– Ela ia de carro?

– Na maior parte das vezes, sim, mas ontem não, mas ela voltou naquele carro azul novo que está lá fora.

Guild olhou interrogativamente para o promotor, que disse:

– Estamos tentando identificá-lo. Parece que é um carro novo, mas logo deveremos saber de quem é.

Guild assentiu e voltou a atenção para os Hopkins.

– Ontem ela foi a San Francisco de trem? E hoje voltou a que horas nesse carro novo?

– Sim, senhor. Mais ou menos às três horas, acho, e ela começou a fazer as bagagens. – A mulher apontou para as malas de viagem e roupas espalhadas pelo quarto. – E ele entrou e a confusão começou. Eu podia ouvir lá embaixo, e fui até a janela e chamei o Willie, isto é, o sr. Hopkis, e nós ficamos ao pé da escada, ali junto à sala de jantar, ouvindo.

Guild virou-se para esmagar o cigarro numa bandeja de bronze sobre uma mesa.

– Ela geralmente passava a noite lá, quando ia à cidade?

– Quase sempre.

– Vocês devem ter alguma idéia do motivo para ela ir à cidade – insistiu Guild.

– Não, não tenho – disse a mulher, com veemência. – Nós nunca sabíamos, não é, Willie? Ciumento como ele era, acho que se ela estava indo ver algum sujeito não diria a ninguém que pudesse contar a ele, apesar de Deus saber que eu sou capaz de manter a boca fechada como ninguém. Eu vi o...

Guild parou de acender um novo cigarro para perguntar:

– E quanto à correspondência dela? Vocês devem ter visto algumas vezes.

– Não, sr. Gould, nós nunca víamos, e isso é uma coisa engraçada, porque o tempo todo que estamos aqui nós nunca vimos nenhuma correspondência a não ser revistas e nunca soubemos se ela escrevia cartas.

Guild franziu a testa.

– Há quanto tempo ela estava aqui?

– Ela estava aqui quando nós chegamos. Não sei há quanto tempo ela já estava, mas deve ter sido muito tempo.

– Três anos – disse Boyer. – Ela chegou em março, há três anos.

– E quanto aos parentes dela, amigos?

Os Hopkins balançaram a cabeça. Boyer balançou a cabeça.

– Dele?

A sra. Hopkins balançou a cabeça de novo.

– Ele não tinha nenhum. É o que ele sempre dizia, que não tinha um parente nem um amigo no mundo.

– Quem é o advogado dele?

A sra. Hopkins ficou inexpressiva.

– Se ele tinha um, eu não sei, sr. Gould. Talvez o senhor possa descobrir isso nas cartas e nas coisas dele.

– Está bom – disse Guild abruptamente com o cigarro na boca, e abriu a porta para os Hopkins. Eles saíram do quarto.

Ele fechou a porta e, de costas para ela, olhou o cômodo em volta, a figura morta na cama sob um cobertor, as roupas espalhadas aqui e ali, as três malas, e finalmente o centro ensangüentado do tapete azul-claro.

Boyer o observava cheio de expectativa.

Olhando para a mancha de sangue, Guild perguntou:

– Vocês notificaram a polícia de San Francisco?

– Ah, sim, mandamos a descrição dele, e a descrição e o número da placa do carro dele a toda parte: de Los Angeles a Seattle e para o leste até Salt Lake.

– Qual é o número? – Guild pegou um lápis e um envelope no bolso.

Boyer disse, acrescentando:

– É um cupê Buick, do ano passado.

– Como é a aparência do sujeito?

– Eu nunca o vi, mas é muito alto, bem mais de um metro e oitenta, e magro. Não pesa mais de sessenta quilos, pelo que dizem. Você sabe, ele é tuberculoso: foi por isso que veio para cá. Tem uns 45 anos, é queimado de sol, mas macilento, com olhos castanhos, cabelos castanhos bem escuros e costeletas. Ele tem costeletas, talvez medindo uns doze a quinze centímetros, grossas e desgrenhadas. Há um bocado de fotos no quarto dele. Você pode vê-las. Estava usando um terno de *tweed* cinza, largo, chapéu cinza mole e sapatos marrons pesados. Os ombros são altos e retos, e ele caminha pisando nos calcanhares, com passos longos. Não fuma nem bebe e tem o hábito de falar sozinho.

Guild afastou o lápis e o envelope.

– O pessoal das impressões digitais já examinou aqui?

– Não, eu...

– Isso poderia ajudar, para o caso de ele ser apanhado em algum lugar e nós termos dúvidas. Acho que podemos conseguir amostras da letra dele. De qualquer modo, poderemos consegui-las no banco. Vamos tentar...

Alguém bateu na porta.

– Entre – disse Boyer.

A porta se abriu e surgiu a cabeça de um homem. Ele disse:

– Querem falar com o senhor no telefone.

O promotor seguiu o homem até o andar de baixo. Durante sua ausência, Guild fumou e olhou gravemente o quarto em volta.

O promotor voltou dizendo:

– O carro pertence a Charles Fremont, mora na Guerrero Street, em San Francisco.

– Que número? – Guild pegou o lápis e o envelope de novo. Boyer lhe disse o número e ele anotou. – Acho que vou voltar agora e vê-lo.

O promotor olhou para o relógio.

– Estou pensando se eu não conseguiria ir com você.

Guild franziu os lábios.

– Acho que não deveria. Um de nós precisa ficar aqui para examinar as coisas dele, juntar as pontas soltas. Eu não vi mais ninguém em quem pudéssemos confiar para isso.

Apesar de parecer desapontado, Boyer falou prontamente:

– Certo. Você vai manter contato comigo?

– Claro. Dê-me aquele cartão que eu lhe entreguei, vou colocar nele o endereço da minha casa e o número do telefone. – Os olhos de Guild ficaram modorrentos. – O que você acha de eu ir no carro de Fremont?

O promotor franziu a testa.

– Não sei – disse devagar. – Isso poderia... ah, claro, se você quiser. Telefone para mim logo que se encontrar com ele. Vai me manter a par?

– Hum-hum.

III

Uma jovem ruiva, vestida de branco, abriu a porta.

– Quero falar com o sr. Charles Fremont – disse Guild.

– Sim, senhor – disse a garota amavelmente, numa voz gutural e ressonante. – Entre.

Ela o levou a uma sala de estar, mobiliada com conforto, à direita da entrada.

– Sente-se. Vou chamar o meu irmão. – A jovem passou por outra porta e sua voz pôde ser ouvida cantarolando: – Charley, um cavalheiro quer vê-lo.

No andar de cima uma voz dura, masculina, respondeu:

– Já vou descer.

A jovem ruiva voltou à sala onde Guild estava.

– Ele vai descer num minuto – falou.

Guild agradeceu.

– Pode se sentar – disse ela, sentando na extremidade de um sofá. Suas pernas eram notavelmente bonitas.

Ele se sentou numa cadeira diante dela, do outro lado da sala, mas imediatamente se levantou de novo para oferecer um cigarro e estender o isqueiro para o dela.

– Eu queria ver o seu irmão para perguntar se ele conhece uma tal de srta. Columbia Forrest.

A jovem riu.

– Provavelmente conhece. Ela... eles vão se casar amanhã.

– Bom, isso... – Guild parou quando ouviu passos correndo pela escada, vindos do segundo andar.

Um homem entrou na sala. Tinha uns 35 anos, estatura um pouco acima da média, boa constituição, vestido um tanto alegremente de cinza com camisa lavanda, gravata e lenço se projetando do bolso. Seu rosto era magro e bem-apessoado, com um ar sagaz e lábios finos.

– Este é o meu irmão – disse a jovem.

Guild se levantou.

– Estou tentando obter algumas informações sobre a srta. Columbia Forrest – disse ele, e deu um de seus cartões a Charles Fremont.

A curiosidade que viera ao rosto de Fremont com as palavras de Guild se tornaram um espanto gélido quando leu o cartão de Guild.

– O quê...?

Guild estava dizendo:

– Houve um problema lá em Hell Bend.

Os olhos de Fremont se arregalaram no rosto que ia empalidecendo.

– Wynant...?

Guild assentiu.

– Ele atirou na srta. Forrest esta tarde.

Os Fremont se encararam com rostos vazios, horrorizados. Ela falou por entre os dedos de uma das mãos, tremendo enquanto gaguejava:

– Eu d-d-disse a você, Charley!

Charles Fremont virou-se violentamente para Guild.

– Como ela está! Diga!

– Ela está morta – disse o homem moreno.

Fremont soluçou e se sentou com o rosto apoiado nas mãos. Sua irmã se ajoelhou ao lado, envolvendo-o com os braços. Guild ficou parado, olhando.

Por fim Fremont levantou a cabeça.

– E Wynant? – perguntou.

– Desapareceu.

Fremont soltou o ar num gemido baixo. Sentou-se empertigado, dando um tapinha na mão da irmã, livrando-se dos braços dela.

– Vou para lá agora – falou, levantando-se.

Guild tinha terminado de acender um cigarro. Disse:

– Tudo bem, mas você ajudaria mais contando algumas coisas antes de ir.

– Tudo que eu puder – prometeu Fremont imediatamente.

– Vocês iam se casar amanhã?

– Sim. Ela veio aqui ontem à noite e ficou conosco, e eu a convenci. Íamos sair daqui amanhã cedo e iríamos de carro a Portland, onde não teríamos de esperar durante dias pela licença, e depois subiríamos a Banff. Eu acabei de telegrafar para o hotel de lá, fazendo as reservas. Então ela apanhou o carro, o novo no qual nós iríamos, para ir a Hell Bend e pegar suas coisas, mas... mas nós nunca pensamos que ele faria alguma coisa assim.

– Você o conhecia bem?

– Não, eu só o vi uma vez, há cerca de três semanas, quando ele veio me procurar.

– Por que ele veio procurá-lo?

– Para discutir comigo por causa dela, dizer para eu ficar longe dela.

Guild parecia em vias de sorrir.

– O que você disse?

Fremont apertou os lábios finos contra os dentes.

– Eu pareço ter dito alguma coisa além de vá para o inferno?

O homem moreno assentiu.

– Certo. O que você sabe sobre ele?

– Nada.

Guild franziu a testa.

– Você deve saber alguma coisa. Ela deve ter falado dele.

A raiva saiu do rosto magro de Fremont, deixando-o triste.

– Eu não gostava de que ela falasse, por isso ela não falava.

– Por quê?

– Meu Deus! Ela estava morando lá. Eu era louco por ela. Eu sabia que ele também era. Que diabo! – Fremont mordeu o lábio. – Você acha que eu gostava de falar disso?

Guild olhou pensativo para ele durante um momento e depois se dirigiu à jovem:

– O que ela contou a você?

– Nada. Ela não gostava de falar sobre ele, assim como Charley não gostava de que ela falasse.

Guild juntou as sobrancelhas.

– Então, por que ela ficava com ele?

– Ela ia partir – disse Fremont dolorosamente. – Foi por isso que ele a matou.

O homem moreno pôs as mãos nos bolsos, foi até a janela e voltou, apertando os olhos um pouco devido à fumaça que subia do cigarro.

– Você não sabe aonde ele poderia ter ido? Com quem ele pode ter alguma ligação? Como poderíamos encontrá-lo?

Fremont balançou a cabeça.

– Você não acha que eu diria, se soubesse? – perguntou amargamente.

Guild não respondeu. Perguntou:

– Onde está a família dela?

– Não sei. Acho que o pai dela ainda está vivo em algum lugar do Texas. Sei que é filha única e que a mãe morreu.

– Há quanto tempo você a conhece?

– Quatro... quase cinco meses.

– Onde a conheceu?

– Num bar da Powell Street, dois quarteirões depois da Fairmont. Ela estava numa festa com umas pessoas que eu conheço: Helen Robier – acho que ela mora na Cathedral – e um sujeito chamado MacWilliams.

Guild foi de novo até a janela e voltou.

– Eu não gosto disso – falou em voz alta, mas aparentemente não para os Fremont. – Não faz sentido. É... Olhe aqui. – Ele parou na frente dos outros e pegou umas fotografias no bolso. – Estas fotos dela são boas? – Ele as abriu em leque. – Eu só a vi morta.

Os Fremont se entreolharam e assentiram juntos.

– Especialmente a do meio – disse a jovem. – Você tem uma dessas, Charley.

Guild guardou as fotos da garota morta e mostrou duas de um homem barbudo.

– São boas fotos dele?

– Eu nunca o vi – disse a garota. Mas seu irmão assentiu e disse:

– Parecem com ele.

Guild pareceu insatisfeito com as respostas. Pôs as fotos de novo no bolso.

– Então não é isso – falou –, mas há alguma coisa esquisita em algum lugar. – Olhou para o chão e ergueu a cabeça rapidamente. – Vocês não estão armando algum tipo de jogo para cima de mim, estão?

– Não seja idiota – disse Charles Fremont.

– Certo, mas há alguma coisa errada em algum lugar.

– O quê? – perguntou a jovem. – Talvez se o senhor disser o que acha que está errado...

Guild balançou a cabeça.

– Se eu soubesse o que está errado, poderia descobrir sozinho o que tornou isso errado. Não importa, vou descobrir. Quero o nome e o endereço de todos os amigos dela, das pessoas que ela conhecia, pelo que vocês sabem.

– Eu lhe disse que Helen Robier mora, tenho quase certeza, na Cathedral – disse Fremont. – MacWilliams trabalha no Edifício Russ, numa corretora de ações, eu acho. É só isso que sei sobre ele, e não creio que Columbia o conheça... – engoliu em seco –, o conhecia muito bem. São os únicos de que eu sei.

– Não creio que sejam os únicos de que você saiba.

– Por favor, sr. Guild – disse a jovem, vindo para o seu lado –, não seja injusto com Charley. Ele está tentando ajudar, nós dois estamos, mas... – Ela bateu o pé e exclamou furiosa, lacrimosa: – O senhor não pode ter um pouco de consideração por ele?

– Ah, tudo bem – disse Guild, e pegou o chapéu. – Eu trouxe o seu carro. Está lá na frente agora.

– Obrigado, Guild.

Alguma coisa bateu numa das janelas da frente, derrubando no chão um triângulo de vidro do canto esquerdo inferior. Charles Fremont, virado para a janela, deu um grito inarticulado e se jogou no chão. Um revólver foi disparado pelo buraco no vidro. A bala passou sobre a cabeça de Fremont e fez um pequeno buraco na parede de reboco verde.

Guild estava indo em direção à porta da rua quando o buraco de bala apareceu na parede. Uma pistola preta surgiu em sua mão. Do lado de fora, aquele quarteirão da Guerrero Street estava deserto. Guild foi rapidamente, ainda que com muitos olhares para trás, até a esquina mais próxima. Dali começou a voltar lentamente, parando para observar os portais escuros e as entradas dos porões sobre as altas escadas na frente das casas.

Charles Fremont veio juntar-se a ele. Janelas estavam sendo levantadas ao longo da rua, e pessoas olhavam para fora.

– Entre – disse Guild sumariamente a Fremont. – É em você que ele estava atirando. Entre e telefone para a polícia.

– Elsa está fazendo isso agora. Ele raspou as costeletas, Guild.

– Esta seria a primeira coisa que ele faria. Volte para a casa.

– Não – disse Fremont, e foi com Guild enquanto ele dava uma busca no quarteirão.

Os dois ainda estavam fazendo isso quando a polícia chegou. Não encontraram Wynant. Depois de uma esquina, a dois quarteirões da casa dos Fremont, encontraram um cupê Buick de um ano, com o número da placa que Boyer tinha dado a Guild; o carro de Wynant.

IV

Depois do jantar, que comeu sozinho no Solari’s, na Maiden Lane, Guild foi para um apartamento na Hyde Street. Foi recebido por uma jovem cujo rosto pálido e cansado se iluminou enquanto dizia:

– Olá, John. Nós estávamos pensando o que tinha sido feito de você.

– Estive fora. Chris está em casa?

– Eu deixaria você entrar de qualquer modo – disse ela enquanto abria a porta ainda mais.

Os dois foram até um cômodo dos fundos, cheio de livros, onde um homem atarracado, de cabelos cor de areia e revoltos, estava meio enterrado numa enorme poltrona velha. Ele pousou o livro, pegou o alto copo de cerveja que estava ao lado e disse jovialmente:

– Que entre o sabujo! Pegue mais cerveja, Kay. Eu estava querendo vê-lo, John. O que acha de fazer algumas resenhas de histórias de detetives para a minha página, você sabe, “O Detetive Examina a Ficção de Detetives?”.

– Você já me pediu isso antes. Loucura.

– Mas é uma boa idéia – disse alegre o homem atarracado. – E eu tenho outra. Eu ia guardá-la até resolver escrever uma história de detetives, mas você poderia usá-la em seu trabalho em algum momento, por isso vou dá-la de graça.

Guild pegou o copo de cerveja que Kay lhe estendeu, e disse:

– Obrigado. – E em seguida para o homem: – Eu preciso ouvir?

– Sim. Veja bem, um sujeito é suspeito de um assassinato que exige um bocado de coragem. E todas as provas apontam direto para ele, esse tipo de coisa. Mas ele adora Sam Johnson, tem seus livros pela casa toda, de modo que você sabe que ele não fez isso, porque somente os homens tímidos – do tipo que dizem “Sim, senhor”, para as esposas e “Sim, madame”, para os policiais – adoram Johnson. Veja bem, ele só é amado pela rusticidade e pela ousadia de sua rudeza e seus maus modos, e esse é o tipo de coisa que atrai...

– Então eu procuro um sujeito chamado Sam Johnson, e ele é o culpado? – perguntou o homem moreno.

– Chris está numa daquelas noites – disse Kay.

– Zombe de mim e se dane – disse Chris –, mas essa é uma psicologia que pode servir um dia desses. Lembre-se. É uma lei. O amor ao doutor Johnson é a marca do patologicamente humilde.

Guild fez uma careta.

– Deus sabe que estou merecendo uma cerveja – disse, e bebeu. – Se você precisa falar, fale de Walter Irving Wynant. Isso talvez me sirva.

– Por quê? – perguntou Chris. – Como?

– Eu o estou caçando. Ele assassinou a secretária esta tarde e desapareceu, ninguém sabe para onde.

– Não brinca! – exclamou Kay.

– O diabo que ele fez isso! – disse Chris.

Guild assentiu e bebeu mais cerveja.

– Ele só parou por tempo suficiente para dar um tiro no sujeito com quem a secretária deveria se casar amanhã.

Chris e Kay se entreolharam deliciados.

Chris se recostou na cadeira.

– Dá para suplantar isso? Mas, você sabe, nem de longe eu estou surpreso como deveria estar. Na última vez em que o vi achei que havia alguma coisa errada, ainda que ele sempre fosse meio estranho. Lembra que eu lhe disse alguma coisa sobre isso, Kay? E está na cara que esse negócio da revista que ele vem fazendo ultimamente é meio confuso. Até mesmo partes do último livro dele... Não, eu estou me metendo a saber de tudo agora. Vou me fixar no que escrevi sobre o livro dele quando foi publicado: apesar de falhas ocasionais, sua "departamentalização" chega mais perto de dar uma resposta para a pergunta de Pôncio Pilatos do que qualquer coisa oferecida por outra pessoa.

– Que tipo de coisa ele escreve? – perguntou Guild.

– Esse tipo de coisa. – Chris se levantou gemendo, foi até uma das estantes, pegou um grosso volume preto intitulado, em letras grandes e douradas, *Conhecimento e crença*, abriu-o ao acaso e leu: – "A ciência se preocupa com objetos da percepção. Um objeto da percepção é uma diferença definida, isto é, limitada. Se olhar para um trecho contínuo de branco, você percebe branco porque sua percepção da cor é limitada ao seu campo visual: a área contrastante, extravisual, de não-branco ao redor, lhe dá a percepção do branco. Essas não são definições científicas. Não podem ser. A ciência não pode se definir, não pode se limitar. As definições da ciência devem ser definições filosóficas. A ciência não pode saber o que ela não pode saber. A ciência não pode saber que há alguma coisa que ela não sabe. A ciência lida com objetos da percepção, e não com não-objetos da percepção. Assim, a teoria da relatividade de Einstein – de que os fenômenos da natureza serão os mesmos, isto é, não diferentes, para dois observadores que se movem com qualquer velocidade uniforme

independentemente da posição relativa entre ambos – é uma hipótese filosófica, não científica.

“‘– A filosofia, como a ciência, não pode se definir, não pode se limitar. As definições de filosofia devem ser feitas segundo um ponto de vista que terá de certo modo a mesma relação com a filosofia que o ponto de vista filosófico tem com a ciência. Essas definições podem ser...’”

– Já basta – disse Guild.

Chris fechou o livro com uma pancada.

– É esse tipo de coisa que ele escreve – disse animado, e voltou para a poltrona e a cerveja.

– O que você sabe sobre ele? – perguntou Guild. – Quero dizer, afora os textos. Não comece com isso de novo. Quero saber se ele estava apenas maluco de ciúme ou se enlouqueceu de vez, e como alcançá-lo de qualquer um dos modos.

– Eu não o vejo há seis ou sete meses, talvez mais – disse Chris. – Ele sempre foi meio abilolado e tremendamente anti-social. Talvez apenas esquisito, talvez pior do que isso.

– O que você sabe sobre ele?

– O que todo mundo sabe – disse Chris de modo depreciativo. – Nasceu em algum lugar em Devonshire. Freqüentou Oxford. Virou nativo na Índia e voltou com um livro sobre economia, um livro bastante bom, mas visionário. Casou-se com uma atriz chamada Hana Drix, ou algo do tipo, em Paris, foi para a África e mais tarde, acho, para a América do Sul. De qualquer modo, viajou muito e depois se estabeleceu em Berlim por tempo suficiente para escrever sua *Antropologia especulativa* e fazer algumas palestras. Não sei onde esteve durante a guerra. Apareceu aqui alguns anos depois com uma obra de metafísica em dois volumes chamada *Consciência em desvio.* Está na América desde então: os últimos cinco ou seis anos aqui nas montanhas escrevendo aquele *Conhecimento e crença*.

– E quanto a parentes, amigos?

Chris balançou a cabeça desgrenhada.

– Talvez os editores saibam: Dale and Dale.

– E como crítico você acha...

– Eu não sou crítico – disse Chris. – Sou resenhista.

– Bom, como o que quer que seja, você acha que as coisas dele são sadias?

Chris moveu os ombros grossos num gesto preguiçoso.

– Partes dos livros que eu conheço são tremendamente boas. Outras partes... talvez estejam acima da minha capacidade. Até isso é possível. Mas as coisas que ele anda fazendo ultimamente para revistas, desde *Conhecimento e crença*, eu sei que são porcarias ou coisa pior. O jornal mandou um garoto para lá, para entrevistá-lo há duas semanas, quando todo mundo estava falando sobre aquele antropólogo russo, e ele voltou com uma coisa medonha. Não teríamos publicado se não fosse pelo peso do nome de Wynant e o juramento do garoto, de que tinha escrito exatamente o que ele falou. Eu diria que é bastante provável que sua mente tenha se despedaçado.

– Obrigado – disse Guild, e estendeu a mão para o chapéu, mas os outros dois começaram a interrogá-lo, de modo que se sentou, conversou, fumou e bebeu cerveja até depois da meia-noite.

Em seu quarto de hotel, Guild tirou o paletó quando o telefone tocou.

– Alô... sim... sim... – Ele esperou. – Sim?... Sim, Boyer... Wynant apareceu na casa de Fremont e atirou nele... Não, não causou nenhum mal, mas conseguiu fugir... Sim, mas nós encontramos o carro... Onde?... Sim, sei... Amanhã? Que horas?... Ótimo. Você poderia me pegar aqui no meu hotel... Certo.

Ele desligou o telefone e começou a desabotoar o colete, parou, olhou para o relógio no pulso, pôs o paletó de novo, pegou o chapéu e saiu.

Na California Street pegou um bonde, subiu a colina e desceu até Chinatown, saltando do bonde na Grant Avenue. Uma chuva quase tão fina quanto névoa começava a soprar do norte. Guild virou a esquina para evitar um ruidoso grupo de bêbados que saía de um restaurante chinês, andou um quarteirão e parou em frente a outro restaurante. Era um prédio de tijolos vermelhos que tentava parecer oriental usando muito ouro e luzes coloridas, obviamente presas em cornijas que se projetavam e em suportes de três braços que marcavam os andares – alguns com postes em cima, na forma de meios pilares –, e um telhado de barro, em forma de barraca, encimado por um mastro com nove anéis aluminizados. Havia um enorme letreiro elétrico – MANCHU.

Ficou parado olhando aquele prédio espalhafatoso até acender um cigarro. Depois entrou. A garota na sala dos casacos não quis pegar seu chapéu.

– Nós fechamos à uma – disse ela.

Ele olhou para as pessoas que entravam num elevador, depois de novo para ela.

– Eles estão entrando.

– Vão lá para cima. O senhor tem um cartão?

Ele sorriu.

– Claro que tenho. Deixei no meu outro terno.

Ela pareceu severamente inexpressiva.

– Ah, certo, irmã – disse ele, em seguida lhe deu um dólar, pegou o recibo do chapéu e se espremeu no elevador apinhado.

No quarto andar saiu do elevador com os outros e entrou numa sala grande e comprida, de aparência desenxabida, onde, projetando-se de um pequeno palco, uma pista de dança comprida era uma península entre mesas servidas por chineses em trajes sociais. Havia quarenta ou cinqüenta pessoas. Algumas estavam dançando a música tocada por um piano, um violino e uma trompa.

Guild recebeu uma pequena mesa perto de uma janela fechada. Pediu um sanduíche e um café.

A dança terminou e uma mulher com rosto de harpia de meia-idade e um belo corpo coberto de cetim justo cantou uma versão modificada de *Christopher Colombo*. Depois houve outra dança. Então Elsa Fremont chegou ao centro da pista e cantou *Holywood Papa*. Seu vestido verde e decotado fazia destacar o ruivo dos cabelos e valorizava o verde de seus olhos estreitamente lanceolados. Guild fumou, bebericou o café e observou. Aplaudiu com os outros quando ela terminou.

Elsa Fremont veio direto à sua mesa, sorrindo, e disse:

– O que está fazendo aqui? – e sentou-se diante dele.

Ele se sentou de novo.

– Não sabia que você trabalhava aqui.

– Não? – Seu sorriso era alegre, os olhos céticos.

– Não, mas talvez devesse saber. Um homem chamado Lane, que mora perto de Wynant em Hell Bend, o viu entrando neste lugar, no início da noite.

– Deve ter sido lá embaixo. Nós só abrimos aqui à meia-noite.

– Lane não sabia do assassinato, até que chegou em casa hoje, mais tarde. Depois telefonou para o promotor e disse que tinha visto Wynant, e o

promotor me telefonou. Eu pensei em vir, achando que talvez pudesse descobrir alguma coisa.

Franzindo a testa um pouco, ela perguntou:

– E então?

– Bom, encontrei você.

– Mas eu não estava lá embaixo mais cedo. A que horas foi?

– Meia hora antes de ele atirar no seu irmão.

–Veja bem – triunfante –, você sabe que eu estava em casa, falando com você.

– Disso eu sei.

V

Às dez da manhã seguinte, Guild foi para o Seaman's National Bank, até uma mesa onde estava escrito: SR. COLER, TESOUREIRO-ASSISTENTE. O homem louro e bronzeado que estava sentado ali cumprimentou Guild, alegre.

Guild sentou-se e disse:

– Viu os jornais hoje de manhã, imagino.

– Sim. Graças a Deus pelo seguro.

– Nós devemos pegá-lo a tempo de conseguir uma parte de volta. Eu gostaria de dar uma olhada na conta dele e nos cheques cancelados que possam existir.

– Claro. – Coler se levantou da mesa e se afastou. Ao voltar estava trazendo um fino maço de cheques numa das mãos e uma folha datilografada na outra. Sentando-se, olhou para a folha e disse: – Foi isso que aconteceu: no dia 2 deste mês, Wynant depositou aquele cheque de dez mil dólares...

– Trouxe pessoalmente?

– Não. Ele sempre mandava os depósitos pelo correio. Era um cheque emitido pela Modern Publishing Company, da Madison Trust Company de Nova York. Ele tinha um saldo de U$ 1.100,55: O cheque fez aumentar para onze mil e poucos. No dia 5, um cheque – ele pegou um no maço fino – de nove mil dólares, nominal a Laura Porter, veio pela compensação. – Coler olhou o cheque. – Datado do dia 3, um dia depois do depósito. – Ele virou o cheque. – Foi depositado na Golden Gate Trust Company. – Em seguida passou-o por sobre a mesa para Guild. – Bom, isso o deixou com um saldo

de U$ 2.162,55. Ontem recebemos um telegrama dizendo que o cheque de Nova York tinha sido aumentado de mil para dez mil.

– Vocês deixam os clientes sacarem a partir de cheques de fora da cidade assim, antes de ter tempo de compensar?

Coler ergueu as sobrancelhas.

– Contas antigas e com a importância da do sr. Wynant, sim.

– Agora a importância é ainda maior. O que são estes outros cheques?

Coler os examinou. Seus olhos se animaram. Disse:

– São mais dois para Laura Porter: U$ 1.750. O resto parecem ser simplesmente salários e gastos domésticos. – Ele os passou para Guild.

Guild examinou os cheques lentamente, um a um. Depois disse:

– Veja se consegue descobrir há quanto tempo isso vem acontecendo, e quanto foi o total.

Coler se levantou e saiu. Ficou longe durante uma hora. Quando voltou, disse:

– Pelo que posso saber, ela vem recebendo cheques pelo menos há vários meses e vem retirando praticamente tudo que ele deposita, não sobrando muito mais do que o bastante para cobrir as despesas comuns.

– Obrigado – disse Guild em voz baixa, através da fumaça de cigarro.

Do Seaman's National Bank, Guild foi à Golden Gate Trust Company, na Montgomery Street. Uma garota parou de datilografar para levar seu cartão à sala do tesoureiro e depois guiou-o até lá. Ali Guild apertou a mão de um homem rotundo e de cabelos brancos que disse:

– É um prazer vê-lo, sr. Guild. Qual de nós, criminosos, o senhor está procurando agora?

– Não sei se estou procurando algum desta vez. O senhor tem uma cliente chamada Laura Porter. Gostaria de saber o endereço dela.

O sorriso do tesoureiro se congelou.

– Ora, ora, eu estou sempre disposto a fazer todo o possível para ajudá-lo, mas...

– Ela pode ter algo a ver com um desfalque de oito mil do Seaman's National.

A curiosidade tirou um pouco da rigidez do sorriso do tesoureiro.

– Não sei se ela teve um dedo nisso – disse Guild –, mas estou aqui porque acho que ela pode ter. Só quero o endereço, agora, e não vou querer mais nada até ter certeza.

O tesoureiro apertou os lábios, franziu a testa, pigarreou, finalmente disse:

– Bom, eu lhe dou se você entender que é...

– Estritamente confidencial. Exatamente como a informação de que o Seaman's foi roubado.

Cinco minutos depois estava saindo da Golden Gate Trust Company levando, num bolso, um pedaço de papel onde estava escrito *Laura Porter, Leavenworth, 1.157*.

Pegou um bonde e subiu a California Street. Quando o bonde passou pelo Condomínio Cathedral, levantou-se de súbito e saltou na esquina seguinte, voltando até o prédio.

Na portaria disse:

– Srta. Helen Robier.

O homem do outro lado do balcão balançou a cabeça.

– Não temos ninguém com esse nome, a não ser que ela esteja visitando alguém.

– Poderia dizer se ela já morou aqui, digamos... há uns cinco meses?

– Vou tentar. – Ele foi para trás e falou com outro homem. O outro veio até Guild e falou:

– Sim, a sra. Robier morou aqui, mas morreu.

– Morreu?

– Foi morta num acidente de automóvel no dia 4 de julho.

Guild apertou os lábios.

– Um tal de MacWilliams mora aqui?

– Não.

– Já morou?

– Não creio. Vou olhar. – Quando ele voltou, foi positivo: – Não.

Do lado de fora do Cathedral, Guild olhou o seu relógio. Eram quinze para o meio-dia. Foi até o seu hotel. Boyer se levantou de uma poltrona no saguão e veio encontrá-lo, dizendo:

– Bom dia. Como está? Alguma novidade?

Guild deu de ombros.

– Algumas coisas podem significar alguma coisa. Vamos conversar almoçando. – Ele se virou ao lado do promotor e o guiou até o restaurante do hotel.

Quando estavam sentados e tinham feito os pedidos, ele contou a Boyer

sobre a conversa com os Fremont, o tiro que os interrompeu e a busca por Wynant, que resultou em encontrarem o carro dele; sobre a conversa com Chris – "Christopher Maxim", disse ele, "crítico literário do *Dispatch*"; sobre a visita ao Manchu e o encontro com Elsa Fremont; e sobre suas visitas naquela manhã aos dois bancos e ao prédio de apartamentos. Falou rapidamente, desperdiçando poucas palavras, sem deixar de lado qualquer ponto importante.

– Você acha que Wynant foi àquele restaurante chinês, sabendo que a garota trabalhava lá, para descobrir onde ela e o irmão moravam? – perguntou Boyer quando Guild finalmente terminou.

– Não se ele esteve na casa de Fremont, causando o maior tumulto há duas semanas.

O rosto de Boyer ficou ruborizado.

– Isso mesmo. Bom, você...

– Diga o que andou acontecendo do seu lado – pediu Guild – e talvez nós possamos fazer as suposições juntos. Espere até esse garçom sair do caminho.

Quando a comida tinha sido posta diante deles e os dois ficaram de novo a sós, o promotor disse:

– Eu lhe contei que Lane viu Wynant indo ao tal restaurante chinês.

– Sim. E quanto às impressões digitais? – perguntou Guild, e pôs um pouco de comida na boca.

– Mandei examinar a casa toda e pegamos impressões de todas as pessoas que sabíamos que estiveram lá, mas as comparações não tinham sido feitas quando saí hoje de manhã.

– Você não esqueceu as da garota morta?

– Ah, não. E você esteve lá: pode nos mandar as suas.

– Certo, se bem que eu fiz questão de não tocar em nada. Algum informe resultante do alerta geral?

– Nenhum.

– De qualquer modo, nós sabemos que ele veio a San Francisco. E quanto às circulares?

– Estão sendo impressas agora: foto, descrição, amostras de escrita. Vamos fazer mais um lote quando tivermos as digitais; eu queria conseguir alguma coisa rapidamente.

– Ótimo. Eu pedi à polícia daqui para tirar algumas impressões do carro.

Algum outro acontecimento?

– É só isso.

– Não conseguiu nada nos papéis dele?

– Nada. Afora o que pareciam ser anotações de trabalho, não havia muitos papéis. Você mesmo pode olhá-los quando for lá em cima.

Guild, comendo, assentiu como se estivesse totalmente satisfeito.

– A primeira coisa hoje à tarde é irmos dar uma olhada na srta. Porter – disse ele – e talvez alguma coisa resulte disso.

– Você acha que ela o estava chantageando?

– Pessoas chantageiam pessoas – admitiu Guild.

– Só estou falando aleatoriamente – disse o promotor um tanto sem graça –, deixando sair qualquer coisa que me venha à cabeça.

– Continue assim – disse Guild encorajando-o.

– Você acha que ela pode ser uma filha que ele teve com a tal esposa atriz em Paris?

– Podemos tentar descobrir o que aconteceu com ela e os filhos. Talvez Columbia Forrest fosse filha dele.

– Mas você sabe qual era a situação lá em cima – protestou Boyer. – Isso seria incesto.

– Já aconteceu antes. É por isso que temos um nome para isso.

Guild apertou o botão ao lado do nome de Laura Porter no vestíbulo de um pequeno prédio de apartamentos na Leavenworth Street, 1.157. Boyer estava ao seu lado, respirando pesadamente. Não houve resposta. Não houve resposta na segunda e na terceira vez em que apertou o botão, mas quando tocou no da zeladora a tranca da porta zumbiu.

Eles abriram a porta e entraram num saguão escuro. Uma porta logo à frente se abriu e uma mulher disse:

– Sim? O que é? – Ela era pequena e de feições afiladas, grisalha, com nariz adunco e olhos brilhantes.

Guild avançou até ela dizendo:

– Nós queríamos ver a srta. Laura Porter, do 310, mas ela não atende à campainha.

– Acho que ela não está – respondeu a mulher grisalha. – A srta. Porter não fica muito em casa. Quer deixar um recado?

– Quando ela deve estar de volta?

– Não sei, disso eu tenho certeza.

– Sabe quando ela saiu?

– Não, senhor. Algumas vezes eu vejo os moradores quando entram e saem, e algumas vezes não vejo, e a srta. Porter vejo menos do que qualquer outro.

– Ah, ela não fica aqui na maior parte do tempo?

– Não sei, moço. Desde que paguem o aluguel e não façam muito barulho, eu não incomodo eles.

– Eles? Ela mora com alguém?

– Não. Estou falando deles, todos os moradores daqui.

Guild se virou para o promotor.

– Aqui. Um dos seus cartões.

Boyer procurou os cartões, achou um e entregou a Guild, que deu à mulher.

– Queremos algumas informações sobre ela – disse o homem moreno em voz baixa, confidencial, enquanto forçava a vista para o cartão à luz fraca. – Pelo que sabemos, está tudo bem com ela, mas...

Os olhos da mulher, quando ela os ergueu, estavam arregalados e inquisitivos.

– O que é? – perguntou.

Guild se inclinou para ela, procurando causar impressão.

– Há quanto tempo ela mora aqui? – perguntou num sussurro teatral.

– Quase seis meses. São seis meses.

– Ela recebe muitas visitas?

– Não sei. Não lembro de ter visto alguma, mas não presto muita atenção, e quando vejo pessoas entrando aqui não sei para que apartamento estão indo.

Guild se empertigou, estendeu a mão esquerda e apertou um interruptor, iluminando o saguão. Pôs a mão no bolso interno do paletó e pegou fotos de Wynant e da secretária morta. Deu-as à mulher.

– Já viu alguma dessas pessoas?

Ela olhou a foto do homem e balançou a cabeça.

– Não – disse –, e esse não é um homem que eu esqueceria se tivesse visto. – Em seguida olhou a foto de Columbia Forrest. – Esta! – exclamou. – Esta *é* a srta. Porter!

VI

Boyer olhou para Guild, arregalado.

O homem moreno, depois de uma pequena pausa, falou com a mulher:

– Esta é Columbia Forrest, a garota que foi morta ontem em Hell Bend.

Os olhos da mulher ficaram tão arregalados quanto os do promotor.

– Bom! – exclamou ela, olhando de novo para a fotografia. – Eu nunca pensaria que ela era uma ladra. Bom, ela era uma coisinha tão agradável, de aparência suave...

– Uma ladra? – perguntou Boyer, incrédulo.

– Ora, sim. – A mulher ergueu os olhos da fotografia. – Pelo menos é o que o jornal está dizendo, que ela foi...

– Que jornal?

– O da tarde. – Seu rosto ficou animado, ansioso. – Os senhores não viram?

– Não. A senhora tem...

– Sim. Vou mostrar. – Ela se virou rapidamente e passou pela porta aberta.

Guid, franzindo os lábios um pouco e levantando as sobrancelhas, olhou para Boyer.

O promotor sussurrou alto:

– Ela não o estava chantageando? Ela estava roubando dele?

Guild balançou a cabeça.

– Ainda não sabemos nada.

A mulher voltou em seguida, trazendo um jornal. Virou-o e empurrou contra a mão de Guild, inclinando-se sobre o papel, batendo nele com o indicador.

– Aí está. – Sua voz estava metálica de excitação. – Aí está. Leia isso.

Boyer rodeou até o outro lado do homem moreno, onde ficou parado, quase pendurado em seu braço, esticando-se para ver melhor o jornal.

Os dois leram:

SECRETÁRIA ASSASSINADA

ERA CONHECIDA DA POLÍCIA DE NOVA YORK

NOVA YORK, 8 de setembro (A.P.) – Columbia Forrest, por cujo assassinato ontem em Hell Bend, Califórnia, a polícia está procurando Walter Irving Wynant, famoso cientista, filósofo e escritor, foi condenada por roubar em lojas na cidade de Nova York há três anos, segundo o ex-magistrado Erle Gardner.

O ex-magistrado Gardner declarou que a jovem admitiu ser culpada numa acusação feita contra

ela por duas lojas de departamentos e recebeu dele uma sentença de seis meses, mas a sentença foi cancelada devido à intervenção de Walter Irving Wynant, que se ofereceu para reembolsar as lojas e dar a ela um emprego de secretária. A jovem tinha sido datilógrafa, empregada numa firma de corretores de Wall Street.

Boyer começou a falar, mas Guild o interrompeu dirigindo-se energicamente à mulher:

– Isso é interessante. Muito obrigado. Agora nós gostaríamos de olhar o quarto dela.

A mulher, falando com total animação, levou-os para cima e destrancou a porta do apartamento 310. Entrou na frente deles, mas o homem moreno, segurando a porta do corredor, foi incisivo:

– Falaremos com a senhora de novo antes de irmos embora.

Ela saiu com relutância e Guild fechou a porta.

– Agora estamos chegando a algum lugar – disse Boyer.

– Talvez estejamos.

Palavras saíram com rapidez da boca do promotor:

– Você acha que ela cuidava dos detalhes da movimentação bancária dele e forjou aqueles cheques para Laura Porter e alterou a contabilidade para encobri-los? As chances são de que ele não gastasse muito e achasse que tinha um saldo grande. Então, quando ela tinha praticamente limpado a conta dele, sacou o último cheque e ia fugir?

– Talvez, mas... – Guild olhou pensativo para os pés do promotor.

– Mas o quê?

Guild levantou os olhos.

– Por que ela não fugiu enquanto estava longe, em vez de voltar para lá no carro de outro homem para dizer a ele que ia se casar com o outro homem?

Boyer tinha uma resposta pronta:

– Os ladrões são estranhos, e as mulheres são estranhas, e quando você tem uma mulher ladra não dá para dizer o que fará ou por quê. Ela pode ter tido uma discussão com ele e talvez quisesse jogar em sua cara que estava indo embora. Pode ter esquecido alguma coisa lá. Pode ter tido a idéia de afastar as suspeitas da conta bancária fazendo malabarismos durante um tempo. Pode ter tido vários motivos, não precisam ser motivos sensatos. Pode...

Guild sorriu educadamente.

– Vejamos o que esse lugar nos diz.

Numa mesa da sala de estar encontraram uma chave de latão que abria a porta do corredor. Nada mais que encontraram em qualquer lugar, a não ser no banheiro, pareceu interessá-los. No banheiro, sobre uma mesa, acharam uma navalha obviamente nova, com a lâmina apresentando marcas recentes de ferrugem, um tubo aberto de creme de barbear, do qual muito pouco fora espremido, um pincel de barba novo que fora usado e não fora lavado e uma tesoura. Pendurado na borda da banheira ao lado da mesa havia uma toalha de rosto onde manchas de espuma tinham secado.

Guild soprou fumaça de cigarro sobre essas coisas e disse:

– Parece que o nosso homem magro veio aqui se livrar das costeletas.

Boyer, franzindo a testa em perplexidade, perguntou:

– Mas como ele saberia?

– Talvez tenha arrancado a informação dela antes de matá-la, e tenha entrado com a chave que estava sobre a mesa, a chave dela. – Guild apontou o cigarro para a tesoura. – A tesoura faz com que pareça que tenha sido ele e não... bem... Fremont, por exemplo. Ele precisaria da tesoura para as costeletas, e as coisas são novas, como se ele tivesse comprado no caminho para cá. – Guild se curvou para examinar a mesa, o interior da banheira, o chão. – Se bem que não estou vendo nenhum pêlo.

– O que significa, então? O fato de ele ter vindo aqui – perguntou ansioso o promotor.

O homem moreno sorriu um pouco.

– Alguma coisa, talvez. – E se levantou depois de ter examinado o chão. – Ele poderia ter sido cuidadoso para não deixar cair nenhum pêlo das costeletas quando as cortou, ainda que Deus saiba por que tentaria fazer isso. – Guild olhou pensativo para os instrumentos de barbear, sobre a mesa. – Nós deveríamos falar mais com o namorado dela.

No andar de baixo encontraram a zeladora esperando no saguão. Ela ficou na frente deles com um sorriso luminoso para instigar a conversa.

– Muito obrigado – disse Guild. – O aluguel dela está pago até quando?

– Até o dia 15 deste mês.

– Então não custará nada à senhora não deixar que ninguém entre lá até essa data. Não deixe, e se alguém entrar, não toque em nada. Alguns policiais virão aqui. Tem certeza de que não viu um homem lá em cima no início da noite passada?

– Sim, senhor, tenho certeza de que não vi ninguém entrar ou sair, mas Deus sabe que alguém poderia fazer isso sem mim, se tivesse uma chave...

– Quantas chaves ela possuía?

– Eu só dei uma, mas ela podia ter mandado fazer quantas quisesse, e provavelmente fez chaves suficientes se... O que ela fez, moço?

– Não sei. Ela recebia muita correspondência?

– Bom, não tantas, e a maioria parecia anúncios e coisas assim.

– Lembra-se de onde era alguma delas?

O rosto da mulher ficou vermelho.

– Isso não. Eu não olho a correspondência do meu pessoal assim. Eu sempre cuidei só da minha vida, desde que eles paguem o aluguel e não façam muito barulho que as outras pessoas...

– Tudo bem – disse Guild. – Muito obrigado. – Ele lhe entregou um dos seus cartões. – Eu provavelmente voltarei, mas se acontecer alguma coisa, qualquer coisa que pareça ter a ver com ela, poderia me telefonar? Se eu não estiver, deixe o recado.

– Sim, senhor, certamente farei isso. Há algu...?

– Muito obrigado – disse Guild mais uma vez, e saiu junto com o promotor.

Estavam sentados no automóvel do promotor quando Boyer perguntou:

– Por que você acha que Wynant deixou a chave lá, se era dela e ele a usou?

– Por que não? Ele só foi lá para se barbear, e talvez fazer uma busca. Ele não iria se arriscar a ir lá de novo, e deixá-la ali era mais fácil do que jogar fora.

Boyer assentiu dubiamente e pôs o automóvel em movimento. Guild o orientou para ir às vizinhanças da Golden Gate Trust Company, onde estacionaram o automóvel. Depois de alguns minutos de espera, foram levados à sala do tesoureiro de cabelos brancos.

Ele se levantou da mesa quando os dois entraram. Nem seu sorriso nem seu estrepitoso “O senhor está me seguindo como uma sombra!” escondia a curiosidade inquieta.

– Sr. Bliss, este é o sr. Boyer, promotor do condado de Whitfield – disse Guild.

Boyer e Bliss se apertaram as mãos. O tesoureiro fez um gesto para que os visitantes se sentassem.

– A nossa Laura Porter é a Columbia Forrest que foi assassinada ontem em Hell Bend.

O rosto de Bliss ficou vermelho. Havia algo próximo da indignação na voz com que ele disse:

– Isso é absurdo, Guild.

O sorriso do homem moreno estava apertado de malícia.

– Quer dizer que assim que alguém se torna seu correntista ele tem a garantia de uma vida longa e feliz?

O tesoureiro sorriu.

– Não, mas... – ele parou de sorrir. – Ela teve alguma participação no roubo do Seaman's National?

– Sim – respondeu Guild, e acrescentou, ainda com malícia sorridente: –, a não ser que o senhor tenha certeza de que nenhum dos seus clientes possa tocar nos centavos de outra pessoa.

Sem prestar atenção à última parte da fala de Guild, o tesoureiro se retorceu na cadeira e olhou inquieto para a porta.

O homem moreno falou:

– Nós gostaríamos de ter uma transcrição da conta dela, e eu gostaria de mandar um grafotécnico para examinar os cheques, mas agora estamos com pressa. Gostaríamos de saber quando ela abriu a conta, que referências deu e qual é o saldo.

Bliss apertou um dos botões em sua mesa, mas, antes que alguém viesse à sala, ele se levantou com um murmúrio:

– Com licença. – E saiu.

Guild sorriu em seguida.

– Ele vai estar cinco quilos mais magro antes de saber se foi trapaceado ou não, e dez se descobrir que foi.

Quando voltou, o tesoureiro fechou a porta, encostou-se nela e falou como se tivesse ensaiado as palavras:

– A conta da srta. Porter está com saldo de 38 dólares e cinqüenta centavos. Ela retirou doze mil dólares em dinheiro vivo ontem de manhã.

– Ela própria?

– Sim.

Guild se dirigiu a Boyer:

– Na saída vamos mostrar a foto dela ao caixa, só para ter certeza. – Em seguida virou-se de novo para o tesoureiro: – E quanto à data da abertura e

as referências que ela deu?

O homem de cabelos brancos consultou um cartão que estava segurando.

– Ela abriu a conta no dia 8 de novembro do ano passado. As referências que deu foram Francis X. Kearny, proprietário do restaurante Manchu, da Grant Avenue, e Walter Irving Wynant.

VII

– O Manchu fica a apenas seis quarteirões daqui – disse Guild a Boyer quando saíram da Golden Gate Trust Company. – Poderíamos dar uma passada e ver o que descobrimos com Francis Xavier Kearny.

– Você o conhece?

– Não, a não ser de reputação. Ele tem fortes ligações com a polícia e parece que é durão.

O promotor assentiu. Em seguida mordeu os lábios em silêncio, franzindo a testa, até chegarem ao automóvel. Depois disse:

– O que ficamos sabendo hoje parece juntar ele, ela, os Fremont e Wynant numa coisa só.

– Sim, parece.

– Ou você acha que ela pode ter dado o nome de Wynant porque sabia, sendo secretária dele, que poderia pegar a carta do banco pedindo informações e respondê-la sem que ele soubesse?

– Parece bastante razoável, mas há a visita de Wynant ao Manchu ontem.

A testa do promotor se franziu mais ainda.

– O que você acha que Wynant queria, se estava junto com eles?

– Não sei. Sei que alguém está com os doze mil que ela sacou ontem. Eu sei que quero seis desses doze para o Seaman’s National. Vire à esquerda na próxima esquina.

Entraram juntos no restaurante Manchu. Um sorridente garçom chinês disse que o sr. Kearny não estava, que só viria às nove da noite. Eles não puderam saber onde ele poderia ser achado antes das nove. Saíram do restaurante e entraram de novo no automóvel de Boyer.

– Guerrero Street – disse Guild –, mas vamos parar primeiro numa cabine telefônica, quero ligar para a polícia falando do apartamento na Leavenworth Street e para o escritório, para pegarem os cheques cancelados

dos dois bancos, de modo a sabermos se algum é falsificado. – Ele pôs as mãos em concha em volta do cigarro que estava acendendo. – Aqui está bem. Pare.

O promotor parou o automóvel perto da Mark Hopkins.

Guild, saltou, falando:

– Vai ser rápido. – E entrou. Quando saiu dez minutos depois seu rosto estava pensativo. – A polícia não encontrou nenhuma impressão no carro de Wynant. Por que será?

– Ele poderia ter se dado ao trabalho de...

– É – concordou o homem moreno –, mas estou me perguntando por que fez isso. Bom, para a Guerrero Street. Se Fremont não tiver voltado de Hell Bend, veremos o que podemos descobrir com a garota. Ela deve saber onde Kearny fica durante o dia.

Uma empregada filipina abriu a porta dos Fremont.

– O sr. Charles Fremont está? – perguntou Guild.

– Não, senhor.

– A srta. Fremont?

– Vou ver se já levantou.

A empregada levou-os até a sala e subiu.

Guild apontou para o vidro quebrado na janela.

– Foi dali que o tiro foi disparado. – E apontou para o buraco na parede verde. – Foi ali que acertou. – Em seguida pegou no bolso do colete uma bala deflagrada e mostrou a Boyer. – Esta.

O rosto de Boyer havia se animado. Ele se aproximou de Guild e começou a falar numa voz baixa, empolgada.

– Você acha que poderiam estar todos no mesmo jogo e Wynant descobriu que a secretária o estava trapaceando além de se preparar para ir embora com...

Guild sacudiu o dedo para a porta do corredor.

– Sh-h-h.

Passos leves desceram a escada e Elsa Fremont entrou na sala, usando um roupão *haori* azul estampado sobre o pijama de seda verde-claro.

– Bom dia – falou, estendendo a mão para Guild. – Pelo menos para mim é. – E usou a outra mão para cobrir parcialmente um bocejo. – Nós só fechamos a boate quase às oito da manhã.

Guild apresentou o promotor e depois perguntou:

– Seu irmão foi a Hell Bend?

– Sim. Ele estava saindo quando eu cheguei em casa. – Ela se deixou cair no sofá com um pé debaixo do corpo. Estava sem meias, com sandálias azuis bordadas. – Sentem-se.

O promotor sentou-se numa poltrona diante dela. O homem moreno foi até o sofá e se acomodou ao lado.

– Acabamos de chegar do Manchu – disse ele.

Os olhos lanceolados da jovem se estreitaram um pouco.

– Almoçaram bem?

Guild sorriu e disse:

– Nós não fomos lá para isso.

– Ah. – Os olhos dela estavam limpos e despreocupados.

– Fomos procurar Frank Kearny – disse Guild.

– E vocês...?

– Se o vimos? Não.

– Não há muita chance de encontrá-lo lá durante o dia – disse ela, descuidada –, mas ele fica lá todas as noites.

– Foi o que disseram. – Guild pegou o maço de cigarros no bolso e estendeu para ela. – Onde você acha que nós poderíamos encontrá-lo agora?

A garota balançou a cabeça enquanto pegava um cigarro.

– Podem me revistar. Ele morava em Sea Cliff, mas não sei para onde se mudou. – Ela se inclinou para a frente enquanto Guild aproximava o isqueiro do cigarro. – Vocês não podem esperar até a noite? – perguntou quando o cigarro começou a se queimar.

Guild ofereceu cigarro ao promotor, que balançou a cabeça e murmurou:

– Não, obrigado.

O homem moreno pôs um entre os lábios e acendeu antes de responder à pergunta da jovem.

– Nós queríamos saber o que ele sabe sobre Columbia Forrest.

– Não creio que Frank a conhecesse – disse tranqüilamente Elsa Fremont.

– Sim, conhecia, pelo menos como Laura Porter.

A surpresa dela pareceu genuína. Elsa se inclinou para Guild.

– Repita isso.

– Columbia Forrest – disse Guild numa voz deliberadamente monótona

– tinha um apartamento na Leavenworth Street, onde era conhecida como Laura Porter, e Frank Kearny a conhecia.

Franzindo a testa, a jovem disse, séria:

– Se você não parecesse saber o que está dizendo, eu não acreditaria.

– Mas acredita?

Ela hesitou, e finalmente disse:

– Bom, conhecendo Frank, eu diria que é possível.

– Você não sabia do apartamento na Leavenworth Street?

Ela balançou a cabeça, encontrando o olhar dele com olhos cândidos.

– Não.

– Sabia que ela usava o nome de Laura Porter?

– Não.

– Nunca ouviu falar de Laura Porter?

– Não.

Guild tragou fumaça e em seguida soltou.

– Acho que acredito – disse em tom casual. – Mas seu irmão devia saber.

Ela franziu a testa olhando para o cigarro em sua mão, para o pé sobre o qual não estava sentada, e depois para o rosto moreno de Guild.

– Você não precisa acreditar em mim – disse devagar –, mas honestamente não creio que ele soubesse.

Guild sorriu educado:

– Posso acreditar em você e achar que está errada.

– Eu gostaria de que pudesse acreditar, e achar que estou certa – disse ela ingenuamente.

Guild movimentou o cigarro num gesto vago.

– O que o seu irmão faz, srta. Fremont? Em que trabalha?

– Agora ele está empresariando dois lutadores, só que um deles não é grande coisa. O outro é Sammy Deep.

Guild assentiu.

– O chinês peso-galo.

– É. Charley acha que ele é um campeão.

– Ele é um bom garoto. Quem é o outro?

– Um trapalhão chamado Terry Moore. Se você freqüenta lutas, certamente já o viu ser nocauteado.

Boyer falou pela primeira vez desde que tinha recusado o cigarro:

– Srta. Fremont, onde a senhorita nasceu?

– Aqui mesmo em San Francisco, lá na Pacific Avenue.

Boyer pareceu desapontado. Perguntou:

– E o seu irmão?

– Aqui em San Francisco também.

O desapontamento se aprofundou no rosto jovem do promotor, e havia pouca esperança em sua voz quando perguntou:

– Sua mãe também era atriz, cantora?

A garota balançou a cabeça com ênfase.

– Era professora. Por quê?

A explicação de Boyer foi dada mais diretamente a Guild.

– Eu estava pensando no casamento de Wynant em Paris.

O homem moreno assentiu.

– Fremont é velho demais. Só é dez ou doze anos mais novo do que Wynant. – Em seguida deu um sorriso sincero. – Quer outra idéia para brincar? Fremont e a garota morta têm as mesmas iniciais: C. F.

Elsa Fremont gargalhou.

– Mais do que isso, eles faziam aniversário no mesmo dia, 27 de maio, apesar de Charley ser mais velho, claro.

Guild deu um sorriso descuidado diante dessa informação, enquanto os olhos do promotor ficavam perturbados.

O homem moreno olhou para o relógio.

– O seu irmão disse quanto tempo ia ficar em Hell Bend?

– Não.

Guild falou a Boyer:

– Por que não telefona para ver se ele está lá? Se estiver, peça que nos espere. Se tiver saído, esperamos por ele aqui.

O promotor se levantou da poltrona, mas antes que pudesse falar a garota estava perguntando ansiosa:

– Há algum motivo especial para vocês quererem ver Charley? Alguma coisa que eu possa contar?

– Você disse que não sabia – disse Guild. – É sobre Laura Porter que queremos descobrir.

– Ah! – Parte da ansiedade dela desapareceu.

– Seu irmão conhece Frank Kearny, não conhece? – perguntou Guild.

– Ah, sim. Foi assim que eu acabei trabalhando lá.

– Há um telefone que possamos usar?

– Certamente. – Ela se levantou e dizendo “Aqui atrás” abriu uma porta para uma sala adjacente. Quando o promotor havia passado ela fechou a porta e voltou ao lugar no sofá, junto de Guild. – Vocês ficaram sabendo de mais alguma coisa? Alguma coisa além de ela ser conhecida como Laura Porter e ter o apartamento?

– Algumas coisinhas, mas é cedo demais para dizer o que podem acrescentar. Eu não perguntei a você se Kearny e Wynant se conheciam, perguntei?

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro.

– Se se conheciam, eu não sei. Não sei. Estou dizendo a verdade, sr. Guild.

– Certo, mas Wynant foi visto entrando no Manchu.

– Eu sei, mas... – Ela terminou a frase com uma sacudida dos ombros. Aproximou-se de Guild no sofá. – Você não acha que Charley fez alguma coisa que não devia ter feito, acha?

O rosto de Guild estava plácido.

– Eu não mentiria. Acho que todo mundo ligado ao caso fez coisas que não deveria ter feito.

Ela fez uma careta impaciente.

– Acho que você só está tentando confundir as coisas para facilitar o seu trabalho, de modo a parecer que está fazendo alguma coisa mesmo que não encontre Wynant. Por que não o encontra? – A voz dela estava subindo de volume. – É isso que deveria fazer. Por que não o encontra em vez de tentar criar confusão para todo mundo? Ele é o único que fez alguma coisa. Ele a matou e tentou matar Charley, e é ele que você quer; não Charley, não eu, não Frank. É Wynant que você quer.

Guild deu um riso indulgente.

– Você faz com que pareça tremendamente simples. Gostaria que estivesse certa.

A indignação da jovem desapareceu. Ela pôs uma das mãos sobre a dele. Seus olhos tinham um brilho amedrontado.

– Não há mais nada, há? Alguma coisa que nós não sabemos?

Guild deu um tapinha nas costas da mão dela.

– Há – garantiu em tom agradável. – Há muita coisa que nenhum de nós sabe, e o que sabemos não faz sentido.

– Então...

O promotor abriu a porta e parou na passagem. Estava pálido e suando.

– Fremont não está lá – disse em voz inexpressiva. – Ele não chegou lá em cima.

– Meu Deus – disse Elsa Fremont baixinho.

VIII

A noite ia baixando entre as montanhas quando Guild e Boyer chegaram a Hell Bend. O promotor levou o carro para o povoado, dizendo:

– Vamos até a casa do Ray. Podemos voltar para a de Wynant mais tarde, se você quiser.

– Certo, a não ser que Fremont possa estar lá.

– Não estará, se veio para ver o corpo. Ela está na funerária de Schumach.

– O inquérito judicial é amanhã?

– Sim, a não ser que haja algum motivo para adiar.

– Nenhum, que eu saiba. – Guild olhou de lado para Boyer. – Você pode garantir que o mínimo possível seja revelado no inquérito?

– Ah, sim!

Agora estavam em Hell Bend, passando entre chalés espaçados irregularmente, na direção de luzes que brilhavam ao longo da ferrovia, mas antes de chegarem lá viraram à esquerda e pararam diante de uma pequena casa quadrada onde havia luzes fracas atrás de venezianas amarelas.

Callaghan, o ossudo subdelegado, abriu a porta para eles.

– Olá, Bruce – disse ao promotor e assentiu educadamente, ainda que sem calor, para Guild.

Os dois entraram numa casa com mobília barata, onde três homens estavam sentados em volta de uma mesa jogando *stud poker* e um enorme pastor alemão permanecia atento num canto. Boyer falou com os três homens e apresentou Guild enquanto o subdelegado sentava-se à mesa e pegava suas cartas.

Um dos homens – magro, curvado, velho, de cabelos e bigode brancos – era pai de Callaghan. O outro – atarracado, de testa larga sobre olhos claros e separados, bronzeado e quase tão moreno quanto Guild – era Ross Lane. O terceiro – pequeno, pálido, dolorosamente arrumado – era Schumach, o agente funerário.

Depois das apresentações Boyer virou-se para Callaghan.

– Tem certeza de que Fremont não veio?

O delegado respondeu sem erguer os olhos das cartas:

– Ele não apareceu na casa de Wynant. King esteve lá o dia inteiro. E também não apareceu no Ben, para vê-la. Onde mais ele iria, se viesse aqui? – Callaghan empurrou uma ficha sobre a mesa. – Eu passo. – Estava com dois reis na mão.

Schumach pegou uma ficha e disse:

– Não, senhor, ele não apareceu para olhar o corpo de delito.

Lane pousou suas cartas viradas para baixo sobre a mesa. O pai de Callaghan colocou uma ficha e pegou o resto do baralho.

Seu filho disse:

– Três cartas. – E depois para Boyer: – Você pode telefonar para o King, se quiser. – Ele moveu a cabeça indicando o telefone junto da porta.

Boyer olhou interrogativamente para Guild, que disse:

– Seria bom.

Guild fez uma pergunta a Lane enquanto os outros três homens faziam suas apostas e Boyer estava usando o telefone.

– Foi você que viu Wynant entrando no Manchu?

– Sim. – A voz de Lane era grave e baixa.

– Havia alguém com ele?

– Não – disse Lane com certeza, depois hesitou, pensativa, e acrescentou: – A não ser que tenha entrado antes dele. Não creio, mas é possível. Ele estava entrando quando eu vi, e pode ter acontecido de ele parar para fechar a porta do carro ou pegar a chave, ou alguma outra coisa, e a pessoa que estaria com ele pode ter entrado antes.

– Você viu o bastante para ter certeza que era ele?

– Eu não poderia me enganar com isso, mesmo tendo visto só de costas. Como minha casa é perto da dele, acho que eu o vi muito mais do que a maioria das pessoas daqui, e afinal de contas, alto e magro, com aqueles ombros altos e aquele passo engraçado, não dá para a gente se enganar. Além disso, o carro dele estava ali.

– Ele tinha cortado as costeletas ou ainda estava com elas?

Lane arregalou os olhos e gargalhou:

– Santo Deus, não sei. Ouvi dizer que ele raspou, mas não pensei nisso. Agora você me pegou. Ele estava de costas para mim, e eu não veria as

costeletas a não ser que estivessem aparecendo dos lados ou que eu me esticasse para olhar. Não lembro de ter visto, mas posso ter visto e não pensado a respeito. Se eu tivesse visto o rosto dele sem elas, certamente teria notado, mas... agora você me pegou, irmão.

– Você o conhece bastante bem?

Lane pegou as cartas que Callaghan lhe entregou e sorriu.

– Bom, não creio que alguém possa dizer que o conhece bem. – Ele espalhou as cartas e ficou olhando-as.

– Você conhecia bem Columbia Forrest?

O rosto do subdelegado começou a ficar vermelho. Ele falou um tanto rispidamente para o agente funerário:

– Vai jogar?

O agente funerário bateu na mesa com os nós dos dedos e disse que não.

Lane tinha um par de seis e um par de quatro. Falou:

– Eu jogo. – Empurrou uma ficha e respondeu à pergunta do homem moreno: – Não sei o que você quer dizer com isso. Eu a conhecia. Ela costumava aparecer às vezes e olhar enquanto eu trabalhava com os cachorros, quando eu os levava ao campo perto da casa deles.

Boyer tinha terminado de telefonar e vindo para perto de Guild. Explicou:

– Ross cria e treina cães para a polícia.

O pai de Callaghan disse:

– Espero que ela não tenha feito com que você começasse a falar sozinho, como fez com Ray. – Sua voz era um gemido nasal.

Seu filho bateu com as cartas na mesa. Estava com o rosto vermelho e inchado. Num tom alto e acusador, começou:

– Acho que é melhor eu ir atrás de...

– Ray! Ray! – Uma mulher magra, de cabelos brancos, vestida com roupas azuis desbotadas tinha vindo do cômodo ao lado. Sua voz tinha um tom de censura.

– Você não devia...

– Bom, então faça com que ele pare de falar dela – disse o subdelegado. – Ela era tão boa quanto qualquer pessoa, e muito melhor do que a maioria que eu conheço. – E olhou carrancudo para a mesa à sua frente.

No silêncio desconfortável que se seguiu, Boyer falou:

– Boa noite, sra. Callaghan. Como vai?

– Bem. Como está Lucy?

– Ela está sempre bem, obrigado. Este é o sr. Guild, sra. Callaghan.

Guild a cumprimentou com a cabeça, murmurando alguma coisa educada. A mulher inclinou a cabeça para ele e deu um passo atrás.

– Se vocês não conseguem jogar cartas sem brigar, eu gostaria que parassem – disse ao filho e ao marido enquanto se retirava.

Boyd se dirigiu a Guild.

– King, o subdelegado que está na casa de Wynant, disse que não viu Fremont o dia inteiro.

Guild olhou para o relógio.

– Ele teve onze horas para chegar – disse, e deu um sorriso agradável. – Ou onze horas de dianteira se foi em outra direção.

O agente funerário se inclinou sobre a mesa.

– Você acha...?

– Não sei – disse Guild. – Não sei de nada. Isso é que é o diabo. Nós não sabemos nada.

– Não há nada para saber – disse o subdelegado, em tom lamuriento. – Só que Wynant estava com ciúme, matou-a e fugiu, e vocês não puderam encontrá-lo.

Guild, olhando inexpressivo para Callaghan, nada disse.

Boyer pigarreou.

– Bom, Ray – começou. – O sr. Guild e eu descobrimos algumas evidências confusas no...

O pai de Callaghan cutucou o filho com o dedo nodoso.

– Você contou a eles sobre aquele garoto do Smoot?

– O que foi? – perguntou Boyer ansioso.

– Não é nada. Só que esse garoto, talvez você conheça, o filho de Pete Smoot, tinha um telegrama para Wynant e levou à casa dele. Chegou lá às duas e cinco. Ele anotou a hora porque ninguém atendeu e ele teve de enfiar o telegrama debaixo da porta.

– Isso foi ontem à tarde? – perguntou Guild.

– Sim – disse o subdelegado, carrancudo. – Bom, o garoto disse que o carro azul, o que você levou para a cidade, estava lá, e Wynant não estava.

– Ele conhecia o carro de Wynant?

Ostensivamente ignorando Guild, o subdelegado falou:

– Ele disse que não havia mais nenhum carro lá, no abrigo ou do lado de

fora. Teria visto se houvesse. Por isso colocou o telegrama debaixo da porta, pegou a bicicleta e voltou para o escritório do telégrafo. Enquanto voltava pela estrada ele disse que viu os Hopkins atravessando o campo. Eles tinham ido ao Hooper's, comprar um terno para Hopkins. O garoto disse que eles não o viram e que estavam longe demais da estrada para que ele gritasse falando do telegrama. – O rosto do subdelegado começou a ficar vermelho de novo. – Então, se isso está certo, e eu acho que está, eles devem ter voltado para a casa por volta das duas e vinte; não antes, de qualquer modo. – Ele pegou as cartas e começou a embaralhar, mesmo tendo distribuído a última mão. – Veja bem, isso... bem... não significou nada, nem ajudou em nada.

Guild tinha terminado de acender um cigarro. Perguntou a Callaghan, antes que Boyer pudesse falar:

– O que você imagina? Ela estava sozinha na casa e não atendeu às batidas do garoto porque estava correndo para fazer as malas antes que Wynant voltasse para casa? Ou porque já estava morta?

Boyer começou num tom de completo espanto:

– Mas os Hopkins disseram...

– Espere – disse Guild. – Deixe Callaghan responder.

Callaghan falou numa voz rouca de raiva:

– Deixe Callaghan responder se quiser, mas por acaso ele não quer, e o que você acha disso? – Ele encarou Guild, furioso. – Eu não tenho nada a ver com você. – E olhou irado para Boyer. – Vocês não têm nada a ver comigo. Eu sou subdelegado e Petersen é o meu chefe. Vão atrás dele. Estão entendendo?

O rosto moreno de Guild ficou impassível. Sua voz soou calma.

– Você não é o primeiro subdelegado que já tentou fazer nome retendo informações. – Ele começou a pôr um cigarro na boca, baixou-o e disse: – Você recebeu a ligação dos Hopkins. Foi o primeiro a chegar ao local do crime, não foi? O que descobriu lá e que não contou a ninguém?

Callaghan se levantou. Lane e o agente funerário se ergueram rapidamente de seus lugares à mesa. Boyer falou:

– Esperem, cavalheiros, não há sentido em nós discutirmos.

Sorrindo, Guild se dirigiu afavelmente ao subdelegado:

– Você não está numa situação boa, Callaghan. Você era caído pela garota. Tinha probabilidade de ter tanto ciúme quanto Wynant quando

soube que ela ia embora com Fremont. Você tem um temperamento meio infantil. Onde você estava às duas horas da tarde de ontem?

Callaghan, rugindo com palavrões ininteligíveis, saltou para cima de Guild.

Lane e o agente funerário pularam entre os dois, lutando com o subdelegado. Lane virou a cabeça para dar um comando para aquietar o cão que estava rosnando no canto. O pai de Callaghan não se levantou, mas se inclinou sobre a mesa gemendo censuras para as costas do filho. A sra. Callaghan entrou e começou a ralhar com o filho.

Boyer falou nervosamente para Guild:

– Acho que é melhor nós irmos.

Guild deu de ombros.

– Tudo bem, mas eu gostaria de saber onde ele passou o início da tarde de ontem. – Em seguida olhou em volta com toda a calma e acompanhou Boyer até a porta da frente.

Do lado de fora, o promotor exclamou:

– Santo Deus! Você não acha que Ray a matou!

– Por que não? – Guild jogou o resto do cigarro no meio da estrada, num longo arco vermelho. – Não sei. Alguém fez isso, e eu vou contar um segredo: que eu me dane se acho que Wynant fez isso.

IX

Hopkins e um homem jovem e alto com bigode ruivo saíram da casa de Wynant quando Boyer parou o automóvel diante dela.

O promotor desceu, dizendo:

– Bom dia, senhores. – Indicando o homem de bigode ruivo, falou a Guild: – Este é o subdelegado King, sr. Guild. O sr. Guild está trabalhando comigo – explicou.

O subdelegado assentiu, olhando o homem moreno de cima a baixo.

– Sim, eu ouvi falar dele. Como vai, sr. Guild?

O cumprimento de Guild incluiu Hopkins e King.

– Nenhum sinal de Fremont ainda? – perguntou Boyer.

– Não.

– A sra. Hopkins ainda está acordada? – perguntou Guild.

– Sim, senhor – disse o marido dela –, está costurando.

Os quatro entraram.

A sra. Hopkins, sentada numa cadeira de balanço e fazendo bainha num lenço de linho cru, começou a se levantar, mas se deixou afundar na cadeira dizendo:

– Como vão?

E Boyer falou:

– Não se levante. Nós pegamos as cadeiras.

Guild não se sentou. Parado junto à porta, acendeu um cigarro enquanto os outros se sentavam. Depois se dirigiu ao casal Hopkins:

– Vocês disseram que foi por volta das três da tarde de ontem que Columbia Forrest voltou da cidade.

– Ah, não, senhor! – A mulher largou a costura sobre os joelhos. – Ou pelo menos nós não quisemos dizer isso. Quisemos dizer que foi por volta das três horas que nós ouvimos os dois, ele, discutindo. Pode perguntar ao sr. Callaghan que horas eram quando eu telefonei para ele e...

– Eu estou perguntando à senhora – disse Guild num tom agradável. – Ela estava aqui quando vocês voltaram do povoado às duas e vinte, depois de comprar o terno?

A mulher olhou nervosamente para ele, através dos óculos.

– Bom, sim, senhor, ela estava, se essa era a hora. Eu achava que era mais cedo, sr. Gould, mas se o senhor diz que a hora era essa, acho que o senhor sabe, mas ela havia acabado de chegar em casa.

– Como sabe disso?

– Ela disse. Ela gritou para o andar de baixo, para saber se éramos nós que estávamos chegando, e disse que tinha acabado de chegar naquele minuto.

– Havia um telegrama debaixo da porta quando vocês chegaram?

Os Hopkins se entreolharam surpresos e balançaram a cabeça.

– Não, não havia – disse o homem.

– Ele estava aqui?

– O sr. Wynant?

– Sim. Ele estava em casa quando vocês chegaram?

– Sim. Eu... eu acho que estava.

– A senhora sabe?

– Bom... – ela olhou para o marido com um apelo –, ele estava aqui quando ouvimos a briga pouco depois, de modo que devia estar...

– Ou será que chegou depois de vocês terem voltado?

– Não. Nós não o vimos entrar.

– Ouviram?

Ela balançou a cabeça com certeza.

– Não, senhor.

– O carro dele estava aí quando vocês voltaram?

A mulher começou a dizer que sim, parou no meio do caminho e olhou com expressão de dúvida para o marido. O rosto redondo dele estava desconfortavelmente confuso.

– Nós... nós não notamos – gaguejou ela.

– Vocês teriam ouvido se ele tivesse chegado de carro enquanto estavam aqui?

– Não sei, sr. Gould. Eu acho... não sei. Se eu estivesse na cozinha com a torneira aberta e Willie, isto é, o sr. Hopkins, não escuta muito bem. Talvez nós...

Guild virou as costas para ela e falou com o promotor:

– Não há sentido na história deles. Se eu fosse você jogaria os dois na cadeia e os acusaria de assassinato.

Boyer ficou boquiaberto. O rosto de Hopkins ficou amarelo. A mulher dele se curvou sobre a costura e começou a chorar. King olhou para o homem moreno como se para alguma curiosidade vista pela primeira vez.

O promotor foi o primeiro a falar.

– Mas... mas por quê?

– Você não acredita neles, não é? – perguntou Guild num tom divertido.

– Não sei. Eu...

– Se fosse eu, faria isso – disse Guild bem-humorado –, mas se você quiser esperar até nós localizarmos Wynant, tudo bem. Eu quero pegar mais amostras da letra de Wynant e da garota. – Ele se virou de novo para os Hopkins e perguntou casualmente: – Quem era Laura Porter?

O nome nada pareceu significar para eles. Hopkins balançou a cabeça atordoado. Sua mulher não parou de chorar.

– Eu não achava que vocês soubessem – disse Guild. – Vamos subir e pegar aquelas amostras, Boyer.

O rosto do promotor, enquanto ele subia a escada com Guild, era um teatro onde a ansiedade representava. Encarava o homem moreno com olhos perturbados, implorantes.

– Eu... eu gostaria de que você me dissesse por que acha que Wynant

não fez isso – falou numa voz chorosa – e por que acha que Ray e os Hopkins estão metidos no caso. – Ele fez um gesto desesperado com as mãos. – O que você realmente pensa, Guild? Realmente suspeita dessas pessoas ou...? – Seu rosto se ruborizou sob o olhar firme, ilegível, do homem moreno, e ele baixou os olhos.

– Eu suspeito de todo mundo – disse Guild numa voz vazia de sentimento. – Onde vocês dois estavam entre duas e três horas da tarde de ontem?

Boyer estremeceu e um olhar de medo surgiu em seu rosto jovem. Em seguida deu um riso sem graça e disse:

– Bom, acho que você está certo. Quero que entenda, Guild, que fico perguntando coisas não porque acho que você esteja na pista errada, mas porque acho que sabe muito mais do que eu sobre esse tipo de coisa.

Às duas horas da manhã, Guild estava em San Francisco. Foi direto ao Manchu.

Elsa Fremont estava cantando quando ele saiu do elevador. Usava um vestido de tafetá – com o corpete justo, saia ampla –, onde havia grandes rosas vermelhas estampadas contra um fundo azul-claro, com dois broches de cristal prendendo uma faixa na cintura. A canção que ela cantava tinha um verso recorrente: “Bum, falsidade, falsidade!”

Quando terminou o segundo ato, foi na direção da mesa de Guild, mas dois homens e uma mulher numa outra mesa a interromperam, e passaram-se dez minutos ou mais antes que ela se juntasse a ele. Seus olhos estavam sombrios, o rosto e a voz nervosos.

– Você encontrou Charley?

Guild, de pé, falou:

– Não. Ele não subiu a Hell Bend.

Ela se sentou retorcendo o lenço amarrado no pulso, mordendo o lábio, franzindo a testa.

O homem moreno sentou-se, perguntando:

– Você achava que ele tinha ido para lá?

Ela levantou a cabeça bruscamente, indignada.

– Eu disse que sim. Você nunca acredita em nada que as pessoas falam?

– Algumas vezes acredito, e estou errado. – Guild bateu com um cigarro sobre a mesa. – Para onde quer que ele tenha ido, está com um carro novo e um dia de dianteira.

Ela pôs as mãos subitamente sobre a mesa, com as palmas para cima num gesto suplicante.

– Mas por que ele iria querer ir para outro lugar?

Guild estava olhando as mãos dela.

– Não sei, mas foi. – Ele curvou a cabeça mais ainda sobre as mãos de Elsa, como se estudasse as linhas. – Frank Kearny está aqui agora? Será que eu posso falar com ele?

Ela emitiu um breve riso gutural.

– Está. – Deixando as mãos paradas como estavam sobre a mesa, virou a cabeça e chamou a atenção de um garçom que passava. – Lee, peça ao Frank para vir aqui. – Ela olhou de novo para o homem moreno, um tanto curiosamente. – Eu falei com ele que você queria vê-lo. Tudo bem?

Ele ainda estava examinando suas palmas.

– Ah, sim, claro – disse bem-humorado. – Isso lhe daria tempo para pensar.

Ela riu de novo e tirou as mãos de cima da mesa.

Um homem se aproximou. Media bem mais de um metro e oitenta, mas a largura de seus ombros o fazia parecer ter menos do que isso. O rosto era largo e chato, os olhos pequenos, os lábios largos e grossos, e quando sorria revelava dentes tortos e separados. Sua idade poderia ser qualquer coisa entre 35 e 45 anos.

– Frank, este é o sr. Guild – disse Elsa Fremont.

Kearny estendeu a mão com cordialidade ensaiada.

– Prazer em conhecê-lo, Guild.

Os dois se cumprimentaram e Kearny sentou-se. A orquestra estava tocando “Love Is Like That” para os dançarinos.

– Você conhece Laura Porter? – perguntou Guild.

O proprietário balançou a cabeça feia.

– Nunca ouvi falar. Elsa me perguntou.

– Conhecia Columbia Forrest?

– Não. Só sei que é a garota que foi apagada lá no condado de Whitfield, e só sei disso pelos jornais e por Elsa.

– Conhecia Wynant?

– Não, e se alguém o viu entrando aqui, só posso dizer que, se um monte de gente que não conheço não viesse aqui, eu não poderia permanecer no negócio.

– Tudo bem – disse Guild em tom agradável –, mas veja bem: quando Columbia Forrest abriu uma conta num banco há sete meses, usando o nome de Laura Porter, você foi uma das referências que ela deu ao banco.

O riso de Kearny não se abalou.

– Pode ser, tudo bem, mas isso não significa que eu a conheço. – Ele estendeu o braço comprido e parou um garçom. – Diga a Sing para lhe dar aquela garrafa e traga mais *ginger ale*. – Em seguida voltou a atenção de novo para Guild. – Olhe, Guild. Eu cuido de um estabelecimento. Suponha que algum sujeito da prefeitura ou da câmara que possa me fazer algum mal, ou algum sujeito que gaste comigo, venha e diga que tem um amigo – ou uma mulher – que está procurando trabalho ou quer abrir algum tipo de conta ou receber um bônus, e pergunte se pode usar meu nome. Bom, que diabo! Isso acontece o tempo todo.

Guild assentiu.

– Claro. Bem, quem pediu a você para dar o ok a Laura Porter?

– Há sete meses? – zombou Kearny. – Há uma tremenda chance de eu lembrar! Talvez eu nem tenha ouvido o nome dela na ocasião.

– Talvez tenha. Tente lembrar.

– Não adianta – insistiu Kearny. – Eu tentei quando Elsa disse pela primeira vez que você queria me ver.

– O outro nome que ela deu foi o de Wynant – disse Guild. – Isso ajuda?

– Não. Eu não o conheço, não conheço ninguém que o conheça.

– Charles Fremont o conhece.

Kearny moveu descuidadamente os ombros largos.

– Eu não sabia disso.

O garçom veio, deu ao proprietário uma garrafa escura, colocou sobre a mesa copos com gelo picado e começou a abrir garrafas de *ginger ale*.

Elsa Fremont falou:

– Eu lhe disse que não achava que Frank soubesse alguma coisa sobre qualquer dessas pessoas.

– Disse – confirmou o homem moreno – e agora ele me disse. – Seu rosto ficou solenemente pensativo. – Fico satisfeito por ele não contradizê-la.

Elsa o encarou enquanto Kearny servia uísque e o garçom servia o *ginger ale* nos copos.

O proprietário, recolocando a tampa na garrafa, perguntou:

– Você acha que esse tal de Wynant ainda está em San Francisco?

Elsa falou numa voz baixa, rouca:

– Eu estou apavorada! Ele tentou atirar em Charley. Onde – ela pôs uma das mãos sobre o pulso do homem moreno –, onde está Charley?

Antes que Guild pudesse responder, Kearny estava dizendo-lhe:

– Poderia ajudar se você cantasse um pouco agora em troca de toda a grana que está ganhando. – Ele a observou andando para a pista de dança e disse a Guild: – A garota está preocupada. Você acha que aconteceu alguma coisa com Charley? Ou será que ele tinha motivos para dar no pé?

– Vocês me perguntam muitas coisas – disse Guild, e bebeu.

O proprietário pegou seu copo.

– As pessoas podem desperdiçar muito tempo – disse em tom reflexivo – quando imaginam que pessoas que não sabem de nada sabem alguma coisa. – Ele inclinou o copo abruptamente, esvaziando a maior parte do conteúdo na garganta, depois pousou o copo e enxugou a boca com as costas da mão. – Você encanou um amigo meu há dois meses: Deep Ying.

– Eu lembro – disse Guild. – Ele era o mais gordo dos três *boo how doy* que tentaram ampliar a guerra de *tongs*[3] para incluir o roubo de um banco japonês.

– Havia provavelmente alguma ligação com um *tong*, armas guardadas lá, ou coisa do tipo.

– Talvez – disse o homem moreno, indiferente, e bebeu de novo.

– O irmão dele está aqui agora.

Parte da indiferença de Guild desapareceu.

– Ele estava no serviço também?

O proprietário gargalhou.

– Não, mas nunca se pode dizer até que ponto os irmãos são ligados, e eu achei que você gostaria de saber.

O homem moreno pareceu pesar cuidadosamente essa afirmação. Em seguida disse:

– Nesse caso talvez você devesse apontá-lo para mim.

– Claro. – Kearny se levantou rindo, ergueu uma das mãos e se sentou.

Elsa Fremont estava cantando *Kitty From Kansas City*.

Um chinês gorducho com rosto redondo, liso e alegre veio por entre as mesas até a deles. Tinha uns quarenta anos, estatura abaixo da média, e

apesar de seu terno cinza ser de boa qualidade, não lhe caía bem. Ele parou junto de Kearny e disse:

– Como vai, Frank?

– Sr. Guild – disse o proprietário –, quero que conheça um amigo, Deep Kee.

– Eu sou seu amigo, pode apostar. – Dando um sorriso largo, o chinês balançou a cabeça vigorosamente para os dois homens.

– Kearny disse que você é irmão de Deep Ying – disse Guild.

– Pode apostar. – Os olhos de Deep Kee brilharam alegres. – Ouvi falar você, sr. Guild. Detetive número um. Você pega meu irmão. Arma algum truque para cima ele. Pode apostar.

Guild assentiu e disse solenemente:

– Não arma nenhum truque para cima ele, não pega ele, pode apostar.

O chinês deu um riso caloroso. Kearny falou:

– Sente-se e tome uma bebida.

Deep Kee sentou-se, rindo para Guild que estava acendendo um cigarro, enquanto o proprietário pegava sua garrafa debaixo da mesa.

Uma mulher na mesa ao lado, atrás de Guild, estava dizendo em tom oratório:

– Eu sempre posso dizer quando estou ficando de pileque porque a pele da minha testa fica tensa, mas isso não adianta nada porque nessa hora eu já estou de pileque demais para me importar se estou de pileque ou não.

Elsa Fremont estava terminando sua música.

Guild perguntou a Deep Kee:

– Você conhece Wynant?

– Por favor, não.

– Um homem magro, alto, tinha costeletas antes de cortar. Matou uma mulher lá em Hell Bend.

O chinês, sorrindo, balançou a cabeça de um lado para o outro.

– Já esteve em Hell Bend?

A cabeça sorridente do chinês continuou a se mover de um lado para o outro.

– Ele é um assassino de alta classe, Guild – disse Kearny. – Não pegaria um serviço no interior.

Deep Kee riu deliciado.

Elsa Fremont veio à mesa e se sentou. Parecia cansada e bebeu sedenta

em seu copo.

O chinês se afastou sorrindo, baixando a cabeça repetidamente, deixando a bebida quase intocada. Olhando-o, Kearny falou para Guild:

– É um bom sujeito para ter a seu favor.

– Pistoleiro de algum *tong*?

– Não sei. Eu o conheço bastante bem, mas não sei disso. Você sabe como eles são.

– Não sei – disse Guild.

Uma discussão havia começado no outro lado da sala. Dois homens estavam de pé, xingando-se por cima da mesa. Kearny se espremeu em volta de sua cadeira para olhá-los por um momento. Depois, grunhindo:

– O que aqueles idiotas acham que são? – Levantou-se e foi até eles.

Elsa Fremont estava olhando pensativa para o copo. Guild observou Kearny indo até a mesa onde os dois homens discutiam, aquietando-os e sentando-se com eles.

A mulher que tinha falado sobre a pele da testa ficando tensa estava agora dizendo no mesmo tom:

– Atriz característica, é a velha desculpa. Ela é exatamente o mesmo tipo de atriz característica que eu era. Está fazendo pontas, quando consegue.

Elsa Fremont, ainda olhando para o copo, sussurrou:

– Eu estou apavorada.

– Com o quê? – perguntou Guild, como se estivesse apenas moderadamente interessado.

– Com Wynant, com o que ele poderia... – Ela ergueu os olhos, sombrios e preocupados. – Ele fez alguma coisa com Charley, sr. Guild?

– Não sei.

Ela pôs o punho apertado sobre a mesa e perguntou furiosa:

– Por que não faz alguma coisa? Por que não encontra Wynant? Por que não encontra Charley? Você não tem sangue, coração, entranhas? Não pode fazer nada além de sentar aqui como um... – Ela se interrompeu com um soluço. A raiva saiu de seu rosto e os dedos que tinham estado apertados se abriram num apelo. – Eu... eu sinto muito. Não queria... Mas, ah, sr. Guild, eu estou tão... – Ela baixou a cabeça e mordeu o lábio inferior.

– Está tudo bem – disse Guild, impassível.

Um homem se levantou bêbado de uma mesa próxima e surgiu atrás da

cadeira de Elsa. Pôs a mão gorda sobre seu ombro e disse:

– Calma, calma, querida. – E falou para Guild: – Você não pode perturbar essa garota assim. Não pode. Devia ter vergonha, um homem do seu tamanho. – Ele se inclinou para a frente espiando o rosto de Guild. – Por Deus, acho que você é mulato. Acho mesmo.

Elsa, tentando se livrar da mão gorda do bêbado, soltou um "Me deixe em paz" para o homem. Guild ficou quieto. O gordo olhou inseguro de um para o outro, até que outro homem, não menos bêbado, murmurando desculpas ininteligíveis, veio e o levou para longe.

Elsa olhou humilde para o homem moreno.

– Vou dizer a Frank que estou indo – falou numa voz baixa e cansada. – Pode me levar em casa?

– Claro.

Os dois se levantaram e foram para a porta. Kearny estava parado junto ao elevador.

– Não estou com vontade de trabalhar esta noite, Frank – disse a jovem. – Vou dormir.

– Certo – concordou ele. – Tome uma bebida quente e uma aspirina. – E estendeu a mão para Guild. – Prazer em conhecê-lo. Apareça quando quiser. Qualquer coisa que eu possa fazer por você, é só dizer. Vai levar a garota em casa? Ótimo! Fique boa.

X

Elsa Fremont era uma figura escura ao lado de Guild num táxi que seguia para o oeste subindo o Nob Hill. Seus olhos brilharam no borrão de luz de um poste. Ela respirou fundo e perguntou:

– Você acha que Charley fugiu, não é?

– É provável, mas talvez esteja em casa quando nós chegarmos.

– Espero que sim – disse ela, séria. – Espero mesmo, mas... estou com medo.

Ele a encarou obliquamente.

– Você já disse isso antes. Quer dizer que está com medo de algo ter acontecido com ele ou de que algo aconteça com você?

Ela estremeceu.

– Não sei. Só estou com medo. – Em seguida pôs uma das mãos em cima da dele, perguntando como se implorasse: – Você não vai pegar

Wynant?

– Sua mão está fria.

Ela puxou a mão. Sua voz não saiu alta: a intensidade a fez soar aguda.

– Você nem ao menos é humano? É sempre assim? Ou isso é uma pose? – Ela recuou para um canto do táxi. – Você é uma porcaria de um cadáver?

– Não sei – disse o homem moreno. Parecia ligeiramente perplexo. – Não sei o que você quer dizer.

Ela não falou de novo, ficou carrancuda no canto até chegarem à sua casa. Guild estava à vontade, fumando até o motorista parar. Depois saiu, dizendo:

– Vou ficar só o tempo de ver se ele está em casa.

A garota atravessou a calçada e destrancou a porta enquanto ele pagava ao chofer. Ela havia entrado deixando a porta aberta quando Guild subiu os degraus da frente. Ele entrou também. Elsa tinha acendido as luzes do andar térreo e estava chamando para o de cima:

– Charley!

Não houve resposta.

Ela emitiu uma exclamação impaciente e correu para cima. Quando desceu de novo, movia-se com desânimo.

– Ele não está. Ele não veio.

Guild assentiu com aparente desapontamento.

– Eu lhe telefono assim que acordar – falou, recuando para a porta da rua – ou se tiver alguma notícia dele.

– Não vá, por favor – disse ela rapidamente –, a não ser que precise. Eu não... Eu gostaria de que você ficasse um pouco.

– Claro – respondeu ele, e os dois foram para a sala de estar.

Depois de tirar o casaco ela o deixou durante alguns minutos, indo à cozinha e voltando com uísque escocês, gelo, limões, copos e um sifão de água. Sentaram-se no sofá segurando as bebidas.

Com o tempo, olhando-o inquisitivamente, ela disse:

– Eu realmente falei a sério no táxi. Você não é humano? Não há algum modo de a gente fazer contato com você, alcançar o seu interior verdadeiro? Eu acho que você é a pessoa – ela franziu a testa, escolhendo as palavras – mais intocável, mais irreal que já conheci. Tentar... tentar realmente fazer contato com você é como segurar fumaça.

Guild, que tinha ouvido com atenção, assentiu.

– Acho que sei o que você está tentando dizer. É uma vantagem quando estou trabalhando.

– Eu não perguntei isso – protestou ela, movendo o copo na mão com impaciência. – Perguntei se você é realmente assim ou se só finge.

Ele sorriu e balançou a cabeça sem se comprometer.

– Isso não é um sorriso – disse ela. – Está pintado na cara. – Em seguida se inclinou para ele rapidamente e deu-lhe um beijo, grudando a boca na dele durante um tempo considerável. Quando se afastou, seus olhos verdes examinaram cuidadosamente o rosto de Guild. Fez um muxoxo. – Você não é nem mesmo um cadáver, é um fantasma.

Guild falou em tom afável:

– Eu estou trabalhando. – E bebeu de seu copo.

O rosto dela ficou ruborizado.

– Você acha que estou dando em cima de você? – perguntou inflamada.

Ele riu.

– Eu gostaria de que estivesse, mas não achei isso.

– Você não gostaria. Ficaria apavorado.

– Uh-uh – replicou em tom ameno. – Eu estou trabalhando. Isso tornaria mais fácil para mim manipulá-la.

Nada no rosto dela reagiu à fanfarronice. Ela falou, com seriedade paciente:

– Se ao menos você me ouvisse e acreditasse quando digo que não sei mais sobre isso do que você, se é que sei tanto. Você só está perdendo tempo quando deveria estar encontrando Wynant. Eu não sei de nada. Charley não sabe. Nós dois diríamos se soubéssemos. Nós dois já dissemos o que sabemos. Por que não pode acreditar quando falo isso?

– Desculpe – disse ele, despreocupado. – Não faz sentido. – E olhou para o relógio. – Já passa das cinco. É melhor eu ir.

Ela estendeu a mão para detê-lo, mas em vez de falar olhou pensativamente para o lenço amarrado no pulso, que estava pendendo, e apertou os lábios.

Guild acendeu outro cigarro e esperou, sem aparentar impaciência.

Por fim ela encolheu os ombros nus e disse:

– Não faz diferença. – E virou a cabeça para olhar para trás, inquieta. – Mas será que você... será que podia fazer uma coisa para mim antes de ir? Ande pela casa e veja se está tudo bem. Eu... estou nervosa, perturbada.

– Claro – disse ele de pronto, e depois, sugestivamente: – Se tem alguma coisa a me contar, quanto antes melhor para nós dois.

– Não, não há nada. Eu contei tudo.

– Certo. Você tem uma lanterna?

Ela assentiu e trouxe uma, da sala ao lado.

Quando Guild voltou à sala de estar Elsa Fremont estava parada onde ele a havia deixado. Ela o encarou e a ansiedade desapareceu de seu rosto.

– Foi tolice minha – falou –, mas muito obrigada.

Ele pôs a lanterna sobre a mesa e procurou os cigarros.

– Por que pediu para eu olhar?

Ela sorriu embaraçada e murmurou:

– Foi uma idéia idiota.

– Por que me trouxe para casa?

Ela o encarou com olhos onde o medo ia despertando.

– O... o que você quer dizer? Há...?

Ele assentiu.

– O que é? – gritou ela. – O que você encontrou?

– Encontrei uma coisa errada lá embaixo no porão.

A mão dela foi até a boca.

– Seu irmão – disse ele.

Ela gritou:

– O quê?

– Morto.

A mão sobre a boca abafou a voz dela.

– M... morto?

Ele assentiu.

– Suicídio, pelas aparências. A arma poderia ser a mesma com que a moça foi morta. O... – Ele se interrompeu e segurou o braço dela, enquanto Elsa tentava passar por ele correndo em direção à porta. – Espere. Há muito tempo para olhar. Quero falar com você.

Ela ficou parada imóvel, encarando-o com olhos arregalados, vazios.

– E quero que você fale comigo.

Ela não demonstrou ter ouvido.

– Seu irmão matou Columbia Forrest, não foi?

Os olhos dela mantiveram a expressão vazia. Seus lábios mal se mexeram.

– Seu idiota, seu idiota – murmurou numa voz cansada, chapada.

Ele ainda estava segurando seu braço. Passou a ponta da língua sobre os lábios e perguntou num tom baixo, persuasivo:

– Como sabe que ele não matou?

Elsa começou a tremer.

– Ele não poderia – gritou ela. A vida tinha voltado à sua voz e ao rosto. – Ele não poderia.

– Por quê?

Ela puxou o braço, livrando-se da mão de Guild, e ergueu o rosto na direção dele.

– Ele não poderia, seu idiota. Ele não estava lá. Você pode descobrir facilmente onde ele estava. Você teria descoberto há muito tempo se tivesse algum cérebro. Ele estava numa reunião da Comissão de Boxe naquela tarde, tentando conseguir uma permissão para Sammy. Eles lhe diriam isso. Eles têm um registro.

O homem moreno não pareceu surpreso. Seus olhos azuis estavam meditativos sob as sobrancelhas ligeiramente apertadas.

– Ele não a matou, mas cometeu suicídio – disse devagar, e como se estivesse ouvindo a si mesmo. – Isso também não faz sentido.

---

3 Sociedade secreta sino-americana fundada na segunda metade do século XIX com o objetivo de dar apoio aos emigrantes chineses nos Estados Unidos. Acabou se degenerando para gangues envolvidas com o crime organizado. *Boo how doy* era como chamavam-se os capangas dos líderes das gangues, encarregados do trabalho sujo. (N.E.)

OceanofPDF.com

Título original: *Nightmare Town*

Publicado originalmente na Coleção L&PM POCKET em dois volumes: *A mulher do bandido* e *Medo de tiro*

Tradução: adquirida conforme acordo com a Editora Record. Heloísa Seixas (Cidade pesadelo, Detetive de plantão, A mulher do bandido, O homem que matou Dan Odams e Tiros na noite), Alexandre Raposo (Os ziguezagues da perfídia e O assassino assistente), Roberto Muggiati (O guardião do seu irmão e Duas facas afiadas), Rafel Cardoso (Morte na Pine Street e O anjo do segundo andar), Marcos Santarrita (Medo de tiro e Tom, Dick ou Harry), Rubem Mauro Machado (Uma hora e Quem matou Bob Teal?), Luiz Antonio Aguiar com a colaboração de Marisa Sobral e Ernani Aguiar (Um homem chamado Spade), Luiz Antonio Aguiar (Foram tantos a viver) e Ivanir Calado (Só podem enforcá-lo uma vez, Um homem chamado Thin e O primeiro "homem magro")

Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre ilustração de Alex Varenne

Revisão: Renato Deitos e Bianca Pasqualini

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

H191t

Hammett, Dashiell, 1894-1961

Tiros na noite / Dashiell Hammett; tradução Heloísa Seixas, Alexandre Raposo, Roberto Muggiati... et al. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

(Coleção L&PM POCKET; v.597)

Tradução de: *Nightmare Town*

Apêndice

ISBN 978.85.254.2981-0

1. Ficção policial americana. I. Seixas, Heloísa, 1952-. II. Raposo, Alexandre. III. Muggiati, Roberto, 1937-. IV. Título. V. Título: A mulher do bandido. VI. Série.

07-0850. CDD: 813

CDU: 821.111.(73)-3

© 1999 by Literary Property Trustees sobre o espólio de Lillian Hellman.

© da introdução © 1999 by William F. Nolan

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 326 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

OceanofPDF.com

Table of Contents

Introdução
Cidade pesadelo
Detetive de plantão
A mulher do bandido
O homem que matou Dan Odams
Tiros na noite
Os ziguezagues da perfídia
    I
    II
    III
    IV
    V
    VI
    VII
    VIII
    IX
    X
    XI
    XII
O assassino assistente
O guardião do seu irmão
Duas facas afiadas
Agradecimentos
Morte na pine street
O anjo do segundo andar
Medo de tiro
Tom, Dick ou Harry
Uma hora
    I
    II

III
Quem matou Bob Teal?
Um homem chamado Spade
Foram tantos a viver
Só podem enforcá-lo uma vez
Um homem chamado Thin
O primeiro “homem magro”
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X

OceanofPDF.com